- Eh, droga, um velho, uma velha... Mataram alguém?

- Fizemos as pazes. Eles brigaram e fizeram as pazes. Em um só lugar. Nós nos separamos em termos amigáveis. Um tolo... ele me perdoou... agora ele provavelmente me perdoou... Se ele tivesse se levantado, ele não teria me perdoado”, Mitya piscou de repente, “mas você sabe, para o inferno com ele, você ouça, Pyotr Ilyich, para o inferno, não! Eu não quero agora! - Mitya retrucou resolutamente.

- O que quero dizer é que você quer se envolver com todo mundo... tipo então, por ninharias com esse capitão do estado-maior... Você brigou e agora sai correndo para uma festa - todo o seu personagem. Três dúzias de champanhe - quanto é isso?

- Bravo! vamos pegar as pistolas agora. Por Deus, não há tempo. E eu gostaria de falar com você, minha querida, mas não tenho tempo. E não há necessidade alguma, é tarde demais para conversar. UM! onde está o dinheiro, onde coloco? - ele gritou e começou a colocar as mãos nos bolsos.

- Eles colocaram na mesa... eles mesmos... eles ficam ali. Esquecido? Realmente, seu dinheiro é definitivamente lixo para água. Aqui estão suas pistolas. É estranho, às seis horas agora mesmo eu os penhorei por dez rublos, e agora você tem evon, milhares. Dois ou três talvez?

“Três, eu acho”, Mitya riu, colocando o dinheiro no bolso lateral da calça.

- Você vai perder algo assim. Você tem alguma mina de ouro?

- Minas? minas de ouro! - Mitya gritou com todas as forças e caiu na gargalhada. - Você quer ir para as minas, Perkhotin? Uma senhora aqui lhe dará imediatamente três mil só para seguir em frente. Ela me deu, ela ama muito Minas! Você conhece Khokhlakova?

- Não sei, mas ouvi e vi. Foi mesmo ela quem lhe deu três mil? Então você dormiu? - Pyotr Ilyich parecia incrédulo.

“E amanhã, quando o sol decola, o eternamente jovem Febo decola, louvando e glorificando a Deus, amanhã você vai até ela, a Khokhlakova, e pergunta você mesmo: ela me deu três mil ou não?” Supere isso.

- Não conheço o seu relacionamento... se você diz afirmativamente, significa que você deu... E você tem dinheiro nas patas, mas em vez da Sibéria, para os três... Mas para onde você realmente vai agora, hein?

- Em Mokroe.

— Em Mokroe? É noite!

“Havia Mastryuk em tudo, mas agora não há Mastryuk em nada!” - Mitya disse de repente.

- Como nada? Isso é com tais e tais milhares, mas nada?

- Não estou falando de milhares, que se danem os milhares! Estou falando sobre o caráter feminino:

"O caráter de uma mulher é ingênuo  
E inconstante e cruel».

Concordo com Ullys, é isso que ele diz.

- Não entendo você!

- Bêbado ou o quê?

- Não bêbado, mas pior que isso.

- Estou bêbado de espírito. Piotr Ilyich, bêbado de espírito e bastante, bastante...

- O que você está fazendo, carregando uma pistola?

- Estou carregando a arma.

De fato, Mitya, tendo aberto a caixa com pistolas, destravou a buzina com pólvora e cuidadosamente derramou e martelou a carga. Então ele pegou a bala e, antes de enrolá-la, ergueu-a com dois dedos à sua frente, acima da vela.

- Por que você está olhando para a bala? - Pyotr Ilyich observou com curiosidade inquieta.

- Então. Imaginação. Agora, se você decidisse colocar essa bala no seu cérebro, você olharia para ela ao carregar a pistola ou não?

- Por que olhar para ela?

- Vai entrar na minha cabeça, é tão interessante olhar para ela pelo que ela é... Mas é uma bobagem, uma bobagem momentânea. “É isso”, acrescentou ele, rolando a bala e apunhalando-a com reboque. - Piotr Ilyich, querido, bobagem, tudo é bobagem, e se você soubesse quanta bobagem! Agora me dê um pedaço de papel.

- Aqui está um pedaço de papel.

- Não, liso, limpo, onde escrevem. Assim. - E Mitya, pegando uma caneta da mesa, escreveu rapidamente duas linhas em um pedaço de papel, dobrou o pedaço de papel em quatro e colocou no bolso do colete. Ele colocou as pistolas na caixa, trancou-a com uma chave e pegou a caixa nas mãos. Depois olhou para Piotr Ilitch e deu um sorriso longo e pensativo.

“Agora vamos”, disse ele.

-Para onde vamos? Não, espere... Você provavelmente quer mandar para o seu cérebro, uma bala... - Piotr Ilyich disse preocupado.

- A bala é um disparate! Eu quero viver, eu amo a vida! saiba disso. Adoro Febo de cabelos dourados e sua luz ardente... Caro Pyotr Ilyich, você sabe como se retirar?

- Como posso me livrar disso?

- Ceder. Dê lugar à criatura querida e à odiada. E para que até o odiado se torne querido - é assim que se dá lugar! E diga-lhes: Deus esteja com vocês, vão, passem, e eu...

- E você?

- Chega, vamos.

“Por Deus, direi a alguém (Pyotr Ilyich olhou para ele) para não deixar você entrar aí.” Por que você precisa ir para Mokroye agora?

“Há uma mulher lá, uma mulher, e você já está farto, Pyotr Ilyich, e o sábado!”

“Escute, embora você seja selvagem, eu sempre gostei de você de alguma forma... é por isso que estou preocupado.”

- Obrigado, irmão. Eu sou selvagem, você diz. Selvagens, selvagens! Só repito uma coisa: selvagens! E sim, aqui está Misha, mas esqueci dele.

Misha chegou apressado com um maço de dinheiro trocado e relatou que “todos entraram” na casa dos Plotnikovs e carregavam garrafas, peixes e chá - agora tudo estaria pronto. Mitya pegou a nota de dez rublos e deu-a a Piotr Ilitch, e jogou a outra nota de dez rublos para Misha.

- Não se atreva! - gritou Piotr Ilitch. “Você não pode fazer isso na minha casa e é um mimo ruim.” Esconda seu dinheiro, coloque aqui, por que desperdiçá-lo? Amanhã eles serão úteis e você virá até mim e pedirá dez rublos. Por que você está colocando tudo no bolso lateral? Ei, você vai perder!

- Escute, querido, vamos juntos para Mokroye?

- Por que eu deveria ir para lá?

- Escuta, se quiser, vou abrir a garrafa agora, vamos beber à vida! Quero tomar um drink e, acima de tudo, um drink com você. Eu nunca tomei uma bebida com você, não é?

“Talvez possamos ir para a taverna, vamos, eu mesmo vou para lá agora.”

“Uma vez na taverna, mas na loja dos Plotnikovs, na sala dos fundos.” Se você quiser, vou lhe contar um enigma agora.

- Encomende.

Mitya tirou o pedaço de papel do colete, desdobrou-o e mostrou-o. Estava escrito em caligrafia clara e grande:

“Estou me punindo por toda a minha vida, estou me punindo por toda a minha vida!”

“Sério, vou contar a alguém, vou contar a você agora”, disse Piotr Ilitch, depois de ler o pedaço de papel.

“Você não terá tempo, minha querida, vamos tomar um drink, marchar!” A loja dos Plotnikovs ficava a quase uma casa de Piotr Ilyich, na esquina da rua. Era a mercearia mais importante da nossa cidade, comerciantes ricos, e por si só não era nada ruim. Havia de tudo o que se encontrava em qualquer loja da capital, todo tipo de mantimentos: vinhos da garrafa dos irmãos Eliseev, frutas, charutos, chá, açúcar, café, etc. Havia sempre três balconistas sentados e dois entregadores correndo. Embora a nossa região tenha empobrecido, os proprietários foram embora, o comércio diminuiu, mas os mantimentos floresceram como antes e cada vez melhor a cada ano: não havia compradores para esses itens. Eles esperaram impacientemente por Mitya na loja. Eles se lembravam muito bem de como, há três ou quatro semanas, ele levou embora, exatamente da mesma maneira, todos os tipos de mercadorias e vinhos no valor de várias centenas de rublos em dinheiro puro (eles não confiariam nele a crédito, é claro), eles se lembraram que, assim como agora, um pedaço de pau tinha em suas mãos um monte de arco-íris e ele os espalhou em vão, sem barganhar, sem pensar e sem querer pensar, por que ele precisava de tantas mercadorias, vinho, etc. .? Mais tarde, por toda a cidade, disseram que ele, tendo partido com Grushenka para Mokroe, “gastou três mil de uma vez, numa noite e no dia seguinte, e voltou da folia sem um tostão, que foi o que sua mãe deu à luz”. Então ele levantou todo um acampamento de ciganos (naquela época nômades entre nós), que em dois dias roubaram dele uma quantia infinita de dinheiro de um bêbado e beberam uma quantidade infinita de vinho caro. Disseram, rindo de Mitya, que em Mokroye ele embebedou os homens de pernas azuis com champanhe e alimentou as meninas e mulheres da aldeia com doces e tortas de Estrasburgo. Também rimos, especialmente na taverna, da confissão franca e pública do próprio Mitya naquela época (é claro que eles não riam na frente dele, era um tanto perigoso rir na frente dele) de que tudo o que ele recebeu de Grushenka durante todo esse tempo “escapada” era “deixei ele beijar meu pé, mas não me permiti mais nada”.

Quando Mitya e Piotr Ilyich se aproximaram da loja, encontraram a troika já pronta na entrada, em uma carroça forrada com tapete, com sinos e sinos, e com o cocheiro Andrei, que esperava por Mitya. Na loja eles conseguiam “manusear” quase tudo com uma caixa de mercadoria e só esperavam que Mitya aparecesse para pregar e colocar no carrinho. Piotr Ilitch ficou surpreso.

- Como você conseguiu três? - ele perguntou a Mitya.

“Ele estava correndo em sua direção e eu o encontrei, Andrei, e disse-lhe para vir aqui até a loja e dirigir.” Não há tempo a perder! Da última vez fui com o Timofey, mas agora o Timofey, tchau, tchau, passou na minha frente sozinho com a feiticeira. Andrey, vamos nos atrasar muito?

“Será que eles chegarão uma hora antes da nossa, e mesmo isso não vai acontecer, eles vão antecipar tudo em uma hora!” - Andrei respondeu apressadamente. “Eu equipei o Timofey, sei como eles vão.” A direção deles não é a nossa, Dmitry Fedorovich, que diferença eles têm com a nossa? Eles não vão conseguir fazer isso por uma hora! - Andrei, ainda não velho cocheiro, um cara avermelhado e magro, de paletó e sobretudo na mão esquerda, interrompeu calorosamente.

“Cinquenta rublos pela vodca se você estiver apenas uma hora atrasado.”

“Nós garantimos a você uma hora, Dmitry Fedorovich, eles não vão te avisar com meia hora de antecedência, muito menos uma hora!”

Embora Mitya se preocupasse em dar ordens, ele falava e dava ordens de uma maneira estranha, fora de ordem e fora de ordem. Comecei uma coisa e esqueci o final. Pyotr Ilyich achou necessário envolver-se e ajudar a causa.

“Quatrocentos rublos, nada menos que quatrocentos, exatamente como era então”, ordenou Mitya. — Quatro dúzias de champanhe, nem uma garrafa a menos.

- Por que você precisa tanto, para que serve isso? Parar! - gritou Piotr Ilitch. - Que tipo de caixa é essa? Com o quê? Vale realmente quatrocentos rublos?

Os movimentados funcionários explicaram-lhe imediatamente com um discurso doce que nesta primeira caixa havia apenas meia dúzia de champanhe e “todo o tipo de artigos necessários para a primeira ocasião” desde salgadinhos, doces, monpensiers, etc. Mas que o “consumo” principal será embalado e partido nesta mesma hora separadamente, como antes, em um carrinho especial e também em três e chegará a tempo, “a menos que apenas uma hora depois Dmitry Fedorovich chegue ao local”.

- Não mais que uma hora, portanto não mais que uma hora, e coloque tantos monpensiers e potes quanto possível; “É isso que as meninas adoram lá”, insistiu Mitya apaixonadamente.

- Puxa - deixe-os. O que você precisa de quatro dúzias? Basta um”, Piotr Ilitch quase ficou zangado. Ele começou a negociar, exigiu a conta, não queria se acalmar. No entanto, economizei apenas cem rublos. Decidimos entregar não mais do que trezentos rublos em mercadorias.

- Ah, maldito seja! - gritou Piotr Ilyich, como se de repente voltasse a si, - o que isso importa para mim? Jogue fora seu dinheiro se você o recebeu de graça!

“Aqui, governanta, aqui, não fique zangada”, Mitya arrastou-o para a sala dos fundos da loja: “aqui eles vão nos dar uma garrafa agora e vamos tomar um gole”. Eh, Pyotr Ilyich, vamos juntos, porque você é uma pessoa querida, eu amo pessoas como você.

Mitya sentou-se em uma cadeira de vime em frente a uma mesinha coberta com um guardanapo muito sujo. Pyotr Ilyich sentou-se à sua frente e o champanhe apareceu instantaneamente. Perguntaram se os senhores gostariam de ostras, “as primeiras ostras, a última receita”.

“Para o inferno com ostras, eu não como e não preciso de nada”, retrucou Piotr Ilitch quase com raiva.

“Não há tempo para ostras”, observou Mitya, “e não há apetite”. Você sabe, amigo”, disse ele de repente com sentimento, “nunca gostei de todo esse caos”.

- Quem o ama! Três dúzias, pelo amor de Deus, para os homens, pelo menos explodirá alguém.

- Não estou falando sobre isso. Estou falando da ordem mais alta. Não há ordem em mim, nem ordem superior... Mas... tudo isso acabou, não há nada para lamentar. É tarde demais e que se dane! Toda a minha vida tem sido uma bagunça e preciso colocá-la em ordem. Só um trocadilho, hein?

- Você está delirando, não fazendo trocadilhos.

- Glória ao mais alto do mundo,  
Glória ao mais alto dentro de mim!

Este poema uma vez escapou da minha alma, não um verso, mas uma lágrima... eu mesmo o compus... não, porém, quando arrastava o capitão do estado-maior pela barba...

- Por que de repente você está falando sobre ele?

- Por que de repente estou falando sobre ele? Bobagem! Tudo acaba, tudo é igual, a linha é o fim.

“Realmente, todas as suas pistolas estão me imaginando.”

- E pistolas são um disparate! Beba e não fantasie. Eu amo a vida, já amei demais a vida, tanto que chega a ser nojento. Suficiente! À vida, meu caro, bebamos à vida, proponho um brinde à vida! Por que estou satisfeito comigo mesmo? Sou mau, mas estou feliz comigo mesmo. E ainda assim estou atormentado pelo fato de ser vil, mas satisfeito comigo mesmo. Eu abençoo a criação, agora estou pronto para abençoar a Deus e sua criação, mas... um inseto fedorento deve ser exterminado para que não rasteje e arruíne a vida dos outros... Vamos beber à vida, querido irmão ! O que poderia ser mais valioso que a vida! Nada, nada! Pela vida e por uma rainha das rainhas.

- Vamos beber à vida, e talvez à sua rainha.

Bebemos um copo. Embora Mitya estivesse entusiasmado e efusivo, ele estava um tanto triste. Era como se algum tipo de preocupação intransponível e pesada estivesse por trás dele.

- Misha... foi o seu Misha quem entrou? Misha, meu querido, Misha, venha aqui, beba este copo para mim, para o Febo de cabelos dourados de amanhã...

- Por que ele precisa de você? - Pyotr Ilyich gritou irritado.

- Bem, deixe-me, bem, bem, eu quero.

— E-mãe!

Misha bebeu um copo, fez uma reverência e saiu correndo.

“Ele vai se lembrar disso por mais tempo”, observou Mitya. - Eu amo uma mulher, uma mulher! O que é uma mulher? Rainha da terra! Estou triste, triste, Piotr Ilitch. Você se lembra de Hamlet: “Estou tão triste, tão triste, Horácio... Oh, pobre Iorik!” Este pode ser Iorik. Agora sou Iorik e depois a caveira.

Piotr Ilitch ouviu e ficou em silêncio, e Mitya também ficou em silêncio.

- Que tipo de cachorro você tem? - perguntou de repente ao balconista distraidamente, notando no canto um lindo cachorrinho de olhos pretos.

“Esta é Varvara Alekseevna, a dona do nosso cachorro de colo”, respondeu o balconista, “eles o trouxeram agora mesmo e esqueceram conosco”. Você terá que devolvê-lo.

“Eu vi um assim... no regimento...” Mitya disse pensativo, “só aquele estava com a perna traseira quebrada... Piotr Ilitch, a propósito, queria te perguntar: você já roubou alguma coisa? em sua vida ou não?

- Que tipo de pergunta é essa?

- Não, estou. Você vê algo do bolso de outra pessoa? Não estou falando do tesouro, todo mundo está destruindo o tesouro e claro que você também...

- Dê o fora.

— Estou falando de outra pessoa: direto do seu bolso, da sua carteira, né?

“Certa vez, roubei dois copeques da minha mãe, quando eu tinha nove anos, da mesa.” Ele pegou-o silenciosamente e apertou-o na mão.

- E daí?

- Bem, nada. Fiquei três dias com ele, tive vergonha, confessei e dei.

- E daí?

- Naturalmente, eles o açoitaram. Por que você mesmo não roubou?

“Eu roubei”, Mitya piscou maliciosamente.

- O que você roubou? - Pyotr Ilyich ficou curioso.

“Minha mãe tinha dois copeques, eu tive nove anos, dei três dias depois.” - Dito isso, Mitya levantou-se de repente.

— Dmitry Fedorovich, não deveríamos nos apressar? - Andrei gritou de repente na porta da loja.

- Preparar? Vamos! - Mitya ficou alarmado. - Mais uma última lenda e... Andrey, um copo de vodca para a estrada agora! Sim, ele deveria tomar um copo de conhaque além de vodca! Esta caixa (com pistolas) está debaixo do meu assento. Adeus, Piotr Ilitch, não me lembro mal.

- Mas você volta amanhã?

- Definitivamente.

- Quer terminar o cálculo agora? - o balconista deu um pulo.

- Ah, sim, cálculo! Definitivamente!

Ele novamente pegou a pilha de cartões de crédito do bolso, tirou três arco-íris, jogou-os no balcão e saiu correndo da loja. Todos o seguiram e, curvando-se, despediram-se dele com saudações e desejos. Andrey resmungou do conhaque que acabara de beber e deu um pulo na cadeira. Mas assim que Mitya começou a se sentar, Fenya apareceu de repente na frente dele. Ela veio correndo sem fôlego, cruzou as mãos na frente dele com um grito e caiu aos pés dele:

- Pai, Dmitry Fedorovich, meu querido, não destrua a senhora! Mas eu te contei tudo!.. E você não vai destruí-lo, ele é o mesmo, deles! Agora ele vai se casar com Agrafena Alexandrovna, e com isso voltou da Sibéria... Pai, Dmitry Fedorovich, não estrague a vida de outra pessoa!

- Te-te-te, é isso! Bem, agora você fará algo lá! - Pyotr Ilyich murmurou para si mesmo. - Agora está tudo claro, agora como você não entende. Dmitry Fedorovich, dê-me as pistolas se você quiser ser um homem”, ele exclamou em voz alta para Mitya, “você ouviu, Dmitry!”

— Pistolas? Espere, minha querida, vou jogá-los na poça no caminho”, respondeu Mitya. - Fenya, levante-se, não minta na minha frente. Mitya não destruirá, este homem estúpido não destruirá ninguém no futuro. Bem, Fenya”, ele gritou para ela, já tendo se sentado, “eu te ofendi agora há pouco, então me perdoe e tenha piedade, perdoe o canalha... Se você não perdoar, não importa!” Porque agora isso não importa mais! Vá em frente, Andrey, voe embora rápido!

Andrey tocou; a campainha tocou.

- Adeus, Piotr Ilitch! Sua última lágrima!.. “Não estou bêbado, mas que bobagem ele está dando um tapa!” Piotr Ilitch pensou nele. Ele se acomodou para ficar e observar como equipariam a carroça (em uma troika) com o resto dos suprimentos e vinhos, sentindo que iriam trapacear e enganar Mitya, mas de repente, zangado consigo mesmo, cuspiu e foi para sua taverna para jogar bilhar.

“Um tolo, embora seja um bom sujeito...” ele murmurou para si mesmo no caminho. “Ouvi falar de um certo oficial do “ex” Grushenkinov. Bem, se ele chegou, então... Ah, essas pistolas! Droga, eu sou tio dele? Deixe-os! E nada acontecerá. Falantes e nada mais. Eles vão ficar bêbados e brigar, brigar e fazer as pazes. Essas pessoas são de ação? O que é isso “Vou me livrar de mim mesmo”, “Vou me punir” - nada vai acontecer! Um bêbado gritou esta sílaba mil vezes numa taberna. Agora não estou bêbado. “Bêbado de espírito” é uma sílaba apreciada pelos canalhas. Eu sou tio dele? E ele não pôde evitar lutar, sua caneca estava coberta de sangue. Com quem seria? Vou descobrir na taverna. E o lenço está coberto de sangue... Droga, ficou no chão... Não me importo!

Ele chegou à taverna de pior humor e imediatamente começou o jogo. A festa o divertiu. Ele jogou outro e de repente começou a conversar com um de seus sócios sobre como Dmitry Karamazov tinha dinheiro novamente, até três mil, eu mesmo vi, e que ele havia novamente ido para Mokroe com Grushenka. Isto foi recebido quase com curiosidade inesperada pelos ouvintes. E todos eles falaram sem rir, mas de alguma forma estranhamente sérios. Até o jogo foi interrompido.

- Três mil? Mas onde ele tem três mil?

Eles começaram a fazer mais perguntas. As notícias sobre Khokhlakova foram recebidas de forma duvidosa.

"Você não roubou o velho, foi isso?"

- Três mil! Algo está errado.

“Ele se vangloriou de ter matado seu pai em voz alta, todos aqui o ouviram.” Eu estava falando de três mil...

Piotr Ilitch ouviu e de repente começou a responder às perguntas de maneira seca e moderada. Ele não mencionou uma palavra sobre o sangue que estava no rosto e nas mãos de Mitya, mas quando veio aqui, quis contar a ele. Começamos o terceiro jogo, aos poucos a conversa sobre Mitya foi diminuindo; mas, terminada a terceira partida, Piotr Ilitch não quis mais jogar, largou o taco e, sem jantar como havia planejado, saiu da taberna. Ao sair para a praça, ficou perplexo e até surpreso consigo mesmo. De repente, ele percebeu que queria ir à casa de Fyodor Pavlovich agora para descobrir se alguma coisa havia acontecido. “Por causa da bobagem que acabou sendo, vou acordar a casa de outra pessoa e causar um escândalo. Fu, droga, eu sou tio deles ou algo assim?

De pior humor, ele foi direto para sua casa e de repente se lembrou de Fenya: “Ah, droga, se eu tivesse perguntado a ela desta vez”, pensou ele, aborrecido, ele saberia de tudo. E então, de repente, o desejo mais impaciente e teimoso de falar com ela e descobrir se acendeu nele que, no meio do caminho, ele se virou bruscamente em direção à casa de Morozova, onde Grúshenka morava. Aproximando-se do portão, ele bateu, e a batida que veio novamente no silêncio da noite pareceu deixá-lo subitamente sóbrio e irritado. Além disso, ninguém respondeu; todos na casa estavam dormindo. “E então vou causar um escândalo!” ele pensou com algum tipo de sofrimento na alma, mas em vez de sair completamente, de repente começou a bater novamente e com todas as suas forças. Houve um alvoroço por toda a rua. “Então não, eu vou passar, eu vou passar!” ele murmurou, ficando furiosamente irritado consigo mesmo a cada som, mas ao mesmo tempo intensificando seus ataques ao gol.

VI. Estou comendo!

E Dmitry Fedorovich estava voando pela estrada. Faltavam pouco mais de trinta quilômetros para Mokroye, mas a troika de Andreev galopava tão rápido que conseguia chegar em uma hora e quinze minutos. A viagem rápida pareceu refrescar Mitya de repente. O ar estava fresco e frio, grandes estrelas brilhavam no céu claro. Foi naquela mesma noite, e talvez naquela mesma hora, quando Aliocha, caindo no chão, “jurou freneticamente amá-la para todo o sempre”. Mas era vago, muito vago na alma de Mitya, e embora muitas coisas agora atormentassem sua alma, naquele momento todo o seu ser correu irresistivelmente apenas para ela, para sua rainha, para quem ele voava para olhar para ela pela última vez. . Direi apenas uma coisa: o coração dele nem sequer discutiu por um minuto. Podem não acreditar em mim se eu disser que este homem ciumento não sentia o menor ciúme deste novo homem, deste novo rival que saltou do chão, deste “oficial”. Para qualquer outra pessoa, se ele tivesse aparecido assim, teria ficado imediatamente com ciúmes e talvez tivesse molhado novamente suas mãos terríveis de sangue - mas por isso, por esse “primeiro dela”, ele não sentia agora, voando em sua troika , não apenas ódio ciumento, mas até sentimento hostil - embora eu ainda não tenha visto isso. “Aqui é inegável, é um direito dela e dele; aqui está o seu primeiro amor, que ela não esqueceu aos cinco anos: isso significa que ela só o amou durante esses cinco anos, mas por que vim aqui? O que eu tenho a ver com isso? Dê um passo para trás, Mitya, e ceda! E o que sou eu agora? Agora tudo acabou mesmo sem o oficial, mesmo que ele não tivesse aparecido, ainda assim estaria tudo acabado...”

Estas são as palavras com as quais ele poderia expressar aproximadamente seus sentimentos, se ao menos pudesse raciocinar. Mas ele não conseguia mais raciocinar. Toda a sua determinação atual nasceu sem raciocínio, num instante, foi imediatamente sentida e aceita na sua totalidade, com todas as consequências, ainda agora, na casa de Fenya, desde as suas primeiras palavras. E no entanto, apesar de toda a determinação que tinha tomado, a sua alma estava confusa, vaga a ponto de sofrer: nem mesmo a determinação lhe dava paz. Havia muitas coisas atrás dele e o atormentavam. E por momentos lhe foi estranho: afinal, ele já havia escrito uma frase para si mesmo com caneta no papel: “Vou me executar e me punir”; e o pedaço de papel estava ali, no bolso, pronto; afinal, a pistola já estava carregada, afinal, ele já havia decidido como iria enfrentar o primeiro raio quente de “Febo, o Cabelo Dourado” amanhã, e ainda com o primeiro, com tudo parado atrás e o atormentando, foi ainda impossível acertar contas, ele sentiu isso ao ponto do tormento, e esse pensamento perfurou sua alma com desespero. Teve um momento no caminho que de repente ele teve vontade de parar Andrei, pular da carroça, sacar a pistola carregada e acabar com tudo sem esperar o amanhecer. Mas o momento voou como uma faísca. E o trio voou, “devorando o espaço”, e à medida que se aproximavam do objetivo, novamente o pensamento dela, somente dela, capturou cada vez mais seu espírito e afastou todos os outros fantasmas terríveis de seu coração. Ah, ele queria tanto olhar para ela, mesmo que brevemente, mesmo de longe! “Ela está com ele agora, bem, vou ver como ela está agora com ele, com seu ex-namorado, e isso é tudo que preciso.” E nunca antes havia saído de seu peito tanto amor por essa mulher fatal em seu destino, tanto sentimento novo, nunca experimentado antes, um sentimento inesperado até para ele mesmo, um sentimento terno a ponto de rezar, a ponto de desaparecer diante dela. “E eu vou desaparecer!” ele disse de repente em um ataque de algum tipo de deleite histérico.

Estamos andando há quase uma hora. Mitya ficou em silêncio, e Andrei, embora fosse um homem falante, ainda não havia pronunciado uma palavra, como se tivesse medo de falar e apenas dirigisse rapidamente suas “camas”, sua troika baia, magra, mas brincalhona. Quando de repente Mitya exclamou com terrível ansiedade:

- Andrey! E se eles estiverem dormindo? De repente, ocorreu-lhe, mas até agora ele não tinha pensado nisso.

“Você deve pensar que já foi para a cama, Dmitry Fedorovich.” Mitya franziu a testa dolorosamente: o que, realmente, ele vai voar... com tais sentimentos... e eles estão dormindo... dormindo e ela pode estar bem ali... Um sentimento maligno ferveu em seu coração.

- Dirija, Andrey, dirija, Andrey, rápido! - ele gritou em frenesi.

“Ou talvez eles ainda não tenham morrido”, argumentou Andrey após uma pausa. — Timofey disse uma vez que havia muitos deles reunidos lá...

"Nas estações?"

- Não na estação, mas na casa dos Plastunov, na pousada, estação gratuita significa.

- Eu sei; então como você diz que é muito? Onde há muito? Quem são eles? - Mitya deu um pulo terrivelmente alarmado com a notícia inesperada.

“Sim, disse Timofey, todos os senhores: são dois da cidade, não sei quem são, apenas disse Timofey, dois dos senhores locais, e aqueles dois, como se fossem visitantes, e talvez lá são outros, eu não perguntei a ele corretamente.” Eles começaram a jogar cartas, disse ele.

- Cartões?

- Então talvez eles não durmam se conceberam nas cartas. Você tem que pensar, agora é apenas a décima primeira hora, nada mais.

- Dirija, Andrey, dirija! - Mitya chorou nervosamente novamente.

“O que é isso, vou perguntar-lhe, senhor”, recomeçou Andrei após uma pausa, “só para não ofendê-lo, receio, mestre”.

- O que você quer?

“Agora mesmo, Fedosya Markovna deitou-se a seus pés, implorando para que não arruinasse sua senhora e outra pessoa... então, senhor, estou levando você lá... Perdoe-me, senhor, por causa da minha consciência, posso disse algo estúpido.

Mitya de repente o agarrou pelos ombros por trás.

- Você é um abutre? Swag? - comece em istuplenno.

- Yamshchik...

- Você sabe que tem que ceder. Como cocheiro ele não pode dar caminho a ninguém, é só empurrar, estou a caminho! Não, cocheiro, não empurre! Você não pode pressionar uma pessoa, não pode arruinar a vida das pessoas; e se você estragou a vida de alguém, se castigue... se você estragou, se você estragou a vida de alguém, se castigue e vá embora.

Tudo isso saiu de Mitya como se estivesse completamente histérico. Embora Andrei tenha ficado surpreso com o mestre, ele continuou a conversa.

“É verdade, pai, Dmitry Fedorovich, você tem razão, que não precisa esmagar uma pessoa, nem atormentá-la, como qualquer criatura, porque toda criatura é uma criatura criada, mesmo que seja um cavalo, porque outro dói em vão, nem que seja o nosso cocheiro... E eu não consigo impedi-lo, então ele corre, ele só corre até você.

- Para o inferno? - Mitya interrompeu de repente e deu sua risada curta e inesperada. “Andrey, alma simples”, ele novamente o agarrou com força pelos ombros, “fale: Dmitry Fedorovich Karamazov irá para o inferno ou não, o que você acha?”

- Não sei, meu querido, depende de você, por isso está conosco... Veja, senhor, quando o filho de Deus foi crucificado na cruz e morreu, ele desceu da cruz direto para inferno e libertou todos os pecadores que estavam sofrendo. E o inferno gemeu que não mais, ele pensou, ninguém viria até ele agora, pecadores. E então o Senhor disse ao inferno: “Não geme, inferno, pois todos os nobres, administradores, juízes principais e pessoas ricas virão até você, e você será reabastecido como foi para todo o sempre, até a hora que eu chegar de novo." Isso mesmo, era uma palavra assim...

- Lenda popular, ótimo! Golpeie o esquerdo, Andrey!

“Então, senhor, para quem o inferno está designado”, Andrei açoitou o esquerdo, “e você, senhor, ainda é como uma criança pequena... é assim que o honramos... E mesmo que você esteja com raiva, senhor, isso é verdade, mas pela sua inocência ele vai te perdoar.”

- E você, me perdoa, Andrey?

"Por que eu deveria te perdoar, você não fez nada comigo."

- Não, para todos, para todos, você está sozinho, agora, agora, aqui, na estrada, você me perdoa por todos? Fala, alma do plebeu!

- Ah, senhor! Tenho medo de te levar, sua conversa é estranha...

Mas Mitya não ouviu. Ele orou freneticamente e sussurrou descontroladamente para si mesmo.

- Senhor, aceite-me em toda a minha iniquidade, mas não me julgue. Deixe-me passar sem o seu julgamento... Não julgue, porque eu mesmo me julguei; não julgue, porque eu te amo, Senhor! Eu também sou vil, mas te amo: você vai me mandar para o inferno, e eu vou amar lá, e de lá vou gritar que te amo para todo o sempre... Mas deixe-me te amar também... aqui, agora para amar, faltam apenas cinco horas para o seu raio quente... Pois amo a rainha minha alma. Eu te amo e não posso deixar de te amar. Você mesmo me vê por completo. Galoparei e cairei diante dela: você tem razão em passar por mim... Adeus e esqueça seu sacrifício, nunca se preocupe!

- Molhado! - gritou Andrei, apontando para frente com o chicote. Através da pálida escuridão da noite, uma massa sólida de edifícios espalhados por um vasto espaço de repente tornou-se preto. A aldeia de Mokroe tinha uma população de dois mil habitantes, mas àquela hora já estava tudo adormecido, e apenas aqui e ali raras luzes brilhavam na escuridão.

- Dirija, dirija, Andrey, eu vou! - Mitya exclamou como se estivesse com febre.

- Eles não estão dormindo! - Andrei disse novamente, apontando com o chicote para a pousada dos Plastunovs, que ficava logo na entrada e onde todas as seis janelas para a rua estavam bem iluminadas.

- Eles não estão dormindo! - Mitya atendeu alegremente, - trovão, Andrey, galope, toque, role com estrondo. Para que todos que vierem saibam! Estou chegando! Eu mesmo vou! - Mitya exclamou freneticamente.

Andrei colocou a exausta troika a galope e, com estrondo, chegou até a varanda alta e controlou seus cavalos fumegantes e meio sufocados. Mitya pulou da carroça, e só o dono do quintal, que já havia ido para a cama, ficou curioso para olhar da varanda para ver quem era que apareceu assim.

- Trifon Borisych, é você?

O proprietário se abaixou, olhou mais de perto, saiu correndo da varanda e correu para o hóspede com alegria obsequiosa.

- Pai, Dmitry Fedorych! Estamos vendo você de novo? Este Trifon Borisych era um homem robusto e saudável, de estatura mediana, com um rosto um tanto grosso, de aparência severa e inconciliável, especialmente com os camponeses de Mokrinsky, mas que tinha o dom de mudar rapidamente seu rosto para a expressão mais obsequiosa quando sentia uma vantagem. Ele andava no estilo russo, com camisa de gola inclinada e subpêlo, tinha muito dinheiro, mas sonhava incansavelmente com um papel mais alto. Metade dos homens estava em suas garras, todos lhe deviam dinheiro. Ele alugou terras de proprietários e as comprou ele mesmo, e os camponeses trabalharam essas terras para ele por uma dívida da qual nunca conseguiriam saldar. Ele era viúvo e tinha quatro filhas adultas; uma já era viúva, morava com ele com dois filhos pequenos, suas netas, e trabalhava para ele como faxineira. Outra filha, camponesa, era casada com um funcionário, uma espécie de escriturário bem servido, e num dos quartos da pousada na parede via-se, entre fotografias de família, uma miniatura, uma fotografia desse funcionário em uniforme e com alças oficiais. As duas filhas mais novas, num feriado no templo, ou indo a algum lugar para visitar, vestem vestidos azuis ou verdes, costurados à moda, com costas justas e cauda de um metro de comprimento, mas no dia seguinte pela manhã, como em todos os dias, eles se levantavam brilhantes e com bétulas Varriam os quartos com vassouras nas mãos, tiravam os resíduos e removiam o lixo atrás dos convidados. Apesar dos milhares que já havia adquirido, Trifon Borisych gostava muito de enganar um convidado em uma farra e lembrar que nem um mês se passou desde que ele lucrou com Dmitry Fedorovich em um dia, durante sua farra com Grushenka, duzentos rublos, também, se não todos os três, Ele agora o encontrou com alegria e rapidez, só porque Mitya dirigiu até sua varanda, sentindo sua presa novamente.

- Padre, Dmitry Fedorovich, estamos te encontrando de novo?

“Espere, Trifon Borisych”, começou Mitya, “em primeiro lugar, o mais importante: onde ela está?”

—Agrafena Alexandrovna? - percebeu imediatamente o dono, olhando vigilantemente para o rosto de Mitya, “sim, aqui está ela... fica...

- Com quem, com quem?

- Passando convidados, senhor... Um funcionário, deve ser polaco, a julgar pela conversa, foi ele quem mandou os cavalos daqui para ela; e o outro que está com ele é seu camarada, ou companheiro de viagem, quem conseguir descobrir; vestido com roupas civis...

- O que eles estão bebendo? Rico?

- Que festa! Uma pequena quantia, Dmitry Fedorovich.

- Pequeno? Bem, e os outros?

- Esses dois senhores eram da cidade... Eles voltavam de Cherney e ficaram. Um, um jovem, deveria ser parente do Sr. Miusov, mas ele esqueceu o nome... e o outro também deve ser conhecido por você: o proprietário de terras Maksimov, em peregrinação, diz ele, passou por seu mosteiro lá , mas ele vai com esse jovem parente do Sr. Miusov ...

- Somente todos?

- Apenas.

- Pare, fique calado, Trifon Borisych, agora diga o mais importante: o que ela é, como ela está?

“Sim, ela chegou agora há pouco e está sentada com eles.”

- Você está feliz? Rindo?

- Não, ela não parece estar rindo muito... Até o chato fica ali sentado completamente, penteando o cabelo do jovem.

- Isto é para um polonês, um oficial?

- Sim, ele é tão jovem e não é oficial; não, senhor, não para ele, mas para esse jovem sobrinho Miusovsky... mas esqueci o nome dele.

-Kalganov?

- Ou seja, Kalganov.

- Ok, vou decidir por mim mesmo. Eles jogam cartas?

“Eles estavam brincando, mas pararam, tomaram um chá e o oficial pediu um licor.”

- Pare, Trifon Borisych, pare, alma, eu decido por mim mesmo. Agora responda o mais importante: não existem ciganos?

“Você não consegue ouvir os ciganos agora, Dmitry Fedorovich, as autoridades os expulsaram, mas há judeus aqui, eles tocam pratos e violinos, em Rozhdestvenskaya, então seria possível mandá-los buscar agora.” Eles chegarão.

- Envie, envie definitivamente! - Mitya chorou. - E as meninas podem ser criadas como eram então, principalmente Marya, Stepanida também, Arina. Duzentos rublos para o coro!

“Sim, com esse dinheiro levantarei toda a aldeia para você, mesmo que eles já tenham ido dormir.” E, padre Dmitry Fedorovich, os homens aqui merecem tanta gentileza ou as meninas? É muita maldade e grosseria determinar tal soma! Ele deveria, nosso camponês, fumar cigarros, e você os deu. Afinal, ele fede, do ladrão. E todas as meninas, não importa quantas sejam, são péssimas. Sim, vou criar minhas filhas para você de graça, muito menos por essa quantia de dinheiro, elas só foram para a cama agora, então vou chutá-las nas costas e fazê-las cantar para você. Outro dia deram champanhe para os homens, hein!

Trifon Borisych em vão sentiu pena de Mitya: então escondeu dele meia dúzia de garrafas de champanhe e, debaixo da mesa, pegou uma nota de cem rublos e apertou-a na mão. Então permaneceu em seu punho.

- Trifon Borisych, eu balancei mais de mil aqui então. Você se lembra?

“Eles sacudiram tudo, minha querida, não me lembro de você, provavelmente nos deixaram com três mil.”

- Bem, agora cheguei com isso, você vê.

E ele tirou e levou sua pilha de notas até o nariz do dono.

- Agora ouça e entenda: daqui a uma hora chegarão o vinho, os salgadinhos, as tortas e os doces - tudo vai subir lá imediatamente. Essa caixa que o Andrey tem, vá lá agora também, abra e sirva imediatamente champanhe... E o mais importante - meninas, meninas e Marya para que sem falta...

Ele se virou para o carrinho e tirou sua caixa de pistolas de debaixo do assento.

- Cálculo, Andrey, aceite! Aqui estão quinze rublos por três, mas cinquenta por vodca... pela sua prontidão, pelo seu amor... Lembre-se do mestre Karamazov!

“Receio, senhor...” Andrei hesitou, “se quiser, cinco rublos por gorjeta, mas não aceitarei mais”. Trifon Borisych é uma testemunha. Perdoe minha palavra estúpida...

“Do que você tem medo”, Mitya mediu-o com o olhar, “bem, para o inferno com você!” - gritou ele, jogando-lhe cinco rublos. “Agora, Trifon Borisych, leve-me em silêncio e deixe-me dar uma primeira olhada em todos eles, para que não me notem.” Onde eles estão na sala azul?

Trifon Borisych olhou para Mitya com cautela, mas imediatamente fez obedientemente o que era necessário: conduziu-o cuidadosamente para o corredor, ele próprio entrou na grande primeira sala adjacente àquela em que os convidados estavam sentados e tirou uma vela dela. Então ele lentamente trouxe Mitya e o colocou em um canto, no escuro, de onde ele podia ver livremente os interlocutores, invisíveis para eles. Mas Mitya não olhou por muito tempo e ele não conseguiu olhar para ela: ele a viu e seu coração começou a bater forte, seus olhos escureceram. Ela estava sentada à mesa ao lado, em poltronas, e ao lado dela, no sofá, estava o belo e ainda muito jovem Kalganov; ela segurou a mão dele e parecia estar rindo, e ele, sem olhar para ela, disse algo em voz alta, como se estivesse aborrecido, para Maximov, que estava sentado à mesa em frente a Grushenka. Maksimov estava rindo muito de alguma coisa. Ele estava sentado no sofá, e ao lado do sofá, numa cadeira, encostado na parede, estava outro estranho. Aquele que estava sentado no sofá fumava cachimbo, e Mitya só teve um lampejo de que ele era uma espécie de homem gordo e de rosto largo, devia ser de baixa estatura e parecia zangado com alguma coisa. Seu camarada, outro estranho, parecia extremamente alto para Mitya; mas ele não conseguia ver mais nada. Isso lhe tirou o fôlego. Ele não aguentou um minuto, colocou a caixa na cômoda e, direto, com frio e congelando, dirigiu-se para a sala azul para seus interlocutores.

- Sim! - Grushenka gritou de susto, notando-o primeiro.

VII. Antigo e indiscutível

Mitya caminhou até a mesa com passos longos e rápidos.

“Senhores”, ele começou em voz alta, quase gritando, mas gaguejando em cada palavra, “eu... estou bem!” “Não tenha medo”, exclamou ele, “estou bem, nada”, de repente ele se virou para Grushenka, que se recostou na cadeira em direção a Kalganov e agarrou sua mão com força. - Eu... eu também vou. Vejo você pela manhã. Senhores, viajantes de passagem... posso ficar com vocês até de manhã? Só até de manhã, pela última vez, nesta mesma sala?

Ele já havia terminado isso, voltando-se para o homenzinho rechonchudo sentado no sofá com um cachimbo. Ele tirou o cachimbo dos lábios e disse severamente:

- Pan, estamos aqui em privado. Existem outras câmaras.

- Sim, é você, Dmitry Fedorovich, por que está falando? - Kalganov respondeu de repente, - sente-se conosco, olá!

- Olá, pessoa querida... e não tem preço! “Eu sempre respeitei você...” Mitya respondeu com alegria e rapidez, imediatamente estendendo a mão para ele do outro lado da mesa.

- Oh, com que força você tremeu! Eles quebraram completamente os dedos”, riu Kalganov.

“Ele sempre pressiona assim, sempre assim!” - Grushenka respondeu alegremente, ainda sorrindo timidamente, subitamente convencido pela aparência de Mitya de que ele não faria barulho, olhando para ele com terrível curiosidade e ainda ansioso. Havia algo nele que a impressionou extremamente, e ela não esperava dele que em tal momento ele chegasse assim e falasse assim.

“Olá, senhor”, respondeu docemente o proprietário de terras Maksimov à esquerda. Mitya correu até ele.

- Olá, e você está aqui, que bom que você está aqui! Senhores, senhores, eu... (Ele voltou-se novamente para o cavalheiro com o cachimbo, aparentemente confundindo-o com a pessoa principal aqui.) Eu estava voando... Queria passar meu último dia e minha última hora nesta sala, nesta mesma sala... onde adorei... minha rainha!... Perdoe-me, senhor! - ele gritou freneticamente, - eu voei e fiz um juramento... Ah, não tenha medo, minha última noite! Vamos beber, senhor, ao mundo! Agora vão servir vinho... Trouxe isto.

(De repente, por algum motivo, ele tirou sua pilha de cartões de crédito.) - Permita-me, senhor! Quero música, trovão, barulho, tudo o que veio antes... Mas um verme, um verme desnecessário, rastejará pela terra e não estará lá! Vou me lembrar do dia da minha alegria na minha última noite!..

Ele quase sufocou; ele queria dizer muito, muito, mas só saíram exclamações estranhas. Pan olhou imóvel para ele, para a pilha de suas notas, olhou para Grushenka e ficou visivelmente perplexo.

“Se meu governante quiser...” ele começou.

- O que há de errado, é a rainha ou o quê? - Grushenka interrompeu de repente. “E acho engraçado como todos vocês falam.” Sente-se, Mitya, e o que você está dizendo? Por favor, não me assuste. Você não vai me assustar, não é? Se não, fico feliz em ver você...

- Devo, devo assustar você? - Mitya gritou de repente, jogando as mãos para cima. “Ah, passe, passe, não vou interferir!” E de repente, de forma bastante inesperada para todos e certamente para si mesmo, ele se jogou em uma cadeira e começou a chorar, virando a cabeça para a parede oposta e apertando-o com força. as costas da cadeira com as mãos, como se a abraçasse.

- Bem, bem, aqui está você! - Grushenka exclamou em tom de censura. “Foi exatamente assim que ele veio me ver; de repente ele começa a falar, mas eu não entendo nada.” E uma vez chorei do mesmo jeito, e agora outra vez - que pena! Por que você está chorando? Por que mais haveria? - acrescentou de repente misteriosamente e com alguma irritação, insistindo na palavra.

- Eu... eu não estou chorando... Bem, olá! - Ele se virou em sua cadeira em um instante e de repente riu, mas não com sua risada dura e espasmódica, mas com uma espécie de risada inaudível, longa, nervosa e trêmula.

- Bom, lá vamos nós de novo... Bom, divirta-se, divirta-se! - Grushenka o convenceu. "Estou muito feliz que você veio, estou muito feliz, Mitya, você pode ouvir que estou muito feliz?" “Quero que ele se sente aqui conosco”, dirigiu-se ela imperiosamente, como se fosse a todos, embora suas palavras aparentemente se referissem àquele que estava sentado no sofá. - Eu quero, eu quero! E se ele for embora, eu também irei, é isso! - ela acrescentou com os olhos brilhando de repente.

“O que quer que minha rainha queira é a lei!” - disse o cavalheiro, beijando galantemente a mão de Grushenka. - Peço ao senhor que veja nossa empresa! - ele se virou gentilmente para Mitya. Mitya deu um pulo novamente com a intenção visível de explodir novamente em um discurso inflamado, mas algo diferente saiu:

- Vamos tomar uma bebida, senhor! - ele parou de repente em vez de falar. Todos riram.

- Deus! “Achei que ele queria conversar de novo”, exclamou Grushenka nervosamente. “Escute, Mitya”, ela acrescentou insistentemente, “não pule de novo, e que bom que você trouxe champanhe”. Eu mesmo beberei, mas não suporto bebidas alcoólicas. E o melhor é que você mesmo dirigiu, senão fica chato... Você veio para a festa de novo? Sim, esconda o dinheiro no bolso! De onde você tirou tanto?

Mitya, que ainda tinha notas amassadas na mão, que todos e principalmente os cavalheiros haviam notado, colocou-as rápida e constrangidamente no bolso. Ele corou. Naquele exato momento o proprietário trouxe uma garrafa de champanhe aberta em uma bandeja e taças. Mitya pegou a garrafa, mas ficou tão confuso que esqueceu o que fazer com ela. Kalganov pegou-o e serviu-lhe o vinho.

- Sim, outra garrafa! - gritou Mitya para o dono e, esquecendo-se de brindar com o patrão, a quem tão solenemente convidara para beber a paz com ele, de repente bebeu o copo inteiro sozinho, sem esperar por ninguém. Todo o seu rosto mudou de repente. Em vez da expressão solene e trágica com que entrou, apareceu nele algo de infantil. De repente, ele parecia completamente humilhado e humilhado. Ele olhava para todos com timidez e alegria, rindo com frequência e nervoso, com o olhar agradecido de um cachorrinho culpado que foi acariciado novamente e deixado entrar novamente. Ele parecia ter esquecido tudo e olhava para todos com admiração, com um sorriso infantil. Ele olhou para Grushenka rindo continuamente e moveu sua cadeira para perto da cadeira dela. Aos poucos fui vendo os dois senhores, embora ainda os entendesse pouco. O cavalheiro no sofá o surpreendeu com sua postura, sotaque polonês e, o mais importante, com seu cachimbo. “Bem, o que é, bem, é bom que ele fume cachimbo”, contemplou Mitya. O rosto um tanto flácido, de quase quarenta anos, do senhor de nariz muito pequeno, sob o qual se viam dois bigodes muito finos e pontiagudos, encerados e atrevidos, ainda não suscitava em Mitya a menor dúvida. Mesmo a peruca horrível do mestre, feita na Sibéria com as têmporas estupidamente penteadas para a frente, não impressionou Mitya particularmente: “então é assim que deveria ser, se for uma peruca”, ele continuou a contemplar alegremente. O outro cavalheiro, sentado contra a parede, mais jovem que o cavalheiro no sofá, olhando para toda a companhia com atrevimento e fervor e ouvindo a conversa geral com silencioso desprezo, novamente impressionou Mitya apenas por sua altura muito alta, terrivelmente desproporcional ao cavalheiro sentado no sofá. “Se ele se levantar, serão onze centímetros”, passou pela cabeça de Mitya. Também lhe passou pela cabeça que aquele cavalheiro alto era provavelmente amigo e capanga do cavalheiro no sofá, como “seu guarda-costas”, e que o cavalheiro baixinho com cachimbo estava, claro, comandando o cavalheiro alto. Mas tudo isso parecia terrivelmente bom e inegável para Mitya. Toda a rivalidade morreu no cachorrinho. Ele ainda não entendia nada sobre Grushenka e o tom misterioso de várias de suas frases; mas ele apenas entendeu, tremendo de todo o coração, que ela era gentil com ele, que o “perdoava” e o sentou ao lado dela. Ele ficou fora de si de admiração quando a viu tomar um gole de uma taça de vinho. O silêncio da companhia de repente o atingiu, porém, e ele começou a olhar ao redor com os olhos esperando alguma coisa: “Por que estamos sentados aqui, por que não estão começando nada, senhores?” seu olhar sorridente parecia falar.

“Sim, ele mente o tempo todo e todos nós rimos”, começou Kalganov de repente, como se estivesse adivinhando seu pensamento e apontando para Maksimov.

Mitya olhou rapidamente para Kalganov e imediatamente para Maksimov.

- Mentindo? - ele riu com sua risada curta e dura, imediatamente ficando feliz com alguma coisa, - ha-ha!

- Sim. Imagine, ele afirma que toda a nossa cavalaria nos anos 20 se casou com mulheres polonesas; mas isso é um absurdo terrível, não é?

— Em botas de polca? - Mitya atendeu novamente e desta vez com admiração decisiva.

Kalganov entendeu muito bem a relação de Mitya com Grushenka, ele também adivinhou sobre o mestre, mas tudo isso não o interessou tanto, talvez até não o interessasse nem um pouco, e o que mais o interessou foi Maximov. Ele chegou aqui com Maksimov por acaso e conheceu os senhores aqui na pousada pela primeira vez na vida. Eu conhecia Grushenka antes e até a visitei com alguém uma vez; Ela não gostava dele naquela época. Mas aqui ela olhou para ele com muito carinho; antes de sua chegada, Mitya até o acariciou, mas de alguma forma ele permaneceu insensível. Ele era um jovem de não mais de vinte anos, elegantemente vestido, com um rostinho branco muito doce e lindos cabelos castanhos e grossos. Mas neste rostinho branco havia lindos olhos azuis claros, com uma expressão inteligente e por vezes profunda, nem sequer condizente com a sua idade, apesar de o jovem às vezes falar e parecer uma criança e não se envergonhar nada por isso, mesmo percebendo ele mesmo. Em geral ele era muito peculiar, até caprichoso, embora sempre fosse carinhoso. Às vezes, algo imóvel e teimoso brilhava na expressão de seu rosto: ele olhava para você, ouvia, mas ele próprio parecia estar sonhando teimosamente com algo próprio. Ou ele ficou letárgico e preguiçoso, ou de repente começou a se preocupar, às vezes aparentemente pelos motivos mais vazios.

“Imagine, já faz quatro dias que o levo comigo”, continuou ele, como se pronunciasse suas palavras preguiçosamente, mas sem qualquer loucura, mas com total naturalidade. - Lembre-se, já que seu irmão o empurrou para fora do carrinho e ele voou. Aí ele me interessou muito por isso e eu o levei para a aldeia, mas agora ele continua mentindo, então é uma pena estar com ele. Vou levá-lo de volta...

“O senhor não viu a senhora polonesa e não poderia ter havido filme”, comentou o senhor com o cachimbo a Maksimov.

O homem do cachimbo falava russo decentemente, pelo menos muito melhor do que imaginava. As palavras russas, mesmo que ele as usasse, eram distorcidas no estilo polonês.

“Mas eu mesmo fui casado com uma senhora polonesa”, Maximov riu em resposta.

- Bem, você realmente serviu na cavalaria? Afinal, você estava falando sobre a cavalaria. Então você é um cavaleiro? - Kalganov agora se envolveu.

- Sim, claro, ele é cavaleiro? haha! - gritou Mitya, que ouvia com atenção e rapidamente voltava seu olhar questionador para todos que falavam, como se Deus soubesse o que esperava ouvir de todos.

“Não, senhor, você vê,” Maksimov virou-se para ele, “estou falando sobre como essas senhoras ali... são bonitas, senhor... quando dançam uma mazurca com nosso ulano... como ela dançou uma mazurca com ele, ela imediatamente pulará sobre ele.” de joelhos, como um gatinho, senhor... pequeno branco... e pan-oits e lady-matka veem e permitem... e permitem, senhor ... e no dia seguinte o ulano virá e oferecerá a mão... é isso... e oferecerá a mão, hee-hee! - Maksimov riu ao terminar.

- Pan laydak! - o senhor alto na cadeira resmungou de repente e cruzou as pernas. Mitya só chamou a atenção para sua enorme bota engraxada com sola grossa e suja. E, em geral, os dois cavalheiros estavam vestidos com bastante gordura.

- Bem, aí vem o laydak! Por que ele está repreendendo? - Grushenka de repente ficou com raiva.

“Sra. Agripina, o senhor Widzel é algodão na região polonesa, não sou uma senhora nobre”, comentou o cavalheiro do cachimbo para Grushenka.

- Você pode se gabar disso! - o cavalheiro alto sentado na cadeira retrucou com desdém.

- Aqui está outro! Deixe-o falar! As pessoas dizem, por que se preocupar? “Eles são divertidos”, retrucou Grushenka.

“Não estou atrapalhando, senhora”, observou significativamente o cavalheiro de peruca, olhando longamente para Grushenka e, caindo em um silêncio importante, começou a chupar seu cachimbo novamente.

“Não, não, o cavalheiro agora disse a verdade”, Kalganov ficou entusiasmado novamente, como se Deus soubesse o que estava acontecendo. - Afinal, ele não esteve na Polónia, como pode falar da Polónia? Você não se casou na Polônia, não é?

- Não, senhor, na província de Smolensk, senhor. Mas mesmo antes disso, o ulano a levou, senhor, minha futura esposa, senhor, e com minha senhora, e com minha tanta, e com outro parente com um filho adulto, este é da própria Polônia, desde o... e ele cedeu a mim. Este é um dos nossos tenentes, um jovem muito bom. No começo ele mesmo queria se casar, mas não se casou porque ela acabou sendo manca...

- Então você se casou com uma mulher manca? - exclamou Kalganov.

- No coxo, senhor. Foram os dois que me enganaram um pouco e esconderam. Achei que ela estava pulando... ela ficou pulando para cima e para baixo, pensei que ela estava fazendo isso de alegria...

- De alegria, o que vem para você? - Kalganov gritou com uma voz infantil e retumbante.

- Sim, senhor, com alegria, senhor. Mas aconteceu que foi por uma razão completamente diferente, senhor. Então, quando nos casamos, ela se confessou para mim naquela mesma noite após o casamento e, com muita sensibilidade, pediu desculpas, disse que uma vez pulou uma poça quando era jovem e machucou a perna, hee hee!

Kalganov caiu na gargalhada mais infantil e quase caiu no sofá. Grushenka também riu. Mitya estava no auge da felicidade.

“Você sabe, você sabe, é ele quem está dizendo a verdade agora, é ele quem não está mentindo agora!” - exclamou Kalganov, virando-se para Mitya. “E você sabe, ele foi casado duas vezes”, ele está falando sobre sua primeira esposa, “e sua segunda esposa, você sabe, fugiu e ainda está viva, você sabia disso?”

- Realmente? - Mitya rapidamente se virou para Maximov, expressando extraordinário espanto em seu rosto.

“Sim, senhor, ela fugiu, tive esse problema”, confirmou Maksimov modestamente. - Com um almíscar, senhor. E o mais importante, em primeiro lugar, pré-assinei toda a minha aldeia apenas para mim. Você, diz ele, é uma pessoa educada, vai encontrar uma peça para você. Com isso, eu plantei. Um venerável bispo uma vez me comentou: um de seus cônjuges era coxo e o outro era muito ágil, hee hee!

- Ouça, ouça! - Kalganov estava furioso, - se ele mente, - e muitas vezes mente, - então ele mente apenas para agradar a todos: isso não é maldade, não é? Você sabe, eu o amo às vezes. Ele é muito mau, mas é naturalmente mau, hein? Como você pensa? Outro está sendo mesquinho com alguma coisa para obter um benefício, mas ele é simplesmente, ele é da natureza... Imagine, por exemplo, ele afirma (ontem ele argumentou o tempo todo) que Gogol em Dead Souls escreveu isso sobre ele. Lembre-se, há um proprietário de terras Maksimov, a quem Nozdryov açoitou e foi levado a julgamento: “por infligir um insulto pessoal ao proprietário de terras Maksimov com varas enquanto estava bêbado”, bem, lembra? Então, imagine, ele afirma que foi ele, e que foi ele quem foi chicoteado! Bem, poderia ser? Chichikov viajou, no máximo, nos anos vinte, no começo, então os anos não batem nada. Eles não poderiam açoitá-lo então. Eles não poderiam, não poderiam?

Era difícil imaginar por que Kalganov estava tão entusiasmado, mas ele estava sinceramente entusiasmado. Mitya defendeu abnegadamente seus interesses.

- Bem, se eles açoitaram você! - ele gritou rindo.

“Não é como se eles o açoitassem, senhor, mas assim”, Maksimov interrompeu de repente.

- Como assim? Eles açoitaram você ou não?

- Ktura godzina, senhor? (Que horas são?) - o senhor do cachimbo virou-se com olhar entediado para o senhor alto sentado na cadeira. Ele encolheu os ombros em resposta: os dois não tinham relógio.

- Por que não conversa? Deixe os outros falarem também. “Se você está entediado, não conte aos outros”, Grushenka deu um pulo novamente, aparentemente se apegando deliberadamente. Como se fosse a primeira vez, algo passou pela mente de Mitya. Desta vez o senhor respondeu com visível irritabilidade:

“Senhora, não vou me prostrar contra você, não vou me prostrar.” (não estou contradizendo, não disse nada).

“Bem, ok, diga-me”, gritou Grushenka para Maximov. - Por que vocês estão todos em silêncio?

“Sim, não há nada para contar aqui, senhor, porque tudo isso é bobagem”, Maksimov imediatamente percebeu com visível prazer e um pouco de timidez, “e em Gogol tudo isso é apenas de forma alegórica, porque ele colocou todos os nomes alegoricamente : Afinal, Nozdrev não era Nozdryov, mas Nosov e Kuvshinnikov - isso nem é nada parecido, porque ele era Shkvornev. E Fenardi era mesmo Fenardi, só que não italiano, mas russo, Petrov, senhor, e Mamselle Fenardi era bonita, senhor, e as pernas em meia-calça, linda, senhor, saia curta forrada de lantejoulas, e era ela quem fiava , mas não por quatro horas, mas apenas quatro minutos, senhor... e ela seduziu a todos...

- Por que te açoitaram, por que te açoitaram? - Kalganov gritou.

“Para Piron, senhor”, respondeu Maksimov.

- Para qual Piron? - Mitya gritou.

- Para o famoso escritor francês Piron, senhor. Bebemos então todo o vinho numa grande sociedade, numa taberna, nesta mesma feira. Eles me convidaram e antes de tudo comecei a dizer epigramas: “É você, Boileau, que roupa engraçada”. E Boileau responde que vai a uma festa de máscaras, ou seja, a um balneário, hehe, levaram para o lado pessoal. E rapidamente disse outro, muito cáustico, conhecido de todas as pessoas instruídas:

Você é Safo, eu sou Phaon, não discuto sobre isso,  
Mas para mim você está queimando  
Você não sabe o caminho para o mar.

Eles ficaram ainda mais ofendidos e começaram a me repreender indecentemente por isso, e só para minha infelicidade, para melhorar as circunstâncias, contei então uma anedota muito educada sobre Piron, como ele não foi aceito na Academia Francesa, e ele, para se vingar, escreveu seu próprio epitáfio para a lápide:

Aqui jaz Piron que não era nada  
Nem mesmo um acadêmico.1

Eles me pegaram e me chicotearam.

- Sim, para quê, para quê?

- Pela minha educação. Você nunca sabe por que as pessoas podem açoitar uma pessoa”, concluiu Maksimov de maneira humilde e moralizante.

“Eh, está tudo ruim, não quero ouvir, pensei que seria engraçado”, interrompeu Grushenka de repente. Mitya ficou alarmado e imediatamente parou de rir. O senhor alto levantou-se da cadeira e, com o ar arrogante de um homem entediado sem companhia, começou a andar pela sala de canto a canto, com as mãos nas costas.

- Olha, ele se foi! - Grushenka olhou para ele com desprezo. Mitya ficou preocupado e também percebeu que o cavalheiro sentado no sofá olhava para ele com uma expressão irritada.

"Senhor", gritou Mitya, "vamos tomar uma bebida, senhor!" E com o outro senhor também: vamos tomar um drink, senhor! “Ele imediatamente moveu três taças e serviu champanhe nelas.

- À Polónia, senhores, bebo à vossa Polónia, à terra polaca! - exclamou Mitya.

“Bardzo mi, que bom, senhor, vamos tomar um drink (isso é muito bom para mim, senhor, vamos tomar um drink”), disse o cavalheiro com importância e benevolência no sofá e pegou seu copo.

- E outro senhor, qual é o nome dele, ei, claramente nobre, pegue um copo! - Mitya se agitou.

“Pan Vrublevsky”, sugeriu o cavalheiro no sofá. Pan Vrublevsky, cambaleando, caminhou até a mesa e pegou seu copo em pé.

- Pela Polónia, senhores, viva! - gritou Mitya, erguendo o copo.

Todos os três beberam. Mitya pegou a garrafa e imediatamente serviu mais três copos.

- Agora vamos à Rússia, senhores, e vamos confraternizar!

“Despeje para nós também”, disse Grushenka, “para a Rússia e estou com sede”.

“Eu também”, disse Kalganov.

“Sim, e eu também, senhor... por Rosseyushka, a velha avó”, Maksimov riu.

- É isso, é isso! - exclamou Mitya. - Mestre, mais garrafas!

Eles trouxeram todas as três garrafas restantes daquelas trazidas por Mitya. Mitya derramou tudo.

- Para a Rússia, viva! - ele proclamou novamente. Todos, exceto os cavalheiros, beberam, e Grushenka bebeu todo o copo de uma vez. Os Panov nem tocaram nos seus.

- Como vai, senhor? - exclamou Mitya. - Então é assim que você é? Pan Vrublevsky pegou o copo, ergueu-o e disse em voz alta:

- Para a Rússia até setecentos e setenta e dois!

-Oto bardzo penkne! (Que bom!), gritou o outro cavalheiro, e ambos esvaziaram os copos ao mesmo tempo.

- Você é um tolo, senhor! - Mitya explodiu de repente.

- Na-não!! - gritaram os dois cavalheiros ameaçadoramente, olhando para Mitya como galos. Pan Vrublevsky estava especialmente furioso.

- Não é possível não se deixar levar ao limite? - ele exclamou. (Como você pode não amar o seu lado?)

- Fique em silêncio! Não brigue! Para que não haja ccop! - Grushenka gritou imperiosamente e bateu o pé no chão. Seu rosto se iluminou, seus olhos brilharam. O copo que acabei de beber cobrou seu preço. Mitya estava terrivelmente assustado.

- Panova, me perdoe! A culpa é minha, não vou. Vrublevsky, Sr. Vrublevsky, não vou!

- Pelo menos cale a boca e sente-se, seu estúpido! - Grushenka retrucou para ele com raiva e aborrecimento.

Todos se sentaram, todos ficaram em silêncio, todos se entreolharam.

- Senhores, eu sou a razão de tudo! - recomeçou Mitya, sem entender nada da exclamação de Grushenka; - Bem, por que estamos sentados? Bem, o que devemos fazer... para tornar tudo divertido, divertido de novo?

“Ah, não é muito divertido”, Kalganov murmurou preguiçosamente.

“Eu gostaria de poder jogar banchik, como agora...” Maksimov riu de repente.

- Banco? Fabuloso! - Mitya atendeu, - se ao menos mestre...

-Pozno, senhor! - respondeu o senhor sentado no sofá, como que com relutância...

“Isso mesmo”, disse o Sr. Vrublewski.

- Buceta? O que é essa barriga? - perguntou Grushenko.

“Isso significa que é tarde, senhora, tarde, já é tarde”, explicou o senhor sentado no sofá.

“E ainda assim é tarde demais para eles, e ainda assim eles não conseguem!” - Grushenka quase gritou de frustração. “Os próprios chatos sentam-se, e os outros também, de modo que é chato.” Na sua frente, Mitya, todos ficaram calados daquele jeito e zombaram de mim...

- Minha deusa! - gritou o senhor no sofá, - quando você assistir a um filme, ficará no escuro. Vidzen é cruel e comemos vagamente. (Vejo a relutância, por isso estou triste.) Coma gotov (estou pronto), senhor”, finalizou ele, virando-se para Mitya.

- Comece, senhor! - Mitya atendeu, tirando os cartões de crédito do bolso e colocando-os sobre a mesa com notas de duzentos rublos.

- Eu te dou muito, senhor, quero perder. Pegue os cartões, deposite no banco!

“As cartas são do dono, senhor”, disse o senhorzinho com persistência e seriedade.

“To nailepshi sposub (a melhor maneira)”, concordou o Sr. Vrublevsky.

- Do proprietário? Ok, entendi, que seja do dono, faz bem, senhor! Cartões! - Mitya comandou o proprietário.

O dono trouxe um jogo de cartas fechado e anunciou a Mitya que as meninas já estavam se preparando, as meninas com pratos provavelmente também chegariam em breve, mas que a troika com suprimentos ainda não havia chegado. Mitya saltou de trás da mesa e correu para a sala ao lado para dar ordens imediatamente. Mas só vieram três meninas e Marya ainda não havia chegado. E ele mesmo não sabia o que fazer com isso e por que saiu correndo: só mandou tirar presentes, pirulitos e desejos da caixa e vestir as meninas. - “Sim, vodca para Andrey, vodca para Andrey! — ele ordenou apressadamente, “Eu ofendi Andrei!” Então Maksimov, que veio correndo atrás dele, tocou-o de repente no ombro.

“Dê-me cinco rublos”, ele sussurrou para Mitya, “eu também arriscaria, hee-hee!”

- Ótimo, ótimo! Tome dez, aqui! “Ele tirou todos os cartões de crédito do bolso novamente e encontrou dez rublos. - E se perder, volte, volte...

“Tudo bem, senhor”, Maksimov sussurrou alegremente e correu para o salão. Mitya voltou imediatamente e pediu desculpas por tê-lo feito esperar. Os senhores já haviam se sentado e impresso o jogo. Eles pareciam muito mais amigáveis, quase afetuosos. Pan acendeu um cachimbo novo no sofá e se preparou para jogá-lo; Seu rosto até mostrava certa solenidade.

- A caminho, senhor! - declarou o Sr. Vrublevsky.

“Não, não vou jogar mais”, respondeu Kalganov, “acabei de perder cinquenta rublos para eles”.

“O cavalheiro não foi genial, o senhor pode ser genial de novo”, comentou o cavalheiro no sofá em sua direção.

— Quanto tem no banco? Responsivo? - Mitya ficou animado.

- Rumores, senhor, talvez cem, talvez dois, quanto você aposta.

- Milhões! - Mitya riu.

- O senhor capitão pode ter ouvido falar do senhor Podvysotsky?

- Qual Podvysotsky?

— Em Varsóvia, o banco aposta em quem vai. Podvysotsky chega, vê mil zlotys e aposta all-in. Filme Bnker: “Sr. Podvysotsky, você está apostando em zloty, por que não?” - Sobre arrogância, senhor, filme de Podvysotsky. - “Então esculpa, senhor.” Bnker joga uma etiqueta, Podvysotsky leva mil zlotys. - “Cheque, senhor”, o booker do filme, tirou a caixa e deu um milhão: “Pegue, senhor, este é o seu rakhunek” (aqui está a sua conta)! O banco valia milhões. “Eu não sabia disso”, filme de Podvysotsky. - “Sr. Podvysotsky”, booker de cinema, “você estava comprometido com a ambição e nós estávamos comprometidos com a ambição”. Podvysotsky levou um milhão.

“Isso não é verdade”, disse Kalganov.

- Pan Kalganov, em uma companhia de nobres, esse filme não é przhistoi (na sociedade decente eles não dizem isso).

- Então o jogador polonês vai te dar um milhão! - exclamou Mitya, mas imediatamente se conteve: - Perdoe-me, senhor, sou culpado, sou culpado de novo, vou dar, vou dar um milhão, por uma questão de ambição, pela honra polonesa! Veja como eu falo polonês, haha! Aqui aposto dez rublos, é um valete.

- E eu te darei um rublo por uma senhora, por uma vermelha, por uma bonita. para a panenochka, hee hee! - Maksimov riu, empurrando sua dama para frente, e como se quisesse esconder isso de todos, foi até a mesa e rapidamente se benzeu por baixo da mesa. Mitya venceu. Também ganhei um rublo.

- Canto! - Mitya gritou.

“E sou um rublo de novo, sou um pouquinho, sou um pouquinho, um pouquinho”, Maksimov murmurou alegremente e com terrível alegria por ter ganhado um rublo.

- Morcego! - Mitya gritou. - Sete na pág.

Eles também mataram em pe.

“Pare com isso”, disse Kalganov de repente.

“No pe, no pe”, Mitya dobrou suas apostas, e não importa o que ele apostasse no pe, tudo estava perdido. E eles ganharam rublos.

“Vá se foder”, Mitya latiu de raiva.

- Perdi vinte, senhor. Você ainda está apostando vinte? - perguntou o senhor sentado no sofá.

- O quê, você já perdeu duzentos? Então, mais duzentos! Todos os duzentos no pe! - E tirando dinheiro do bolso, Mitya jogou duzentos rublos na senhora, quando de repente Kalganov a cobriu com a mão:

- Suficiente! - ele gritou com sua voz retumbante.

-O que você está falando? - Mitya olhou para ele.

- Chega, eu não quero! Você não vai jogar mais.

- Por que?

- É por isso. Cuspa e vá embora, é por isso. Não vou deixar você brincar mais!

Mitya olhou para ele com espanto.

- Vamos, Mitya, ele pode estar falando a verdade; “Já perdi muito”, disse Grushenka com um tom estranho na voz. Os dois cavalheiros levantaram-se subitamente dos seus assentos com um olhar terrivelmente ofendido.

-Você está assando (brincadeira), senhor? - disse o cavalheiro, examinando Kalganov severamente.

- Como você pode respeitar isso, timidamente, senhor! (Como você ousa fazer isso!) - Pan Vrublevsky latiu para Kalganov.

- Não se atreva, não ouse gritar! - Grushenko gritou. - Ah, galos indianos!

Mitya olhou para todos eles por sua vez; mas algo de repente o atingiu no rosto de Grushenka e, no mesmo momento, algo completamente novo passou por sua mente - um pensamento novo e estranho!

- Senhora Agripina! - começou o cavalheiro, todo vermelho de entusiasmo, quando de repente Mitya, aproximando-se dele, deu-lhe um tapinha no ombro.

- Nobre brilhante, em duas palavras.

- O que você quer, senhor? (Qualquer coisa?)

- Nessa sala, nessa paz, vou te dizer duas boas palavras, a melhor, você ficará satisfeito.

O pequeno cavalheiro ficou surpreso e olhou com cautela para Mitya. No entanto, ele concordou imediatamente, mas com a condição indispensável de que Pan Vrublevsky fosse com ele.

- Guarda-costas? Que ele e ele sejam necessários! É até obrigatório! - exclamou Mitya. - Março, senhores!

-Onde você está indo? - Grushenka perguntou ansiosamente.

“Estaremos de volta em um momento”, respondeu Mitya. Algum tipo de coragem, alguma alegria inesperada brilhou em seu rosto; Ele entrou nesta sala há uma hora com uma cara completamente diferente. Ele conduziu os cavalheiros para o quarto da direita, não para o grande onde se reunia o coro de meninas e a mesa estava posta, mas para o quarto, que abrigava baús, guarda-roupas e duas camas grandes com uma montanha de travesseiros de chita em cada um. . Havia uma vela acesa em uma pequena mesa de tábuas bem no canto. Pan e Mitya sentaram-se nesta mesa frente a frente, e o enorme Pan Vrublevsky estava ao lado deles, com as mãos atrás das costas. Os cavalheiros pareciam severos, mas com visível curiosidade.

- Como você pode servir ao mestre? - gaguejou o pequeno cavalheiro.

“Mas eis uma coisa, senhor, não vou falar muito: aqui está o dinheiro para você”, ele sacou seus cartões de crédito: “se você quiser três mil, pegue e vá para onde você quiser”.

Pan olhou curiosamente, com todos os olhos, e fixou o olhar no rosto de Mitya.

- Três mil, senhor? - Trocou olhares com Vrublevsky.

- Trzhi, panova, trzhi! Ouça, senhor, vejo que você é uma pessoa razoável. Pegue três mil e dê o fora, e leve Vrublevsky com você - você ouviu isso? Mas agora, neste exato minuto, e isso é para sempre, você entende, senhor, para sempre você sairá por esta mesma porta. O que você tem aí: um casaco, um casaco de pele? Eu vou pegar para você. Neste exato segundo eles lhe darão um três e - até mais, senhor! UM?

Mitya esperou com confiança por uma resposta. Ele não tinha dúvidas. Algo extremamente decisivo passou pelo rosto do mestre.

- E os rublos, senhor?

“Rubos, é assim, senhor: quinhentos rublos neste minuto para o motorista e como depósito, e dois mil e quinhentos amanhã na cidade - juro pela minha honra, eles estarão lá, eu vou tirar do chão!” - Mitya gritou.

Os poloneses se entreolharam novamente. O rosto do mestre começou a mudar para pior.

- Setecentos, setecentos, não quinhentos, agora, este minuto está em suas mãos! - acrescentou Mitya, sentindo algo ruim. - O que você está fazendo, senhor? Não acredite em mim? Não é suficiente dar-lhe três mil imediatamente. Eu darei e você voltará para ela amanhã... E agora não tenho todas as três mil, tenho casas na cidade”, balbuciou Mitya, covardemente e desanimando a cada palavra, “por Deus, eles estão ali, escondidos...

Num instante, uma sensação de extraordinária auto-estima brilhou no rosto do pequeno cavalheiro:

- Você pode me pedir mais alguma coisa? - ele perguntou ironicamente. - Pfe! E pfe! (vergonha, vergonha!) - E ele cuspiu. Pan Vrublevsky também cuspiu.

“É por isso que você está cuspindo, senhor”, disse Mitya como se estivesse desesperado, percebendo que tudo estava acabado, “porque você pensa em conseguir mais de Grushenka”. Vocês dois são capões, é isso!

- Comemos até estarmos vivos! (Estou ofendido ao máximo) - o cavalheiro de repente ficou vermelho como uma lagosta e rapidamente, em terrível indignação, como se não quisesse ouvir mais nada, saiu da sala. Vrublevsky o seguiu, cambaleando, e depois Mitya, confuso e surpreso. Ele estava com medo de Grushenka, pressentiu que o cavalheiro estava prestes a gritar. E assim aconteceu. Pan entrou no salão e ficou teatralmente diante de Grushenka.

- Dona Agripina, comeremos até estarmos vivos! - ele ia exclamar, mas Grushenka pareceu perder de repente toda a paciência, como se alguém a tivesse tocado onde mais doía.

- Em russo, fale russo, para que não haja uma única palavra em polonês! - ela gritou para ele. “Já falei russo antes, será que esqueci mesmo quando tinha cinco anos?” “Ela ficou toda vermelha de raiva.”

- Senhora Agripina...

“Sou Agrafena, sou Grushenka, falo russo ou não quero ouvir!” - Pan bufou de arrogância e, quebrando seu discurso russo, disse rápida e pomposamente:

- Dona Agrafena, tentei esquecer o velho e perdoá-lo, esquecer o que aconteceu antes de hoje...

- Como perdoar? Foi a mim que você veio perdoar? - Grushenka interrompeu e pulou da cadeira.

- Isso mesmo, senhora (isso mesmo, senhora), não sou covarde, sou generoso. Mas fiquei surpreso (fiquei surpreso) quando vi seus amantes. Pan Mitya, naquela sala, me deu três mil rublos para que eu pudesse ir embora. Cuspi na cara do cavalheiro.

- Como? Ele te deu dinheiro para mim? - Grushenka gritou histericamente. - Sério, Mitya? Como você ousa! Eu sou corrupto?

“Pan, pan”, gritou Mitya, “ela é pura e brilhante, e eu nunca fui seu amante!” Foi você quem mentiu...

- Como ousa me defender na frente dele? - gritou Grushenka, - eu não era puro por virtude e não porque tivesse medo de Kuzma, mas para poder me orgulhar dele e para ter o direito de dizer-lhe o canalha quando o conhecesse. Ele realmente não tirou dinheiro de você?

- Sim, ele pegou, ele pegou! - exclamou Mitya, - mas ele queria todos os três mil de uma vez, e eu dei apenas setecentos como depósito.

- Bom, está claro: ele ouviu que eu tenho dinheiro e por isso vim me casar!

“Pani Agrippina”, gritou o mestre, “sou um cavaleiro, sou um nobre, não um leigo!” Eu estava prestes a tomá-la como minha esposa, mas vejo uma nova senhora, não a mesma de antes, mas sincera e sem vergonha (obstinada e sem vergonha).

- E saia de onde você veio! Ordeno que você seja expulso agora, e eles o expulsarão! - Grushenka gritou freneticamente. “Eu fui um idiota, fui um idiota por me torturar por cinco anos!” E não foi por ele que eu me atormentei, eu me atormentei por maldade! E não é ele! Ele era assim? Este é o pai dele! Onde você encomendou sua peruca? Aquele era um falcão e este é um dragão. Ele ria e cantava músicas para mim... Mas eu, comecei a chorar há cinco anos, tolo que sou, baixo, sem vergonha!

Ela caiu na cadeira e cobriu o rosto com as mãos. Naquele momento, de repente, na sala ao lado à esquerda, ouviu-se um coro de garotas Mokrinsky que finalmente se reuniram - uma alegre canção dançante.

- Isto é, Sodoma! - Pan Vrublevsky rugiu de repente. - Mestre, afaste os sem-vergonha!

O proprietário, que há muito tempo olhava com curiosidade para a porta, ouvindo um grito e sentindo que os convidados haviam brigado, apareceu imediatamente na sala.

- Por que você está gritando, rasgando sua garganta? - dirigiu-se a Vrublevsky com uma espécie de indelicadeza até incompreensível.

- Gado! - Pan Vrublevsky começou a gritar.

- Gado? Que cartas você jogou agora? Eu te entreguei o baralho e você escondeu o meu! Você jogou com cartas falsas! Posso te esconder na Sibéria por causa de cartões falsos, você sabe disso, porque é que os pedaços de papel são falsos... - E, subindo até o sofá, enfiou os dedos entre o encosto e a almofada do sofá e tirou um baralho de cartas fechado.

- Aqui está o meu baralho, não impresso! - Ele pegou e mostrou para todos ao redor: - Eu vi Ottelev como ele colocou meu baralho no slot e substituiu pelo seu - você é um idiota, não um cavalheiro!

“E eu vi como aquele cavalheiro estremeceu duas vezes”, gritou Kalganov.

- Ah, que vergonha, ah, que vergonha! - exclamou Grushenka, apertando as mãos, e realmente corou de vergonha. - Senhor, que homem ele se tornou!

- E eu pensei assim. - Mitya gritou. Mas antes que tivesse tempo de dizer isso, o Sr. Vrublevsky, envergonhado e furioso, virou-se para Grushenka e sacudiu o punho para ela, gritando:

- Canalha público! - Mas antes que ele tivesse tempo de exclamar, Mitya correu até ele, agarrou-o com as duas mãos, ergueu-o no ar e em um instante o carregou para fora do corredor para a sala à direita, para onde ele estava levando os dois .

- Coloquei no chão aí! - anunciou, retornando imediatamente e engasgado de excitação, - o malandro está brigando, aposto que não virá daí!.. - Trancou metade da porta e, mantendo a outra bem aberta, exclamou para o cavalheiro :

- Meu nobre senhor, gostaria de ir para lá também? Psheprasham!

“Pai, Mitriy Fedorovich”, exclamou Trifon Borisych, “vamos tirar deles o dinheiro que você perdeu para eles!” Afinal, é como se eles roubassem de você.

“Não quero ficar com meus cinquenta rublos”, respondeu Kalganov de repente.

- E eu tenho meus duzentos e não quero! - exclamou Mitya, - não vou tirar isso por nada, deixe ficar para ele como um consolo.

- Legal, Mitya! Muito bem, Mitya! - gritou Grushenka, e uma nota terrivelmente maligna soou em sua exclamação. O cavalheiro, roxo de raiva, mas sem perder a dignidade, começou a ir até a porta, mas parou e disse de repente, virando-se para Grushenka:

“Senhora, se quiser me seguir, vá embora, se não, fique bem!” (Senhora, se quiser me seguir, vamos embora, se não, adeus!)

E o mais importante, ofegante de indignação e ambição, ele entrou pela porta. O homem tinha caráter: mesmo depois de tudo o que aconteceu, não perdeu a esperança de que a senhora o seguisse - ele se valorizava muito. Mitya bateu a porta atrás dele.

“Tranque-os”, disse Kalganov. Mas a fechadura clicou do lado deles e eles se trancaram.

- Legal! - Grushenka gritou novamente com raiva e impiedosamente, - Legal! É aí que está a estrada!

Notas de rodapé do capítulo

1—Aqui jaz Piron, que não era nada, nem mesmo um acadêmico *(Francês).*

VIII. Delírio

Quase começou uma orgia, uma festa para o mundo inteiro. Grushenka foi a primeira a gritar por um pouco de vinho: “Quero beber, estou completamente bêbado, quero ficar bêbado, para que seja como antes, lembre-se, Mitya, lembre-se de como nos reconhecemos aqui então!” O próprio Mitya estava delirando e pressentia “sua própria felicidade”. Grushenka, porém, constantemente o afastava de si mesma: “Vá, divirta-se, mande-os dançar, para que todos se divirtam, “vá para a cabana, vá para o forno”, assim como então, como então!” - ela continuou a exclamar. Ela estava terrivelmente animada. E Mitya correu para dar ordens. O coro se reuniu na sala ao lado. O mesmo quarto em que estavam sentados até agora também era apertado, dividido em dois por uma cortina de chita, atrás da qual havia novamente uma cama enorme com um colchão de penas fofo e uma pilha dos mesmos travesseiros de chita. E em todos os quatro quartos “limpos” desta casa havia camas por toda parte. Grushenka sentou-se bem na porta, Mitya trouxe uma cadeira para ela aqui: ela sentou assim “então”, no dia da primeira folia aqui, e olhou daqui para o coro e para o baile. As meninas se reuniam todas da mesma forma naquela época; chegaram também líquidos com violinos e cítaras e finalmente chegou a tão esperada troika de vinhos e mantimentos. Mitya estava agitado. Estranhos também entraram no quarto para olhar, homens e mulheres, já dormindo, mas acordaram e sentiram um cheiro inédito, assim como há um mês. Mitya cumprimentou e abraçou seus conhecidos, lembrou-se de rostos, abriu garrafas e serviu bebidas para todos. Só as meninas gostavam de champanhe, enquanto os homens gostavam mais de rum e conhaque, e principalmente de ponche quente. Mitya ordenou que se fizessem chocolate para todas as meninas e que três samovares não fossem mexidos a noite toda e fervidos para o chá e o ponche para todos que viessem: quem quiser, sirva-se. Em suma, algo caótico e absurdo começou, mas Mitya estava, por assim dizer, em seu elemento nativo, e quanto mais absurdo tudo se tornava, mais ele se animava em espírito. Se algum homem lhe pedisse dinheiro naqueles momentos, ele imediatamente retiraria todo o seu maço e começaria a distribuí-lo a torto e a direito, sem contar. É por isso que, provavelmente para proteger Mitya, seu dono, Trifon Borisych, corria quase constantemente, que parecia ter perdido completamente a cabeça para ir para a cama naquela noite, que, no entanto, bebia pouco (ele só comeu um copo de soco) e observou atentamente os interesses de Mitya à sua maneira. Nos momentos certos, ele o interrompeu carinhosamente e obsequiosamente e o convenceu, não permitiu que ele esbanjasse os homens como “naquela época” com “cigarros e vinho Ren” e, Deus me livre, dinheiro, e ficou muito indignado com o fato de que as meninas bebiam bebidas alcoólicas e comiam doces: “Piolho só um, Mitriy Fedorovich”, disse ele; “Vou chutá-los para todos os lados com o joelho e ordenarei que sejam homenageados como uma honra – é assim que eles são!” Mitya lembrou-se mais uma vez de Andrei e mandou mandar-lhe um soco: “Eu o ofendi agora há pouco”, repetiu com voz fraca e terna. Kalganov não queria beber e a princípio não gostou muito do coro de meninas, mas depois de beber mais duas taças de champanhe ficou terrivelmente alegre, andava pelos quartos, ria e elogiava tudo e todos, ambos as canções e a música. Maksimov, feliz e bêbado, não o abandonou. Grushenka, que também estava começando a ficar embriagado, apontou para Mitya Kalganov: “Que menino fofo ele é, que menino maravilhoso!” E Mitya correu com alegria para beijar Kalganov e Maksimov. Ah, ele tinha um pressentimento de muita coisa: ela ainda não havia lhe contado nada parecido e até aparentemente demorou deliberadamente a dizê-lo, ocasionalmente apenas olhando para ele com um olhar gentil, mas quente. Finalmente, ela de repente agarrou a mão dele com força e puxou-o em sua direção com força. Ela mesma estava sentada em uma poltrona perto da porta.

- Como você entrou agora há pouco, hein? Como você entrou!.. Eu estava com tanto medo. Como você quis me entregar a ele, hein? Você realmente queria?

- Eu não queria estragar a sua felicidade! - Mitya balbuciou para ela em êxtase. Mas ela não precisava da resposta dele:

"Bem, vá... divirta-se", ela o afastou novamente, "mas não chore, eu te ligo de novo."

E ele fugiu, e ela começou a ouvir as músicas e a assistir a dança novamente, seguindo-o com os olhos onde quer que ele estivesse, mas depois de um quarto de hora ela ligou de novo, e ele voltou correndo.

- Bem, agora sente-se ao meu lado, conte-me como você ouviu falar de mim ontem, que eu vim aqui; Com quem você aprendeu primeiro?

E Mitya começou a contar tudo, de forma incoerente, aleatória, apaixonada, mas mesmo assim ele contou de forma estranha, muitas vezes franzindo a testa e interrompendo-se repentinamente.

- Por que você está carrancudo? ela perguntou.

- Nada... Deixei um paciente lá. Se ao menos ele tivesse se recuperado, se ao menos soubesse que iria se recuperar, eu desistiria de dez anos meus agora!

- Bem, Deus o abençoe se ele estiver doente. Então você realmente queria se matar amanhã, seu estúpido, e por quê? “Eu amo pessoas imprudentes como você”, ela balbuciou para ele com uma língua um pouco pesada. - Então você fará qualquer coisa por mim? UM? E você, seu idiota, realmente quer se matar amanhã? Não, espere um pouco, talvez amanhã eu te diga uma palavra... Não direi hoje, mas amanhã. O que você gostaria de fazer hoje? Não, eu não quero hoje... Bom, vá, vá agora, divirta-se.

Uma vez, porém, ela o chamou, como se estivesse perplexa e preocupada.

- Por que você está triste? Vejo que você está triste... Não, posso ver”, acrescentou ela, olhando atentamente nos olhos dele. “Mesmo que você esteja aí beijando homens e gritando, eu vejo algo.” Não, você se diverte, eu estou feliz e você se diverte... Eu amo alguém aqui, adivinha quem?.. Ah, olha: meu menino adormeceu, seu coração está bêbado.

Ela falou sobre Kalganov: ele ficou muito bêbado e adormeceu por um momento, sentado no sofá. E não foi apenas a embriaguez que o fez adormecer; de repente ele se sentiu triste por algum motivo ou, como ele disse, “entediado”. No final, ficou muito desanimado com as canções das meninas, que começaram a se transformar, aos poucos com a bebida, em algo muito modesto e desenfreado. E as danças também: duas meninas fantasiadas de ursos, e Stepanida, uma menina animada e com um bastão na mão, representando o líder, começou a “mostrá-los”. “Divirta-se, Marya”, ela gritou, “ou use um pedaço de pau!” Os ursos finalmente caíram no chão de uma maneira muito indecente, em meio a gargalhadas de uma plateia de mulheres e homens que se reuniram, para não falar. “Bem, deixe-os, bem, deixe-os”, disse Grushenka sentenciosamente com uma expressão de felicidade no rosto, “eles se divertirão por um dia e não ficarão felizes com as pessoas?” Kalganov parecia ter se sujado com alguma coisa: “Isso tudo é nojento, toda esta nação”, observou ele, afastando-se, “são os seus jogos de primavera, quando eles apreciam o sol durante toda a noite de verão”. Mas ele não gostou especialmente de uma “nova” música com uma melodia dançante animada, cantada sobre como o mestre estava dirigindo e torturando as meninas:

O mestre torturou as meninas  
As garotas gostam de você ou não?

Mas as meninas achavam que era impossível amar o mestre:

O mestre vai te machucar,  
E eu não o amo.

Então veio um cigano (pronuncia-se cigano), e este também:

Ciganos torturaram meninas  
As garotas gostam de você ou não?

Mas você também não pode amar um cigano:

O cigano vai roubar  
E eu vou sofrer.

E passou muita gente torturando meninas, até soldados:

O soldado torturou as meninas  
As garotas gostam de você ou não?

Mas o soldado foi rejeitado com desprezo:

O soldado carregará uma mochila,  
E eu estou atrás dele...

Seguiu-se o poema mais obsceno, cantado com bastante abertura e criando furor no público ouvinte. O assunto finalmente terminou com o comerciante:

O comerciante torturou as meninas  
As garotas gostam de você ou não?

E descobriu-se que eles o amam muito, porque dizem

O comerciante negociará,  
E eu vou reinar.

Kalganov até ficou com raiva:

“Esta é uma música completamente de ontem”, ele comentou em voz alta, “e quem compõe isso para eles!” Não basta que os ferroviários e os judeus passem e torturam as meninas: eles derrotariam a todos. E, quase ofendido, anunciou imediatamente que estava entediado, sentou-se no sofá e de repente cochilou. Seu lindo rosto ficou um pouco pálido e recostou-se na almofada do sofá.

“Olha como ele é fofo”, disse Grushenka, trazendo Mitya até ele, “eu estava escovando a cabeça dele agora há pouco; os cabelos são como linho e grossos...

E, inclinando-se sobre ele com ternura, beijou-lhe a testa. Kalganov abriu os olhos num instante, olhou para ela, levantou-se e com um olhar muito preocupado perguntou: onde está Maksimov?

“É disso que ele precisa”, Grushenka riu; - Sim, sente-se comigo por um minuto. Mitya, corra para seu Maximov.

Acontece que Maksimov nunca abandonou as meninas, apenas ocasionalmente fugindo para se servir de licor e beber duas xícaras de chocolate. Seu rosto ficou vermelho, seu nariz ficou roxo, seus olhos ficaram úmidos e doces. Ele correu e anunciou que agora “no mesmo tom” queria dançar a dança da saboteira.

“Aprendi todas essas danças sociais bem-educadas quando era pequeno, senhor...”

"Bem, vá com ele, Mitya, e verei como ele dança daqui."

“Não, vou dar uma olhada”, exclamou Kalganov, rejeitando ingenuamente a oferta de Grushenka de sentar-se com ele. E todos foram assistir. Maksimov realmente dançou sua dança, mas além de Mitya, ele não despertou muita admiração de ninguém. Toda a dança consistia em uma espécie de salto com as pernas torcidas para os lados, as solas para cima, e a cada salto Maximov batia na sola com a palma da mão. Kalganov não gostou nada e Mitya até beijou a dançarina.

- Bom, obrigado, talvez você esteja cansado de olhar aqui: quer um doce, né? Você gostaria de um cigarro?

- Um cigarro, senhor.

- Você gostaria de uma bebida?

- Estou aqui para tomar licor, senhor... O senhor não tem bombons de chocolate, senhor?

- Sim, tem um carrinho inteiro em cima da mesa, escolha qualquer um, sua alma pomba!

- Não, senhor, eu sou assim, senhor, com baunilha... para idosos, senhor... Hee hee!

- Não, irmão, não existem esses especiais.

- Ouvir! - o velho de repente se abaixou até o ouvido de Mitya, - essa garota, Maryushka, hee hee, como eu, se pudesse, iria conhecê-la, por sua gentileza...

- Olha o que você queria! Não, irmão, você está mentindo.

“Eu não faço mal a ninguém, senhor”, Maksimov sussurrou tristemente.

- Bem, ok, ok. Aqui, irmão, eles só cantam e dançam, mas droga! Espere... Coma tchau, coma, beba, seja feliz. Você não precisa de dinheiro?

“Então talvez”, Maksimov sorriu.

- Ok, ok...

A cabeça de Mitya estava queimando. Ele saiu para o corredor até uma galeria superior de madeira que contornava parte de todo o edifício por dentro, desde o pátio. O ar fresco o reanimou. Ele ficou sozinho, no escuro, em um canto, e de repente agarrou a cabeça com as duas mãos. Seus pensamentos dispersos de repente se juntaram, suas sensações se fundiram em uma só e tudo emitia luz. Luz terrível, terrível! “Se você atirar em si mesmo, quando mais, senão agora?” - passou por sua mente. “Vá pegar uma arma, traga aqui e neste canto muito sujo e escuro e acabe com ela.” Por quase um minuto ele ficou indeciso. Agora mesmo, enquanto ele voava para cá, havia vergonha atrás dele, o roubo perfeito que ele já havia cometido e esse sangue, sangue!.. Mas depois foi mais fácil, ah, mais fácil! Afinal, tudo já havia acabado então: ele a perdeu, cedeu, ela morreu por ele, desapareceu - ah, a pena era mais fácil para ele então, pelo menos parecia inevitável, necessária, pois de que adiantava ficar no mundo? E agora? É agora o que era então? Agora pelo menos um fantasma, o monstro, acabou: esse seu “antigo”, seu homem indiscutível e fatal, desapareceu sem deixar vestígios. O terrível fantasma de repente se transformou em algo tão pequeno, tão cômico; ele foi carregado à mão para o quarto e trancado com uma chave. Isso nunca mais voltará. Ela está com vergonha, e pelos olhos dela ele agora vê claramente quem ela ama. Bom, agora eu só quero viver e... e não posso viver, não posso, ah, droga! “Deus, reanima o homem prostrado na cerca! Passe por mim este copo terrível! Afinal, você fez milagres, Senhor, por pecadores como eu! Bem, bem, e se o velho estiver vivo? Ah, então vou destruir a vergonha do resto da vergonha, vou devolver o dinheiro roubado, vou devolvê-lo, vou tirá-lo do chão... Não restará nenhum vestígio de vergonha, exceto no meu coração para sempre! Mas não, não, oh, sonhos covardes impossíveis! ah, maldição!

Mas ainda assim, era como se um raio de esperança brilhasse para ele na escuridão. Ele deu um pulo e correu para a sala - para ela, para ela de novo, para sua rainha para sempre! “É realmente que uma hora, um minuto de seu amor não vale o resto de sua vida, mesmo no auge da vergonha?” Esta pergunta selvagem capturou seu coração. “Para ela, só para ela, para vê-la, ouvi-la e não pensar em nada, esquecer tudo, mesmo que só por esta noite, por uma hora, por um momento!” Pouco antes de entrar no vestíbulo, ainda na galeria, ele encontrou o proprietário Trifon Borisych. Ele parecia um tanto sombrio e preocupado e, ao que parecia, iria procurá-lo.

- O que você é, Borisych, não estava me procurando?

“Não, senhor, você não”, o proprietário de repente pareceu surpreso, “por que eu deveria procurar por você?” E você... onde estava, senhor?

-Por que você é tão chato? você não está com raiva? espere, você irá para a cama logo... Que horas são?

- Sim, serão três horas. Deve até haver um quarto.

— Conchim, conchim.

- Pelo amor de Deus, nada, senhor. Mesmo que você queira...

"O que há de errado com ele?" Mitya pensou brevemente e correu para a sala onde as meninas dançavam. Mas ela não estava lá. Também não havia nenhum na sala azul; Apenas Kalganov cochilava no sofá. Mitya olhou por trás das cortinas - ela estava lá. Ela sentou-se no canto, sobre um baú, e, curvando-se com as mãos e a cabeça na cama ao lado, chorou amargamente, segurando-se com todas as forças e escondendo a voz para que não fossem ouvidas. Ao ver Mitya, ela acenou para ele e, quando ele correu, ela agarrou sua mão com força.

- Mitya, Mitya, eu o amei! - ela começou a sussurrar, - ela o amou tanto, todos os cinco anos, tudo, todo esse tempo! Eu o amava ou apenas minha raiva? Não, ele! ah, ele! Estou mentindo que amei apenas a minha raiva, e não a dele! Mitya, eu tinha apenas dezessete anos na época, ele era tão carinhoso comigo naquela época, tão alegre, cantava músicas para mim... Ou ele me parecia tão estúpido então, uma menina... E agora, Senhor, não é o mesmo, nem ele. E o rosto não é ele, não é ele mesmo. Eu nem o reconheci pelo rosto. Eu estava dirigindo aqui com o Timofey e fiquei pensando, durante todo o caminho pensei: “Como vou conhecê-lo, vou dizer alguma coisa, como vamos nos olhar?..” Minha alma inteira congelou, e aqui estava ele, como se alguém da gangue o tivesse encharcado com sujeira. É como se a professora falasse: tudo é tão aprendido e importante, eu achei tão importante, e aí fiquei perplexo. Não há onde colocar palavras. A princípio pensei que ele tinha vergonha daquele seu longo pólo. Sento-me, olho para eles e penso: por que não consigo falar com ele agora? Sabe, quem o mimou foi a mulher dele, aquela com quem ele me deixou e se casou... Foi ela quem o mudou ali. Mitya, que pena! Ah, tenho vergonha, Mitya, tenho vergonha, ah, tenho vergonha de toda a minha vida! Malditos, malditos sejam esses cinco anos, malditos! “E ela começou a chorar de novo, mas não largou a mão de Mitya, ela a segurou com força.

“Mitya, meu querido, espere, não vá, quero dizer uma palavra para você”, ela sussurrou e de repente ergueu o rosto para ele. - Escute, me diga, quem eu amo? Eu amo uma pessoa aqui. Que pessoa é essa? é isso que você me diz. “Um sorriso iluminou seu rosto, inchado de lágrimas, seus olhos brilhavam na penumbra. “Agora mesmo um falcão apareceu e meu coração afundou. “Você é um tolo, é isso que você ama”, foi o que meu coração sussurrou imediatamente. Você entrou e iluminou tudo. Do que ele tem medo? - Pensar. Mas você estava com medo, com muito medo, não conseguia falar. Não acho que ele tenha medo deles, mas de quem você pode ter medo? Sou de mim que ele tem medo, acho que só de mim. Bem, Fenya lhe contou, seu idiota, como gritei pela janela para Alyosha que amei Mitenka por uma hora, e agora vou amar... outra pessoa. Mitya, Mitya, como eu poderia, tão idiota, pensar que amo outra pessoa depois de você! Você me perdoa, Mitya? Você me perdoa ou não? Você ama? Você ama?

Ela deu um pulo e agarrou-o pelos ombros com as duas mãos. Mitya parecia mudo de alegria em seus olhos, rosto, sorriso e, de repente, abraçando-a com força, correu para beijá-la.

- Você vai me perdoar por te atormentar? Eu atormentei todos vocês por despeito. Eu deliberadamente deixei o velho louco de raiva... Você se lembra daquela vez que bebeu na minha casa e quebrou o copo? Lembrei-me disso e hoje também quebrei meu copo e bebi ao “meu vil coração”. Mitya, falcão, por que você não me beija? Uma vez ele beijou e se afastou, olhando, ouvindo... Por que me escutar! Beije-me, beije-me com mais força, assim. Amar, amar! Serei seu escravo agora, um escravo para o resto da vida! É doce ser escravo!.. Beijo! Me bata, me torture, faça o que comigo... Ah, sim, você realmente precisa me torturar... Pare! Espere, então, eu não quero fazer isso...” ela o empurrou de repente: “Vá embora, Mitka, agora vou ficar bêbado, quero ficar bêbado, agora vou dançar bêbado, eu quero, eu quero!

Ela se afastou dele por trás das cortinas. Mitya a seguiu como um bêbado. “Sim, deixe estar, deixe estar, não importa o que aconteça agora, vou desistir do mundo inteiro em um minuto”, passou por sua cabeça. Grushenka realmente bebeu outra taça de champanhe de um só gole e de repente ficou embriagado. Ela sentou-se na cadeira, no mesmo lugar, com um sorriso feliz. Suas bochechas estavam coradas, seus lábios estavam quentes, seus olhos brilhantes ficaram salgados, seu olhar apaixonado acenava. Até Kalganov parecia ter sido mordido por algo no coração e se aproximou dela.

"Você ouviu como eu te beijei agora há pouco, enquanto você estava dormindo?" - ela balbuciou para ele. "Estou bêbado agora, é isso... Você não está bêbado?" Por que Mitya não bebe? Por que você não bebe, Mitya, eu bebi, mas você não bebe...

- Bêbado! E tão bêbado... bêbado de você, e agora também quero vinho. - Bebeu outro copo e - pareceu-lhe estranho - foi só deste último copo que ficou embriagado, de repente ficou embriagado, e até então estava sóbrio, ele mesmo se lembrava. A partir desse momento, tudo começou a girar em torno dele como se estivesse em delírio. Ele caminhou, riu, conversou com todo mundo e tudo isso como se não se lembrasse de si mesmo. Apenas uma sensação de imobilidade e queimação o afetava a cada minuto, “como uma brasa na alma”, lembrou ele mais tarde. Ele se aproximou dela, sentou-se ao lado dela, olhou para ela, ouviu-a... Ela ficou terrivelmente falante, chamou todos para ela, de repente chamou uma garota do coral para ela, ela se aproximou, e ela a beijou e deixou-a ir, ou às vezes batizou-a com a mão. Mais um minuto e ela poderia ter chorado. O “velho”, como ela chamava Maksimov, também a divertia muito. Ele constantemente corria para beijar as mãos dela “e todos os dedos” e, no final, dançava outra dança ao som de uma música antiga, que ele mesmo cantava. Em particular, ele dançou apaixonadamente ao longo do refrão:

Porco, oink, oink, oink, oink,  
Garota moo-moo, moo-moo,  
Pato qua-qua, qua-qua,  
Ganso ha-ha, ha-ha.  
  
A galinha caminhou ao redor do dossel,  
Tyuryu-ryu, ryu-ryu, repreendido,  
Ai, ai repreendido!

“Dê-lhe alguma coisa, Mitya”, disse Grushenka, “dê-lhe alguma coisa, porque ele é pobre”. Oh, pobre, ofendido!.. Você sabe, Mitya, eu irei para o mosteiro. Não, sério, eu irei algum dia. Alyosha disse-me palavras para o resto da minha vida hoje... Sim... E hoje vamos dançar. Amanhã iremos ao mosteiro e hoje dançaremos. Quero pregar peças, gente boa, e daí, Deus vai me perdoar. Se eu fosse Deus, perdoaria todas as pessoas: “meus queridos pecadores, a partir de hoje eu perdôo a todos”. E vou pedir perdão: “Perdoe-me, gente boa, sou uma mulher estúpida, é isso”. Eu sou uma fera, é isso. Mas eu quero orar. Servi a cebola. Um vilão como eu quer orar! Mitya, deixe-os dançar, não interfira. Todas as pessoas no mundo são boas, cada uma delas. Bom no mundo. Embora sejamos maus, há coisas boas no mundo. Somos maus e bons, e maus e bons... Não, diga-me, e eu pergunto a vocês, venham todos e eu pergunto: digam-me isto: por que sou tão bom? Estou bem, estou muito bem... Bom, por que estou tão bem? - Então Grushenka balbuciou, ficando cada vez mais embriagada, e finalmente anunciou diretamente que agora ela mesma queria dançar. Ela se levantou da cadeira e cambaleou: “Mitya, não me dê mais vinho, se eu pedir, não dê”. O vinho não lhe dá paz de espírito. E tudo está girando, e o fogão, e tudo está girando. Eu quero dançar. Que todos vejam como eu danço... quão bem e lindamente eu danço...

A intenção era séria: ela tirou do bolso um lenço de cambraia branca e pegou-o pela ponta com a mão direita para agitá-lo enquanto dançava. Mitya começou a se agitar, as meninas ficaram em silêncio, preparando-se para começar um coro de dança no primeiro momento. Maksimov, ao saber que Grushenka quer dançar sozinha. Ele gritou de alegria e começou a pular na frente dela, cantando:

As pernas são finas, os lados estão tocando,  
A cauda é ondulada.

Mas Grushenka acenou para ele com um lenço e o expulsou:

- Shh! Mitya, por que eles não vêm? Que todos venham... observem. Chame aqueles de trancados também... Por que você os trancou? Diga a eles que estou dançando, deixe-os me ver dançar...

Mitya, com um floreio de bêbado, caminhou até a porta trancada e começou a bater nos cavalheiros com o punho.

- Ei você... Podvysotsky! Saia, ela quer dançar, ela está te chamando.

- Laidak! - gritou um dos senhores em resposta.

- E você é um furtivo! Seu pequeno curandeiro; isso é quem você é.

“Você deveria parar de zombar da Polônia”, observou Kalganov sentenciosamente, também muito embriagado.

- Cale a boca, garoto! Se lhe disse que ele era um canalha, não significa que disse a toda a Polónia que ele era um canalha. Não constitui um único leigo da Polônia. Fique quieto, menino bonito, coma o doce.

- Ah, o que! Definitivamente não são pessoas. O que eles não querem tolerar? - disse Grushenka e saiu para dançar. O coro explodiu: “Oh, você é meu dossel”. Grushenka jogou a cabeça para trás, abriu os lábios, sorriu, acenou com o lenço e, de repente, balançando violentamente no lugar, ficou perplexa no meio da sala.

“Fraco...” ela disse com uma voz um tanto exausta: “Sinto muito, sou fraca, não posso... sou culpada...”

Ela fez uma reverência ao coro e depois começou a se curvar para os quatro lados:

"A culpa é minha... me desculpe..."

“Ela está bêbada, senhora, ela está bêbada, moça bonita”, vozes foram ouvidas.

“Eles ficaram bêbados, senhor”, explicou Maximov às meninas, rindo.

“Mitya, leve-me... leve-me, Mitya”, disse Grushenka, impotente. Mitya correu até ela, agarrou-a nos braços e correu com seu precioso butim para trás das cortinas. “Bem, vou embora agora”, pensou Kalganov e, saindo da sala azul, fechou as duas metades da porta atrás de si. Mas a festa no salão trovejou e continuou, trovejando ainda mais alto. Mitya deitou Grushenka na cama e beijou-a nos lábios.

“Não me toque...” ela balbuciou para ele com uma voz suplicante, “não me toque até que eu não seja sua... Ela disse que é seu, mas não me toque... tenha piedade ... Na frente deles, perto deles, você não pode.” Ele está aqui. É nojento aqui...

- Obediente! Eu não acho... estou pasmo!.. - Mitya murmurou. - Sim, é nojento aqui, ah, desprezível. - E, sem soltá-la de seu abraço, ele caiu no chão ao lado da cama, de joelhos.

“Eu sei que mesmo sendo uma fera, você é nobre”, Grushenka pronunciou pesadamente: “Deve ser justo... de agora em diante será justo... e que nós também devemos ser honestos, que nós também devemos sejam gentis, não bestas, mas gentis... Leve-me embora, leve-me para longe, você ouviu... Eu não quero estar aqui, mas longe, muito longe...

- Ah sim, sim, com certeza! - Mitya apertou-a nos braços, - vou te levar embora, vamos voar para longe... Ah, vou dar a minha vida inteira por um ano agora, só para não saber desse sangue!

- Que sangue? - Grushenka disse perplexo.

- Nada! - Mitya disse asperamente. - Pear, você quer ser sincero, mas eu sou um ladrão. Roubei dinheiro da Katya... Que vergonha, que vergonha!

- Na casa de Katka? Isto é da jovem? Não, você não roubou. Dê a ela, tire de mim... Por que você está gritando? Agora tudo que é meu é seu. Para que precisamos de dinheiro? Sem isso vamos estragar tudo... Esses assim não estragam. E iremos com você para arar melhor a terra. Quero raspar a terra com estas mãos. Você tem que trabalhar, ouviu? Aliócha ordenou. Eu não serei seu amante. Serei fiel a você, serei seu escravo, trabalharei para você. Iremos até a jovem e ambos nos curvaremos para que ela nos perdoe e partiremos. Se ele não nos perdoar, iremos embora de qualquer maneira. E você pega o dinheiro dela, mas me ama... Mas não a ama. Não a ame mais. Se você se apaixonar, eu vou estrangulá-la... vou arrancar os dois olhos dela com uma agulha...

- Eu te amo, você sozinho, vou te amar na Sibéria...

- Por que ir para a Sibéria? Bem, se você quer ir para a Sibéria, é tudo igual... vamos trabalhar... há neve na Sibéria... adoro dirigir na neve... e para que haja uma campainha... Faça você ouve o sino tocando... Onde esse sino está tocando? Algumas pessoas estão vindo... então parou de tocar.

Ela fechou os olhos desamparadamente e de repente pareceu adormecer por um minuto. A campainha realmente tocou em algum lugar distante e de repente parou de tocar. Mitya apoiou a cabeça no peito dela. Ele não percebeu como a campainha parou de tocar, mas também não percebeu como as músicas pararam de repente, e no lugar das músicas e do rebuliço da embriaguez, um silêncio aparentemente mortal reinou por toda a casa.

- O que é isso, eu estava dormindo? Sim... a campainha... eu estava dormindo e tive um sonho: era como se estivesse dirigindo na neve... a campainha tocava e eu cochilava. Com uma pessoa querida, é como se eu fosse com você. E longe, muito longe... Eu te abracei e beijei, aninhei-me em você, é como se eu estivesse com frio, mas a neve brilha... Você sabe, quando a neve brilha à noite, e a lua olha, e é como se eu estivesse em algum lugar fora do chão... acordei, e meu querido estava por perto que bom...

“Ao lado”, murmurou Mitya, beijando seu vestido, seios e mãos. E de repente algo estranho lhe pareceu: pareceu-lhe. que ela estava olhando para frente, mas não para ele, não para seu rosto, mas por cima de sua cabeça, atentamente e estranhamente imóvel. A surpresa apareceu de repente em seu rosto, quase medo.

- Mitya, quem é aquele que está olhando aqui para nós? - ela sussurrou de repente. Mitya se virou e viu que alguém havia realmente aberto a cortina e parecia estar cuidando deles. Sim, e não sozinho, ao que parece. Ele deu um pulo e rapidamente deu um passo em direção ao observador.

“Aqui, por favor, junte-se a nós aqui”, disse a voz de alguém, não em voz alta, mas com firmeza e insistência.

Mitya saiu de trás da cortina e ficou imóvel. A sala inteira estava cheia de pessoas, não de velhos, mas de pessoas completamente novas. Um arrepio instantâneo percorreu sua espinha e ele estremeceu. Ele reconheceu todas essas pessoas em um instante. Esse velho alto e rechonchudo, de casaco e boné com cocar, é o policial Mikhail Makarych. E esse dândi “tuberculose” arrumado, “sempre com botas tão bem limpas” é amigo do promotor. “Ele tem um cronômetro que vale quatrocentos rublos, ele mostrou.” E esse jovem, baixinho, de óculos... Mitya só esqueceu o sobrenome, mas também o conhece, viu: é um investigador, um investigador judicial, “do Departamento Jurídico”, que chegou recentemente. E este aqui é o policial, Mavriky Mavrikich, ele já sabe disso, é uma pessoa familiar. Bom, e esses com plaquinhas, para que servem? E mais dois caras... E ali na porta estão Kalganov e Trifon Borisych...

- Senhores... O que estão fazendo, senhores? - Mitya ia dizer, mas de repente, como se estivesse fora de si, como se não estivesse sozinho, exclamou em voz alta, a plenos pulmões:

- Eu-nós-temos!

Um jovem de óculos de repente deu um passo à frente e, aproximando-se de Mitya, começou, embora digno, mas um pouco como se estivesse com pressa:

- Temos que ir até você... enfim, vou te pedir aqui, aqui, no sofá... É urgente te explicar as coisas.

- Velho! - Mitya gritou freneticamente, - o velho e seu sangue!.. Não sei!

E como se tivesse sido derrubado, sentou-se, como se tivesse caído, na cadeira que estava ali perto.

- Entender? Entendido! Parricida e monstro, o sangue do seu velho pai clama por você! - rugiu o velho policial de repente, aproximando-se de Mitya. Ele estava fora de si, ficou roxo e tremia todo.

- Mas isso é impossível! - gritou o jovem. - Mikhail Makarych, Mikhail Makarych! Não é assim, não é assim, senhor!.. Por favor, permita-me falar sozinho... Eu nunca poderia esperar tal episódio de sua parte...

- Mas isso é um absurdo, senhores, um absurdo! - exclamou o policial, - olhe para ele: de noite, bêbado, com uma garota dissoluta e no sangue do pai... Bobagem! delírio!

“Vou pedir-lhe com todas as minhas forças, meu querido, Mikhail Makarych, que desta vez contenha seus sentimentos”, sussurrou rapidamente o camarada do promotor para o velho, “caso contrário, serei forçado a aceitar...

Mas o pequeno investigador não me deixou terminar; ele se virou para Mitya e disse com firmeza, voz alta e importante:

“Sr. Tenente aposentado Karamazov, devo informá-lo que você é acusado do assassinato de seu pai, Fyodor Pavlovich Karamazov, que aconteceu naquela noite...

Ele também disse mais alguma coisa, e o promotor parecia ter estragado alguma coisa, mas embora Mitya estivesse ouvindo, ele não os entendia mais. Ele olhou para todos eles com um olhar selvagem...

I. O início da carreira de um oficial Perkhotin

Piotr Ilyich Perkhotin, a quem deixamos bater com toda a força nos fortes portões trancados da casa do comerciante Morozova, acabou, é claro, por finalmente passar. Ao ouvir uma batida tão frenética no portão, Fenya, tão assustada há duas horas e ainda não ousando ir para a cama de excitação e “pensamentos”, agora estava assustada novamente, quase ao ponto da histeria: ela imaginou que Dmitry Fedorovich estava batendo novamente (apesar de eu mesmo ter visto como ele saiu), porque ninguém poderia bater tão “atrevidamente” exceto ele. Ela correu até o zelador acordado, que já estava batendo no portão, e começou a implorar que não o deixasse entrar. Mas o zelador questionou o homem que batia e, sabendo quem ele era e que queria falar com Feodosia Markovna sobre um assunto muito importante, finalmente decidiu abrir a porta para ele. Tendo entrado na casa de Fedosya Markovna na mesma cozinha, e “por uma questão de confusão”, ela implorou a Pyotr Ilyich que permitisse a entrada do zelador, Pyotr Ilyich começou a questioná-la e imediatamente chegou ao mais importante: isto é, que Dmitry Fedorovich , correndo em busca de Grushenka, capturada do almofariz e do pilão, e voltou sem o pilão, mas com as mãos ensanguentadas: “E o sangue ainda pingava, e pingava deles, e pingava!” exclamou Fenya, que obviamente criou esse fato terrível em sua imaginação desordenada. Mas o próprio Piotr Ilyich viu as mãos ensanguentadas, embora não estivessem pingando, e ele mesmo ajudou a lavá-las, e a questão não era com que rapidez elas secaram, mas para onde exatamente Dmitry Fedorovich correu com o pilão, isto é, provavelmente para Fyodor Pavlovich, e do que isso pode ser concluído de forma tão decisiva? Piotr Ilyich insistiu neste ponto em detalhes e, embora, como resultado, não soubesse de nada com certeza, ainda assim saiu com quase a convicção de que Dmitry Fedorovich não poderia correr para lugar nenhum, exceto para a casa de seus pais, e que, portanto, algo estava fadado a acontecer. acontecer lá. “E quando ele voltou”, acrescentou Fenya com entusiasmo, “e eu confessei tudo para ele, comecei a perguntar-lhe: por que, meu querido, Dmitry Fedorovich, há sangue em ambas as mãos, então ele supostamente respondeu a ela assim : o que é isso sangue humano e que ele tinha acabado de matar um homem - ele confessou, então se arrependeu de tudo para mim, e de repente saiu correndo feito um louco. Sentei-me e comecei a pensar: para onde ele correu feito um louco agora? Ele irá para Mokroe, eu acho, e matará a senhora de lá. Corri até o apartamento dele para implorar que não matasse a senhora, mas olhei nas lojas dos Carpinteiros e vi que ele já estava indo embora e que não havia sangue nas mãos” (Fenya notou e lembrou disso.) O velha, avó de Fenya, na medida do possível, confirmou todo o depoimento da neta. Depois de fazer mais algumas perguntas, Piotr Ilitch saiu de casa ainda mais excitado e ansioso do que quando entrou.

Parece que o mais direto e próximo seria ele ir agora à casa de Fyodor Pavlovich, para saber se alguma coisa aconteceu lá, e se aconteceu, então o que exatamente, e, já tendo sido inegavelmente convencido, então vá apenas ao policial, como ele já havia decidido firmemente Pyotr Ilyich. Mas a noite estava escura, o portão de Fyodor Pavlovich era forte, ele teve que bater de novo, ele conhecia Fyodor Pavlovich de longe - e então ele bateu, eles abriram para ele, e de repente nada aconteceu lá, e o zombeteiro Fyodor Pavlovich iria amanhã para conte uma piada pela cidade, como à meia-noite um oficial desconhecido, Perkhotin, irrompeu em sua porta para descobrir se alguém o havia matado. Escândalo! Piotr Ilitch temia um escândalo mais do que qualquer outra coisa no mundo. No entanto, o sentimento que o levou embora foi tão forte que ele, batendo o pé no chão com raiva e novamente se amaldiçoando, imediatamente correu para um novo caminho, mas não para Fyodor Pavlovich, mas para a Sra. Se ela, pensou ele, responder à pergunta: ela deu três mil agora mesmo, em tal e tal hora, para Dmitry Fedorovich, então se a resposta for negativa, ele irá imediatamente ao policial, sem ir até Fyodor Pavlovich ; caso contrário, ele deixará tudo para amanhã e voltará para sua casa. Aqui, é claro, parece diretamente que na decisão do jovem de ir à noite, quase às onze horas, à casa de uma senhora da sociedade completamente desconhecida para ele, para tirá-la da cama, talvez, a fim de faça-lhe uma pergunta, surpreendente em suas circunstâncias, havia, talvez, muito mais chances de causar um escândalo do que ir até Fyodor Pavlovich. Mas isso acontece às vezes, principalmente em casos como este, com decisões das pessoas mais precisas e fleumáticas. Piotr Ilitch, naquele momento, não era mais uma pessoa fleumática! Durante toda a sua vida, ele lembrou mais tarde como a ansiedade irresistível que gradualmente tomou conta dele finalmente atingiu o ponto de tormento nele e o levou embora mesmo contra sua vontade. Claro, ele ainda se repreendeu por ter ido até essa senhora, mas “Vou até o fim, vou até o fim!” ele repetiu pela décima vez, rangendo os dentes, e cumpriu sua intenção - ele a completou.

Eram exatamente onze horas quando ele entrou na casa da Sra. Khokhlakova. Deixaram-no entrar no quintal bem rápido, mas quando questionado se a senhora já estava dormindo ou ainda não tinha ido para a cama, o zelador não soube responder exatamente, exceto que nessa hora eles costumam ir para a cama. - “Lá em cima, reporte; Se eles quiserem aceitar você, eles aceitarão você, mas se não quiserem, não aceitarão você.” Pyotr Ilyich subiu ao topo, mas depois as coisas ficaram mais difíceis. O lacaio não quis denunciar, então finalmente ligou para a garota. Piotr Ilyich pediu educadamente, mas com urgência, que ela informasse à senhora que, dizem, um funcionário local, Perkhotin, veio tratar de um assunto especial e, se não fosse por um assunto tão importante, ele não teria ousado vir - “exatamente, relate exatamente com estas palavras”, ele perguntou que era uma menina. Ela foi embora. Ele permaneceu esperando no corredor. A própria Sra. Khokhlakova, embora ainda não tivesse dormido, já estava em seu quarto. Ela estava perturbada desde a visita a Mitya e já tinha o pressentimento de que naquela noite teria a enxaqueca habitual nesses casos. Depois de ouvir o relato da menina e ficar surpresa, ela, no entanto, ordenou irritadamente que recusasse, apesar de a visita inesperada a tal hora de um “funcionário local” desconhecido para ela ter interessado muito a curiosidade de sua senhora. Mas desta vez Piotr Ilyich persistiu como uma mula: depois de ouvir a recusa, ele pediu com extrema persistência para relatar novamente e transmitir precisamente “com estas mesmas palavras” que ele estava “tratando de um assunto extremamente importante, e eles próprios podem se arrepender mais tarde se agora eles eles não o aceitarão." “Era como se eu estivesse voando de uma montanha”, ele mesmo disse mais tarde. A empregada, olhando para ele surpresa, foi relatar novamente. A senhora Khokhlakova ficou maravilhada, pensou a respeito, perguntou como ele era e descobriu que “eles estão muito bem vestidos, senhor, são jovens e muito educados”. Notemos entre parênteses e de passagem que Piotr Ilitch era um jovem muito bonito e sabia disso sobre si mesmo. A Sra. Khokhlakova decidiu sair. Ela já estava de roupão e sapatos, mas havia jogado um xale preto sobre os ombros. O “funcionário” foi convidado a entrar na sala, a mesma em que Mitya havia sido recebido agora há pouco. A anfitriã dirigiu-se ao convidado com um olhar severamente questionador e, sem convidá-lo a sentar-se, começou diretamente com a pergunta: “O que você quer?”

“Decidi incomodá-la, senhora, por causa de nosso amigo em comum Dmitry Fedorovich Karamazov”, começou Perkhotin, mas acabara de pronunciar esse nome, quando de repente o rosto da anfitriã mostrou forte irritação. Ela quase gritou e o interrompeu furiosamente.

“Quanto tempo, quanto tempo serei atormentado por este homem terrível?” - ela gritou freneticamente. “Como você ousa, caro senhor, como você decidiu incomodar uma senhora que você não conhece na casa dela e a tal hora... e vir até ela para falar sobre o homem que, aqui mesmo, nesta mesma vida quarto, há apenas três horas, veio me matar, bateu e saiu como se ninguém saísse de uma casa decente? Saiba, caro senhor, que vou reclamar de você, que não vou decepcioná-lo, se por favor me deixe agora mesmo... eu sou mãe, vou imediatamente... eu... eu...

- Matar! Então ele queria matar você também?

- Ele já matou alguém? - Sra. Khokhlakova perguntou rapidamente.

“Por favor, ouça, senhora, só por meio minuto, e explicarei tudo para você em poucas palavras”, respondeu Perkhotin com firmeza. “Hoje, às cinco horas da tarde, o Sr. Karamazov me emprestou dez rublos, de maneira camarada, e tenho certeza que ele não tinha dinheiro, e hoje às nove horas ele veio até mim, carregando um maço de dinheiro em suas mãos à vista.” Notas de cem rublos, cerca de dois ou até três mil rublos. Suas mãos e rosto estavam ensanguentados, mas ele próprio parecia louco. Quando perguntei onde ele conseguiu tanto dinheiro, ele respondeu com precisão que o havia tirado de você agora há pouco e que você lhe havia emprestado a quantia de três mil para que ele supostamente pudesse ir para as minas de ouro...

O rosto de Madame Khokhlakova de repente expressou uma excitação extraordinária e dolorosa.

- Deus! Foi ele quem matou seu velho pai! - ela gritou, levantando as mãos. “Eu não dei nenhum dinheiro a ele, de jeito nenhum!” Oh, corra, corra!.. Não diga mais nada! Salve o velho, corra para o pai dele, corra!

- Com licença, senhora, então você não deu dinheiro para ele? Você se lembra com firmeza de que não deu nenhuma quantia a ele?

- Eu não dei, eu não dei! Recusei porque ele não sabia avaliar. Ele saiu furioso e bateu os pés. Ele correu para mim e eu pulei para trás... E vou te contar uma coisa, como uma pessoa de quem não pretendo mais esconder nada, que ele até cuspiu em mim, você pode imaginar isso? Mas por que estamos de pé? Ah, sente-se... Desculpe, eu... Ou melhor ainda, corra, corra, você precisa correr e salvar o infeliz velho de uma morte terrível!

- Mas e se ele o matasse?

- Ah, meu Deus, sério! Então, o que vamos fazer agora? O que você acha que deveria ser feito agora?

Enquanto isso, ela fez Piotr Ilitch sentar-se e sentou-se à sua frente. Piotr Ilitch descreveu-lhe brevemente, mas com bastante clareza, a história do caso, pelo menos aquela parte da história que ele próprio testemunhou hoje, contou-lhe sobre sua atual visita a Feni e contou-lhe as notícias sobre o pilão. Todos esses detalhes chocaram a senhora emocionada, que gritou e cobriu os olhos com as mãos...

- Imagine, eu tive um pressentimento de tudo isso! Sou presenteado com esta propriedade; tudo o que imagino que acontecerá. E quantas vezes olhei para esse homem terrível e sempre pensei: esse é o homem que vai acabar me matando. E assim aconteceu... Ou seja, se ele agora não me matou, mas apenas o pai dele, provavelmente porque havia um dedo visível de Deus me protegendo, e além disso, ele tinha vergonha de se matar, porque eu estava aqui há ele, neste lugar, coloquei um ícone com as relíquias de Bárbara, a Grande Mártir, em meu pescoço... E como eu estava perto da morte naquele momento, na verdade cheguei até ele, até ele, e. ele esticou o pescoço inteiro para mim! Você sabe, Pyotr Ilyich... (desculpe, acho que você disse que seu nome é Pyotr Ilyich), você sabe, eu não acredito em milagres, mas este ícone e este milagre óbvio estão comigo agora - isso me choca, e Estou começando a acreditar em tudo de novo, seja lá o que for. Você já ouviu falar do Ancião Zósima?.. “Mas não sei o que estou dizendo... E imagine, ele até cuspiu em mim com o ícone no pescoço... Claro que ele apenas cuspiu, e não fez isso. não matar, e... e foi daí que ele galopou! Mas para onde vamos, para onde vamos agora, o que você acha?

Piotr Ilyich levantou-se e anunciou que agora iria direto ao policial e lhe contaria tudo, e então como ele mesmo sabe.

- Ah, essa é uma pessoa maravilhosa, maravilhosa, eu conheço Mikhail Makarovich. Definitivamente vá até ele. Como você é engenhoso, Pyotr Ilyich, e como você criou tudo bem; Você sabe, eu não teria inventado isso se fosse você!

“Além disso, eu mesmo sou um bom conhecido do policial”, observou Piotr Ilyich, ainda de pé e aparentemente querendo escapar rapidamente da senhora impetuosa, que não permitiu que ele se despedisse dela e fosse embora.

“E você sabe, você sabe”, ela balbuciou, “venha me dizer o que você verá e descobrirá por aí... e o que será revelado... e como ele será decidido e onde será sentenciado.” Diga-me, não temos pena de morte? Mas não deixe de vir, nem que seja às três da manhã, nem às quatro, nem às quatro e meia... Manda que eu me acorde, me empurre, se eu não me levantar... Ah, meu Deus. , nem vou dormir. Você sabe, eu não deveria ir com você pessoalmente?

“N-não, senhor, mas se você escrevesse três linhas com sua própria mão agora, só para garantir, sobre o fato de que Dmitry Fedorovich não recebeu nenhum dinheiro, então poderia não estar fora do lugar... apenas em caso..."

- Definitivamente! - A Sra. Khokhlakova saltou com entusiasmo para sua mesa. - E você sabe, você me surpreende, você simplesmente me surpreende com sua desenvoltura e sua habilidade nesses assuntos... Você serve aqui? Que bom saber que você está servindo aqui...

E enquanto ainda dizia isso, ela rapidamente escreveu as seguintes três linhas grandes em meia folha de papel:

“Nunca em minha vida emprestei ao infeliz Dmitry Fedorovich Karamazov (já que ele ainda está infeliz) três mil rublos hoje, e nenhum outro dinheiro, nunca, nunca! Juro por tudo que é sagrado em nosso mundo.

Khokhlakov."

- Esta é a nota! - Ela rapidamente se virou para Pyotr Ilyich. - Vá e salve. Este é um grande feito de sua parte.

E ela o cruzou três vezes. Ela correu para acompanhá-lo até o hall de entrada.

- Como sou grato a você! Você não vai acreditar como estou grato a você agora que veio me ver primeiro. Por que não nos conhecemos? Ficaria muito lisonjeado em continuar recebendo você em minha casa. E como é bom saber que você serve aqui... e com tanta precisão, com tanta desenvoltura... Mas eles deveriam te valorizar, deveriam finalmente te entender, e acredite, tudo que eu poderia fazer por você.. .Oh, eu te amo muito jovem! Estou apaixonado pela juventude. Os jovens são a base de toda a nossa atual Rússia sofredora, de toda a sua esperança... Oh, vá, vá!..

Mas Piotr Ilyich já havia saído correndo, caso contrário ela não o teria deixado sair tão cedo. No entanto, a Sra. Khokhlakova causou-lhe uma impressão bastante agradável, o que até suavizou um pouco sua ansiedade por ele ter se envolvido em um negócio tão desagradável. Os gostos podem ser extremamente diversos, isso é sabido. “E ela não é tão velha assim”, pensou ele com prazer, “pelo contrário, eu a consideraria filha”.

Quanto à própria Sra. Khokhlakova, ela estava simplesmente fascinada pelo jovem. “Tanta habilidade, tanto rigor num homem tão jovem do nosso tempo, e tudo isto com tantos modos e aparência. Dizem dos jovens modernos que não sabem fazer nada, aqui está um exemplo, etc., etc.” Então ela simplesmente se esqueceu do “terrível incidente” e só quando estava indo para a cama e de repente se lembrando novamente “de quão perto estava da morte”, ela disse: “Oh, isso é terrível, terrível!” Mas ela imediatamente adormeceu no sono mais profundo e doce. No entanto, eu não teria começado a me debruçar sobre detalhes tão mesquinhos e episódicos se o encontro excêntrico que acabei de descrever por mim com uma viúva nada velha não tivesse posteriormente servido de base para toda a carreira deste jovem preciso e elegante, que ainda é lembrado com espanto em nossa cidade e sobre o qual talvez diremos uma palavra especial quando concluirmos nossa longa história sobre os irmãos Karamazov.

II. Ansiedade

Nosso policial, Mikhail Makarovich Makarov, tenente-coronel aposentado, renomeado conselheiro do tribunal, era um homem viúvo e bom. Ele veio até nós há apenas três anos, mas já conquistou a simpatia geral, o que é o principal. que ele “soube como unir a sociedade”. Ele nunca recebeu convidados e parecia que não poderia viver sem eles. Sem falta, alguém jantava com ele todos os dias, até dois, até mesmo um convidado, mas nem se sentavam à mesa sem convidados. Houve também jantares, sob todo o tipo de pretextos, por vezes até inesperados. A comida servida, embora não requintada, era farta, os kulebyaki eram excelentes e os vinhos, embora não brilhassem em qualidade, eram excelentes em quantidade. Na sala de entrada havia uma mesa de bilhar com um mobiliário muito decente, ou seja, até com imagens de cavalos de corrida ingleses em molduras pretas nas paredes, o que, como sabem, é uma decoração necessária para qualquer sala de bilhar para uma única pessoa. Todas as noites eles jogavam cartas, pelo menos em apenas uma mesa. Mas muitas vezes toda a melhor sociedade da nossa cidade, com mães e meninas, reunia-se para dançar. Embora Mikhail Makarovich fosse viúvo, ele vivia em família, tendo consigo sua filha viúva há muito tempo, por sua vez mãe de duas meninas, netas de Mikhail Makarovich. As meninas já eram adultas e haviam concluído os estudos, de aparência nada desagradável, de temperamento alegre e, embora todos soubessem que nada seria dado por elas, mesmo assim atraíram nossos jovens da alta sociedade para a casa do avô. Nos negócios, Mikhail Makarovich não estava totalmente distante, mas desempenhou sua posição não pior do que muitos outros. Para ser franco, ele era um homem pouco instruído e até descuidado em compreender claramente os limites do seu poder administrativo. Ele não só não conseguiu compreender plenamente outras reformas do reinado moderno, mas as compreendeu com alguns erros, às vezes muito perceptíveis, e não devido a alguma incapacidade especial sua, mas simplesmente devido ao descuido de seu caráter, porque ele não tive tempo de entender tudo. “Minha alma, senhores, é mais militar do que civil”, expressou-se. Mesmo sobre os fundamentos exatos da reforma camponesa, ele ainda não parecia ter adquirido um conceito final e firme, e aprendia sobre eles, por assim dizer, ano após ano, aumentando seus conhecimentos de forma prática e involuntária, e ainda assim ele próprio estava um proprietário de terras. Piotr Ilitch sabia com certeza que naquela noite certamente encontraria um dos convidados de Mikhail Makarovich, mas simplesmente não sabia quem exatamente. E, no entanto, naquele exato momento, o promotor e nosso médico zemstvo, Varvinsky, um jovem que acabara de chegar de São Petersburgo, um dos brilhantes graduados do curso da Academia Médica de São Petersburgo, estavam sentados com ele naquele momento atrás do embaralhamento. O promotor, isto é, o camarada do promotor, mas a quem todos chamávamos de promotor, Ippolit Kirillovich, era uma pessoa especial entre nós, não velho, apenas com cerca de trinta e cinco anos, mas muito propenso ao consumo, e ao mesmo tempo tempo casado com uma senhora muito gorda e sem filhos, orgulhosa e irritadiça, mas com uma mente muito respeitável e até uma alma bondosa. Parece que todo o problema com seu caráter era que ele se considerava um pouco mais elevado do que seus verdadeiros méritos permitiam. E é por isso que ele sempre parecia inquieto. Além disso, houve nele alguns esforços mais elevados e até artísticos, por exemplo, no sentido da psicologia, no sentido de um conhecimento especial da alma humana, no sentido de um dom especial para compreender o criminoso e o seu crime. Nesse sentido, considerava-se um tanto ofendido e preterido em seu serviço e sempre teve a certeza de que ali, nas esferas superiores, não o valorizavam, e que tinha inimigos. Em momentos sombrios, ele até ameaçou se tornar advogado criminal. O caso inesperado dos Karamazov sobre o parricídio pareceu abalá-lo: “O assunto é tal que toda a Rússia poderia ser conhecida”. Mas estou dizendo isso olhando para o futuro.

Na sala ao lado, com as jovens, estava sentado nosso jovem investigador judicial Nikolai Parfenovich Nelyudov, que havia chegado de São Petersburgo há apenas dois meses. Depois conversamos e até ficamos maravilhados com o fato de que todas essas pessoas pareciam se unir deliberadamente na noite do “crime” na casa do poder executivo. Enquanto isso, o assunto era muito mais simples e aconteceu com extrema naturalidade: outro dia a esposa de Ippolit Kirillovich estava com dor de dente e ele teve que fugir para algum lugar por causa dos gemidos dela; o médico, por sua própria natureza, não poderia estar em nenhum outro lugar à noite que não fosse jogando cartas. Nikolai Parfenovich Nelyudov, mesmo três dias antes, esperava chegar naquela noite a Mikhail Makarovich, por assim dizer, por acidente, para surpreender repentina e insidiosamente sua filha mais velha, Olga Mikhailovna, com o fato de ele saber seu segredo, de saber que hoje era o aniversário dela e que ela quis deliberadamente escondê-lo da nossa sociedade, para não convocar a cidade para um baile. Haveria muitas risadas e insinuações sobre sua idade, que ela supostamente estava com medo de descobri-los, que agora, como ele era o dono do segredo dela, contaria para todo mundo amanhã, e assim por diante. e assim por diante. O querido jovem era um grande safado nesse aspecto, nossas senhoras o chamavam de safado, e ele parecia gostar muito. Porém, ele era de muito boa sociedade, bom sobrenome, boa educação e bons sentimentos e, embora fosse um zhuir, era muito inocente e sempre decente. Na aparência, ele era de baixa estatura, fraco e de constituição delicada. Vários anéis extremamente grandes sempre brilhavam em seus dedos finos e pálidos. Quando cumpriu sua posição, tornou-se extraordinariamente importante, como se entendesse sua importância e suas responsabilidades até o ponto da sacralidade. Ele sabia especialmente como confundir assassinos e outros vilões do povo durante os interrogatórios e realmente despertou neles, se não o respeito próprio, pelo menos alguma surpresa.

Piotr Ilyich, ao entrar no gabinete do policial, ficou simplesmente pasmo: de repente viu que todos ali já sabiam. Na verdade, as cartas foram lançadas, todos se levantaram e raciocinaram, e até Nikolai Parfenovich veio correndo das jovens e tinha o olhar mais combativo e impetuoso. Pyotr Ilyich foi saudado com a surpreendente notícia de que o velho Fyodor Pavlovich foi real e verdadeiramente morto naquela noite em sua casa, morto e roubado. Isto só se tornou conhecido agora antes, da seguinte maneira.

Marfa Ignatievna, esposa de Gregório, que foi derrotada na cerca, embora dormisse profundamente em sua cama e pudesse dormir assim até de manhã, acordou de repente. Isso foi facilitado pelo terrível grito epiléptico de Smerdyakov, que estava inconsciente na sala ao lado - aquele grito com que sempre começavam seus ataques epilépticos e que sempre, ao longo de sua vida, assustou terrivelmente Marfa Ignatievna e teve um efeito doloroso sobre ela. Ela nunca poderia se acostumar com eles. Ela deu um pulo durante o sono e, quase sem memória, correu para o armário de Smerdyakov. Mas lá estava escuro, só se ouvia que o paciente começava a roncar terrivelmente e a bater. Então Marfa Ignatievna gritou e começou a ligar para o marido, mas de repente percebeu que Grigory estava na cama quando ela se levantou, como se ele não estivesse lá. Ela correu para a cama e sentiu de novo, mas a cama estava realmente vazia. Então ele foi embora, para onde ele foi? Ela correu para a varanda e chamou-o timidamente da varanda. Claro que não recebi resposta, mas no silêncio da noite ouvi alguns gemidos vindos de algum lugar, como se estivessem longe do jardim. Ela ouviu; os gemidos se repetiram novamente e ficou claro que realmente vinham do jardim. “Senhor, é como Lizaveta, a Fedorenta!” passou por sua cabeça frustrada. Ela desceu timidamente os degraus e viu que o portão do jardim estava aberto. “Ele deve ser o namorado lá”, pensou ela, caminhou até o portão e de repente ouviu claramente Gregory chamando-a, gritando: “Martha, Martha!” com uma voz fraca, gemendo e terrível. “Senhor, salve-nos do mal”, sussurrou Marfa Ignatievna e correu para atender e foi assim que encontrou Gregory. Mas ela não o encontrou na cerca, nem no local onde ele foi derrotado, mas já a vinte passos da cerca. Então descobriu-se que, ao acordar, ele engatinhou e provavelmente engatinhou por um longo tempo, perdendo a consciência várias vezes e caindo novamente na inconsciência. Ela imediatamente percebeu que ele estava coberto de sangue e então gritou obscenidades. Grigory balbuciou baixinho e incoerentemente: “Ele matou... ele matou o pai dele... por que você está gritando, seu idiota... corra, ligue...” Mas Marfa Ignatievna não parou e continuou gritando e de repente, vendo isso a janela do mestre estava aberta e havia luz na janela, ela correu até ele e começou a ligar para Fyodor Pavlovich. Mas, olhando pela janela, ela viu uma visão terrível: o mestre estava deitado de costas no chão, imóvel. O manto leve e a camisa branca no peito estavam manchados de sangue. A vela sobre a mesa iluminou intensamente o sangue e o rosto imóvel e morto de Fyodor Pavlovich. Neste momento, no último grau de horror, Marfa Ignatievna saiu correndo da janela, saiu correndo do jardim, abriu a fechadura do portão e correu precipitadamente em direção à sua vizinha Marya Kondratievna. As duas vizinhas, mãe e filha, já iam dormir, mas com as batidas intensas e frenéticas nas venezianas e os gritos de Marfa Ignatievna, acordaram e pularam para a janela. Marfa Ignatievna incoerentemente, gritando e gritando, porém, transmitiu o principal e pediu ajuda. Naquela mesma noite, o errante Thomas passou a noite com eles. Eles imediatamente o pegaram e os três correram para a cena do crime. No caminho, Marya Kondratyevna conseguiu lembrar que agora mesmo, às nove horas, ouviu um grito terrível e penetrante vindo do jardim deles por toda a vizinhança - e era, claro, o mesmo grito de Grigory quando ele, com com as mãos agarradas à perna de Dmitry Fedorovich, que já estava sentado em cima do muro, gritou: “Parricídio!” “Alguém começou a gritar e parou de repente”, mostrou Marya Kondratyevna. Tendo corrido até o local onde Gregório estava deitado, as duas mulheres, com a ajuda de Thomas, carregaram-no para o anexo. Eles acenderam uma fogueira e viram que Smerdyakov ainda não estava satisfeito e estava lutando em seu armário, ele semicerrou os olhos e espuma escorria de seus lábios. A cabeça de Gregório foi lavada com água e vinagre, e da água ele voltou a si e imediatamente perguntou: “O mestre está morto?” Ambas as mulheres e Foma foram então até o mestre e, entrando no jardim, desta vez viram que não só a janela, mas também a porta da casa para o jardim estava aberta, enquanto o próprio mestre se trancava firmemente à noite todos noite durante a semana passada e Ele nem mesmo permitiu que Gregory batesse em sua porta sob nenhuma circunstância. Vendo esta porta aberta, todos imediatamente, tanto as mulheres como Foma, ficaram com medo de ir até o mestre, caso contrário nada aconteceria.” E Gregory, quando voltaram, ordenou que corressem imediatamente até o próprio chefe de polícia. Foi então que Marya Kondratyevna correu e alarmou todos na sala do policial. A chegada de Piotr Ilyich foi antecipada em apenas cinco minutos, de modo que ele não apareceu mais com suas próprias suposições e conclusões, mas como uma testemunha óbvia, que com sua história confirmou ainda mais a suposição geral sobre quem era o criminoso (que, no entanto, no fundo de sua alma, ele neste último minuto, eu ainda me recusei a acreditar).

Decidimos agir com energia. O suboficial da polícia municipal foi imediatamente instruído a reunir até quatro testemunhas e, de acordo com todas as regras, que não descrevo mais aqui, elas entraram na casa de Fyodor Pavlovich, e a investigação foi realizada no local. O médico zemstvo, homem ardente e novo, quase pediu para acompanhar o policial, o promotor e o investigador. Deixe-me apenas observar brevemente: Fyodor Pavlovich acabou sendo completamente morto, com a cabeça quebrada, mas por quê? provavelmente com a mesma arma que mais tarde atingiu Gregory. E só então encontraram a arma, tendo ouvido de Gregory, a quem foi dada uma possível assistência médica, uma história bastante coerente, embora com voz fraca e quebrada, sobre como ele foi derrotado. Começaram a procurar com uma lanterna perto da cerca e encontraram um pilão de cobre jogado bem no caminho do jardim, bem à vista. No quarto em que estava deitado Fyodor Pavlovich, não notaram nenhuma desordem particular, mas atrás dos biombos, perto de sua cama, pegaram do chão um grande envelope tamanho escritório feito de papel grosso com a inscrição: “Um pequeno hotel de três mil rublos para meu anjo Grushenka, se ela quiser, venha”, e no final provavelmente foi acrescentado mais tarde, pelo próprio Fyodor Pavlovich: “e a galinha”. Havia três grandes selos de lacre vermelho no envelope, mas o envelope já estava rasgado e vazio: o dinheiro havia sido levado embora. Também encontraram no chão uma fina fita rosa com a qual estava amarrado o envelope. No depoimento de Piotr Ilyich, uma circunstância, entre outras, causou uma impressão extraordinária no promotor e no investigador, a saber: o palpite de que Dmitry Fedorovich certamente se mataria ao amanhecer, que ele mesmo decidiu isso, ele mesmo contou a Pyotr Ilyich sobre ele carregou a pistola na presença dele, um bilhete que eu escrevi, coloquei no bolso, etc. e assim por diante. Quando de Pyotr Ilyich, que ainda não queria acreditar nele, ameaçou que iria contar a alguém para impedir o suicídio, o próprio de Mitya, sorrindo, respondeu-lhe: “você não terá tempo”. Portanto, foi necessário correr até o local, em Mokroe, para capturar o criminoso antes que ele realmente decidisse atirar em si mesmo. “Está claro, está claro!” o promotor repetiu com extrema excitação: “é exatamente assim que esses moleques fazem: amanhã vou me matar e, antes de morrer, vou fazer uma folia”. A história de como ele tirou vinho e mercadorias da loja só inflamou ainda mais o promotor. “Lembrem-se daquele cara, senhores, que matou o comerciante Olsufiev, roubou-lhe mil e quinhentos e imediatamente foi, se enrolou, e aí, sem nem esconder bem o dinheiro, carregando-o quase nas mãos, foi até as meninas .” No entanto, todos foram detidos pela investigação, pela busca na casa de Fyodor Pavlovich, pelos formulários, etc. Tudo isso levou tempo e, portanto, cerca de duas horas antes dele, enviaram o policial Mavrikiy Mavrikievich Shmertsov a Mokroe, que havia chegado à cidade na manhã anterior para receber seu salário. Mavriky Mavrikievich recebeu instruções: ao chegar a Mokroe e, sem dar qualquer alarme, vigiar incansavelmente o “criminoso” até a chegada das autoridades competentes, bem como preparar testemunhas, policiais, etc. e assim por diante. Foi isso que Mavriky Mavrikievich fez, manteve-se incógnito e confidenciou apenas parcialmente a Trifon Borisovich, um velho conhecido seu, o segredo do assunto. Desta vez coincidiu precisamente com o momento em que Mitya encontrou no escuro da galeria o proprietário que o procurava, e ele imediatamente percebeu que Trifon Borisovich de repente teve algum tipo de mudança em seu rosto e fala. Assim, nem Mitya nem ninguém sabiam que estavam sendo vigiados; sua caixa com pistolas havia sido roubada por Trifon Borisovich e escondida em um lugar isolado. E só às cinco horas da manhã, quase de madrugada, é que todas as autoridades, o agente da polícia, o procurador e o investigador chegaram em duas carruagens e duas troikas. O médico permaneceu na casa de Fyodor Pavlovich, com a intenção de realizar uma autópsia no cadáver do homem assassinado pela manhã, mas estava mais interessado na condição do servo doente de Smerdyakov: “Convulsões epilépticas tão violentas e tão longas, repetidas continuamente por dois dias , raramente são vistos, e isso pertence à ciência”, disse emocionado aos companheiros que estavam de saída, e eles o parabenizaram, rindo, pela descoberta. Ao mesmo tempo, o promotor e o investigador lembraram-se muito bem de que o médico acrescentou no tom mais decisivo que Smerdyakov não viveria para ver a manhã.

Agora, depois de uma explicação longa, mas aparentemente necessária, voltamos precisamente ao ponto da nossa história em que a paramos no livro anterior.

III. A jornada da alma através de provações. Primeira provação

Então, Mitya sentou-se e olhou para os presentes com olhos selvagens, sem entender o que eles estavam dizendo a ele. De repente ele se levantou, ergueu as mãos e gritou bem alto:

- Não deveria! Neste sangue não deveria! Pelo sangue do meu pai eu não deveria... eu queria matar, mas não deveria! Eu não!

Mas assim que teve tempo de gritar isso, Grushenka saltou de trás das cortinas e caiu aos pés do policial.

“Sou eu, o maldito sou eu, a culpa é minha!” - gritou ela com um grito de partir a alma, toda em prantos, estendendo as mãos para todos, - foi por minha causa que ele matou!.. Fui eu quem o torturou e o trouxe até aqui! Eu até atormentei aquele pobre velho morto, por maldade, e o trouxe até este ponto! O culpado sou eu, o primeiro sou eu, o principal sou eu, o culpado sou eu!

- Sim, você é o culpado! Você é o principal criminoso! “Você está frenético, você é depravado, você é o principal culpado”, gritou o policial, ameaçando-a com a mão, mas depois se acalmou rápida e decisivamente. O promotor até o abraçou.

“Isso vai ser uma bagunça completa, Mikhail Makarovich”, ele gritou, “você está interferindo positivamente na investigação... você está arruinando o caso...” ele quase engasgou.

- Tome medidas, tome medidas, tome medidas! - Nikolai Parfenovich também começou a ferver terrivelmente, - é absolutamente impossível de outra forma!..

- Julgue-nos juntos! - Grushenka continuou exclamando freneticamente, ainda de joelhos. “Execute-nos juntos, agora irei com ele até a pena de morte!”

- Pêra, minha vida, meu sangue, meu santuário! - Mitya se jogou de joelhos ao lado dela e apertou-a com força em seus braços. “Não acredite nela”, gritou ele, “ela não tem culpa de nada, nem de sangue nem nada!”

Ele lembrou mais tarde que foi puxado dela à força por várias pessoas, e que ela foi levada embora de repente, e que ele voltou a si enquanto estava sentado à mesa. Ao lado e atrás dele estavam pessoas com placas. Sentado à sua frente, no sofá, estava Nikolai Parfenovich, o investigador judicial, e ele tentava convencê-lo a tomar um gole de água do copo sobre a mesa: “Isso vai te refrescar, isso vai te acalmar, não tenha medo, não se preocupe”, acrescentou extremamente educado. Mitya de repente, ele se lembrou disso, ficou terrivelmente curioso sobre seus anéis grandes, um de ametista e o outro de algum tipo de amarelo brilhante, transparente e com um brilho tão lindo. E por muito tempo depois lembrou com surpresa que esses anéis atraíam irresistivelmente seu olhar mesmo durante todas aquelas terríveis horas de interrogatório, de modo que por algum motivo ele não conseguia se desvencilhar deles e esquecê-los como algo completamente inadequado para sua posição. . À esquerda, ao lado de Mitya, no local onde Maksimov estava sentado no início da noite, o promotor sentou-se agora, e à direita de Mitya, no local onde Grushenka estava então, estava sentado um jovem corado, em uma espécie de jaqueta de caça e muito surrada, na frente da qual havia um tinteiro e papel. Acontece que era o escriturário do investigador, que ele trouxera consigo. O policial estava agora de pé junto à janela, no outro extremo da sala, ao lado de Kalganov, que também se sentou numa cadeira na mesma janela.

- Beba um pouco de água! — repetiu o investigador baixinho pela décima vez.

- Eu bebi, senhores, eu bebi... mas... bem, senhores, esmaguem, executem, decidam seu destino! - Mitya exclamou com um olhar terrivelmente imóvel e esbugalhado para o investigador.

- Então, você afirma afirmativamente que é inocente na morte de seu pai, Fyodor Pavlovich? — o investigador perguntou suavemente, mas com persistência.

- Inocente! Culpado de outro sangue, o sangue de outro velho, mas não do meu pai. E eu lamento! Ele matou, matou um velho, matou e derrubou... Mas é difícil responder por esse sangue com outro sangue, sangue terrível, do qual ele é inocente... Uma acusação terrível, senhores, como se tivesse sido golpeado. a testa! Mas quem matou o pai, quem matou? Quem poderia matar senão eu? Milagre, absurdo, impossibilidade!..

“Sim, era ele quem poderia ter matado…” começou o investigador, mas o promotor Ippolit Kirillovich (um colega promotor, mas também o chamaremos de promotor por questões de brevidade), trocou olhares com o investigador e disse, virando-se para Mitya:

“Você não tem motivo para se preocupar com o velho servo Grigory Vasiliev.” Descubra que ele está vivo, acordou e apesar das fortes surras que você infligiu nele. pelo depoimento dele e do seu agora, parece que sem dúvida ele permanecerá vivo, pelo menos segundo a opinião do médico.

- Vivo? Então ele está vivo! - Mitya gritou de repente, levantando as mãos. Todo o seu rosto se iluminou: “Senhor, agradeço-te pelo maior milagre que fizeste por mim, pecador e vilão, através da minha oração!.. Sim, sim, foi através da minha oração, rezei a noite toda!” ele se benzeu três vezes. Ele estava quase sem fôlego.

“Então foi deste mesmo Gregory que recebemos um testemunho tão significativo sobre você.” “O que…” o promotor começou a continuar, mas Mitya de repente pulou da cadeira.

“Um minuto, senhores, pelo amor de Deus, apenas um minuto; Estou correndo até ela...

- Permita-me! Não tem como neste momento! - Nikolai Parfenovich quase gritou e também se levantou. Mitya foi agarrado por pessoas com placas no peito, mas ele próprio sentou-se em uma cadeira...

- Senhores, que pena! Eu queria ir até ela só por um momento... Queria dizer a ela que esse sangue que estava sugando meu coração a noite toda havia sido lavado, desaparecido, e que eu não era mais um assassino! Senhores, ela é minha noiva! — disse ele com entusiasmo e reverência, olhando de repente para todos. - Ah, obrigado, senhores! Ah, como vocês me reviveram, como vocês me ressuscitaram em um instante!.. Esse velho - afinal, ele me carregou nos braços, senhores, me lavou no cocho, quando todos me abandonaram aos três anos de idade criança, ele era meu próprio pai!..

“Então, você…” o investigador começou.

“Permitam-me, senhores, permitam-me mais um minuto”, interrompeu Mitya, colocando os dois cotovelos sobre a mesa e cobrindo o rosto com as palmas das mãos, “deixem-me recobrar o juízo um pouco, deixem-me respirar, senhores”. Tudo isso é terrivelmente chocante, terrível, o homem não é pele de tambor, senhores!

“Você gostaria de um pouco de água de novo…” Nikolai Parfenovich gaguejou. Mitya tirou as mãos do rosto e riu. Seu olhar era alegre, era como se ele tivesse mudado completamente em um instante. Todo o seu tom também mudou: era mais uma vez um homem sentado em pé de igualdade com todas essas pessoas, com todos esses seus antigos conhecidos, como se todos tivessem se conhecido ontem, quando nada havia acontecido ainda, em algum lugar da sociedade secular. Observemos, porém, a propósito, que o policial Mitya, no início de sua chegada até nós, foi recebido cordialmente, mas depois, principalmente no último mês, Mitya quase não o visitou, e o policial, ao encontrá-lo, na rua, por exemplo, franziu a testa fortemente e apenas se curvou apenas por educação, o que Mitya percebeu muito bem. Ele conhecia o promotor ainda mais distante, mas às vezes fazia as mais respeitosas visitas à esposa do promotor, uma senhora nervosa e fantástica, e nem ele mesmo entendia muito bem por que a visitava, e ela sempre o recebia com carinho, por alguns motivo de estar interessado nele até muito recentemente. Ainda não tive tempo de conhecer o investigador, mas já o conheci e até conversei com ele uma ou duas vezes, ambas sobre o gênero feminino.

“Você, Nikolai Parfenych, é o investigador mais habilidoso, pelo que vejo”, Mitya riu alegremente de repente, “mas agora eu mesmo vou ajudá-lo”. Oh, senhores, ressuscitei... e não afirmem que estou falando com vocês tão facilmente e tão diretamente. Além disso, estou um pouco bêbado, vou lhe dizer francamente. Parece que tive a honra... a honra e o prazer de conhecê-lo, Nikolai Parfenych, na casa do meu parente Miusov... Senhores, senhores, não pretendo igualdade, entendo quem sou agora sentado diante de vocês. Há mentiras sobre mim... se ao menos Grigory testemunhasse contra mim... então há - ah, claro que mente - uma suspeita terrível! Horror, horror - eu entendo! Mas, senhores, estou pronto para começar a trabalhar, e agora vamos terminar isso num instante, porque, ouçam, ouçam, senhores. Afinal, se eu sei que não sou culpado, é claro que terminaremos isso num instante! É assim? É assim?

Mitya falava rápido e muito, de forma nervosa e expansiva, e como se decididamente tomasse seus ouvintes como seus melhores amigos.

“Então, por enquanto, vamos escrever que você rejeita radicalmente a acusação feita contra você”, disse Nikolai Parfenovich de forma impressionante e, voltando-se para o escrivão, ditou-lhe em voz baixa o que deveria ser escrito.

— Anotar? Você quer gravar isso? Pois bem, escrevam, concordo, dou meu pleno consentimento, senhores... Vejam só... Esperem, esperem, escrevam assim: “Ele é culpado de tumulto, é culpado de espancamentos severos infligidos ao pobre velho. Bem, ele ainda é culpado por dentro, no fundo do coração, mas não há mais necessidade de escrever isso (de repente voltou-se para o escriturário), esta é a minha vida privada, senhores, isto já não lhes diz respeito, estas profundezas do coração, isto é... Mas ele não é culpado de assassinar seu velho pai! Este é um pensamento selvagem! Esta é uma ideia completamente maluca! Vou provar isso para você e você ficará convencido instantaneamente. Vocês vão rir, senhores, vocês mesmos vão rir de suas suspeitas!..

“Calma, Dmitry Fedorovich”, lembrou o investigador, como se aparentemente quisesse derrotar o homem frenético com sua calma. - Antes de continuarmos o interrogatório, gostaria, se você apenas concordasse em responder, ouvir de você a confirmação do fato de que parece que você não amava o falecido Fyodor Pavlovich, estava em algum tipo de briga constante com ele... Aqui, há pelo menos um quarto de hora, você parecia se dignar a dizer que até queria matá-lo: “Eu não o matei”, você exclamou, mas eu queria matá-lo!

- Eu exclamei isso? Ah, pode ser, senhores! Sim, infelizmente, eu quis matá-lo, quis matá-lo muitas vezes... infelizmente, infelizmente!

- Nós queríamos. Você concordaria em explicar quais princípios realmente o guiaram nesse ódio pela pessoa de seus pais?

- Por que explicar, senhores! - Mitya jogou os ombros sombriamente, olhando para baixo. “Não escondi meus sentimentos, toda a cidade sabe disso, todo mundo na taverna sabe.” Recentemente, no mosteiro, o Ancião Zosima declarou em sua cela... Naquele mesmo dia, à noite, ele espancou e quase matou seu pai e jurou que eu voltaria e o mataria, na frente de testemunhas... Oh , mil testemunhas! Fiquei gritando o mês todo, todo mundo é testemunha!.. O fato é óbvio, o fato fala, grita, mas sentimentos, senhores, sentimentos, isso é outra coisa. Vejam, senhores (Mitya franziu a testa), parece-me que vocês não têm o direito de me perguntar sobre sentimentos. Embora você esteja vestido, eu entendo isso, mas isso é problema meu, meu assunto interno, íntimo, mas... já que eu não escondia mais meus sentimentos antes... na taberna, por exemplo, e contava a todos e a todos, então ... Não farei isso agora por causa desse mistério. Vejam, senhores, entendo que neste caso as provas contra mim são terríveis: eu disse a todos que o mataria, e de repente o mataram: como poderia não ser eu neste caso? Ha ha! Eu os perdôo, senhores, eu os perdôo completamente. Afinal, eu mesmo estou maravilhado com a epiderme, porque quem finalmente o matou nesse caso, senão eu? Não é verdade? Se não eu, então quem, quem? Senhores”, exclamou de repente, “quero saber, até exijo de vocês, senhores: onde ele foi morto? Como ele foi morto, por quê e como? “Diga-me”, ele perguntou rapidamente, olhando ao redor do promotor e do investigador.

“Encontramo-lo caído no chão, em decúbito dorsal, no seu escritório, com a cabeça partida”, disse o procurador.

- Isso é assustador, senhores! - Mitya estremeceu de repente e, apoiando os cotovelos na mesa, cobriu o rosto com a mão direita.

“Continuaremos”, interrompeu Nikolai Parfenovich. - Então, o que então te orientou em seus sentimentos de ódio? Você parece ter declarado publicamente que o sentimento é ciúme?

- Bem, sim, ciúme, e não apenas ciúme.

— Disputas por dinheiro?

- Bem, sim, e por causa do dinheiro.

“Parece que a disputa foi de mais de três mil, que supostamente não foram dados a você por herança.”

- Que três! Mais, mais”, Mitya deu um pulo, “mais de seis, mais de dez talvez”. Eu contei para todo mundo, gritei para todo mundo! Mas decidi, que assim seja, fazer as pazes aos três mil. Eu precisava desesperadamente desses três mil... então aquele pacote com três mil, que eu sabia que estava debaixo do travesseiro dele, preparado para Grushenka, eu absolutamente considerei como se tivesse sido roubado de mim, isso é o que, senhores, eu considerava meu, tudo igual a minha propriedade...

O promotor trocou olhares significativos com o investigador e conseguiu piscar para ele de forma imperceptível.

“Voltaremos a este assunto mais tarde”, disse imediatamente o investigador, “mas agora você nos permitirá anotar e anotar exatamente este ponto: que você considerou esse dinheiro naquele envelope como se fosse sua propriedade”.

“Escrevam, senhores, entendo que isso é novamente uma prova contra mim, mas não tenho medo de provas e estou falando de mim mesmo.” Ouça você mesmo! Vejam, senhores, vocês parecem me considerar uma pessoa completamente diferente da que sou”, acrescentou de repente, sombria e tristemente. “Um homem nobre está falando com você, uma pessoa muito nobre, o principal - não perca isso de vista - é um homem que cometeu um abismo de maldade, mas sempre foi e continua sendo o ser mais nobre, como um ser , por dentro, no fundo, enfim, numa palavra, não sei como expressar... Foi exatamente isso que sofri toda a minha vida, que ansiava pela nobreza, era, por assim dizer, um sofredor de nobreza e um buscador disso com uma lanterna, com a lanterna de Diógenes, e ainda assim toda a minha vida não fiz nada além de truques sujos, como todos nós, senhores... isto é, como se estivesse sozinho, senhores, nem todos, mas estou sozinho, errei, sozinho, sozinho! toda coisa sagrada, zombaria e incredulidade, nojenta, nojenta? Mas agora que ele está morto, penso diferente.

- Como pode ser de outra forma?

- De outra forma não, mas lamento tê-lo odiado tanto.

- Você sente remorso?

- Não, não exatamente arrependimento, não escreva. Eu também não sou bom, senhores, é isso, eu também não sou muito bonito e, portanto, não tinha o direito de considerá-lo nojento, é isso! Talvez escreva isso.

Dito isto, Mitya de repente ficou extremamente triste. Há muito tempo, gradualmente, à medida que respondia às perguntas do investigador, ele ficava cada vez mais sombrio. E de repente, naquele exato momento, uma cena inesperada irrompeu novamente. O fato é que, embora Grushenka tivesse sido removida agora há pouco, ela não foi levada muito longe, apenas para a terceira sala da sala azul onde o interrogatório estava acontecendo. Era uma pequena sala com uma janela, agora atrás daquela grande sala onde dançavam à noite e havia uma grande festa. Lá ela estava sentada, e com ela por enquanto estava apenas Maksimov, terrivelmente surpreso, terrivelmente assustado e agarrado a ela, como se buscasse a salvação ao seu redor. Havia um cara parado na porta deles com um distintivo no peito. Grushenka estava chorando e, de repente, quando a dor chegou muito perto de sua alma, ela deu um pulo, juntou as mãos e gritou alto: “Minha dor, minha dor!” ela saiu correndo da sala para ele, para seu Mitya, e tão inesperadamente que ninguém teve tempo de impedi-la. Mitya, ao ouvi-la gritar, estremeceu, deu um pulo, gritou e correu em direção a ela, como se não se lembrasse de si mesmo. Mas eles não foram autorizados a voltar a ficar juntos, embora já tivessem se visto. Agarraram-no com força pelos braços: ele lutou, rasgou, foram necessários três ou quatro para segurá-lo. Eles a agarraram também, e ele viu como ela estendeu os braços para ele com um grito enquanto era levada embora. Quando a cena terminou, ele voltou a si em seu lugar original, à mesa, em frente ao investigador, e gritou para eles:

- O que você quer nele? Por que você a está torturando? Ela é inocente, inocente!..

O promotor e o investigador tentaram persuadi-lo. Algum tempo se passou assim, cerca de dez minutos; Por fim, Mikhail Makarovich, que estava ausente, entrou apressadamente na sala e em voz alta, entusiasmado, disse ao promotor:

- Ela está afastada, está embaixo, permitiriam-me, senhores, dizer apenas uma palavra a este infeliz? Com vocês, senhores, com vocês!

“Por favor, Mikhail Makarovich”, respondeu o investigador, “neste caso, não temos nada a dizer contra isso”.

“Dmitry Fedorovich, ouça, pai”, começou Mikhail Makarovich, virando-se para Mitya, e todo o seu rosto excitado expressava ardor, paternal, quase compaixão pelo infeliz, “eu mesmo levei sua Agrafena Alexandrovna para baixo e a entreguei às filhas do proprietário , e com ela agora está esse velho inseparável Maksimov, e eu a convenci, ouviu? - persuadido e acalmado, inspirado que você precisa se justificar, para ela não interferir, para ela não te deixar triste, senão você pode ficar sem graça e se mostrar errado, sabe? Bem, em uma palavra, ele falou e ela entendeu. Ela, irmão, é esperta, é gentil, começou a beijar minhas mãos, a velha, e perguntou por você. Ela mesma me mandou aqui para te dizer que você deve ficar calmo por ela, e é necessário, meu querido, preciso ir dizer a ela que você está calmo e confortado por ela. Então, calma, entenda isso. Sou culpado diante dela, ela é uma alma cristã, sim, senhores, ela é uma alma mansa e inocente de tudo. Então, como posso dizer a ela, Dmitry Fedorovich, você ficará quieto ou não?

O bom homem disse muitas coisas desnecessárias, mas a dor de Grushenka, a dor humana, penetrou em sua alma bondosa, e até lágrimas surgiram em seus olhos. Mitya deu um pulo e correu em sua direção.

- Com licença, senhores, com licença, ah, com licença! - gritou ele, - você é uma alma angelical, angelical, Mikhail Makarovich, obrigado por ela! Eu estarei, estarei calmo, estarei alegre, diga a ela pela imensurável bondade da sua alma que sou alegre, alegre, vou até começar a rir agora, sabendo que ela tem um anjo da guarda como você com ela . Agora vou terminar tudo e assim que estiver livre vou até ela agora, ela vai ver, deixa ela esperar! Senhores”, voltou-se repentinamente para o promotor e o investigador, “agora vou abrir toda a minha alma para vocês, vou abrir tudo, vamos acabar com isso em um instante, vamos acabar com isso com alegria - no final vamos rir, não é? Mas, senhores, esta mulher é a rainha da minha alma! Ah, deixe-me dizer uma coisa, vou te revelar isso... Vejo que estou com as pessoas mais nobres: isto é luz, este é o meu santuário, e se você soubesse! Ouvimos seus gritos: “Com você, até a execução!” E o que eu dei a ela, eu, um mendigo, uma pessoa nua, por que há tanto amor por mim? Eu, uma criatura desajeitada, vergonhosa e com rosto vergonhoso, mereço tanto amor que ela iria trabalhar duro comigo? Agora mesmo ela estava deitada aos seus pés por mim, orgulhosa e inocente de tudo! Como posso não adorá-la, não gritar, não lutar por ela como agora? Oh, senhores, perdoem-me! Mas agora, agora estou consolado!

E ele caiu em uma cadeira e, cobrindo o rosto com as duas mãos, começou a soluçar amargamente. Mas estas já eram lágrimas de felicidade. Ele instantaneamente voltou a si. O antigo policial ficou muito satisfeito e parece que os advogados também: sentiram que o interrogatório entraria agora numa nova fase. Depois de se despedir do policial, Mitya simplesmente ficou alegre.

- Bem, senhores, agora é seu, completamente seu. E... se não fosse por todas essas pequenas coisas, teríamos chegado a um acordo agora. Estou falando sobre pequenas coisas novamente. Sou seu, senhores, mas juro que é necessária confiança mútua - a sua em mim e a minha em vocês - caso contrário nunca terminaremos. Estou dizendo isso para você. Direto ao ponto, senhores, direto ao ponto, e o mais importante, não vasculhem minha alma assim, não a atormentem com ninharias. mas pergunte uma coisa. apenas a questão e os fatos, e eu irei satisfazê-lo imediatamente. Para o inferno com pequenas coisas!

Isso é o que Mitya exclamou. O interrogatório começou novamente.

4. Segunda provação

“Você não vai acreditar como nos encoraja, Dmitry Fedorovich, com sua prontidão...” Nikolai Parfenovich falou com um olhar animado e com prazer visível brilhando em seus olhos grandes, cinza-claros, protuberantes e míopes, de que ele viu um minuto antes de tirar os óculos. “E você acabou de notar com razão essa nossa confiança mútua, sem a qual às vezes é até impossível em assuntos tão importantes, no caso e no sentido se o suspeito realmente quer, espera e pode se justificar. De nossa parte usaremos tudo o que depende de nós, e você mesmo já pôde ver como estamos conduzindo esse assunto... Você aprova, Ippolit Kirillovich? - ele de repente se virou para o promotor.

“Ah, sem dúvida”, aprovou o promotor, embora um tanto secamente comparado ao impulso de Nikolai Parfenovich.

Deixe-me observar de uma vez por todas: Nikolai Parfenovich, que acabara de chegar até nós, desde o início de sua carreira conosco, sentiu um respeito extraordinário por nosso Ippolit Kirillovich, o promotor, e quase se tornou próximo dele de coração. Esta foi quase a única pessoa que acreditou incondicionalmente no extraordinário talento psicológico e oratório do nosso “ofendido pelo serviço” Ippolit Kirillovich e acreditou plenamente que estava ofendido. Ele ouviu falar dele em São Petersburgo. Mas, por sua vez, o jovem Nikolai Parfenovich acabou sendo a única pessoa no mundo por quem nosso promotor “ofendido” se apaixonou sinceramente. No caminho para cá, eles conseguiram concordar em algo e concordar sobre o assunto que estava por vir, e agora, à mesa, a mente perspicaz de Nikolai Parfenovich captou na hora e entendeu cada indicação, cada movimento no rosto de seu camarada mais velho, de um meia palavra, de relance, de uma piscadela de olho.

“Senhores, deixem-me contar a história pessoalmente e não interrompam com ninharias, e contarei tudo em um instante”, fumegou Mitya.

- Excelente, senhor. Obrigado. Mas antes de passarmos a ouvir a sua mensagem, permita-me apenas expor mais um facto, muito interessante para nós, nomeadamente sobre aqueles dez rublos que ontem, por volta das cinco horas, você pediu emprestado para hipotecar as suas pistolas do seu amigo Pyotr Ilyich Perkhotin.

- Eu penhorei, senhores, penhorei por dez rublos, e depois? Só isso, assim que voltei da estrada para a cidade, penhorei.

- Você voltou da estrada? Você viajou para fora da cidade?

- Eu viajei, senhores, viajei quarenta quilômetros, e vocês nem sabiam? O promotor e Nikolai Parfenovich se entreolharam.

- E em geral, se você começasse sua história com uma descrição sistemática de todo o seu dia de ontem, desde a manhã? Deixe-me, por exemplo, descobrir: por que você saiu da cidade e quando exatamente você foi e chegou... e todos esses fatos...

“Então você deveria ter perguntado isso desde o início”, Mitya riu alto, “e se você quiser, então o assunto não deveria começar a partir de ontem, mas a partir do terceiro dia, desde a manhã, então você entenderá onde, como e por que eu fui e fui. Na manhã do terceiro dia, fui, senhores, ao comerciante local Samsonov para lhe pedir emprestado três mil dinheiros com a mais segura segurança - de repente tornou-se um desejo, senhores, de repente um desejo...

“Deixe-me interrompê-lo”, o promotor interrompeu educadamente. - Por que de repente você precisou dessa quantia, ou seja, três mil rublos?

- Eh, senhores, não há necessidade de pequenas coisas: como, quando e por que, e por que exatamente há tanto dinheiro, e nem tanto, e toda essa bobagem... afinal, não dá para anotar em três volumes, e você também precisará de um epílogo!

Mitya disse tudo isso com a familiaridade bem-humorada, mas impaciente, de um homem que quer contar toda a verdade e está cheio das melhores intenções.

“Senhores”, ele pareceu lembrar de repente, “não reclamem de mim por minha maldade, peço novamente: acreditem mais uma vez que sinto total respeito e entendo o estado atual das coisas”. Não pense que você está bêbado também. Estou sóbrio agora. E estar bêbado não faria mal nenhum. Para mim é como:

Ficou sóbrio, mais sábio - tornou-se estúpido,  
Fiquei bêbado, fiquei estúpido - tornei-me inteligente.

Ha ha! Mas vejo, senhores, que ainda é indecente da minha parte fazer piadas na sua frente, isto é, até que nos expliquemos. Deixe-me observar sua própria dignidade. Eu entendo a diferença agora: afinal, estou sentado diante de você como um criminoso, então você é extremamente incomparável e foi encarregado de me vigiar: não me dê tapinhas na cabeça por Gregory, você realmente pode não quebre a cabeça dos velhos impunemente, afinal você vai me prender por ele na Justiça, bom, por seis meses, enfim, por um ano na camisa de força, não sei como vão te sentenciar aí , embora sem privação de direitos, afinal, sem privação de direitos, promotor? Pois bem, senhores, eu entendo essa diferença... Mas vocês também devem concordar que podem confundir o próprio Deus com tais perguntas: onde vocês pisaram, como pisaram, quando pisaram e no que pisaram? Afinal, se eu errar, basta escrever em uma linha e o que acontecerá? Nada vai funcionar! Sim, finalmente, se agora comecei a mentir, então terminarei, e vocês, senhores, como as pessoas mais educadas e mais nobres, me perdoarão. Vou apenas terminar com um pedido: vocês, senhores, desaprendam esse interrogatório burocrático, ou seja, primeiro, vejam, comecem com algo escasso, com algo insignificante: como vocês se levantaram, o que vocês comeram, como vocês cuspiram, onde vocês cuspiu e, “acalmando sua atenção, criminoso”, de repente o cobriu com uma pergunta impressionante: “Quem você matou, quem você roubou?” Ha ha! Afinal, essa é a sua burocracia, essa é a sua regra, é nisso que se baseia toda a sua astúcia! Mas é você quem acalma os homens com esses truques, não eu. Eu entendo o assunto, eu me servi, ha ha ha! Não fiquem zangados, senhores, vocês perdoam a insolência? - gritou ele, olhando para eles com uma índole incrível, quase boa. “Afinal, disse Mitka Karamazov, então é possível perdoar, porque uma pessoa inteligente não é perdoada, mas Mitka é perdoada!” Ha ha!

Nikolai Parfenovich ouviu e também riu. Embora o promotor não risse, ele mantinha um olhar vigilante sobre Mitya, como se não quisesse perder a menor palavra, nem o menor movimento, nem o menor tremor do menor traço de seu rosto.

“No entanto, foi assim que começamos com você inicialmente”, respondeu Nikolai Parfenovich, ainda continuando a rir, “que não o incomodamos com perguntas: como você se levantava de manhã e o que comia, mas até começamos com algo também significativo."

“Eu entendo, entendi e apreciei, e aprecio ainda mais sua verdadeira bondade para comigo, incomparável, digna das almas mais nobres.” Nós três aqui nos unimos como pessoas nobres e deixamos que tudo seja assim conosco, na confiança mútua de pessoas educadas e seculares, unidas pela nobreza e pela honra. De qualquer forma, deixe-me considerá-los meus melhores amigos neste momento da minha vida. neste momento de humilhação da minha honra! Afinal, não é ofensivo para vocês, senhores, não é ofensivo?

“Pelo contrário, você expressou tudo perfeitamente, Dmitry Fedorovich”, concordou Nikolai Parfenovich com importância e aprovação.

“E as pequenas coisas, senhores, todas essas pequenas coisas, vão embora”, exclamou Mitya com entusiasmo, “caso contrário, vai acabar sendo sabe-se lá o quê, não é?”

“Seguirei integralmente seu conselho prudente.” - o promotor se envolveu de repente, voltando-se para Mitya, - mas não vou recusar minha pergunta. É muito importante para nós descobrir por que exatamente você precisava dessa quantia, ou seja, exatamente três mil?

- Para que foi isso? Bem, para este propósito... bem, para pagar a dívida.

- Quem exatamente?

- Recuso-me a dizer isto positivamente, senhores! Veja, não é porque não pude dizer, ou não ousei, ou tive medo, porque tudo isso é uma questão trivial e um absurdo completo, mas porque não direi que há um princípio aqui: esta é a minha vida privada e não permitirei que ninguém invada minha vida privada. Esse é o meu princípio. Sua pergunta não é relevante, e tudo que não é relevante é minha vida privada! Queria pagar uma dívida, queria pagar uma dívida de honra, mas não direi a quem.

“Vamos anotar isso”, disse o promotor.

- Faça-me um favor. Então anote: o que não direi e o que não direi. Escrevam, senhores, que considero até desonesto dizer isso. Você tem muito tempo para escrever!

“Permita-me, caro senhor, avisá-lo e lembrá-lo mais uma vez, caso não saiba”, disse o promotor com uma sugestão especial e muito estrita, “que o senhor tem todo o direito de não responder às perguntas agora propostas a você, e nós, pelo contrário, não temos o direito de extorquir respostas de você se você mesmo se recusar a responder por um motivo ou outro. Esta é uma questão de sua consideração pessoal. Mas o nosso trabalho, novamente, é apresentar-lhe um caso como este agora e explicar-lhe toda a extensão do dano que você está causando a si mesmo ao se recusar a dar este ou aquele testemunho. Então por favor continue.

“Senhores, não estou zangado... eu...” Mitya murmurou, um tanto embaraçado com a sugestão, “vejam, senhores, este mesmo Samsonov, a quem fui então...”

É claro que não daremos detalhes de sua história sobre isso. o que o leitor já sabe. O narrador queria impacientemente contar tudo nos mínimos detalhes e ao mesmo tempo divulgá-lo rapidamente. Mas à medida que o seu testemunho progredia, eles foram registados e foi necessário interrompê-lo. Dmitry Fedorovich condenou isso, mas obedeceu, ficou com raiva, mas ainda bem-humorado. É verdade que às vezes ele gritava: “Senhores, isso enfurecerá o próprio Senhor Deus” ou: “Senhores, vocês sabem que só estão me irritando em vão, mas mesmo assim, exclamando isso, ele ainda não mudou seu humor amigável e expansivo . Assim, ele contou como Samsonov o “trapaceou” no terceiro dia. (Ele agora adivinhou que havia sido enganado.) A venda de um relógio por seis rublos para conseguir dinheiro para a viagem, ainda completamente desconhecida do investigador e do promotor, despertou imediatamente toda a sua extrema atenção e já para Mitya imensa indignação: acharam necessário anotar detalhadamente esse fato, tendo em vista a confirmação secundária de que ainda na véspera ele não tinha mais um centavo de dinheiro. Aos poucos, Mitya começou a ficar sombrio. Depois, tendo descrito a viagem a Lyagavoy e a noite passada na cabana cheia de fumaça, etc., ele levou sua história ao ponto de retornar à cidade e então começou ele mesmo, sem nenhum pedido especial, a descrever em detalhes seu ciúme tormentos com Grushenka. Eles o ouviram em silêncio e com atenção, investigando especialmente o fato de que ele havia estabelecido há muito tempo um posto de observação para Grushenka na casa de Fyodor Pavlovich “nos fundos” da casa de Marya Kondratyevna, e que Smerdyakov estava lhe transmitindo informações: isso era muito anotado e anotado. Ele falou sobre seu ciúme de maneira apaixonada e extensiva e, embora tivesse vergonha interna de expor seus sentimentos mais íntimos, por assim dizer, à “vergonha geral”, aparentemente superou a vergonha para ser verdadeiro. A severidade indiferente dos olhares do investigador e principalmente do promotor fixos nele durante a história finalmente o confundiu bastante: “Esse menino Nikolai Parfenovich, com quem há poucos dias eu estava falando bobagens sobre mulheres, e esse promotor doente não são vale a pena.” “Eu deveria dizer isso a eles”, tristemente passou por sua mente, “vergonha!” “Seja paciente, humilhe-se e fique em silêncio”, ele concluiu seu pensamento com um verso, mas novamente ele se preparou para continuar. . Passando para a história de Khokhlakova, ele até se divertiu novamente e até quis contar uma anedota especial recente sobre essa senhora, que não era relevante para o caso, mas o investigador o interrompeu e educadamente sugeriu passar “para algo mais significativo. ” Por fim, tendo descrito o seu desespero e falado sobre o momento em que, ao sair da casa de Khokhlakova, chegou a pensar “matar alguém rapidamente e conseguir três mil”, foi novamente detido e o facto de “queria matar” foi anotado. Mitya silenciosamente me deixou escrever. Finalmente, as coisas chegaram ao ponto da história quando ele de repente descobriu que Grushenka o havia enganado e deixou Samsonov assim que ele a trouxe, enquanto ela mesma disse que ficaria sentada com o velho até meia-noite: “Se eu fizesse isso ' Não matei então, senhores.”, essa Fenya, foi só porque eu não tive tempo”, ele explodiu de repente neste ponto da história. E isso foi cuidadosamente registrado. Mitya esperou sombriamente e começou a contar a história de como correu para o pai no jardim, quando de repente o investigador o parou e, abrindo sua grande pasta, que estava ao lado dele no sofá, tirou um pilão de cobre.

“Você conhece esse objeto?”, ele mostrou para Mitya.

- Oh sim! - ele sorriu sombriamente, - que estranho! Deixe-me ver... Droga, não faça isso!

“Você se esqueceu de mencioná-lo”, observou o investigador.

- Caramba! Eu não teria escondido de você, suponho que não teria acontecido sem ele, o que você acha? Simplesmente saiu da minha memória.

- Por favor, conte-me em detalhes como você se armou com isso.

- Por favor, por favor, senhores.

E Mitya contou como pegou o pilão e correu.

- Mas qual o propósito que você teve no assunto, armando-se com tal arma?

—Qual objetivo? Sem propósito! agarrou-o e correu.

- Por que, se não há objetivo?

Mitya estava fervendo de frustração. Ele olhou atentamente para o “menino” e sorriu sombriamente e maldosamente. O fato é que ele se sentia cada vez mais envergonhado por ter agora contado com tanta sinceridade e com tanta efusão a “essas pessoas” a história de seu ciúme.

“Eu não me importo com o pilão!”, ele explodiu de repente.

- Contudo, senhor.

- Bem, eu peguei dos cachorros. Bem, escuridão... Bem, só por precaução.

“E antes, quando você saía do quintal à noite, você também levava algum tipo de arma se tinha tanto medo do escuro?”

- Eh, droga, ugh! Senhores, literalmente não posso falar com vocês! - Mitya gritou no último grau de irritação e, virando-se para o balconista, todo vermelho de raiva, com uma espécie de nota frenética na voz, disse-lhe rapidamente:

- Escreva agora... agora... “que você pegou um pilão para correr e matar meu pai... Fyodor Pavlovich... com uma pancada na cabeça!” Bem, vocês estão satisfeitos agora, senhores? Você perdeu sua alma? - disse ele, olhando desafiadoramente para o investigador e o promotor.

“Compreendemos muito bem que você prestou tal depoimento agora irritado conosco e aborrecido com as questões que lhe apresentamos, que você considera triviais e que, em essência, são muito significativas”, disse o promotor secamente em resposta a ele .

- Tenham piedade, senhores! Bem. pegou o pilão... Bem, por que eles pegam algo na mão nesses casos? Eu não sei por quê. Ele agarrou e correu. Isso é tudo. É uma pena, senhores, senhores,1 Caso contrário, eu juro, vou parar de te contar!

Ele apoiou os cotovelos na mesa e apoiou a cabeça com a mão. Ele sentou-se de lado para eles e olhou para a parede, dominando o sentimento ruim dentro de si. Na verdade, ele queria muito se levantar e anunciar que não diria mais nada, “mesmo que fosse levado à morte”.

“Vejam, senhores”, disse ele de repente, com dificuldade para se dominar, “vocês veem.” Estou te ouvindo e me parece... eu vejo, às vezes eu vejo um sonho nos meus sonhos... um desses sonhos, e muitas vezes sonho com isso, ele se repete, que alguém está me perseguindo, alguém, de quem tenho muito medo, está me perseguindo no escuro, à noite, ele me procura, e eu me escondo dele em algum lugar atrás de uma porta, ou atrás de um armário, me escondo de forma humilhante, e o principal é que ele sabe muito bem, onde me escondi dele, mas que ele parece fingir deliberadamente que não sabe, onde estou sentado para me atormentar por mais tempo, para desfrutar do meu medo... Isso é o que você está fazendo agora! Parece que sim!

- É assim que você sonha? - indagou o promotor.

- Sim, eu vejo sonhos assim... Não quer anotá-los? - Mitya sorriu ironicamente.

- Não, senhor, não consigo anotar, mas seus sonhos ainda são interessantes.

- Agora não é um sonho! Realismo, senhores, realismo da vida real! Eu sou um lobo e vocês são caçadores, então cacem o lobo.

“Você errou ao fazer tal comparação...” Nikolai Parfenovich começou extremamente suavemente.

- Não em vão, senhores, não em vão! - Mitya ferveu novamente, embora aparentemente tendo aliviado sua alma com uma explosão de raiva repentina, ele começou a se tornar mais gentil novamente a cada palavra: - Vocês podem não acreditar no criminoso ou no réu, atormentado por suas perguntas, mas no homem mais nobre, senhores , os impulsos mais nobres da alma (grito isso com ousadia!) - Não! você não pode deixar de acreditar nisso... você nem tem o direito... - mas -

fique em silêncio coração,  
Seja paciente, humilhe-se e fique em silêncio!

Bem, o que devemos continuar? - ele interrompeu sombriamente.

“Bem, faça-me um favor”, respondeu Nikolai Parfenovich.

Notas de rodapé do capítulo

1 – muito certo *(Francês).*

V. Terceira provação

Embora Mitya falasse com severidade, ele aparentemente começou a se esforçar ainda mais para não esquecer ou perder uma única linha do que estava sendo transmitido. Ele contou como pulou a cerca do jardim de seu pai, como foi até a janela e, finalmente, tudo o que aconteceu embaixo da janela. Com clareza, precisão, como se estivesse martelando, ele transmitiu os sentimentos que o preocupavam naqueles momentos no jardim em que ele queria tanto saber: Grushenka estava com o pai ou não? Mas isto é estranho: desta vez tanto o procurador como o investigador ouviram com uma expressão terrivelmente contida, olharam secamente e fizeram muito menos perguntas. Mitya não conseguiu concluir nada pelo rosto deles. “Eles estavam com raiva e ofendidos”, pensou ele, “que diabos!” Quando contou como finalmente decidiu dar ao pai um sinal de que Grushenka havia chegado e para ele abrir a janela, o promotor e o investigador não prestaram atenção à palavra “sinal”, como se não entendessem nada qual era o significado desta palavra, então Mitya até percebeu isso. Tendo finalmente chegado ao momento em que, ao ver o pai debruçado na janela, ferveu de ódio e tirou um pilão do bolso, parou de repente, como que de propósito. Ele sentou-se e olhou para a parede e sabia que eles estavam olhando para ele com os olhos.

“Bem”, disse o investigador, “você sacou uma arma e... e o que aconteceu então?”

- Então? E então ele matou... agarrou-o pela coroa e partiu-lhe o crânio... Afinal, é assim que você pensa que é! — seus olhos brilharam de repente. Toda a sua raiva, que havia sido extinta, subitamente cresceu em sua alma com uma força extraordinária.

“Em nossa opinião”, disse Nikolai Parfenovich, “bem, na sua opinião?”

Mitya baixou os olhos e ficou em silêncio por um longo tempo.

“Na minha opinião, senhores, na minha opinião, foi assim”, disse ele calmamente: “sejam as lágrimas de quem, se minha mãe implorou a Deus, ou se o espírito brilhante me beijou naquele momento - eu não sei, mas o diabo foi derrotado.” Corri da janela e corri para a cerca... Meu pai se assustou e pela primeira vez olhou para mim, gritou e pulou da janela - lembro muito bem disso. E atravessei o jardim até a cerca... foi aí que Grigory me alcançou, quando eu já estava sentado na cerca...

Aqui ele finalmente ergueu os olhos para o público. Eles pareciam estar olhando para ele com uma atenção completamente serena. Algum tipo de espasmo de indignação passou pela alma de Mitya.

“Mas vocês, senhores, estão zombando de mim neste momento!” - ele interrompeu de repente.

- Por que você conclui isso? - observou Nikolai Parfenovich.

“Você não acredita em uma palavra, é por isso!” Afinal, entendo que cheguei ao ponto principal: o velho agora está ali deitado com a cabeça quebrada, e eu, tendo descrito tragicamente como queria matar e como já havia arrebatado o pilão, de repente fugi de a janela... Poema! Em verso! Você pode acreditar na palavra do mocinho! Ha ha! Vocês são zombadores, senhores!

E ele virou todo o corpo sobre a cadeira, de modo que a cadeira começou a rachar.

“Você não percebeu”, começou o promotor de repente, como se não prestasse atenção à excitação de Mitya, “você não percebeu quando fugiu da janela: se a porta do jardim, localizada no outro extremo do asa, estava desbloqueada ou não?”

- Não, não foi desbloqueado.

- Você não estava?

“Estava trancado do lado oposto e quem poderia abri-lo?” Bah, porta, espere! - ele de repente voltou a si e quase estremeceu, - mas você encontrou a porta destrancada?

- Aberto.

- Então, quem poderia abri-lo se você não abrisse sozinho? - Mitya ficou terrivelmente surpreso de repente.

“A porta estava aberta, e o assassino de seus pais sem dúvida entrou por esta porta e, tendo cometido o assassinato, saiu pela mesma porta”, disse o promotor lenta e separadamente, como se estivesse martelando. - Isso está absolutamente claro para nós. O homicídio obviamente ocorreu no quarto, e não pela janela, o que fica claro pelo laudo de fiscalização, pela posição do corpo e tudo mais. Não pode haver dúvida sobre esta circunstância.

Mitya ficou terrivelmente surpreso.

- Sim, isso é impossível, senhores! - gritou ele, completamente perdido, - eu... eu não entrei... tenho certeza, te digo com certeza que a porta ficou trancada o tempo todo que estive no jardim e quando estava fugindo do jardim. Fiquei embaixo da janela e o vi pela janela, e só, só... lembro até o último minuto. Sim, mesmo que eu não me lembrasse, ainda sei, porque os sinais só eram conhecidos por mim e Smerdyakov, e por ele, o falecido, e ele, sem os sinais, não teria aberto a porta para ninguém no mundo !

- Sinais? Quais são esses sinais? — disse o promotor com curiosidade gananciosa, quase histérica, e instantaneamente perdeu toda a postura contida. Ele perguntou como se estivesse rastejando timidamente. Ele sentiu um fato importante, ainda desconhecido para ele, e imediatamente sentiu o maior medo de que Mitya não quisesse revelá-lo por completo.

- E você nem sabia! - Mitya piscou para ele, sorrindo zombeteiramente e maliciosamente. - E se eu não te contar? De quem então posso descobrir? O homem morto, eu e Smerdyakov sabíamos dos sinais, só isso, e Deus sabia, mas isso não vai te contar. Mas o fato é interessante, o diabo sabe o que se pode construir sobre isso, xa-xa! Confortem-se, senhores, vou revelar que vocês têm bobagens em mente. Você não sabe com quem está lidando! Você está lidando com um réu que aponta para si mesmo, em seu próprio prejuízo! Sim, senhor, pois sou um cavaleiro de honra e você não!

O promotor comeu todos os comprimidos, só tremia de impaciência para saber de um fato novo. Mitya explicou-lhes com precisão e profundidade tudo relacionado aos sinais inventados por Fyodor Pavlovich para Smerdyakov, disse-lhes o que significava exatamente cada batida na janela, até bateu esses sinais na mesa e à pergunta de Nikolai Parfenovich: o que ele fez, Mitya, quer dizer, quando ele bateu no velho na janela, então ele bateu exatamente na placa que significava: “Grushenka chegou” - ele respondeu com precisão que havia batido exatamente assim, dizendo: “Grushenka chegou”.

- Aqui está, agora construa uma torre! - Mitya retrucou e se afastou deles novamente com desprezo.

“E apenas seu falecido pai, você e o servo Smerdyakov sabiam desses sinais?” E mais ninguém? - Nikolai Parfenovich perguntou novamente.

- Sim, servo Smerdyakov e também o céu. Escreva também sobre o céu;

Seria uma boa ideia anotar isso. E você mesmo precisará de Deus.

E é claro que começaram a anotá-lo, mas enquanto o escreviam, o promotor de repente, como se de repente se deparasse com um novo pensamento, disse:

“Mas se Smerdyakov também sabia desses sinais, e você rejeita radicalmente qualquer acusação contra si mesmo pela morte de seu pai, então não foi ele quem, tendo aproveitado os sinais acordados, forçou seu pai a destrancar a porta para si mesmo, e então... cometeu um crime?”

Mitya olhou para ele com um olhar profundamente zombeteiro, mas ao mesmo tempo terrivelmente odioso. Ele olhou longamente e em silêncio, de modo que os olhos do promotor começaram a piscar.

- Eles pegaram a raposa de novo! - Mitya finalmente disse, “eles beliscaram o rabo do bastardo, hehe!” Vejo através de você, promotor! Você pensou que eu iria pular agora, me agarrar ao que você estava me dizendo e gritar a plenos pulmões: “ah, é Smerdyakov, esse é o assassino!” Admita que você pensou isso, admita, então continuarei.

Mas o promotor não confessou. Ele ficou em silêncio e esperou.

- Cometemos um erro, não vou gritar com Smerdyakov! - disse Mitya.

- E você nem suspeita dele?

- Você suspeita?

- Eles suspeitavam dele também.

Mitya enterrou os olhos no chão.

“Piadas à parte”, disse ele sombriamente, “ouça:

Desde o início, quase quando acabei de correr até você por trás desta cortina, este pensamento passou pela minha mente:

“Smerdiakov!” Aqui sentei-me à mesa e gritei que era inocente do sangue, e fiquei pensando: “Smerdyakov!” E Smerdyakov não ficou para trás de coração. Finalmente, agora de repente pensei a mesma coisa: “Smerdyakov”, mas apenas por um segundo: imediatamente ao meu lado pensei: “Não, Smerdyakov não!” Não é da conta dele, senhores!

- Você suspeita de alguma outra pessoa neste caso? - Nikolai Parfenovich perguntou com cautela.

“Não sei quem ou que pessoa, a mão do céu ou Satanás, mas... não Smerdyakov!” - Mitya retrucou resolutamente.

“Mas por que você insiste com tanta firmeza e persistência que não é ele?”

- Por convicção. Por impressão. Porque Smerdyakov é um homem de natureza inferior e um covarde. Isso não é um covarde, é uma combinação de todos os covardes do mundo combinados, andando sobre duas pernas. Ele nasceu de uma galinha. Falando comigo, ele tremia todas as vezes para que eu não o matasse, enquanto eu nem levantava a mão. Ele caiu aos meus pés e chorou, beijou essas mesmas botas, literalmente me implorando para não “assustá-lo”. Você ouve: “Eu não te assustei” - que tipo de palavra é essa? E até dei de presente. Trata-se de uma galinha doente, com epilepsia, de mente fraca e que será morta por um menino de oito anos. Isso é natureza? Não Smerdyakov, senhores, e ele não gosta de dinheiro, ele não aceitou nenhum presente meu... E por que ele mataria o velho? Afinal, ele pode ser filho dele, filho secundário, sabia disso?

- Ouvimos essa lenda. Mas aqui está você, filho do seu pai, e mesmo assim você mesmo disse a todos que queria matá-lo.

- Pedra no jardim! E a pedra é baixa e desagradável! Eu não tenho medo! Oh, senhores, talvez seja muito cruel para vocês dizerem isso na minha cara! Porque é maldade que eu mesmo tenha te contado isso. Ele não apenas queria, mas também podia matar, e até puxou voluntariamente para si mesmo, de modo que quase matou! Mas ele não o matou, porque meu anjo da guarda me salvou, foi isso que você não levou em conta... E é por isso que é cruel, cruel com você! Porque eu não matei, não matei, não matei! Escute, promotor: ele não matou!

Ele quase sufocou. Durante todo o interrogatório, ele nunca esteve tão animado.

- O que ele disse a vocês, senhores, Smerdyakov? - concluiu repentinamente, após uma pausa. -Posso te perguntar sobre isso?

“Você pode nos perguntar sobre tudo”, respondeu o promotor com um olhar frio e severo, “sobre tudo o que diz respeito ao lado factual do caso, e nós, repito, somos até obrigados a satisfazê-lo em todas as questões”. Encontramos o servo de Smerdyakov, sobre quem você está perguntando, deitado inconsciente em sua cama, em um ataque extremamente forte de doença epiléptica, talvez pela décima vez consecutiva. O médico que estava conosco, depois de examinar o paciente, chegou a nos dizer que ele talvez não sobrevivesse até de manhã.

- Bom, nesse caso o diabo matou meu pai! - Mitya explodiu de repente, como se até aquele momento ele estivesse se perguntando: “Smerdyakov ou não Smerdyakov?”

“Voltaremos a esse fato”, decidiu Nikolai Parfenovich, “agora você gostaria de continuar seu testemunho?”

Mitya pediu para descansar. Ele foi educadamente permitido. Depois de descansar, ele começou a continuar. Mas aparentemente foi difícil para ele. Ele estava exausto, insultado e moralmente abalado. Além disso, o promotor, agora como que propositalmente, começou a irritá-lo a cada minuto com referências a “pequenas coisas”. Assim que Mitya descreveu como ele, sentado em cima da cerca, bateu na cabeça de Grigory, que estava agarrado à perna esquerda, com um pilão e imediatamente pulou sobre o homem derrotado, quando o promotor o parou e pediu-lhe para descrever com mais detalhes como ele estava sentado em cima do muro. Mitya ficou surpreso.

- Bom, ele sentou assim, sentou escarranchado, uma perna ali, outra ali...

- E pestilência?

- Pilão na mão.

- Não está no seu bolso? Você se lembra disso com tantos detalhes? Bem, você balançou muito o braço?

- Deve ser forte, mas por que você precisa disso?

- Se você se sentasse em uma cadeira exatamente como fez em cima do muro, e nos mostrasse claramente, para maior clareza, como e onde você balançou, em que direção?

"Você não está zombando de mim?" - Mitya perguntou, olhando arrogantemente para o interrogador, mas ele nem piscou. Mitya virou-se convulsivamente, sentou-se escarranchado na cadeira e acenou com a mão:

- Foi assim que eu acertei! Foi assim que ele matou! O que mais você precisa?

- Obrigado. Você agora se daria ao trabalho de explicar por que realmente pulou, com que propósito e o que exatamente você quer dizer?

- Bom, diabo... saltei em cima do derrotado... não sei porquê!

- Você estava tão animado? E fugindo?

- Sim, empolgado e fugindo.

— Você queria ajudá-lo?

- Como ajudar... Sim, pode ajudar, não me lembro.

- Não se lembra de você? Ou seja, eles estavam até um pouco inconscientes?

- Ah, não, não estou inconsciente, lembro de tudo. Tudo até o osso. Ele pulou para dar uma olhada e limpou o sangue com um lenço.

- Vimos seu lenço. Você esperava trazer de volta à vida aquele que você derrotou?

- Não sei, você esperava? Eu só queria ter certeza se ele estava vivo ou não.

- Ah, então você queria ter certeza? E daí?

“Não sou médico, não consegui decidir.” Ele fugiu pensando que havia matado, mas acordou.

“Excelente, senhor”, finalizou o promotor. - Obrigado. Isso é tudo que eu precisava. Tente continuar.

Infelizmente, nunca ocorreu a Mitya dizer, embora se lembrasse disso, que saltou de pena e, diante do homem assassinado, até pronunciou algumas palavras lamentáveis: “Você tem um velho, não há nada para fazer , apenas deite-se. O promotor tirou apenas uma conclusão: o homem pulou “em tal momento e com tanta excitação”, apenas para ter certeza se a única testemunha de seu crime estava viva ou não. E portanto, qual era a força, a determinação, a compostura e a prudência de uma pessoa mesmo nesse momento... e assim por diante, e assim por diante. O promotor ficou satisfeito: “Irritei o doente com ‘coisinhas’ e ele deixou escapar”.

Mitya continuou em agonia. Mas Nikolai Parfenovich imediatamente o deteve novamente:

“Como você pôde encontrar a empregada Fedosya Markova, com as mãos tão ensanguentadas e, como descobri mais tarde, com o rosto?”

- Sim, nem percebi então que estava coberto de sangue! - Mitya respondeu.

“São plausíveis, é assim que acontece”, o promotor trocou olhares com Nikolai Parfenovich.

“Não percebi, isso é ótimo, promotor”, Mitya aprovou de repente. Mas depois houve a história da decisão repentina de Mitya de “eliminar” e “deixar as pessoas felizes passarem”. E ele não podia mais, como antes, decidir expor novamente o seu coração e falar sobre a “rainha da sua alma”. Ele ficou enojado com essas pessoas frias que “o mordem como insetos”. Portanto, em resposta a repetidas perguntas, ele declarou de forma breve e contundente:

- Bem, eu decidi me matar. Por que foi necessário permanecer vivo: isso naturalmente surgiu na questão. Seu ex-agressor indiscutível apareceu, mas ele apareceu com amor depois de cinco anos para consumar o insulto com o casamento legal. Bom, percebi que tudo estava perdido para mim... E atrás de mim está a vergonha, e esse sangue, o sangue de Gregory... Por que viver? Pois bem, fui comprar de volta as pistolas penhoradas para poder carregá-las e colocar uma bala na cabeça ao amanhecer...

- E à noite tem festa na montanha?

- À noite há festa na montanha. Droga, senhores, parem com isso rapidamente. Eu provavelmente queria me matar, não muito longe dos arredores daqui, e teria me livrado por volta das cinco da manhã e preparado um pedaço de papel no bolso, que escrevi na casa de Perkhotin quando carreguei a pistola. Aqui está o pedaço de papel, leia-o. Não estou contando isso para você! - acrescentou de repente com desdém. Ele jogou um pedaço de papel do bolso do colete sobre a mesa; Os investigadores leram-no com curiosidade e, como sempre, acrescentaram-no ao caso.

"E você ainda não pensou em lavar as mãos, mesmo quando entrou na casa do Sr. Perkhotin?" Você não tinha medo de suspeitas?

- Que tipo de suspeitas? Se você suspeitasse, não importa o que acontecesse, eu teria galopado até aqui e me matado às cinco horas, e não teríamos tempo de fazer nada. Afinal, se não fosse o incidente com seu pai, você não saberia de nada e não teria chegado aqui. Ah, o diabo fez isso, o diabo matou meu pai, através do diabo e você descobriu tão cedo! Como eles chegaram aqui tão cedo? Maravilha, fantasia!

“O Sr. Perkhotin nos contou que quando você entrou nele, você estava segurando em suas mãos... em suas mãos ensanguentadas... seu dinheiro... muito dinheiro... um maço de notas de cem rublos, e que o garoto quem o serviu também viu!

- Sim, senhores, lembro que é assim.

- Agora há uma pergunta. “Você pode me dizer”, começou Nikolai Parfenovich com extrema suavidade, “onde você de repente conseguiu tanto dinheiro, enquanto acontece que, com base no tempo, você nem voltou para casa?”

O promotor estremeceu um pouco com a pergunta feita de forma tão direta, mas não interrompeu Nikolai Parfenovich.

“Não, não voltei para casa”, respondeu Mitya, aparentemente com muita calma, mas olhando para o chão.

“Deixe-me repetir a pergunta neste caso”, continuou Nikolai Parfenovich, de alguma forma se aproximando. - Onde você poderia conseguir tal quantia de uma vez, quando, como você mesmo admite, às cinco horas daquele dia...

“Eu precisava de dez rublos e penhorei as pistolas com Perkhotin, depois fui para Khokhlakova por três mil, mas ela não me deu, e assim por diante, e todas essas coisas”, interrompeu Mitya bruscamente, “sim, senhores, eu precisava disso , e de repente milhares apareceram, né? Vocês sabem, senhores, agora vocês dois são covardes: por que não me dizem de onde tiraram isso? Assim é: não vou contar, senhores, vocês acertaram, não saberão”, disse Mitya de repente com extrema determinação. Os investigadores ficaram em silêncio por um momento.

“Entenda, Sr. Karamazov, que é essencial que saibamos disso”, disse Nikolai Parfenovich calma e humildemente.

"Eu entendo, mas ainda não vou te contar."

O procurador também se envolveu e voltou a lembrar que o interrogado, claro, não pode responder às perguntas se considerar melhor para si, etc., mas em termos dos danos que o suspeito pode causar a si próprio com o seu silêncio e principalmente em diante de questões de tamanha importância, que...

- E assim por diante, senhores, e assim por diante! Chega, já ouvi essa corrida antes! - Mitya interrompeu novamente, - eu mesmo entendo o quão importante é o assunto, e que este é o ponto mais importante, mas ainda assim não direi.

“O que nos importa, isso não é problema nosso, mas seu, você vai se machucar”, observou Nikolai Parfenovich nervosamente.

“Vejam, senhores, piadas à parte”, Mitya ergueu os olhos e olhou firmemente para os dois. “Desde o início eu já tinha o pressentimento de que iríamos bater de frente neste momento.” Mas no início, quando comecei a mostrar isso agora, tudo estava ainda mais confuso, tudo flutuava, e eu era tão simples que comecei com a proposta de “confiança mútua entre nós”. Agora vejo por mim mesmo que essa confiança não poderia ter acontecido, porque ainda teríamos chegado a essa maldita cerca! Bem, aí vêm eles! É impossível e acabou! Porém, eu não te culpo, você não pode acreditar apenas na minha palavra, eu entendo isso!

Ele ficou em silêncio sombriamente.

- Você poderia, sem violar a sua decisão, manter silêncio sobre a coisa mais importante? Você poderia, ao mesmo tempo, nos dar pelo menos a menor dica de quais motivos tão fortes poderiam levá-lo a inadimplência em uma situação tão perigosa? você o momento do verdadeiro testemunho?

Mitya sorriu tristemente e de alguma forma pensativo.

“Sou muito mais gentil do que vocês pensam, senhores, vou lhes dizer o porquê e dar esta dica, embora vocês não valham a pena.” Porque, senhores, estou calado porque isso é uma vergonha para mim. A resposta à pergunta: onde consegui esse dinheiro contém para mim uma vergonha tão grande que mesmo o assassinato e o roubo de meu pai não poderiam ser igualados se eu o tivesse matado e roubado. É por isso que não consigo falar. Não posso por vergonha. O que vocês, senhores, querem escrever?

“Sim, vou anotar”, disse Nikolai Parfenovich.

- Você não deveria escrever isso, sobre a “vergonha”. Eu só mostrei isso a você pela bondade da minha alma, ou poderia não ter mostrado a você, eu dei a você, por assim dizer, e agora você é em vão. Bem, escreva, escreva o que quiser”, concluiu ele com desprezo e desgosto, “não tenho medo de você e... estou orgulhoso de você”.

“Você não vai me dizer que tipo de vergonha é essa?” - Nikolai Parfenovich gaguejou. O promotor franziu a testa terrivelmente.

- Não, não, c'est fini, não se preocupe. E não adianta se sujar... eu já me sacaneei com você. Vocês não estão de pé, nem vocês nem ninguém... Chega, senhores, vou interrompê-los.

Foi falado de forma muito decisiva. Nikolai Parfenovich parou de insistir, mas pelos olhares de Ippolit Kirillovich viu imediatamente que ainda não havia perdido as esperanças.

- Você pode pelo menos declarar: quanto estava em suas mãos quando você entrou com ele na casa do Sr. Perkhotin, ou seja, exatamente quantos rublos?

“Também não posso anunciar isso.”

— Parece que você contou ao Sr. Perkhotin cerca de três mil que supostamente recebeu da Sra.

- Talvez ele tenha feito isso. Chega, senhores, não direi quanto.

- Nesse caso, você se daria ao trabalho de descrever como chegou aqui e tudo o que fez quando chegou aqui?

- Ah, pergunte a todos aqui sobre isso. Mas talvez eu lhe conte também.

Ele contou, mas não vamos contar a história. Ele falou seca e fluentemente. Ele não falou nada sobre as delícias de seu amor. No entanto, ele contou como sua determinação de atirar em si mesmo foi embora “diante de novos fatos”. Ele falou sem motivação, sem entrar em detalhes. E desta vez os investigadores não o incomodaram muito: ficou claro que para eles esse não era o ponto principal agora.

“Vamos verificar tudo isto, voltaremos a tudo durante o interrogatório das testemunhas, que, claro, terá lugar na sua presença”, concluiu Nikolai Parfenovich o interrogatório. “Agora, deixe-me pedir-lhe que coloque aqui sobre a mesa todos os seus pertences que estão com você e, o mais importante, todo o dinheiro que você tem agora.”

- Dinheiro, senhores? Com licença, entendo o que é necessário. Estou até surpreso que as pessoas não estivessem curiosas sobre isso antes. É verdade que eu não iria a lugar nenhum, estou sentado à vista de todos. Bom, aqui está, meu dinheiro, conte, pegue, tudo parece.

Ele tirou tudo dos bolsos, até mesmo os trocados, e tirou duas moedas de dois copeques do bolso lateral do colete. Eles contaram o dinheiro e descobriram que eram oitocentos e trinta e seis rublos e quarenta copeques.

- Isso é tudo? - perguntou o investigador.

- Todos.

“Você se dignou a dizer agora mesmo, enquanto prestava seu depoimento, que deixou trezentos rublos na loja dos Plotnikov, deu dez a Perkhotin, ao cocheiro vinte, perdeu duzentos aqui, então...

Nikolai Parfenovich contou tudo. Mitya ajudou de boa vontade. Eles se lembraram e incluíram cada centavo na conta. Nikolai Parfenovich resumiu rapidamente.

- Com esses oitocentos, significa que o seu total inicialmente era de cerca de mil e quinhentos?

“Então,” Mitya retrucou.

- Como é que todos afirmam que havia muito mais?

- Deixe-os aprovar.

- Sim, e você mesmo afirmou isso.

“E eu mesmo disse.”

“Ainda vamos verificar tudo isso com provas de outros que ainda não foram questionados; não se preocupe com o seu dinheiro, ele ficará guardado onde deve estar, e estará ao seu serviço no final de tudo... que começou... se acontecer ou, por assim dizer, ficar provado que você tem um direito indiscutível a isso. Bem, agora...

Nikolai Parfenovich levantou-se de repente e anunciou firmemente a Mitya que ele era “forçado e deveria” realizar a inspeção mais detalhada e precisa de “tanto seu vestido quanto tudo”...

“Por favor, senhores, esvaziarei todos os seus bolsos, se quiserem.” E ele realmente começou a esvaziar os bolsos.

“Será até necessário tirar a roupa.”

- Como? Despir? Caramba! Sim, pesquise assim! Isso não é possível?

- De jeito nenhum, Dmitry Fedorovich. Precisamos tirar nossas roupas.

“Como desejar”, ​​Mitya obedeceu sombriamente, “só por favor, não aqui, mas atrás das cortinas”. Quem irá inspecionar?

“Claro, nos bastidores”, Nikolai Parfenovich baixou a cabeça em concordância. Seu rosto exibia um ar especial de importância.

VI. O promotor pegou Mitya

Algo completamente inesperado e surpreendente começou para Mitya. Ele nunca poderia ter imaginado antes, nem um minuto antes, que alguém pudesse tratá-lo, Mitya Karamazov, dessa maneira! O principal é que apareceu algo humilhante, e da parte deles “arrogante e desdenhoso para com ele”. Teria sido bom tirar a sobrecasaca, mas pediram-lhe que se despisse ainda mais. E não apenas o que foi pedido, mas em essência ordenado; ele entendeu isso perfeitamente. Por orgulho e desprezo, ele obedeceu completamente, sem palavras. Além de Nikolai Parfenovich, o promotor também entrou atrás da cortina, vários homens também estavam presentes, “é claro, por força”, pensou Mitya, “e talvez por outra coisa”.

- Bem, eu realmente deveria tirar minha camisa? - perguntou bruscamente, mas Nikolai Parfenovich não respondeu: ele, junto com o promotor, examinaram profundamente o casaco, a calça, o colete e o boné, e ficou claro que os dois estavam muito interessados ​​​​no exame: “Eles não faça cerimônia alguma”, passou pela mente de Mitya, “Eles nem mesmo observam a educação necessária”.

“Estou perguntando pela segunda vez: devo tirar a camisa ou não?” - disse ele ainda mais áspero e irritado.

“Não se preocupe, iremos notificá-lo”, Nikolai Parfenovich até respondeu com certa autoridade. Pelo menos Mitya pensava assim.

Enquanto isso, uma reunião cuidadosa acontecia em voz baixa entre o investigador e o promotor. Havia enormes manchas de sangue na pelagem, principalmente no lado esquerdo, na parte de trás, secas, com crostas e ainda não muito amassadas. Nas calças também. Nikolai Parfenovich, além disso, com as próprias mãos, na presença de testemunhas, passou os dedos pela gola, pelos punhos e por todas as costuras do casaco e das calças, obviamente procurando alguma coisa - claro, dinheiro. O principal é que não esconderam de Mitya a suspeita de que ele poderia e era capaz de costurar dinheiro em um vestido. “É como lidar com um ladrão, não como lidar com um oficial”, murmurou para si mesmo. Eles comunicaram seus pensamentos um ao outro na presença dele com uma estranha abertura. Por exemplo, o balconista, que também se encontrava atrás da cortina, agitado e servindo, chamou a atenção de Nikolai Parfenovich para seu boné, o que também foi sentido: “Lembre-se de Gridenka, o balconista, senhor”, observou o balconista: “no verão ele foi para receber o salário de todo o escritório, e quando voltou disse que Perdeu bêbado, então onde você encontrou? Foi nesse mesmo debrum, na tampa, senhor, que as notas de cem rublos foram enroladas em tubos e costuradas no debrum.” Tanto o investigador quanto o promotor se lembraram muito bem do fato de Gridenka e, por isso, deixaram de lado o boné de Mitya e decidiram que tudo isso precisaria ser seriamente reconsiderado mais tarde, assim como todo o vestido.

“Com licença”, gritou Nikolai Parfenovich de repente, notando o punho direito da manga direita da camisa de Mitya, todo coberto de sangue, aparafusado por dentro, “com licença, senhor, o que é isso, sangue?”

“Sangue”, Mitya retrucou.

- Então o que é isso, senhor... e por que está parafusado dentro da manga? Mitya contou como sujou a algema enquanto brincava com Grigory e a entregou na casa de Perkhotin enquanto lavava as mãos.

- Teremos que levar sua camisa também, é muito importante... para provas materiais. - Mitya corou e ficou furioso.

- Por que eu deveria ficar nu? - ele gritou.

“Não se preocupe... Vamos consertar isso de alguma forma, mas enquanto isso, dê-se ao trabalho de tirar as meias.”

-Você está brincando? Isso é realmente necessário? - Mitya piscou os olhos.

“Não temos tempo para piadas”, retrucou Nikolai Parfenovich severamente.

“Bem, se necessário... eu...” Mitya murmurou e, sentando-se na cama, começou a tirar as meias. Ele se sentiu insuportavelmente envergonhado: todos estavam vestidos, mas ele estava despido e, estranhamente, despido, parecia se sentir culpado diante deles e, o mais importante, ele mesmo quase concordou que realmente de repente havia se tornado inferior a todos eles, e que agora eles já têm todo o direito de desprezá-lo. “Se todos estão despidos, não há vergonha, mas um está despido e todos estão olhando - é uma pena!” brilhou repetidamente em sua mente: “Como se estivesse em um sonho, em um sonho eu às vezes via tantas desgraças sobre mim”. Mas foi até doloroso para ele tirar as meias: estavam muito sujas, e a cueca também, e agora todo mundo viu. E o mais importante, ele mesmo não gostava de seus pés, por algum motivo durante toda a sua vida ele achou feios os dedões dos pés em ambos os pés, especialmente uma unha áspera, plana e de alguma forma dobrada em seu pé direito, e agora eles verão tudo. De uma vergonha insuportável, ele de repente se tornou ainda mais rude e deliberadamente rude. Ele rasgou a própria camisa.

- Gostaria de procurar outro lugar, se não tiver vergonha?

- Não, senhor, ainda não.

- Então, devo ficar nu? - acrescentou ferozmente.

- Sim, isso é necessário por enquanto... Dê-se ao trabalho de sentar aqui por enquanto, você pode tirar o cobertor da cama e se agasalhar, e eu... eu vou resolver tudo.

Todas as coisas foram mostradas às testemunhas, foi elaborado um relatório de inspeção e, finalmente, Nikolai Parfenovich saiu e o vestido foi retirado atrás dele. Ippolit Kirillovich também apareceu. Apenas os homens permaneceram com Mitya e ficaram em silêncio, sem tirar os olhos dele. Mitya se enrolou em um cobertor e sentiu frio. Suas pernas nuas estavam esticadas e ele ainda não conseguia cobri-las com o cobertor. Nikolai Parfenovich demorou muito para voltar, “um tempo terrivelmente longo”, “ele me trata como um cachorrinho”, Mitya rangeu os dentes. “Esse lixo de promotor também foi embora, provavelmente por desacato, ficou nojento olhar para uma pessoa nua.” Mitya ainda acreditava que seu vestido seria examinado em algum lugar e trazido de volta. Mas imagine sua indignação quando Nikolai Parfenovich voltou de repente com um vestido completamente diferente, que o homem carregava atrás de si.

“Bem, aqui está o seu vestido”, disse ele casualmente, aparentemente muito satisfeito com o sucesso de sua caminhada. “É o Sr. Kalganov quem está doando uma camisa limpa para você para este caso curioso.” Felizmente, tudo isso acabou na mala dele. Você pode ficar com suas próprias roupas íntimas e meias.

Mitya ficou furioso.

- Eu não quero o vestido de outra pessoa! - gritou ameaçadoramente, - dá-me o meu!

- Impossível.

- Dê-me o meu, para o inferno com Kalganov, e com o vestido dele, e com ele mesmo!

Eles o persuadiram por muito tempo. De alguma forma eles me acalmaram. Foi-lhe sugerido que o seu vestido, manchado de sangue, “se juntasse à recolha de provas materiais”, mas agora “nem têm o direito de o deixar com ele... em termos de como o caso poderá terminar”. .” Mitya finalmente entendeu isso. Ele ficou em silêncio e começou a se vestir rapidamente. Ele apenas percebeu, ao colocar o vestido, que ele era mais rico que seu vestido antigo e que não iria querer “usá-lo”. Além disso, “é humilhantemente estreito. Eu deveria fazer uma piada com ele... para sua alegria?

Foi-lhe novamente sugerido que também aqui estava a exagerar, que o Sr. Kalganov, embora mais alto do que ele, era apenas ligeiramente mais alto, e talvez as suas calças fossem um pouco compridas demais. Mas a sobrecasaca acabou ficando bem estreita nos ombros:

“Droga, é difícil abotoar”, resmungou Mitya novamente, “faça-me um favor e diga ao Sr. Kalganov agora mesmo que não pedi seu vestido e que eu mesmo me vesti de bobo da corte. ”

“Ele entende isso muito bem e se arrepende... isto é, ele não se arrepende de seu vestido, mas de todo esse incidente...” Nikolai Parfenovich murmurou.

- Não ligue para o arrependimento dele! Bem, para onde vamos agora? Ou todos deveriam apenas sentar aqui?

Ele foi convidado a sair novamente para “aquela sala”. Mitya saiu, sombrio de raiva e tentando não olhar para ninguém. Com o vestido de outra pessoa, ele se sentiu completamente desonrado, mesmo diante desses homens e de Trifon Borisovich, cujo rosto de repente brilhou na porta por algum motivo e desapareceu: “Vim ver o homem bem vestido”, pensou Mitya. Ele sentou-se em sua velha cadeira. Ele imaginou algo terrível e absurdo; parecia-lhe que estava louco.

“Bem, agora você vai começar a me açoitar com varas, porque não sobrou nada”, ele disse com voz rouca, virando-se para o promotor. Ele não queria mais recorrer a Nikolai Parfenovich, como se não se dignasse a falar com ele. “Ele examinou minhas meias muito de perto e até, o canalha, mandou que eu as virasse do avesso, ele fez isso de propósito para mostrar a todos que roupa suja eu tenho!”

“Sim, agora teremos que interrogar testemunhas”, disse Nikolai Parfenovich, como se em resposta à pergunta de Dmitry Fedorovich.

“Sim, senhor”, disse o promotor, pensativo, também como se estivesse descobrindo alguma coisa.

“Nós, Dmitry Fedorovich, fizemos o que pudemos em seus próprios interesses”, continuou Nikolai Parfenovich, “mas tendo recebido uma recusa tão radical de sua parte em nos explicar sobre a origem da quantia que estava com você, nós, neste momento...

- Do que é feito o seu anel? - Mitya interrompeu repentinamente, como se emergisse de algum tipo de devaneio e apontasse o dedo para um dos três grandes anéis que adornavam a mão direita de Nikolai Parfenovich.

- Anel? - Nikolai Parfenovich perguntou surpreso.

- Sim, esse aqui... no dedo médio, com veias, que tipo de pedra é? - Mitya insistiu um tanto irritado, como uma criança teimosa.

“Este é um topázio esfumaçado”, Nikolai Parfenovich sorriu, “se você quiser ver, eu tiro...

- Não, não, não tire! - Mitya gritou ferozmente, de repente recuperando o juízo e com raiva de si mesmo, - não tire, não... Droga... Senhores, vocês estragaram minha alma! Você realmente acha que eu me esconderia de você se realmente matasse meu pai, cambaleasse, mentisse e me escondesse? Não, Dmitry Karamazov não é assim, ele não teria suportado isso, e se eu fosse culpado, juro, não teria esperado sua chegada aqui e o nascer do sol, como pretendia originalmente, mas teria me destruído mesmo antes, nem esperando o amanhecer! Eu mesmo sinto isso agora. Nos meus vinte anos de vida eu não teria aprendido tanto quanto aprendi naquela maldita noite comovida, será que eu teria olhado para você e para o mundo dessa forma se eu realmente tivesse sido um parricida, quando ainda ocorreu esse assassinato acidental de Gregório! me assombrou a noite toda - não por medo, ah, não apenas por medo de seu castigo! Desgraça! E você quer que eu revele e conte a escarnecedores como você, que nada veem e não acreditam em nada, toupeiras cegas e escarnecedores, mais uma nova maldade minha, mais uma nova vergonha, mesmo que isso me salve da sua acusação? Sim, é melhor trabalhar duro! Aquele que destrancou a porta do pai e entrou por esta porta, ele o matou, o roubou. Quem é ele - estou confuso e atormentado, mas este não é Dmitry Karamazov, saiba disso - e isso é tudo que posso lhe dizer, e chega, chega, não me incomode... Exile, execute, mas não irrite eu mais. Fiquei em silêncio. Chame suas testemunhas!

Mitya falou seu monólogo repentino, como se já tivesse decidido permanecer completamente em silêncio no futuro. O promotor o observava o tempo todo e, assim que se calou, com o olhar mais frio e calmo disse de repente exatamente a coisa mais comum:

“É justamente sobre esta porta aberta que você acabou de mencionar que nós, e bem a tempo, podemos lhe contar, neste momento, um testemunho extremamente curioso e extremamente importante, para você e para nós, do velho Grigory Vasiliev, que foi ferido por você.” Transmitiu-nos com clareza e persistência, ao acordar, em resposta às nossas perguntas, que naquele momento em que, tendo saído para o alpendre e ouvido algum barulho no jardim, decidiu entrar no jardim pelo portão que estava aberto , então, tendo entrado no jardim, antes mesmo de perceber você na escuridão fugindo, como você já nos contou, da janela aberta em que viu seu pai, ele, Gregory, lançando um olhar para a esquerda e percebendo esta janela aberta , notou ao mesmo tempo, muito mais perto de si, a porta escancarada sobre a qual você disse que permaneceu trancada durante todo o tempo em que você esteve no jardim. Não vou esconder de você que o próprio Vasiliev conclui com firmeza e testemunha que você deve ter saído correndo porta afora, embora é claro que ele não tenha visto com seus próprios olhos como você saiu correndo, notando você no primeiro momento já a alguma distância de ele mesmo, no meio do jardim, fugindo para o lado da cerca...

Mitya pulou da cadeira no meio do discurso.

- Bobagem! - ele gritou de repente em frenesi, - um engano flagrante! Ele não conseguia ver a porta aberta porque estava trancada... Ele está mentindo!..

“Considero meu dever repetir-lhe que seu testemunho é sólido.” Ele não hesita. Ele fica de pé. Perguntamos a ele várias vezes.

- Exatamente, perguntei novamente várias vezes! - Nikolai Parfenovich confirmou com fervor.

- Não é verdade, não é verdade! Isso ou é uma calúnia contra mim, ou uma alucinação de um louco”, Mitya continuou a gritar: “simplesmente delirante, sangrando, de uma ferida, ele imaginou isso quando acordou... Então ele está delirando”.

“Sim, senhor, mas ele notou a porta destrancada não quando acordou do ferimento, mas antes mesmo disso, quando estava entrando no jardim pelo anexo.”

- Não é verdade, não é verdade, não pode ser! Ele está me caluniando por despeito... Ele não podia ver... Eu não fugi pela porta”, Mitya engasgou.

O promotor voltou-se para Nikolai Parfenovich e disse-lhe de forma impressionante:

- Apresente.

- Este item é familiar para você? - Nikolai Parfenovich de repente colocou sobre a mesa um envelope grande, tamanho papelaria, feito de papel grosso, no qual se viam mais três selos preservados. O envelope em si estava vazio e rasgado de um lado. Mitya revirou os olhos para ele.

“Este... este é o envelope do meu pai”, murmurou, “o mesmo em que estavam esses três mil... e se a inscrição, permita-me: “Frango”... aqui: três mil”, ele gritou: “três mil, viu?”

“Bem, senhor, entendemos, mas não encontramos nenhum dinheiro nele, estava vazio e estava caído no chão, ao lado da cama, atrás das telas.” Por vários segundos, Mitya ficou atordoado.

- Senhores, este é Smerdyakov! - gritou de repente com todas as suas forças, “ele matou, ele roubou!” Ele era o único que sabia onde estava escondido o envelope do velho... É ele - agora está claro!

“Mas você também sabia sobre o envelope e que ele estava debaixo do travesseiro.”

“Nunca soube: nunca o vi, agora o vejo pela primeira vez, mas antes só tinha notícias de Smerdyakov... Só ele sabia onde o velho o tinha escondido, mas eu não sabia.. .” Mitya estava completamente sem fôlego.

“E ainda assim você mesmo nos mostrou agora há pouco que o envelope estava debaixo do travesseiro do falecido pai.” Você acabou de dizer que estava debaixo do travesseiro, então sabia onde ele estava deitado.

- Estamos gravando! - confirmou Nikolai Parfenovich.

- Bobagem, absurdo! Eu não sabia o que havia debaixo do travesseiro. Sim, talvez nem debaixo do travesseiro... Eu disse ao acaso que debaixo do travesseiro... O que Smerdyakov está dizendo? Você perguntou a ele onde ele estava? O que Smerdiakov está dizendo? Isso é o principal... E eu menti deliberadamente para mim mesmo... Eu menti para você sem pensar que estava deitado debaixo do travesseiro, e agora você... Bem, você sabe, isso vai escorregar da sua boca e mentira. E só Smerdyakov sabia, só Smerdyakov e mais ninguém!.. Ele nem me disse onde estava! Mas é ele, é ele; “Ele sem dúvida o matou, está claro para mim agora como a luz”, Mitya exclamava cada vez mais em frenesi, repetindo-se incoerentemente, ficando com calor e amargurado. - Entenda isso e prenda-o rápido, rápido... Ele me matou quando eu fugi e quando Grigory estava inconsciente, isso agora está claro... Ele deu os sinais, e seu pai abriu a porta para ele... Porque ele era o único que conhecia os sinais, mas sem os sinais o Pai não abria a porta para ninguém...

“Mas novamente você esquece o fato”, observou o promotor, ainda contido, mas como se já triunfante, “que não havia necessidade de dar sinais se a porta já estivesse aberta, mesmo na sua presença, enquanto você estava no jardim. ..”

“Porta, porta”, Mitya murmurou e olhou silenciosamente para o promotor, ele, impotente, afundou-se na cadeira. Todos ficaram em silêncio.

- Sim, a porta!.. É um fantasma! Deus está contra mim! - exclamou ele, olhando para frente completamente sem pensar.

“Veja”, disse o promotor com importância, “e agora julgue por si mesmo, Dmitry Fedorovich: por um lado, este é o testemunho sobre a porta aberta da qual você saiu correndo, oprimindo você e nós”. Por outro lado, o seu silêncio incompreensível, teimoso e quase amargo sobre a origem do dinheiro que de repente apareceu em suas mãos, enquanto três horas antes dessa quantia você, segundo seu próprio depoimento, penhorou suas pistolas para receber apenas dez rublos ! Diante de tudo isso, decida por si mesmo: em que devemos acreditar e onde devemos parar? E não nos finja que somos “cínicos frios e zombeteiros”, incapazes de acreditar nos nobres impulsos da sua alma... Olhe, pelo contrário, para a nossa situação...

Mitya estava com uma excitação inimaginável e empalideceu.

- Multar! - exclamou de repente, - vou te contar o meu segredo, vou te contar de onde tirei o dinheiro!.. Vou revelar a minha vergonha, para não culpar nem a você nem a mim mesmo mais tarde...

“E acredite em mim, Dmitry Fedorovich”, Nikolai Parfenovich pegou com uma voz comovente e alegre, “que qualquer consciência sincera e completa sua, feita precisamente neste exato momento, pode posteriormente influenciar o alívio incomensurável de seu destino e até mesmo, além disso ...

Mas o promotor deu-lhe um leve empurrão por baixo da mesa e ele conseguiu parar a tempo. Mitya realmente não o ouviu.

VII. O grande segredo de Myta. Eles vaiaram

“Senhores”, começou ele, ainda no mesmo entusiasmo, “esse dinheiro... quero admitir plenamente... esse dinheiro era meu”.

O promotor e o investigador até tinham rostos carrancudos; não era isso que esperavam.

“E o seu”, gaguejou Nikolai Parfenovich, “enquanto às cinco horas da tarde, como você mesmo admite...

“Eh, para o inferno com as cinco horas daquele dia e minha própria confissão, esse não é o ponto agora!” Esse dinheiro era meu, meu, quer dizer, roubado por mim... não meu, quer dizer, mas roubado, roubado por mim, e eram mil e quinhentos deles, e eles estavam comigo, comigo o tempo todo.. .

- De onde você os tirou?

- Do meu pescoço, senhores, tirei, do meu pescoço, deste mesmo meu pescoço... Aqui estavam eles no meu pescoço, costurados em um trapo e pendurados no meu pescoço, por muito tempo, já há um mês, Eu os tinha no pescoço com vergonha e desgraça!

- Mas de quem você... se apropriou deles?

— Você quis dizer “roubado”? Agora fale suas palavras diretamente. Sim, acho que os roubei e, se quiser, realmente “me apropriei” deles. Mas acho que ele roubou. E ontem à noite eu realmente roubei.

- Noite passada? Mas você acabou de dizer que já faz um mês desde que você… os pegou!

- Sim, mas não do meu pai, não do meu pai, não se preocupe, eu não roubei do meu pai, mas dela. Deixe-me falar e não interrompa. É difícil. Veja bem: há um mês, Katerina Ivanovna Verkhovtseva, minha ex-noiva, me ligou... Você a conhece?

- Claro, senhor, tenha piedade.

- Eu sei que você quer. A alma mais nobre, a mais nobre dos nobres, mas que me odiou por muito tempo, ah, muito, muito tempo atrás... e merecidamente, merecidamente me odiou!

-Katerina Ivanovna? — perguntou o investigador surpreso. O promotor também olhou terrivelmente.

- Ah, não diga o nome dela em vão! Sou um canalha por tirá-la. Sim, eu vi que ela me odiava... há muito tempo... desde a primeira vez, desde aquele exato momento no meu apartamento... Mas chega, chega, você nem merece saber, isso é não é necessário... Mas tudo o que é necessário é que ela me ligou há um mês, me deu três mil para enviar para sua irmã e outro parente em Moscou (e como se ela mesma não pudesse enviar!), e Eu... foi precisamente naquela hora fatídica da minha vida quando eu... bem, em uma palavra, quando eu tinha acabado de me apaixonar por outra, ela, a presente, ela está sentada aí com você agora. Grushenka... Eu agarrei-a então aqui em Mokroe e passei aqui em dois dias metade desses malditos três mil, ou seja, mil e quinhentos e ficou com a outra metade para si. Bom, esse mil e quinhentos que eu guardei, carreguei comigo no pescoço, em vez de na palma da mão, e ontem imprimi e desperdicei. O troco de oitocentos rublos está agora em suas mãos, Nikolai Parfenovich, este é o troco dos mil e quinhentos de ontem.

- Com licença, como pode ser isso, afinal você gastou três mil aqui há um mês, não um e meio, todo mundo sabe disso?

- Quem sabe? Quem contou? Quem eu deixei contar?

- Pelo amor de Deus, você mesmo disse a todos que gastou exatamente três mil naquela época.

- É verdade, ele disse, ele contou para toda a cidade, e toda a cidade disse, e todos pensaram assim, e aqui, em Mokroye, todos também pensaram que eram três mil. Afinal, gastei não três, mas mil e quinhentos, e costurei os outros mil e quinhentos; foi assim, senhores, foi daqui que saiu esse dinheiro ontem...

“É quase maravilhoso...” Nikolai Parfenovich gaguejou.

“Deixe-me perguntar”, disse o promotor finalmente, “você não anunciou essa circunstância a ninguém antes... isto é, que você manteve aqueles mil e quinhentos mil com você, há um mês?”

- Eu não contei a ninguém.

- Isso é estranho. É realmente ninguém?

- Ninguém mesmo. Para ninguém e ninguém.

- Mas por que tanto silêncio? O que o levou a tornar isso tão secreto? Vou explicar com mais precisão: você finalmente nos contou o seu segredo, que nas suas palavras foi tão “vergonhoso”, embora em essência - isto é, é claro, apenas relativamente falando - este ato, isto é, precisamente a apropriação dos três de outra pessoa mil rublos, e, sem dúvida, apenas temporário - um ato que, na minha opinião, pelo menos, é apenas um ato extremamente frívolo, mas não tão vergonhoso, levando em conta também o seu caráter... Bem, digamos, até mesmo um ato extremamente vergonhoso, concordo, mas vergonhoso, isso é tudo, mas não é vergonhoso... Ou seja, o que estou dizendo na verdade é que muita gente já adivinhou os três mil que você desperdiçou da Sra. Verkhovtseva este mês e sem o seu reconhecimento, Eu mesmo ouvi essa lenda... Mikhail Makarovich, por exemplo, também ouviu. Então, finalmente, isso quase não é mais uma lenda, mas sim a fofoca de toda a cidade. Além disso, há vestígios de que você mesmo, se não me engano, admitiu isso para alguém, ou seja, que esse dinheiro é da Sra. Verkhovtseva... E por isso me surpreende muito que você tenha anexado até agora, isto é, até o momento presente, um segredo tão extraordinário para esses mil e quinhentos postos de lado de acordo com suas palavras, combinando com seu segredo isso algum tipo de horror... É incrível que tal segredo possa custar você tem tanta dor de confessar... porque você estava até gritando agora que era melhor ir para o trabalho duro do que admitir...

O promotor ficou em silêncio. Ele ficou animado. Ele não escondeu o aborrecimento, quase raiva, e despejou tudo o que havia acumulado, sem nem se importar com a beleza da sílaba, ou seja, de forma incoerente e quase confusa.

“A vergonha não estava nos mil e quinhentos, mas no fato de eu ter separado esse mil e quinhentos daqueles três mil”, disse Mitya com firmeza.

“Mas o que”, o promotor sorriu irritado, “o que exatamente há de vergonhoso no fato de você ter separado metade dos três mil já levados, vergonhosamente, ou, se você mesmo quiser, então vergonhosamente?” O que é mais importante é que você desviou três mil, e não como se desfez deles. Aliás, por que você fez assim, ou seja, separou essa metade? Por que, com que propósito eles fizeram isso, você pode nos explicar isso?

- Ah, senhores, todo o poder está no gol! - Mitya exclamou: - ele separou por maldade, ou seja, por cálculo, pois cálculo neste caso é maldade... E essa maldade continuou por um mês inteiro!

– Não está claro.

- Estou surpreso com você. Mas vou explicar melhor, realmente pode não estar claro. Veja bem, observe-me: eu me apropriei dos três mil confiados à minha honra, um monte deles, desperdicei tudo, e pela manhã apareço para ela e digo: “Katya. a culpa é minha, desperdicei seus três mil,” - bem, ok? Não, não é bom - desonesto e covarde, uma fera e um homem que não consegue se controlar a ponto da brutalidade, não é, é? Mas ainda não é um ladrão? Ladrão não é direto, você deve concordar! Eu desperdicei, mas não roubei! Agora o segundo caso, ainda mais lucrativo, siga-me, senão provavelmente vou me perder de novo - de alguma forma minha cabeça está girando - então o segundo caso: só gasto aqui um mil e quinhentos em três, ou seja, meio. No dia seguinte eu venho até ela e trago essa metade: “Katya, tira de mim, canalha e canalha frívolo, essa metade, porque eu desperdicei metade, então vou desperdiçar essa também, então fora de perigo!” Bem, e então? Qualquer coisa, uma fera e um canalha, mas não mais um ladrão, nem um ladrão, pois se ele fosse um ladrão, provavelmente não teria trazido de volta metade do troco, mas também o teria apropriado. Ela imediatamente vê que como trouxe metade, ela vai trazer o resto, ou seja, os estragados, ela vai procurar a vida toda, vai trabalhar, mas vai encontrar e devolver. Assim, canalha, mas não ladrão, não ladrão, o que você quiser, não ladrão!

“Vamos supor que haja alguma diferença”, o promotor sorriu friamente. “Mas ainda é estranho que você veja uma diferença tão fatal nisso.”

- Sim, vejo uma diferença tão fatal! Qualquer um pode ser canalha, e talvez todos o sejam, mas nem todos podem ser ladrões, apenas um arqui-canalha. Bem, não sei fazer essas sutilezas... Mas só o ladrão é mais malvado que o canalha, essa é a minha convicção. Escute: estou carregando o dinheiro comigo há um mês inteiro, amanhã posso decidir doá-lo, e não sou mais um canalha, mas não consigo me decidir, é isso, embora eu faça me decido todos os dias, embora todos os dias eu me esforce: “decida-se”, decida-se, seu canalha”, e não consegui me decidir o mês inteiro, é isso! O que você acha que é bom?

“Digamos que não é tão bom, posso entender isso perfeitamente e não discuto sobre isso”, respondeu o promotor com moderação. - E, em geral, vamos deixar de lado qualquer discussão sobre essas sutilezas e diferenças, mas, novamente, se você quiser ir direto ao assunto. E a questão é justamente que você ainda não se dignou a nos explicar, embora tenhamos perguntado: por que você fez inicialmente tal divisão nesses três mil, ou seja, desperdiçou uma metade e escondeu a outra? Exatamente para que eles realmente esconderam isso, para que exatamente eles queriam usar esse mil e quinhentos separados? Insisto nesta questão, Dmitry Fedorovich.

- Ah, sim, de fato! - gritou Mitya, batendo na testa, - me perdoe, estou torturando você, mas não estou explicando o principal, senão você entenderia instantaneamente, porque o objetivo, esse objetivo é a vergonha! Veja, tem esse velho aqui, o morto, ele ficava envergonhando Agrafena Alexandrovna, e eu fiquei com ciúmes, pensei então que ela estava oscilando entre mim e ele: então eu penso todos os dias: e se de repente for uma decisão dela parte, e se ela se cansar de me atormentar, e de repente ele me disser: “Eu amo você, não ele, leve-me até os confins do mundo”. E eu só tenho dois copeques; O que você vai levar embora, o que você deve fazer então - e então acabou. Eu não a conhecia e não a entendia, pensei que ela precisava de dinheiro e que não me perdoaria a minha pobreza. E então eu sarcasticamente conto meio de três mil e costuro com uma agulha a sangue frio, costuro com cálculo, costuro antes mesmo de ficar bêbado, e então, assim que costuro, Vou beber o resto da metade! Não, senhor, isso é maldade! Você entende agora?

O promotor riu alto e o investigador também.

“Na minha opinião, é até prudente e moral termos resistido e não desperdiçado tudo”, Nikolai Parfenovich riu, “porque o que há de errado nisso, senhor?”

- Sim, o que ele roubou, é isso! Ai meu Deus, você me apavora com sua falta de compreensão! Durante todo o tempo em que usei esses mil e quinhentos mil costurados no peito, todos os dias e todas as horas eu dizia a mim mesmo: “Você é um ladrão, você é um ladrão!” Sim, por isso fiquei furioso naquele mês, por isso briguei na taberna, por isso bati no meu pai, porque me senti um ladrão! Nem me atrevi a contar a Aliocha, meu irmão, sobre esse mil e quinhentos: me senti tão mal por ser um canalha e um mazurik! Mas saiba que enquanto o usava, ao mesmo tempo, todos os dias e todas as horas, dizia a mim mesmo: “Não, Dmitry Fedorovich, talvez você ainda não seja um ladrão”. Por que? Principalmente porque você pode ir amanhã e dar esses mil e quinhentos para Katya. E ainda ontem resolvi arrancar a palma da mão do pescoço, caminhando de Feni a Perkhotin, mas até aquele minuto não ousei, e assim que a arranquei, naquele exato momento me tornei o ladrão final e indiscutível, um ladrão e uma pessoa desonesta para o resto da vida. Por que? Porque junto com a palma da mão se desfez meu sonho de ir até Katya e dizer: “Sou canalha, não ladrão”! Você entende agora, você entende!

- Por que você decidiu fazer isso ontem à noite? - Nikolai Parfenovich interrompeu.

- Por que? É engraçado perguntar: porque me condenei à morte, às cinco da manhã, aqui de madrugada: “Não importa, pensei, morrer canalha ou nobre!” Então não, descobriu-se que não é tudo igual! Vocês acreditam, senhores, que foi isso que mais me atormentou naquela noite, que matei um velho criado, e que a Sibéria estava ameaçando, e quando? quando meu amor foi coroado e o céu se abriu para mim novamente! Ah, foi doloroso, mas não assim; ainda não é o mesmo que essa maldita consciência de que finalmente arranquei esse maldito dinheiro do peito e o desperdicei e, portanto, agora já sou um ladrão completo! Ah, senhores, repito-lhes com todo o sangue do coração: aprendi muito naquela noite! Aprendi que não só é impossível viver como um canalha, mas também é impossível morrer como um canalha... Não, senhores, vocês devem morrer honestamente!..

Mitya estava pálido. Seu rosto tinha uma aparência abatida e exausta, apesar de ele estar extremamente quente.

“Estou começando a entender você, Dmitry Fedorovich”, o promotor falou suavemente e até mesmo com compaixão, “mas tudo isso, como você quiser, na minha opinião, é apenas nervosismo... seus nervos dolorosos, é isso.” E por que, por exemplo, para se salvar de tanto tormento durante quase um mês inteiro, você não vai dar esses mil e quinhentos mil à pessoa que os confiou a você, e, já tendo explicado a ela, por que você, diante de uma situação tão terrível quanto a retrata, não tenta a combinação que tão naturalmente se apresenta à mente, ou seja, depois de admitir nobremente a ela seus erros, por que você não peça a ela o valor necessário para suas despesas, no qual ela, com coração generoso e vendo sua frustração, claro que eu não recusaria, principalmente se fosse contra documento, ou finalmente pelo menos sob a mesma segurança que você ofereceu ao comerciante Samsonov e à Sra. Khokhlakova? Afinal, você ainda considera essa segurança valiosa?

Mitya corou de repente:

"Você realmente me considera um canalha assim?" Você não pode estar falando sério!..” ele disse indignado, olhando nos olhos do promotor e como se não acreditasse no que tinha ouvido dele.

- Garanto que é sério... Por que você acha que não é sério? — o promotor, por sua vez, ficou surpreso.

- Ah, que maldade isso seria! Senhores, vocês sabem que estão me torturando! Por favor, vou te contar tudo, que assim seja, agora vou te confessar toda a minha infernalidade, mas para te envergonhar, você mesmo ficará surpreso com a vileza que uma combinação de sentimentos humanos pode atingir. Saiba que eu mesmo já tinha essa combinação, essa mesma que você acabou de falar, promotor! Sim, senhores, também tive esse pensamento durante este maldito mês, tanto que quase decidi ir para Katya, fui tão vil! Mas vá até ela, declare minha traição a ela, e por essa mesma traição, pela execução dessa traição, pelas próximas despesas dessa traição, dela, de Katya, peça dinheiro (pergunte, ouça, pergunte!) e imediatamente ela deveria fugir com outra pessoa, com seu rival, com seu odiador e ofensor - pelo amor de Deus, você está louco, promotor!

“Não é loucura, mas é claro que não percebi no calor do momento... sobre esse ciúme tão feminino... se realmente pode haver ciúme aqui, como você afirma... sim, talvez haja algo desse tipo aqui”, o promotor sorriu.

“Mas isso seria uma abominação”, Mitya bateu ferozmente na mesa com o punho, “cairia tanto que eu nem sei!” Você sabia que ela poderia ter me dado esse dinheiro, e ela teria dado, ela provavelmente teria dado, por vingança ela teria me dado, por prazer na vingança, por desprezo por mim ela teria dei, porque esta também é uma alma infernal e uma mulher de muita raiva! Eu teria pegado o dinheiro, ah, eu teria pegado, pegado, e então toda a minha vida... ah, Deus! Perdoem-me, senhores, estou gritando tanto porque tive esse pensamento recentemente, apenas no terceiro dia, justamente quando estava brincando com Lyagav à noite, e então ontem, sim, e ontem, o dia todo ontem , eu me lembro disso, até esse mesmo incidente...

- Até quando? - Nikolai Parfenovich começou a dizer com curiosidade, mas Mitya não ouviu.

“Fiz uma confissão terrível para você”, concluiu ele sombriamente. - Avalie-o, senhores. Além disso, não basta apreciá-lo, não apreciá-lo, mas apreciá-lo, e se não, se até isso passar pelas suas almas: então vocês não me respeitam realmente, senhores, é isso que estou lhes dizendo, e vou morrer de vergonha por ter confessado para alguém como você! Ah, vou atirar em mim mesmo! Sim, já vejo, vejo que você não acredita em mim! Como, você quer anotar isso também? - ele gritou assustado.

“Sim, foi o que você acabou de dizer”, Nikolai Parfenovich olhou para ele surpreso, “isto é, que até a última hora você ainda tinha a intenção de ir até a Sra. Verkhovtseva para pedir-lhe essa quantia... Garanto você que este é um testemunho muito importante para nós.”, Dmitry Fedorovich, isto é, sobre todo esse incidente... e especialmente para você, especialmente importante para você.

“Tenham piedade, senhores”, Mitya apertou as mãos, “pelo menos não escrevam isso, tenham vergonha!” Afinal, eu, por assim dizer, rasguei minha alma ao meio na sua frente, e você aproveitou e está enfiando os dedos no lugar rasgado nas duas metades... Oh Deus!

Ele se cobriu com as mãos em desespero.

“Não se preocupe tanto, Dmitry Fedorovich”, concluiu o promotor, “você mesmo ouvirá tudo o que foi gravado mais tarde, e tudo o que você não concorda, nós mudaremos de acordo com suas palavras, e agora eu vou repetir uma pergunta para você pela terceira vez: é realmente possível que ninguém, bem, ninguém tenha ouvido falar de você sobre esse dinheiro que você costurou na palma da mão? Isto, eu lhe digo, é quase impossível de imaginar.

- Ninguém, ninguém, eu disse, senão você não entendeu nada! Deixe-me em paz.

- Com licença, senhor, esse assunto precisa ser explicado e ainda há muito por vir até então, mas por enquanto considere: podemos ter dezenas de provas que você mesmo distribuiu, e até gritou por toda parte sobre os três mil que gastou, sobre três, e não cerca de um e meio, e mesmo agora, com o aparecimento do dinheiro de ontem, também conseguiram avisar a muita gente que tinham trazido novamente três mil dinheiro com eles…

- Não dezenas, mas centenas de testemunhos nas mãos, duzentos testemunhos, duzentas pessoas ouviram, mil ouviram! - exclamou Mitya.

- Bem, veja bem, senhor, todo mundo, todo mundo testemunha. Então a palavra tudo significa alguma coisa?

“Isso não significa nada, eu menti e todo mundo começou a mentir atrás de mim.”

- Mas por que você teve que “mentir” tanto, como se expressa?

- O diabo sabe. Por se gabar, talvez... então... que ele desperdiçou tanto dinheiro... Talvez para que ele pudesse esquecer esse dinheiro costurado... sim, isso é precisamente porque... caramba... quantos vezes você está fazendo essa pergunta? Bom, ele mentiu e pronto, já que mentiu e não quis repassar. Por que uma pessoa às vezes mente?

“É muito difícil decidir, Dmitry Fedorovich, por que uma pessoa está mentindo”, disse o promotor de forma impressionante. - Diga-me, porém, qual era o tamanho dessa, como você chama, palma no seu pescoço?

- Não, não é grande.

- Qual o tamanho, por exemplo?

— Dobre um pedaço de papel de cem rublos ao meio, esse é o valor.

- Seria melhor se você nos mostrasse os recados? Eles estão em algum lugar com você?

- Eh, droga... que bobagem... não sei onde eles estão.

- Mas com licença: onde e quando você tirou isso do pescoço? Afinal, como você mesmo mostra, não foi para casa?

- E foi assim que ele deixou Feni e foi até Perkhotin, querido, e arrancou o dinheiro do pescoço e tirou.

- No escuro?

- Para que serve a vela? Eu fiz isso com meu dedo em um instante.

- Sem tesoura, na rua?

- Na praça, ao que parece; por que tesoura? um trapo surrado, agora rasgado.

-Para onde você a levou então?

“Eu deixei ali mesmo.”

- Onde exatamente?

- Sim, na praça, em geral na praça! O diabo sabe onde na praça. Por que você precisa disso?

- Isso é extremamente importante, Dmitry Fedorovich: evidências materiais a seu favor, e por que você não quer entender? Quem ajudou você a costurar há um mês?

- Ninguém ajudou, eu mesmo costurei.

— Você sabe costurar?

“Um soldado deve saber costurar, mas aqui não é necessária nenhuma habilidade.”

- Onde você conseguiu o material, ou seja, esse trapo com que você costurou?

- Você não está rindo?

- De jeito nenhum, e não estamos rindo de jeito nenhum, Dmitry Fedorovich.

“Não me lembro onde consegui o pano, comprei em algum lugar.”

- Como você pode não lembrar disso, ao que parece?

“Ah, por Deus, não me lembro, talvez eu tenha arrancado alguma coisa da minha calcinha.”

- Isso é muito interessante: amanhã poderá ser encontrada no seu apartamento essa coisa, uma camisa, talvez da qual você rasgou um pedaço. Do que era feito esse trapo: lona, ​​linho?

- O diabo sabe de quê. Espere... eu não parecia estar me desviando de nada. Era chita... acho que costurei no boné do dono.

- No boné do dono?

- Sim, eu roubei dela.

- Como eles roubaram isso?

“Veja, na verdade me lembro que de alguma forma roubei um dos meus bonés para comprar alguns trapos e talvez pudesse limpar uma pena.” Peguei com calma, porque era um trapo sem valor, tinha sobras espalhadas, e aqui peguei esses mil e quinhentos mil e costurei... Parece que eu costurei nesses trapos. Lixo velho de chita, lavado mil vezes.

- E você se lembra disso claramente?

- Não sei se está firme. Parece que ele está usando um boné. Bem, não importa!

“Nesse caso, sua amante poderia pelo menos lembrar que essa coisa estava faltando nela?”

- De jeito nenhum, ela não perdeu. Um trapo velho, eu lhe digo, um trapo velho, não vale um centavo.

—Onde você conseguiu a agulha e a linha?

- Paro, não quero mais. Suficiente! - Mitya finalmente ficou com raiva.

“E é estranho, novamente, que você tenha esquecido completamente exatamente onde jogou esta... palma na praça.”

“Diga-me para varrer a área amanhã, talvez você encontre”, Mitya sorriu. “Chega, senhores, chega”, decidiu ele com voz exausta. “Vejo claramente: você não acreditou em mim!” Nem por nada e nem por um centavo! A culpa é minha, não sua, eu não deveria ter interferido. Ora, por que me enojei ao confessar meu segredo! E isso é risada para você, posso ver em seus olhos. Foi você, promotor, quem me derrubou! Cante um hino para si mesmo, se puder... Malditos torturadores!

Ele abaixou a cabeça e cobriu o rosto com as mãos. O promotor e o investigador ficaram em silêncio. Um minuto depois, ele levantou a cabeça e olhou para eles sem pensar. Seu rosto expressava um desespero já consumado, já irrevogável, e ele de alguma forma ficou em silêncio, sentou-se e parecia não se lembrar de si mesmo. Entretanto, o assunto tinha de ser encerrado: era necessário passar com urgência ao interrogatório das testemunhas. Já eram oito horas da manhã. As velas já estavam apagadas há muito tempo. Mikhail Makarovich e Kalganov, que entraram e saíram da sala durante o interrogatório, desta vez saíram novamente. O promotor e o investigador também pareciam extremamente cansados. A manhã seguinte estava tempestuosa, todo o céu estava nublado e a chuva caía torrencialmente. Mitya olhou para as janelas sem pensar.

-Posso olhar pela janela? - ele perguntou de repente a Nikolai Parfenovich.

“Oh, o quanto você quiser”, ele respondeu.

Mitya levantou-se e foi até a janela. A chuva batia forte nas pequenas janelas de vidro esverdeado. Logo abaixo da janela avistava-se uma estrada de terra, e mais adiante, na escuridão chuvosa, fileiras de cabanas negras, pobres e feias, ainda mais enegrecidas e mais pobres, ao que parecia, por causa da chuva. Mitya lembrou-se de “Febo, o Cabelo Dourado” e de como ele queria atirar em si mesmo com seu primeiro raio: “talvez fosse melhor em uma manhã como esta”, ele sorriu e de repente, acenando com a mão para baixo, virou-se para o “ torturadores”:

- Senhores! - exclamou ele, - vejo que estou perdido. Mas ela? Conte-me sobre ela, eu imploro, ela realmente desaparecerá comigo? Afinal, ela é inocente, porque ontem ela gritou fora de si que “é tudo culpa dela”. Ela não tem culpa de nada! Fiquei de luto a noite toda, sentado com você... É possível, você não pode me dizer: o que você vai fazer com ela agora?

“Acalme-se resolutamente a esse respeito, Dmitry Fedorovich”, respondeu o promotor imediatamente e com visível pressa, “ainda não temos motivos significativos para perturbar de alguma forma a pessoa em quem você está tão interessado”. No futuro, espero que tudo aconteça da mesma forma... Pelo contrário, neste sentido, faremos todo o possível da nossa parte. Fique completamente calmo.

“Senhores, obrigado, eu sabia que vocês ainda eram pessoas honestas e justas, não importa o que acontecesse.” Você tirou o fardo de sua alma... Bem, o que vamos fazer agora? Estou pronto.

- Sim, senhor, devemos nos apressar. Precisamos urgentemente passar ao interrogatório de testemunhas. Tudo isso deve acontecer na sua presença e, portanto...

— Não deveríamos tomar um chá primeiro? - interrompeu Nikolai Parfenovich, - parece que eles merecem!

Eles decidiram que se houvesse chá pronto lá embaixo (tendo em vista o fato de que Mikhail Makarovich provavelmente tinha ido “tomar um chá”), então beba um copo e depois “continue e continue”. Adie o chá de verdade e um “lanche” para uma hora livre mais tarde. Na verdade, o chá foi encontrado no andar de baixo e rapidamente levado ao topo. Mitya a princípio recusou o copo que Nikolai Parfenovich gentilmente lhe ofereceu, mas depois pediu e bebeu com avidez. Em geral, ele tinha uma aparência surpreendentemente exausta. Ao que parece, dados seus poderes heróicos, o que poderia significar uma noite de folia e até mesmo as sensações mais intensas? Mas ele mesmo sentia que mal conseguia sentar-se e, às vezes, todos os objetos começavam a parecer se mover e girar diante de seus olhos. “Mais um pouco e provavelmente começarei a delirar”, pensou consigo mesmo.

VIII. Depoimento de testemunhas

O interrogatório de testemunhas já começou. Mas não continuaremos mais nossa história com tantos detalhes como temos feito até agora. Portanto, omitiremos como Nikolai Parfenovich inspirou cada testemunha chamada a testemunhar com verdade e consciência, e que posteriormente teria que repetir esse depoimento sob juramento. Como, finalmente, cada testemunha foi obrigada a assinar o protocolo do seu depoimento, etc., etc. Notemos apenas uma coisa, que o ponto mais importante para o qual foi atraída toda a atenção dos interrogadores foi predominantemente a mesma questão sobre três mil, ou seja, se eram três ou um mil e quinhentos pela primeira vez, ou seja, na primeira farra de Dmitry Fedorovich aqui em Mokroye, há um mês, e se eram três ou um mil e quinhentos ontem , na segunda farra de Dmitry Fedorovich. Infelizmente, todas as provas, cada uma delas, revelaram-se contra Mitya e nenhuma a seu favor, e algumas das provas até introduziram factos novos, quase surpreendentes, para refutar o seu testemunho. A primeira pessoa questionada foi Trifon Borisych. Apareceu perante os interrogadores sem o menor medo, pelo contrário, com um ar de severa e severa indignação contra o arguido, e assim, sem dúvida, deu-se a aparência de extrema veracidade e dignidade pessoal. Ele falava pouco, com moderação, esperava perguntas, respondia com precisão e ponderação. Ele mostrou com firmeza e sem hesitação que há um mês não poderia ter sido gasto menos de três mil, que todos os homens aqui mostrarão que ouviram cerca de três mil do próprio “Mitriy Fedorych”: “Eles transferiram tanto dinheiro para alguns ciganos . Só eles provavelmente ultrapassaram mil.”

“E talvez ele não tenha dado quinhentos”, Mitya comentou sombriamente sobre isso, “mas ele não contou então, ele estava bêbado, mas é uma pena...”

Mitya desta vez sentou-se de lado, de costas para as cortinas, ouviu com tristeza, parecia triste e cansado, como se dissesse: “Eh, mostre-me o que você quer, agora não importa!”

“Mais de mil foram contra eles, Mitriy Fedorych”, negou firmemente Trifon Borisovich, “eles jogaram em vão, mas pegaram”. Essas pessoas são ladrões e vigaristas, são ladrões de cavalos, expulsaram-nos, senão eles próprios poderiam ter mostrado o quanto lucraram com você. Eu mesmo vi então a quantia em suas mãos - não contei, você não me deu, isso é justo - mas aos meus olhos, eu me lembro, era muito mais que mil e quinhentos... Muito parecido com um e meio! Também vimos dinheiro, podemos julgar...

Quanto à soma de ontem, Trifon Borisovich testemunhou diretamente que o próprio Dmitry Fedorovich, acabando de se levantar dos cavalos, anunciou que havia trazido três mil.

“Qual é, está certo, Trifon Borisych”, objetou Mitya, “ele realmente anunciou positivamente que havia trazido três mil?”

- Eles disseram, Mitry Fedorych. Eles falaram na frente de Andrey. Aqui está o próprio Andrey, ele ainda não saiu, ligue para ele. E lá no salão, quando o coral estava recebendo comida, gritavam tão diretamente que você estava deixando o sexto mil aqui - com os anteriores, ou seja, é assim que deve ser entendido. Stepan e Semyon ouviram, e Pyotr Fomich Kalganov estava ao seu lado então, talvez eles também tenham se lembrado...

O depoimento sobre o sexto mil foi aceito com extraordinária impressão pelos interrogadores. Gostei da nova edição: três e três, quer dizer seis, portanto, três mil naquela época, e três mil agora, então são todos seis, saiu claro.

Entrevistaram todos os homens indicados por Trifon Borisovich, Stepan e Semyon, o cocheiro Andrei e Pyotr Fomich Kalganov. Os homens e o cocheiro, sem hesitação, confirmaram o depoimento de Trifon Borisych. Além disso, eles escreveram especialmente, segundo Andrei, sobre sua conversa com Mitya no caminho sobre “para onde, dizem, eu, Dmitry Fedorovich, irei: para o céu ou para o inferno, e eles me perdoarão no próximo mundo ou não?” O “psicólogo” Ippolit Kirillovich ouviu tudo isso com um leve sorriso e terminou recomendando que este depoimento sobre onde Dmitry Fedorovich iria parar fosse “incluído no caso”.

Kalganov, perguntou, entrou com relutância, sombrio, caprichoso, e conversou com o promotor e Nikolai Parfenovich como se os tivesse visto pela primeira vez na vida, embora fosse um velho e diário conhecido deles. Começou por dizer que “não sabe de nada disto e não quer saber”. Mas descobriu-se que ele tinha ouvido falar do sexto mil e admitiu que estava por perto naquele momento. Em sua opinião, Mitya tinha “não sei quanto dinheiro” nas mãos. Quanto ao facto de os polacos terem distorcido as suas cartas, ele testemunhou afirmativamente. Ele também explicou, em resposta a repetidas perguntas, que após a expulsão dos polacos, os casos de Mitya com Agrafena Alexandrovna realmente melhoraram, e que ela mesma disse que o amava. Falava de Agrafena Alexandrovna com moderação e respeito, como se ela fosse uma senhora da melhor sociedade, e nunca se permitiu chamá-la de “Grushenka”. Apesar da aparente relutância do jovem em aparecer, Ippolit Kirillovich interrogou-o durante muito tempo e só dele soube todos os detalhes do que constituía o “romance” de Mitya, por assim dizer, naquela noite. Mitya nunca impediu Kalganov. Finalmente o jovem foi libertado e saiu com indisfarçável indignação.

Os poloneses também foram interrogados. Embora estivessem prestes a ir para a cama no quarto, não adormeceram a noite toda e, quando as autoridades chegaram, vestiram-se e arrumaram-se rapidamente, sabendo que certamente seriam chamados. Apareceram com dignidade, embora não sem algum receio. O principal, ou seja, o cavalheiro, acabou por ser um funcionário aposentado do décimo segundo ano, serviu na Sibéria como veterinário e seu sobrenome era Pan Mussyalovich. Pan Vrublevsky era um dentista voluntário, ou dentista em russo. Ambos, assim que entraram na sala, imediatamente, apesar das perguntas de Nikolai Parfenovich, começaram a se virar com respostas para Mikhail Makarovich, que estava de lado, confundindo-o, por ignorância, com o posto principal e o responsável aqui e chamando-o com cada palavra: “ Sr. Pulkovnik." E só depois de várias vezes e das instruções do próprio Mikhail Makarovich, eles perceberam que só deveriam entrar em contato com Nikolai Parfenovich com respostas. Descobriu-se que eles conseguiam até falar russo muito, muito corretamente, exceto talvez para pronunciar algumas palavras. Mussyalovich começou a falar com paixão e orgulho sobre seu relacionamento com Grushenka, do passado e do presente, de modo que Mitya imediatamente perdeu a paciência e gritou que não permitiria que o “canalha” falasse assim na sua frente. Pan Mussialovich imediatamente chamou a atenção para a palavra “canalha” e pediu para ser incluído no protocolo. Mitya começou a ferver de raiva.

- E um canalha, um canalha! Traga isso e também que, apesar do protocolo, ainda grito que sou um canalha! - ele gritou.

Nikolai Parfenovich, embora tenha aderido ao protocolo, neste caso desagradável mostrou a mais louvável eficiência e capacidade de gestão: após a estrita reprimenda de Mitya, ele próprio imediatamente interrompeu todas as questões adicionais sobre o lado romântico do assunto e rapidamente passou para o essencial . O mais significativo foi o depoimento dos senhores, que despertou a extraordinária curiosidade dos investigadores: foi precisamente assim que Mitya subornou, naquela salinha, o Sr. Mussyalovich e lhe ofereceu três mil indenizações, com o fato de setecentos rublos em suas mãos, e os restantes dois mil e trezentos "amanhã de manhã na cidade", e jurou sua palavra de honra, declarando que aqui, em Mokroye, ele ainda não tem esse dinheiro com ele, mas que o dinheiro está na cidade. Mitya comentou no calor do momento que não havia dito que provavelmente o daria amanhã na cidade, mas Pan Vrublevsky confirmou o testemunho, e o próprio Mitya, depois de pensar por um minuto, concordou carrancudo que deveria ter sido assim , como dizem os cavalheiros, ele estava exaltado e, portanto, poderia realmente dizer isso. O promotor investigou o depoimento: ficou claro para a investigação (como de fato foi concluído mais tarde) que metade ou parte dos três mil que caíram nas mãos de Mitya poderiam de fato permanecer escondidos em algum lugar da cidade, e talvez até em algum lugar aqui em Mokroye, para que desta forma fosse esclarecida a circunstância delicada para a investigação de que apenas oitocentos rublos foram encontrados nas mãos de Mitya - uma circunstância que até agora tinha sido a única e bastante insignificante, mas ainda assim alguma evidência a favor de Mitya. Agora esta única evidência a seu favor estava sendo destruída. À pergunta do promotor: onde ele conseguiria os dois mil e trezentos restantes para dar ao mestre amanhã, já que ele mesmo afirma ter apenas mil e quinhentos, e enquanto isso garantiu ao mestre sua palavra de honra, Mitya respondeu com firmeza que ele queria oferecer aos “poloneses” o amanhã não é dinheiro, mas um ato formal sobre seus direitos à propriedade de Chermasne, os mesmos direitos que ele ofereceu a Samsonov e Khokhlakova. O promotor até sorriu diante da “inocência da reviravolta”.

- E você acha que ele concordaria em assumir esses “direitos” em vez de dois mil e trezentos rublos em dinheiro?

“Eu certamente concordaria”, Mitya retrucou com veemência. “Pelo amor de Deus, não são apenas dois, são quatro, há até seis mil que ele poderia conseguir com isso!” Ele teria recrutado imediatamente seus advogados, poloneses e judeus, e não apenas três mil, mas todo Chermashnya teria sido arrancado do velho.

É claro que o testemunho de Pan Mussyalovich foi incluído no protocolo nos mínimos detalhes. Com isso, os senhores foram libertados. O fato da superexposição quase nunca foi mencionado nos mapas; Nikolai Parfenovich já estava muito grato a eles e não queria incomodá-los com ninharias, especialmente porque era tudo uma briga vazia em estado de embriaguez por causa de cartas e nada mais. Nunca se sabe que houve muita folia e indignação naquela noite... Assim, o dinheiro de duzentos rublos permaneceu nos bolsos dos senhores.

Então o velho Maksimov foi chamado. Ele apareceu timidamente, aproximou-se com passos pequenos, parecendo desgrenhado e muito triste. O tempo todo ele se aconchegava ao lado de Grushenka, sentava-se com ela em silêncio e “não, não, e ele começa a choramingar por ela e enxuga os olhos com um lenço xadrez azul”, como Mikhail Makarovich disse mais tarde. Então ela mesma já o estava acalmando e confortando. O velho imediatamente e com lágrimas admitiu que era culpado, que havia emprestado “dez rublos, senhor, devido à minha pobreza, senhor”, de Dmitry Fedorovich, e que estava pronto para devolvê-los... Direto a Nikolai Parfenovich pergunta: ele percebeu exatamente quanto dinheiro estava nas mãos de Dmitry Fedorovich, já que ele era a pessoa mais próxima de ver o dinheiro em suas mãos quando recebeu um empréstimo dele - Maksimov respondeu da maneira mais decisiva que o dinheiro estava “vinte mil, senhor.”

“Você já viu vinte mil em algum lugar antes?” - Nikolai Parfenovich perguntou sorrindo.

“Ora, senhor, eu vi, senhor, só não vinte, mas sete, senhor, quando minha esposa fundou minha aldeia.” Ela apenas me deixou olhar de longe e se gabou na minha frente. O pacote era muito grande, todo colorido com o arco-íris. E Dmitry Fedorovich tinha todos os arco-íris...

Ele logo foi libertado. Finalmente chegou a vez de Grushenka. Os investigadores aparentemente estavam com medo da impressão que sua aparição poderia causar em Dmitry Fedorovich, e Nikolai Parfenovich até murmurou algumas palavras para ele em advertência, mas Mitya, em resposta a ele, baixou silenciosamente a cabeça, informando-os de que “nenhuma desordem vai acontecer.” Grushenka foi apresentado pelo próprio Mikhail Makarovich. Ela entrou com um rosto severo e sombrio, de aparência quase calma, e sentou-se calmamente na cadeira indicada a ela em frente a Nikolai Parfenovich. Ela estava muito pálida, parecia com frio e envolveu-se firmemente em seu lindo xale preto. Na verdade, ela então começou a sentir um leve calafrio febril - o início de uma longa doença, que mais tarde ela sofreu naquela noite. Sua aparência severa, olhar direto e sério e modos calmos causaram uma impressão muito favorável em todos. Nikolai Parfenovich imediatamente ficou um tanto “empolgado”. Ele mesmo admitiu, contando aqui e ali depois, que só a partir daquele momento percebeu o quão “bonita” aquela mulher era, e mesmo já a tendo visto antes, sempre a considerou uma espécie de “Hetera do condado”. ” “Ela tem os modos da mais alta sociedade”, ele certa vez deixou escapar com entusiasmo em um círculo de mulheres. Mas ouviram-no com a mais completa indignação e imediatamente o chamaram de “safado” por isso, o que o deixou muito satisfeito. Entrando na sala, Grushenka apenas olhou brevemente para Mitya, que por sua vez olhou para ela com preocupação, mas vê-la naquele exato momento o acalmou. Após as primeiras perguntas e advertências necessárias, Nikolai Parfenovich, embora gaguejando um pouco, mas mantendo a aparência mais educada, perguntou-lhe: “Qual era a relação dela com o tenente aposentado Dmitry Fedorovich Karamazov?” Ao que Grushenka disse calma e firmemente:

“Eu tinha um conhecido, recebi-o como um conhecido no último mês.

Em resposta a outras perguntas curiosas, ela declarou diretamente e com total franqueza que embora gostasse dele “por horas”, ela não o amava, mas o atraiu para fora da “minha vil malícia”, assim como daquele “velho”, ela viu que Mitya era ela. Eu tinha muito ciúme de Fyodor Pavlovich e de todos, mas apenas me divertia com isso. Ela nunca quis ir para Fyodor Pavlovich, mas apenas riu dele. “Aquele mês inteiro não tive tempo para os dois; Eu estava esperando por outra pessoa que fosse culpada antes de mim... Só que, eu acho, ela concluiu, que você não tem nada para ficar curioso sobre isso, e eu não tenho nada para te responder, porque esse é um assunto especial meu.”

Foi o que Nikolai Parfenovich fez imediatamente: voltou a deixar de insistir nos pontos “românticos”, mas foi direto ao sério, ou seja, a mesma e mais importante questão de três mil. Grushenka confirmou que três mil rublos foram realmente gastos em Mokroye há um mês e, embora ela mesma não tenha contado o dinheiro, ouviu do próprio Dmitry Fedorovich que eram três mil rublos.

“Ele lhe contou isso em particular ou na frente de alguém, ou você apenas o ouviu falar com outras pessoas na sua frente?” - perguntou imediatamente o promotor.

Ao que Grushenka anunciou que o ouvia em público, o ouvia falar com outras pessoas e o ouvia falar em particular.

— Você teve notícias dele uma vez em particular ou mais de uma vez? - o promotor perguntou novamente e soube que Grushenka já tinha ouvido isso mais de uma vez.

Ippolit Kirillich ficou muito satisfeito com este testemunho. A partir de outras perguntas, também ficou claro que Grushenka sabia de onde vinha esse dinheiro e que Dmitry Fedorovich o tirou de Katerina Ivanovna.

“Você nunca ouviu falar que o dinheiro foi desperdiçado há um mês, não três mil, mas menos, e que Dmitry Fedorovich economizou metade dele para si mesmo?

“Não, nunca ouvi falar disso”, ressaltou Grushenka. Mais tarde, descobriu-se que Mitya, pelo contrário, disse-lhe muitas vezes durante aquele mês que não tinha um centavo de dinheiro. “Eu estava esperando receber tudo dos meus pais”, concluiu Grushenka.

“Ele nunca disse na sua frente... seja de passagem ou por irritação”, disse Nikolai Parfenovich de repente, “que pretendia invadir a vida de seu pai?”

- Ah, ele disse! - Grushenko suspirou.

- Uma ou várias vezes?

— Lembrei-me dele diversas vezes, sempre em meu coração.

- E você acreditou que ele faria isso?

- Não, nunca acreditei! “Ela respondeu com firmeza:“ Eu esperava por sua nobreza.

“Senhores, permitam-me”, gritou Mitya de repente, “deixem-me dizer apenas uma palavra na sua frente para Agrafena Alexandrovna”.

“Diga-me”, permitiu Nikolai Parfenovich.

“Agrafena Alexandrovna”, Mitya levantou-se da cadeira, “acredite em Deus e em mim: sou inocente do sangue de meu pai, que foi morto ontem!”

Dito isto, Mitya sentou-se novamente na cadeira. Grushenka levantou-se e benzeu-se devotamente diante do ícone.

- Glória a ti, Senhor! - disse ela com uma voz quente e comovente e, ainda sem se sentar e virar-se para Nikolai Parfenovich, acrescentou: “Como ele disse agora, acredite!” Eu o conheço: ele deixará escapar tudo o que deixar escapar, seja por diversão ou por teimosia, mas se for contra sua consciência, ele nunca enganará. Ele vai te contar a verdade, acredite nele!

- Obrigado. Agrafena Alexandrovna, apoiou a alma! - Mitya respondeu com a voz trêmula.

Quando questionada sobre o dinheiro de ontem, ela afirmou não saber quanto era, mas o ouviu dizer muitas vezes ontem que havia trazido três mil consigo. E quanto a onde conseguiu o dinheiro, ele disse sozinho a ela que o “roubou” de Katerina Ivanovna, e ela respondeu que ele não roubou e que deveria devolver o dinheiro amanhã. À persistente pergunta do promotor: de que dinheiro ele estava falando que roubou de Katerina Ivanovna: do dinheiro de ontem ou dos três mil que foram gastos aqui há um mês, ela anunciou que ele estava falando daqueles que eram um mês atrás, e foi assim que ela o entendeu.

Grushenka foi finalmente libertada, e Nikolai Parfenovich rapidamente lhe disse que ela poderia voltar para a cidade agora mesmo, e que se ele, de sua parte, pudesse ajudar com alguma coisa, por exemplo, sobre os cavalos, ou por exemplo, ela queria um guia, então ele... por sua parte...

“Agradeço humildemente”, Grushenka curvou-se para ele, “vou com aquele velho, com o proprietário, vou levá-lo, mas por enquanto vou esperar lá embaixo, se você me permitir, como você decidir para Dmitry Fedorovich.”

Ela foi embora. Mitya estava calmo e até parecia completamente encorajado, mas apenas por um minuto. Uma estranha impotência física tomou conta dele cada vez mais com o passar do tempo. Seus olhos estavam fechando de fadiga. O interrogatório das testemunhas finalmente terminou. Começamos a finalizar o protocolo. Mitya levantou-se e foi da cadeira para o canto, até a cortina, deitou-se no grande baú coberto de carpete do proprietário e adormeceu instantaneamente. Ele teve um sonho estranho, de alguma forma completamente fora do lugar e do tempo. É como se ele estivesse andando em algum lugar da estepe, onde serviu há muito tempo, antes mesmo, e um homem o levasse para a lama em uma carroça, em um carro a vapor. Está apenas frio, como se fosse Mitya, no início de novembro e a neve cai em grandes flocos úmidos e, quando cai no chão, derrete imediatamente. E seu homem o conduz com agilidade, ele acena bem, tem cabelos louros, barba longa, e não é apenas um velho, mas terá cerca de cinquenta anos, um homem grisalho com um casaco zipunish. E aqui está uma aldeia não muito longe, você pode ver cabanas pretas, e metade das cabanas estão queimadas, apenas troncos carbonizados sobressaem. E na entrada as mulheres faziam fila na estrada, muitas mulheres, uma fila inteira, todas magras, desgastadas, com o rosto meio moreno. Há especialmente uma no limite, tão ossuda, alta, parece que ela tem quarenta anos, ou talvez apenas vinte, seu rosto é longo, magro, e em seus braços um bebê está chorando, e seus seios devem estar tão murchos, e não uma gota de leite neles. E a criança chora, chora e estende os braços, nua, com os punhos cerrados, completamente azulada de frio.

- Por que eles estão chorando? Por que eles estão chorando? - pergunta Mitya, passando por eles.

“Criança”, responde o motorista, “a criança está chorando”. E Mitya fica surpreso com o fato de ele ter dito à sua maneira, à maneira de um camponês: “criança” e não criança. E gosta do que o homem disse à criança: parece haver mais pena.

- Por que está chorando? - Mitya incomoda como um idiota. - Por que os braços dele estão nus, por que não o envolvem?

- Mas a criança está com frio, a roupa dele está congelada, então não esquenta.

- Por que isso acontece? Por que? - O estúpido Mitya ainda não fica para trás.

“E os pobres, os queimados, não têm pão, pedem lugar queimado.”

“Não, não”, Mitya ainda parece não entender, “diga-me: por que essas mães queimadas estão de pé, por que as pessoas são pobres, por que as crianças são pobres, por que a estepe nua, por que elas não se abraçam , não beije, por que não cantam canções alegres, por que Ficaram tão negros de negro infortúnio, por que não alimentam a criança?

E ele sente consigo mesmo que, embora esteja perguntando loucamente e sem sucesso, ele certamente quer perguntar exatamente assim e que é exatamente assim que deveria perguntar. E ele também sente que algum tipo de ternura, sem precedentes nele, está crescendo em seu coração, que ele quer chorar, que quer fazer algo por todos para que a criança não chore mais, e a mãe negra e murcha da criança chore não chore, para que ninguém chore a partir deste momento, e para que agora, agora, agora mesmo, sem demora e apesar de tudo, com toda a impetuosidade de Karamazov.

“E estou com você, não vou te deixar agora, vou com você pelo resto da minha vida”, as palavras doces e emocionantes de Grushenka são ouvidas ao lado dele. E então todo o seu coração pegou fogo e correu em direção a algum tipo de luz, e ele queria viver e viver. ir e seguir por algum caminho, para uma nova luz que chama, e rápido, rápido, agora, agora!

- O que? Onde? - exclama ele, abrindo os olhos e sentando-se sobre o peito, como se acordasse de um desmaio, e sorrindo abertamente. Nikolai Parfenovich está acima dele e o convida a ouvir e assinar o protocolo. Mitya adivinhou que ele estava dormindo há uma hora ou mais, mas não deu ouvidos a Nikolai Parfenovich. De repente, ele ficou impressionado com o fato de haver um travesseiro sob sua cabeça, que, no entanto, não estava lá quando ele se apoiou indefeso no peito.

- Quem trouxe um travesseiro debaixo da minha cabeça? Quem era um homem tão gentil! - exclamou ele com algum tipo de sentimento de entusiasmo e gratidão e uma espécie de voz chorosa, como se Deus soubesse que tipo de benefício eles lhe haviam mostrado. O bom homem permaneceu então desconhecido; uma das testemunhas, e talvez o escrivão de Nikolai Parfenovich, ordenou que lhe colocassem um travesseiro por compaixão, mas toda a sua alma parecia tremer de lágrimas. Ele caminhou até a mesa e anunciou que assinaria qualquer coisa.

“Tive um bom sonho, senhores”, disse ele de forma estranha, com um rosto novo, como se iluminado de alegria.

IX. Eles levaram Mitya embora

Quando o protocolo foi assinado, Nikolai Parfenovich dirigiu-se solenemente ao arguido e leu-lhe a “Resolução”, que afirmava que em tal e tal ano e tal e tal dia, ali, o investigador judicial de tal e tal tribunal distrital, tendo interrogado tal e tal (isto é, Mitya) como acusado de tal e tal (todas as culpas foram cuidadosamente explicitadas) e tendo em conta que o arguido, não se declarando culpado dos crimes que lhe são imputados, não apresentou nada justificar-se, e ainda assim as testemunhas (tal e tal) e as circunstâncias (tal e tal) o incriminam totalmente, guiadas por tais e tais artigos do Código de Penas, etc. decidiu: para impedir tal e tal (Mitya) de escapar da investigação e do julgamento, prendê-lo em tal ou qual prisão, o que deverá ser anunciado ao acusado, e uma cópia desta resolução comunicada ao camarada promotor, etc. etc. Em suma, anunciaram a Mitya que a partir de agora ele seria um prisioneiro e que agora o levariam para a cidade, onde o aprisionariam em um lugar muito desagradável. Mitya, depois de ouvir com atenção, apenas encolheu os ombros.

“Bem, senhores, eu não os culpo, estou pronto... entendo que vocês não têm mais nada a fazer.”

Nikolai Parfenovich explicou-lhe gentilmente que o policial, Mavriky Mavrikievich, que por acaso estava aqui, o levaria imediatamente embora...

“Espere”, Mitya interrompeu repentinamente e com uma espécie de sentimento incontrolável disse, dirigindo-se a todos os presentes: “Senhores, somos todos cruéis, somos todos monstros, todos fazemos chorar, mães e bebês, mas de todos nós , que assim seja.” será decidido agora - de todos, eu sou o bastardo mais cruel! Deixa para lá! Todos os dias da minha vida me bati no peito, prometi melhorar e todos os dias fiz os mesmos truques sujos. Agora entendo que pessoas como eu precisam de um golpe, um golpe do destino, para agarrá-lo como um laço e torcê-lo com uma força externa. Eu nunca, nunca teria subido sozinho! Mas o trovão atingiu. Aceito o tormento da acusação e a minha vergonha nacional, quero sofrer e através do sofrimento serei purificado! Afinal, talvez eu me limpe, senhores, hein? Mas ouça, porém, pela última vez: sou inocente do sangue de meu pai! Aceito a execução não porque o matei, mas porque queria matá-lo e talvez o tivesse realmente matado... Mas ainda assim, pretendo lutar com você e proclamo isso a você. Lutarei com você até o fim, e então Deus decidirá! Adeus, senhores, não fiquem zangados por ter gritado com vocês durante o interrogatório, ah, eu ainda era tão estúpido... Um minuto depois sou um prisioneiro e agora, pela última vez, Dmitry Karamazov, como um ainda homem livre, estende a mão para você. Ao me despedir de você, me despeço das pessoas!..

Sua voz tremia e ele realmente estendeu a mão, mas Nikolai Parfenovich, que estava mais próximo dele, de repente, com um gesto quase convulsivo, escondeu as mãos. Mitya percebeu isso instantaneamente e estremeceu. Ele imediatamente baixou a mão estendida.

“A investigação ainda não foi concluída”, balbuciou Nikolai Parfenovich, um tanto envergonhado, “continuaremos na cidade e, claro, da minha parte, estou pronto para desejar-lhe todo o sucesso... pela sua absolvição... Na verdade , Dmitry Fedorovich, estou sempre inclinado a considerá-lo uma pessoa, por assim dizer, mais infeliz do que culpada... Estamos todos aqui, se me atrevo a me expressar em nome de todos, estamos todos prontos para reconhecê-lo como um jovem fundamentalmente nobre, mas, infelizmente! levado por certas paixões até um grau um tanto excessivo...

No final do seu discurso, a pequena figura de Nikolai Parfenovich expressou a mais completa dignidade. De repente, ocorreu a Mitya que esse “menino” agora o pegaria pelo braço, o levaria para outro canto e ali retomaria com ele a recente conversa sobre “meninas”. Mas nunca se sabe como pensamentos completamente estranhos e não relacionados às vezes passam pela cabeça até mesmo de um criminoso que está sendo levado à morte.

“Senhores, vocês são gentis, vocês são humanos”, posso vê-la e me despedir pela última vez? - perguntou Mitya.

- Sem dúvida, mas na mira... enfim, agora é impossível não estar presente...

- Por favor, esteja presente!

Trouxeram Grushenka, mas a despedida foi curta, lacônica e não satisfez Nikolai Parfenovich. Grushenka curvou-se profundamente para Mitya.

“Eu te disse que é seu, e eu serei seu, irei com você para sempre, onde eles decidirem ir.” Adeus, homem inocente que se matou!

Seus lábios tremeram, lágrimas escorreram de seus olhos.

- Perdoe-me, Grusha, pelo meu amor, por arruinar você com o meu amor!

Mitya queria dizer mais alguma coisa, mas de repente ele interrompeu e saiu. As pessoas imediatamente se encontraram ao seu redor, sem tirar os olhos dele. Abaixo da varanda, para a qual ele ontem rolou com tanto estrondo na troika de Andreeva, havia duas carroças prontas. Mavriky Mavrikievich, um homem atarracado e denso, com rosto flácido, irritou-se com alguma coisa, com alguma desordem repentina, ficou com raiva e gritou. De alguma forma, ele convidou Mitya com muita severidade para subir na carroça. “Antes de eu lhe dar de beber na taverna, o homem tinha uma cara completamente diferente”, pensou Mitya enquanto entrava. Trifon Borisovich também desceu da varanda. As pessoas aglomeravam-se no portão, homens, mulheres, cocheiros, todos olhavam para Mitya.

- Adeus, povo de Deus! - Mitya gritou de repente para eles do carrinho.

“E perdoe-nos”, disseram duas ou três vozes.

- Adeus para você também, Trifon Borisych!

Mas Trifon Borisych nem se virou, talvez estivesse muito ocupado. Ele também gritou alguma coisa e se agitou. Acontece que na segunda carroça, na qual dois sotskys deveriam acompanhar Mavriky Mavrikievich, nem tudo estava em ordem. Muzhichenko, que estava vestido para a segunda troika, vestiu sua zipunishka e argumentou veementemente que não era ele, mas Akim, quem estava indo. Mas Akim não estava lá; eles correram atrás dele; O camponês insistiu e implorou-lhe que esperasse.

“Afinal, este é o nosso povo, Mavriky Mavrikievich, que não tem vergonha nenhuma!” - exclamou Trifon Borisych. - Akim te deu um quarto do dinheiro no dia anterior, você bebeu e agora está gritando. Só estou surpreso com sua gentileza com nosso povo vil, Mavriky Mavrikievich, só direi uma coisa!

- Por que precisamos dos três segundos? - Mitya levantou-se, - iremos em um, Mavriky Mavrikich, tenho certeza que não vou me rebelar, não vou fugir de você, por que o comboio!

“E por favor, senhor, possa falar comigo, se ainda não aprendeu, eu não sou você, não me cutuque, senhor, e guarde seu conselho para outra hora...” Mavriky Mavrikievich de repente atacou Mitya com violência, como se estivesse encantado por arrancar seu coração.

Mitya ficou em silêncio. Ele ficou todo vermelho. Um momento depois, ele de repente sentiu muito frio. A chuva havia parado, mas o céu nublado ainda estava coberto de nuvens e um vento forte soprava direto no meu rosto. “São os calafrios que estão errados comigo”, pensou Mitya, encolhendo os ombros. Finalmente, Mavriky Mavrikievich subiu na carroça, sentou-se pesadamente, amplamente e, como se não percebesse, empurrou Mitya com firmeza para o lado. É verdade que ele não estava de bom humor e não gostou muito da tarefa que lhe foi confiada.

- Adeus, Trifon Borisych! - Mitya gritou novamente, e ele mesmo sentiu que agora gritava não por boa índole, mas por raiva, contra sua vontade. Mas Trifon Borisych ficou orgulhoso, com as duas mãos atrás dele e olhando diretamente para Mitya, olhou severamente e com raiva, e Mitya não respondeu nada.

- Adeus, Dmitry Fedorovich, adeus! - a voz de Kalganov soou de repente. de repente saltou de algum lugar. Correndo até a carroça, estendeu a mão para Mitya. Ele estava sem boné. Mitya ainda conseguiu agarrar e apertar sua mão.

- Adeus, querido homem, não esquecerei a sua generosidade! - ele exclamou calorosamente. Mas a carroça começou a se mover e as mãos deles se separaram. A campainha tocou - Mitya foi levado embora.

E Kalganov correu para o corredor, sentou-se no canto, abaixou a cabeça, cobriu o rosto com as mãos e começou a chorar, ficou ali sentado por muito tempo e chorou - ele chorou como se ainda fosse um menino, e não já um jovem de vinte anos. Ah, ele acreditava quase completamente na culpa de Mitya! “Que tipo de pessoas são essas, que tipo de pessoas podem existir depois disso!” ele exclamou incoerentemente em amargo desânimo, quase em desespero. Ele nem queria viver no mundo naquele momento. “Vale a pena, vale a pena!” exclamou o jovem angustiado.

I. Kolya Krasotkin

Novembro está no começo. Estava cerca de onze graus abaixo de zero e com isso havia gelo. Um pouco de neve seca caiu no chão congelado à noite, e o vento “seco e cortante” a apanha e varre pelas ruas chatas da nossa cidade e principalmente pela praça do mercado. A manhã está nublada, mas a neve parou. Não muito longe da praça, perto da loja dos Plotnikovs, há uma pequena. A casa da viúva do oficial Krasotkina é muito limpa por dentro e por fora. O próprio secretário provincial Krasotkin morreu há muito tempo, quase quatorze anos atrás, mas sua viúva. A senhora de trinta anos e ainda muito bonita está viva e mora em sua casa limpa “com seu capital”. Ela vive de forma honesta e tímida, com um caráter gentil, mas bastante alegre. Ela deixou para trás o marido, com cerca de dezoito anos, tendo vivido com ele apenas cerca de um ano e acabado de dar à luz seu filho. Desde então, desde a morte dele, ela se dedicou inteiramente a criar esse seu bochechinho - o menino Kolya, e embora o amasse todos os quatorze anos sem memória, certamente suportou incomparavelmente mais sofrimento com ele do que sobreviveu às alegrias, tremendo e morrendo quase todos os dias de medo de ficar doente, pegar um resfriado, fazer mal, subir na cadeira e cair, etc., etc. Quando Kolya começou a ir para a escola e depois para o nosso pró-ginásio, sua mãe correu para estudar todas as ciências com ele, para ajudá-lo e ensaiar suas aulas com ele, correu para conhecer os professores e suas esposas, acariciou até o filho de Kolya colegas da escola e bajulá-los para que não tocassem em Kolya, não zombassem dele, não o matassem. Ela chegou ao ponto em que os meninos começaram a zombar dele através dela e a provocá-lo dizendo que ele era um filhinho da mamãe. Mas o menino conseguiu se defender. Era um menino corajoso, “terrivelmente forte”, como o boato sobre ele se espalhou e logo se consolidou na turma, era hábil, tinha um caráter persistente, um espírito ousado e empreendedor. Ele estudou bem e correu até o boato de que ele derrubaria o próprio professor Dardanelov tanto em aritmética quanto em história mundial. Mas embora o menino desprezasse a todos, com o nariz empinado, ele era um bom camarada e não se gabava. Ele considerava o respeito dos alunos um dado adquirido, mas se comportava de maneira amigável. O principal é que ele sabia quando parar, sabia se conter de vez em quando e nas relações com seus superiores nunca ultrapassou alguma linha final e querida, além da qual uma ofensa não pode mais ser tolerada, transformando-se em desordem, rebelião e ilegalidade. E ainda assim ele estava muito, muito disposto a pregar peças em todas as oportunidades, a pregar peças como o último garoto, e não tanto a pregar peças, mas a fazer algo inteligente, a fazer algo milagroso, a definir o “extrafeffer”, chique , para se exibir. O principal é que ele estava muito orgulhoso. Ele até conseguiu colocar sua mãe em uma relação de subordinação, agindo de forma quase despótica com ela. Ela obedeceu, ah, ela obedecia há muito tempo, e simplesmente não conseguia suportar a ideia de que o menino “a amava um pouco”. Constantemente lhe parecia que Kolya era “insensível” com ela, e houve momentos em que ela, derramando lágrimas histéricas, começou a censurá-lo por sua frieza. O menino não gostou disso, e quanto mais exigiam suas declarações sinceras, mais teimoso ele se tornava, como que de propósito. Mas isso não aconteceu de propósito, mas involuntariamente - esse era o seu personagem. A mãe estava enganada: ele amava muito a mãe e não amava apenas a “ternura do bezerro”, como expressava em sua linguagem escolar. Meu pai deixou um guarda-roupa onde estavam guardados vários livros; Kolya adorava ler e já havia lido alguns deles para si mesmo. A mãe não ficava constrangida com isso e às vezes só ficava maravilhada com a forma como o menino, em vez de ir brincar, ficava horas a fio no armário lendo algum livro. E assim Kolya leu algo que não deveria ter sido autorizado a ler na sua idade. No entanto, recentemente, embora o menino não gostasse de ir além de um certo ponto em suas travessuras, começaram travessuras que assustaram seriamente sua mãe - não quaisquer imorais, porém, mas desesperadas e cruéis. Ainda neste verão, no mês de julho, durante as férias, aconteceu que mãe e filho foram passar uma semana num outro bairro, a setenta milhas de distância, na casa de um parente distante, cujo marido trabalhava na estação ferroviária (a mesma o mais próximo da estação da nossa cidade, de onde Ivan Fedorovich Karamazov foi para Moscou um mês depois). Lá Kolya começou examinando detalhadamente a ferrovia, estudando as rotinas, percebendo que poderia mostrar seus novos conhecimentos quando voltasse para casa, entre os alunos de seu ginásio. Mas justamente naquela época foram encontrados ali vários outros meninos, dos quais fez amizade: uns moravam na estação, outros no bairro - ao todo se reuniram seis ou sete jovens de doze a quinze anos, e dois deles se tornaram e da nossa cidade. Os meninos brincavam e pregavam peças juntos e, no quarto ou quinto dia de permanência na estação, ocorreu uma aposta impossível de dois rublos entre o jovem estúpido, a saber: Kolya, quase o mais novo de todos e, portanto, um tanto desprezado por os mais velhos, por orgulho ou por coragem descarada, sugeriram que, à noite, quando o trem das onze horas chegasse, ele se deitasse de bruços entre os trilhos e ficasse imóvel enquanto o trem passava por cima dele a todo vapor. É verdade que foi feito um estudo preliminar, do qual se descobriu que é realmente possível esticar-se e achatar-se entre os trilhos de tal forma que o trem certamente passará correndo e não atingirá a pessoa deitada, mas ainda assim, como é ficar deitado aí! Kolya manteve-se firme em que ficaria deitado ali. A princípio riram dele, chamaram-no de mentiroso, de fanfarrão, mas o incentivaram ainda mais. O principal é que esses jovens de quinze anos torceram muito o nariz para ele e a princípio nem quiseram considerá-lo um camarada, um “pequeno”, o que já era insuportavelmente ofensivo. E assim decidiu-se partir à noite a um quilômetro da estação, para que o trem, ao sair da estação, tivesse tempo de fugir completamente. Os meninos se reuniram. A noite chegou sem lua, não apenas escura, mas quase negra. Na hora apropriada, Kolya deitou-se entre os trilhos. Os outros cinco que apostaram, com a respiração suspensa e, finalmente, com medo e remorso, esperaram no fundo do aterro perto da estrada, no meio dos arbustos. Finalmente, um trem trovejou ao longe ao sair da estação. Duas lanternas vermelhas brilharam na escuridão e o monstro que se aproximava rugiu. “Corra, fuja dos trilhos!” - os meninos, morrendo de medo, gritaram para Kolya do mato, mas já era tarde: o trem galopou e passou correndo. Os meninos correram para Kolya: ele ficou imóvel. Eles começaram a puxá-lo e a levantá-lo. De repente, ele se levantou e saiu silenciosamente do aterro. Ao descer, ele anunciou que havia ficado deliberadamente inconsciente para assustá-los, mas a verdade é que ele realmente havia perdido a consciência, como admitiu mais tarde, muito mais tarde, à sua mãe. Assim, sua reputação de “desesperado” foi fortalecida para sempre. Ele voltou para casa, na delegacia, pálido como um lençol. No dia seguinte ele adoeceu com uma leve febre nervosa, mas em espírito estava terrivelmente alegre, feliz e contente. O incidente não foi divulgado agora, mas já em nossa cidade, penetrou no ginásio e chegou às suas autoridades. Mas então Mama Kolya correu para implorar às autoridades por seu filho e acabou fazendo com que o respeitado e influente professor Dardanel o defendesse e implorasse por ele, e o assunto foi deixado em vão, como se nunca tivesse acontecido. Este Dardanelov, um homem solteiro e não velho, foi apaixonadamente e por muitos anos apaixonado por Madame Krasotkina, e já uma vez, há cerca de um ano, com muito respeito e paralisado de medo e delicadeza, arriscou-se a oferecer-lhe a mão, mas ela categoricamente recusou, considerando a traição consentida de seu filho, embora Dardanelov, de acordo com alguns sinais misteriosos, pudesse até ter algum direito de sonhar que não está completamente enojado com a adorável, mas já muito casta e terna viúva. A brincadeira maluca de Kolya parece ter quebrado o gelo, e Dardanelov, por sua intercessão, recebeu um toque de esperança, embora distante, mas o próprio Dardanelov era um fenômeno de pureza e delicadeza e, portanto, isso foi o suficiente para ele por enquanto completar seu felicidade. Ele amava o menino, embora considerasse humilhante bajular ele, e o tratava com rigor e exigência nas aulas. Mas o próprio Kolya o manteve a uma distância respeitosa, preparou suas aulas perfeitamente, foi o segundo aluno da turma, dirigiu-se secamente a Dardanelov, e toda a turma acreditava firmemente que na história mundial Kolya era tão forte que iria “derrubar” o próprio Dardanelov . E, de fato, Kolya uma vez lhe fez uma pergunta: quem fundou Tróia? ao que Dardanelov respondeu apenas em geral sobre os povos, seus movimentos e migrações, sobre a profundidade do tempo, sobre a fabulosidade, mas não conseguiu responder quem exatamente fundou Tróia, ou seja, quais indivíduos, e por algum motivo até achou a pergunta ociosa e insustentável. Mas os meninos continuaram confiantes de que Dardanelov não sabia quem fundou Tróia. Kolya leu sobre os fundadores de Tróia com Smaragdov, que era mantido em uma estante deixada por seus pais. Acabou com todos, até os meninos, finalmente se interessando por quem exatamente fundou Tróia, mas Krasotkin não revelou seu segredo, e a glória do conhecimento permaneceu inabalável com ele.

Após o incidente na ferrovia, Kolya passou por algumas mudanças em seu relacionamento com sua mãe. Quando Anna Fedorovna (viúva de Krasotkin) soube da façanha de seu filho, quase enlouqueceu de horror. Ela teve ataques histéricos tão terríveis, que duraram intermitentemente por vários dias, que Kolya, que já estava seriamente assustado, deu-lhe sua palavra honesta e nobre de que tais travessuras nunca mais aconteceriam. Ele jurou de joelhos diante do ícone e jurou pela memória de seu pai, como a própria Sra. Krasotkina exigia, e o próprio “corajoso” Kolya começou a chorar como um menino de seis anos de “sentimentos”, e mãe e filho se jogou nos braços um do outro o dia inteiro e chorou tremendamente.

No dia seguinte, Kolya acordou ainda “sem emoção”, mas ficou mais silencioso, mais modesto, severo e mais pensativo. É verdade que um mês e meio depois ele foi novamente pego em uma pegadinha, e seu nome até ficou conhecido pelo nosso magistrado, mas a pegadinha era de um tipo completamente diferente, até engraçada e estúpida, e descobriu-se que não era ele ele mesmo quem o cometeu, mas acabei me envolvendo nisso. Mas falaremos mais sobre isso mais tarde. A mãe continuou a tremer e a sofrer, e Dardanelov, à medida que suas preocupações aumentavam, percebia cada vez mais esperança. Deve-se notar que Kolya entendeu e compreendeu Dardanelov deste lado e, é claro, o desprezou profundamente por seus “sentimentos”; Anteriormente, ele ainda teve a indelicadeza de mostrar esse desprezo diante de sua mãe, insinuando-lhe remotamente que entendia o que Dardanelov estava tentando alcançar. Mas depois do incidente na ferrovia, ele mudou seu comportamento nesse aspecto: não se permitiu mais insinuações, mesmo as mais distantes, e passou a falar com mais respeito de Dardanelov na frente de sua mãe, que a sensível Anna Feodorovna imediatamente entendida com gratidão ilimitada em seu coração, mas à menor e mais inesperada palavra, mesmo de algum estranho, algum convidado sobre Dardanelov, se Kolya estivesse presente, ela de repente coraria de vergonha como uma rosa. Nesses momentos, Kolya ou olhava pela janela com a testa franzida, ou olhava para ver se suas botas lhe pediam mingau, ou chamava ferozmente por “Perezvon”, um cachorro peludo, um tanto grande e sarnento, que ele de repente adquiriu em algum lugar dentro de um mês, arrastado para dentro de casa e por algum motivo manteve segredo em seus quartos, não mostrando a nenhum de seus companheiros. Ele tiranizou terrivelmente, ensinando-lhe todos os tipos de truques e ciências, e levou o pobre cachorro a tal ponto que ela uivou sem ele quando ele estava na aula, e quando ele veio, ela gritou de alegria, pulou como uma louca, serviu, caiu no chão e fingiu estar morta e assim por diante, enfim, mostrou todos os truques que lhe ensinaram, não mais por encomenda, mas apenas pelo ardor de seus sentimentos entusiasmados e coração agradecido.

Aliás, esqueci de mencionar que Kolya Krasotkin era o mesmo menino que o menino Ilyusha, já conhecido do leitor, filho do capitão aposentado Snegirev, esfaqueado na coxa com um canivete, defendendo seu pai, a quem crianças em idade escolar provocado com uma “toalha”.

II. Crianças

Então, naquela manhã gelada e azul de novembro, o menino Kolya Krasotkin estava sentado em casa. Era domingo e não havia aulas. Mas já eram onze horas e ele certamente teve que sair do pátio “por causa de um assunto muito importante”, e enquanto isso ficou sozinho em toda a casa e decididamente como seu guardião, porque aconteceu que todos os seus moradores mais velhos, por algum motivo, devido a uma circunstância emergencial e original, eles deixaram o pátio. Na casa da viúva Krasotkina. do outro lado do corredor do apartamento que ela mesma ocupava, havia outro e único apartamento da casa, composto por dois pequenos quartos para alugar, e era ocupado por um médico com dois filhos pequenos. Este médico tinha a mesma idade de Anna Fedorovna e era um grande amigo dela, mas o próprio médico visitava algum lugar há cerca de um ano, primeiro em Orenburg e depois em Tashkent, e há seis meses não havia nem uma palavra nem um suspiro dele, então se não fosse por sua amizade com a Sra. Krasotkina, que suavizou um pouco a dor do médico abandonado, ela definitivamente teria começado a chorar de dor. E assim teve que acontecer, para completar todas as opressões do destino, que naquela mesma noite, de sábado para domingo, Katerina, a única empregada do médico, de repente e de forma totalmente inesperada para sua patroa lhe anunciou que pretendia dar à luz uma criança pela manhã. Como aconteceu que ninguém percebeu isso com antecedência foi quase um milagre para todos. O espantado médico decidiu, enquanto ainda havia tempo, levar Katerina com uma parteira para uma instituição adaptada para esses casos em nossa cidade. Como valorizava muito esta empregada, imediatamente executou o seu projeto, levou-a embora e, além disso, ficou ali com ela. Então, pela manhã, por algum motivo, foi necessária toda a participação amigável e ajuda da própria dona Krasotkina, que neste caso poderia pedir algo a alguém e fornecer algum tipo de patrocínio. Assim, as duas senhoras estavam fora, enquanto a empregada da Sra. Krasotkina, Baba Agafya, ia ao mercado, e Kolya se viu por um tempo o guardião e guarda das “bolhas”, isto é, o menino e a menina do médico, deixados sozinhos . Kolya não tinha medo de guardar a casa, além disso, ele tinha Perezvon com ele, que recebeu ordem de se deitar de bruços no corredor, sob o banco, “sem se mover”, e que, justamente por esse motivo, sempre Kolya, que andava de um lado para o outro, os quartos, entrou no corredor, balançou a cabeça e deu duas pancadas firmes e insinuantes com o rabo no chão, mas, infelizmente, não se ouviu nenhum apito convidativo. Kolya olhou ameaçadoramente para o infeliz cachorro, e ele congelou novamente em um estupor obediente. Mas se alguma coisa confundiu Kolya, foram apenas as “bolhas”. Ele, claro, olhou para a aventura inesperada com Katerina com o mais profundo desprezo, mas amava muito as bolhas órfãs e já havia levado alguns livros infantis para elas. Nastya, a menina mais velha, já estava na cama aos oito anos e sabia ler, e a mais nova, um menino de sete anos, Kostya, adorava ouvir quando Nastya lia para ele. Claro, Krasotkin poderia tê-los mantido mais interessantes, ou seja, colocá-los um ao lado do outro e começar a brincar de soldado com eles, ou se esconder pela casa. Ele já havia feito isso mais de uma vez e não desdenhava fazê-lo, então, mesmo na aula, ouviram uma vez que Krasotkin estava brincando de cavalo com seus pequenos residentes em casa, pulando no arreio e abaixando a cabeça, mas Krasotkin retrucou com orgulho essa acusação , deixando claro que com os colegas, com os treze anos, seria mesmo uma vergonha brincar de cavalo “na nossa idade”, mas que ele faz isso pelas “bolhas”, porque elas são amadas, e ninguém se atreve a peça-lhe um relato de seus sentimentos. Mas ambas as “bolhas” o adoravam. Mas desta vez não houve tempo para brinquedos. Ele tinha um negócio muito importante e parecia quase misterioso; enquanto isso, o tempo passava e Agafya, a quem os filhos poderiam ter ficado, ainda não queria voltar do mercado. Ele já havia atravessado várias vezes o corredor, aberto a porta para a esposa do médico e olhou ansioso para as “bolhas” que, por ordem dele, estavam sentadas atrás de um livro, e cada vez que ele abria a porta elas sorriam silenciosamente para ele de ouvido ao ouvido, esperando que lá estava ele entrasse e fizesse algo maravilhoso e engraçado. Mas Kolya estava com problemas emocionais e não entrou. Finalmente soaram onze horas, e ele decidiu firme e finalmente que se a “maldita” Agafya não voltasse em dez minutos, então ele sairia do pátio sem esperar por ela, é claro, tendo tirado das “bolhas” a palavra de que eles iriam não se acovardam sem ele, não farão brincadeiras e não chorarão de medo. Nesses pensamentos, vestiu seu casaco de inverno amassado com gola de pele de alguma espécie de foca, pendurou a bolsa no ombro e, apesar dos repetidos apelos anteriores de sua mãe, que em “tanto frio”, ao sair do quintal, ele sempre calçou as botas, apenas Ele olhou para eles com desprezo enquanto passava pelo corredor e saía calçando apenas as botas. Perezvon, vendo-o vestido, começou a bater vigorosamente o rabo no chão, contorcendo todo o corpo nervosamente, e até soltou um uivo lamentoso, mas Kolya, vendo a impetuosidade apaixonada de seu cachorro, concluiu que isso era prejudicial à disciplina, e pelo menos por um minuto, ele aguentou, ainda estava debaixo do banco e, tendo acabado de abrir a porta do corredor, de repente assobiou. O cachorro deu um pulo como um louco e começou a pular na frente dele de alegria. Depois de atravessar a entrada, Kolya abriu a porta para as “bolhas”. Ambos ainda estavam sentados à mesa, mas não liam mais, mas discutiam acaloradamente sobre alguma coisa. Essas crianças frequentemente discutiam entre si sobre vários assuntos desafiadores do cotidiano, e Nastya, como a mais velha, sempre ganhava vantagem; Kostya, se não concordasse com ela, quase sempre ia apelar para Kolya Krasotkin e, como ele decidia, isso permanecia na forma de um veredicto absoluto para todas as partes. Desta vez a disputa entre as “bolhas” interessou um pouco Krasotkin, e ele parou na porta para ouvir. As crianças perceberam que ele estava ouvindo e, com ainda mais entusiasmo, continuaram a brigar.

“Nunca, nunca acreditarei”, balbuciou Nastya com veemência, “que as parteiras encontram crianças pequenas no jardim entre os canteiros de repolho”. Agora é inverno e não há canteiros de jardim, e a avó não pôde trazer sua filha Katerina.

- Eca! - Kolya assobiou para si mesmo.

- Ou assim: trazem de algum lugar, mas só para quem vai casar.

Kostya olhou atentamente para Nastya, ouviu atentamente e pensou.

“Nastya, que idiota você é”, ele finalmente disse com firmeza e sem ficar animado, “como pode Katerina ter um filho se ela não é casada?”

Nastya estava terrivelmente quente.

“Você não entende nada”, ela interrompeu irritada, “talvez ela tivesse marido, mas ele está na prisão e agora ela deu à luz”.

- O marido dela está na prisão? - Positivo Kostya perguntou importante.

“Ou isto”, Nastya interrompeu rapidamente, abandonando completamente e esquecendo sua primeira hipótese: “ela não tem marido, você tem razão, mas ela quer se casar, então começou a pensar em como vai se casar, e ela ficou pensando, ficou pensando, e até então ela pensava que ele não era seu marido, mas um filho.

“Bem, sério”, concordou Kostya, completamente derrotado, “e você não disse isso antes, então como eu poderia saber?”

“Bem, crianças”, disse Kolya, entrando no quarto, “vejo que vocês são pessoas perigosas!”

- E Chime está com você? - Kostya sorriu e começou a estalar os dedos e ligar para Perezvon.

“Bubbles, estou com problemas”, começou Krasotkin com importância, “e você deve me ajudar: Agafya, claro, quebrou a perna, porque ela ainda não apareceu, está decidido e assinado, mas preciso conseguir fora do quintal.” Você vai me deixar ir ou não?

As crianças se entreolharam preocupadas, seus rostos sorridentes começaram a expressar preocupação. No entanto, eles ainda não entendiam completamente o que se esperava deles.

“Você não vai pregar peças sem mim?” Se você não subir no armário não vai quebrar as pernas? Você não vai chorar de medo sozinho?

Uma terrível melancolia foi expressa nos rostos das crianças.

“E para isso eu poderia lhe mostrar uma coisinha, um canhão de cobre com o qual você pode atirar pólvora de verdade.”

Os rostos das crianças se esclareceram instantaneamente.

“Mostre-me o canhão”, disse Kostya, todo radiante. Krasotkin enfiou a mão na bolsa e, tirando um pequeno canhão de bronze, colocou-o sobre a mesa.

- Mostre-me isso! Olha, tem rodas”, ele rolou o brinquedo sobre a mesa, “e você pode atirar”. Carregue e atire com tiro.

- E ele vai matar?

“Vai matar todo mundo, basta apontar”, e Krasotkin explicou onde colocar a pólvora, onde rolar a bolinha, apontou para um buraco em forma de semente e disse que há um retrocesso. As crianças ouviam com grande curiosidade. A imaginação deles ficou especialmente impressionada com o fato de haver uma reversão.

- Você tem pólvora? - Nastya perguntou.

- Comer.

“Mostre-me a pólvora”, disse ela com um sorriso suplicante. Krasotkin novamente enfiou-se em sua bolsa e tirou uma pequena garrafa, que na verdade continha um pouco de pólvora de verdade, e em um pedaço de papel dobrado havia vários grãos de bala. Ele até abriu a garrafa e despejou um pouco de pólvora na palma da mão.

“Bem, apenas não faça fogo em algum lugar, caso contrário ele explodirá e matará todos nós”, alertou Krasotkin para causar efeito.

As crianças olharam para a pólvora com admiração, o que intensificou ainda mais o seu prazer. Mas Kostya gostou mais da fração.

- O tiro não queima? - ele perguntou.

— O tiro não queima.

“Dê-me algumas frações”, disse ele com voz suplicante.

“Vou te dar uma pequena fração, aqui, pegue, só não mostre para sua mãe até eu voltar, senão ela vai pensar que é pólvora e morrer de medo, e vai te chicotear.”

“Mamãe nunca nos chicoteia com uma vara”, Nastya notou imediatamente.

- Eu sei, só falei pela beleza do estilo. E você nunca engana sua mãe, mas desta vez - enquanto eu for. Então, bolhas, posso ir ou não? você não vai chorar sem mim por medo?

“Por chorar”, Kostya falou lentamente, já se preparando para chorar.

- Pagaremos, com certeza pagaremos! - Nastya também atendeu com um tamborilar tímido.

- Oh, crianças, crianças, como são perigosos os seus verões. Não há nada para fazer, garotas, terei que ficar sentado com vocês não sei quanto tempo. E está na hora, está na hora, uau!

“Diga a Perezvon para fingir que está morto”, perguntou Kostya.

- Bem, não há nada a fazer, teremos que recorrer ao Chime. Aqui, Chime! - E Kolya começou a comandar o cachorro, e ele imaginou tudo o que sabia. Era um cachorro peludo, do tamanho de um vira-lata comum, com uma espécie de pelo cinza-púrpura. Seu olho direito estava torto e, por algum motivo, sua orelha esquerda estava cortada. Ela gritou e pulou, serviu, andou sobre as patas traseiras, jogou-se de costas com as quatro patas para cima e ficou imóvel como se estivesse morta. Durante este último ato, a porta se abriu e Agafya, a empregada gorda da Sra. Krasotkina, uma mulher de cerca de quarenta anos com marcas de varíola, apareceu na soleira, voltando do mercado com uma sacola de provisões compradas na mão. Ela se levantou e, segurando um saco preso por um fio de prumo na mão esquerda, começou a olhar para o cachorro. Kolya, por mais que esperasse por Agafya, não interrompeu a apresentação e, tendo mantido Perezvon morto por um certo tempo, finalmente assobiou para ele: o cachorro deu um pulo e começou a pular de alegria por ter cumprido seu dever.

- Olha, cachorro! - Agafya disse edificantemente.

- Por que, mulher, você está atrasada? - Krasotkin perguntou ameaçadoramente.

- Sexo feminino, olha a barriga!

- Protuberância?

- E uma bolha. “O que te importa que eu esteja atrasado, significa que é necessário se eu estiver atrasado”, murmurou Agafya, começando a se mexer no fogão, mas não com uma voz insatisfeita ou zangada, mas pelo contrário, muito satisfeito , como se estivesse regozijando-se com a oportunidade de zombar com aquele latido alegre.

“Escute, velha frívola”, começou Krasotkin, levantando-se do sofá, “você pode me jurar com tudo o que é sagrado neste mundo e, além disso, com outra coisa, que observará incansavelmente as bolhas na minha ausência?” Estou saindo do quintal.

- Por que eu juraria para você? - Agafya riu, “Vou ficar de olho nisso.”

- Não, a não ser jurando a salvação eterna da sua alma. Caso contrário, não irei embora.

- E não vá embora. O que me importa, está frio lá fora, fique em casa.

“Bubbles”, Kolya virou-se para as crianças, “esta mulher ficará com vocês até que eu chegue ou até que sua mãe chegue, porque ela deveria ter retornado há muito tempo”. Além disso, ele lhe dará café da manhã. Você vai dar algo a eles, Agafya?

- É possível.

- Adeus, garotas, estou saindo com o coração tranquilo. E você, vovó”, disse ele em voz baixa e importante, passando por Agafya, “espero que não minta para eles com suas bobagens femininas habituais sobre Katerina e poupe a idade da criança”. Aqui, Chime!

“Oh, por Deus”, retrucou Agafya, já com o coração. - Engraçado! Açoite-o, é isso, por palavras como essa.

III. estudante

Mas Kolya não estava mais ouvindo. Finalmente ele poderia ir embora. Saindo do portão, ele olhou em volta, encolheu os ombros e disse: “geada!” Desci a rua e segui direto pelo beco até a praça do mercado. Não chegando a nenhuma casa antes da praça, parou no portão, tirou um apito do bolso e assobiou com toda a força, como se fizesse um sinal convencional. Ele não teve que esperar mais do que um minuto; de repente, um menino de bochechas rosadas, de cerca de onze anos, também vestido com um casaco quente, limpo e até elegante, saltou em sua direção. Este era o menino Smurov, que estava na classe preparatória (enquanto Kolya Krasotkin já estava duas classes acima), filho de um funcionário rico, e cujos pais, ao que parece, não permitiam que ele andasse com Krasotkin, como acontece com um bem conhecido homem desesperado e travesso, então Smurov aparentemente agora pulou às escondidas. Este Smurov, se o leitor não esqueceu, fazia parte do grupo de meninos que há dois meses atiraram pedras no fosso de Ilyusha, e que então contou a Alyosha Karamazov sobre Ilyusha.

“Estou esperando por você há uma hora, Krasotkin”, disse Smurov com um olhar decidido, e os meninos caminharam em direção à praça.

“Estou atrasado”, respondeu Krasotkin. - Existem circunstâncias. Você não será chicoteado, por que está comigo?

- Vamos, estou levando uma surra? E Chime com você?

- E carrilhão!

- Você e ele aí?

- E ele lá.

- Ah, se fosse um bug!

- Bug não é permitido. O bug não existe. O inseto desapareceu na escuridão do desconhecido.

“Oh, não poderia ser assim”, Smurov fez uma pausa repentina, “afinal, Ilyusha diz que Zhuchka também era desgrenhado e também grisalho, esfumaçado, como Perezvon, - ele não pode dizer que este é o mesmo Zhuchka, ele pode ser e acreditar?

- Colegial, abomine mentiras, é isso; mesmo por uma boa ação, dois. E o mais importante, espero que você não tenha anunciado nada sobre minha chegada lá.

- Deus me livre, eu entendo. Mas você não pode consolá-lo com um toque”, suspirou Smurov. - Quer saber: esse pai, o capitão, o pano, nos disse que hoje traria para ele um cachorrinho, um verdadeiro Medeliano, com nariz preto; ele acha que isso consolará Ilyusha, mas é improvável?

- Como ele é, Ilyusha?

- Ah, que pena, que pena! Acho que ele tem tuberculose. Ele está todo na memória, só respira e respira, não respira bem. Outro dia ele pediu para ser conduzido, para calçar botas, ele começou a andar e caiu. “Oh”, ele diz, “eu te disse, pai, que essas são as botas ruins que eu tenho, as velhas, era estranho andar com elas antes”. Foi ele quem pensou que as botas o faziam cair, mas ele estava simplesmente por fraqueza. Ele não viverá uma semana. Herzenstube viaja. Agora eles estão ricos de novo, têm muito dinheiro.

- Ladinos.

- Quem são os bandidos?

- Médicos, e todos os médicos em geral, e claro, em particular. Eu nego remédio. Instituição inútil. No entanto, estou pesquisando tudo isso. Que tipo de sentimentalismo você tem aí? Você e toda a sua turma vão ficar lá, ao que parece?

“Nem todo mundo, mas cerca de dez de nós vamos lá, sempre, todos os dias.” Não é nada.

“O papel de Alexei Karamazov em tudo isso me surpreende: seu irmão será julgado amanhã ou depois por tal crime, e ele tem muito tempo para ser sentimental com os meninos!”

“Não há nenhum sentimentalismo aqui.” Você mesmo agora fará as pazes com Ilyusha.

- Fazer as pazes? Expressão engraçada. No entanto, não permito que ninguém analise minhas ações.

- E como Ilyusha ficará feliz em ver você! Ele nem imagina que você virá. Por que, por que você demorou tanto para ir? - Smurov exclamou de repente com paixão.

- Querido menino, isso é assunto meu, não seu. Vou sozinho, porque esta é a minha vontade, e Alexei Karamazov trouxe todos vocês para lá, então há uma diferença. E como você sabe, talvez eu não vá aguentar nada? Expressão estúpida.

- Nem Karamazov, nem ele. É que nosso pessoal começou a ir para lá, é claro, primeiro com Karamazov. E não havia nada disso, nenhuma bobagem. Primeiro um, depois o outro. Papai ficou muito feliz em nos ver. Você sabe, ele simplesmente enlouquecerá se Ilyusha morrer. Ele vê que Ilyusha vai morrer. E estamos tão felizes que Ilyusha e eu fizemos as pazes. Ilyusha perguntou sobre você, mas não acrescentou mais nada. Ele perguntará e permanecerá em silêncio. E o pai vai enlouquecer ou se enforcar. Ele já havia se comportado como um louco antes. Você sabe, ele é um homem nobre, e então aconteceu um erro. A culpa é toda desse parricídio por ter batido nele então.

- Mesmo assim, Karamazov é um mistério para mim. Eu poderia tê-lo conhecido há muito tempo, mas em outros casos gosto de me orgulhar. Ao mesmo tempo, formei uma opinião sobre ele, que ainda precisa ser verificada e esclarecida.

Kolya ficou em silêncio de maneira importante; Smurov também. Smurov, é claro, tinha admiração por Kolya Krasotkin e não ousava sequer pensar em ser igual a ele. Agora ele estava terrivelmente interessado, porque Kolya explicou que estava indo “por conta própria”, e certamente havia algum tipo de mistério aqui, pois Kolya de repente decidiu ir agora e hoje. Caminharam pela praça do mercado, onde desta vez havia muitas carroças de visita e muitos pássaros importados. As mulheres da cidade vendiam bagels, fios, etc. sob seus toldos. Em nossa cidade, essas reuniões dominicais são ingenuamente chamadas de feiras, e há muitas feiras desse tipo por ano. O carrilhão soava com o humor mais alegre, virando constantemente para a esquerda e para a direita para farejar algo em algum lugar. Quando conheceu outros cachorrinhos, ele os cheirou com extraordinária avidez, de acordo com todas as regras caninas.

“Gosto de observar o realismo, Smurov”, Kolya falou de repente. —Você já percebeu como os cães se encontram e farejam? Existe alguma lei comum da natureza entre eles.

- Sim, meio engraçado.

- Ou seja, não tem graça, você está errado. Não há nada de engraçado na natureza, por mais que pareça a uma pessoa com seus preconceitos. Se os cães pudessem raciocinar e criticar, então provavelmente encontrariam tanto humor para si próprios, se não muito mais, nas relações sociais entre as pessoas, os seus donos, se não muito mais; Repito isto porque estou firmemente convencido de que temos muito mais disparates. Esta é a ideia de Rakitin, uma ideia maravilhosa. Sou socialista, Smurov.

-O que é um socialista? - perguntou Smurov.

- Isto é, se todos forem iguais, todos tiverem uma propriedade comum, não houver casamentos, e a religião e todas as leis forem como todas as outras pessoas, e então há todo o resto. Você ainda não cresceu para isso, é muito cedo para você. Mas está frio.

- Sim. Doze graus. Agora mesmo meu pai estava olhando para o termômetro.

“E você notou, Smurov, que no meio do inverno, se está quinze ou mesmo dezoito graus, não parece tão frio como, por exemplo, agora, no início do inverno, quando de repente a geada chega, como agora, a doze graus, e mesmo quando não há neve suficiente. Isso significa que as pessoas ainda não estão acostumadas. As pessoas têm tudo por hábito, em tudo, até nas relações governamentais e políticas. O hábito é o principal motivador. Mas que homem engraçado.

Kolya apontou para um homem alto, com casaco de pele de carneiro e rosto bem-humorado, que batia palmas com as mãos enluvadas contra o frio ao lado de sua carroça. Sua longa barba castanha estava coberta de gelo.

— A barba do homem está congelada! - Kolya gritou alto e arrogantemente, passando por ele.

“Muitos estão com frio”, disse o homem calma e sentenciosamente em resposta.

“Não o intimide”, observou Smurov.

- Está tudo bem, não fique com raiva, ele está bem. Adeus, Mateus.

- Adeus.

- Você é Matvey?

- Mateus. Você não sabia?

- eu não sabia; Eu disse isso aleatoriamente.

- Olha, afinal. Crianças em idade escolar, talvez?

- Em escolares.

- Por que você está sendo espancado?

- Não exatamente, mas sim.

- Ferir?

- Não sem isso.

- Ah, vida! - o homem suspirou de todo o coração.

- Adeus, Matvey.

- Adeus. Você é um menino doce, é isso.

Os meninos seguiram em frente.

“Este é um bom homem”, disse Kolya a Smurov. “Adoro conversar com as pessoas e fico sempre feliz em fazer-lhes justiça.

- Por que você mentiu para ele que estávamos açoitando? - perguntou Smurov.

“Devíamos tê-lo consolado!”

- O que é?

“Veja, Smurov, não gosto quando as pessoas perguntam de novo se não entenderam desde a primeira palavra.” É impossível interpretar de outra forma. Segundo a ideia, os estudantes são açoitados e devem ser açoitados: que tipo de estudante são eles, se não o açoitam? E de repente direi a ele que não açoitamos, porque isso vai deixá-lo chateado. No entanto, você não entende isso. Você precisa falar habilmente com as pessoas.

- Só não me intimide, por favor, senão vai sair uma história de novo, como aconteceu com aquele ganso.

-Você está com medo?

- Não ria, Kolya, tenho medo de Deus. Papai ficará terrivelmente zangado. Estou estritamente proibido de ir com você.

“Não se preocupe, nada vai acontecer desta vez.” “Olá, Natasha”, gritou ele para um dos comerciantes sob a cobertura.

“Que tipo de Natasha você pensa que eu sou? Sou Marya”, respondeu o comerciante em voz alta, que ainda não era velha.

- Que bom que Marya, adeus.

- Ah, sua espingarda, você não vê do chão, mas aí mesmo!

“Não tenho tempo, não tenho tempo com você, você me dirá no próximo domingo”, Kolya acenou com as mãos, como se ela o estivesse incomodando, e não ele a estivesse incomodando.

- O que devo te contar no domingo? Fui eu quem me apeguei a você, não eu, seu travesso”, gritou Marya, “açoite você, é isso, você é um ofensor conhecido, é isso!”

Houve risadas entre as outras comerciantes que vendiam em suas barracas ao lado de Marya, quando de repente, de debaixo da galeria de lojas da cidade, do nada, um homem irritado, como um balconista, saltou, e não nosso comerciante, mas um dos visitantes, com um longo cafetã azul, boné com viseira, ainda jovem, com cachos castanhos escuros e rosto comprido, pálido e marcado por varíolas. Ele estava com algum tipo de excitação estúpida e imediatamente começou a balançar o punho para Kolya.

"Eu conheço você", ele exclamou irritado, "Eu conheço você!"

Kolya olhou para ele atentamente. Ele não conseguia se lembrar de algo em que ele e esse homem pudessem ter tido algum tipo de briga. Mas nunca se sabe quantas brigas ele teve nas ruas, era impossível lembrar de todas.

- Você sabe? - ele perguntou ironicamente.

- Eu conheço você! Eu conheço você! - o comerciante armou tudo como um idiota.

- É melhor para você. Bem, não tenho tempo, adeus!

- Por que você está sendo travesso? - gritou o comerciante. -Você está sendo travesso de novo? Eu conheço você! Você está sendo travesso de novo?

“Não é da sua conta agora, irmão, que eu esteja sendo travesso”, disse Kolya, parando e continuando a olhar para ele.

- Por que não o meu?

- Bem, não o seu.

- De quem é? De quem é? Bem, de quem?

- Isso, irmão, agora é assunto de Trifon Nikitich, não seu.

- Quem é Trifon Nikitich? — o cara olhou para Kolya com uma surpresa estúpida, embora ainda com calor. Kolya olhou para ele com importância.

— Você foi para a Ascensão? - ele perguntou de repente com severidade e insistência.

- Para que Ascensão? Para que? Não, eu não fui”, o cara ficou um pouco surpreso.

- Você conhece Sabaneev? - Kolya continuou com ainda mais insistência e severidade.

- Que tipo de Sabaneev? Não, eu não sei.

- Bem, para o inferno com você depois disso! - Kolya retrucou de repente e, virando bruscamente à direita, caminhou rapidamente pela estrada, como se odiasse conversar com um idiota que nem conhecia Sabaneev.

- Pare, ei! Que tipo de Sabaneev? — o cara voltou a si, ficando todo animado novamente. - O que ele disse? - De repente ele se virou para os comerciantes, olhando-os estupidamente.

As mulheres riram.

“Garoto sábio”, disse um.

- Que tipo de Sabaneev ele é? - repetiu o cara freneticamente, acenando com a mão direita.

“E este deveria ser Sabaneev, que serviu com os Kuzmichevs, é assim que deveria ser”, adivinhou uma mulher de repente. O cara olhou para ela descontroladamente.

- Kuz-mi-cheva? - disse outra mulher, - que tipo de Trifon ele é? Aquele Kuzma, não Trifon, e o menino chamado Trifon Nikitych, não era mais ele.

“Veja, este não é Trifon ou Sabaneev, este é Chizhov”, de repente pegou a terceira mulher, que antes estava em silêncio e ouvia seriamente: “Chame-o de Alexey Ivanovich”. Chizhov, Alexei Ivanovich.

“É verdade que Chizhov”, confirmou persistentemente a quarta mulher.

O cara atordoado olhou primeiro para um e depois para o outro.

- Por que ele perguntou, ele perguntou por quê, gente boa! - exclamou quase em desespero: - “Você conhece Sabaneev?” E o diabo sabe como é Sabaneev?

“Você é uma pessoa estúpida”, dizem não Sabaneev, mas Chizhov, Alexey Ivanovich Chizhov, é quem! - um comerciante gritou para ele de forma impressionante.

- Qual Chizhov? bem, qual? Fale se você souber.

- E o longo verão de juba ereta estava no mercado.

- Por que diabos eu preciso do seu Chizhova, gente boa, hein?

- Como posso saber por que diabos Chizhov?

“E quem sabe para que você precisa disso”, respondeu outro, “você mesmo deve saber para que precisa, se estiver fazendo barulho”. Afinal, foi ele quem contou a você, não a nós, seu estúpido. Você realmente não conhece Al?

- A quem?

- Chizhova.

- Maldito Chizhova, junto com você! Eu vou espancá-lo, é isso! Ele riu de mim!

- Você vai vencer Chizhov? Ou ele vai te levar! você é um tolo, é isso!

- Não Chizhova, não Chizhova, você é uma mulher má e prejudicial, vou bater no menino, é isso! Dá, dá aqui, ele riu de mim!

As mulheres riram. E Kolya já estava caminhando para longe com uma expressão vitoriosa no rosto. Smurov caminhou ao lado, olhando para o grupo gritando ao longe. Ele também se divertiu muito, embora ainda tivesse medo de entrar na história com Kolya.

- Sobre quem você perguntou a Sabaneev? - perguntou ele a Kolya, antecipando a resposta.

- Como posso saber qual? Agora eles vão gritar até a noite. Adoro incitar tolos em todas as esferas da vida. Ainda tem esse idiota parado aí, esse cara. Observe para si mesmo: eles dizem: “Não há nada mais estúpido do que um francês estúpido”, mas até a fisionomia russa se revela. Bem, não está escrito na cara desse cara que ele é um idiota, hein?

"Deixe-o em paz, Kolya, vamos passar."

“Não vou te deixar por nada, estou saindo agora.” Ei, oi cara!

Um homem corpulento, de passagem lenta e provavelmente já bêbado, de rosto redondo e rústico e barba raiada de grisalhos, ergueu a cabeça e olhou para o menino.

“Bem, olá, se você não está brincando”, ele disse vagarosamente em resposta.

- Por que estou brincando? - Kolya riu.

- Se você está brincando, é só brincar, Deus esteja com você. Está tudo bem, é possível. Sempre é possível fazer uma piada.

- Desculpe, irmão, eu estava brincando.

- Bem, Deus me perdoe.

- Você perdoa?

- Eu realmente te perdôo. Ir.

- Veja, você provavelmente é um homem inteligente.

“Mais esperto que você”, o homem respondeu inesperadamente e tão importante quanto antes.

“Dificilmente”, Kolya ficou um tanto surpreso.

- Estou te dizendo certo.

- E talvez sim.

- É isso, irmão.

- Adeus, cara.

- Adeus.

“Os homens são diferentes”, comentou Kolya a Smurov após algum silêncio. - Como eu sabia que encontraria um cara inteligente? Estou sempre pronto para reconhecer a inteligência das pessoas.

Ao longe, o relógio da catedral bateu meia-noite e meia. Os meninos se apressaram e caminharam o resto da longa jornada até a casa do capitão do estado-maior Snegirev rapidamente e quase sem falar. Vinte passos antes da casa, Kolya parou e ordenou que Smurov fosse em frente e chamasse Karamazov aqui para buscá-lo.

“Precisamos cheirar primeiro”, comentou ele com Smurov.

“Mas por que ligar”, objetou Smurov, “entre de qualquer maneira, eles ficarão muito felizes com você”. Mas e quanto a conhecer pessoas no frio?

“Já sei por que preciso dele aqui no frio”, Kolya retrucou despóticamente (o que ele gostava muito de fazer com esses “pequeninos”), e Smurov correu para cumprir a ordem.

4. Erro

Kolya, com uma expressão importante no rosto, encostou-se na cerca e começou a esperar que Aliocha aparecesse. Sim, ele queria conhecê-lo há muito tempo. Ele tinha ouvido muito sobre ele pelos meninos, mas até agora sempre mostrou externamente um ar de indiferença desdenhosa quando lhe contaram sobre ele, ele até “criticou” Aliocha, ouvindo o que lhe contavam sobre ele. Mas, em particular, ele realmente queria se conhecer: havia algo de simpático e atraente em todas as histórias que ouvia sobre Aliocha. Assim, o momento presente era importante; em primeiro lugar, tive que não me mostrar na lama, mostrar independência: “Senão ele vai pensar que tenho treze anos e me tomar por um menino desses. E o que esses meninos importam para ele? Vou perguntar a ele quando chegar lá. O ruim, porém, é que sou muito baixo: Tuzikov é mais novo que eu e meia cabeça mais alto. Meu rosto, porém, é inteligente; Não sou bom, sei que tenho cara de feio, mas minha cara é inteligente. Você também precisa não falar muito, senão ele vai pensar na hora com um abraço... Ugh, que abominação será se ele pensar!..”

Kolya estava tão preocupado, tentando com todas as suas forças assumir a aparência mais independente. O principal é que ele era atormentado por sua pequena estatura, não tanto por seu rosto “vil”, mas por sua altura. Na casa dele, no canto da parede, desde o ano passado, era feita uma linha com um lápis, com a qual ele marcava sua altura, e desde então, a cada dois meses, ele voltava a aparecer com entusiasmo para se medir: como quanto ele cresceu? Mas, infelizmente! Ele cresceu muito pouco, e isso às vezes o levava simplesmente ao desespero. Quanto ao rosto, não era nada “vil”, pelo contrário, bastante bonito, branco, pálido, com sardas. Olhos cinzentos, pequenos, mas vivos, pareciam ousados ​​​​e muitas vezes iluminados de sentimento. As maçãs do rosto eram um tanto largas, os lábios eram pequenos, não muito grossos, mas muito vermelhos; o nariz é pequeno e decididamente arrebitado: “nariz completamente arrebitado, nariz completamente arrebitado!” Kolya murmurava para si mesmo quando se olhava no espelho e sempre se afastava do espelho indignado. “É improvável que ele tenha um rosto inteligente?” ele pensava às vezes, até mesmo duvidando disso. No entanto, não se deve presumir que a preocupação com seu rosto e altura consumisse toda a sua alma. Pelo contrário, por mais cáusticos que fossem os momentos diante do espelho, ele rapidamente os esqueceu e até por muito tempo, “entregando-se inteiramente às ideias e à vida real”, como ele mesmo definiu suas atividades.

Alyosha logo apareceu e se aproximou apressadamente de Kolya; Alguns passos depois, ele viu que Alyosha tinha um rosto completamente alegre. "Você está realmente tão feliz comigo?" Kolya pensou com prazer. Aqui, aliás, notamos que Aliocha mudou muito desde que o deixamos: ele tirou a batina e agora usava uma sobrecasaca lindamente cortada, um chapéu redondo macio e cabelo curto. Tudo isso o animou muito e ele parecia absolutamente lindo. Seu lindo rosto sempre teve uma aparência alegre, mas essa alegria era de alguma forma tranquila e calma. Para surpresa de Kolya, Alyosha veio até ele com o que estava vestindo no quarto, sem casaco, era claro que ele estava com pressa. Ele estendeu a mão diretamente para Kolya.

“Aqui está você, finalmente, assim como todos nós estávamos esperando por você.”

— Houve motivos que você aprenderá agora. De qualquer forma, prazer em conhecê-lo. “Há muito tempo que espero por uma oportunidade e ouvi muito”, murmurou Kolya, um pouco sem fôlego.

“Sim, teríamos nos conhecido sem isso, ouvi muito sobre você, mas aqui e ali você se atrasou.”

- Diga-me, como é aqui?

“Ilyusha está muito mal, ele certamente morrerá.”

- O que você faz! “Você deve concordar que a medicina é vil, Karamazov”, exclamou Kolya apaixonadamente.

“Ilyusha muitas vezes mencionou você, até, você sabe, em seus sonhos, em seu delírio. É óbvio que você era muito, muito querido por ele antes... antes daquele incidente... com a faca. Há outro motivo... Diga-me, este é o seu cachorro?

- Meu. Campainha.

- E não Zhuchka? - Alyosha olhou com pena nos olhos de Kolya. - Ela já desapareceu?

“Eu sei que todos vocês gostariam de Zhuchka, ouvi tudo”, Kolya sorriu misteriosamente. “Escute, Karamazov, vou explicar tudo para você, essa é a principal razão pela qual vim, é por isso que liguei para você, para que eu pudesse primeiro explicar toda a passagem antes de entrarmos”, ele começou animadamente. - Veja bem, Karamazov, na primavera Ilyusha entra em uma aula preparatória: Bem, como você sabe, nossa aula preparatória: meninos, crianças. Ilyusha imediatamente começou a ser intimidado. Estou duas classes acima e, claro, olho de longe. Vejo que o menino é pequeno, fraco, mas não obedece, até briga com eles, orgulhoso, seus olhos ardem. Eu amo isso. E eles são piores que ele. O principal é que ele estava com um vestido ruim naquela época, as calças eram muito altas e as botas pediam mingau. Eles também são a favor. Humilhar. Não, não gosto disso, levantei-me imediatamente e perguntei ao extra-feffer. Eu venci eles, mas eles me adoram, você sabia disso, Karamazov? - Kolya se vangloriou expansivamente. - Sim, e em geral adoro crianças. Ainda tenho dois pintinhos sentados no meu pescoço em casa, até hoje me detiveram. Assim, eles pararam de bater em Ilyusha e eu o coloquei sob minha proteção. Entendo, o menino é orgulhoso, estou te dizendo que ele é orgulhoso, mas acabou se entregando servilmente a mim, cumprindo meus mínimos mandamentos, me ouvindo como Deus, tentando me imitar. No intervalo entre as aulas agora ele vem até mim e vamos juntos. Aos domingos também. No nosso ginásio riem quando um idoso se dá bem com um pequeno, mas isso é preconceito. Essa é a minha fantasia, e é isso, não é? Eu o ensino, o desenvolvo. - Por que, diga-me, não posso desenvolver se gosto? Afinal, você, Karamazov, se dava bem com todas essas garotas, então quer influenciar a geração mais jovem, se desenvolver, ser útil? E admito que esse traço de seu caráter, que reconheci por boato, me interessou acima de tudo. Mas vou direto ao ponto: percebo que o menino está desenvolvendo algum tipo de sensibilidade, sentimentalismo, e eu, você sabe, tenho sido um inimigo resoluto de toda ternura de bezerro desde que nasci. E, além disso, há contradições: ele é orgulhoso, mas é devotado a mim servilmente, é devotado a mim servilmente, e de repente seus olhinhos brilham e ele nem quer concordar comigo, argumenta, sobe no muro. Às vezes segui ideias diferentes: não é que ele não concorde com as ideias, mas apenas vejo que ele pessoalmente se rebela contra mim, porque respondo à sua ternura com serenidade. E então, para resistir a ele, quanto mais terno ele é, mais frio eu fico, faço isso de propósito, essa é a minha convicção. Eu pretendia treinar caráter, subir de nível, criar uma pessoa... bom, aí... você, claro, me entende perfeitamente. De repente percebo que por um dia, dois, três, ele fica envergonhado, de luto, mas não por ternura, mas por outra coisa, mais forte, mais elevada. Eu penso, que tipo de tragédia? Eu piso nele e descubro uma coisa: de alguma forma ele se deu bem com o lacaio de seu falecido pai (que ainda estava vivo) Smerdyakov, e ensinou a ele, o tolo, uma piada estúpida, ou seja, uma piada brutal, uma piada vil - pegue um pedaço de pão, uma migalha, enfie um alfinete e jogue para algum cachorro de quintal, daqueles que, de fome, engolem um pedaço sem mastigar, e vê o que acontece isto. Então eles fizeram um pedaço desses e jogaram para esse Inseto muito peludo, sobre quem agora existe uma história assim, para um cachorro de quintal de um quintal onde ela simplesmente não era alimentada, mas late para o vento o dia todo. (Você gosta desse latido estúpido. Karamazov? Eu não aguento.) Então ela correu, engoliu e gritou, girou e começou a correr, correu e continuou gritando e desapareceu, foi assim que o próprio Ilyusha descreveu para mim. Ele me confessa e chora e chora, me abraça, treme: “Corre e grita, corre e grita” - é tudo o que ele repete, essa imagem o impressionou. Bem, eu vejo remorso. Eu levei isso a sério. Mais importante ainda, eu queria lhe dar uma lição, então admito que trapaceei aqui. Fingi estar tão indignado que talvez não estivesse; “Você, eu digo, fez uma coisa baixa, você é um canalha, não vou divulgar, claro, mas por enquanto estou cortando relações com você. Vou pensar sobre este assunto e lhe direi através de Smurov (esse mesmo menino que agora veio comigo e que sempre foi devotado a mim): se continuarei meu relacionamento com você no futuro ou se Vou abandonar você para sempre como um canalha.” Isso o chocou terrivelmente. Confesso que na altura senti que talvez estivesse a ser demasiado rígido, mas o que fazer, foi esse o meu pensamento na altura. Um dia depois mando Smurov até ele e através dele transmito que “não falo mais com ele”, ou seja, é assim que chamamos quando dois camaradas interrompem relações entre si. O segredo é que eu queria mantê-lo em fervor apenas alguns dias e então, vendo o arrependimento, estendia-lhe novamente a mão. Esta foi a minha firme intenção. Mas o que você acha: ele ouviu Smurov, e de repente seus olhos brilharam: “Diga, ele gritou, “de mim para Krasotkin, que agora vou jogar pedaços com alfinetes para todos os cachorros, para todos, para todos!” “Ah, eu acho, o espírito livre está esgotado, ele precisa ser fumado”, e comecei a demonstrar total desprezo por ele, a cada reunião me afasto ou sorrio ironicamente. E de repente acontece esse incidente com o pai dele, lembra, a toalhinha? Entenda que ele já estava pré-preparado para uma irritação terrível. Os meninos, vendo que eu o havia abandonado, lançaram-se sobre ele, provocando-o: “toalha, toalhinha”. Foi então que começaram as batalhas, o que lamento muito, porque parece que ele foi espancado de forma muito dolorosa. Uma vez, ele atacou todos no quintal quando eles estavam saindo das aulas, e eu estava parado a dez passos de distância e olhando para ele. E eu juro, não me lembro de ter rido então; pelo contrário, senti muita, muita pena dele, e em outro momento teria corrido para defendê-lo. Mas de repente ele encontrou meu olhar: não sei o que lhe pareceu, mas ele pegou um canivete, correu em minha direção e enfiou na minha coxa, bem aqui, na minha perna direita. Não me mexi, admito, às vezes posso ser corajoso, Karamazov, apenas olhei com desprezo, como se dissesse com os olhos: “Gostaria de mais, por toda a minha amizade, então estou ao seu dispor”. Mas da outra vez ele não esfaqueou, não aguentou, se assustou, jogou a faca, gritou alto e começou a correr. Claro, não tentei ser fiscal e mandei que todos ficassem calados para que não chegasse às autoridades, até contei para minha mãe só quando tudo sarou e a ferida estava vazia, um arranhão. Aí ouvi dizer que no mesmo dia ele jogou pedras e mordeu seu dedo - mas você entende em que estado ele estava! Bom, o que posso fazer, fiz uma besteira: quando ele adoeceu, não fui perdoá-lo, ou seja, fazer as pazes, agora me arrependo. Mas então eu tinha objetivos especiais. Bem, essa é a história toda... mas parece que fiz algo estúpido...

“Oh, que pena”, exclamou Alyosha com entusiasmo, “que eu não conhecesse seu relacionamento com ele antes, caso contrário, eu mesmo teria vindo até você há muito tempo para pedir que fosse até ele comigo”. Acredite ou não, no calor, na doença, ele adorou você. Eu não sabia o quanto você é querido por ele! E sério, sério, você não encontrou esse bug? Papai e todos os meninos da cidade estavam procurando por ele. Acredite ou não, ele, doente, aos prantos, repetiu três vezes para o pai na minha frente: “É por isso que estou doente, pai, porque matei Zhuchka então, Deus me puniu”: você não pode derrubá-lo fora deste pensamento! E se eles pudessem agora tirar esse inseto e mostrar que ele não estava morto, mas vivo, então parece que ele ressuscitaria com alegria. Todos nós esperávamos por você.

- Diga-me, por que diabos eles esperavam que eu encontrasse o Bug, ou seja, o que exatamente eu encontraria? - Kolya perguntou com extrema curiosidade, - por que contaram comigo e não com outra pessoa?

“Houve um boato de que você estava procurando por ela e que, quando a encontrasse, você a traria.” Smurov disse algo nesse sentido. Mais importante ainda, todos nós estamos tentando garantir que Zhuchka esteja viva, que ela tenha sido vista em algum lugar. Os meninos conseguiram de algum lugar um coelho vivo para ele, mas ele olhou, sorriu um pouco e pediu para ser solto no campo. Foi isso que fizemos. Naquele exato minuto o pai voltou e trouxe para ele um cachorrinho Medelyan, ele também pegou de algum lugar, achou que iria consolá-lo, mas parece que ficou ainda pior...

- Diga-me de novo, Karamazov: o que é esse pai? Eu o conheço, mas qual é a sua definição dele: um bufão, um palhaço?

- Ah não, tem gente que sente profundamente, mas de alguma forma é reprimida. A sua bufonaria é uma espécie de ironia maliciosa para com aqueles diante de quem não se atrevem a dizer a verdade por causa da timidez humilhante de longa data diante deles. Acredite, Krasotkin, que essa bufonaria às vezes é extremamente trágica. Ele tem tudo agora, tudo na terra está unido em Ilyusha, e se Ilyusha morrer, ele ficará louco de tristeza ou tirará a própria vida. Estou quase convencido disso quando olho para ele agora!

“Eu entendo você, Karamazov, vejo que você conhece um homem”, acrescentou Kolya com emoção.

“E quando vi você com o cachorro, pensei que você tivesse trazido aquele mesmo inseto.”

- Espere, Karamazov, talvez a encontremos, mas esta é Perezvon. Vou deixá-la entrar no quarto agora e talvez faça com que Ilyusha se divirta mais do que um cachorrinho Medelliano. Espere, Karamazov, você está prestes a descobrir uma coisa. Oh, meu Deus, por que estou segurando você! - Kolya gritou de repente rapidamente. “Você está vestindo apenas uma sobrecasaca com este frio, e eu estou segurando você; veja, veja como sou egoísta! Ah, somos todos egoístas, Karamazov!

“Não se preocupe, é verdade, está frio, mas eu não estou resfriado.” Vamos de qualquer maneira. A propósito: qual é o seu nome, eu sei que é Kolya, o que vem a seguir?

“Nikolai, Nikolai Ivanov Krasotkin, ou como se costuma dizer em termos oficiais: filho Krasotkin”, Kolya riu de alguma coisa, mas de repente acrescentou:

- Claro, odeio meu nome Nikolai.

- Por que?

- Trivial, oficial...

— Você tem treze anos? - perguntou Aliócha.

- Ou seja, décimo quarto, quatorze em duas semanas, muito em breve. Admito de antemão uma fraqueza para você, Karamazov, isso é assim diante de você, para o primeiro contato, para que você possa ver imediatamente toda a minha natureza: odeio quando as pessoas me perguntam sobre minha idade, mais do que odeio isso ... e finalmente... há calúnias sobre mim, por exemplo, que na semana passada brinquei de ladrão com os alunos do preparatório. O facto de ter jogado é a realidade, mas de ter jogado para mim, para me dar prazer, é absolutamente uma calúnia. Tenho motivos para pensar que você percebeu isso, mas não joguei para mim, joguei para as crianças, porque elas não poderiam inventar nada sem mim. E aqui eles sempre espalham bobagens. Esta é uma cidade de fofocas, garanto.

“Mesmo que eles jogassem para seu próprio prazer, o que há de errado nisso?”

- Bom, por você mesmo... Você não vai brincar de cavalo, vai?

“E você raciocina assim”, Alyosha sorriu: “por exemplo, os adultos vão ao teatro, e no teatro eles também apresentam as aventuras de todos os tipos de heróis, às vezes também com ladrões e com a guerra - então não é este o mesma coisa, à sua maneira, é claro? E brincar de guerra entre os jovens, nos momentos recreativos, ou brincar de ladrão, também é uma arte emergente, uma necessidade emergente de arte na alma jovem, e esses jogos às vezes são até compostos de forma mais suave do que apresentações de teatro, a única diferença é que Eles ir ao teatro ver atores, mas aqui os próprios jovens são atores. Mas isso é natural.

- Você acha? Esta é a sua crença? - Negro Kolya olhou atentamente para ele. - Sabe, você disse um pensamento bastante interessante; Agora vou voltar para casa e pensar sobre isso. Confesso que esperava poder aprender algo com você. “Vim aprender com você, Karamazov”, concluiu Kolya com uma voz comovente e expansiva.

“E eu estou com você”, Alyosha sorriu, apertando sua mão. Kolya ficou extremamente satisfeito com Alyosha. Ele ficou impressionado com o fato de estar em pé de igualdade com ele e de falar com ele como se fosse “o maior”.

“Vou lhe mostrar um truque agora, Karamazov, também uma representação teatral”, ele riu nervosamente, “é por isso que vim”.

- Vamos primeiro para a esquerda para os donos, eles deixam todos os seus casacos lá, porque o quarto é apertado e quente.

- Ah, já vou, vou entrar e sentar de casaco. Perezvon vai ficar aqui no corredor e morrer: “isi, Perezvon, jackpot e morra!” - você vê, ele morreu. E eu entro primeiro, fico atento à situação, e depois, quando for preciso, assobio: aqui está, Chime! e você verá, ele voará imediatamente como um louco. Apenas certifique-se de que Smurov não se esqueça de abrir a porta naquele momento. Eu darei a ordem e você verá o truque...

V. Na cama de Ilyusha

Na sala que já nos era familiar, onde vivia a família do capitão reformado Snegirev, que conhecemos, estava naquele momento abafado e lotado pela grande multidão que se reunia. Vários meninos estavam sentados com Ilyusha desta vez, e embora todos estivessem prontos, como Smurov, para negar que Alyosha os tivesse reconciliado e os reunido com Ilyusha, foi assim. Toda a sua arte, neste caso, consistia no fato de ele os reunir com Ilyusha, um após o outro, sem “ternura de bezerro”, e de forma alguma propositalmente e por acidente. Isso trouxe grande alívio para Ilyusha de seu sofrimento. Ao ver a quase terna amizade e simpatia de todos aqueles meninos, seus antigos inimigos, ele ficou muito emocionado. Só faltava Krasotkin, e isso representava um peso terrível em seu coração. Se havia algo de mais amargo nas lembranças amargas de Ilyushechka, então foi precisamente todo esse episódio com Krasotkin, seu antigo único amigo e protetor, contra quem ele então atacou com uma faca. O menino esperto Smurov (o primeiro a fazer as pazes com Ilyusha) também pensava assim. Mas o próprio Krasotkin, quando Smurov o informou à distância que Alyosha queria procurá-lo “para tratar de um assunto”, imediatamente interrompeu e interrompeu a abordagem, instruindo Smurov a informar imediatamente a “Karamazov” que ele próprio sabia o que fazer, que nenhum conselho foi recebido. vindo de ninguém não pergunta, e que se for ver um doente, ele mesmo sabe quando ir, porque tem “seus próprios cálculos”. Ainda faltavam duas semanas para este domingo. É por isso que Aliócha não foi pessoalmente até ele, como pretendia. No entanto, embora tenha esperado, ele enviou Smurov a Krasotkin repetidas vezes. Mas em ambas as vezes Krasotkin respondeu com a recusa mais impaciente e contundente, dizendo a Alyosha que se ele mesmo viesse buscá-lo, então ele nunca iria a Ilyusha para isso, e para que eles não o incomodassem mais. Mesmo até este último dia, o próprio Smurov não sabia que Kolya havia decidido ir para Ilyusha naquela manhã, e apenas na noite anterior, dizendo adeus a Smurov, Kolya de repente anunciou-lhe que deveria esperá-lo em casa amanhã de manhã , porque iria com ele aos Snegirevs, mas não se atreveria a avisar ninguém da sua chegada, pois quer vir por acidente. Smurov obedeceu. O sonho de que ele traria o inseto desaparecido apareceu a Smurov com base nas palavras antes casuais de Krasotkin de que “todos eles são burros se não conseguirem encontrar um cachorro, desde que ele esteja vivo”. Quando Smurov timidamente, depois de esperar, sugeriu a Krasotkin seu palpite sobre o cachorro, ele de repente ficou terrivelmente irritado: “Que tipo de idiota sou eu para procurar os cachorros de outras pessoas por toda a cidade quando tenho meu próprio Perezvon? E você pode sonhar que um cachorro que engoliu um alfinete sobreviveria? Ternura de vitela, nada mais!

Enquanto isso, Ilyusha mal saía da cama há duas semanas, no canto, perto dos ícones. Não fui à aula desde o incidente em que conheci Alyosha e mordi seu dedo. No entanto, a partir daquele mesmo dia ele adoeceu, embora por mais um mês pudesse de alguma forma andar ocasionalmente pelo quarto e pelo corredor, ocasionalmente saindo da cama. Finalmente, ele ficou completamente exausto, de modo que não conseguia se mover sem a ajuda do pai. O pai ficava maravilhado com ele, até parou de beber completamente, estava quase louco de medo de que o filho morresse, e muitas vezes, principalmente depois de tê-lo conduzido pelo braço pelo quarto e colocado de volta na cama, ele de repente correu para o corredor, para um canto escuro e, encostando a testa na parede, começou a soluçar com uma espécie de choro vertiginoso e trêmulo, suprimindo sua voz para que seus soluços não pudessem ser ouvidos por Ilyusha.

Voltando para a sala, geralmente começava a entreter e consolar seu querido menino com alguma coisa, contava-lhe contos de fadas, piadas engraçadas, ou fingia ser várias pessoas engraçadas que por acaso conhecia, até imitava animais, como uivavam ou gritavam engraçados. Mas Ilyusha realmente não gostou quando seu pai se deturpou e fingiu ser um bufão. Embora o menino tentasse não demonstrar que isso era desagradável para ele, percebeu com dor no coração que seu pai era humilhado na sociedade, e sempre, com persistência, lembrava-se da “toalha” e daquele “dia terrível”. Ninochka, a irmã sem pernas, quieta e mansa de Ilyushechka, também não gostou quando seu pai se deturpou (quanto a Varvara Nikolaevna, ela já havia ido a São Petersburgo há muito tempo para fazer cursos), mas a mãe maluca se divertiu muito e riu com de todo o coração, quando o marido começava, às vezes ele imaginava algo ou fazia alguns gestos engraçados. Essa era a única coisa que poderia consolá-la, mas no resto do tempo ela ficava constantemente resmungando e chorando que agora todos a haviam esquecido, que ninguém a respeitava, que a estavam ofendendo, etc., etc. últimos dias, ela também de repente parecia que tudo mudou. Muitas vezes ela começou a olhar para Ilyusha no canto e começou a pensar. Ela ficou muito mais calada, ficou quieta, e se começasse a chorar, era baixinho para que ninguém ouvisse. O capitão do estado-maior percebeu essa mudança nela com amarga perplexidade. No começo ela não gostava das visitas dos meninos e só a deixava com raiva, mas depois os gritos alegres e as histórias das crianças começaram a entretê-la e ela gostou tanto dela que se esses meninos tivessem parado de visitá-la, ela teria se sentido terrivelmente triste. Quando as crianças diziam alguma coisa ou começavam a brincar, ela ria e batia palmas. Ela chamou outros e os beijou. Smurova se apaixonou especialmente pelo menino. Quanto ao capitão do estado-maior, o aparecimento em seu apartamento de crianças que vieram divertir Ilyusha encheu sua alma desde o início de uma alegria entusiástica e até de esperança de que Ilyusha agora deixasse de ficar triste e talvez, portanto, se recuperasse mais cedo. Ele não duvidou nem por um minuto, até muito recentemente, apesar de todo o seu medo por Ilyusha, que seu filho se recuperaria repentinamente. Ele cumprimentou os pequenos convidados com reverência, caminhou ao redor deles, serviu-os, estava pronto para carregá-los consigo e até começou a carregá-los, mas Ilyusha não gostou dessas brincadeiras e foi abandonado. Ele começou a comprar presentes para eles, pão de gengibre e nozes, preparou chá e preparou sanduíches. Deve-se notar que durante todo esse tempo nenhum dinheiro foi transferido dele. Ele aceitou os então duzentos rublos de Katerina Ivanovna exatamente como Alyosha havia previsto. E então Katerina Ivanovna, tendo descoberto mais sobre suas circunstâncias e sobre a doença de Ilyusha, visitou ela mesma o apartamento deles, conheceu toda a família e até conseguiu encantar o maluco capitão do estado-maior. Desde então, sua mão não enfraqueceu, e o próprio capitão do estado-maior, suprimido pelo horror ao pensar que seu filho morreria, esqueceu sua antiga ambição e aceitou humildemente esmolas. Todo esse tempo, o doutor Herzenstube, a convite de Katerina Ivanovna, visitava constante e cuidadosamente o paciente dia sim, dia não, mas suas visitas eram de pouca utilidade e ele o manchava terrivelmente de remédios. Mas neste dia, ou seja, Na manhã deste domingo esperavam um novo médico no capitão do estado-maior, que veio de Moscou e era considerado uma celebridade em Moscou. Ele foi especialmente encomendado e convidado de Moscou por Katerina Ivanovna por muito dinheiro - não para Ilyushechka, mas para outro propósito, que será discutido abaixo e em seu próprio lugar, mas desde que ele chegou, ela pediu que ele também visitasse Ilyushechka, ah, que o capitão do estado-maior foi notificado com antecedência. Ele não tinha nenhum pressentimento sobre a chegada de Kolya Krasotkin, embora há muito desejasse que esse menino, por quem seu Ilyushechka estava tão atormentado, finalmente chegasse. No exato momento em que Krasotkin abriu a porta e apareceu na sala, todos, o capitão do estado-maior e os meninos, aglomeraram-se em volta da cama do doente e olharam para o recém-trazido cachorrinho Medelyan, nascido ontem, mas encomendado pelo capitão do estado-maior. há uma semana para entreter e consolar Ilyushechka, que ainda estava de luto pelo desaparecido e, claro, já morto Bug. Mas Ilyusha, que já tinha ouvido e sabia três dias antes que ganharia um cachorrinho e não apenas um cachorro comum, mas um verdadeiro Medelliano (o que, claro, era terrivelmente importante), embora mostrasse de uma forma sutil e delicada sensação de que estava feliz com o presente, mas isso é tudo, e seu pai e os meninos viram claramente que o novo cachorro só poderia despertar ainda mais fortemente em seu coração a lembrança do infeliz Bug que ele havia torturado. O cachorrinho estava deitado e agitado ao lado dele, e ele, sorrindo dolorosamente, acariciou-o com sua mão magra, pálida e ressequida; até ficou claro que ele gostava do cachorro, mas... Mesmo assim, não tinha bicho, ainda não era bicho, mas se o bicho e o cachorrinho estivessem juntos, então haveria felicidade completa!

- Krasotkin! - gritou de repente um dos meninos, o primeiro a ver Kolya entrar. Houve uma excitação visível, os meninos se separaram e ficaram em ambos os lados da cama, de modo que de repente toda Ilyushechka foi revelada. O capitão do estado-maior correu rapidamente para encontrar Kolya.

- Por favor, por favor... querido convidado! - ele balbuciou para ele, - Ilyushechka, o Sr. Krasotkin veio ver você...

Mas Krasotkin, estendendo-lhe a mão apressadamente, mostrou instantaneamente seu extraordinário conhecimento da decência secular. Ele imediatamente e em primeiro lugar se voltou para a esposa do capitão do estado-maior, que estava sentada em sua cadeira (que naquele exato momento estava terrivelmente insatisfeita e resmungava que os meninos haviam bloqueado a cama de Ilyusha e não estavam permitindo que ela olhasse para o novo cachorro) , e extremamente Ele educadamente arrastou o pé na frente dela e então, virando-se para Ninochka, fez-lhe a mesma reverência de uma dama. Esse ato educado causou uma impressão extraordinariamente agradável na senhora doente.

“Agora você pode ver um jovem bem educado.” “- disse ela em voz alta, abrindo os braços, “além dos nossos outros convidados: eles chegam um no outro.”

- Como é, mamãe, um em cima do outro, como isso é possível? - embora carinhosamente, mas com um pouco de medo pela “mamãe”, gaguejou o capitão do estado-maior.

- E então eles se mudam. Ele se sentará no corredor, montado nos ombros um do outro, e entrará na família nobre, sentado a cavalo. Que tipo de convidado é esse?

- Mas quem, quem, mamãe, se mudou assim, quem?

- Sim, esse menino montou esse menino hoje, mas aquele montou aquele...

Mas Kolya já estava ao lado da cama de Ilyusha. O paciente aparentemente ficou pálido. Ele se sentou na cama e olhou atentamente para Kolya. Fazia dois meses que ele não via seu ex-amiguinho e de repente parou na frente dele, completamente pasmo: ele nem imaginava que veria um rosto tão magro e amarelado, aqueles olhos ardendo no calor febril e aparentemente terrivelmente mãos ampliadas e tão finas. Com triste surpresa, ele percebeu que Ilyusha respirava tão profundamente e com frequência e que seus lábios estavam muito secos. Aproximou-se dele, ofereceu-lhe a mão e, quase completamente perdido, disse:

- Bem, meu velho... como você está?

Mas sua voz parou, não havia arrogância suficiente, seu rosto se contraiu de repente e algo tremeu perto de seus lábios. Ilyusha sorriu dolorosamente para ele, ainda incapaz de dizer uma palavra. Kolya de repente levantou a mão e por algum motivo passou a palma pelos cabelos de Ilyusha.

- Nada! - murmurou baixinho para ele, ou encorajando-o, ou sem saber por que disse isso. Houve silêncio novamente por um minuto.

- O que é esse cachorrinho novo que você tem? - Kolya perguntou de repente com a voz mais insensível.

- Sim! - Ilyusha respondeu em um longo sussurro, sem fôlego.

“Um nariz preto significa que ele é dos maus, dos acorrentados”, observou Kolya com importância e firmeza, como se tudo se tratasse do cachorrinho e de seu nariz preto. Mas o principal é que ele ainda se esforçou ao máximo para superar o sentimento que havia em si, para não chorar como um “pequenino”, e ainda assim não conseguiu superar. “Quando ele crescer vai ter que ser acorrentado, eu já sei.”

- Vai ser enorme! - exclamou um menino da multidão.

“Sabe, Medelyan, enorme, assim, do tamanho de um bezerro”, várias vozes soaram de repente.

“De bezerro, de bezerro de verdade, senhor”, o capitão do estado-maior deu um pulo, “eu deliberadamente encontrei este, o mais mal-humorado, e os pais dele também são enormes e os mais mal-humorados, são tão altos quanto o chão ... Sente-se, senhor, aqui mesmo no berço da casa de Ilyusha, ou então aqui no banco. De nada, querido convidado, convidado tão esperado... Você se dignou a vir com Alexei Fedorovich?

Krasotkin sentou-se na cama aos pés de Ilyusha. Pelo menos ele poderia ter preparado o querido de uma forma atrevida para iniciar a conversa, mas agora perdeu decisivamente o fio da meada.

- Não... estou com o Perezvon... agora tenho um cachorro assim, Perezvon. Nome eslavo. Está esperando lá... Vou assobiar e entrar voando. “Eu também estou com o cachorro”, ele de repente se virou para Ilyusha, “você se lembra, velho, Zhuchka?” - ele de repente o atingiu com uma pergunta.

O rosto de Ilyushechka se contorceu. Ele olhou para Kolya dolorosamente. Alyosha, parado na porta, franziu a testa e acenou furtivamente para Kolya para que ele não falasse sobre o Bug, mas ele não percebeu ou não quis notar.

- Onde está... Bicho? - Ilyusha perguntou com a voz quebrada.

- Bom, irmão, seu Bug é ufa! Seu bug está faltando!

Ilyusha permaneceu em silêncio, mas olhou atentamente para Kolya novamente. Alyosha, captando o olhar de Kolya, acenou para ele novamente com toda a força, mas ele desviou o olhar novamente, fingindo que mesmo agora não havia notado.

- Ela correu para algum lugar e desapareceu. Como não morrer depois de um lanche desses”, Kolya cortou impiedosamente. e enquanto isso ele parecia estar sufocando com alguma coisa. - Mas eu tenho Perezvon... Nome eslavo... eu trouxe você para...

- Não há necessidade! - Ilyushechka disse de repente.

- Não, não, você deve, definitivamente olhar... Você vai se divertir, eu trouxe deliberadamente... o mesmo peludo daquele... Você me permitiria, senhora, chamar meu cachorro aqui? - ele de repente se virou para a Sra. Snegireva com uma excitação completamente incompreensível.

- Não, não, não! - Ilyusha exclamou com uma lágrima triste na voz. A reprovação brilhou em seus olhos.

“Você faria, senhor”, o capitão do estado-maior de repente correu do baú contra a parede, na qual ele estava sentado, “você faria, senhor, em outro momento, senhor”, ele gaguejou, mas Kolya, insistindo incontrolavelmente e apressando-se, gritou de repente para Smurov: “Smurov, abra a porta!” e assim que o abriu, ele assobiou. A campainha voou rapidamente para a sala.

- Pule, toque, sirva! servir! - Kolya gritou, pulando da cadeira, e o cachorro, apoiado nas patas traseiras, esticou-se bem na frente da cama de Ilyusha. Algo inesperado aconteceu: Ilyusha estremeceu e de repente avançou com força, inclinou-se para Perezvon e, como se estivesse congelado, olhou para ele:

- Isso é... Um bug! - ele gritou de repente, sua voz embargada de sofrimento e felicidade.

- Quem você achou? - Krasotkin gritou com toda a força com uma voz retumbante e feliz e, curvando-se sobre o cachorro, agarrou-o e ergueu-o para Ilyusha.

- Olha, velho, você vê, o olho está torto e a orelha esquerda cortada, exatamente os mesmos sinais que você me contou. Eu o encontrei usando esses sinais! Então eu encontrei rapidamente. Foi empate, foi empate! - explicou ele, voltando-se rapidamente para o capitão do estado-maior, para sua esposa, para Alyosha e depois novamente para Ilyusha, - ela estava no quintal dos Fedotovs, ela criou raízes lá, mas eles não a alimentaram, e ela é uma fugitiva, ela é uma fugitiva da aldeia... eu a encontrei... Você vê, meu velho, ela não engoliu seu pedaço então. Se ela engolisse, certamente morreria, é claro! Isso significa que ela conseguiu cuspir, se estiver viva agora. E você nem percebeu que ela cuspiu. Ela cuspiu, mas ainda picou a língua, por isso gritou. Ela correu e gritou, e você pensou que ela tinha engolido completamente. Ela deve ter gritado muito, porque cachorro tem a pele da boca muito delicada... mais macia que a de pessoa, muito mais macia! - Kolya exclamou furiosamente, com o rosto vermelho e radiante de alegria.

Ilyusha nem conseguia falar. Ele olhou para Kolya com seus olhos grandes e terrivelmente esbugalhados, com a boca aberta e pálido como um lençol. E se ao menos Krasotkin, que não suspeitava de nada, soubesse o quão dolorosa e mortal tal momento poderia influenciar a saúde de um menino doente, ele nunca teria decidido jogar fora algo como fez. Mas só poderia estar Aliócha na sala. Quanto ao capitão do estado-maior, ele parecia ter se transformado no menor menino.

- Erro! Então isso é um bug? - ele gritou com uma voz feliz. - Ilyushechka, este é Zhuchka, seu Zhuchka! Mamãe, é Zhuchka! - Ele quase chorou.

- Eu nem adivinhei! - Smurov exclamou com tristeza. - Ah sim Krasotkin, eu disse que ele iria encontrar o Bug, então ele encontrou!

- Então eu encontrei! - outra pessoa respondeu alegremente.

- Muito bem, Krasotkin! - uma terceira voz soou.

- Muito bem, muito bem! - gritaram todos os meninos e começaram a aplaudir.

“Sim, esperem, esperem”, Krasotkin tentou gritar para todos: “Vou contar como foi, a coisa é como foi e nada mais!” Afinal, eu o encontrei, arrastei-o até mim e imediatamente o escondi, tranquei a casa e não o mostrei a ninguém até o último dia. Apenas um Smurov descobriu há duas semanas, mas eu garanti a ele que era Perezvon, e ele não adivinhou, e durante o intervalo ensinei a Zhuchka todas as ciências, veja só, veja o que ele sabe! Por isso eu ensinei ele, para que ele trouxesse para você, velho, um treinado, manso: Aqui, dizem, velho, qual é o seu Bug agora! Você não tem nenhum pedaço de carne, ele vai te mostrar uma coisa dessas agora que você vai cair na gargalhada - carne, um pedaço, você não tem mesmo?

O capitão do estado-maior rapidamente correu pela entrada da cabana até os proprietários, onde a comida do capitão do estado-maior estava sendo preparada. Kolya, para não perder um tempo precioso, com pressa desesperada, gritou para Perezvon: Morra! E de repente ele se virou, deitou-se de costas e congelou imóvel com as quatro patas levantadas. Os meninos riram, Ilyusha olhou com seu velho sorriso dolorido, mas “mamãe” gostou mais que Perezvon morreu. Ela riu do cachorro e começou a estalar os dedos e a gritar:

- Campainha, Campainha!

“Ele não vai se levantar por nada, por nada”, gritou Kolya vitorioso e justificadamente orgulhoso, “mesmo que o mundo inteiro grite, mas eu gritarei e em um instante ele pulará!” Aqui, Chime!

O cachorro deu um pulo e começou a pular, gritando de alegria. O capitão do estado-maior entrou correndo com um pedaço de carne cozida.

- Não está quente? - Kolya perguntou apressada e ocupada, pegando um pedaço, - não, não está quente, senão os cachorros não gostam de coisas quentes. Olha, pessoal, Ilyushechka, olha, olha, olha, velho, por que você não está olhando? Eu trouxe, mas ele não olha!

O novo truque era colocar um saboroso pedaço de carne bem no nariz de um cachorro parado e com o focinho esticado. O infeliz cachorro, sem se mexer, teve que ficar com um pedaço no nariz o tempo que o dono ordenasse, sem se mexer, sem se mexer, por pelo menos meia hora. Mas Perezvon sobreviveu apenas por um minuto.

- Casca! - gritou Kolya, e a peça voou instantaneamente do nariz para a boca de Perezvon. O público, é claro, expressou surpresa entusiástica.

“E é mesmo, é mesmo porque você não vinha o tempo todo só para treinar o cachorro!” - Alyosha exclamou com reprovação involuntária.

“É exatamente por isso”, gritou Kolya da maneira mais simples. — Eu queria mostrá-lo em toda a sua glória!

- Carrilhão! Campainha! - Ilyusha de repente estalou os dedos finos, acenando para o cachorro.

- O que você quer! Deixe que ele mesmo pule na sua cama. Aqui, Chime! - Kolya bateu na cama com a palma da mão e Perezvon voou em direção a Ilyusha como uma flecha. Ele rapidamente abraçou a cabeça com as duas mãos e Perezvon instantaneamente lambeu sua bochecha por isso. Ilyushechka aninhou-se nele, estendeu-se na cama e escondeu o rosto de todos com seu pelo desgrenhado.

- Senhor, Senhor! - exclamou o capitão do estado-maior. Kolya sentou-se novamente na cama de Ilyusha.

- Ilyusha, posso te mostrar mais uma coisa. Eu trouxe um canhão para você. Lembre-se, eu lhe falei sobre esse canhão naquela época e você disse: “Oh, eu gostaria de poder vê-lo!” Bem, agora eu trouxe.

E Kolya, com pressa, tirou seu canhão de bronze da bolsa. Ele estava com pressa porque ele próprio estava muito feliz: em outro momento teria esperado que o efeito produzido pelo Chime passasse, mas agora ele se apressou, desprezando qualquer restrição: “eles já estão felizes, então aqui está mais felicidade para você!" Ele próprio estava muito embriagado.

“Eu vi isso há muito tempo na casa do oficial Morozov – para você, velho, para você.” Ele o tinha de graça, ganhou do irmão e eu troquei por ele por um livro do armário do meu pai: Um Relativo de Maomé ou Loucura Curativa. Um livro de cem anos, esquecido, foi publicado em Moscou quando ainda não havia censura, e Morozov era um fanático por essas coisas. Obrigado novamente...

Kolya segurou o canhão na mão na frente de todos, para que todos pudessem ver e se divertir. Ilyusha levantou-se e, continuando a abraçar Perezvon com a mão direita, olhou para o brinquedo com admiração. O efeito atingiu um alto grau quando Kolya anunciou que tinha pólvora e que poderia atirar imediatamente, “se isso não incomodasse as mulheres”. “Mamãe” imediatamente pediu permissão para ver o brinquedo mais de perto, o que foi feito imediatamente. Ela gostou muito do canhão de bronze sobre rodas e começou a rolá-lo no colo. Quando solicitada permissão para filmar, ela respondeu com o mais completo consentimento, embora não entendesse o que estava sendo questionado. Kolya mostrou pólvora e atirou. O capitão do Estado-Maior, como ex-militar, descartou ele mesmo a carga, despejando a menor porção de pólvora, e pediu que o tiro fosse adiado para outro momento. Colocaram o canhão no chão, com a boca apontada para um espaço vazio, espremeram três grãos de pólvora na semente e acenderam com um fósforo. O tiro mais brilhante aconteceu. “Mama” começou a estremecer, mas imediatamente riu de alegria. Os meninos olharam com triunfo silencioso, mas acima de tudo, o capitão do estado-maior ficou feliz olhando para Ilyusha. Kolya pegou o canhão e imediatamente o apresentou a Ilyusha, junto com a bala e a pólvora.

- Este sou eu para você, para você! “Eu preparei há muito tempo”, repetiu novamente, em plena felicidade.

- Ah, dê para mim! Não, dê-me um canhão! - De repente, como uma garotinha, sua mãe começou a perguntar. Seu rosto mostrava uma triste ansiedade por medo de não receber um presente. Kolya ficou envergonhado. O capitão do estado-maior ficou inquieto.

- Mamãe, mamãe! - ele pulou até ela, o canhão é seu, seu, mas deixe Ilyusha ficar com ele, porque foi dado a ele, mas ainda é seu, Ilyusha sempre vai deixar você brincar, deixe ser comum, comum...

“Não, não quero que seja comum, não, que seja completamente meu, e não de Ilyushina”, continuou a mãe, preparando-se para chorar.

- Mãe, pega para você, pega para você! - Ilyusha gritou de repente. — Krasotkin, posso dar para minha mãe? - ele de repente se virou para Krasotkin com um olhar suplicante, como se temesse ficar ofendido por estar dando seu presente a outra pessoa.

- Absolutamente possível! - Krasotkin concordou imediatamente e, tirando o canhão das mãos de Ilyusha, ele próprio o entregou à mãe com a mais educada reverência. Ela até começou a chorar de emoção.

- Ilyushechka, querido, é quem ama a mamãe! — ela exclamou de forma tocante e imediatamente começou a girar o canhão em seu colo novamente.

“Mamãe, deixe-me beijar sua mão”, o marido saltou até ela e imediatamente cumpriu sua intenção.

- E quem mais é o jovem mais doce, esse menino gentil! - disse a senhora agradecida, apontando para Krasotkin.

“E agora vou carregar tanta pólvora quanto você quiser, Ilyusha.” Agora fazemos a nossa própria pólvora. Borovikov reconheceu a composição: vinte e quatro partes de salitre, dez de enxofre e seis de carvão de bétula, moer tudo junto, despejar água, misturar até ficar macio e esfregar na pele de um tambor - isso é pólvora.

“Smurov já me contou sobre sua pólvora, mas só meu pai disse que não é pólvora de verdade”, respondeu Ilyusha.

- Como não é real? - Kolya corou, - nossa casa está pegando fogo. Porém, não sei...

“Não, senhor, estou bem”, o capitão do estado-maior de repente deu um pulo com um olhar culpado. “É verdade, eu disse que a pólvora de verdade não é feita assim, mas tudo bem, senhor, pode ser feita dessa maneira.”

- Eu não sei, você sabe melhor. Acendemos em um pote de fondant, queimou bem, estava todo queimado, sobrou a menor fuligem. Mas isso é apenas polpa, e se você esfregar na pele... Mas você sabe, eu não sei... E o pai de Bulkin o rasgou por causa da nossa pólvora, você ouviu? - ele de repente se virou para Ilyusha.

“Eu ouvi”, respondeu Ilyusha. Ele ouviu Kolya com interesse e prazer infinitos.

“Preparamos uma garrafa inteira de pólvora e ele a guardou debaixo da cama.” Papai viu. Pode explodir, ele diz. Sim, e chicoteou-o ali mesmo. Eu queria reclamar de mim no ginásio. Agora não deixam ele comigo, agora não deixam ninguém comigo. Smurov também não pode entrar, ele ficou famoso entre todos, dizem que estou “desesperado”, Kolya sorriu com desprezo. “Tudo começou com a ferrovia aqui.”

- Ah, também ouvimos falar dessa sua passagem! - exclamou o capitão do estado-maior, - como você ficou aí deitado? E você realmente não teve medo de nada quando estava deitado embaixo do trem? Você ficou com medo, senhor?

O capitão do estado-maior ficou terrivelmente furioso na frente de Kolya.

- N-não especialmente! - Kolya respondeu casualmente. “Este maldito ganso minou minha reputação mais do que qualquer outra coisa aqui”, ele se voltou novamente para Ilyusha. Mas mesmo tendo uma expressão casual, ele ainda não conseguia se controlar e continuava a perder o tom.

- Ah, ouvi falar do ganso! - Ilyusha riu, todo radiante; - Me disseram, mas eu não entendi, você foi realmente julgado por um juiz?

“A coisa mais estúpida, a coisa mais insignificante, com a qual fizemos um elefante inteiro, como sempre”, começou Kolya atrevidamente. “Eu estava atravessando a praça quando trouxeram os gansos.” Parei e olhei para os gansos. De repente, um cara local, Vishnyakov, que agora trabalha como entregador dos Plotnikovs, olha para mim e diz: “Por que você está olhando para gansos?” Eu olho para ele: estúpido, cara redonda, o cara tem vinte anos, sabe, eu nunca rejeito as pessoas. eu amo com as pessoas... Ficamos para trás em relação ao povo - isso é um axioma - você, ao que parece, se digna a rir, Karamazov?

“Não, Deus me livre, estou realmente ouvindo você”, respondeu Alyosha com o olhar mais simplório, e o desconfiado Kolya instantaneamente se animou.

“Minha teoria, Karamazov, é clara e simples”, ele imediatamente apressou-se novamente, alegre. “Acredito nas pessoas e estou sempre feliz em fazer-lhes justiça, mas de forma alguma estragá-las, isso é uma condição sine qua...1 Sim, estou falando de um ganso. Então me volto para esse tolo e respondo: “Mas estou me perguntando o que o ganso está pensando”. Ele me olha de forma completamente estúpida: “O que o ganso está pensando?” - “Mas você vê, eu digo, tem um carrinho com aveia parado ali. A aveia está caindo do saco, e o ganso esticou o pescoço bem embaixo da roda e bica o grão - você vê? “Eu realmente vejo isso”, diz ele. “Bem, eu digo, se você mover esta mesma carroça um pouco para frente agora, a roda cortará o pescoço do ganso ou não?” “Ele definitivamente vai cortar você”, diz ele, e já está sorrindo de orelha a orelha e completamente derretido. "Bem, vamos, eu digo, garoto, vamos." - “Vamos”, ele diz. E não tivemos que mexer por muito tempo: ele ficou tão discretamente perto do freio, e eu fiquei de lado para guiar o ganso. Mas naquela hora o homem estava boquiaberto e conversando com alguém, então não precisei orientá-lo: o ganso esticou naturalmente o pescoço para pegar a aveia, embaixo da carroça, bem embaixo da roda. Pisquei para o cara, ele puxou e - crack, cortou o pescoço do ganso ao meio! E deve ser assim que naquele exato momento todos os homens nos viram e começaram a gritar imediatamente: “Vocês fizeram isso de propósito!” - “Não, não de propósito.” - “Não, de propósito!” Pois bem, eles gritam: “Rumo ao mundo!” Eles me capturaram também: “E você esteve aqui, dizem, você ajudou, todo o bazar conhece você!” Mas, por alguma razão, todo o mercado realmente me conhece”, acrescentou Kolya com orgulho. “Todos nós estendemos a mão para o mundo e eles carregaram o ganso.” Eu olhei, e meu namorado ficou com medo e começou a rugir, sério, ele ruge como uma mulher. E o pastor grita: “Assim você pode atropelar quantos gansos quiser!” Bem, é claro, testemunhas. O mundo acabou imediatamente: dê ao pastor um rublo pelo ganso e deixe o cara ficar com o ganso para si. Sim, a partir de agora, para não se permitir tais piadas. E o cara continua gritando como uma mulher: “Não fui eu”, ele diz, “foi ele quem me convenceu”, e aponta para mim. Respondo com total serenidade que não ensinei nada, que apenas expressei a ideia principal e falei apenas no rascunho. World Nefedov sorriu, e agora ele estava com raiva de si mesmo por sorrir: “Estou lhe dizendo, estou certificando aos seus superiores agora que você não se envolverá em tais projetos no futuro, em vez de ficar sentado lendo seus livros e ensinando suas lições. Ele não me certificou perante as autoridades, é uma brincadeira, mas o assunto realmente se espalhou e chegou aos ouvidos das autoridades: afinal, temos orelhas compridas! O clássico Kolbasnikov esteve especialmente à altura da ocasião, mas Dardanelov voltou a defender a sua posição. E agora Kolbasnikov está tão zangado connosco como um burro verde. Você, Ilyusha, ouviu dizer que ele se casou, recebeu um dote de mil rublos dos Mikhailovs, e a noiva era uma angariadora de primeira mão e de último grau. Os alunos da terceira série compuseram imediatamente um epigrama:

Os alunos da terceira série ficaram maravilhados com a notícia,  
Que o desleixado Kolbasnikov se casou.

Bem, o que se segue é muito engraçado, contarei para vocês mais tarde. Não estou dizendo nada sobre Dardanelov: um homem com conhecimento, com conhecimento decisivo. Respeito pessoas assim, e nem um pouco porque me defenderam...

- Porém, você abateu aquele que fundou Tróia! - Smurov se virou de repente, decididamente orgulhoso de Krasotkin naquele momento. Ele gostou muito da história do ganso.

- Foi mesmo que foram abatidos, senhor? - o capitão do estado-maior atendeu lisonjeiramente; - é sobre quem fundou Tróia, senhor? Já ouvimos dizer que eles abateram, senhor. Ilyushenka me contou então...

- Ele, pai, sabe tudo, sabe melhor que ninguém! - Ilyushechka também atendeu, - ele só está fingindo que é assim, mas é nosso primeiro aluno em todas as disciplinas...

Ilyusha olhou para Kolya com felicidade sem limites.

- Bem, isso é um absurdo sobre Troy, um absurdo. “Eu mesmo considero esta questão vazia”, respondeu Kolya com orgulhosa modéstia. Ele já havia conseguido entrar totalmente no tom, embora estivesse, no entanto, um tanto inquieto: sentia que estava muito entusiasmado e que, por exemplo, havia falado demais do ganso do fundo do coração, e mas Aliocha ficou calado o tempo todo em que contou a história e ficou sério e aos poucos o menino orgulhoso começou a coçar o coração: “Não é porque ele fica calado porque me despreza, pensando que estou procurando o dele. louvar? Nesse caso, se ele se atrever a pensar isso, então eu…”

“Considero esta questão absolutamente vazia”, ele retrucou com orgulho mais uma vez.

“E eu sei quem fundou Tróia”, disse de repente, de forma bastante inesperada, um menino que antes não tinha dito quase nada, silencioso e aparentemente tímido, muito bonito, com cerca de onze anos, chamado Kartashov. Ele sentou-se bem na porta. Kolya olhou para ele com surpresa e importância. O fato é que a pergunta: “Quem exatamente fundou Tróia?” ele decididamente o transformou em segredo em todas as classes e, para penetrá-lo, era necessário lê-lo de Smaragdov. Mas ninguém, exceto Kolya, tinha Smaragdov. E então, um dia, o menino Kartashov, silenciosamente, quando Kolya se virou, rapidamente se virou para Smaragdov, que estava deitado entre seus livros, e foi direto para o lugar onde conversavam sobre os fundadores de Tróia. Isso aconteceu há muito tempo, mas ele ficou um tanto envergonhado e não se atreveu a revelar publicamente que também sabia quem fundou Tróia, temendo que algo acontecesse e que Kolya o envergonhasse de alguma forma por isso. E agora, por algum motivo, ele não resistiu e disse: Sim, ele queria isso há muito tempo.

- Bem, quem fundou isso? - Kolya voltou-se para ele com arrogância e altivez, já adivinhando pela sua cara que ele realmente sabia e, claro, preparando-se imediatamente para todas as consequências. Havia algo chamado dissonância no clima geral.

“Tróia foi fundada por Teucro, Dardanus, Illus e Tros”, disse o menino imediatamente, e em um instante ficou todo vermelho, tão vermelho que foi uma pena olhar para ele. Mas todos os meninos olharam para ele, olharam por um minuto inteiro e, de repente, todos aqueles olhos fixos se voltaram imediatamente para Kolya. Ele, com compostura desdenhosa, continuou a medir o menino atrevido com o olhar:

- Ou seja, como o encontraram? - ele finalmente se dignou a dizer: “e o que significa fundar uma cidade ou um estado?” Bem: eles vieram e colocaram tijolos ou algo assim?

Houve risadas. O menino culpado passou de rosa para vermelho. Ele ficou em silêncio, ele estava pronto para chorar. Kolya ficou assim por mais um minuto.

“Para falar sobre eventos históricos como a fundação da nacionalidade, é preciso antes de tudo entender o que isso significa”, ele bateu severamente para edificação. “No entanto, não dou importância a todas essas histórias de mulheres e, em geral, não tenho muito respeito pela história mundial”, acrescentou de repente, casualmente, voltando-se para todos em geral.

- Isso é história mundial, senhor? - perguntou subitamente o capitão do estado-maior com algum medo.

- Sim, história mundial. O estudo de uma série de estupidezes humanas e nada mais. “Eu apenas respeito a matemática e as ciências”, disse Kolya com firmeza e olhou brevemente para Aliocha: ele tinha apenas uma opinião aqui. Mas Aliócha permaneceu em silêncio e sério como antes. Se Alyosha tivesse dito alguma coisa agora, teria terminado aí, mas Alyosha permaneceu em silêncio, e “seu silêncio poderia ter sido desdenhoso”, e Kolya ficou completamente irritado.

“Novamente, agora temos essas linguagens clássicas: apenas loucura e nada mais... Você de novo, ao que parece, não concorda comigo, Karamazov?”

“Eu não concordo”, Alyosha sorriu reservadamente.

“As línguas clássicas, se você quer saber toda a minha opinião sobre elas, são uma medida policial, essa é a única razão pela qual foram introduzidas”, pouco a pouco Kolya de repente começou a ofegar novamente, “elas foram introduzidas porque são chatas e porque entorpecem o habilidades.” Foi chato, então como posso torná-lo ainda mais chato? Foi estúpido, então como podemos torná-lo ainda mais estúpido? Então eles inventaram as línguas clássicas. Esta é a minha opinião completa sobre eles e espero nunca mudar isso”, concluiu Kolya abruptamente. Um ponto vermelho de blush apareceu em ambas as bochechas.

“É verdade”, Smurov, que estava ouvindo atentamente, concordou de repente com uma voz vibrante e convencida.

- E ele mesmo é o primeiro em latim! - um menino gritou de repente no meio da multidão.

“Sim, pai, ele mesmo fala e é o primeiro em latim da nossa classe”, respondeu Ilyusha.

- O que é? - Kolya considerou necessário se defender, embora tenha ficado muito satisfeito com os elogios. “Estou cursando latim porque é necessário, porque prometi à minha mãe que terminaria o curso e, na minha opinião, o que quer que eu tenha feito, farei bem, mas no fundo desprezo profundamente o classicismo e tudo mais. essa maldade... Você não concorda, Karamazov?”

- Bem, por que “maldade”? - Alyosha sorriu novamente.

“Pelo amor de Deus, afinal de contas, os clássicos foram todos traduzidos para todas as línguas, por isso não era de forma alguma para o estudo dos clássicos que eles precisavam do latim, mas apenas para medidas policiais e para entorpecer as suas capacidades.” Como pode não ser maldade depois disso?

- Bem, quem te ensinou tudo isso? - Alyosha finalmente exclamou surpreso.

- Em primeiro lugar, eu mesmo posso entender, sem ensinar, e em segundo lugar, sei que é a mesma coisa que acabei de explicar para vocês sobre os clássicos traduzidos, o próprio professor Kolbasnikov falou em voz alta para toda a terceira série...

- O médico chegou! - Ninochka, que ficou em silêncio todo esse tempo, exclamou de repente.

Na verdade, uma carruagem pertencente à Sra. Khokhlakova dirigiu até o portão da casa. O capitão do estado-maior, que esperou pelo médico durante toda a manhã, correu até o portão para recebê-lo. “Mama” surgiu e assumiu importância. Alyosha foi até Ilyusha e começou a ajeitar o travesseiro. Ninochka, sentada em sua poltrona, observava com preocupação enquanto ele arrumava a cama. Os meninos começaram a se despedir apressadamente, alguns deles prometeram vir à noite. Kolya gritou para Perezvon e ele pulou da cama.

- Não vou embora, não vou embora! - Kolya disse apressado para Ilya, vou esperar no corredor e volto, quando o médico sair, irei com Perezvon.

Mas o médico já estava entrando - uma figura importante com um casaco de pele de urso, costeletas compridas e escuras e um queixo barbeado e brilhante. Ao passar pela soleira, ele parou de repente, como que surpreso: realmente lhe pareceu que havia entrado no lugar errado: “O que é isso? Onde estou? ele murmurou, sem tirar o casaco de pele dos ombros e sem tirar da cabeça a tampa do selo com a viseira do selo. A multidão, a pobreza da sala, a roupa pendurada num varal no canto confundiam-no. O capitão do estado-maior curvou-se diante dele.

“Você está aqui, senhor, aqui”, ele murmurou obsequiosamente, “você está aqui, senhor, comigo, senhor, venha até mim, senhor...”

- Snow-gi-roar? - disse o médico em voz alta e importante. - Sr. Snegirev - é você?

- Sou eu, senhor!

-Ah!

O médico olhou ao redor da sala com desgosto mais uma vez e tirou o casaco de pele. A importante medalha em seu pescoço brilhou nos olhos de todos. O capitão do estado-maior pegou seu casaco de pele durante o voo e o médico tirou o boné.

- Onde está o paciente? - ele perguntou em voz alta e com urgência.

Notas de rodapé do capítulo

1 – uma condição indispensável *(lat.).*

VI. Desenvolvimento inicial

- O que você acha que o médico vai dizer a ele? - Kolya disse rapidamente; - que caneca nojenta, não é? Eu não suporto remédio!

- Ilyusha vai morrer. Isto, parece-me, é certo”, respondeu Aliocha com tristeza.

- Ladinos! A medicina é um canalha! Estou feliz, porém, por ter reconhecido você, Karamazov. Há muito tempo que desejo conhecer você. É uma pena que nos conhecemos tão tristemente...

Kolya realmente gostaria de dizer algo ainda mais quente, ainda mais expansivo, mas era como se algo o estivesse incomodando. Alyosha percebeu isso, sorriu e apertou sua mão.

“Aprendi há muito tempo a respeitar a criatura rara que você é”, Kolya murmurou novamente, confuso e confuso. - Ouvi dizer que você é um místico e esteve em um mosteiro. Eu sei que você é um místico, mas... isso não me impediu. Um contato com a realidade irá curá-lo... Com naturezas como você, não é diferente.

-O que você chama de místico? O que isso vai curar? - Alyosha ficou um pouco surpreso.

- Bem, existe Deus e assim por diante.

- O quê, você não acredita em Deus?

“Pelo contrário, não tenho nada contra Deus.” Claro, Deus é apenas uma hipótese... mas... admito que ele é necessário para a ordem... para a ordem mundial e assim por diante... e se ele não existisse, então teríamos que inventá-lo ”, acrescentou Kolya, começando a corar. De repente, ele imaginou que Aliocha pensaria agora que ele queria exibir seu conhecimento e mostrar o quão “grande” ele era. “Mas não quero mostrar meu conhecimento na frente dele”, pensou Kolya indignado. E de repente ele ficou terrivelmente irritado.

“Eu admito, não suporto entrar em toda essa briga”, ele retrucou, “é possível amar a humanidade sem acreditar em Deus, o que você acha?” Voltaire não acreditava em Deus, mas amava a humanidade? (De novo, de novo! ele pensou consigo mesmo.)

“Voltaire acreditava em Deus, mas parece que não acreditava muito, e parece que amava pouco a humanidade”, disse Alyosha calmamente, com moderação e completamente natural, como se estivesse falando com alguém da mesma idade, ou mesmo com um homem mais velho. Kolya ficou impressionado com a aparente falta de confiança de Alyosha na sua opinião sobre Voltaire e que era como se ele, o pequeno Kolya, estivesse entregando esta questão para decisão.

—Você leu Voltaire? - concluiu Aliócha.

- Não, não que eu tenha lido... Porém, eu li Cândido, numa tradução russa... numa tradução antiga, feia, engraçada... (De novo, de novo!)

- E você entendeu?

- Ah sim, tudo... isso é... por que você acha que eu não entenderia? Tem, claro, muita coisa gordurosa aí... Claro, posso entender que este é um romance filosófico, e foi escrito para transmitir uma ideia... - Kolya já estava completamente confuso. “Sou um socialista, Karamazov, sou um socialista incorrigível”, interrompeu ele de repente, sem motivo algum.

- Socialista? - Alyosha riu, - quando você teve tempo? Afinal, você ainda tem apenas treze anos, parece?

Kolya se encolheu.

“Em primeiro lugar, não treze, mas quatorze, quatorze em duas semanas”, ele corou, “e em segundo lugar, não entendo por que meus anos chegaram aqui?” A questão é quais são minhas crenças, não em que ano estou, não é?

“Quando você for mais velho, verá por si mesmo como a idade desempenha um papel importante na persuasão.” Também me pareceu que você não estava falando suas próprias palavras”, respondeu Aliocha com modéstia e calma, mas Kolya o interrompeu veementemente.

- Por misericórdia, você quer obediência e misticismo. Concordo que, por exemplo, a fé cristã serviu apenas aos ricos e nobres para manter a classe baixa na escravidão, certo?

“Ah, eu sei onde você leu isso, e alguém deve ter te ensinado!” - exclamou Aliócha.

- Pelo amor de Deus, por que você teve que ler isso? E ninguém realmente me ensinou. Eu posso fazer isso sozinho... E se você quiser, não sou contra Cristo. Ele era uma pessoa completamente humana e, se tivesse vivido no nosso tempo, teria se juntado diretamente aos revolucionários e talvez tivesse desempenhado um papel de destaque... Isso é até certo.

- Bem, onde, onde você aprendeu isso! Com que tipo de idiota você está mexendo? - exclamou Aliócha.

- Pelo amor de Deus, você não pode esconder a verdade. Claro que, numa ocasião, falo frequentemente com o Sr. Rakitin, mas... Dizem que o velho Belinsky também falou.

- Belinsky? Eu não me lembro. Ele não escreveu isso em lugar nenhum.

- Se ele não escreveu, dizem que ele falou. Eu ouvi isso de um... mas caramba...

—Você leu Belinsky?

- Você vê... não... eu não li direito, mas... eu li a parte sobre Tatyana, por que ela não foi com Onegin.

- Por que você não foi com Onegin? Você realmente... entende isso?

“Pelo amor de Deus, você parece me confundir com o menino Smurov”, Kolya sorriu irritado. “No entanto, por favor, não pense que sou tão revolucionário.” Muitas vezes discordo do Sr. Rakitin. Se estou falando de Tatyana, então não sou a favor da emancipação das mulheres. Admito que a mulher é uma criatura subordinada e deve obedecer. Les femmes tricottent,1 como disse Napoleão”, Kolya sorriu por algum motivo, “e pelo menos nisso compartilho completamente a convicção deste pseudo-grande homem. Por exemplo, também penso que fugir da pátria para a América é baixeza, pior que a baixeza é estupidez. Por que ir para a América, quando podemos trazer muitos benefícios à humanidade? Agora mesmo. Muita atividade frutífera. Foi isso que eu respondi.

- Como eles responderam? Para quem? Alguém já convidou você para a América?

- Admito que me incentivaram, mas eu rejeitei. Isso, é claro, é entre nós, Karamazov, você ouviu, nem uma palavra para ninguém. Este sou eu só para você. Eu realmente não quero cair nas garras da Terceira Seção e aprender lições da Ponte das Correntes,

Você vai se lembrar do prédio  
Na Ponte das Correntes!

Lembrar? Fabuloso! Por que você está rindo? Você não acha que eu menti para todos vocês? (E se ele descobrir que no armário do meu pai eu só tenho esse número do Bell e não li mais nada dele? - Kolya pensou brevemente, mas estremeceu.)

- Ah, não, não estou rindo e não acho que você mentiu para mim. É só isso, acho que não, porque tudo isso, infelizmente, é a verdade absoluta! Bem, diga-me, você leu Pushkin, Onegin... Agora há pouco você estava falando sobre Tatyana?

- Não, ainda não li, mas quero ler. Não tenho preconceitos, Karamazov. Quero ouvir os dois lados. Por que você perguntou?

- Então.

“Diga-me, Karamazov, você me despreza terrivelmente?” - Kolya retrucou de repente e se esticou na frente de Alyosha, como se estivesse tomando uma posição. - Faça-me um favor, sem rodeios.

- Eu te desprezo? - Alyosha olhou para ele surpreso. - Sim, para quê? Só estou triste que uma natureza encantadora como a sua, que ainda não começou a viver, já esteja pervertida por todo esse absurdo grosseiro.

“Não se preocupe com a minha natureza”, interrompeu Kolya, não sem auto-satisfação, “mas sou suspeito, é isso”. Estupidamente suspeito, grosseiramente suspeito. Você sorriu agora há pouco, e me pareceu que você parecia...

- Ah, eu sorri para algo completamente diferente. Você vê por que eu sorri: recentemente li uma resenha de um alemão estrangeiro que morava na Rússia sobre nossa atual juventude estudantil: “Mostre a você”, escreve ele, “a um estudante russo um mapa do céu estrelado, sobre o qual ele tinha não faço ideia até então, e ele devolverá este mapa corrigido para você amanhã. Nenhum conhecimento e presunção altruísta - era isso que o alemão queria dizer sobre o estudante russo.

- Ah, mas isso é absolutamente verdade! - Kolya de repente começou a rir, - vernissimo, exatamente! Bravo, alemão! Porém, Chukhna nem considerou o lado bom, mas o que você acha? Presunção - deixe estar, vem desde a juventude, será corrigido, se for necessário que seja corrigido, mas também um espírito independente, quase desde a infância, mas coragem de pensamento e convicção, e não o espírito de seus servilismo como uma salsicha diante das autoridades... Mas tudo... o alemão disse bem! Bravo, alemão! Embora os alemães ainda precisem ser estrangulados. Mesmo que lá sejam fortes nas ciências, ainda precisam ser estrangulados…

- Por que engasgar? - Aliócha sorriu.

- Bem, talvez eu tenha mentido, concordo. Às vezes sou uma criança terrível e, quando estou feliz com alguma coisa, não consigo resistir e estou pronto para dizer bobagens. Escute, você e eu estamos conversando aqui sobre ninharias, mas esse médico está preso aí há muito tempo. No entanto, ele também poderia examinar a “mamãe” ali e esta Ninochka sem pernas. Você sabe, eu gostei dessa Ninochka. De repente, ela sussurrou para mim quando eu estava saindo: “Por que você não veio mais cedo?” E com tal voz, com censura! Parece-me que ela é terrivelmente gentil e patética.

- Sim, sim! Ao caminhar, você verá que tipo de criatura é essa. É muito útil para você reconhecer essas criaturas para poder apreciar muitas outras coisas que você aprende precisamente ao conhecê-las”, observou Alyosha com paixão. - Isso vai mudar você melhor.

- Ah, como me arrependo e me repreendo por não ter vindo antes! - Kolya exclamou com amargura.

- Sim, é uma pena. Você viu por si mesmo que impressão alegre causou no pobre pequenino! E como ele estava se matando esperando por você!

- Não me diga! Você está me irritando. Mas isso me faz bem: não vim do orgulho, do orgulho egoísta e da autocracia vil, da qual não consigo me livrar durante toda a minha vida, embora tenha me quebrado durante toda a minha vida. Agora vejo, sou um canalha em muitos aspectos, Karamazov!

“Não, você é uma natureza encantadora, embora pervertida, e eu entendo muito bem por que você poderia ter tal influência sobre este garoto nobre e dolorosamente sensível!” - Alyosha respondeu calorosamente.

- E você está me contando isso! - gritou Kolya, - e eu, imagine, pensei - já pensei várias vezes, agora que estou aqui, que você me despreza! Se você soubesse o quanto valorizo ​​​​sua opinião!

- Mas você é realmente tão suspeito? Em tais anos! Bom, imagine só, foi exatamente isso que pensei aí na sala, olhando para você quando você me dizia que devia estar muito desconfiado.

- Você já pensou nisso? Que olho você tem, você vê, você vê! Aposto que estava no mesmo lugar quando falei do ganso. Foi nesse momento que imaginei que você me desprezava profundamente porque eu tinha pressa em me mostrar um bom sujeito, e de repente até te odiei por isso e comecei a falar bobagens. Aí imaginei (isso já está aqui agora) no lugar quando eu disse: “Se Deus não existisse, então ele teria que ser inventado”, que eu estava com muita pressa em expor minha formação, principalmente porque eu leia esta frase em um livro. Mas juro que tive pressa em exibir não por vaidade, mas, não sei por que, por alegria, caramba, como se fosse de alegria... embora esta seja uma característica profundamente vergonhosa quando um pessoa sobe no pescoço de todo mundo com alegria. Eu sei que. Mas agora estou convencido de que você não me despreza, e eu mesmo inventei tudo isso. Oh, Karamazov, estou profundamente infeliz. Às vezes imagino, sabe Deus o quê, que todo mundo está rindo de mim, o mundo inteiro, e então eu, estou pronto para destruir toda a ordem das coisas.

“E você tortura aqueles ao seu redor”, Alyosha sorriu.

“E eu torturo as pessoas ao meu redor, especialmente minha mãe.” Karamazov, diga-me, sou muito engraçado agora?

- Não pense nisso, nem pense nisso! - exclamou Aliócha. - E o que é engraçado? Quantas vezes uma pessoa aparece ou parece engraçada? Ao mesmo tempo, hoje em dia quase todas as pessoas com habilidades têm muito medo de serem engraçadas e, portanto, infelizes. Só me surpreende que você tenha começado a sentir isso tão cedo, embora, aliás, eu já tenha percebido isso há muito tempo e não só em você. Hoje em dia até as crianças começaram a sofrer com isso. É quase uma loucura. O diabo encarnou-se neste orgulho e infiltrou-se em toda a geração, nomeadamente no diabo”, acrescentou Alyosha, sem sorrir, como pensava Kolya, que olhava diretamente para ele. “Você é como todo mundo”, concluiu Alyosha, “isto é, como muitas pessoas, mas não precisa ser como todo mundo, é isso”.

- Mesmo que todo mundo seja assim?

- Sim, apesar de todo mundo ser assim. Você é o único e seja diferente. Você realmente não é como todo mundo: agora não tem vergonha de admitir algo ruim e até engraçado. E agora quem admite isso? Ninguém, e mesmo a necessidade, deixou de encontrar a autocondenação. Seja diferente de todos os outros; mesmo que você sozinho não fosse assim, ainda assim não seja assim.

- Fabuloso! Eu não estava enganado sobre você. Você é capaz de consolar. Ah, como eu estava com saudades de você, Karamazov, há quanto tempo estou procurando um encontro com você! Você realmente pensou em mim também? Você disse há pouco que estava pensando em mim também?

“Sim, ouvi falar de você e pensei em você também... e se em parte o orgulho forçou você a perguntar isso agora, então não é nada.”

“Sabe, Karamazov, nossa explicação é semelhante a uma declaração de amor”, disse Kolya com uma voz um tanto relaxada e tímida. - Isso não é engraçado, não é engraçado?

“Não é nada engraçado, mas mesmo que seja engraçado, está tudo bem, porque é bom”, Alyosha sorriu abertamente.

“Sabe, Karamazov, você deve concordar que agora você mesmo está um pouco envergonhado de mim... Posso ver isso em seus olhos”, Kolya sorriu de alguma forma maliciosamente, mas também com algum tipo de quase felicidade.

- Por que isso é constrangedor?

- Por que você está corando?

- Sim, você fez isso de tal maneira que eu corei! - Alyosha riu e realmente corou. “Bem, sim, é um pouco constrangedor, Deus sabe por que, não sei por que...” ele murmurou, quase até envergonhado.

“Ah, como eu amo e aprecio você neste momento, justamente porque você também tem vergonha de alguma coisa comigo!” Porque você definitivamente sou eu! - Kolya exclamou com alegria decisiva. Suas bochechas estavam coradas, seus olhos brilhavam.

“Escute, Kolya, a propósito, você será uma pessoa muito infeliz na vida”, disse Alyosha de repente por algum motivo.

- Eu sei, eu sei. Como você sabe tudo isso com antecedência! - Kolya confirmou imediatamente.

- Mas em geral, ainda abençoe a vida.

- Exatamente! viva! Você é um profeta! Ah, vamos nos dar bem, Karamazov. Sabe, o que mais me encanta é que você é completamente igual a mim. Mas não somos iguais, não, não somos iguais, você é superior! Mas vamos nos dar bem. Você sabe, passei o último mês dizendo a mim mesmo: “Ou nos tornaremos amigos para sempre, ou desde a primeira vez seremos inimigos até o túmulo!”

- E falando isso, é claro que eles me amaram! - Alyosha riu alegremente.

“Eu te amei, te amei terrivelmente, te amei e sonhei com você!” E como você sabe tudo com antecedência? Bah, aí vem o médico. Senhor, ele vai dizer alguma coisa, olhe para o rosto dele!

Notas de rodapé do capítulo

1—O negócio da mulher é tricotar *(Francês).*

VII. Ilyusha

O médico saiu novamente da cabana, já envolto em um casaco de pele e com um boné na cabeça. Seu rosto estava quase irritado e enojado, como se ele ainda tivesse medo de se sujar em alguma coisa. Ele olhou brevemente ao redor do dossel e ao mesmo tempo olhou severamente para Alyosha e Kolya. Alyosha acenou para o cocheiro da porta, e a carruagem que trouxe o médico dirigiu-se às portas de saída. O capitão do estado-maior correu rapidamente atrás do médico e, curvando-se, quase se contorcendo na frente dele, interrompeu-o para sua última palavra. O rosto do pobre estava assassinado, seu olhar estava assustado:

“Vossa Excelência, Vossa Excelência... é mesmo?..” ele começou, e não terminou, apenas apertou as mãos em desespero, embora ainda olhando para o médico com um apelo final, como se de fato a palavra atual do médico pudesse mudar o veredicto sobre o pobre garoto

- O que fazer! “Eu não sou Deus”, respondeu o médico com uma voz casual, embora habitualmente impressionante.

- Doutor... Excelência... e logo, logo?

“Prepare-se para tudo”, bateu o médico, enfatizando cada sílaba, e, baixando o olhar, ele próprio se preparou para ultrapassar a soleira da carruagem.

- Excelência, pelo amor de Deus! - o capitão do estado-maior o deteve novamente com medo, - Excelência!.. então nada, realmente nada, absolutamente nada, irá salvá-lo agora?

“Não depende de mim agora”, disse o médico com impaciência, “e ainda assim, hum,” ele fez uma pausa repentina, “se você, por exemplo, pudesse... orientar... seu paciente... agora e não menos.” sem demora (as palavras “agora e sem demora” o médico pronunciou não apenas severamente, mas quase com raiva, de modo que o capitão do estado-maior até estremeceu) em Sir-ra-ku-zy, então... devido a novos benefícios condições climáticas agradáveis... poderia ter acontecido...

- Para Siracusa! - gritou o capitão do estado-maior, como se ainda não entendesse nada.

“Syracuse fica na Sicília”, Kolya retrucou de repente em voz alta, para esclarecimento. O médico olhou para ele.

- Para a Sicília! Padre, Excelência”, o capitão do estado-maior estava perdido, “mas você viu!” - ele gesticulou com as duas mãos, apontando para o que estava ao seu redor, “e a mamãe e a família?”

- N-não, a família não está para a Sicília, mas a sua família para o Cáucaso, no início da primavera... sua filha para o Cáucaso, e sua esposa... mantendo o curso das águas também para o Cáucaso tendo em vista o o reumatismo dela... imediatamente depois mande para Paris, para o hospital do médico psiquiatra Le Pelle-letier, eu poderia lhe dar um bilhete para ele, e então... talvez pudesse acontecer...

- Doutor, doutor! Ora, você vê! - O capitão do estado-maior de repente acenou com as mãos novamente, apontando em desespero para as paredes nuas de toras da entrada.

“Oh, isso não é da minha conta”, o médico sorriu, “eu só disse o que poderia dizer em resposta à sua pergunta sobre o último recurso e o resto... infelizmente para mim...”

“Não se preocupe, doutor, meu cachorro não vai morder você”, Kolya retrucou em voz alta, notando o olhar um tanto preocupado do médico para Perezvon, que estava na soleira. Uma nota de raiva ecoou na voz de Kolya. Ele disse a palavra “médico” em vez de médico de propósito e, como ele mesmo declarou mais tarde, “disse isso para insultar”.

- O que aconteceu? - O médico ergueu a cabeça, olhando surpreso para Kolya. - Qual é esse? - ele de repente se virou para Alyosha, como se lhe pedisse um relatório.

“Este é o dono de Perezvon, o médico, não se preocupe com minha identidade”, disse Kolya novamente.

- Tocando? - falou o médico, sem entender o que era Perezvon.

- Ele não sabe onde está. Adeus, doutor, vejo você em Siracusa.

-Quem é esse? Quem, quem? — o médico de repente começou a ferver terrivelmente.

“Este é um estudante local, doutor, ele é um homem travesso, não preste atenção”, disse Alyosha, franzindo a testa e falando rapidamente. - Kolya, fique quieto! - gritou ele para Krasotkin. “Não preste atenção, doutor”, repetiu ele, um pouco mais impaciente.

- Você precisa ser chicoteado, você precisa ser chicoteado, você precisa ser chicoteado! - o médico, que por algum motivo estava muito furioso, começou a bater os pés.

“Sabe, doutor, Perezvon provavelmente me morde!” - Kolya disse com a voz trêmula, ficando pálido e com olhos brilhantes. - Pronto, Chime!

“Kolya, se você disser apenas mais uma palavra, terminarei com você para sempre”, gritou Alyosha imperiosamente.

- Doutor, só existe uma criatura no mundo inteiro que pode ordenar Nikolai Krasotkin, este é este homem (Kolya apontou para Alyosha); Eu obedeço a ele, adeus!

Ele deu um pulo e, abrindo a porta, entrou rapidamente na sala. Chime correu atrás dele. O médico ficou ali por mais cinco segundos, como se estivesse atordoado, olhando para Alyosha, então de repente cuspiu e caminhou rapidamente em direção à carruagem, repetindo em voz alta: “Etta, etta, etta, não sei o que é etta!” O capitão do estado-maior correu para sentá-lo. Alyosha seguiu Kolya para dentro da sala. Ele já estava ao lado da cama de Ilyusha. Ilyusha segurou sua mão e ligou para seu pai. Um minuto depois, o capitão do estado-maior também voltou.

“Pai, pai, venha aqui... nós...” Ilyusha gaguejou em extrema excitação, mas aparentemente incapaz de continuar, de repente ele jogou seus dois braços emaciados para frente e abraçou os dois o mais forte que pôde, tanto Kolya quanto seu pai. , unindo-os num só abraço e apertando-se contra eles. O capitão do estado-maior de repente começou a tremer com soluços silenciosos, e os lábios e o queixo de Kolya começaram a tremer.

- Papai, papai! Como sinto pena de você, pai! - Ilyusha gemeu amargamente.

“Ilyushka... querido... o médico disse... você ficará saudável... nós seremos felizes... doutor...” o capitão do estado-maior começou a falar.

- Ah, pai! Eu sei o que o novo médico te contou sobre mim... eu vi! - Ilyusha exclamou e novamente com força, com todas as suas forças, pressionou os dois contra ele, escondendo o rosto no ombro do pai.

- Pai, não chore... e quando eu morrer, então pegue um bom menino, outro... escolha o bom de todos eles, chame-o de Ilyusha e ame-o em vez de mim...

- Cale a boca, velho, você vai melhorar! - Krasotkin gritou de repente, como se estivesse com raiva.

“E eu, pai, nunca se esqueça de mim”, continuou Ilyusha, “vá para o meu túmulo... mas é isso, pai, enterre-me em nossa grande pedra, onde você e eu fomos passear, e vá até mim lá com Krasotkin, à noite... E Chime... E eu estarei esperando por você... Pai, pai!

Sua voz parou, os três ficaram abraçados e já estavam em silêncio. Ninochka também chorou baixinho em sua cadeira e, de repente, vendo todos chorando, sua mãe começou a chorar também.

- Ilyushechka! Ilyushechka! - ela exclamou. Krasotkin de repente se libertou dos braços de Ilyusha:

“Adeus, meu velho, minha mãe está me esperando para jantar”, disse ele rapidamente... “Que pena que eu não a avisei!” Ele vai ficar muito preocupado... Mas depois do jantar eu irei imediatamente até você, o dia todo, a noite toda, e vou te contar tanto, vou te contar tanto! E vou trazer Perezvon, e agora vou levá-lo comigo, porque ele vai começar a uivar sem mim e vai incomodar você; adeus!

E ele correu para o corredor. Ele não queria chorar, mas no corredor chorou. Alyosha o encontrou neste estado.

“Kolya, você definitivamente deve manter sua palavra e vir, caso contrário ele ficará com uma dor terrível”, disse Alyosha insistentemente.

- Definitivamente! “Oh, como me amaldiçoo por não ter vindo antes”, Kolya murmurou, chorando e não mais envergonhado por estar chorando. Naquele momento, o capitão do estado-maior de repente pareceu pular para fora da sala e imediatamente fechou a porta atrás de si. Seu rosto estava frenético, seus lábios tremiam. Ele ficou na frente dos dois jovens e levantou as duas mãos:

- Eu não quero um bom menino! Eu não quero outro garoto! - ele sussurrou em um sussurro selvagem, rangendo os dentes, - se eu me esquecer de você, Jerusalém, deixe-o ficar...

Ele não terminou de falar, como se estivesse engasgado, e caiu de joelhos, impotente, diante do banco de madeira. Apertando a cabeça com os dois punhos, ele começou a soluçar, gritando de forma absurda, tentando com todas as suas forças, porém, que seus gritos não fossem ouvidos na cabana. Kolya correu para a rua.

- Adeus, Karamázov! Você virá sozinho? - ele gritou bruscamente e com raiva para Alyosha.

“Definitivamente estarei lá à noite.”

- Do que ele está falando de Jerusalém... O que mais é isso?

- Isto vem da Bíblia: “Se eu te esquecer, ó Jerusalém”, isto é, se eu esquecer tudo o que é precioso para mim, se eu trocar por algo, então deixe-o atingir...

- Eu entendo, chega! Venha você mesmo! Aqui, Chime! - gritou ele para o cachorro com bastante força e voltou para casa com passos grandes e rápidos.

I. Em Grushenka

Alyosha foi à Praça da Catedral, à casa do comerciante Morozova, a Grushenka. De manhã cedo, ela enviou Fenya até ele com um pedido urgente para ir vê-la. Depois de entrevistar Fenya, Alyosha soube que a senhora estava muito ansiosa desde ontem. Durante esses dois meses após a prisão de Mitya, Alyosha visitou frequentemente a casa de Morozova, tanto por sua própria iniciativa como por instruções de Mitya. Três dias após a prisão de Mitya, Grushenka ficou muito doente e permaneceu doente durante quase cinco semanas. Uma semana dessas cinco fiquei sem memória. Seu rosto havia mudado muito, ela havia perdido peso e amarelado, embora já fizessem quase duas semanas que ela não podia sair do quintal. Mas ao olhar de Aliocha, o rosto dela pareceu tornar-se ainda mais atraente, e ele adorava fitá-la quando entrava para vê-la. Algo pareceu tomar conta de seu olhar, firme e significativo. Ocorria uma certa revolução espiritual, surgia uma espécie de determinação imutável, humilde, mas boa e irrevogável. Uma pequena ruga vertical apareceu entre as sobrancelhas na testa, dando ao seu lindo rosto a aparência de uma reflexão concentrada, quase severa à primeira vista. Por exemplo, não havia vestígios da antiga frivolidade. Também foi estranho para Aliocha que, apesar de todo o infortúnio que se abateu sobre a pobre mulher, a noiva do noivo, que foi presa por um crime terrível, quase no momento em que se tornou sua noiva, apesar da doença posterior e do quase inevitável decisão judicial ameaçadora Grushenka ainda não perdeu sua antiga alegria juvenil. Uma espécie de quietude agora brilhava em seus olhos anteriormente orgulhosos, embora... embora, entretanto, esses olhos novamente ocasionalmente brilhassem com alguma luz sinistra, quando ela era visitada por uma antiga preocupação, que não apenas não morreu, mas até aumentou em seu coração. O assunto dessa preocupação continuava o mesmo: Katerina Ivanovna, de quem Grushenka, quando ainda doente, lembrava até no delírio. Alyosha compreendeu que ela tinha ciúmes terríveis de Mitya, o prisioneiro Mitya, apesar de Katerina Ivanovna nunca o ter visitado na prisão, embora pudesse fazê-lo sempre que quisesse. Tudo isso se tornou uma tarefa um tanto difícil para Alyosha, pois Grushenka confiava apenas nele com seu coração e constantemente lhe pedia conselhos; às vezes ele não conseguia contar nada a ela.

Preocupado, ele entrou no apartamento dela. Ela já estava em casa; Já fazia meia hora desde que ela voltou da casa de Mitya, e apenas pelo movimento rápido com que ela pulou da cadeira da mesa para encontrá-lo, ele concluiu que ela o esperava com grande impaciência. Havia cartas na mesa e um jogo de tolos foi distribuído. No sofá de couro do outro lado da mesa havia uma cama, e nela estava reclinado, de roupão e touca de papel, Maksimov, aparentemente doente e fraco, embora sorrindo docemente. Este velho sem-teto, que voltou de Mokroye com Grushenka há dois meses, permaneceu com ela e está com ela desde então. Chegando então com ela sob chuva e lama, ele, molhado e assustado, sentou-se no sofá e olhou-a em silêncio, com um sorriso tímido e suplicante. Grushenka, que estava sofrendo muito e já com febre, quase se esquecendo dele na primeira meia hora após sua chegada devido a vários afazeres, de repente olhou para ele atentamente: ele riu lamentavelmente e perdidamente nos olhos dela. Ela ligou para Fenya e disse-lhe para lhe dar algo para comer. Durante todo aquele dia ele ficou sentado em seu lugar quase sem se mover; quando escureceu e as venezianas foram trancadas, Fenya perguntou à senhora:

- Bem, senhora, eles vão passar a noite?

“Sim, a cama dele fica no sofá”, respondeu Grushenka.

Depois de interrogá-lo mais detalhadamente, Grushenka soube por ele que realmente não tinha para onde ir agora e que “o Sr. Kalganov, meu benfeitor, me disse diretamente que não me aceitariam mais e me deu cinco rublos”. “Bem, Deus o abençoe, fique”, Grushenka decidiu angustiada, sorrindo compassivamente para ele. O velho estremeceu com o sorriso dela e seus lábios tremeram de choro de gratidão. Então, a partir de então, ela permaneceu com um cabide errante. Mesmo na doença dela, ele não saiu de casa. Fenya e sua mãe, a cozinheira de Grushenka, não o mandaram embora, mas continuaram a alimentá-lo e a arrumar sua cama no sofá. Posteriormente, Grushenka até se acostumou com ele e, vindo de Mitya (a quem, tendo se recuperado um pouco, ela imediatamente começou a ir, sem sequer ter tempo de se recuperar totalmente), para matar a melancolia, ela se sentava e começava a conversar com “Maksimushka” sobre todo tipo de ninharias, só para não pensar na sua dor. Acontece que o velho às vezes sabia contar uma história, de modo que finalmente se tornou necessário para ela. Além de Aliocha, que, porém, não aparecia todos os dias e nem sempre por muito tempo, Grúchenka não recebia quase ninguém. Seu velho, um comerciante, já estava gravemente doente naquela época, “aposentando-se”, como diziam na cidade, e morreu apenas uma semana após o julgamento de Mitya. Três semanas antes de sua morte, sentindo que o fim estava próximo, ele finalmente chamou seus filhos, com suas esposas e filhos, para sua casa, e ordenou-lhes que não o abandonassem mais. A partir daquele momento, Grushenka ordenou estritamente aos servos que não o recebessem de forma alguma e, se ele viesse, dissessem a ela: “Ele ordena que você viva muito na alegria e os esqueça completamente”. Grushenka, porém, mandava-o quase todos os dias perguntar sobre sua saúde.

- Finalmente cheguei! - gritou ela, jogando as cartas no chão e cumprimentando Alyosha com alegria, - e Maksimushka estava com tanto medo que você provavelmente não viria. Oh, como você é necessário! Sente-se à mesa; Bem, o que você quer, um café?

“Talvez”, disse Aliócha, sentando-se à mesa, “ele esteja com muita fome”.

- É isso; Fenya, Fenya, café! - gritou Grushenka, - já está fervendo há muito tempo, está esperando por você, mas traga algumas tortas quentes. Não, espere, Alyosha, hoje me diverti muito com essas tortas. Levei-os para ele na prisão, mas, acredite, ele os jogou de volta para mim e nunca os comeu. Uma torta foi completamente jogada no chão e pisoteada. Eu falei: “Vou deixar para o vigia; Se você não comer até a noite, significa que a raiva maligna está alimentando você!” e com isso ela foi embora. Brigamos de novo, acredite ou não. Não importa o que eu venha, vamos brigar.

Grushenka disse tudo isso de um só gole, entusiasmado. Maksimov. Imediatamente tímido, ele sorriu, com os olhos baixos.

- Por que você brigou dessa vez? - perguntou Aliócha.

- Sim, eu não esperava nada disso! Imagine, ele estava com ciúmes do “ex”: “Por que você está apoiando ele? Então você começou a apoiá-lo? Tudo tem ciúme, tudo tem ciúme de mim! E ele dorme e come e fica com ciúmes. Fiquei até com ciúmes de Kuzma uma vez na semana passada.

- Mas ele sabia do “antigo”, não é?

- Bem, aqui está. Eu sabia desde o começo até hoje, mas hoje me levantei de repente e comecei a repreender. É uma pena apenas dizer que sim. Enganar! Rakitka veio até ele quando eu saí. Talvez Rakitka o pegue, hein? Como você pensa? - acrescentou ela como que distraidamente.

“Ele te ama, é isso, ele te ama muito.” E agora estou apenas irritado.

- Não fique chateado, eles vão te julgar amanhã. E fui para poder contar-lhe a minha palavra sobre amanhã, porque, Alyosha, tenho medo até de pensar no que vai acontecer amanhã! Você diz que ele está irritado, mas eu também estou irritado. E ele está falando de um polonês! Que idiota! Suponho que ele não tenha ciúmes de Maksimushka.

“Minha esposa também tinha muito ciúme de mim”, acrescentou Maximov.

"Bem, sério", Grushenka riu com relutância, "de quem você deve ter ciúmes?"

- Para as empregadas, senhor.

- Eh, cala a boca, Maksimushka, não estou rindo agora, isso até me deixa com raiva. Não olhe para as tortas, não vou dar para você, faz mal, e também não vou dar para o bálsamo. Mexa com ele também; É como se eu tivesse um asilo, na verdade”, ela riu.

“Não valho suas boas ações, senhor, sou insignificante”, disse Maksimov com voz chorosa. “Seria melhor se você desperdiçasse suas boas ações com aqueles que precisam mais do que eu, senhor.”

- Eh, todo mundo é necessário, Maksimushka, e por que descobrir quem é mais necessário? Mesmo que esse polonês não estivesse lá, Alyosha, ele também decidiu ficar doente hoje. Ele também tinha um. Então vou mandar algumas tortas para ele de propósito, não mandei, mas o Mitya me acusou de mandar, então agora vou mandar de propósito, de propósito! Ah, aí vem Fenya com uma carta! Bem, isso mesmo, novamente dos poloneses, novamente pedindo dinheiro!

Na verdade, Pan Mussialovich enviou uma carta extremamente longa e floreada, como sempre, na qual pedia três rublos emprestados. Anexado à carta estava um recibo com obrigação de pagamento no prazo de três meses; Pan Vrublevsky também assinou o recibo. Grushenka já recebeu muitas dessas cartas e todas com os mesmos recibos da sua “antiga”. Tudo começou com a recuperação de Grushenka, há duas semanas. Ela sabia, porém, que os dois cavalheiros vinham verificar sua saúde mesmo durante a doença. A primeira carta que Grushenka recebeu foi longa, em uma folha postal de grande formato, lacrada com um grande selo de família e terrivelmente escura e ornamentada, então Grushenka leu apenas metade dela e jogou-a fora, sem entender absolutamente nada. E ela não tinha tempo para cartas naquela época. Esta primeira carta foi seguida, no dia seguinte, por uma segunda, na qual o Sr. Mussyalovich pedia um empréstimo de dois mil rublos pelo menor tempo possível. Grushenka também deixou esta carta sem resposta. Seguiu-se então toda uma série de cartas, uma carta por dia, ainda importante e ornamentada, mas nas quais o valor solicitado para empréstimo, diminuindo gradativamente, chegava a cem rublos, vinte e cinco, dez rublos e, finalmente, de repente Grushenka recebeu uma carta , em que os dois senhores lhe pediram apenas um rublo e anexaram um recibo, no qual ambos assinaram. Então Grushenka de repente sentiu pena e, ao anoitecer, ela mesma correu para o mestre. Encontrou os dois polacos numa pobreza terrível, quase na miséria, sem comida, sem lenha, sem cigarros, em dívida com a senhoria. Duzentos rublos ganhos em Mokroye de Mitya desapareceram rapidamente em algum lugar. No entanto, Grushenka ficou surpreso que ambos os senhores a cumprimentaram com arrogante importância e independência, com a maior etiqueta, com discursos exagerados. Grushenka apenas riu e deu aos “antigos” dez rublos. Então, rindo, ela contou isso a Mitya, e ele não ficou com ciúmes. Mas a partir de então, os senhores agarraram Grushenka e bombardearam-na todos os dias com cartas pedindo dinheiro, e ela enviava um pouco de cada vez. E de repente hoje Mitya decidiu ficar com ciúme cruel.

“Eu, idiota, corri para vê-lo também, só por um minuto quando estava a caminho de Mitya, porque ele, meu velho cavalheiro, também ficou doente”, começou Grushenka novamente, agitado e com pressa, “eu rio e conte ao Mitya.”: Imagine, eu digo, meu polonês decidiu cantar minhas músicas antigas no violão, ele acha que eu vou me emocionar e me casar com ele. E Mitya vai pular com maldições... Então não, vou mandar algumas tortas para as senhoras! Fenya, por que mandaram aquela garota para lá? Aqui, dê a ela três rublos, embrulhe uma dúzia de tortas em papel para eles e diga-lhes para retirá-las, e você, Alyosha, não se esqueça de dizer a Mitya que eu mandei tortas para eles.

“Não vou te contar nada”, disse Alyosha sorrindo.

- Eh, você acha que ele está sofrendo; Afinal, ele estava deliberadamente com ciúmes, mas ele mesmo não se importa”, disse Grushenka amargamente.

- Como você fez isso de propósito? - perguntou Aliócha.

“Você é estúpido, Alyoshenka, é isso, você não entende nada aqui, mesmo com toda a sua inteligência, é isso.” Não apenas me ofende que ele estivesse com ciúmes de mim daquele jeito, mas teria me ofendido se ele não tivesse nenhum ciúme. Isso é quem eu sou. Não vou me ofender com o ciúme, eu mesmo tenho um coração cruel, eu mesmo vou ficar com ciúmes. A única coisa que me ofende é que ele não me ama de jeito nenhum e agora está com ciúmes deliberados, é isso. Estou cego ou não consigo ver? De repente ele está me contando sobre isso, sobre Katya: ela é assim e aquilo, ela contratou um médico de Moscou para eu ir a julgamento para me salvar, ela contratou o primeiro advogado, o mais cientista também. Significa que ele a ama, já que começou a me elogiar nos meus olhos, seus olhos sem vergonha! Ele mesmo é culpado diante de mim, então se apegou a mim para me tornar culpado antes de tudo, e culpar apenas a mim: “você estava com um polonês antes de mim, então isso se tornou permitido para mim e Katka. ” É isso! Ele quer colocar toda a culpa somente em mim. Ele se apegou de propósito, de propósito, eu te digo, só eu...

Grushenka não disse o que ia fazer, cobriu os olhos com um lenço e começou a chorar muito.

“Ele não ama Katerina Ivanovna”, disse Alyosha com firmeza.

“Bem, ele ama ou ama, logo descobrirei por mim mesmo”, disse Grushenka com um tom ameaçador na voz, tirando o lenço dos olhos. Seu rosto ficou distorcido. Alyosha viu com tristeza como de repente, de manso e silenciosamente alegre, seu rosto ficou sombrio e zangado.

- Tem muita bobagem! "ela retrucou de repente," não foi por isso que liguei para você. Alyosha, meu querido, amanhã, amanhã, o que vai acontecer? É isso que me atormenta! Sou o único que está me atormentando! Eu olho para todo mundo, ninguém pensa nisso, ninguém se importa com isso. Você ao menos pensa sobre isso? Amanhã eles vão julgar! Diga-me como eles vão julgá-lo lá? Afinal foi o lacaio, o lacaio morto, o lacaio! Deus! Ele será realmente condenado por ser um lacaio e ninguém o defenderá? Afinal, eles não incomodaram em nada o lacaio, né?

“Eles o interrogaram rigorosamente”, observou Aliocha, pensativo, “mas todos concluíram que não era ele”. Agora ele está muito doente. Estou doente desde então, com aquele episódio epiléptico. “Muito doente”, acrescentou Alyosha.

- Senhor, você mesmo deveria ir até esse advogado e contar o caso cara a cara. Afinal, dizem que me deram alta de São Petersburgo por três mil.

“Fomos nós três que demos três mil, eu, o irmão Ivan e Katerina Ivanovna, e ela mesma pagou dois mil ao médico de Moscou.” O advogado Fetyukovich teria levado mais, mas o caso foi divulgado em toda a Rússia, todos os jornais e revistas falavam sobre isso, Fetyukovich concordou em vir mais para a glória, porque o caso havia ficado muito famoso. Eu o vi ontem.

- E daí? disse a ele? - Grushenka deu um pulo apressado.

“Ele ouviu e não disse nada.” Ele disse que já havia formado uma opinião definitiva. Mas ele prometeu levar minhas palavras em consideração.

- Que consideração! Ah, eles são golpistas! Eles vão destruí-lo! Bem, por que ela receitou o médico?

- Como especialista. Eles querem concluir que seu irmão está louco e morto em estado de insanidade, sem se lembrar de si mesmo”, Alyosha sorriu baixinho, “mas seu irmão não concordará com isso.

- Ah, mas é verdade, se ele matou! - Grushenko exclamou. “Ele estava louco então, completamente louco, e era eu, o vil, o culpado por isso!” Mas ele não matou, ele não matou! E é tudo sobre ele que ele matou a cidade inteira. Até Fenya, e ela mostrou que parecia que ele matou. E na loja, e este funcionário, e antes na taberna ouviram! Todo mundo, todo mundo está contra ele e fazendo barulho.

“Sim, as leituras se multiplicaram terrivelmente”, observou Alyosha sombriamente.

- E Grigory, Grigory Vasilich, mantém sua posição de que a porta estava destrancada, ele insiste que viu, você não pode derrubá-lo, eu corri até ele, eu mesmo conversei com ele. Ele ainda está xingando!

“Sim, esta pode ser a prova mais forte contra meu irmão”, disse Alyosha.

“E sobre o fato de Mitya ser louco, é exatamente isso que ele é agora”, Grushenka começou de repente com um olhar particularmente preocupado e misterioso. “Sabe, Alyoshenka, há muito tempo queria te contar sobre isso: vou até ele todos os dias e fico simplesmente pasmo. Diga-me, o que você acha: sobre o que ele está começando a falar agora? Ele vai começar a falar, ele vai começar a falar, eu não consigo entender nada, acho que ele está falando de alguma coisa inteligente, bom, eu sou burro, não consigo entender, eu acho; só que de repente ele começou a falar comigo sobre a criança, isto é, sobre alguma criança: “Por que, dizem, a pobre criança?” “Agora vou para a Sibéria por causa da criança, não matei, mas preciso ir para a Sibéria!” O que é isso, que tipo de criança é essa - eu não entendo nada. Eu simplesmente comecei a chorar, como ele disse, porque ele falou muito bem, ele mesmo estava chorando, e eu chorei, de repente ele me beijou e me cruzou com a mão. O que é isso, Alyosha, diga-me, que tipo de “criança” é essa?

“Por alguma razão, Rakitin adquiriu o hábito de ir até ele”, Alyosha sorriu, “no entanto... não é de Rakitin.” Eu não estava com ele ontem, mas estarei hoje.

“Não, não é Rakitka, é seu irmão Ivan Fedorovich quem o envergonha, é ele quem vai vê-lo, é isso...” disse Grushenka e de repente pareceu parar. Alyosha olhou para ela como se estivesse surpreso.

- Como ele está andando? Ele realmente foi até ele? O próprio Mitya me disse que Ivan nunca apareceu.

- Bem... bem, isso é o que eu sou! Eu derramei o feijão! - Grushenka exclamou envergonhada, corando de repente. “Espere, Alyosha, fique quieto, que assim seja, já que já falei, vou te contar toda a verdade: ele o visitou duas vezes, a primeira vez que ele acabou de chegar - então, afinal, ele simplesmente veio de carro Moscou, nem tive tempo de ir para a cama.”, e outra hora chegou há uma semana. Ele não disse a Mitya para contar a você sobre isso, ele não contou nada a ele e não disse a ninguém para contar a ele, ele veio em segredo.

Alyosha ficou profundamente pensativo e pensou em algo. A notícia aparentemente o chocou.

“O irmão Ivan não fala comigo sobre o caso de Mitya”, disse ele lentamente, “e em geral ele falou muito pouco comigo durante esses dois meses, e quando fui procurá-lo, ele sempre ficou insatisfeito por eu ter vindo, então eu não o vejo há três semanas. Hm... Se foi há uma semana, então... durante esta semana realmente aconteceu algum tipo de mudança em Mita...

- Mude, mude! - Grushenka atendeu rapidamente. - Eles tinham um segredo, eles tinham um segredo! O próprio Mitya me disse que isso é um segredo e, você sabe, um segredo tão grande que Mitya nem consegue se acalmar. Mas ele estava alegre antes, e ainda está alegre agora, só que, você sabe, quando ele começa a balançar a cabeça daquele jeito, e a andar pela sala, e a puxar o cabelo na têmpora com o dedo direito, então eu sei que ele tem alguma coisa... aquela alma inquieta... eu já sei!.. E então ele estava alegre, e até hoje está alegre!

- E você disse: irritado?

- Sim, ele está irritado, mas alegre. Ele fica sempre irritado, por um minuto, e depois fica alegre, e de repente fica irritado de novo. E você sabe, Alyosha, ainda estou surpreso com ele: há tanto medo pela frente, e às vezes ele até ri dessas ninharias, como uma criança.

“E é verdade que ele não me disse para falar sobre Ivan?” então ele disse: não fala?

“Foi o que eu disse: não fale.” O principal é que ele tem medo de você, Mitya. É por isso que é segredo, ele mesmo disse que é segredo. coitadinho, para que eu conheça meu destino.” Foi por isso que liguei para você.

- Você acha que isso é algo sobre você? Mas então ele não teria lhe contado sobre o segredo.

- Não sei. Talvez ele queira me contar, mas não ousa. Avisa. Dizem que existe um segredo, mas ele não disse qual é o segredo.

- O que você acha?

- O que você acha? O fim chegou para mim, é o que penso. Todos os três prepararam o fim para mim, porque Katka está aqui. Tudo isso é Katka, vem dela. “Ela é assim e aquilo”, isso significa que eu não sou assim. Ele fala antes, me avisa antes. Ele planejou me deixar, esse é o segredo! Nós três tivemos essa ideia: Mitka, Katka e Ivan Fedorovich. Alyosha, há muito tempo queria te perguntar: há uma semana ele me revelou de repente que Ivan está apaixonado por Katka, porque ele vai vê-la com frequência. Ele me contou a verdade ou não? Fale honestamente, me corte.

- Não vou mentir para você. Ivan não está apaixonado por Katerina Ivanovna, então eu acho.

- Bem, foi o que pensei então! Ele está mentindo para mim, ele é sem vergonha, é isso! E agora ele estava com ciúmes de mim, para poder me culpar mais tarde. Afinal ele é um bobo, porque não sabe enterrar pontas soltas, é tão franco... Mas eu estou contando para ele, estou contando para ele! “Você acredita que eu matei”, diz ele, “ele me diz isso, sou eu, sou eu quem ele repreendeu!” Deus esteja com ele! Bem, espere, essa Katya vai se sentir mal no meu julgamento! Vou falar uma palavra aí... vou falar tudo aí!

E novamente ela chorou amargamente.

“Aqui está o que posso lhe dizer com firmeza, Grushenka”, disse Alyosha, levantando-se de sua cadeira, “a primeira coisa é que ele ama você, ama você mais do que qualquer pessoa no mundo, e somente você, confie em mim.” Eu sei. Eu já sei. Em segundo lugar, direi que não quero arrancar dele um segredo e, se ele me contar hoje, direi sem rodeios o que prometi lhe contar. Então irei até você hoje e lhe direi. Só que... parece-me... não há nenhum vestígio de Katerina Ivanovna aqui, mas trata-se de outra coisa, de alguma coisa, deste segredo. E isso provavelmente é verdade. E não parece que seja sobre Katerina Ivanovna, me parece. Até então, adeus!

Aliócha apertou a mão dela. Grushenka ainda estava chorando. Ele percebeu que ela acreditava muito pouco em seus consolos, mas mesmo assim foi bom para ela que pelo menos ela tivesse superado sua dor e falado. Foi uma pena para ele deixá-la nesse estado, mas estava com pressa. Ele ainda tinha muito trabalho a fazer.

II. Perna dolorida

A primeira dessas tarefas foi na casa da Sra. Khokhlakova, e ele correu para lá para terminá-la o mais rápido possível e não se atrasar para Mitya. A senhora Khokhlakova estava doente há três semanas: por algum motivo, sua perna estava inchada e, embora ela não estivesse na cama, ela ainda, durante o dia, em uma devassidão atraente, mas decente, reclinava-se no sofá de seu boudoir. Certa vez, Alyosha percebeu para si mesmo com um sorriso inocente que a Sra. Khokhlakova, apesar de sua doença, começou a quase se exibir: apareceram algumas tatuagens, laços, camisas abertas, e ele percebeu por que isso acontecia, embora afastasse esses pensamentos como ociosos. Nos últimos dois meses, a Sra. Khokhlakova começou a ser visitada, entre seus outros convidados, por um jovem, Perkhotin. Fazia quatro dias que Aliócha não vinha e, ao entrar em casa, apressou-se em ir direto até Liza, pois ela tinha assuntos a tratar, já que Liza havia enviado ontem uma garota para ele com um pedido urgente para ir até ela imediatamente “devido a uma circunstância muito importante.”, que, por algum motivo, interessou Alyosha. Mas enquanto a menina foi até Liza para fazer um relatório, a Sra. Khokhlakova já havia sabido de sua chegada por alguém e imediatamente o enviou para perguntar a ela “por apenas um minuto”. Alyosha decidiu que era melhor satisfazer primeiro o pedido de sua mãe, já que ela constantemente mandava mensagens para Liza enquanto ele estava sentado com ela. A Sra. Khokhlakova estava deitada no sofá, de alguma forma especialmente vestida de maneira festiva e aparentemente extremamente nervosa. Alyosha foi saudado com gritos de alegria.

“Eu não vejo você há séculos, séculos, séculos inteiros!” Uma semana inteira, pelo amor de Deus, ah, mas você estava há apenas quatro dias, na quarta-feira. Você está indo até Lise, tenho certeza que queria ir até ela na ponta dos pés para que eu não ouvisse. Caro, querido Alexey, Fedorovich, se você soubesse o quanto ela me preocupa! Mas isso vem depois. Isso é o mais importante, mas isso vem depois. Caro Alexey Fedorovich, confio totalmente em você com minha Liza. Após a morte do Ancião Zosima, que Deus tenha sua alma! (ela se persignou), depois dele eu olho para você como um monge do esquema, embora você use bem seu terno novo. Onde você conseguiu esse alfaiate aqui? Mas não, não, isso não é o principal, isso é depois. Perdoe-me que às vezes eu te chame de Alyosha, sou uma velha, tudo me é permitido”, ela sorriu coquetemente, “mas isso também é mais tarde”. O principal é que eu não me esqueça do principal. - Por favor, lembre-me você mesmo, assim que eu começar a falar, você diz: “e o principal?” Oh, por que eu sei o que é importante agora! - Já que Lise retirou de você sua promessa - sua promessa de infância, Alexey Fedorovich - de se casar com você, então você, é claro, percebeu que tudo isso era apenas uma fantasia infantil e lúdica de uma menina doente que estava sentada em uma poltrona por um muito tempo - glória Deus, ela está andando agora. Este novo médico, que Katya encomendou de Moscou para esse seu infeliz irmão, que amanhã... Bem, e amanhã! Estou morrendo só de pensar no amanhã! O principal é a curiosidade... Em uma palavra, esse médico esteve conosco ontem e viu Lise... Paguei-lhe cinquenta rublos pela visita. Mas isto não é a mesma coisa, novamente não é a mesma coisa... Veja, estou completamente perdido agora. Estou com pressa. Por que estou com pressa? Não sei. Sou péssimo por não saber agora. Para mim, tudo estava misturado em uma espécie de caroço. Tenho medo de que você simplesmente pule de dentro de mim de tédio, e eu só vi você. Oh meu Deus! Por que estamos sentados, e antes de mais nada, café, Yulia, Glafira, café!

Aliocha agradeceu-lhe apressadamente e anunciou que estava apenas tomando café.

- Quem?

- Na casa de Agrafena Alexandrovna.

- Essa... essa mulher tem isso! Ah, foi ela quem arruinou todo mundo, mas não sei, dizem que ela virou santa, embora já fosse tarde demais. Teria sido melhor antes, quando foi necessário, mas agora, de que adianta? Fique quieto, fique quieto. Alexey Fedorovich, porque quero tanto dizer que parece que não vou dizer nada. Este processo terrível... Com certeza irei, estou me preparando, eles vão me carregar nas cadeiras, e ao mesmo tempo eu posso sentar, vai ter gente comigo, e você sabe, porque eu sou uma testemunha. Como vou falar, como vou falar! Não sei o que direi. Você tem que fazer um juramento, certo?

- Sim, mas não creio que seja possível você aparecer.

- Posso sentar; ah, você está me confundindo! Esse processo, esse ato selvagem, e aí todo mundo vai para a Sibéria, outros se casam, e tudo isso rápido, rápido, e tudo muda, e finalmente nada, todos os velhos ficam olhando para o caixão. Bem, deixe estar, estou cansado. Essa Katya é uma pessoa charmosa, ela destruiu todas as minhas esperanças: agora ela seguirá um de seus irmãos para a Sibéria, e seu outro irmão a seguirá e morará em uma cidade vizinha, e todos vão atormentar uns aos outros. Isso me deixa louco e, o mais importante, essa publicidade: foi escrita um milhão de vezes sobre ela em todos os jornais de São Petersburgo e Moscou. Ah, sim, imagine, e eles escreveram sobre mim que eu era o “querido amigo” do seu irmão, não quero dizer uma palavra desagradável, imagine, bem, imagine!

- Isso não pode ser! Onde e como eles escreveram isso?

- Vou te mostrar agora. Recebi ontem e li ontem. Aqui no jornal Rumours, de São Petersburgo. Esses Rumores começaram a ser publicados este ano, adoro boatos, me inscrevi e fiquei surpreso: foi assim que acabaram sendo os boatos. Aqui, neste lugar, leia.

E ela entregou a Aliocha um pedaço de jornal que estava debaixo do travesseiro.

Ela não estava apenas chateada, ela estava de alguma forma quebrada e talvez tudo em sua cabeça tivesse realmente se enrolado em uma bola. A notícia do jornal era muito característica e, claro, deveria ter causado um efeito muito delicado nela, mas, felizmente, talvez, ela não conseguiu se concentrar em um ponto naquele momento e, portanto, em um minuto ela poderia até esquecer o jornal e pule completamente para outro. Alyosha sabia há muito tempo que a notícia do terrível julgamento já havia se espalhado por toda a Rússia e, meu Deus, que notícias e correspondências malucas ele conseguiu ler durante esses dois meses, entre outras notícias verdadeiras, sobre seu irmão, sobre o Karamazovs em geral e até sobre mim. Um jornal chegou a dizer que, por medo do crime do irmão, ele riu e se calou; em outro, eles refutaram isso e escreveram, pelo contrário, que ele e seu Zósima mais velho invadiram o camarote do mosteiro e “fugiram do mosteiro”. A notícia atual no jornal Rumores intitulava-se: “De Skotoprigonyevsk (infelizmente, esse é o nome da nossa cidade, escondi o nome durante muito tempo) ao julgamento de Karamazov”. Foi curto e nada foi mencionado diretamente sobre a Sra. Khokhlakova e, de fato, todos os nomes foram ocultados. Foi relatado apenas que o criminoso que agora iriam julgar com tantas travessuras, um capitão aposentado do exército, um sujeito atrevido, um preguiçoso e dono de servos, estava constantemente envolvido em assuntos de cupido e influenciou especialmente algumas “senhoras entediadas na solidão .” Uma dessas senhoras entre as “viúvas entediadas”, que estava ficando mais jovem, embora já tivesse uma filha adulta, foi tão seduzida por ele que apenas duas horas antes do crime lhe ofereceu três mil rublos para que ele corresse imediatamente com ela para as minas de ouro. Mas o vilão preferiu matar seu pai e roubar-lhe exatamente três mil, na esperança de fazê-lo impunemente, do que arrastar-se para a Sibéria com os encantos de quarenta anos de sua entediada senhora. Esta correspondência lúdica, como deveria, terminou com nobre indignação sobre a imoralidade do parricídio e da antiga servidão. Eu li com curiosidade. Alyosha dobrou o pedaço de papel e devolveu-o à Sra. Khokhlakova.

- Bem, por que não eu? - ela balbuciou novamente, “sou eu, estou oferecendo minas de ouro a ele há quase uma hora e de repente “encantos de quarenta anos”! Por que eu deveria então? Ele fez isso de propósito! Perdoe-o, o eterno juiz, pelos quarenta anos de encantos, assim como eu o perdôo, mas este... você sabe quem é este? Este é seu amigo Rakitin.

“Talvez”, disse Alyosha, “embora eu não tenha ouvido nada”.

- Ele, ele, mas não pode ser! Afinal, eu o expulsei... Afinal, você conhece a história toda?

"Eu sei que você o convidou para não visitá-lo no futuro, mas para quê exatamente - foi isso que eu... pelo menos não ouvi de você."

- Então eles ouviram falar dele! Por que ele está me repreendendo, me repreendendo tanto?

- Sim, ele repreende, mas repreende todo mundo. Mas por que você o recusou? Eu nem tive notícias dele. E, em geral, raramente o encontro agora. Não somos amigos.

- Bem, então vou revelar tudo isso para você e, não há nada a fazer, vou me arrepender, porque há uma característica pela qual eu mesmo posso ser o culpado. Apenas uma linha muito pequena, a menor, então talvez nem esteja lá. Veja, minha querida (a Sra. Khokhlakova de repente assumiu uma aparência meio brincalhona, e um sorriso doce, embora misterioso, brilhou em seus lábios), veja, eu suspeito... você vai me perdoar, Alyosha, eu sou como um mãe para você... ah, não, não, pelo contrário, agora me aproximo de você como se fosse meu pai... porque minha mãe não vem aqui de jeito nenhum... Bom, é como ir ao Elder Zósima em confissão, e isso é o mais verdadeiro, isso é muito adequado: acabei de chamá-lo de monge do esquema, - bem, então este pobre jovem, seu amigo Rakitin (oh, Deus, eu simplesmente não posso ficar com raiva de ele! estou com raiva e com raiva, mas não muito), enfim, esse jovem frívolo, de repente, imagine, ao que parece, ele colocou na cabeça se apaixonar por mim. Percebi isso mais tarde, então apenas de repente, mas a princípio, claro. há cerca de um mês ele começou a me visitar com mais frequência, quase todos os dias, embora já nos conhecêssemos antes. Não sei de nada... e de repente me ocorreu e comecei, para minha surpresa, a notar. Você sabe, há dois meses comecei a aceitar este jovem modesto, doce e digno, Pyotr Ilyich Perkhotin, que serve aqui. Você já o conheceu tantas vezes. E não é verdade, ele é digno e sério. Ele vem uma vez a cada três dias, e não todos os dias (embora até todos os dias), e está sempre tão bem vestido, e em geral eu adoro os jovens, Alyosha, talentoso, modesto, assim como você, e ele tem quase um estadista mente, ele Ele diz tão docemente, e eu certamente, definitivamente perguntarei por ele. Este é um futuro diplomata. Naquele dia terrível, ele quase me salvou da morte vindo até mim à noite. Pois bem, seu amigo Rakitin sempre vem com essas botas e as estende no tapete... enfim, ele até começou a me sugerir uma coisa, e de repente um dia, quando estava saindo, apertou minha mão com muita força. Ele tinha acabado de apertar minha mão quando de repente minha perna doeu. Ele já conheceu Piotr Ilitch comigo antes e, acredite, ele continua esbofeteando-o, esbofeteando-o e gritando com ele por alguma coisa. Eu apenas vejo os dois se unindo e rindo por dentro. De repente, estou sentado sozinho, ou seja, não, eu já estava deitado então, de repente estava deitado sozinho, Mikhail Ivanovich vem e, imagine, traz seus poemas, os mais curtos, para minha perna dolorida, ou seja, descreveu minha perna dolorida em poesia, Espere, assim:

Essa perna, essa perna

Fiquei um pouco enjoado... ou algo assim, - simplesmente não consigo me lembrar dos poemas, - eu os tenho aqui, - bem, vou te mostrar mais tarde, é simplesmente adorável, adorável, e, você sabe, não apenas sobre a perna, mas também moral, com uma ideia linda, mas esqueci, enfim, direto no álbum. Bem, é claro que agradeci e ele ficou obviamente lisonjeado. Antes que eu tivesse tempo de agradecê-lo, Piotr Ilyich entrou de repente e Mikhail Ivanovich franziu a testa como a noite. Já posso ver que Piotr Ilitch interferiu de alguma forma com ele, porque Mikhail Ivanovich certamente queria dizer alguma coisa agora depois dos poemas, tive um pressentimento e Piotr Ilitch entrou. De repente, mostro poemas a Pyotr Ilyich e nem digo quem os escreveu. Mas tenho certeza, tenho certeza de que agora ele adivinhou, embora ainda não admita, mas diz que não adivinhou; mas ele fez isso de propósito. Piotr Ilyich imediatamente caiu na gargalhada e começou a criticar: - poemas inúteis, diz ele, algum seminarista escreveu - sim, você sabe, com tanta paixão, com tanta paixão! Então seu amigo, em vez de rir, de repente ficou completamente furioso... Senhor, pensei que eles fossem brigar: “Eu escrevi isso”, diz ele. Escrevi isso de brincadeira, diz ele, porque considero uma falta de educação escrever poesia... Só os meus poemas são bons. Eles querem erguer um monumento ao seu Pushkin para suas pernas femininas, mas eu tenho uma direção, e você mesmo, diz ele, é dono de um servo; você, diz ele, não tem humanidade, não sente nenhum dos atuais sentimentos iluminados, o desenvolvimento não tocou você, você, diz ele. oficial e você aceita subornos! Nesse ponto comecei a gritar e implorar. E Piotr Ilyich, você sabe, não é tão tímido, e de repente assumiu o tom mais nobre: ​​olha para ele com zombaria, escuta e pede desculpas: “Eu não sabia”, diz ele. Se eu soubesse, não o diria, elogiaria-o, diz ele... Os poetas, diz ele, são todos tão irritadiços”... Numa palavra, tanto ridículo sob o disfarce do tom mais nobre. Foi ele mesmo quem mais tarde me explicou que tudo aquilo era ridículo, mas achei que ele estava falando sério. Só que de repente estou mentindo, como estou agora na sua frente, e pensando: será ou não nobre se eu de repente expulsar Mikhail Ivanovich por gritar indecentemente com meu convidado em minha casa? E você pode acreditar: estou deitado aí, fechei os olhos e estou pensando: será nobre ou não, e não consigo decidir, e estou atormentado, atormentado, e meu coração está espancamento: devo gritar ou não gritar? Uma voz diz: grite, e a outra diz: não, não grite! Assim que essa outra voz falou, de repente gritei e desmaiei. Bem, é claro que há barulho. De repente, levanto-me e digo a Mikhail Ivanovich: lamento dizer-lhe, mas não quero mais recebê-lo em minha casa. Então ela me expulsou. Ah, Alexei Fedorovich! Eu mesmo sei que fiz algo ruim, continuei mentindo, não fiquei nem um pouco bravo com ele, mas de repente, o mais importante, de repente, me pareceu que seria tão bom, essa cena... Mas acredite em mim , essa cena ainda era natural, porque eu até comecei a chorar, depois chorei vários dias, e de repente depois do almoço esqueci tudo. Então ele parou de vir há duas semanas e eu fico pensando: será mesmo possível que ele nem venha? Foi ontem e, de repente, à noite, surgiram esses rumores. Eu li e engasguei, bem, quem escreveu, ele escreveu, depois voltou para casa, sentou-se e escreveu; Enviei e foi impresso. Afinal, está assim há duas semanas. Só que, Alyosha, o que estou dizendo é terrível e não estou falando sobre o que preciso falar? Ah, isso diz tudo!

“Hoje eu realmente preciso chegar na hora para ver meu irmão”, murmurou Alyosha.

- Exatamente, exatamente! Você me lembrou de tudo! Ouça, o que é afeto?

- Que efeito? - Aliocha ficou surpreso.

— Afeto judicial. O tipo de afeto pelo qual todos perdoam. Faça o que fizer, agora você será perdoado.

- O que você está falando?

- Mas sobre isso: essa Katya... Ah, essa criatura meiga, meiga, mas eu simplesmente não sei por quem ela está apaixonada. Recentemente ela sentou-se comigo e eu não consegui arrancar nada dela. Além disso, ela mesma agora começa comigo de forma tão superficial, enfim, tudo sobre minha saúde e nada mais, e até toma esse tom, e eu disse para mim mesmo: bem, que assim seja, bem, Deus te abençoe... Ah, sim, bem, então este é o efeito: este médico chegou. Você sabe que o médico chegou? Bom, como você pode não saber quem reconhece os malucos, foi você quem os dispensou, ou seja, não você, mas Katya. Tudo Katya! Bem, veja bem: um homem sentado ali não é nem um pouco louco, mas de repente ele sente um efeito. Ele se lembra de si mesmo e sabe o que está fazendo, mas ainda assim está em um estado emocional. Bem, provavelmente houve alguma influência com Dmitry Fedorovich. É como se eles abrissem novos tribunais e agora soubessem do ataque. Este é o benefício dos novos navios. Este médico estava lá e me perguntou sobre aquela noite, sobre as minas de ouro: como ele era naquela época? Como ele poderia não se afetar: ele veio e gritou: dinheiro, dinheiro, três mil, me dá três mil, e aí ele foi e de repente matou. Não quero, ele diz, não quero matar, e de repente ele matou. É por isso mesmo que o perdoarão, que ele resistiu e matou.

“Mas ele não matou”, Alyosha interrompeu um pouco bruscamente. A ansiedade e a impaciência o dominavam cada vez mais.

“Eu sei, foi aquele velho Grigory quem matou...

- Como está Gregório? - Aliócha gritou.

- Ele, ele, este é Gregory. Dmitry Fedorovich bateu nele, ele ficou ali deitado, depois se levantou, viu a porta aberta, foi e matou Fedor Pavlovich.

- Por que, por que?

- E tive uma reação. Quando Dmitry Fedorovich bateu na cabeça dele, ele acordou e foi afetado, foi e o matou. E o que ele mesmo diz, que não matou, talvez não se lembre. Basta ver: seria melhor, muito melhor, se Dmitry Fedorovich matasse. Sim, foi assim, embora eu diga que é Grigory, mas provavelmente é Dmitry Fedorovich, e isso é muito, muito melhor! Ah, não é porque é melhor que o filho tenha matado o pai, não estou elogiando, os filhos, pelo contrário, deveriam honrar os pais, mas é melhor ainda se for ele, porque aí você não tem o que chorar, já que ele matou ele mesmo sem lembrar, ou melhor, lembrando de tudo, mas sem saber como isso aconteceu com ele. Não, deixe-os perdoá-lo; isso é tão humano, e para que eles possam ver o benefício dos novos tribunais, mas eu nem sabia, mas dizem que isso já acontece há muito tempo, e quando descobri ontem, me impressionou muito que eu imediatamente quis mandar chamar você; e então, se eles o perdoarem, ele virá direto do tribunal para jantar comigo, e eu ligarei para meus amigos e beberemos para novos julgamentos. Não acho que ele seja perigoso, além disso, vou convidar muitos convidados, então ele sempre pode ser retirado se fizer alguma coisa, e aí ele pode ser juiz de paz em algum lugar de outra cidade ou algo assim, porque aqueles Aqueles que sofreram infortúnios julgam melhor a todos. E o mais importante, quem não está com vontade agora, você, eu, todo mundo está com vontade, e quantos exemplos: um homem está sentado, cantando um romance, de repente ele não gostou de alguma coisa, pegou uma arma e matou alguém , e então todos o perdoam. Li recentemente isso e todos os médicos confirmaram. Os médicos agora estão confirmando tudo. Pelo amor de Deus, estou afetando a Lise, ontem mesmo chorei por causa dela, chorei três dias e hoje percebi que isso é apenas um efeito nela. Boi, Lise me deixa tão triste! Acho que ela é completamente louca. Por que ela ligou para você? Ela ligou para você ou você mesmo foi até ela?

“Sim, ela ligou, e eu irei até ela agora”, Alyosha levantou-se decididamente.

“Oh, querido, querido Alexey Fedorovich, isso pode ser a coisa mais importante”, gritou a Sra. Khokhlakova, de repente começando a chorar. "Deus vê que eu sinceramente confio em Lise em você, e está tudo bem que ela ligou para você secretamente da mãe dela." Mas Ivan Fedorovich, seu irmão, me perdoe, não posso confiar tanto em minha filha, embora continue a considerá-lo o jovem mais cavalheiresco. Imagine, de repente ele estava na casa de Lise e eu não sabia de nada sobre isso.

- Como? O que? Quando? - Alyosha ficou terrivelmente surpreso. Ele não se sentou mais e ouviu em pé.

“Vou te contar, talvez seja por isso que liguei para você, porque nem sei por que liguei para você.” Aqui está o que: Ivan Fedorovich me visitou apenas duas vezes ao retornar de Moscou, a primeira vez ele veio me visitar como um conhecido, e a outra vez, recentemente, Katya estava sentada comigo, e ele entrou quando descobriu que ela estava comigo. Eu, claro, não fingi ter suas visitas frequentes, sabendo quantos problemas ele já tem agora, vous comprenez, cette affaire et la mort terrível de votre papa, só de repente descubro que ele estava de novo, só que não comigo , e na casa da Lise já faz seis dias, ele veio, sentou cinco minutos e saiu. E descobri isso três dias inteiros depois pela Glafira, então de repente me chocou. Ligo imediatamente para Lise e ela ri: ele, dizem, achou que você estava dormindo e veio me perguntar sobre sua saúde. Claro que foi. Só Lise, Lise, ah, meu Deus, como ela me deixa triste! Imagine, de repente, uma noite com ela - isso foi há quatro dias, agora depois da última vez que você esteve e saiu - de repente com ela à noite ela teve um ataque, gritou, guinchou, histeria! Por que nunca tenho histeria? Aí no dia seguinte houve uma convulsão, e depois no terceiro dia, e ontem, e ontem esse ataque. E de repente ela grita para mim: “Odeio Ivan Fedorovich, exijo que você não o aceite, que lhe recuse a casa!” Fiquei atordoado com tamanha surpresa e me opus a ela: por que diabos eu recusaria um jovem tão digno e, além disso, com tanto conhecimento e tanta desgraça, porque afinal todas essas histórias são de infortúnio, não de felicidade, não são eles? ? De repente, ela começou a rir das minhas palavras, e então, você sabe, de forma ofensiva. Bem, estou feliz, acho que a fiz rir, e os ataques agora vão passar, especialmente porque eu mesmo queria recusar visitas estranhas a Ivan Fedorovich sem meu consentimento e exigir uma explicação. Só que de repente esta manhã Lisa acordou e ficou com raiva de Yulia e, imagine, bateu no rosto dela com a mão. Mas isso é monstruoso, estou com minhas garotas em você. E de repente, uma hora depois, ela abraça e beija os pés de Julia. Ela me mandou dizer que não viria até mim de jeito nenhum e nunca mais queria vir até mim no futuro, e quando me arrastei até ela, ela correu para me beijar e chorar e me beijou e me empurrou para fora, sem dizer uma palavra, então não fiz nada e não reconheci. Agora, querido Alexei Fedorovich, todas as minhas esperanças estão em você e, claro, o destino de toda a minha vida está em suas mãos. Só peço que você vá até a Lise, descubra tudo com ela, pois você é o único que sabe fazer isso, e venha contar para mim, para mim, para sua mãe, porque, você entende, eu vou morrer, vou simplesmente morro se tudo isso continuar, ou fugirei de casa. Não aguento mais, tenho paciência, mas posso perder, e aí... e aí vão ter horrores. Oh, meu Deus, finalmente Pyotr Ilitch! - gritou a Sra. Khokhlakova, radiante de repente, ao ver Pyotr Ilyich Perkhotin entrando. - Estamos atrasados, estamos atrasados! Bem, sente-se, converse, decida seu destino, e esse advogado? Onde você está indo, Alexei Fedorovich?

- Estou visitando Lise.

- Oh sim! Então você não vai esquecer, não vai esquecer o que eu pedi para você fazer? Aqui está o destino, destino!

“Claro que não esquecerei, se possível... mas estou muito atrasado”, murmurou Alyosha, recuando rapidamente.

- Não, provavelmente, entre definitivamente, e não “se puder”, senão eu morrerei! - gritou a Sra. Khokhlakova atrás dele, mas Alyosha já havia saído da sala.

III. Diabrete

Ao entrar em Lisa, ele a encontrou reclinada em sua antiga cadeira, na qual foi carregada quando ainda não conseguia andar. Ela não se moveu para encontrá-lo, mas seu olhar penetrante e penetrante o encarou. O olhar estava um tanto inflamado, o rosto estava amarelo pálido. Alyosha ficou surpreso ao ver como ela mudou em três dias, até perdendo peso. Ela não estendeu a mão para ele. Ele mesmo tocou seus dedos finos e longos, que permaneciam imóveis em seu vestido, e depois sentou-se silenciosamente em frente a ela.

“Eu sei que você está com pressa para ir para a prisão”, disse Lisa bruscamente, “e sua mãe deteve você por duas horas, e agora ela lhe contou sobre mim e Yulia”.

- Por que você sabia? - perguntou Aliócha.

- Eu escutei. Por que você está olhando para mim? Eu quero escutar e faço isso, não há nada de errado com isso. Eu não peço perdão.

—Você está chateado com alguma coisa?

— Pelo contrário, estou muito feliz. Agora mesmo eu estava pensando de novo, pela trigésima vez: que bom que eu te recusei e não serei sua esposa. Você não serve para ser marido: vou me casar com você, e de repente vou te dar um bilhete para levar para quem eu amo depois de você, você vai pegar e com certeza vai pegar, e até trazer uma resposta. E quarenta anos chegarão até você, e você ainda carregará minhas anotações assim.

De repente ela riu.

“Há algo maligno e ao mesmo tempo algo simplório em você”, Alyosha sorriu para ela.

“O simples é que não tenho vergonha de você.” Não só não tenho vergonha, como não quero ter vergonha, só na sua frente, só você. Alyosha, por que eu não respeito você? Eu te amo muito, mas não te respeito. Se ela me respeitasse, ela não falaria sem vergonha, certo?

- Então.

- Você acredita que não tenho vergonha de você?

- Não, não acredito.

Lisa riu nervosamente de novo; ela falou rápido, rápido.

“Mandei alguns doces para o seu irmão Dmitry Fedorovich para a prisão.” Alyosha, você sabe como você é fofo! Eu vou te amar terrivelmente porque você rapidamente permitiu que eu não te amasse.

- Por que você me ligou hoje, Lise?

- Queria te contar um dos meus desejos. Quero que alguém me atormente, case comigo, e depois me atormente, me engane, vá embora e vá embora. Eu não quero ser feliz!

- Você gosta do caos?

- Ah, eu quero o caos. Ainda quero colocar fogo na casa. Imagino como seria para mim subir e acendê-lo lentamente, definitivamente lentamente. Eles apagam, mas queima. Mas eu sei, mas estou em silêncio. Ah, bobagem! E que chato!

Ela acenou com a mão em desgosto.

“Você vive ricamente”, disse Alyosha calmamente.

-É melhor ser pobre?

- Melhorar.

“Seu falecido monge lhe contou isso.” Isto não é verdade. Mesmo que eu seja rico e todos sejam pobres, comerei doces e tomarei creme, mas não darei a ninguém. Ah, não diga, não diga nada (ela acenou com a mão, embora Aliocha não tenha aberto a boca), você já me contou tudo isso antes, eu sei tudo de cor. Tedioso. Se eu for pobre, matarei alguém, e se for rico, talvez matarei alguém, por que ficar sentado! Você sabe, eu quero colher, colher centeio. Eu vou casar com você e você vira homem, um homem de verdade, temos um potro, você quer? Você conhece Kalganov?

- Eu sei.

- Ele anda e sonha. Ele diz: por que viver de verdade, é melhor sonhar. Você pode sonhar mais divertido, mas a vida é chata. Mas ele mesmo vai se casar em breve, já me declarou seu amor. Você sabe como abaixar um Kubari?

- Eu posso.

“Ele é como uma pessoa de ponta-cabeça: envolva-o e solte-o e chicoteie-o, chicoteie-o, chicoteie-o com um chicote: vou me casar com ele, vou rebaixá-lo por toda a minha vida.” Você não tem vergonha de sentar comigo?

- Não.

“Você está com muita raiva porque não estou falando sobre coisas sagradas.” Eu não quero ser um santo. O que eles farão no próximo mundo pelo maior pecado? Você deveria saber disso exatamente.

“Deus julgará”, Alyosha olhou para ela atentamente.

- É assim que eu quero. Eu teria vindo, e eles teriam me condenado, e de repente eu teria rido na frente deles. Quero muito colocar fogo na casa, Alyosha, na nossa casa, vocês não acreditam em mim?

- Por que? Tem até criança de doze anos que quer muito acender alguma coisa e acende. É como uma doença.

- Não é verdade, não é verdade, que haja filhos, mas não é disso que estou falando.

“Você considera o mal pelo bem: esta é uma crise momentânea, sua doença anterior pode ser a culpada por isso.”

- Mas você ainda me despreza! Só não quero fazer o bem, quero fazer o mal, e aqui não há doença.

- Por que fazer o mal?

- E para que não fique nada em lugar nenhum. Oh, como seria bom se não sobrasse nada! Você sabe, Alyosha, às vezes penso em fazer muita maldade e tudo que é desagradável, e farei isso silenciosamente por um longo tempo, e de repente todos descobrirão. Todos vão me cercar e apontar o dedo para mim, e eu olharei para todos. É muito bom. Por que isso é tão bom, Alyosha?

- Então. A necessidade de esmagar algo bom ou, como você disse, de acendê-lo. Isso também acontece.

“Não é apenas o que eu disse, eu farei isso.”

- Eu acredito.

- Ah, como eu te amo pelo que você diz: eu acredito. E você não está mentindo de jeito nenhum. Ou talvez você pense que estou fazendo tudo isso de propósito para provocar você?

- Não, acho que não... embora talvez haja um pouco dessa necessidade.

- Há um pouco. “Eu nunca vou mentir para você”, disse ela com os olhos brilhando com algum tipo de luz.

Alyosha ficou mais impressionado com sua seriedade: nem uma sombra de riso ou brincadeira estava agora em seu rosto, embora antes a alegria e a brincadeira não a abandonassem em seus momentos mais “sérios”.

“Há momentos em que as pessoas adoram o crime”, disse Aliocha, pensativo.

- Sim, sim! Você disse o que pensei, eles amam, todo mundo ama, e eles sempre amam, e não apenas por “minutos”. Você sabe, é como se todos concordassem em mentir e todos estivessem mentindo desde então. Todo mundo diz que odeia o mal, mas secretamente todo mundo adora.

- Vocês ainda leem livros ruins?

- Estou lendo. Mamãe lê e esconde debaixo do travesseiro, e eu roubo.

- Como você não tem vergonha de se destruir?

- Eu quero me destruir. Há um menino aqui, ele estava deitado sob os trilhos quando os vagões passavam acima dele. Sortudo! Ouça, agora seu irmão está sendo julgado por matar o pai, e todo mundo adora que ele tenha matado o pai.

- Eles amam ter matado o pai?

- Eles adoram, todo mundo adora! Todo mundo diz que é terrível, mas secretamente eles amam muito. Eu te amo primeiro.

“Há alguma verdade em suas palavras sobre todos”, disse Alyosha calmamente.

- Oh, que pensamentos você tem! - Lisa gritou de alegria, - isto é do monge! Você não vai acreditar no quanto eu respeito você, Alyosha, porque você nunca mente. Ah, vou te contar um sonho engraçado meu: às vezes nos meus sonhos eu sonho com demônios, como se fosse noite, estou no meu quarto com uma vela, e de repente há demônios por toda parte, em todos os cantos, e sob a mesa, e as portas se abrem, e há uma multidão deles atrás das portas e eles querem entrar e me agarrar. E eles já estão vindo, estão agarrando. E de repente eu me persigno, e todos voltam, ficam com medo, mas não vão embora completamente, mas ficam na porta e nos cantos, esperando. E de repente eu realmente quero começar a repreender Deus em voz alta, então eu começo a repreender, e de repente eles vêm em uma multidão até mim novamente, eles estão tão felizes, então eles me agarram de novo, e de repente eu me persigno novamente - e todos eles vão voltar. Terrivelmente divertido, o espírito congela.

“E eu tive o mesmo sonho”, disse Alyosha de repente.

- Realmente? - Lisa gritou de surpresa. “Escute, Alyosha, não ria, isso é terrivelmente importante: é possível que duas pessoas diferentes tenham o mesmo sonho?”

- Isso mesmo, é possível.

“Alyosha, estou lhe dizendo, isso é terrivelmente importante”, Lisa continuou com uma espécie de surpresa excessiva. “Não é o sonho que importa, mas o fato de que você poderia ter tido o mesmo sonho que eu.” Você nunca mente para mim, não minta para mim agora: é verdade? Você não está rindo?

- É verdade.

Lisa ficou terrivelmente surpresa com alguma coisa e ficou em silêncio por meio minuto.

“Alyosha, venha até mim, venha até mim com mais frequência”, disse ela de repente com uma voz suplicante.

“Eu sempre irei até você durante toda a minha vida”, respondeu Alyosha com firmeza.

“Estou contando a você sozinho”, Lisa começou novamente. “Estou contando sozinho para mim mesmo e até para você.” Você sozinho no mundo inteiro. E com mais boa vontade para você do que digo a mim mesmo. E não tenho vergonha de você. Alyosha, por que não tenho vergonha de você? Alyosha, é verdade que os judeus sequestram e massacram crianças na Páscoa?

- Não sei.

- Aqui eu tenho um livro, li sobre algum tipo de julgamento em algum lugar, e que um judeu primeiro cortou todos os dedos de um menino de quatro anos em ambas as mãos, e depois o crucificou na parede, pregou-o e crucificou-o ele, e então no julgamento ele disse que o menino morreu logo, depois de quatro horas. Eka em breve! Ele diz: ele gemeu, ele continuou gemendo, e ele ficou de pé e o admirou. Isso é bom!

- Multar?

- Multar. Às vezes penso que me crucifiquei. Ele fica pendurado e geme, e eu vou sentar na frente dele e comer compota de abacaxi. Eu realmente adoro compota de abacaxi. Você ama?

Alyosha ficou em silêncio e olhou para ela. Seu rosto amarelo pálido de repente ficou distorcido, seus olhos brilharam.

“Sabe, quando li isso sobre o judeu, fiquei tremendo e chorando a noite toda.” Imagino como uma criança grita e geme (afinal, meninos de quatro anos entendem), e esse pensamento sobre compota não fica atrás de mim. De manhã enviei uma carta para uma pessoa para que ela definitivamente viesse até mim. Ele veio, e de repente eu contei a ele sobre o menino e sobre a compota, contei tudo, tudo, e disse que “isso é bom”. De repente, ele riu e disse que isso era muito bom. Então ele se levantou e saiu. Fiquei sentado apenas por cinco minutos. Ele me desprezou, me desprezou? Diga-me, diga-me, Alyosha, ele me desprezou ou não? — ela se endireitou no sofá, os olhos brilhando.

“Diga-me”, disse Alyosha entusiasmado, “você mesmo ligou para ele, este homem?”

- Ela mesma.

— Você mandou uma carta para ele?

- Carta.

- Na verdade, pergunte sobre isso, sobre a criança?

- Não, não é sobre isso, de jeito nenhum. E como ele entrou, foi o que perguntei agora. Ele atendeu, riu, levantou-se e saiu.

“Este homem tratou você honestamente”, disse Alyosha calmamente.

- Você me desprezou? Você riu?

- Não, porque talvez ele mesmo acredite em compota de abacaxi. Ele também está muito doente agora. Lise.

- Sim, ele acredita! — Os olhos de Lisa brilharam.

“Ele não despreza ninguém”, continuou Alyosha. “Ele simplesmente não confia em ninguém.” Se ele não acredita, é claro que ele despreza.

- Então eu também? meu?

- E você.

“Isso é bom,” Lisa disse de alguma forma. “Quando ele saiu e riu, senti que era bom ser desprezado. E um menino com os dedos cortados é bom, e é bom ser desprezado...

E ela de alguma forma riu com raiva e inflamação nos olhos de Alyosha.

- Sabe, Alyosha, você sabe, eu gostaria... Alyosha, me salve! - Ela de repente pulou do sofá, correu até ele e agarrou-o com força com os braços. “Salve-me”, ela quase gemeu. “Vou contar a alguém no mundo o que contei a você?” Mas eu disse a verdade, a verdade, a verdade! Vou me matar porque tudo me dá nojo! Não quero viver porque tudo me é nojento! Tudo é nojento para mim, tudo é nojento! Alyosha, por que você não me ama! - ela terminou em frenesi.

- Não, eu te amo! - Alyosha respondeu calorosamente.

"Você vai chorar por mim, vai?"

- Eu vou.

- Não porque eu não queria ser sua esposa, mas só para chorar por mim, só?

- Eu vou.

- Obrigado! Eu só preciso de suas lágrimas. E que todos os outros me executem e me esmaguem, todos, todos, sem excluir ninguém. Porque eu não amo ninguém. Ouça, ninguém! Pelo contrário, eu odeio isso! Vá, Alyosha, é hora de você ver seu irmão! - ela de repente se separou dele.

- Como você vai ficar? - Alyosha disse quase com medo.

- Vá até o seu irmão, a prisão vai estar trancada, vá, aqui está o seu chapéu! Beije Mitya, vá, vá!

E ela quase empurrou Aliocha porta afora com força. Ele olhou com triste perplexidade, quando de repente sentiu uma carta em sua mão direita, uma carta pequena, firmemente dobrada e lacrada. Ele olhou e leu instantaneamente o endereço: Ivan Fedorovich Karamazov. Ele rapidamente olhou para Lisa. Seu rosto tornou-se quase ameaçador.

- Passe adiante, definitivamente passe adiante! - ordenou ela freneticamente, tremendo toda, - hoje, agora! Caso contrário, serei envenenado! Foi por isso que liguei para você!

E ela rapidamente bateu a porta. A trava clicou. Alyosha colocou a carta no bolso e foi direto para as escadas, sem ir até a Sra. Khokhlakova, esquecendo-se até dela. E Liza, assim que Aliocha saiu, desatarraxou imediatamente o trinco, abriu um pouco a porta, enfiou o dedo na fresta e, batendo a porta, pressionou-a com toda a força. Cerca de dez segundos depois, liberando a mão, ela caminhou silenciosamente e lentamente até a cadeira, sentou-se, endireitou-se e começou a olhar atentamente para o dedo enegrecido e para o sangue que escorria por baixo da unha. Seus lábios tremeram e ela rapidamente sussurrou para si mesma:

- Malvado, malvado, malvado, malvado!

4. Hino e segredo

Já era bastante tarde (e que lindo dia de novembro) quando Aliocha tocou a campainha no portão da prisão. Estava até começando a escurecer. Mas Aliocha sabia que lhe seria permitido ver Mítia sem impedimentos. Temos tudo isso em nossa cidade, como em qualquer outro lugar. No início, claro, após a conclusão de toda a investigação preliminar, o acesso a Mitya para reuniões com familiares e algumas outras pessoas ainda estava rodeado de algumas formalidades necessárias, mas posteriormente as formalidades não só enfraqueceram, mas para outras pessoas, pelo menos, que vieram para Mitya, de alguma forma algumas exceções se estabeleceram. Tanto que às vezes até encontros com um prisioneiro na sala designada aconteciam quase entre os quatro olhos. No entanto, havia muito poucas pessoas assim: apenas Grushenka, Alyosha e Rakitin. Mas o próprio policial Mikhail Makarovich foi muito favorável a Grushenka. O coração do velho estava pesado com o grito que ele lhe dirigiu em Mokroye. Então, tendo aprendido todo o assunto, ele mudou completamente de ideia sobre o assunto. E uma coisa estranha: embora estivesse firmemente convencido do crime de Mitya, desde o momento da sua prisão de alguma forma olhou para ele cada vez mais suavemente: “talvez ele tivesse uma boa alma, mas desapareceu como um sueco, da embriaguez e da desordem! ” O antigo horror foi substituído em seu coração por algum tipo de pena. Quanto a Aliocha, o policial o amava muito e o conhecia há muito tempo, e Rakitin, que mais tarde adquiriu o hábito de visitar o preso com frequência, era um dos conhecidos mais próximos do “jovem policial”. senhoras”, como ele as chamava, e se esfregava nelas todos os dias em casa. O diretor da prisão, um velho bem-humorado, embora um criado forte, dava aulas em casa. Alyosha, novamente, era um velho conhecido e zelador especial que adorava conversar com ele em geral sobre “sabedoria”. Ivan Fedorovich, por exemplo, o zelador não apenas respeitava, mas até temia, o mais importante, seus julgamentos, embora ele próprio fosse um grande filósofo, é claro, “tendo chegado a isso com sua própria mente”. Mas ele tinha uma simpatia invencível por Alyosha. No último ano, o velho tinha acabado de ler os evangelhos apócrifos e relatava constantemente suas impressões ao jovem amigo. Antes, eu até ia ao seu mosteiro e conversava com ele e com os hieromonges por horas a fio. Em suma, Aliocha, mesmo que chegasse atrasado à prisão, bastava ir ao diretor e o assunto estaria sempre resolvido. Além disso, todos na prisão, até ao último guarda, estavam habituados a Aliócha. A guarda, é claro, não constrangeu, se ao menos as autoridades tivessem permissão. Mitya sempre descia do armário quando era chamado ao local designado para as reuniões. Entrando na sala, Alyosha encontrou Rakitin, que já estava deixando Mitya. Ambos falaram alto. Mitya, ao se despedir dele, riu muito de alguma coisa e Rakitin pareceu resmungar. Rakitin, especialmente ultimamente, não gostou de conhecer Alyosha, quase não falava com ele e até se curvou com esforço. Ao ver Aliocha entrando, ele franziu especialmente as sobrancelhas e desviou o olhar, como se estivesse ocupado abotoando seu casaco grande e quente com gola de pele. Então ele imediatamente começou a procurar seu guarda-chuva.

“Algo que você não pode esquecer”, ele murmurou, só para dizer alguma coisa.

- Não se esqueça de mais nada! - Mitya brincou e imediatamente começou a rir de sua própria sagacidade. Rakitin instantaneamente explodiu.

“Você recomenda isso aos seus Karamazovs, seus servos, e não a Rakitin!” - ele gritou de repente, tremendo de raiva.

-O que você está fazendo? Eu estava brincando! - Mitya gritou, - ugh, droga! “Eles são todos assim”, ele se virou para Alyosha, acenando para Rakitin, que estava saindo rapidamente, “então ele estava sentado lá, rindo e alegre, e de repente ele ferveu!” Ele nem acenou com a cabeça para você, você estava realmente em desacordo? Por que você está tão atrasado? Eu não estava apenas esperando por você, mas desejando você a manhã toda. Bem, nada! Vamos conversar.

- Por que ele vem até você com tanta frequência? Você se tornou amigo dele ou o quê? - perguntou Alyosha, também acenando com a cabeça em direção à porta por onde Rakitin havia passado.

— Você se tornou amigo de Mikhail? Não, na verdade não. E por que, porco! Ele pensa que sou... um canalha. Eles também não entendem piadas - isso é o que importa neles. Eles nunca entenderão piadas. E está seco nas suas almas, plano e seco, tal como quando fui até à prisão e olhei para os muros da prisão. Mas um homem inteligente, inteligente. Bem, Alexey, agora minha cabeça sumiu!

Ele se sentou no banco e Alyosha sentou ao lado dele.

- Sim, amanhã é o julgamento. Bem, você não espera isso, irmão? - disse Alyosha com sentimento tímido.

- O que você está falando? - Mitya olhou para ele vagamente, - ah, você está falando sobre o julgamento! Bem, droga! Até agora, você e eu conversamos sobre ninharias, sobre esse julgamento, mas fiquei calado com você sobre o mais importante. Sim, amanhã é o julgamento, mas eu não falei do julgamento, que estava faltando minha cabeça. A cabeça não desapareceu, mas o que estava na cabeça desapareceu. Por que você está me olhando com tantas críticas na cara?

- Do que você está falando, Mitya?

- Ideias, ideias, é isso! Efika. O que é efíka?

-Efika? - Aliocha ficou surpreso.

- Sim, que tipo de ciência?

- Sim, tal ciência existe... só que... admito, não posso explicar que tipo de ciência é.

- Rakitin sabe. Rakitin sabe muito, maldito seja! Ele não se tornará um monge. Ele está indo para São Petersburgo. Lá, diz ele, no departamento de crítica, mas com nobreza de direção. Pois bem, pode trazer benefícios e construir uma carreira. Uau, eles são mestres de carreira! Maldita eficiência! Estou perdido, Alexey, sou um homem de Deus! Eu te amo mais. Meu coração treme por você, é isso. Como era Karl Bernard?

— Karl Bernard? - Alyosha ficou surpreso novamente.

- Não, Karl não, espere, ele mentiu: Claude Bernard. O que é isso? Química ou o quê?

“Este deve ser um cientista”, respondeu Aliocha, “só que, confesso a você, não poderei falar muito sobre ele”. Só ouvi, cientista, mas não sei qual.

“Bem, droga, eu também não sei”, jurou Mitya. “Algum tipo de canalha, provavelmente, e todo mundo é um canalha.” E Rakitin vai rastejar, Rakitin vai rastejar pela fenda e Bernard também. Uau, Bernardos! Muitos deles se multiplicaram!

- O que você tem? - Alyosha perguntou insistentemente.

“Ele quer escrever um artigo sobre mim, sobre o meu negócio, e assim começar a sua atuação na literatura, e é isso que ele está fazendo, ele mesmo explicou.” Ele quer algo com direção: “dizem que era impossível não matá-lo, ele foi devorado pelo meio ambiente”, e assim por diante, me explicou. Com um toque de socialismo, diz ele, será. Bem, droga, com sombra, com sombra, eu não me importo. Ele não gosta do irmão Ivan e também não gosta de você. Bem, eu não o afasto, porque ele é um homem inteligente. No entanto, sobe muito. Eu apenas disse a ele: “Os Karamazovs não são canalhas, mas filósofos, porque todos os verdadeiros russos são filósofos, e mesmo que você tenha estudado, você não é um filósofo, você fede”. Risos, tão cruelmente. E eu disse a ele: de thinkingbus non est disputandum,1 o tempero é bom? Pelo menos entrei no classicismo”, Mitya de repente começou a rir.

- Por que você desapareceu? Você acabou de dizer isso? - Aliócha interrompeu.

- Por que ele desapareceu? Hum! No fundo... se você pega tudo, você sente pena de Deus, é por isso!

- Que pena de Deus?

- Imagine: está aí nos nervos, na cabeça, ou seja, no cérebro esses nervos... (bom, malditos!) tem essas caudas, esses nervos têm cauda, ​​bom, e assim que tremem aí... ou seja, você vê, eu vou olhar uma coisa com os meus olhos, assim, e eles vão tremer, os rabos... e enquanto eles tremem, aí aparece a imagem, e não agora ela aparece, mas ali é algum momento, tal segundo vai passar, e tal momento aparece , ou seja, não um momento - dane-se o momento - mas uma imagem, isto é, um objeto, ou um incidente, bem, droga - é por isso que contemplo , e aí eu penso... porque eu tenho rabo de cavalo, e não porque eu tenho alma e que sou uma espécie de imagem e semelhança aí, tudo isso é bobagem. Irmão, Mikhail me explicou isso ontem, e isso realmente me queimou. Esta ciência é magnífica, Alyosha! Uma nova pessoa irá embora, eu entendo isso... Mas ainda assim, sinto pena de Deus!

“Bem, isso é bom”, disse Alyosha.

- Que pena de Deus! Química, irmão, química! Não há o que fazer, reverência, mexa-se um pouco, a química está chegando! Mas Rakitin não ama a Deus, nossa, ele não ama! Este é o ponto mais dolorido deles! Mas eles escondem isso. Eles mentem. Apresentando-se. “Então, você vai fazer isso no departamento de crítica?” Eu pergunto. “Bem, obviamente não vão”, diz ele, rindo. - “Mas como, eu pergunto, uma pessoa fica depois disso? Sem Deus e sem vida futura? Afinal, significa que agora tudo é permitido, tudo pode ser feito?” - “E você não sabia?” fala. Risos. - “Um homem inteligente, diz ele, pode fazer qualquer coisa, um homem inteligente sabe pegar lagostins, mas você, diz ele, matou e se meteu em encrencas, e está apodrecendo na prisão!” É isso que ele está me dizendo. Porco natural! Eu costumava expulsar esses caras, mas agora eu escuto. Ele diz muitas coisas sensatas. Ele também escreve com inteligência. Há cerca de uma semana ele começou a ler um artigo para mim, escrevi três linhas ali de propósito, espere, aqui mesmo.

Mitya, apressado, tirou um pedaço de papel do bolso do colete e leu:

“Para resolver esta questão é necessário antes de tudo colocar a sua personalidade em desacordo com a sua realidade.”

- Você entende ou não?

“Não, não entendo”, disse Alyosha.

Ele olhou para Mitya com curiosidade e o ouviu.

- E eu não entendo. Escuro e pouco claro, mas inteligente. “Todo mundo, diz ele, escreve assim agora, porque o meio ambiente é assim”... Eles têm medo do meio ambiente. Ele também escreve poesia, o canalha, cantou sobre a perna de Khokhlakova, xa-xa-xa!

“Eu ouvi”, disse Alyosha.

- Ouviu? Você já ouviu as rimas?

- Não.

- Eu os tenho, aqui, vou lê-los. Você não sabe, eu não te contei, tem toda uma história aqui. Por conta própria! Há três semanas ele decidiu me provocar: “Aqui, ele diz, você gastou três mil como um tolo, e eu pegarei cem e quinhentos deles, casarei com uma viúva e comprarei uma casa de pedra em St. Petersburgo.” E ele me disse que estava construindo galinhas para Khokhlakova, e ela não era inteligente desde muito jovem, mas aos quarenta anos decidiu ser completamente inteligente. “Sim, ela é muito sensível, ela diz, então vou acabar com ela com isso. Vou me casar, levá-la para São Petersburgo e depois começarei a publicar um jornal lá.” E ele tem uma saliva tão desagradável e voluptuosa nos lábios - não saliva para Khokhlakova, mas para aqueles cento e cinquenta mil. E ele me garantiu, ele me garantiu; Todo mundo vem até mim, todo dia: ele cede, ele fala. Ele sorriu de alegria. E de repente ele foi expulso: Pyotr Ilyich Perkhotin assumiu, muito bem! Ou seja, ele teria beijado esse idiota por afastá-lo! Então ele veio me ver e compôs esses poemas. “Pela primeira vez”, diz ele, “estou sujando as mãos, estou escrevendo poesia, para sedução, ou seja, por uma causa útil. Tendo tirado capital do tolo, posso então trazer benefícios cívicos.” Afinal, eles têm uma justificativa civil para qualquer abominação! “Mesmo assim, diz ele, ele escreveu Pushkin melhor do que o seu, porque conseguiu provocar a tristeza civil em um poema de bobo da corte.” Isso é algo sobre Pushkin - eu entendo. E se ele realmente fosse uma pessoa capaz, mas apenas descrevesse as pernas! Ora, ele estava tão orgulhoso dos poemas! Eles têm orgulho, orgulho! “Pela recuperação da perna dolorida do meu sujeito” - ele inventou esse título - um homem espirituoso!

Que tipo de perna é essa?  
A perna está um pouco inchada!  
Os médicos vão até ela e a tratam.  
E eles enfaixam e mutilam.  
  
Não são minhas pernas que anseio, -  
Deixe Pushkin cantá-los:  
Estou ansiando pela minha cabeça  
Que ele não entende ideias.  
  
eu entendi um pouco  
Mas a perna atrapalhou!  
Deixe a perna curar  
Para que a cabeça entenda.

Um porco, um porco puro, mas o desgraçado era brincalhão! E ele realmente entregou o “civil”. E como ele ficou bravo quando foi expulso. Moído!

“Ele já se vingou”, disse Alyosha. — Ele escreveu correspondência sobre Khokhlakov.

E Aliocha rapidamente lhe contou sobre a correspondência no jornal Rumores.

-É ele, é ele! - confirmou Mitya, carrancudo, - é ele! Essas correspondências... eu sei... é isso. quantas coisas vis já foram escritas, sobre Grusha, por exemplo!.. E sobre essa também, sobre Katya... Hm!

Ele caminhou pela sala ansiosamente.

“Irmão, não posso ficar muito tempo”, disse Alyosha após uma pausa. “Amanhã é um dia terrível, grande para você: o julgamento de Deus será realizado sobre você... e agora estou surpreso, você anda por aí e em vez de fazer coisas, fala de Deus sabe o quê...

“Não, não se surpreenda”, interrompeu Mitya com veemência. - O que devo dizer sobre esse cachorro fedorento ou o quê? Sobre o assassino? Você e eu conversamos bastante sobre isso. Não quero mais nada do fedorento, filho do fedorento! Deus vai matá-lo, você verá, cale a boca!

Ele se aproximou de Aliocha entusiasmado e de repente o beijou. Seus olhos brilharam.

“Rakitin não vai entender isso”, ele começou, como se estivesse encantado, “mas você, você vai entender tudo”. É por isso que eu ansiava por você. Veja, há muito tempo eu queria expressar muito a vocês aqui dentro destas paredes miseráveis, mas fiquei calado sobre o mais importante: era como se a hora ainda não tivesse chegado. Agora esperei até a última vez para abrir minha alma para você. Irmão, nestes últimos dois meses senti uma nova pessoa em mim, uma nova pessoa surgiu em mim! Estava aprisionado dentro de mim, mas nunca teria aparecido se não fosse por esse trovão. Apavorante! E o que me importa que durante vinte anos estarei extraindo minério nas minas - não tenho medo disso, mas tenho medo de outra coisa agora: para que o ressuscitado não me deixe! Você pode encontrar lá, nas minas, no subsolo, ao seu lado, no mesmo condenado e assassino, um coração humano, e se dar bem com ele, porque lá você pode viver, amar e sofrer! Você pode reviver e ressuscitar o coração congelado deste condenado, você pode cuidar dele por anos e finalmente derrubar uma alma elevada, uma consciência sofredora, da toca para a luz, reviver um anjo, ressuscitar um herói! Mas há muitos deles, centenas deles, e todos somos culpados por eles! Por que sonhei com “criança” naquele momento? “Por que você é pobre?” Essa foi a profecia que eu tive naquele momento! Eu irei para a “criança”. Porque todos são culpados por todos. “Criança” para todos, porque há crianças pequenas e crianças grandes. Todo mundo é “criança”. Eu irei por todos, porque alguém precisa ir por todos. Eu não matei meu pai, mas tenho que ir. Aceito! Tudo veio até mim aqui... nestas paredes surradas. Mas há muitos deles, centenas deles, no subsolo, com martelos nas mãos. Ah, sim, estaremos acorrentados e não haverá vontade, mas então, em nossa grande dor, ressuscitaremos para a alegria, sem a qual é impossível para o homem viver, e para Deus existir, para Deus dá alegria, esse é o seu grande privilégio... Senhor, pare, homem, em oração! Como estarei lá no subsolo sem Deus? Rakitin está mentindo: se Deus for expulso da terra, nós o encontraremos no subsolo! É impossível para um condenado ficar sem Deus, ainda mais impossível do que para um não-presidiário! E então nós, clandestinos, cantaremos das entranhas da terra um trágico hino a Deus, que tem alegria! Viva Deus e sua alegria! Eu amo ele!

Mitya, proferindo seu discurso selvagem, estava quase sem fôlego. Ele ficou pálido, seus lábios tremeram, lágrimas rolaram de seus olhos.

- Não, a vida é plena, há vida no subsolo também! - ele começou novamente. “Você não vai acreditar, Alexey, como eu quero viver agora, que sede de existir e de ser consciente, foi nessas paredes surradas que surgiu em mim!” Rakitin não entende isso, ele deveria apenas construir uma casa e deixar os inquilinos entrarem, mas eu estava esperando por você. E o que é sofrimento? Não tenho medo disso, mesmo que sejam incontáveis. Agora não tenho medo, antes tinha medo. Sabe, talvez eu nem responda na Justiça... E parece que tenho tanta força dentro de mim agora que vou superar tudo, todo o sofrimento, só para dizer e dizer a mim mesmo a cada minuto: eu sou ! Em milhares de tormentos - estou, me contorço em tortura - mas estou! Sento-me no pilar, mas também existo, vejo o sol, mas se não vejo o sol, sei que ele existe. E saber que o sol existe já é a sua vida inteira. Alyosha, você é meu querubim, diferentes filosofias estão me matando, malditos sejam! Irmão Ivan...

- E o irmão Ivan? - Alyosha interrompeu, mas Mitya não ouviu.

“Veja, eu não tinha nenhuma dessas dúvidas antes, mas estava tudo escondido em mim.” Talvez seja precisamente porque ideias desconhecidas assolavam dentro de mim que bebi, lutei e fiquei furioso. Para satisfazê-los dentro de si, ele lutou, para pacificá-los, para esmagá-los. O irmão Ivan não é Rakitin, ele tem uma ideia. O irmão Ivan é uma esfinge e está calado, ainda calado. E Deus está me torturando. Só isso é atormentador. Por que ele não está lá? E se Rakitin estiver certo, que esta é uma ideia artificial na humanidade? Então, se ele não estiver lá, então o homem é o chefe da terra, do universo. Fabuloso! Mas como ele será virtuoso sem Deus? Pergunta! Eu sou tudo sobre isso. Pois quem ele amará então, cara? A quem ele será grato, a quem cantará o hino? Rakitin ri. Rakitin diz que você pode amar a humanidade sem Deus. Bem, esse morel arrogante só pode dizer isso, mas não consigo entender. É fácil para Rakitin viver: “Você, ele me diz hoje, prefere trabalhar na expansão dos direitos humanos civis, ou pelo menos em garantir que o preço da carne bovina não suba; Com isso é mais fácil e mais próximo demonstrar amor à humanidade do que com filosofias.” Eu contei a ele sobre isso: “E você, eu digo, sem Deus, você mesmo definirá o preço da carne bovina, se colocar as mãos nela, e transformará um rublo em um centavo”. Fiquei com raiva. Pois o que é virtude? - responda-me, Alexei. Eu tenho uma virtude e os chineses têm outra - é uma coisa relativa. Ou não? Ou não é relativo? Pergunta complicada! Você não vai rir se eu disser que não dormi duas noites por causa disso. Agora só estou surpreso com a forma como as pessoas vivem lá e não pensam nada sobre isso. Azáfama! Ivan não tem Deus. Ele tem uma ideia. Não no meu tamanho. Mas ele está em silêncio. Acho que ele é maçom. Eu perguntei a ele - ele ficou em silêncio. Ele queria beber um pouco de água na fonte, mas permaneceu em silêncio. Ele só disse uma palavra uma vez.

- O que você disse? - Alyosha levantou-o apressadamente.

“Eu digo a ele: portanto, tudo é permitido, se sim?” - Ele franziu a testa: “Fyodor Pavlovich, diz ele, nosso papai, era um porco, mas pensou corretamente”. Foi isso que me molhou. Isso é tudo que ele disse. Isso já é mais limpo que o Rakitin.

“Sim”, confirmou Aliocha com amargura. - Quando você teve isso?

- Mais sobre isso depois, agora outra coisa. Não contei quase nada sobre Ivan até agora. Deixei para o fim. Quando essa minha coisa acabar aqui e eles derem o veredicto, aí eu vou te contar uma coisa, vou te contar tudo. Há uma coisa terrível aqui... E você será meu juiz neste assunto. Agora nem comece a falar sobre isso, agora fique quieto. Você fala sobre amanhã, sobre o julgamento, mas acredite, não sei de nada.

-Você conversou com esse advogado?

- Que advogado! Eu contei a ele sobre tudo. Patife suave, metropolitano. Bernardo! Ele simplesmente não acredita em mim nem um centavo. Acredita que matei, imagine, posso ver. “Por que, eu pergunto, neste caso você veio me proteger?” Não se importe com eles. Os médicos também me deram alta; querem me mostrar como um louco. Eu não vou permitir isso! Katerina Ivanovna quer cumprir “seu dever” até o fim. Com esforço! (Mitya sorriu amargamente.) Gato! Coração cruel! Mas ela sabe o que eu disse sobre ela em Mokroye, que ela é uma mulher de “grande ira!” Entregue. Sim, as leituras multiplicaram-se como a areia do mar! Gregory se mantém firme. Gregory é honesto, mas um tolo. Muitas pessoas são honestas porque são tolas. Este é o pensamento de Rakitin. Gregory é meu inimigo. É mais lucrativo ter outros entre seus inimigos do que entre seus amigos. Estou dizendo isso sobre Katerina Ivanovna. Receio, ah, receio que no julgamento ela fale em prostração depois de quatro mil e quinhentos! Ele retribuirá até o fim, o último quadro. Eu não quero o sacrifício dela! Eles vão me envergonhar no tribunal! Eu vou suportar isso de alguma forma. Vá até ela, Alyosha, peça-lhe que não diga isso no tribunal. Não é possível? Droga, vou aguentar de qualquer maneira! E não sinto pena dela. Ela mesma quer isso. O ladrão merece a farinha. Eu, Alexey, farei meu discurso. (Ele sorriu amargamente novamente.) Só... só Pêra, Pêra, Senhor! Por que ela aceitaria tal tormento para si mesma agora? - ele exclamou de repente com lágrimas. - Pear está me matando, só de pensar nela está me matando, me matando! Ela estava comigo agora há pouco...

- Ela me contou. Ela estava muito chateada com você hoje.

- Eu sei. Maldito seja meu personagem. Fiquei com ciúmes! Quando ele a soltou, ele se arrependeu e a beijou. Não pedi perdão.

- Por que você não perguntou? - exclamou Aliócha.

Mitya de repente riu quase alegremente.

- Deus te salve, querido menino, algum dia peça perdão à mulher que você ama pela sua culpa! Principalmente com a sua amada, principalmente, por mais culpado que você seja diante dela! Porque, irmão, o diabo sabe o que é uma mulher, pelo menos eu sei muito sobre elas! Pois bem, experimente confessar-lhe a sua culpa: “Sou culpado, sinto muito, sinto muito”: é aí que começará uma chuva de censuras! Ele nunca vai te perdoar direta e simplesmente, mas vai te humilhar até virar um trapo, vai subtrair coisas que nem aconteceram, vai levar tudo, não vai esquecer de nada, vai acrescentar as suas, e só então vai ele perdoa. E este é o melhor, o melhor de todos! Ele vai raspar os últimos restos e colocar tudo na sua cabeça - tal, vou te dizer, há um espírito animal neles, em cada um deles, nesses anjos, sem os quais é impossível para nós ao vivo! Veja, minha querida, direi com franqueza e simplicidade: toda pessoa decente deveria estar sob os sapatos de pelo menos alguma mulher. Esta é a minha crença; não uma crença, mas um sentimento. Um homem deve ser generoso e isso não o manchará. Não vai manchar nem o herói, não vai manchar César! Bem, não peça perdão de qualquer maneira, nunca e sob nenhuma circunstância. Lembre-se da regra: seu irmão Mitya, que morreu por causa das mulheres, ensinou isso a você. Não, prefiro ganhar algo para Grusha sem perdão. Estou maravilhado com ela, Alexey, estou maravilhado! Só que ela não vê isso, não, ela ainda não tem amor suficiente. E ela me atormenta, me atormenta com amor. O que antes! Antes só as curvas infernais me atormentavam, mas agora aceitei toda a sua alma na minha alma e através dela eu mesmo me tornei um homem! Estaremos casados? Caso contrário, morrerei de ciúmes. Então eu sonho com alguma coisa todos os dias... O que ela te contou sobre mim?

Alyosha repetiu todos os discursos anteriores de Grushenka. Mitya ouviu atentamente, fez muitas perguntas e ficou satisfeito.

“Não estou com tanta raiva a ponto de ficar com ciúmes”, ele exclamou. - Apenas uma mulher! “Eu também tenho um coração duro.” Nossa, eu adoro gente tão cruel, embora não aguente quando as pessoas têm ciúmes de mim, não aguento! Nós vamos lutar. Mas eu vou amá-la, vou amá-la infinitamente. Estaremos casados? Os condenados se casam? Pergunta. E eu não posso viver sem ela...

Mitya caminhou pela sala com a testa franzida. A sala ficou quase escura. De repente ele ficou terrivelmente preocupado.

- Então é segredo, diz ele, segredo? Eu digo que nós três estamos conspirando contra ela e “Katka” está supostamente envolvida? Não, irmão, Grushenka, não é isso. Você cometeu um erro aqui, seu estúpido erro feminino! Alyosha, meu querido, oh, não importa o que aconteça! Vou te contar nosso segredo!

Ele olhou em volta em todas as direções, caminhou rapidamente até Alyosha que estava na sua frente e sussurrou para ele com um olhar misterioso, embora ninguém pudesse realmente ouvi-los: o velho vigia estava cochilando no canto de um banco, e nem uma palavra alcançou os soldados da guarda.

- Vou te contar todo o nosso segredo! - Mitya sussurrou apressadamente. “Queria abrir mais tarde, porque sem você como posso decidir alguma coisa?” Você é o meu tudo. Embora eu diga que Ivan é superior a nós, você é um querubim para mim. Somente sua decisão decidirá. Talvez você seja a pessoa superior, e não Ivan. Veja, isso é uma questão de consciência, uma questão de consciência superior - um segredo tão importante que não consigo cuidar dele sozinho e adiei tudo até você. Mas ainda assim, agora é muito cedo para decidir, então você tem que esperar pelo veredicto: o veredicto sairá, então você decidirá seu destino. Agora não decida; Vou te contar agora, você vai ouvir, mas não decida. Pare e fique em silêncio. Não vou te contar tudo. Vou apenas te contar a ideia, sem detalhes, e você fica quieto. Nenhuma pergunta, nenhum movimento, você concorda? Mas, Senhor, onde devo colocar seus olhos? Receio que seus olhos dirão a decisão, mesmo que você permaneça em silêncio. Ah, estou com medo! Alyosha, ouça: o irmão Ivan está me pedindo para fugir. Não estou contando detalhes: está tudo avisado, tudo pode dar certo. Fique quieto, não decida. Para a América com Grusha. Afinal, não vivo sem Grusha! Bem, por que eles não a deixam vir até mim lá? Os condenados se casam? O irmão Ivan diz que não. E sem Grusha, o que estou fazendo no subsolo com um martelo? Vou esmagar minha cabeça com esse martelo! E por outro lado, consciência? Fugi do sofrimento! Houve uma instrução - ele rejeitou a instrução, houve um caminho de purificação - ele virou à esquerda. Ivan diz que na América, “com boas inclinações”, você pode fazer mais bem do que no subsolo. Bem, onde acontecerá nosso hino underground? O que é a América, a América é vaidade de novo! E acho que também há muita fraude na América. Escapou da crucificação! É por isso que estou lhe dizendo, Alexey, que só você pode entender isso, e mais ninguém, para outros é um absurdo, um absurdo, foi tudo o que eu lhe contei sobre o hino. Dirão que ele é louco ou tolo. Mas não sou louco e também não sou idiota. Ele entende do hino e o Ivan, ah, entende, mas ele não responde, fica calado. Não acredita no hino. Não fale, não fale: vejo como você está: você já decidiu! Não decida, tenha piedade de mim, não posso viver sem Grusha, espere o julgamento!

Mitya terminou como um louco. Ele segurou Aliocha pelos ombros com as duas mãos e olhou-o nos olhos com seu olhar sedento e inflamado.

- Os condenados se casam? - repetiu pela terceira vez, com voz suplicante.

Aliócha ouviu com extrema surpresa e ficou profundamente chocado.

“Diga-me uma coisa”, disse ele: “Ivan é muito insistente, e quem inventou isso primeiro?”

- Ele, ele inventou, ele insiste! Ele ainda não veio me ver e de repente veio há uma semana e começou a partir daí. Ele insiste terrivelmente. Ele não pergunta, ele comanda. Ele não duvida de sua obediência, embora eu tenha aberto meu coração a ele como você fez e lhe contei sobre o hino. Ele me contou como iria organizar, coletou todas as informações, mas isso viria depois. Ele quer ficar histérico. O principal é o dinheiro: dez mil, diz ele, para você escapar, e vinte mil para a América, e por dez mil, diz ele, arranjaremos uma fuga magnífica.

- E ele não me mandou contar? - Alyosha perguntou novamente.

- De jeito nenhum, para ninguém, e o mais importante para você: você não fará nada! Ele está realmente com medo de que você se torne como minha consciência diante de mim. Não conte a ele o que eu te contei. Ugh, não diga isso!

“Você está certo”, decidiu Alyosha, “é impossível decidir antes do veredicto do tribunal”. Após o julgamento você decidirá por si mesmo; Então você encontrará uma nova pessoa em você, ela decidirá.

- Ele decidirá o novo homem, al Bernard, à maneira de Bernard! É por isso que, ao que parece, o próprio Bernard é desprezível! - Mitya sorriu amargamente.

“Mas sério, sério, irmão, você realmente não espera ser justificado?”

Mitya ergueu os ombros convulsivamente e balançou a cabeça negativamente.

- Alyosha, meu querido, é hora de você! - ele de repente se apressou. “O zelador gritou no quintal, ele já estará aqui.” Estamos atrasados, está uma bagunça. Abrace-me rapidamente, beije-me, cruze-me, meu querido, cruze-me pela cruz de amanhã...

Eles se abraçaram e se beijaram.

“E Ivan”, disse Mitya de repente, “ele sugeriu fugir, mas ele mesmo acredita que eu matei!”

Um sorriso triste apareceu em seus lábios.

“Você perguntou a ele: ele acredita ou não?” - perguntou Aliócha.

- Não, eu não perguntei. Queria perguntar, mas não pude, não tinha forças suficientes. Não importa, posso ver isso em meus olhos. Bem, adeus!

Eles se beijaram rapidamente novamente, e Alyosha estava prestes a sair, quando de repente Mitya o chamou novamente:

- Fique na minha frente, assim.

E ele novamente agarrou Aliocha com força pelos ombros com as duas mãos. Seu rosto de repente ficou completamente pálido, de modo que quase na escuridão era terrivelmente perceptível. Os lábios se torceram, o olhar fixou-se em Alyosha.

- Alyosha, diga-me toda a verdade, como diante do Senhor Deus: você acredita que eu matei ou não acredita? Você mesmo acredita ou não? A verdade completa, não minta! - ele gritou para ele freneticamente.

Alyosha parecia estar todo abalado e em seu coração ele ouviu isso, como se algo afiado tivesse passado.

“Basta que você...” ele gaguejou como se estivesse perdido.

- Toda a verdade, tudo, não minta! - Mitya repetiu.

“Não acreditei nem por um minuto que você fosse um assassino”, Alyosha de repente explodiu com a voz trêmula e levantou a mão direita, como se chamasse Deus para testemunhar suas palavras. Bliss instantaneamente iluminou todo o rosto de Mitya.

- Obrigado! - disse ele com voz arrastada, como se estivesse soltando um suspiro após desmaiar. - Agora você me ressuscitou... Dá para acreditar: até agora eu tinha medo de te perguntar, era você, você! Bem, vá, vá! Você me fortaleceu para amanhã, Deus te abençoe! Bem, vá, amor Ivan! - A última palavra de Mitya saiu.

Alyosha saiu em prantos. Tal grau de desconfiança de Mitya, tal grau de desconfiança até mesmo dele, de Alyosha - tudo isso de repente revelou a Alyosha um abismo de dor e desespero sem esperança na alma de seu infeliz irmão, do qual ele não suspeitava antes. A compaixão profunda e infinita de repente o dominou e o atormentou instantaneamente. Seu coração perfurado doía terrivelmente. “Amo Ivan!” De repente, ele se lembrou das palavras de Mitya agora há pouco. Sim, ele foi para Ivan. Ele estava com medo de ver Ivan esta manhã. Ivan o atormentou tanto quanto Mitya, e agora, depois do encontro com seu irmão, mais do que nunca.

Notas de rodapé do capítulo

1 – eles não discutem sobre pensamentos *(lat., humorístico).*

V. Você não, você não!

No caminho para Ivan, ele teve que passar pela casa onde morava Katerina Ivanovna. Havia luz nas janelas. De repente ele parou e decidiu entrar. Ele não via Katerina Ivanovna há mais de uma semana. Mas agora lhe ocorreu que Ivan poderia estar com ela agora, especialmente na véspera de um dia assim. Depois de tocar a campainha e entrar na escada mal iluminada por uma lanterna chinesa, viu descer de cima um homem que, ao passar, reconheceu como seu irmão. Ele, portanto, já estava saindo de Katerina Ivanovna.

“Ah, é só você”, disse Ivan Fedorovich secamente. - Bem, adeus. Você vai vê-la?

- Sim.

“Eu não recomendo, ela está “animada” e você vai aborrecê-la ainda mais.”

- Não, não! - uma voz gritou de repente de cima da porta que se abriu instantaneamente. - Alexey Fedorovich, você é dele?

- Sim, eu o visitei.

- Você me mandou algo para dizer? Entre, Alyosha, e você, Ivan Fedorovich, certamente voltará. Ouvir!

Havia um tom tão imponente na voz de Katya que Ivan Fedorovich, depois de hesitar por um momento, decidiu levantar-se novamente, junto com Alyosha.

- Eu escutei! - ele sussurrou irritado para si mesmo. mas Alyosha ouviu.

“Deixe-me ficar de casaco”, disse Ivan Fedorovich, entrando no corredor. - Não vou sentar. Não ficarei mais de um minuto.

“Sente-se, Alexey Fedorovich”, disse Katerina Ivanovna, permanecendo de pé. Ela havia mudado pouco durante esse tempo, mas seus olhos escuros brilhavam com um fogo sinistro. Alyosha lembrou mais tarde que ela parecia extremamente bonita para ele naquele momento.

- O que ele disse para transmitir?

“Só uma coisa”, disse Alyosha, olhando diretamente em seu rosto: “para que você se poupe e não mostre nada no julgamento sobre (ele hesitou um pouco)... o que aconteceu entre vocês... durante o seu muito primeiro conhecido... naquela cidade...”

- Ah, isso é prostração por esse dinheiro! - ela atendeu, rindo amargamente. - Bom, ele tem medo por si mesmo ou por mim, hein? Ele me disse para poupar - quem? Ele ou você mesmo? Fale, Alexei Fedorovich.

Alyosha olhou atentamente, tentando entendê-la.

“Tanto eu quanto ele”, ele disse calmamente.

“É isso”, ela disse com certa raiva e de repente corou.

“Você ainda não me conhece, Alexey Fedorovich”, disse ela ameaçadoramente, “e eu ainda não me conheço”. Talvez você queira me pisotear depois do interrogatório de amanhã.

“Você mostra isso honestamente”, disse Alyosha, “isso é tudo que você precisa”.

“As mulheres são muitas vezes desonestas”, ela disse com voz rouca. “Há uma hora eu pensei que estava com medo de tocar nesse monstro... como um réptil... e agora não, ele ainda é um homem para mim!” Ele matou? Ele matou? - ela exclamou de repente histericamente, virando-se rapidamente para Ivan Fedorovich. Alyosha percebeu imediatamente que ela já havia feito essa mesma pergunta a Ivan Fedorovich, talvez apenas um minuto antes de sua chegada, e não pela primeira vez, mas pela centésima vez, e que eles terminaram em uma briga.

- Eu estava com Smerdyakov... Foi você, você me convenceu que ele era um parricida. Eu só acreditei em você! - ela continuou, ainda se voltando para Ivan Fedorovich. Ele sorriu, como se com esforço. Alyosha estremeceu quando ouviu você dizer isso. Ele não podia nem suspeitar de tal relacionamento.

“Bem, isso é o suficiente”, Ivan retrucou. - Eu vou. Eu irei amanhã. - E imediatamente se virando, saiu da sala e foi direto para a escada. Katerina Ivanovna de repente agarrou Alyosha pelas duas mãos com algum tipo de gesto de comando.

- Siga-o! Alcance-o! “Não o deixe sozinho nem por um minuto”, ela sussurrou rapidamente. - Ele é louco. Você não sabe que ele é louco? Ele está com febre, uma febre nervosa! O médico me disse, vai, corre atrás dele...

Alyosha deu um pulo e correu atrás de Ivan Fedorovich. Ele nem teve tempo de se afastar cinquenta passos.

- O que você quer? - virou-se repentinamente para Aliocha, vendo que o alcançava: - Eu mandei você correr atrás de mim, porque estou louco. “Eu sei de cor”, acrescentou ele, irritado.

“Ela está enganada, é claro, mas está certa ao dizer que você está doente”, disse Alyosha. “Acabei de olhar para o seu rosto: seu rosto está muito doente, muito doente, Ivan!”

Ivan caminhou sem parar. Aliócha o segue.

- Você sabe, Alexey Fedorovich, como as pessoas enlouquecem? - Ivan perguntou de repente com uma voz calma e nada irritada, na qual de repente se ouviu a mais inocente curiosidade.

- Não, não sei; Acho que existem muitos tipos diferentes de loucura.

- Você consegue se observar, que está enlouquecendo?

“Acho que você não pode cuidar de si mesmo neste caso”, respondeu Alyosha com surpresa. Ivan ficou em silêncio por meio minuto.

“Se você quiser falar comigo sobre alguma coisa, por favor, mude de assunto”, disse ele de repente.

“Mas, para não esquecer, há uma carta para você”, disse Alyosha timidamente e, tirando-a do bolso, entregou-lhe a carta de Liza. Eles tinham acabado de se aproximar da lanterna. Ivan reconheceu imediatamente a mão.

- Ah, é daquele diabrete! - ele riu com raiva e, sem abrir o envelope, de repente rasgou-o em vários pedaços e jogou-o ao vento. As peças se espalharam.

“Acho que ainda não tenho dezesseis anos e já está sendo proposto!” - disse ele com desdém, descendo a rua novamente.

- Como é proposto? - exclamou Aliócha.

— Sabe-se como são oferecidas mulheres depravadas.

- O que você está fazendo, Ivan, o que você está fazendo? - Alyosha intercedeu com tristeza e paixão. - Isso é uma criança, você está machucando uma criança! Ela está doente, ela mesma está muito doente, ela também pode estar enlouquecendo... Não pude deixar de lhe entregar as cartas dela... Pelo contrário, queria ouvir uma coisa sua... para salvar dela.

“Você não precisa ouvir nada de mim.” Se ela for uma criança, então não sou sua babá. Cale a boca, Alexei. Não continue. Eu nem penso nisso.

Houve silêncio novamente por um minuto.

“Agora ela vai orar a noite toda à Mãe de Deus para que ela lhe mostre o que fazer no julgamento de amanhã”, ele falou de repente de forma brusca e com raiva novamente.

- Você está... você está falando de Katerina Ivanovna?

- Sim. Ela aparecerá como salvadora ou destruidora de Mitenka? Ela rezará por isso, para que sua alma seja iluminada. Veja, ela ainda não sabe; ela não teve tempo de se preparar. Ela também me considera babá e quer que eu a embale para dormir!

“Katerina Ivanovna ama você, irmão”, disse Alyosha com tristeza.

- Talvez. Só que não sou fã dela.

- Ela está sofrendo. Por que você diz a ela... às vezes... as palavras que ela espera? - Alyosha continuou com uma reprovação tímida: “Eu sei que você deu esperança a ela, perdoe-me por dizer isso”, acrescentou.

“Não posso fazer a coisa certa aqui, pare e conte diretamente a ela!” - Ivan disse irritado. “Devemos esperar até que o assassino seja condenado.” Se eu terminar com ela agora, por vingança, amanhã ela destruirá esse canalha na Justiça, porque ela o odeia e sabe que o odeia. É tudo mentira, mentira sobre mentira! Agora, até eu terminar com ela, ela ainda espera e não destruirá esse monstro, sabendo o quanto eu quero tirá-lo de problemas. E quando chegará essa maldita frase!

As palavras “assassino” e “monstro” ressoaram dolorosamente no coração de Aliocha.

- Como ela pode destruir o irmão assim? - perguntou ele, ponderando as palavras de Ivan. - O que ela pode mostrar que poderia arruinar Mitya diretamente?

- Você ainda não sabe disso. Ela tem em mãos um documento, manuscrito por Mitenkin, que prova matematicamente que ele matou Fyodor Pavlovich.

- Isso não pode ser! - exclamou Aliócha.

- Como ele não pode? Eu mesmo li.

— Tal documento não pode existir! - repetiu Aliocha com fervor, - não pode ser, porque ele não é o assassino. Ele não matou o pai, não matou!

Ivan Fedorovich parou de repente.

“Quem você acha que é o assassino”, ele perguntou aparentemente friamente, e algum tipo de nota até arrogante soou no tom da pergunta.

“Você mesmo sabe quem”, disse Alyosha calma e profundamente.

- Quem? Esta fábula é sobre esse idiota epiléptico maluco? Sobre Smerdiakov?

Alyosha de repente sentiu que estava tremendo todo.

“Você mesmo sabe quem”, ele deixou escapar, impotente. Ele estava sem fôlego.

- Quem, quem? - Ivan gritou quase ferozmente. Toda restrição desapareceu de repente.

“Só sei uma coisa”, disse Aliocha quase num sussurro: “Não foi você quem matou seu pai”.

- “Você não!” O que não é você? - Ivan ficou pasmo.

“Você não matou seu pai, não matou!” - Alyosha repetiu com firmeza. O silêncio durou meio minuto.

- Sim, eu mesmo sei que não sou eu, você está delirando? - Ivan disse com um sorriso pálido e torto. Ele pareceu encarar Alyosha. Ambos ficaram perto da lanterna novamente.

- Não, Ivan, você disse várias vezes para si mesmo que é um assassino.

- Quando eu falei?.. Eu estava em Moscou... Quando eu falei? - Ivan gaguejou completamente perdido.

“Você disse isso a si mesmo muitas vezes quando ficou sozinho durante aqueles dois meses terríveis”, Alyosha continuou calma e separadamente. Mas ele já falou como se estivesse fora de si. como se não fosse por vontade própria, obedecendo a algum comando irresistível. “Você se culpou e admitiu para si mesmo que não havia ninguém como você como assassino.” Mas não foi você quem matou, você está enganado, você não é o assassino, está me ouvindo, não você! Deus me enviou para lhe dizer isso.

- Ambos ficaram em silêncio. Esse silêncio durou um longo minuto. Ambos se levantaram e todos se olharam nos olhos. Ambos estavam pálidos. De repente, Ivan estremeceu e agarrou Aliocha com força pelo ombro.

- Você estava comigo! — ele disse em um sussurro áspero. - Você estava comigo à noite quando ele veio... Admita... você o viu, você o viu?

- De quem você está falando... Mitya? - Alyosha perguntou perplexo.

- Não é sobre ele, para o inferno com o monstro! - Ivan gritou freneticamente. - Você sabe que ele vem me ver? Como você sabia, me conte!

- Quem é ele? “Não sei de quem você está falando”, gaguejou Aliocha, já assustado.

- Não, você sabe... senão como você poderia... não pode ser que você não saiba...

Mas de repente ele pareceu se conter. Ele se levantou e parecia estar pensando em alguma coisa. Um sorriso estranho curvou seus lábios.

“Irmão”, Alyosha recomeçou com a voz trêmula, “eu lhe disse isso porque você acreditará em minha palavra, eu sei disso.” Eu lhe disse esta palavra pelo resto da minha vida: você não! Você ouve, para o resto da vida. E Deus colocou na minha alma para te dizer isso, mesmo que de agora em diante você me odeie para sempre...

Mas Ivan Fedorovich aparentemente já conseguiu se controlar completamente.

“Alexey Fedorovich”, disse ele com um sorriso frio, “não posso tolerar profetas e epilépticos; especialmente os mensageiros de Deus, vocês sabem disso muito bem. A partir deste momento estou terminando com você e, ao que parece, para sempre. Eu pergunto desta vez. no mesmo cruzamento, deixe-me. Sim, você pode chegar ao apartamento por este beco. Especialmente cuidado ao vir me ver hoje! Você ouve?

Ele se virou e, caminhando com firmeza, caminhou em linha reta sem olhar para trás.

“Irmão”, gritou Alyosha atrás dele, “se alguma coisa acontecer com você hoje, pense primeiro em mim!”

Mas Ivan não respondeu. Alyosha ficou na encruzilhada perto da lâmpada até que Ivan desapareceu completamente na escuridão. Então ele se virou e caminhou lentamente em direção ao seu beco. Ele e Ivan Fedorovich viviam separados, em apartamentos diferentes: nenhum dos dois queria morar na casa vazia de Fyodor Pavlovich. Alyosha alugou um quarto mobiliado de uma família composta apenas por filisteus; Ivan Fedorovich morava bem longe dele e ocupava um quarto espaçoso e bastante confortável no anexo de uma boa casa, que pertencia a uma rica viúva-oficial. Mas em toda a ala ele era atendido apenas por uma velha idosa, completamente surda, toda com reumatismo, que ia para a cama às seis da tarde e acordava às seis da manhã. Ivan Fedorovich tornou-se estranhamente pouco exigente durante esses dois meses e gostava muito de ficar completamente sozinho. Ele até limpava o quarto que ocupava e raramente entrava nos outros cômodos de suas instalações. Ao chegar ao portão de sua casa e já segurando a maçaneta da campainha, parou. Ele sentiu que ainda estava tremendo de raiva. De repente, ele desligou a ligação, cuspiu, virou-se e rapidamente foi novamente para um extremo oposto da cidade, a cerca de três quilômetros de seu apartamento, para uma pequena e inclinada casa de toras na qual Marya Kondratievna, ex-vizinha de Fyodor Pavlovich, viveu, que veio ver Fyodor Pavlovich à cozinha para tomar sopa, e para quem Smerdyakov cantou suas canções e tocou violão. Ela vendeu sua casa anterior e agora morava com a mãe quase em uma cabana, e o doente, quase moribundo, Smerdyakov, desde a morte de Fyodor Pavlovich, se estabeleceu com eles. Foi para ele que Ivan Fedorovich se dirigiu agora, atraído por uma consideração repentina e invencível.

VI. Primeiro encontro com Smerdyakov

Esta foi a terceira vez que Ivan Fedorovich foi falar com Smerdyakov ao retornar de Moscou. Pela primeira vez desde o desastre, ele o viu e falou com ele imediatamente no primeiro dia de sua chegada, e visitou-o novamente duas semanas depois. Mas depois dessa segunda vez ele parou de se encontrar com Smerdyakov, então já faz mais de um mês desde que ele o viu e não ouviu quase nada sobre ele. Então Ivan Fedorovich voltou de Moscou apenas no quinto dia após a morte de seu pai, então nem encontrou seu caixão: o enterro ocorreu pouco antes de sua chegada. O motivo da desaceleração de Ivan Fedorovich foi que Alyosha, sem saber exatamente seu endereço em Moscou, recorreu ao envio de um telegrama para Katerina Ivanovna, e ela, também sem saber o endereço real, telegrafou para sua irmã e tia, esperando que Ivan Fedorovich Imediatamente após a chegada em Moscou ele os visitará. Mas ele os visitou apenas no quarto dia após sua chegada e, depois de ler o telegrama, imediatamente, é claro, voou de cabeça até nós. Conhecemos Alyosha primeiro, mas depois de conversar com ele, fiquei muito surpreso que ele nem queria suspeitar de Mitya, mas apontou diretamente Smerdyakov como um assassino, o que contrariava todas as outras opiniões em nossa cidade. Então eu vi o policial. O promotor, ao saber dos detalhes da acusação e da prisão, ficou ainda mais surpreso com Aliocha e atribuiu sua opinião apenas ao seu sentimento fraterno excitado ao máximo e à sua compaixão por Mítia, a quem Aliocha, como Ivan sabia, amava muito. Aliás, digamos apenas duas palavras de uma vez por todas sobre os sentimentos de Ivan por seu irmão Dmitry Fedorovich: ele absolutamente não o amava e às vezes sentia muita compaixão por ele, mas mesmo assim misturado com grande desprezo, chegando ao ponto de nojo. Mitya, mesmo toda a sua figura, era extremamente pouco atraente para ele. Ivan olhou com indignação para o amor de Katerina Ivanovna por ele. No entanto, ele também conheceu o réu Mitya no primeiro dia de sua chegada, e esse encontro não só não enfraqueceu sua convicção de culpa, mas até a fortaleceu. Ele encontrou seu irmão então ansioso, numa excitação dolorosa. Mitya era falante, mas distraído e solto, falava muito bruscamente, acusava Smerdyakov e estava terrivelmente confuso. Acima de tudo, ele continuou falando sobre os mesmos três mil que o morto “roubou” dele. “O dinheiro é meu, era meu”, insistiu Mitya; “Mesmo se eu os roubasse, eu estaria certo.” Ele dificilmente contestou todas as evidências que estavam contra ele e, se interpretasse os fatos a seu favor, tudo seria novamente muito confuso e absurdo - em geral, como se ele nem quisesse se justificar diante de Ivan ou de qualquer pessoa, no pelo contrário, ele estava zangado, orgulhosamente desdenhoso de acusações, xingado e furioso. Ele apenas riu com desdém do testemunho de Gregório sobre a porta aberta e garantiu que “o diabo a abriu”. Mas não consegui imaginar nenhuma explicação coerente para esse fato. Ele até conseguiu insultar Ivan Fedorovich neste primeiro encontro, dizendo-lhe rispidamente que não era a pessoa certa para suspeitar e interrogá-lo, eles próprios afirmam que “tudo é permitido”. Em geral, desta vez fui muito hostil com Ivan Fedorovich. Agora, após esse encontro com Mitya, Ivan Fedorovich foi até Smerdyakov.

Ainda na carruagem, voando de Moscou, ele pensava constantemente em Smerdyakov e em sua última conversa com ele na noite anterior à partida. Muitas coisas o confundiram, muitas coisas pareciam suspeitas. Mas, ao prestar depoimento ao investigador judicial, Ivan Fedorovich manteve silêncio por enquanto sobre essa conversa. Adiei tudo até o meu encontro com Smerdyakov. Ele estava então no hospital da cidade. O doutor Herzenstube e o médico Varvinsky, que conheceram Ivan Fedorovich no hospital, responderam com firmeza às persistentes perguntas de Ivan Fedorovich de que a epilepsia de Smerdyakov era indubitável, e ficaram até surpresos com a pergunta: “Ele não estava fingindo no dia do desastre?” Fizeram-no compreender que este ataque foi mesmo extraordinário, durou e repetiu-se durante vários dias, pelo que a vida do paciente corria perigo decisivo, e que só agora, depois das medidas tomadas, podemos dizer afirmativamente que o paciente sobreviverá, embora é muito possível (acrescentou o Dr. Herzenstube) que sua mente permanecesse um tanto perturbada, “se não pelo resto da vida, então por um bom tempo”. Em resposta à exigência impaciente de Ivan Fedorovich: “Então ele está louco agora?” foi-lhe dito que “isto ainda não existe no sentido pleno, mas que algumas anormalidades estão sendo notadas”. Ivan Fedorovich decidiu descobrir por si mesmo que tipo de anormalidades eram essas. No hospital, ele foi imediatamente autorizado a vê-lo. Smerdyakov estava em um quarto separado e deitado em uma cama. Bem ao lado dele havia outra cama, ocupada por um descontraído comerciante da cidade, todo inchado de água, aparentemente pronto para morrer amanhã ou depois de amanhã; ele não podia interferir na conversa. Smerdyakov sorriu incrédulo ao ver Ivan Fedorovich e, no primeiro momento, pareceu até tímido. Pelo menos foi o que pensou Ivan Fedorovich. Mas isso foi apenas por um momento; pelo contrário, no resto do tempo Smerdyakov quase o surpreendeu com sua calma. Desde o primeiro olhar para ele, Ivan Fedorovich ficou sem dúvida convencido de seu estado completo e extremamente doloroso: estava muito fraco, falava devagar e parecia mover a língua com dificuldade; Ele perdeu muito peso e ficou amarelo. Durante os vinte minutos da reunião ele queixou-se de dor de cabeça e dores em todos os membros. Seu rosto seco e escavado parecia tão pequeno, suas têmporas estavam despenteadas e, em vez de um topete, apenas uma fina mecha de cabelo estava espetada. Mas o olho esquerdo, estreitado e como se insinuasse algo, traiu o velho Smerdyakov. “É interessante conversar com uma pessoa inteligente”, lembrou imediatamente Ivan Fedorovich. Ele sentou-se a seus pés em um banquinho. Smerdyakov moveu todo o corpo de dor na cama, mas não foi o primeiro a falar, permaneceu em silêncio e parecia não estar muito curioso.

-Você pode falar comigo? - perguntou Ivan Fedorovich, - não vou te cansar muito.

“Posso, senhor”, Smerdyakov murmurou com voz fraca. - Há quanto tempo você veio? - acrescentou condescendentemente, como se encorajasse o constrangido visitante.

- Sim, só hoje... Para limpar o seu mingau aqui.

Smerdiakov suspirou.

- Por que você está suspirando, você sabia? - Ivan Fedorovich deixou escapar diretamente.

Smerdyakov ficou em silêncio por um momento.

- Como você pode não saber, senhor? Estava claro à frente. Mas como era possível saber, senhor, que agiriam assim?

- O que eles farão? Não se mexa! Afinal, você previu que sofreria de epilepsia assim que subisse no porão? Ele apontou diretamente para o porão.

-Você já mostrou isso no interrogatório? - Smerdyakov perguntou calmamente.

Ivan Fedorovich de repente ficou com raiva.

- Não, ainda não mostrei, mas com certeza vou mostrar. Você, irmão, tem muito que me explicar agora, e saiba, meu querido, que não vou permitir que você brinque consigo mesmo!

- Por que eu iria querer tal jogo, senhor, quando toda a minha esperança está em você, tão somente como no Senhor Deus, senhor! - disse Smerdyakov, ainda com muita calma e fechando os olhos apenas por um minuto.

“Em primeiro lugar”, começou Ivan Fedorovich, “sei que a epilepsia não pode ser prevista com antecedência”. Eu consegui, não vacile. O dia e a hora não podem ser previstos. Como então você previu o dia e a hora para mim e para o porão também? Como você poderia saber de antemão que cairia naquele porão em particular, se não fingisse estar tendo uma convulsão de propósito?

“Tínhamos que ir ao porão de qualquer maneira, senhor, até várias vezes ao dia”, Smerdyakov falou lentamente. “Isso mesmo, há um ano eu voei do sótão, senhor.” É certamente verdade que a epilepsia não pode ser prevista com um dia e uma hora de antecedência, mas sempre se pode ter uma premonição.

- E você previu o dia e a hora!

“Sobre minha doença epiléptica, senhor, é melhor perguntar aos médicos daqui: se foi verdade comigo ou não, e não tenho mais nada a lhe contar sobre esse assunto.”

- E a adega? Como você conheceu o porão?

- Você ganhou este mesmo porão! Quando entrei neste porão, estava com medo e confuso; Portanto, estou com mais medo porque fui privado de você e não esperava mais proteção de ninguém no mundo inteiro. Aí entro neste mesmo porão e penso: “Agora está chegando, está prestes a bater, vou cair ou não?” e a partir dessa hesitação, esse espasmo inevitável de repente me agarrou na garganta... bem, eu voei para longe. Tudo isso e toda a nossa conversa anterior com você, senhor, na noite anterior àquele dia no portão, senhor, como eu lhe contei meu medo então, e sobre o porão, senhor - revelei tudo isso em detalhes ao Sr. Doutor Herzenstube e investigador Nikolai Parfenovich, e eles escreveram tudo no protocolo, senhor. E o médico local, Sr. Varvinsky, insistiu especialmente diante de todos eles que foi precisamente do pensamento que surgiu, disso mesmo, isto é, daquela desconfiança: “Vou cair ou não?” E então ela atendeu. Então eles escreveram, senhor, que isso certamente era o que tinha que acontecer, por uma coisa, ou seja, meu medo, senhor.

Dito isto, Smerdyakov, como se estivesse exausto de cansaço, respirou fundo.

- Então você já anunciou isso no seu depoimento? - perguntou Ivan Fedorovich, um tanto surpreso. Ele só queria assustá-lo anunciando a conversa deles naquele momento, mas descobriu-se que ele mesmo havia anunciado tudo.

-Do que devo ter medo? “Deixe-os escrever toda a verdade”, disse Smerdyakov com firmeza.

"E eu lhe contei cada palavra sobre nossa conversa com você no portão?"

- Não, não que tudo se deva à palavra, senhor.

- Por que você sabe fingir que é epiléptico, como então se gabou para mim, você também me contou?

- Não, eu também não disse isso, senhor.

"Diga-me agora, por que você me mandou para Chermashnya então?"

“Tive medo de que você fosse para Moscou, mas Chermashnya está mais perto, senhor.”

“Você está mentindo, você mesmo me convidou a ir embora: vá embora, você disse, fora de perigo!”

“Fui eu então, por amizade com você e por minha sincera devoção, sentindo problemas na casa, senhor, sentindo pena de você.” Eu só me arrependi mais de mim mesmo do que de você, senhor. Por isso eu disse: deixe o pecado, para que você entenda que vai ser ruim em casa e fique para proteger seus pais.

- Então você deveria ter falado de forma mais direta, idiota! - Ivan Fedorovich corou de repente.

“Como eu poderia dizer isso de forma mais direta então?” Apenas o medo em mim falou, senhor, e você poderia ficar com raiva. Claro, eu poderia ter medo de que Dmitry Fedorovich causasse algum tipo de escândalo, e que esse dinheiro em si não fosse levado embora, já que eles ainda eram considerados seus, mas quem sabia que isso terminaria em tal assassinato? Achei que iriam roubar aqueles três mil rublos que o patrão tinha debaixo do colchão, num saco, mas mataram-no. Onde você deveria adivinhar, senhor?

- Então se você mesmo diz que era impossível adivinhar, como eu poderia adivinhar e ficar? O que você está confundindo? - Ivan Fedorovich disse pensativo.

“E é por isso que eles poderiam ter adivinhado que eu estava enviando você para Chermashnya em vez de para Moscou, senhor.”

- Como você pode adivinhar!

Smerdyakov parecia muito cansado e ficou em silêncio novamente por um minuto.

- Assim, eles poderiam ter adivinhado que se estou mandando você de Moscou para Chermashnya, significa que desejo sua presença aqui o mais rápido possível, porque Moscou está longe, e Dmitry Fedorovich, sabendo que você não está longe, não será tão encorajado. Sim, e eles poderiam ter vindo e me protegido mais rapidamente, se alguma coisa acontecesse, porque eu mesmo também lhe disse que Grigory Vasilich estava doente e que eu tinha medo de epilepsia. E tendo explicado a você sobre essas batidas, pelas quais se poderia entrar no falecido, e que Dmitry Fedorovich as conhecia através de mim, pensei que você mesmo adivinharia que certamente fariam alguma coisa, e não apenas para Chermashnya, mas e você vai ficar.

“Ele fala com muita coerência”, pensou Ivan Fedorovich, embora murmure; De que desordem de habilidades Herzenstube estava falando?

"Você está sendo astuto comigo, maldito!" - ele exclamou irritado.

“E devo admitir, então pensei que você tinha adivinhado completamente”, retrucou Smerdyakov com o olhar mais simplório.

- Se eu tivesse adivinhado, teria ficado assim! - gritou Ivan Fedorovich, corando novamente.

“Bem, senhor, pensei que você, tendo adivinhado tudo, estava partindo o mais rápido possível apenas para escapar sozinho do pecado, apenas para fugir para algum lugar, salvando-se do medo, senhor.”

“Você achava que todo mundo era covarde como você?”

- Com licença, pensei que você fosse como eu.

“Claro, eu deveria ter adivinhado”, preocupou-se Ivan, “e até adivinhei algo vil de sua parte... Só que você está mentindo, mentindo de novo”, ele gritou, lembrando de repente: “Você se lembra como você veio até o tarantass para mim então?” disse: “É interessante conversar com uma pessoa inteligente.” Então ele ficou feliz por eu ir embora, já que me elogiou?

Smerdyakov suspirou repetidas vezes. Parecia haver cor em seu rosto.

“Se eu estava feliz”, disse ele um tanto sem fôlego, “então a única coisa é que eles concordaram não com Moscou, mas com Chermashnya”. Porque ainda está mais perto; Mas eu apenas pronunciei essas mesmas palavras para você, não em elogio, mas em reprovação, senhor. Você não entendeu isso, senhor.

- Qual é a censura?

- E o fato de que, antecipando tal infortúnio, você abandona seus próprios pais e não quer nos proteger, porque por esses três mil eles sempre poderiam me atrair que eu os roubei, senhor.

- Maldito! - Ivan jurou novamente. - Espere: você contou ao investigador e ao promotor sobre os sinais, sobre essas batidas?

- Está tudo declarado como está, senhor.

Ivan Fedorovich ficou novamente surpreso consigo mesmo.

“Se eu pensei em alguma coisa então”, ele recomeçou, “era sobre algum tipo de abominação da sua parte”. Dmitry poderia matar, mas eu não acreditava no que ele roubaria então... E eu esperava qualquer tipo de abominação de você. Você mesmo me disse que sabe fingir ser epiléptico, por que disse isso?

- Pela minha única simplicidade. E nunca na minha vida fingi ser epiléptico de propósito, mas só disse isso para me gabar diante de vocês. Apenas estupidez, senhor. Eu te amei muito então e estive com você com toda simplicidade.

“Seu irmão acusa você diretamente de matar e roubar.”

- O que mais eles sobraram? - Smerdyakov sorriu amargamente, - e quem vai acreditar neles depois de todas essas evidências? Grigory Vasilyevich viu a porta destrancada, senhor, depois disso, como poderia ser, senhor. Bem, Deus esteja com eles! Eles estão tremendo para se salvarem...

Ele fez uma pausa silenciosa e de repente, como se percebesse, acrescentou:

“Bem, senhor, é a mesma coisa de novo: eles querem me culpar, que é culpa minha, senhor”, eu já ouvi isso, senhor, “mas pelo menos é a mesma coisa que eu sou um mestre de fingir que sou epiléptico: bom, você disse que eu te avisaria de antemão que sei me apresentar, se eu realmente tivesse que ideia eu tinha para seus pais naquela época? Já que eu já planejei tal assassinato, é possível ser tão tolo a ponto de contar tais evidências contra mim mesmo, e até mesmo contra meu próprio filho, por misericórdia?! Isso parece provável? É para que isso possa acontecer, senhor, mas pelo contrário, nunca acontecerá, senhor. Agora ninguém ouve essa nossa conversa com você, exceto por esta mesma providência, senhor, e se você tivesse informado o promotor e Nikolai Parfenovich, então você poderia ter me protegido no final, senhor: para que tipo de vilão é esse , se antecipadamente tão simplório? Tudo isso pode ser avaliado muito bem.

“Escute”, levantou-se Ivan Fedorovich, surpreso com o último argumento de Smerdyakov e interrompendo a conversa, “não suspeito de você e até acho ridículo me acusar... pelo contrário, sou grato a você por me acalmando.” Estou indo agora, mas voltarei novamente. Adeus por enquanto, fique bom logo. Você não precisa de nada?

- Grato por tudo, senhor. Marfa Ignatievna não se esquece de mim, senhor, e me ajuda em tudo que preciso, por sua antiga gentileza. Pessoas boas me visitam todos os dias.

- Adeus. Porém, não direi que você sabe fingir... e aconselho que não demonstre isso”, disse Ivan de repente por algum motivo.

- Eu entendo muito, senhor. E se você não mostrar isso, não vou anunciar toda a nossa conversa no portão...

Então aconteceu que Ivan Fedorovich saiu de repente e, só depois de caminhar cerca de dez passos pelo corredor, de repente sentiu que a última frase de Smerdyakov continha algum tipo de significado ofensivo. Ele estava prestes a voltar, mas apenas brilhou e ele disse: “absurdo!” - Ele saiu rapidamente do hospital. O principal é que ele se sentiu realmente tranquilizado, e precisamente pelo fato de que não era Smerdyakov o culpado, mas seu irmão Mitya, embora, ao que parece, devesse ter sido o contrário. Por que isso acontecia - ele não queria descobrir então, ele até sentiu nojo de mergulhar em seus sentimentos. Ele queria esquecer algo rapidamente. Então, nos dias seguintes, ele ficou completamente convencido da culpa de Mitya, quando se familiarizou mais de perto e completamente com todas as evidências que o deprimiam. Houve testemunhos das pessoas mais insignificantes, mas quase surpreendentes, por exemplo Fenya e sua mãe. Não havia nada a dizer sobre Perkhotin, sobre a taverna, sobre a loja dos Plotnikovs, sobre as testemunhas em Mokroye. Mais importante ainda, os detalhes eram deprimentes. A notícia das “batedas” secretas surpreendeu o investigador e o promotor quase tanto quanto o depoimento de Grigory sobre a porta aberta. A esposa de Grigory, Marfa Ignatievna, a pedido de Ivan Fedorovich, disse-lhe diretamente que Smerdyakov ficou deitado atrás da divisória a noite toda, “não havia três passos de nossa cama”, e que embora ela mesma dormisse profundamente, ela acordou muitas vezes, ouvindo ele gemendo aqui: “ele gemia o tempo todo, ele gemia continuamente”. Depois de conversar com Herzenstube e lhe dizer sua dúvida de que Smerdyakov não lhe parecia nem um pouco louco, mas apenas fraco, ele apenas causou um leve sorriso no velho. “Você sabe o que ele está fazendo especialmente agora?” ele perguntou a Ivan Fedorovich, “ele aprende o vocabulário francês de cor; ele tem um caderno debaixo do travesseiro e alguém escreveu palavras francesas em letras russas, hehehehe!” Ivan Fedorovich finalmente deixou todas as dúvidas. Ele não conseguia mais pensar em seu irmão Dmitry sem desgosto. Uma coisa ainda era estranha: que Alyosha continuasse teimosamente a insistir que não foi Dmitry quem matou, mas “com toda a probabilidade” Smerdyakov. Ivan sempre sentiu que a opinião de Aliocha era elevada para ele e, portanto, agora estava muito perplexo com ele. Também era estranho que Aliocha não procurasse conversar com ele sobre Mítia e nunca a iniciasse, mas apenas respondesse às perguntas de Ivan. Isso também foi fortemente notado por Ivan Fedorovich. No entanto, naquela época ele se divertiu muito com uma circunstância completamente alheia: tendo chegado de Moscou, nos primeiros dias ele se rendeu completa e irrevogavelmente à sua paixão ardente e insana por Katerina Ivanovna. Este não é o lugar para começar esta nova paixão de Ivan Fedorovich, que mais tarde se refletiu ao longo de sua vida: tudo isso poderia servir de esboço de outra história, de outro romance, que não sei se voltarei a empreender. Mas ainda assim, não posso ficar calado sobre o fato de que quando Ivan Fedorovich, caminhando, como já descrevi, à noite com Alyosha de Katerina Ivanovna, lhe disse: “Não sou fã dela”, ele mentiu terrivelmente naquele momento : ele a amava loucamente, embora também seja verdade que às vezes ele a odiava a ponto de poder até matá-la. Muitos motivos convergiram aqui: toda chocada com o acontecimento com Mitya, ela correu para Ivan Fedorovich, que havia voltado para ela, como se fosse uma espécie de salvador. Ela ficou ofendida, insultada, humilhada em seus sentimentos. E então apareceu novamente o homem que a amara tanto antes - ah, ela sabia disso demais - e cuja mente e coração ela sempre colocara tão acima de si mesma. Mas a garota rigorosa não se sacrificou inteiramente, apesar de todos os desejos desenfreados de Karamazov por seu amante e de todo o seu encanto por ela. Ao mesmo tempo, ela era constantemente atormentada pelo remorso por ter traído Mitya e, em momentos ameaçadores e de briga com Ivan (e havia muitos deles), ela expressava isso diretamente a ele. Isto é o que ele chamou, falando com Aliócha: “mentira sobre mentira”. Aqui, é claro, houve muitas mentiras, e isso irritou Ivan Fedorovich acima de tudo... mas tudo isso veio depois. Em suma, ele quase se esqueceu de Smerdyakov por um tempo. E, no entanto, duas semanas depois de sua primeira visita, os mesmos pensamentos estranhos começaram a atormentá-lo novamente, como antes. Basta dizer que ele começou a se perguntar continuamente: por que então, em sua última noite, na casa de Fyodor Pavlovich, antes de sair, ele desceu silenciosamente as escadas como um ladrão e ouviu o que seu pai estava fazendo lá embaixo? Por que me lembrei disso com nojo mais tarde, por que na manhã seguinte, na estrada, de repente me senti tão triste e, ao entrar em Moscou, disse a mim mesmo: “Sou um canalha!” E então, um dia, ocorreu-lhe que, por causa de todos esses pensamentos atormentadores, ele talvez estivesse pronto para esquecer até mesmo Katerina Ivanovna, com tanta força que de repente eles o possuíam novamente! Só de pensar nisso, ele conheceu Alyosha na rua. Ele imediatamente o parou e de repente fez uma pergunta:

— Você se lembra quando, depois do jantar, Dmitry invadiu a casa e bateu no pai. e mais tarde eu te disse no quintal que me reservo o “direito de desejar” - diga-me, você achou então que eu desejava a morte do meu pai ou não?

“Eu pensei”, Alyosha respondeu calmamente.

- Porém, foi assim, não havia nada para adivinhar aqui. Mas você não pensou então que é precisamente o que eu desejo que “um réptil coma outro réptil”, isto é, então foi Dmitry quem matou seu pai, e ainda mais rápido... e que eu mesmo não me importaria de ajudar?

Alyosha ficou ligeiramente pálido e silenciosamente olhou nos olhos do irmão.

- Fale! - Ivan exclamou. “Quero com todas as minhas forças saber o que você pensou então.” Eu preciso de; a verdade, a verdade! “Ele respirou fundo. já olhando para Alyosha com algum tipo de raiva antecipadamente.

“Perdoe-me, eu também pensei isso”, sussurrou Alyosha e ficou em silêncio, sem acrescentar uma única “circunstância atenuante”.

- Obrigado! - Ivan retrucou e, deixando Aliocha, seguiu rapidamente seu caminho. A partir de então, Aliocha percebeu que o irmão Ivan de alguma forma começou a se afastar dele e até parecia não gostar dele, de modo que mais tarde ele próprio parou de ir vê-lo. Mas naquele momento, agora depois daquele encontro com ele, Ivan Fedorovich, sem voltar para casa, voltou repentinamente para Smerdyakov.

VII. Segunda visita a Smerdyakov

Smerdyakov já havia saído do hospital nessa época. Ivan Fedorovich conhecia seu novo apartamento: ficava nesta pequena casa de toras torta com duas cabanas, separadas por um vestíbulo. Marya Kondratyevna e sua mãe cabiam em uma cabana, e Smerdyakov, especialmente, em outra. Deus sabe por que motivo ele fez um acordo com eles: ele vivia de graça ou por dinheiro? Posteriormente, eles acreditaram que ele se estabeleceu com eles como noivo de Marya Kondratievna e viveu de graça por enquanto. Tanto sua mãe quanto sua filha o respeitavam muito e o viam como uma pessoa superior a elas. Ao chegar à porta, Ivan Fedorovich entrou no corredor e, seguindo a direção de Marya Kondratyevna, foi direto para a esquerda, entrando na “cabana branca” ocupada por Smerdyakov. Nesta cabana havia uma salamandra e fazia muito calor. As paredes eram cobertas com papel de parede azul, embora estivesse todo rasgado, e embaixo delas, nas fendas, havia um número assustador de baratas prussianas pululando ao redor, de modo que havia um farfalhar incessante. A mobília era insignificante: dois bancos nas duas paredes e duas cadeiras perto da mesa. A mesa, embora fosse apenas de madeira, estava coberta com uma toalha manchada de rosa. Duas pequenas janelas continham, cada uma, um vaso de gerânios. No canto está uma maleta com imagens. Sobre a mesa havia um pequeno samovar de cobre bastante amassado e uma bandeja com duas xícaras. Mas Smerdyakov já havia tomado um gole de chá e o samovar apagou... Ele próprio estava sentado à mesa em um banco e, olhando para um caderno, desenhou algo com uma caneta. Um frasco de tinta estava próximo, bem como um castiçal baixo de ferro fundido com uma vela de estearina. Ivan Fedorovich concluiu imediatamente pelo rosto de Smerdyakov que ele havia se recuperado totalmente da doença. Seu rosto estava mais fresco, mais cheio, seu topete estava fofo, suas têmporas estavam manchadas. Ele estava sentado com um roupão de algodão colorido, muito gasto e bastante puído. Em seu nariz havia óculos que Ivan Fedorovich nunca o tinha visto usar antes. Essa circunstância mais vazia de repente pareceu deixar Ivan Fedorovich duas vezes mais irritado: “Que criatura, e até usando óculos!” Smerdyakov ergueu lentamente a cabeça e olhou atentamente para o recém-chegado através dos óculos; então ele os tirou silenciosamente e sentou-se no banco, mas de alguma forma não tão respeitosamente, de alguma forma até preguiçosamente, apenas para observar apenas a cortesia mais necessária, da qual é quase impossível prescindir. Tudo isso passou para Ivan em um instante, e ele imediatamente compreendeu e percebeu tudo isso, e o mais importante, o olhar de Smerdyakov, decididamente zangado, hostil e até arrogante: “Por que você está vagando por aí, afinal, concordamos em tudo então, por que você veio de novo? Ivan Fedorovich mal conseguiu se conter:

- Está quente aqui. - disse ele, ainda de pé, e desabotoou o casaco.

- Tire isso, senhor. - Smerdyakov permitiu.

Ivan Fedorovich tirou o casaco e jogou-o no banco, com as mãos trêmulas pegou uma cadeira, rapidamente levou-a até a mesa e sentou-se. Smerdyakov conseguiu sentar-se no banco à sua frente.

- Em primeiro lugar, estamos sozinhos? - Ivan Fedorovich perguntou severa e rapidamente. “Eles não vão nos ouvir de lá?”

- Ninguém vai ouvir nada, senhor. Você mesmo viu: o dossel.

“Escute, minha querida: o que você disse quando eu estava saindo do hospital, que se eu ficar calado sobre o fato de você ser mestre em se apresentar como epiléptico, você não contará ao investigador tudo sobre a nossa conversa com você no portão?” O que é tudo isso? o que você poderia entender então? Você me ameaçou? Fiz algum tipo de aliança com você ou tenho medo de você?

Ivan Fedorovich disse isso com total raiva, aparentemente e deliberadamente deixando claro que despreza qualquer evasão e qualquer abordagem e joga abertamente. Os olhos de Smerdyakov brilharam com raiva, seu olho esquerdo piscou e ele imediatamente, embora com sua maneira habitualmente contida e comedida, deu sua resposta: “Se você quer pureza, então aqui está esta pureza para você”:

“E foi isso que eu quis dizer então, e foi por isso que disse então, que você, tendo sabido de antemão do assassinato de seu próprio pai, o deixou como um sacrifício, e para que depois disso as pessoas não concluíssem nada de ruim sobre seus sentimentos, e talvez sobre qualquer outra coisa. - foi isso que prometi não contar aos meus superiores então.

Embora Smerdyakov falasse devagar e aparentemente com autocontrole, havia até algo de firme e persistente, malicioso e insolentemente desafiador em sua voz. Ele olhou atrevidamente para Ivan Fedorovich e no primeiro minuto seus olhos até brilharam:

- Como? O que? Você está são ou não?

- Totalmente em sã consciência, senhor.

- Eu sabia do assassinato então? - Ivan Fedorovich finalmente gritou e bateu com força na mesa. - O que significa: “sobre o que mais?” - fala, canalha!

Smerdyakov ficou em silêncio e continuou a examinar Ivan Fedorovich com o mesmo olhar insolente.

-Fale, seu canalha fedorento, sobre quais “outras coisas”? - ele gritou.

- E sobre essa “outra coisa”, percebi por um minuto que você provavelmente queria muito a morte de seus pais naquela época.

Ivan Fedorovich deu um pulo e deu-lhe um soco no ombro com toda a força, fazendo-o tropeçar em direção à parede. Num instante, todo o seu rosto se cobriu de lágrimas e ele disse: “É uma pena, senhor, bater em uma pessoa fraca!” de repente ele fechou os olhos com o lenço de papel com xadrez azul e o nariz completamente assoado e mergulhou em um choro silencioso e choroso. Um minuto se passou.

- Suficiente! pare com isso! - Ivan Fedorovich finalmente disse imperiosamente, sentando-se novamente na cadeira. - Não me tire da minha última paciência!

Smerdyakov tirou o pano dos olhos. Cada traço de seu rosto enrugado expressava o insulto que acabara de sofrer.

"Então você, canalha, pensou que eu queria matar meu pai pelo mesmo motivo que Dmitry?"

“Eu não sabia o que você estava pensando naquele momento, senhor”, disse Smerdyakov ofendido, “e foi por isso que o parei quando você estava entrando no portão para testá-lo neste exato momento, senhor.”

- O que experimentar? O que?

- Mas esta mesma circunstância: você quer ou não quer que seu pai seja morto o mais rápido possível?

O que mais indignou Ivan Fedorovich foi esse tom persistente e insolente, do qual Smerdyakov teimosamente se recusou a recuar.

- Você o matou! - ele exclamou de repente. Smerdyakov sorriu com desdém.

“Você mesmo sabe com certeza que eu não matei.” E pensei que uma pessoa inteligente não tem mais nada a dizer sobre isso.

"Mas por que, por que você suspeitou tanto de mim então?"

- Como já sabe, por puro medo, senhor. Pois eu estava em tal posição que, tremendo de medo, suspeitei de todos. Ele também decidiu testá-lo, senhor, porque se você, eu acho, quiser a mesma coisa que seu irmão, então isso será o fim de todo esse negócio, e eu mesmo desaparecerei como uma mosca.

- Escute, você disse a coisa errada há duas semanas.

“Eu entendi a mesma coisa no hospital, conversando com você, mas só acreditei que você entenderia sem mais delongas, e você mesmo não quer uma conversa direta, como a pessoa mais inteligente, senhor.”

- Olhar! Mas responda, responda, eu insisto: por que exatamente, como exatamente eu poderia ter instilado uma suspeita tão baixa em sua alma vil?

“Matar, você mesmo nunca poderia fazer isso, senhor, e não queria, mas querer que outra pessoa matasse, era isso que você queria.”

- E com que calma, com que calma ele fala! Por que eu iria querer, por que diabos eu iria querer?

- Como é isso? E a herança? - Smerdyakov respondeu de forma venenosa e de alguma forma até vingativa: - Afinal, depois de seu pai, você poderia ter recebido quase quarenta mil por cada um de seus três irmãos, e talvez até mais, senhor, e então Fyodor Pavlovich se casou com essa mesma senhora, senhor , Agrafena Alexandrovna, ela teria transferido todo o capital para si imediatamente após a coroa, pois eles não são muito estúpidos, senhor, então vocês três, irmãos, não teriam recebido dois rublos depois de seus pais. Quanto tempo faltava para a coroa? Um fio de cabelo, senhor: bastava esta senhora fazer isso com o dedinho na frente deles, e eles imediatamente corriam atrás deles para a igreja, mostrando a língua.

Ivan Fedorovich conteve-se de sofrimento.

"Tudo bem", ele disse finalmente, "você vê, eu não pulei, bati em você, não matei você." Fale mais; Então, na sua opinião, era isso que eu pretendia que meu irmão Dmitry fizesse, e contava com ele?

- Como não contou com eles, senhor; Afinal, se você matá-los, eles perderão todos os direitos da nobreza, posição e propriedade, e irão para o exílio, senhor. Então, depois de seus pais, sua parte deles será deixada para você e seu irmão Alexei Fedorovich, igualmente, senhor, o que significa que você teria que pagar não quarenta mil, mas sessenta mil cada, senhor. Você certamente contava com Dmitry Fedorovich então!

- Bem, eu não aguento isso de você! Escute, canalha: se eu tivesse contado com alguém então, certamente teria sido com você, e não com Dmitry, e, eu juro, até tive o pressentimento de algum tipo de abominação sua... então... eu lembre-se da minha impressão!

“E também pensei então, por um minuto, que você também contava comigo”, Smerdyakov sorriu zombeteiramente, “de modo que assim eles se expuseram ainda mais a mim, porque se tivessem um pressentimento sobre mim e fossem embora ao mesmo vez, aí eu assim, como se estivessem dizendo: você pode matar seu pai, eu não interfiro.

- Canalha! Você entende?

- E durante todo esse Chermashnya, senhor. Tenha piedade! Você está indo para Moscou e recusou todos os pedidos de seus pais para ir para Chermashnya, senhor! E apenas com uma palavra estúpida minha eles concordaram de repente! E por que você concordou com esse Chermashnya então? Se eles não foram para Moscou, mas foram para Chermashnya sem motivo, com minha única palavra, então eles esperavam algo de mim.

- Não, eu juro, não! - Ivan gritou, rangendo os dentes.

- Como pode ser não, senhor? Pelo contrário, por tais palavras minhas naquela época, você, filho de seus pais, deveria primeiro ter me apresentado à unidade e me arrancado, senhor... no mínimo, me bater na cara ali mesmo, e você, por misericórdia, pelo contrário, sem ficar nem um pouco zangado, você imediatamente, de maneira amigável, cumpre exatamente a minha palavra muito estúpida, senhor, e vai embora, o que foi completamente absurdo, senhor , porque você deveria ter ficado para preservar a vida de seus pais... Como não concluir?

Ivan ficou sentado, carrancudo, apoiando convulsivamente os dois punhos nos joelhos.

“Sim, é uma pena não ter batido na sua cara”, ele sorriu amargamente. “Foi impossível arrastar você até a unidade então: quem teria acreditado em mim e o que eu poderia apontar, mas pela expressão em seu rosto... ah, desculpe, não adivinhei; Mesmo que as mordas sejam proibidas, eu faria mingau com o seu hari.

Smerdyakov olhou para ele quase com prazer.

“Nos casos comuns da vida”, disse ele naquele tom doutrinário presunçoso com que certa vez discutiu com Grigory Vasilyevich sobre a fé e o provocou enquanto estava à mesa de Fyodor Pavlovich, “nos casos comuns da vida, os focinhos não são realmente proibidos por lei, e todos pararam de bater - senhor, bem, nos casos distintos da vida, não apenas aqui, mas em todo o mundo, mesmo que quiséssemos a república francesa mais completa, todos continuam a bater da mesma forma que sob Adão e Eva, senhor, e nunca fizeram isso, eles vão parar, senhor, mas você nem se atreveu nesse caso específico.

- Por que você está aprendendo vocabulário francês? — Ivan acenou com a cabeça para o caderno que estava sobre a mesa.

“Por que não os ensino, senhor, para poder contribuir para a minha educação, pensando que algum dia eu mesmo terei que estar naqueles lugares felizes da Europa.”

“Escute, monstro”, os olhos de Ivan brilharam e ele começou a tremer, “não tenho medo de suas acusações, aponte para mim o que quiser, e se eu não te espanquei até a morte agora, é só porque suspeito de você deste crime e o levará a julgamento.” Eu vou te encontrar de novo!

- Na minha opinião é melhor ficar calado, senhor. Pois o que você pode dizer sobre mim em minha completa inocência, e quem acreditará em você? Mas só se você começar, então eu lhe contarei tudo, senhor, porque como eu poderia não me proteger?

- Você acha que estou com medo de você agora?

“Mesmo que eles não acreditem em todas essas minhas palavras que acabei de lhe dizer no tribunal, eles acreditarão nelas em público e você se sentirá envergonhado, senhor.”

- Isso significa novamente: “é interessante conversar com uma pessoa inteligente”, né? - Ivan murmurou.

- Você acertou em cheio, senhor. Seja esperto, senhor.

Ivan Fedorovich levantou-se, tremendo de indignação, vestiu o casaco e, sem responder novamente a Smerdyakov, sem sequer olhar para ele, saiu rapidamente da cabana. O ar fresco da noite o refrescou. A lua brilhava intensamente no céu. Um terrível pesadelo de pensamentos e sensações fervia em sua alma. “Devo anunciar Smerdyakov agora? Mas o que declarar: ele ainda é inocente. Pelo contrário, ele vai me culpar. Na verdade, por que fui para Chermashnya então? Para quê, para quê? perguntou Ivan Fedorovich. Sim, claro, eu esperava alguma coisa, e ele tem razão...” E lembrou-se novamente, pela centésima vez, de como na última noite de seu pai o escutara da escada, mas com tanto sofrimento lembrou-se agora de que tinha até parou no meio do caminho como se estivesse perfurado: “Sim, eu estava esperando por isso então, é verdade! Eu queria, eu realmente queria assassinato! Eu queria assassinato, não é?.. Devo matar Smerdyakov!.. Se não me atrevo a matar Smerdyakov agora, então não vale a pena viver!..” Ivan Fedorovich, sem ir para casa, foi direto para Katerina Ivanovna e assustou-a com sua aparência; ele era um louco. Ele contou a ela toda a sua conversa com Smerdyakov, até o último detalhe. Ele não conseguia se acalmar, por mais que ela tentasse convencê-lo, ele continuava andando pela sala e falando de forma abrupta e estranha. Finalmente sentou-se, apoiou os cotovelos na mesa, apoiou a cabeça nas duas mãos e pronunciou um estranho aforismo:

- Se não fosse Dmitry quem matou, mas Smerdyakov, então é claro que eu concordaria com ele, porque o encorajei. Se eu o encorajei, ainda não sei. Mas se ele matou, e não Dmitry, então é claro que eu sou o assassino.

Ao ouvir isso, Katerina Ivanovna levantou-se silenciosamente de sua cadeira, foi até sua mesa, destrancou a caixa que estava sobre ela, tirou um pedaço de papel e colocou-o na frente de Ivan. Este pedaço de papel era o mesmo documento que Ivan Fedorovich anunciou mais tarde a Alyosha como “prova matemática” de que o irmão Dmitry matou seu pai. Era uma carta escrita por Mitya bêbado para Katerina Ivanovna, na mesma noite em que encontrou Alyosha no campo, que estava de partida para o mosteiro, após a cena na casa de Katerina Ivanovna, quando Grushenka a insultou. Então, tendo se separado de Alyosha, Mitya correu para Grushenka; Não se sabe se ele a viu, mas ao anoitecer ele se viu na taverna da Capital City, onde se embriagou bastante. Bêbado, ele exigiu papel e caneta e desenhou consigo um documento importante. Era uma carta frenética, prolixa e incoerente, literalmente “bêbada”. Era como quando um homem bêbado, ao voltar para casa, começa com extraordinário fervor a contar à sua esposa ou a alguém da família como acabou de ser insultado, que canalha é o seu insultador, que pessoa maravilhosa ele é, pelo contrário, e como ele vai incomodar aquele canalha - e isso é tudo, é longo, longo, incoerente e excitado, com os punhos batendo na mesa, com lágrimas de bêbado. O papel de carta que lhe foi dado na taberna era um pedaço sujo de papel comum, de má qualidade, e no verso estava escrito uma espécie de conta. Obviamente não havia espaço suficiente para a verbosidade bêbada, e Mitya não apenas escreveu todas as margens, mas até as últimas linhas foram escritas transversalmente de acordo com o que já havia sido escrito. A carta continha o seguinte conteúdo: “Fatal Katya! amanhã vou pegar o dinheiro e te dar os seus três mil, e adeus - mulher de muita raiva, mas adeus, meu amor! Vamos terminar! Amanhã vou conseguir de todo o povo, e se não conseguir do povo, então te dou minha palavra de honra, irei até meu pai e quebrarei a cabeça dele e tirarei de debaixo do travesseiro, como contanto que Ivan vá embora. Vou para trabalhos forçados e lhe darei três mil. E adeus a você mesmo. Eu me curvo até o chão, pois há um canalha na sua frente. Desculpe. Não, é melhor não perdoar: é mais fácil para mim e para você! É melhor trabalhar duro do que o seu amor, porque eu amo outra pessoa, mas hoje a conheci muito, como você pode perdoar? Vou matar meu ladrão! Vou deixar todos vocês para o Oriente, para não conhecer ninguém. Ela também, porque você não é o único algoz, mas ela também. Adeus!

"R. S. Escrevo uma maldição, mas adoro você! Eu ouço isso no meu peito. A corda permanece e toca. Melhor cortar seu coração ao meio! Vou me matar, mas primeiro vou matar o cachorro. Vou arrancar três dele e jogá-los para você. Pelo menos ele é um canalha na sua frente, e não um ladrão! Espere por três mil. O cachorro tem uma fita rosa embaixo do colchão. Eu não sou o ladrão, mas matarei meu ladrão. Katya, não olhe com desprezo: Dmitry não é um ladrão, mas um assassino! Ele matou seu pai e se destruiu para poder resistir e não suportar seu orgulho. E não para amar você.

“PP. S. Beijo seus pés, adeus!

“PP. SS. Katya, ore a Deus para que as pessoas me dêem dinheiro. Então não ficarei coberto de sangue, mas se não me derem sangue, não ficarei coberto de sangue! Me mata!

"Escravo e Inimigo" D. Karamázov".

Quando Ivan leu o “documento”, ele se levantou convencido. Isso significa que foi seu irmão quem matou, não Smerdyakov. Não Smerdyakov e, portanto, não ele, Ivan. Esta carta de repente adquiriu um significado matemático aos seus olhos. Não poderia mais haver qualquer dúvida para ele sobre a culpa de Mitya. A propósito, Ivan nunca suspeitou que Mitya pudesse ter matado junto com Smerdyakov, e isso não condizia com os fatos. Ivan estava completamente calmo. Na manhã seguinte, ele apenas se lembrou de Smerdyakov e de seu ridículo com desprezo. Alguns dias depois, cheguei a me perguntar como ele pôde ficar tão ofendido com suas suspeitas. Ele decidiu desprezá-lo e esquecê-lo. Um mês se passou assim. Ele não perguntou a mais ninguém sobre Smerdyakov, mas ouviu brevemente, uma ou duas vezes, que ele estava muito doente e fora de si. “Vai acabar em loucura”, disse certa vez o jovem médico Varvinsky, e Ivan lembrou-se disso. Na última semana deste mês, o próprio Ivan começou a se sentir muito mal. Ele já havia ido consultar um médico de Moscou, prescrito por Katerina Ivanovna, que chegara pouco antes do julgamento. E foi nessa época que seu relacionamento com Katerina Ivanovna piorou ao extremo. Estes eram dois inimigos apaixonados um pelo outro. O retorno de Katerina Ivanovna a Mitya, instantâneo mas forte, já estava levando Ivan a um frenesi completo. É estranho que até a última cena que descrevemos de Katerina Ivanovna, quando Alyosha veio de Mitya para ela, ele, Ivan, não teve notícias dela nem uma vez durante todo o mês de dúvidas sobre a culpa de Mitya, apesar de todos os seus “retornos” para ele, que ele tanto odiava. Também é notável que ele. Sentindo que odiava Mitya cada vez mais, ele entendeu ao mesmo tempo que não era por “retornos” a ele que Katya o odiava, mas precisamente porque ele matou seu pai. Ele mesmo sentiu e estava plenamente consciente disso. No entanto, dez dias antes do julgamento, ele foi até Mitya e propôs-lhe um plano de fuga - um plano que obviamente já estava concebido há muito tempo. Aqui, além do principal motivo que o levou a dar tal passo, havia também um certo arranhão que não havia cicatrizado em seu coração com uma palavra de Smerdyakov, de que seria benéfico para ele, Ivan, se seu irmão fosse acusado , porque a quantia herdada de seu pai aumentaria para ele de Aliocha de quarenta para sessenta mil. Ele decidiu sacrificar trinta mil de um lado para organizar a fuga de Mitya. Ao voltar dele, ficou terrivelmente triste e envergonhado: de repente começou a sentir que queria fugir não só para doar trinta mil por isso e curar o arranhão, mas por algum outro motivo. “É porque também sou um assassino de coração?” ele se perguntou. Algo distante, mas ardente, picou sua alma. O principal é que ao longo deste mês seu orgulho sofreu terrivelmente, mas falaremos mais sobre isso depois... Tendo atendido a campainha de seu apartamento após uma conversa com Alyosha e de repente decidido ir até Smerdyakov, Ivan Fedorovich obedeceu a uma indignação particular que de repente ferveu em seu peito. De repente, ele se lembrou de como Katerina Ivanovna acabara de exclamar para ele na frente de Alyosha: “Foi você, só você, quem me garantiu que ele (isto é, Mitya) é um assassino!” Lembrando-se disso, Ivan ficou até pasmo: nunca em sua vida ele lhe garantiu que o assassino Mitya, ao contrário, ainda suspeitava de si mesmo na frente dela, quando voltou de Smerdyakov. Pelo contrário, foi ela quem lhe apresentou o “documento” e provou a culpa do irmão! E de repente ela exclama: “Eu estava na casa de Smerdyakov!” Quando foi? Ivan não sabia nada sobre isso. Isso significa que ela não tem tanta certeza da culpa de Mitya! E o que Smerdyakov poderia dizer a ela? O que, o que exatamente ele disse a ela? Uma raiva terrível queimou em seu coração. Ele não entendia como poderia ter perdido essas palavras para ela meia hora atrás e não ter gritado então. Ele desligou a ligação e foi ver Smerdyakov. “Talvez eu o mate desta vez”, ele pensou com carinho.

VIII. Terceiro e último encontro com Smerdyakov

A meio caminho, levantou-se um vento forte e seco, igual ao daquele dia de manhã cedo, e caiu neve fina, espessa e seca. Ele caiu no chão sem grudar, o vento o torceu e logo surgiu uma nevasca completa. Na parte da cidade onde Smerdyakov morava, quase não temos iluminação pública. Ivan Fedorovich caminhou na escuridão, sem perceber a nevasca, instintivamente distinguindo a estrada. Ele estava com dor de cabeça e uma dor latejante nas têmporas. Nas mãos, ele sentiu, havia cólicas. Um pouco antes de chegar à casa de Marya Kondratyevna, Ivan Fedorovich de repente encontrou um camponês baixinho, bêbado e solitário, com uma camisa remendada com zíper, andando em zigue-zague, resmungando e xingando, e de repente desistindo de xingar e começando uma música com uma voz rouca e bêbada:

“Oh, Vanka foi para São Petersburgo,  
Não vou esperar por ele!

Mas ele interrompeu tudo nesta segunda linha e novamente começou a repreender alguém, então de repente ele começou a cantar a mesma música novamente. Ivan Fedorovich há muito sentia um ódio terrível por ele, sem sequer pensar nele, e de repente ele caiu em si. Imediatamente teve um desejo irresistível de derrubar o camponês com o punho. Justamente naquele momento eles ficaram lado a lado, e o camponês, balançando fortemente, de repente bateu em Ivan com toda a força. Ele o empurrou furiosamente. Muzhichenko voou e caiu como um tronco no chão congelado, gemendo dolorosamente apenas uma vez: oh! e ficou em silêncio. Ivan deu um passo em direção a ele. Ele ficou deitado de costas, completamente imóvel, sem sentimentos: “Ele vai congelar!” Ivan pensou e voltou para Smerdyakov.

Ainda na entrada, Marya Kondratyevna, que correu para abrir a porta com uma vela nas mãos, sussurrou-lhe que Pavel Fedorovich (isto é, Smerdyakov) estava muito doente, não apenas mentindo, mas quase fora de si, e eles até pediram chá para guardar, não queriam beber.

“Por que ele é turbulento ou algo assim?”, Ivan Fedorovich perguntou rudemente.

“Pelo contrário, eles são muito quietos, mas você não conversa com eles por muito tempo...” perguntou Marya Kondratyevna.

Ivan Fedorovich abriu a porta e entrou na cabana. Foi aquecido da mesma forma que antes, mas algumas mudanças foram perceptíveis na sala: um dos bancos laterais foi retirado e em seu lugar ficou um grande e velho sofá de couro com aspecto de mogno. Nela havia uma cama com travesseiros brancos bastante limpos. Smerdyakov estava sentado na cama, ainda com o mesmo roupão. A mesa foi movida para a frente do sofá, então a sala ficou muito lotada. Sobre a mesa havia um livro grosso em uma embalagem amarela, mas Smerdyakov não o estava lendo, parecia estar sentado e sem fazer nada. Ele encontrou Ivan Fedorovich com um olhar longo e silencioso e aparentemente não ficou surpreso com sua chegada. Seu rosto havia mudado muito, ele havia perdido muito peso e ficado amarelo. Os olhos estavam fundos, as pálpebras inferiores ficaram azuis.

-Você está realmente doente? - Ivan Fedorovich parou. “Não vou demorar muito e nem vou tirar seu casaco.” Onde você deve sentar?

Ele veio do outro lado da mesa, puxou uma cadeira para perto da mesa e sentou-se.

- Por que você está olhando e ficando em silêncio? Só tenho uma pergunta e juro que não vou deixar você sem resposta: você tinha uma senhora, Katerina Ivanovna?

Smerdyakov ficou em silêncio por um longo tempo, ainda olhando calmamente para Ivan, mas de repente acenou com a mão e desviou o rosto dele.

-O que você está fazendo? - Ivan exclamou.

- Nada.

- O que é nada?

- Bem, foi, bem, é tudo igual para você. Deixe-me em paz, senhor.

- Não, não vou te deixar sozinho! Diga-me, quando foi?

“Sim, esqueci de lembrar dela”, Smerdyakov sorriu com desdém e, de repente, novamente, virando o rosto para Ivan, olhou para ele com uma espécie de olhar frenético e odioso, o mesmo olhar com que o olhou naquele encontro há um mês.

“Você parece doente, parece abatido, não tem rosto”, disse ele a Ivan.

- Deixe minha saúde, me diga o que eles pedem.

- Por que seus olhos são amarelos, os brancos são completamente amarelos? Você está com muita dor?

Ele sorriu com desdém e de repente começou a rir.

- Escute, eu disse que não vou te deixar sem resposta! - Ivan gritou com terrível irritação.

- Por que você está me incomodando, senhor? Por que você está me torturando? - Smerdyakov disse com sofrimento.

- Ei, droga! Eu não me importo com você. Responda a pergunta e sairei imediatamente.

- Não preciso te responder! - Smerdyakov olhou para baixo novamente.

“Garanto que farei você responder!”

- Por que vocês estão todos preocupados? - Smerdyakov olhou para ele de repente, mas não tanto com desprezo, mas quase com algum tipo de desgosto, - isso significa que o julgamento começará amanhã? Nada vai acontecer com você, tenha certeza finalmente! Vá para casa, vá para a cama em paz, não tenha medo de nada.

- Não te entendo... por que eu deveria ter medo do amanhã? - disse Ivan surpreso, e de repente, de fato, algum tipo de medo e frio cheiraram em sua alma. Smerdyakov mediu-o com os olhos.

- Você não sabe? - ele falou lentamente em reprovação. - Uma pessoa inteligente gostaria de fingir ser uma comédia!

Ivan olhou para ele em silêncio. Esse tom inesperado por si só, um tom arrogante sem precedentes com o qual esse ex-lacaio agora se dirigia a ele, era incomum. Não houve tal tom nem da última vez.

“Estou lhe dizendo, você não tem nada a temer.” Não vou mostrar nada contra você, não há provas. Olha, suas mãos estão tremendo. Por que seus dedos estão se movendo? Vá para casa, você não matou.

Ivan estremeceu; lembrou-se de Aliócha.

“Eu sei que não sou eu...” ele murmurou.

- Você sabe? - Smerdyakov atendeu novamente.

Ivan deu um pulo e agarrou-o pelo ombro:

- Continue falando, bastardo! fale tudo!

Smerdyakov não teve medo nenhum. Ele apenas fixou os olhos nele com um ódio insano:

“Bem, foi por isso que você o matou”, ele sussurrou furiosamente para ele.

Ivan sentou-se numa cadeira, como se tivesse pensado em alguma coisa. Ele sorriu maldosamente.

- Você está falando sobre o que aconteceu naquela época? Quase o mesmo da última vez?

“Sim, da última vez eles ficaram na minha frente e entenderam tudo, e você entende agora.”

“Eu só entendo que você é louco.”

- Uma pessoa não se cansa disso! Estamos sentados cara a cara, por que achamos que estamos enganando uns aos outros, fazendo comédia? Ali ainda quer culpar só a mim, na minha cara? Você matou, você é o principal assassino, e eu era apenas seu capanga, o fiel servo de Licharda, e com sua palavra fiz esse feito.

- Você fez isso? Você realmente matou? - Ivan ficou com frio. Algo pareceu tremer em seu cérebro, e ele estremeceu todo com um pequeno tremor frio. Nesse ponto, o próprio Smerdyakov olhou para ele surpreso: provavelmente ficou finalmente impressionado com o susto de Ivan com sua sinceridade.

- Você realmente não sabia de nada? - ele gaguejou incrédulo, sorrindo torto nos olhos.

Ivan ficou olhando para ele, como se tivesse perdido a língua. “Ah, Vanka foi para São Petersburgo, não vou esperar por ele.” de repente tocou em sua cabeça.

“Quer saber: tenho medo que você seja um sonho, que esteja sentado na minha frente como um fantasma?” - ele gaguejou.

“Não há nenhum fantasma aqui, senhor, exceto nós dois, senhor, e um terceiro.” Sem hesitar, aqui está ele agora, este terceiro, entre nós dois.

- Quem é ele? Quem está aí? Quem é o terceiro? - disse Ivan Fedorovich com medo, olhando em volta e procurando alguém apressadamente em todos os cantos.

“Este terceiro é Deus, senhor, esta mesma providência, senhor, aqui está agora perto de nós, senhor, mas se não procurar, não encontrará”.

- Você mentiu que matou! - Ivan gritou furiosamente. “Ou você está louco ou está me provocando como da última vez!”

Smerdyakov, como antes, sem se assustar, manteve um olhar curioso sobre ele. Ainda não conseguiu superar a desconfiança, ainda lhe parecia que Ivan “sabe tudo”, mas só se apresenta assim para “poder culpar-lhe aos seus próprios olhos”.

“Espere, senhor”, ele finalmente disse com a voz fraca e, de repente, puxando a perna esquerda de debaixo da mesa, começou a enrolá-la por cima da calça. A perna usava uma longa meia branca e calçada com um sapato. Sem pressa, Smerdyakov tirou a liga e enfiou os dedos profundamente na meia. Ivan Fedorovich olhou para ele e de repente estremeceu de medo convulsivo.

- Louco! - gritou ele e, saltando rapidamente da cadeira, rolou para trás de modo que suas costas bateram na parede e pareceram grudar na parede, esticada como um fio. Ele olhou para Smerdyakov com um horror insano. Ele, nem um pouco envergonhado pelo susto, ainda estava enfiando a meia na meia, como se seus dedos ainda tentassem agarrar alguma coisa nela e retirá-la. Finalmente ele agarrou-o e começou a arrastá-lo. Ivan Fedorovich viu que se tratava de algum tipo de papel ou de uma pilha de papéis. Smerdyakov puxou-o e colocou-o sobre a mesa.

- É isso! - ele disse baixinho.

- O que? - Ivan respondeu, tremendo.

“Por favor, dê uma olhada, senhor”, disse Smerdyakov com a mesma calma. Ivan aproximou-se da mesa, pegou o pacote e começou a desembrulhá-lo, mas de repente retirou os dedos, como se estivesse sob o toque de algum réptil nojento e terrível.

“Seus dedos estão tremendo, senhor, em espasmo”, observou Smerdyakov e desdobrou lentamente o papel. Sob a embalagem havia três maços de notas arco-íris de cem rublos.

“Está tudo aqui, senhor, todos os três mil, nem conte.” Aceite, senhor”, convidou Ivan, apontando para o dinheiro. Ivan sentou-se em uma cadeira. Ele estava pálido como um lenço.

“Você me assustou... com aquela meia...” ele disse, sorrindo estranhamente.

- Sério, sério, você realmente não sabia até agora? - Smerdyakov perguntou novamente.

- Não, eu não sabia. Fiquei pensando em Dmitry. Irmão! Irmão! Oh! “De repente, ele agarrou a cabeça com as duas mãos. - Escute: você matou o único? sem irmão ou com irmão?

- Só junto com você, senhor; Eu matei vocês juntos, senhor, e Dmitry Fedorovich é inocente, senhor.

- Ok, ok... Mais sobre mim depois. Por que estou tremendo o tempo todo... não consigo dizer as palavras.

“Todo mundo era corajoso então, senhor, “tudo é permitido”, disseram, senhor, mas agora estão com tanto medo!” - Smerdyakov gaguejou maravilhado. - Quer uma limonada, vou pedir agora, senhor. Pode ser muito refrescante. Só que isso deve ser abordado primeiro, senhor.

E ele acenou novamente para as mochilas. Ele se moveu para se levantar e chamar Marya Kondratyevna na porta para que ela fizesse e trouxesse limonada, mas, procurando algo para cobrir o dinheiro para que ela não o visse, primeiro tirou um lenço, mas como era novamente acabou completamente explodido, ele tirou da mesa o único livro amarelo grosso que estava sobre ela, que Ivan notou quando entrou, e esmagou o dinheiro com ele. O título do livro era: Palavras de Nosso Santo Padre Isaac, o Sírio. Ivan Fedorovich conseguiu ler o título mecanicamente.

“Não quero limonada”, disse ele. - Mais sobre mim mais tarde. Sente-se e diga: como você fez isso? Diga a todos...

“Você deveria pelo menos tirar o casaco, senão ficará todo suado.”

Ivan Fedorovich, como se acabasse de perceber, arrancou o casaco e jogou-o, sem sair da cadeira, no banco.

- Fale, por favor fale!

Ele pareceu se acalmar. Ele esperava com confiança que Smerdyakov diria tudo agora.

- Sobre como foi feito, senhor? - Smerdiakov suspirou. - Foi feito da maneira mais natural, senhor, pelas suas próprias palavras...

“Sobre minhas palavras mais tarde”, Ivan interrompeu novamente, mas não gritando mais como antes, pronunciou as palavras com firmeza e parecia ter se dominado completamente. - Apenas me conte em detalhes como você fez isso. Tudo está em ordem. Não se esqueça de nada. Detalhes, o mais importante, detalhes. Por favor.

- Você saiu, aí eu caí no porão...

— Na epilepsia ou no fingimento?

- É claro que eu estava fingindo, senhor. Eu fingi fazer tudo. Ele desceu calmamente a escada, senhor, até o fundo, e deitou-se calmamente, senhor, e assim que se deitou começou a gritar. E ele lutou até que o levaram para fora.

- Parar! E o tempo todo, e depois, e no hospital, ele fingia tudo?

- De jeito nenhum, senhor. No dia seguinte, pela manhã, antes do hospital, houve um golpe real e tão forte que não acontecia há muitos anos. Fiquei completamente inconsciente por dois dias.

- Ok, ok. Continue.

“Eles me colocaram nesta cama, senhor, eu sabia o que havia atrás da divisória, senhor, porque Marfa Ignatievna, toda vez que eu estava doente, sempre me colocava atrás dessa divisória no quarto dela à noite, senhor.” Eles sempre foram carinhosos comigo desde o meu nascimento, senhor. À noite ele gemia, apenas baixinho. Todos estavam esperando por Dmitry Fedorovich.

- Como você esperou até sua casa?

- Por que veio até mim? Eu estava esperando por eles em casa, então não tive mais dúvidas de que eles chegariam naquela mesma noite, pois eles, tendo me perdido e não tendo nenhuma informação, certamente tiveram que subir eles próprios na casa pela cerca, senhor, como eles sabiam, e fazer o que quer que seja.

- E se ele não tivesse vindo?

“Então nada teria acontecido, senhor.” Eu não teria tomado a decisão sem eles.

- Ok, ok... fale com mais clareza, não tenha pressa, o principal é não perder nada!

“Eu esperava que eles matassem Fyodor Pavlovich... isso provavelmente é verdade, senhor.” É por isso que já os preparei desta forma... nos últimos dias, senhor... e o mais importante, esses sinais se tornaram conhecidos por eles. Dada a desconfiança e a raiva que se acumularam neles ao longo desses dias, certamente tiveram que penetrar na própria casa através das placas, senhor. Isto é certo. Era isso que eu esperava, senhor.

“Espere”, interrompeu Ivan, “se ele tivesse matado, teria pegado o dinheiro e levado embora; Não era exatamente assim que você deveria ter raciocinado? O que você conseguiria depois dele? Eu não vejo.

- Bem, eles nunca teriam encontrado o dinheiro, senhor. Só eu ensinei a eles que o dinheiro está debaixo do colchão. Só que não era verdade, senhor. Antes de estarem na caixa, era assim, senhor. E então ensinei Fyodor Pavlovich, já que eles eram o único em toda a humanidade que confiava em mim, a levar essa mesma sacola de dinheiro para o canto atrás do ícone, porque ninguém ali iria adivinhar, principalmente se viessem com pressa. Então estava ali, esse pacote, no canto deles atrás dos ícones, senhor. E seria ridículo mantê-los debaixo do colchão, numa caixa, pelo menos debaixo da chave. E aqui todos agora acreditavam que estavam deitados debaixo do colchão. Raciocínio estúpido, senhor. Então, se Dmitry Fedorovich tivesse cometido esse mesmo assassinato, eles não teriam encontrado nada, ou teriam fugido às pressas, com medo de qualquer barulho, como sempre acontece com os assassinos, ou teriam sido presos, senhor. Então eu poderia sempre, senhor, no dia seguinte, ou mesmo naquela mesma noite, senhor, sair do ícone e tirar o dinheiro, senhor, e tudo cairia sobre Dmitry Fedorovich. Isso é o que eu sempre poderia esperar.

- Bem, e se ele não tivesse matado, mas apenas espancado?

“Se eu não o tivesse matado, é claro que não teria ousado pegar o dinheiro e teria sido em vão.” Mas também havia um cálculo tal que eles iriam espancá-los até deixá-los sem sentido, e naquele momento eu teria tempo de pegá-los, e então diria a Fedor Pavlovich que não foi ninguém como Dmitry Fedorovich quem os espancou e roubou o dinheiro.

- Espere... estou confuso. Afinal, Dmitry matou e você só pegou o dinheiro?

- Não, eles não mataram, senhor. Bem, eu poderia te dizer agora que eles são assassinos... mas não quero mentir na sua frente agora, porque... porque se você realmente, como eu me vejo, não entendeu nada até agora e fez não finja para mim para deixar sua culpa óbvia, culpe-me, então você ainda é culpado de tudo, senhor, porque você sabia do assassinato, senhor, e me mandou matar, senhor, e todos vocês saíram sabendo disso. É por isso que quero provar aos seus olhos esta noite que o principal assassino em tudo aqui é você, senhor, e eu simplesmente não sou o principal, embora tenha sido eu quem matou. E você é o assassino mais legítimo!

- Por que, por que sou um assassino? Oh meu Deus! - Ivan finalmente não aguentou, esquecendo que havia deixado tudo de lado no final da conversa. - Este ainda é o mesmo Chermashnya? Pare, diga-me, por que você precisava do meu consentimento, se já aceitou Chermashnya como consentimento? Como você vai explicar isso agora?

“Confiante do seu consentimento, eu saberia que você não gritaria quando voltasse para buscar os três mil perdidos, se por algum motivo as autoridades suspeitassem de mim em vez de Dmitry Fedorovich, ou com Dmitry Fedorovich como camaradas; pelo contrário, eles teriam me protegido dos outros... E tendo recebido a herança, e então quando pudessem me recompensar, em toda a próxima vida, porque mesmo assim você se dignou a receber essa herança através de mim, caso contrário, se você se casou Agrafena Alexandrovna, isso não lhe custaria nada.

- R! Então você pretendia me atormentar pelo resto da minha vida! - Ivan murmurou. - E se eu não tivesse saído então, mas denunciado você?

- O que você poderia dizer então? Por que eu convenci você a ir para Chermashnya? Então isso é um absurdo, senhor. Além disso, depois da nossa conversa, você teria ido ou ficado. Se você tivesse ficado, nada teria acontecido; eu saberia, senhor, que você não queria que isso acontecesse e não teria feito nada. E se fôssemos, eles me garantiram que você não ousaria me processar e me perdoaria aqueles três mil. Sim, e então você não poderia me perseguir de jeito nenhum, porque então eu teria contado tudo no julgamento, senhor, isto é, não que eu roubei ou matei - eu não teria dito isso, senhor - mas que você Eles eles mesmos me incentivaram a roubar e matar, mas eu simplesmente não concordei. Por isso precisei então do seu consentimento, para que o senhor não pudesse me prender com nada, senhor, porque onde você tem a prova disso, eu sempre poderia prendê-lo, senhor, tendo descoberto a sede que você tinha pela morte de seus pais, e aqui está minha palavra: todo mundo acreditaria nisso e você ficaria envergonhado pelo resto da vida.

- Então eu tive, então eu tive essa sede, não é? - Ivan rosnou novamente.

“Sem dúvida sim, e com seu consentimento eles resolveram silenciosamente este assunto para mim, senhor”, Smerdyakov olhou firmemente para Ivan. Ele estava muito fraco e falava baixo e cansado, mas algo interno e oculto o incendiou, obviamente ele tinha algum tipo de intenção. Ivan teve um pressentimento disso.

“Continue”, ele disse a ele, “continue naquela noite”.

- O que vem a seguir, senhor! Então fico ali deitado e ouço como se o mestre gritasse. E antes disso, Grigory Vasilich de repente se levantou e saiu, e de repente eles gritaram, e então tudo ficou quieto, escuridão. Estou ali deitado, esperando, meu coração está batendo, não aguento mais. Finalmente me levantei e fui embora, - vejo que a janela à esquerda do jardim deles está aberta, dei mais um passo para a esquerda, senhor, para ouvir se eles estavam sentados ali vivos ou não, e ouvi que o mestre estava correndo e gemendo, portanto vivo, senhor. Ei, eu acho! Foi até a janela e gritou para o mestre: “Sou eu, dizem”. E ele me disse: “Ele estava, ele estava, ele fugiu!” Isto é, Dmitry Fedorovich, isso significa que sim, senhor. - “Ele matou Gregory!” - "Onde?" Eu sussurro para ele. - “Lá no canto”, ele aponta, e também sussurra. “Espere,” eu digo. Fui até um canto para olhar e encontrei Grigory Vasilyevich caído perto da parede e me deparei com ele, coberto de sangue, insensível. Tornou-se verdade que era Dmitry Fedorovich, isso imediatamente saltou na minha cabeça e eu imediatamente decidi acabar com tudo de repente, já que Grigory Vasilyevich, mesmo que ainda estivesse vivo, ficaria inconsciente até que vissem alguma coisa. Só havia um risco, senhor, de que Marfa Ignatievna acordasse de repente. Eu senti naquele momento, só que essa sede tomou conta de mim, meu espírito estava tão ocupado. Voltei novamente à janela do mestre e disse: “Ela está aqui, ela veio, Agrafena Alexandrovna veio, perguntando”. Então ele estremeceu como um bebê: “Onde está?” Onde?" Ele geme e geme, mas ainda não acredita. - “Está aí, eu digo, desbloqueie!” Ele me olha pela janela, acredita e não acredita, mas tem medo de destrancar, é disso que ele tem medo, eu acho. E é engraçado: de repente resolvi bater para eles essas mesmas placas na moldura, dizendo que Grushenka tinha chegado, na frente deles: era como se eu não acreditasse nas palavras, mas assim que bati nas placas, eles imediatamente correram para abrir a porta. Eles abriram. Eu ia entrar e ele estava parado ali, todo o corpo não me deixava entrar: “Onde ela está, onde ela está?” - olha para mim e treme. Bom, eu penso: se ele tem tanto medo de mim, é ruim! e então minhas pernas até enfraqueceram de medo de que ele não me deixasse entrar no quarto, ou ele gritasse, ou Marfa Ignatievna viesse correndo, ou o que quer que acontecesse, não me lembro então, eu mesmo devo ter ficado pálido frente deles. Sussurro para ele: “Sim, aí, lá está ela embaixo da janela, por que, eu digo, você não viu?” - “E você traz ela, e você traz ela!” - “Sim, ela está com medo, eu digo, ela estava com medo de gritar, ela se escondeu no mato, vai gritar, eu digo, do escritório você mesmo.” Ele correu, foi até a janela, colocou uma vela na janela: “Grushenka, gritando, Grushenka, você está aqui?” Ele mesmo está gritando, mas não quer se curvar na janela, não quer me deixar, por causa desse próprio medo, por isso ele tinha muito medo de mim e por isso não ousa me deixar. “Sim, lá está ela”, eu digo (fui até a janela e me inclinei), lá está ela no mato, rindo de você, viu? De repente ele acreditou, começou a tremer, eles estavam tão apaixonados por ela, senhor, e ele se inclinou para fora da janela. Eu então peguei essa mesma coisa velha de ferro fundido, na mesa deles, lembre-se, senhor, vai conter três libras, balancei e por trás dela, bem no topo da cabeça. Nem gritei. Só que ele afundou de repente, e eu fiz isso outra vez e uma terceira vez. No terceiro, senti que havia rompido. De repente, eles caíram para trás e caíram, de bruços, cobertos de sangue. Eu olhei: não tinha sangue em mim, não respingou, limpei, coloquei no chão, fui até o ícone, tirei o dinheiro da sacola e joguei a sacola no chão, e esta bem rosa fita ao lado dele. Entrei no jardim tremendo todo. Direto para aquela macieira com o oco - você conhece o oco, mas eu já tinha visto há muito tempo, já tinha pano e papel dentro, eu já tinha preparado há muito tempo; Embrulhei todo o valor em papel, depois em um pano e enfiei bem fundo. Então ela ficou lá também duas semanas, a mesma quantidade, senhor, depois depois do hospital ele tirou. Voltei para minha cama, deitei-me e pensei com medo: “se Grigory Vasilyevich for completamente morto, então coisas muito ruins podem acontecer, mas se ele não for morto e acordar, então vai acontecer muito bem, porque então eles será uma testemunha de que Dmitry Fedorovich veio e, portanto, eles mataram e levaram embora o dinheiro, senhor.” Comecei então a gemer de confusão e impaciência para acordar Marfa Ignatievna o mais rápido possível. Ela finalmente se levantou e estava prestes a correr em minha direção, mas quando de repente viu que Grigory Vasilyevich não estava lá, ela saiu correndo e, pelo que ouvi, gritou no jardim. Bom, foi aí que tudo aconteceu durante o resto da noite, eu já estava tranquilo com tudo.

O narrador parou. Ivan o ouvia o tempo todo em um silêncio mortal, sem se mover, sem tirar os olhos dele. Smerdyakov, ao contar a história, apenas ocasionalmente olhava para ele, mas principalmente olhava de lado. Ao terminar a história, ele aparentemente ficou agitado e teve dificuldade para recuperar o fôlego. O suor apareceu em seu rosto. No entanto, era impossível adivinhar se ele sentia remorso ou o quê.

“Espere”, disse Ivan, pensando. - E a porta? Se ele abriu a porta apenas para você, como Gregory poderia vê-la aberta diante de você? Foi por isso que Grigory viu você antes?

É notável que Ivan tenha perguntado com a voz mais pacífica, mesmo em um tom completamente diferente, nem um pouco zangado, de modo que se alguém tivesse aberto a porta para eles agora e olhado para eles da soleira, certamente teria concluído que eles estávamos sentados e conversando pacificamente sobre algum assunto comum, embora interessante.

“Quanto a esta porta e ao fato de Grigory Vasilyevich supostamente ter visto que ela estava destrancada, foi apenas sua imaginação”, Smerdyakov sorriu ironicamente. “Afinal, vou lhe dizer, este não é um homem, senhor, mas sim um cavalo castrado teimoso: mesmo que ele não tenha visto, mas pensou ter visto, você não vai derrubá-lo, senhor. ” Você e eu temos muita sorte que ele tenha inventado isso, porque Dmitry Fedorovich sem dúvida será condenado no final.

“Escute”, disse Ivan Fedorovich, como se novamente começando a se perder e tentando descobrir alguma coisa, “escute... eu queria te perguntar muito mais, mas esqueci... continuo esquecendo e ficando confuso.. . Sim! Diga-me pelo menos uma coisa: por que você abriu o pacote e imediatamente o deixou no chão? Porque é que não o levaste num saco... Quando me contaste, pareceu-me que estavas a falar deste pacote de tal forma que era necessário fazê-lo... e porque era necessário , não consigo entender...

- E eu fiz isso por algum motivo, senhor. Pois se uma pessoa é conhecedora e familiar, como eu, por exemplo, que viu esse dinheiro com antecedência e talvez o enfiou naquela bolsa e observou com seus próprios olhos como estava selado e inscrito, então tal pessoa, por que terra seria se Se ele tivesse matado aproximadamente isso, ele então, após o assassinato, começaria a abrir esse pacote, e mesmo com tanta pressa, já sabendo com certeza que esse dinheiro certamente estaria naquele pacote, senhor? Pelo contrário, se fosse um ladrão como eu, por exemplo, ele simplesmente colocaria esse pacote no bolso, sem abri-lo, e fugiria rapidamente com ele, senhor. Dmitry Fedorovich é completamente diferente aqui: eles só sabiam do pacote por boato, eles próprios não o viram, e quando o tiraram, mais ou menos como se estivessem debaixo de um colchão, rapidamente o abriram ali mesmo para descobrir se realmente continha esse mesmo dinheiro? E imediatamente jogaram fora a sacola, sem ter tempo de julgar que depois deles ficaria uma prova para eles, porque não são ladrões acostumados, e claramente nunca haviam roubado nada antes, porque eram nobres de família, e se agora eles decidiram roubar, então foi como se não roubassem, mas apenas para recuperar os seus, eles vieram, pois toda a cidade foi avisada com antecedência e até se gabavam em voz alta para todos que iriam levar embora sua propriedade de Fyodor Pavlovich. Eu não apenas disse essa ideia claramente ao promotor no meu interrogatório, mas pelo contrário, como se eu a insinuasse, senhor, como se eu mesmo não a entendesse, e como se eles próprios a tivessem inventado. , e não fui eu quem sugeriu isso, senhor, então senhor promotor, essa mesma dica até me deu água na boca, senhor...

“Então, realmente, você realmente pensou sobre tudo isso na hora?” - exclamou Ivan Fedorovich, fora de si de surpresa. Ele novamente olhou para Smerdyakov com medo.

- Por misericórdia, é possível inventar tudo isso com tanta pressa, senhor? Tudo foi pensado com antecedência.

- Bem... bem, significa que o próprio diabo te ajudou! - Ivan Fedorovich exclamou novamente. - Não, você não é burro, você é muito mais esperto do que eu pensava...

Ele se levantou com a intenção óbvia de andar pela sala. Ele estava em uma angústia terrível. Mas como a mesa estava bloqueando o caminho e ele quase teve que passar rastejando pela mesa e pela parede, ele simplesmente se virou e sentou-se novamente. O fato de não ter tido tempo de andar talvez o tenha irritado de repente, de modo que de repente ele gritou, quase em seu antigo frenesi:

- Escute, seu infeliz e desprezível! Você não entende que se ainda não te matei é só porque estou guardando você para a resposta de amanhã no tribunal. Deus vê (Ivan levantou a mão para cima) - talvez eu fosse culpado, talvez eu realmente tivesse um desejo secreto de... meu pai morrer, mas eu juro para você, eu não era tão culpado quanto você pensa e, talvez , eu não incitei você de jeito nenhum. Não, não, eu não o incitei! Mas de qualquer forma, vou mostrar para mim mesmo, amanhã, no julgamento, já decidi! Direi tudo, tudo. Mas vamos aparecer com você! E não importa o que você me diga no julgamento, não importa o que você testemunhe, eu aceito e não tenho medo de você; Eu mesmo confirmarei tudo! Mas você deve confessar perante o tribunal! Deve, deve, vamos juntos! Assim será!

Ivan disse isso solene e energicamente, e pelo seu olhar brilhante ficou claro que assim seria.

- Você está doente, pelo que vejo, muito doente, senhor. Seus olhos são bastante amarelos, senhor”, disse Smerdyakov, mas sem nenhum ridículo, mesmo como se estivesse condolências.

- Vamos juntos! “Ivan repetiu: “se você não for, serei o único a confessar”.

Smerdyakov fez uma pausa, como se estivesse pensando.

“Nada disso vai acontecer, senhor, e você não irá”, ele finalmente decidiu categoricamente.

- Você não me entende! - Ivan exclamou em tom de censura.

“Você ficará muito envergonhado, senhor, se admitir tudo para si mesmo.” E mais, será completamente inútil, senhor, porque direi francamente que nunca lhe contei nada parecido, senhor, mas que ou você está com algum tipo de doença (e é assim, senhor), ou você realmente sentiu tanta pena do seu irmão, que eles se sacrificaram, mas me compensaram, porque de qualquer maneira, eu fui considerado um mosquito a vida toda, e não uma pessoa. Bem, quem acreditará em você e que provas você tem?

- Escute, você me mostrou esse dinheiro agora, claro, para me convencer.

Smerdyakov tirou Isaac, o Sírio, das mochilas e as colocou de lado.

“Leve este dinheiro com você e leve-o embora”, suspirou Smerdyakov.

- Claro que vou tirar! Mas por que você está me dando isso se você matou por causa deles? — Ivan olhou para ele com grande surpresa.

“Eu não preciso deles”, disse Smerdyakov com a voz trêmula, acenando com a mão. “Eu tinha um pensamento antigo, senhor, que com tanto dinheiro começaria minha vida em Moscou, ou pior ainda, no exterior, isso era um sonho, senhor, e mais ainda, tudo porque “tudo é permitido”. Você realmente me ensinou isso, senhor, pois então me disse muito: pois se não existe um Deus infinito, então não há virtude, e então não há necessidade dela. É você mesmo. Isso é o que eu pensei.

- Você entendeu com sua mente? — Ivan sorriu ironicamente.

- Sua liderança, senhor.

- Então agora você acredita em Deus se devolver o dinheiro?

“Não, senhor, não acreditei”, sussurrou Smerdyakov.

- Então por que você está dando isso?

- Completamente... nada, senhor! - Smerdyakov acenou com a mão novamente. “Você mesmo dizia naquela época que tudo era permitido, mas agora por que está tão alarmado, senhor?” Você até quer se exibir... Mas nada vai acontecer! Você não vai me mostrar! - Smerdyakov decidiu novamente com firmeza e convicção.

- Você verá! - disse Ivan.

- Isso não pode ser verdade. Você é muito inteligente, senhor. Você ama o dinheiro, eu sei disso, senhor, você também ama a honra, porque é muito orgulhoso, ama excessivamente os encantos das mulheres e, acima de tudo, viver em sereno contentamento e não se curvar a ninguém - isso é acima de tudo, senhor . Você não quer arruinar sua vida para sempre aceitando tal vergonha no tribunal. Você, como Fyodor Pavlovich, é o mais parecido com ele de todas as crianças, com a mesma alma que eles.

“Você não é estúpido”, disse Ivan, como se estivesse surpreso; o sangue correu para seu rosto: “Eu costumava pensar que você era estúpido”. Você está falando sério agora! - ele comentou, de repente olhando para Smerdyakov de uma nova maneira.

- Por orgulho você me achou estúpido. Aceite o dinheiro, senhor.

Ivan pegou as três pilhas de cartões de crédito e colocou-as no bolso, sem embrulhá-las em nada.

“Vou mostrá-los no tribunal amanhã”, disse ele.

- Ninguém aí vai acreditar em você, senhor, felizmente você agora tem dinheiro suficiente, eles tiraram da caixa e trouxeram, senhor.

Ivan levantou-se da cadeira.

“Repito para você, se não te matei foi só porque preciso de você para amanhã, lembre-se disso, não se esqueça!”

- Bem, mate-o, senhor. Mate agora”, disse Smerdyakov de repente de forma estranha, olhando estranhamente para Ivan. “Você não ousará nem isso, senhor”, acrescentou ele, sorrindo amargamente, “você não ousará nada, seu velho e corajoso!”

- Vejo você amanhã! - Ivan gritou e começou a andar.

- Espere... mostre-os para mim novamente.

Ivan tirou os cartões de crédito e mostrou-lhes. Smerdyakov olhou para eles por dez segundos.

“Bem, vá em frente”, disse ele, acenando com a mão. - Ivan Fedorovich! - ele gritou de repente atrás dele novamente.

- O que você quer? - Ivan se virou já em movimento.

- Adeus, senhor!

- Vejo você amanhã! - Ivan gritou novamente e saiu da cabana. A tempestade de neve ainda continuava. Ele deu os primeiros passos com alegria, mas de repente começou a cambalear. “É algo físico”, pensou ele com uma risada. Algum tipo de alegria agora desceu em sua alma. Ele sentiu uma espécie de firmeza infinita dentro de si: o fim das hesitações que o atormentavam tão terrivelmente ultimamente! A decisão foi tomada “e não vai mudar”, pensou ele, feliz. Naquele momento, ele tropeçou de repente em alguma coisa e quase caiu. Parando, viu a seus pés o camponês que havia derrotado, ainda caído no mesmo lugar, sem sentimentos e sem movimentos. A tempestade de neve já havia coberto quase todo o seu rosto. Ivan de repente o agarrou e o arrastou consigo. Vendo uma luz à direita da casa, aproximou-se, bateu nas venezianas e pediu ao comerciante a quem pertencia a casa que o ajudasse a arrastar o homem para uma casa particular, prometendo dar-lhe imediatamente três rublos por isso. O comerciante se preparou e saiu. Não vou descrever em detalhes como Ivan Fedorovich conseguiu atingir seu objetivo e colocar o homem na unidade para que pudesse ser imediatamente examinado por um médico, ao que ele novamente entregou, e depois com mão generosa, “para despesas”. Deixe-me apenas dizer que o assunto demorou quase uma hora. Mas Ivan Fedorovich ficou muito satisfeito. Seus pensamentos estavam dispersos e funcionando: “se minha decisão para amanhã não tivesse sido tomada com tanta firmeza”, pensou de repente com prazer, “então eu não teria parado uma hora inteira para encontrar um lugar para o camponês, mas teria caminhado passou por ele e apenas cuspiu nele.” que ele iria congelar… Porém, como posso me cuidar! ele pensou naquele exato momento com ainda maior prazer: “E aí decidiram que eu estava enlouquecendo!” Ao chegar em sua casa, ele parou de repente diante de uma pergunta repentina: “Não deveria agora, agora, ir ao promotor e declarar tudo?” Resolveu a questão voltando-se para casa: “Amanhã estaremos todos juntos!” ele sussurrou para si mesmo e, estranhamente, quase toda a sua alegria, toda a sua satisfação consigo mesmo desapareceu num instante. Quando ele entrou em seu quarto, algo gelado de repente tocou seu coração, como se fosse uma lembrança, ou melhor, uma lembrança de algo doloroso e nojento, localizado neste quarto agora, agora e antes. Ele sentou-se cansado no sofá. A velha trouxe-lhe um samovar, ele fez chá, mas não tocou; Mandei a velha embora até amanhã. Ele sentou-se no sofá e sentiu-se tonto. Ele se sentiu doente e impotente. Ele começou a adormecer, mas levantou-se ansioso e caminhou pelo quarto para afastar o sono. Durante minutos pareceu-lhe que estava delirando. Mas não foi a doença que mais o ocupou; Depois de se sentar novamente, ele começou a olhar em volta de vez em quando, como se procurasse alguma coisa. Isso aconteceu várias vezes. Finalmente, seu olhar se concentrou intensamente em um ponto. Ivan sorriu, mas a cor da raiva inundou seu rosto. Ele ficou sentado em seu lugar por um longo tempo, apoiando firmemente a cabeça com as duas mãos e ainda olhando de lado no mesmo ponto. no sofá encostado na parede oposta. Aparentemente alguma coisa ali o irritava, algum objeto o incomodava, o atormentava.

IX. Droga. O pesadelo de Ivan Fedorovich

Não sou médico, mas sinto que chegou o momento em que preciso absolutamente explicar ao leitor pelo menos algo sobre a natureza da doença de Ivan Fedorovich. Olhando para o futuro, direi apenas uma coisa: agora, naquela noite, ele estava às vésperas do delirium tremens, que finalmente tomou conta de seu corpo, há muito perturbado, mas que resistia obstinadamente à doença. Não sabendo nada de medicina, atrevo-me a sugerir que, de fato, através de um terrível esforço de vontade, ele conseguiu adiar por um tempo a doença, sonhando, é claro, em superá-la completamente. Ele sabia que não estava bem, mas com desgosto não queria adoecer neste momento, nestes próximos momentos fatais da sua vida, quando tinha que estar presente, expressar a sua palavra com ousadia e decisão e “justificar-se a si mesmo. ” Porém, certa vez ele foi consultar um novo médico que havia chegado de Moscou, prescrito por Katerina Ivanovna como resultado de uma de suas fantasias, que já mencionei acima. O médico, depois de ouvi-lo e examiná-lo, concluiu que ele até tinha algum tipo de distúrbio cerebral, e não ficou nada surpreso com alguma confissão, que, no entanto, lhe fez com desgosto. “As alucinações são muito possíveis no seu estado, decidiu o médico, embora devam ser verificadas... em geral, é preciso começar o tratamento com seriedade, sem perder um minuto, senão vai piorar”. Mas Ivan Fedorovich, tendo-o abandonado, não seguiu seu prudente conselho e deixou de ir para a cama para tratamento: “Estou caminhando, ainda tenho forças, mas se eu cair é outra coisa, então deixe-o tratar quem quer que seja. quer”, ele decidiu, acenando com a mão. Então, ele sentou-se agora, quase percebendo que estava delirando e, como já disse, olhando persistentemente para algum objeto na parede oposta do sofá. De repente havia alguém sentado ali, Deus sabe como ele entrou, porque ainda não estava na sala quando Ivan Fedorovich, voltando de Smerdyakov, entrou. Era uma espécie de cavalheiro, ou melhor, um cavalheiro russo conhecido, já não jovem, “qui frisait la cinquantaine”, como dizem os franceses, com mechas grisalhas não muito fortes nos cabelos escuros, bastante longos e grossos e uma cunha -cortar barba. Ele estava vestido com uma espécie de jaqueta marrom, obviamente do melhor alfaiate, mas já usada, costurada há cerca de três anos e completamente fora de moda, de modo que nenhuma das pessoas ricas da sociedade usava essas coisas há dois anos. O linho, uma gravata comprida em forma de lenço, tudo igual a todos os senhores chiques, mas o linho, se você olhar mais de perto, estava meio sujo, e o lenço largo estava muito puído. As calças xadrez do convidado serviam perfeitamente, mas eram novamente muito leves e de alguma forma muito estreitas, como já haviam parado de usar, assim como o chapéu branco macio e fofo, que o convidado trouxera consigo, que já estava muito fora de época. Em uma palavra, havia uma espécie de decência com mesadas muito fracas. Parecia que o cavalheiro pertencia à categoria dos antigos proprietários de terras de mãos brancas que floresceram sob a servidão; obviamente tendo visto o mundo e uma sociedade decente, que já teve conexões e talvez as manteve até hoje, mas aos poucos com o empobrecimento depois de uma vida alegre na juventude e da recente abolição da servidão, que se transformou em uma espécie de cabide- de bom gosto, vagando entre bons e velhos conhecidos, que o aceitam pelo seu caráter harmonioso, bem organizado, e até pelo fato de ainda ser uma pessoa decente, que, mesmo na frente de qualquer um, pode sentar-se à sua mesa, embora, claro, num lugar modesto. Esses parasitas, senhores de bom caráter, que sabem contar uma história, saber jogar cartas e que absolutamente não gostam de nenhuma tarefa que lhes seja imposta, geralmente são solteiros, ou solteiros, ou viúvos , talvez tendo filhos, mas os filhos são sempre criados em algum lugar distante, com algumas tias, que o senhor quase nunca menciona na sociedade decente, como se tivesse um pouco de vergonha de tal relação. Aos poucos, ele se afasta completamente das crianças, ocasionalmente recebendo cartas de felicitações delas no dia do seu nome e no Natal, e às vezes até respondendo. O rosto do convidado inesperado não era exatamente bem-humorado, mas novamente sereno e pronto, a julgar pelas circunstâncias, para qualquer expressão gentil. Ele não tinha relógio, mas tinha um lorgnette de tartaruga com uma fita preta. No dedo médio direito; Sua mão estava adornada com um enorme anel de ouro com uma opala barata. Ivan Fedorovich ficou em silêncio e não quis falar. O convidado esperou e sentou-se ali como um parasita que acabara de descer do quarto que lhe foi atribuído para se juntar ao proprietário para tomar chá, mas ficou humildemente silencioso, visto que o proprietário estava ocupado e carrancudo pensando em alguma coisa; pronto, porém, para qualquer tipo de conversa, assim que o proprietário a iniciar. De repente, seu rosto pareceu expressar alguma preocupação repentina.

“Escute”, começou ele a Ivan Fedorovich, “com licença, só queria lembrá-lo: você foi até Smerdyakov para saber sobre Katerina Ivanovna, mas saiu sem saber nada sobre ela, provavelmente se esqueceu...

- Oh sim! - Ivan explodiu de repente, e seu rosto estava nublado de preocupação, - sim, esqueci... Mas agora não importa, é tudo até amanhã - murmurou para si mesmo. “E você”, ele se virou irritado para o convidado, “eu deveria ter me lembrado disso agora, porque era exatamente disso que eu estava atormentado pela saudade!” Por que você pulou, então vou acreditar que foi você quem sugeriu, e não eu mesmo me lembrei?

“Não acredite em mim”, o cavalheiro sorriu afetuosamente. -Que tipo de fé é violência? Ao mesmo tempo, nenhuma evidência ajuda na fé, especialmente as evidências materiais. Tomé acreditou não porque viu o Cristo ressuscitado, mas porque antes queria acreditar. Por exemplo, os espíritas... eu os amo muito... imaginem, eles acreditam que são úteis para a fé, porque os demônios do outro mundo mostram seus chifres para eles. “Esta é supostamente uma prova material, por assim dizer, de que existe essa luz.” Essa evidência leve e material, ah lyuli! E finalmente, se o diabo foi provado, então ainda não se sabe se Deus foi provado? Quero aderir a uma sociedade idealista, farei oposição a eles: “dizem que é realista, não materialista, heh heh!”

“Escute”, Ivan Fedorovich levantou-se de repente da mesa. - Agora estou definitivamente delirando... e claro delirando... minta o que quiser, não me importo! Você não vai me levar ao frenesi como da última vez. Só tenho vergonha de alguma coisa... Tenho vontade de andar pela sala... Às vezes não vejo você e nem ouço sua voz, como da última vez, mas sempre adivinho o que você está falando sobre, porque sou eu, eu mesmo digo, e não você! Só não sei se estava dormindo da última vez ou se vi você na realidade? Então vou molhar uma toalha em água fria e colocar na sua cabeça, e talvez você evapore.

Ivan Fedorovich foi até o canto, pegou uma toalha, fez o que ele disse e, com uma toalha molhada na cabeça, começou a andar de um lado para o outro pela sala.

“Gosto que você e eu estejamos na mesma página”, começou o convidado.

“Seu idiota”, Ivan riu, “o que vou lhe dizer?” Estou alegre agora, só minha têmpora dói... e o topo da minha cabeça... só por favor, não filosofe como da última vez. Se você não consegue limpar, então minta algo engraçado, porque você é um parasita, então fofoca. Isso vai ser um pesadelo! Mas não tenho medo de você. Eu vou superar você. Eles não vão te levar para um hospício!

- Este é um encantador parasita. Sim, sou exatamente eu. Quem sou eu na terra senão um parasita? Aliás, estou te ouvindo e estou um pouco surpreso: por Deus, é como se aos poucos você começasse a me levar por algo na realidade, e não apenas na sua fantasia, como foi o ponto anterior tempo...

“Eu não aceito você nem por um minuto como a verdade real”, Ivan até gritou furiosamente. - Você é uma mentira, você é minha doença, você é um fantasma. Só não sei como destruir você e vejo que preciso sofrer por algum tempo. Você é minha alucinação. Você é a personificação de mim mesmo, mas apenas um lado de mim... meus pensamentos e sentimentos, apenas os mais nojentos e estúpidos. Deste lado, até eu poderia estar curioso sobre você, se eu tivesse tempo para me preocupar com você...

“Deixe-me, deixe-me, vou condená-lo: agora mesmo na lanterna, quando você pulou em Alyosha e gritou para ele: “Você descobriu por ele!” Por que você sabia que ele estava me visitando? Foi você quem se lembrou de mim. Então, por um breve momento, ele acreditou, acreditou que eu realmente existia”, o cavalheiro riu baixinho.

- Sim, foi uma fraqueza da natureza... mas eu não pude confiar em você. Não sei se estava dormindo ou andando da última vez. Talvez então eu só tenha visto você em um sonho, e não na realidade...

“Por que você foi tão duro com ele agora há pouco, com Alyosha?” Ele é fofo; Sou culpado diante dele pelo Élder Zosima.

- Cale a boca sobre Alyosha! Como você ousa, lacaio! - Ivan riu novamente.

- Você repreende, mas ri, é um bom sinal. Porém, hoje você é muito mais gentil comigo do que da última vez, e eu entendo o porquê: esta é uma ótima decisão...

- Cale a boca sobre a decisão! - Ivan gritou ferozmente.

“Eu entendo, eu entendo, c’est noble, c’est charmant, você vai defender seu irmão amanhã e se sacrificar... c’est chevaleresque.”

- Cale a boca, eu vou te chutar!

“Ficarei parcialmente feliz, porque então meu objetivo foi alcançado: se você dá chutes, significa que você acredita no meu realismo, porque você não dá chutes em um fantasma.” Brincadeiras à parte: não me importo, juro se quiser, mas ainda é melhor ser pelo menos um pouco mais educado, pelo menos até comigo. Caso contrário, ele é um tolo e um lacaio, que palavras!

- Repreendendo você, me repreendendo! - Ivan riu de novo, - você sou eu, eu mesmo, só que com uma cara diferente. Você está dizendo exatamente o que já estou pensando... e não consegue me contar nada de novo!

“Se eu concordo com você em pensamentos, isso só me honra”, disse o cavalheiro com delicadeza e dignidade.

“Você simplesmente pega todos os meus pensamentos ruins e, o mais importante, os estúpidos.” Você é estúpido e se foi. Você é terrivelmente estúpido. Não, eu não suporto você! O que devo fazer, o que devo fazer! - Ivan murmurou.

“Meu amigo, ainda quero ser um cavalheiro e ser aceito como tal”, começou o convidado, num ataque de ambição puramente parasita, já complacente e bem-humorada. “Sou pobre, mas... não direi que sou muito honesto, mas... geralmente é aceito na sociedade como um axioma que sou um anjo caído.” Por Deus, não consigo imaginar como poderia ser um anjo. Se alguma vez existiu, foi há tanto tempo que não seria pecado esquecer. Agora valorizo ​​apenas minha reputação de pessoa decente e vivo como devo, tentando ser agradável. Amo as pessoas sinceramente - ah, fui caluniado de várias maneiras! Aqui, quando de vez em quando vou morar com você, minha vida segue como se alguma coisa estivesse realmente acontecendo, e é disso que mais gosto. Afinal, eu mesmo, assim como você, sofro com o fantástico, e é por isso que adoro o seu realismo terreno. Aqui você tem tudo delineado, aqui está uma fórmula, aqui está a geometria, mas aqui temos todas algumas equações vagas! Eu ando aqui e sonho. Eu adoro sonhar. Além disso, na terra eu me torno supersticioso – não ria, por favor: é exatamente disso que eu gosto, que eu me torne supersticioso. Aceito aqui todos os seus hábitos: adoro ir ao balneário comercial, você pode imaginar, e adoro fumegar com mercadores e padres. Meu sonho é se tornar realidade, mas finalmente, irrevogavelmente, na esposa de algum comerciante gordo de três quilos e acreditar em tudo em que ela acredita. Meu ideal é ir à igreja e acender uma vela do fundo do coração, meu Deus. Então há um limite para o meu sofrimento. Também me apaixonei por ser tratado por você: na primavera começou a varíola, fui e no orfanato me vacinei com varíola - se você soubesse o quanto fiquei satisfeito naquele dia: doei dez rublos para os irmãos eslavos!.. Mas você não escuta. Você sabe, você está se sentindo muito desconfortável hoje”, o cavalheiro fez uma pausa por um momento. - Eu sei que você foi naquele médico ontem... bem, como está sua saúde? O que o médico lhe disse?

- Enganar! - Ivan retrucou.

- Mas você é tão inteligente. Você está xingando de novo? Não é que eu esteja sem participação, mas algo assim. Talvez não responda. Agora o reumatismo voltou...

“Tolo”, Ivan repetiu novamente.

“Você é todo seu, mas tive tanto reumatismo do ano passado que ainda me lembro.”

- O que diabos é reumatismo?

- Por que não, se às vezes eu encarno. Eu encarno e aceito as consequências. Satan sum et nihil humanum a me alienum puto.

- Como, como? Satan sum et nihil humanum... isso não é estúpido para o diabo!

- Ainda bem que finalmente consegui.

“Mas você não tirou isso de mim”, Ivan parou de repente, como que surpreso, “nunca me ocorreu, é estranho...”

- C'est du nouveau n'est ce pas? Desta vez serei honesto e explicarei para você. Ouça: nos sonhos, e principalmente nos pesadelos, bem, de dor de estômago ou algo assim, às vezes uma pessoa vê esses sonhos artísticos, uma realidade tão complexa e real, tais eventos ou mesmo um mundo inteiro de eventos conectados por tal intriga com tal inesperado detalhes, começando com suas manifestações mais elevadas até o último botão da camisa, que, eu juro, Leo Tolstoi não escreveria, e ainda assim esses sonhos às vezes não são dos escritores, mas das pessoas mais comuns, funcionários, folhetins, sacerdotes... Há até todo um problema nisso: um ministro até me admitiu que todas as suas melhores ideias lhe ocorrem quando ele está dormindo. Bem, é assim que é agora. Embora eu seja sua alucinação, assim como em um pesadelo, digo coisas originais que nunca lhe ocorreram antes, então não repito mais seus pensamentos, e ainda assim sou apenas seu pesadelo e nada mais.

- Você está mentindo. Seu objetivo é justamente garantir que você está sozinho, e não no meu pesadelo, e agora você está se confirmando que é um sonho.

- Meu amigo, hoje peguei um método especial, depois te explico. Espere, onde eu parei? Sim, foi aí que eu peguei um resfriado, mas não aqui, mas ali também...

- Cadê? Diga-me, quanto tempo você vai ficar comigo, você não pode ir embora? - Ivan exclamou quase em desespero. Ele parou de andar, sentou-se no sofá, apoiou novamente os cotovelos na mesa e apertou a cabeça com as duas mãos. Ele arrancou a toalha molhada e jogou-a fora, irritado: obviamente não ajudou.

“Seus nervos estão perturbados”, comentou o cavalheiro com um olhar atrevido, descuidado, mas completamente amigável, “você está com raiva de mim até porque eu poderia ter pegado um resfriado, e ainda assim aconteceu da maneira mais natural”. Então corri para uma noite diplomática com uma senhora de alto escalão de São Petersburgo que pretendia se tornar ministra. Bem, fraque, gravata branca, luvas, e ainda assim eu ainda estava sabe Deus onde, e para chegar até você na terra ainda tive que voar pelo espaço... claro que este é apenas um momento, mas um raio A luz do sol dura oito minutos inteiros, e aqui, imagine, de fraque e colete aberto. Os espíritos não congelam, mas quando ele encarnou, então... enfim, ele estava de manhã, e partiu, mas nestes espaços, no éter, nesta água, até acima do firmamento, está uma geada ... isso é Está tão frio que nem dá para chamar de geada, você pode imaginar: cento e cinquenta graus abaixo de zero! Há uma diversão bem conhecida entre as meninas da aldeia: em uma geada de trinta graus, elas oferecem a um recém-chegado que lamba um machado; a língua congela instantaneamente e o atobá arranca sua pele até sangrar; bem, está apenas a trinta graus, mas a cento e cinquenta, e então basta colocar o dedo no machado, eu acho, e ele desapareceria, se ao menos... ao menos o machado pudesse acontecer ali...

- Poderia acontecer um machado lá? - Ivan Fedorovich interrompeu repentinamente de forma distraída e repugnante. Ele resistiu com todas as suas forças para não acreditar no seu delírio e não cair completamente na loucura.

- Machado? - perguntou o convidado surpreso.

- Bem, sim, o que acontecerá com o machado? - Ivan Fedorovich gritou de repente com uma espécie de persistência feroz e persistente.

- O que acontece no espaço com um machado? Que ideia! Se chegar a algum lugar mais longe, acho que começará a voar ao redor da Terra, sem saber por quê, na forma de um satélite. Os astrônomos calcularão o nascer e o pôr do machado, Gatsuk irá inseri-lo no calendário e isso é tudo.

- Você é estúpido, você é terrivelmente estúpido! - Ivan disse obstinadamente, - minta com mais inteligência, senão não vou ouvir. Você quer me superar com realismo, para me garantir que você existe, mas eu não quero acreditar que você existe! Eu não vou acreditar!!

- Sim, não estou mentindo, tudo é verdade; Infelizmente, a verdade quase sempre não é espirituosa. Você, pelo que vejo, está decididamente esperando algo grande, e talvez até lindo, de mim. É uma pena porque só dou o que posso...

- Não filosofe, burro!

- Que tipo de filosofia existe, quando todo o lado direito desaparece, estou gemendo e gemendo. Todos os remédios já existiram: eles sabem reconhecê-lo perfeitamente, contam toda a doença num relance, mas não sabem como curá-la. O único aluno aqui ficou entusiasmado: se você, diz ele, morrer, então saberá perfeitamente de que doença morreu! Novamente, essa é a maneira deles de se referirem aos especialistas: dizem que só vamos reconhecer, mas vá a tal e tal especialista, ele já vai te curar. Vou te contar, o velho médico que tratava de todas as doenças desapareceu completamente, agora só há especialistas e todos publicam nos jornais; Se o nariz dói, mandam você para Paris: lá, dizem, um especialista europeu trata narizes. Quando você chegar em Paris, ele examinará seu nariz: vou te contar, só posso tratar a narina direita, porque não trato narina esquerda, essa não é minha especialidade, mas vá atrás de mim para Viena, onde um especial especialista tratará sua narina esquerda. O que você vai fazer? recorrendo a remédios populares, um médico alemão me aconselhou a me limpar com mel e sal em uma casa de banhos que estava na prateleira. Fui só mais uma vez ao balneário: sujei-me todo e não adiantou nada. Desesperado, escreveu ao conde Mattei em Milão: mandou um livro e deixa cair, Deus o abençoe. E imagine: o extrato de malte de Goff ajudou! Comprei sem querer, bebi um copo e meio e, mesmo dançando, tudo passou. Decidi definitivamente imprimir “obrigado” a ele nos jornais, o sentimento de gratidão começou a falar, e imagine só, aqui é uma história diferente: não aceitam em nenhuma redação! “Vai ser muito retrógrado, dizem, ninguém vai acreditar, le diable n'existe point. Eles aconselham você a publicar anonimamente.” Bem, que “obrigado” se for anônimo. Eu rio com os funcionários: “Está em Deus, eu digo, na nossa época é retrógrado acreditar, mas eu sou o diabo, vocês podem acreditar em mim”. “A gente entende, dizem, quem não acredita no diabo, mas mesmo assim é impossível, pode prejudicar a direção. É apenas uma piada?" Bem, de brincadeira, pensei que não seria espirituoso. Nunca foi impresso. E acredite, isso ainda permanece em meu coração. Meus melhores sentimentos, como a gratidão, são formalmente proibidos para mim apenas pela minha posição social.

- Estou de volta à filosofia novamente! - Ivan rosnou com ódio.

“Deus me salve, mas às vezes você não pode deixar de reclamar.” Eu sou uma pessoa caluniada. Aqui você está comigo a cada minuto. que sou estúpido. É assim que você pode ver o jovem. Meu amigo, não se trata apenas da mente! Tenho um coração naturalmente gentil e alegre: “Também sou uma variedade de artistas de vaudeville”. Você parece me confundir resolutamente com o Khlestakov de cabelos grisalhos, mas meu destino é muito mais sério. Por algum propósito pré-temporal, que nunca consegui compreender, estava determinado a “negar”, mas sou sinceramente gentil e completamente incapaz de negar. Não, vá em frente e negue, sem negação não haverá crítica, mas que tipo de revista existe se não existe “departamento de crítica”? Sem crítica haverá apenas “Hosana”. Mas “Hosana” por si só não é suficiente para a vida; este “Hosana” deve passar pelo cadinho das dúvidas, e assim por diante. Porém, não me envolvo nisso tudo, não fui eu que criei e não sou responsável. Bem, eles escolheram um bode expiatório, me obrigaram a escrever no departamento de crítica e a vida acabou. Compreendemos esta comédia: por exemplo, exijo direta e simplesmente a minha própria destruição. Não, viva, dizem, porque sem você nada vai acontecer. Se tudo na terra fosse razoável, nada teria acontecido. Sem você não haverá incidentes, mas deve haver incidentes. Por isso sirvo, com relutância, para que possam ocorrer incidentes, e faço coisas irracionais de acordo com ordens. As pessoas consideram toda essa comédia algo sério, mesmo com toda a sua inegável inteligência. Esta é a tragédia deles. Bem, eles sofrem, é claro, mas... ainda assim vivem, vivem realisticamente, não fantasticamente; pois sofrimento é vida. Sem sofrimento, que prazer haveria nisso: tudo se transformaria em um serviço de oração sem fim: é sagrado, mas um pouco chato. Bem, e eu? Sofro e ainda assim não vivo. Eu sou X em uma equação incerta. Sou uma espécie de fantasma da vida, que perdeu todos os fins e começos, e até finalmente esqueceu como me chamar. Você ri... não, você não ri, você fica com raiva de novo. Você está sempre com raiva, você só teria o seu juízo, mas vou repetir para você mais uma vez que daria toda esta vida superestelar, todas as minhas posições e honras, apenas para encarnar na alma de um homem de sete libras. esposa do comerciante e acender velas para Deus.

“Você também não acredita em Deus?” - Ivan sorriu com ódio.

- Isto é, como posso te dizer isso, se você está falando sério...

- Existe um Deus ou não? - Ivan gritou novamente com feroz insistência.

- Ah, você está falando sério? Meu querido, sinceramente não sei, ele disse uma palavra linda.

“Você não sabe, mas você vê Deus?” Não, você não está sozinho, você sou eu, você sou eu e nada mais! Você é um lixo, você é minha fantasia!

- Ou seja, se quiser, tenho a mesma filosofia que você, isso seria justo. Je pense donc je suis, eu tenho certeza disso, mas o resto é tudo o que está ao meu redor, todos esses mundos, Deus e até o próprio Satanás - tudo isso não foi provado para mim, se existe por si mesmo, ou existe apenas uma emanação minha, o desenvolvimento consistente do meu eu, existindo pré-temporalmente e sozinho... em uma palavra, interrompo rapidamente, porque você parece estar pulando para lutar.

- Seria melhor se você contasse uma piada! - Ivan disse dolorosamente.

— Há uma anedota e é justamente sobre o nosso tema, ou seja, não é uma anedota, mas sim uma lenda. Você me censura por falta de fé: “Você vê, mas não acredita”. Mas, meu amigo, não sou o único, todos aqui estão confusos e tudo por causa de suas ciências. Embora ainda existissem átomos, cinco sentidos, quatro elementos, bem, então tudo de alguma forma andava junto. Havia átomos no mundo antigo. Mas quando souberam por nós que você havia descoberto ali uma “molécula química”, e um “protoplasma”, e Deus sabe o que mais, ficamos com o rabo entre as pernas. O caos acabou de começar; o principal é a superstição, a fofoca; Afinal, temos tantas fofocas quanto vocês, até um pouco mais, e por fim denúncias, também temos um departamento onde certas “informações” são aceitas. Portanto, esta lenda selvagem remonta à nossa idade média - não a sua, mas a nossa - e ninguém acredita nela, mesmo aqui, exceto pelas notas de venda de sete libras, ou seja, novamente, não suas, mas nossas notas de venda. Tudo o que você tem é o que nós temos também, e por amizade estou lhe revelando um dos nossos segredos, mesmo sendo proibido. Esta lenda é sobre o paraíso. Houve, dizem eles, um desses pensadores e filósofos aqui na terra, “ele rejeitou tudo, as leis, a consciência, a fé” e, o mais importante, a vida futura. Ele morreu e pensou que estava direto para a escuridão e a morte, e na frente dele estava uma vida futura. Ele ficou surpreso e indignado: “Isso, diz ele, contradiz minhas convicções”. Foi por isso que o condenaram... quer dizer, sabe, com licença, estou te contando o que ouvi, é só uma lenda... eles o condenaram, sabe, a andar um quatrilhão de quilômetros na escuridão ( temos quilômetros agora), e quando esse quatrilhão terminar, então as portas do céu se abrirão para ele e tudo será perdoado...

- Que tipo de tormento você terá no outro mundo além de um quatrilhão? - Ivan interrompeu com alguma animação estranha.

- Que tormento? Ah, não pergunte: antes era assim e aquilo, mas agora é cada vez mais moral, “remorso” e todas essas bobagens. Isso também partiu de você, do “amolecimento da sua moral”. Pois bem, quem ganhou, só ganhou o inescrupuloso, porque tem remorso quando não tem consciência nenhuma. Mas pessoas decentes, que ainda tinham consciência e honra, sofreram... Pois bem, reformas em solo despreparado, e mesmo copiadas de instituições alheias, não passam de danos! Uma chama antiga seria melhor. Pois bem, este homem condenado a um quatrilhão levantou-se, olhou e deitou-se do outro lado da estrada: “Não quero ir, não irei por princípio!” Pegue a alma de um ateu russo esclarecido e misture-a com a alma do profeta Jonas, que acordou no ventre de uma baleia por três dias e três noites - esse é o personagem desse pensador que se deitou na estrada.

- O que ele deitou ali?

- Bem, certamente havia algo ali. Você não está rindo?

- Bom trabalho! - Ivan gritou, ainda na mesma estranha animação. Agora ele ouvia com uma curiosidade inesperada. - Bem, está aí agora?

- É exatamente isso que não é. Ele ficou lá por quase mil anos, e então se levantou e caminhou.

- Que burro! - Ivan exclamou, rindo nervosamente, como se estivesse pensando intensamente em alguma coisa. - Faz diferença se você fica aí deitado para sempre ou anda um quatrilhão de quilômetros? Afinal, isso foi há um bilhão de anos?

- Ainda muito mais, mas não tenho lápis e papel, senão poderia calcular. Mas ele chegou lá há muito tempo e é aí que começa a piada.

- Como você chegou aí! Mas onde ele conseguiu um bilhão de anos?

- Mas você pensa tudo sobre a nossa terra atual! Mas a própria Terra actual pode ter-se repetido um bilhão de vezes; bem, tornou-se obsoleto, congelou, rachou, desintegrou-se, decompôs-se em seus princípios componentes, novamente água, mesmo acima da superfície sólida, depois novamente um cometa, novamente o sol, novamente a terra do sol - afinal, esse desenvolvimento pode ser repetido indefinidamente, e tudo de uma só vez e na mesma forma, até a última linha. O tédio mais indecente...

- Bem, bem, o que aconteceu quando você chegou lá?

- E assim que o céu se abriu para ele, e ele entrou, então, sem ter ficado mais dois segundos - e isso é por hora, por hora (embora seu relógio, em minha opinião, já devesse ter se desintegrado há muito tempo em seus elementos componentes em seu bolso, querido ), - sem gastar dois segundos, ele exclamou que nesses dois segundos, não apenas um quatrilhão, mas um quatrilhão de quatrilhões pode ser coberto, e até mesmo elevado à potência de um quatrilhão! Em uma palavra, ele cantou “Hosana”, e exagerou, de modo que outros ali, com uma maneira de pensar mais nobre, a princípio nem quiseram apertar a mão dele: pularam rápido demais para os conservadores. Natureza russa. Repito: uma lenda. O que eu comprei foi o que eu vendi. Então aqui estão alguns outros conceitos que temos sobre todos esses assuntos.

- Eu peguei você! - Ivan gritou com uma espécie de alegria quase infantil, como se finalmente tivesse se lembrado de algo: essa anedota de um quatrilhão de anos - eu mesmo compus! Eu tinha então dezessete anos, estava no ginásio... Então compus essa anedota e contei para um amigo, o sobrenome dele era Korovkin, foi em Moscou... Essa anedota é tão típica que não aguentei de qualquer lugar. Eu tinha esquecido... mas agora voltou para mim inconscientemente - para mim, e não para você! Como às vezes milhares de coisas são lembradas inconscientemente, mesmo quando estão prestes a ser executadas... Lembrei-me em um sonho. Então você é esse sonho! Você é um sonho e não existe!

“Pela paixão com que você me rejeita”, riu o cavalheiro, “estou convencido de que você ainda acredita em mim”.

- Nem um pouco! Não acredito nem um centésimo!

- Mas você acredita em um milésimo. Os lóbulos homeopáticos podem ser os mais fortes. Admita que você acredita, bem, dez milésimos...

- Nem um minuto! - Ivan gritou furiosamente. - Porém, eu gostaria de acreditar em você! - ele acrescentou de repente estranhamente.

- Ei! Aqui está uma confissão! Mas eu sou gentil. Eu vou te ajudar aqui também. Escute: fui eu quem te pegou, e não você quem me pegou! Eu lhe contei propositalmente sua própria piada, que você já havia esquecido, para que você perdesse completamente a fé em mim.

- Você está mentindo! O propósito da sua aparição é me garantir que você existe.

- Exatamente. Mas a hesitação, a ansiedade, a luta entre a fé e a descrença – isto às vezes é um tormento tão grande para uma pessoa conscienciosa como você, que é melhor enforcar-se. Eu, sabendo que você acredita um pouco em mim, permiti que você descresse completamente ao contar esta anedota. Eu os conduzo alternadamente entre a fé e a incredulidade, e aqui tenho meu próprio objetivo. Novo método, senhor: Afinal, quando você perder completamente a fé em mim, você imediatamente começará a me garantir na minha cara que não sou um sonho, mas realmente sou, já o conheço; Então alcançarei meu objetivo. E meu objetivo é nobre. Vou apenas jogar uma pequena semente de fé em você, e dela crescerá um carvalho, e um carvalho tão grande que você, sentado no carvalho, vai querer se juntar aos “pais do deserto e esposas inocentes”; porque você realmente quer isso em segredo, você comerá gafanhotos, você se arrastará para o deserto para escapar!

“Então você, canalha, está tentando salvar minha alma?”

“Você tem que fazer uma boa ação pelo menos algum dia.” Você está com raiva, você está com raiva, como posso ver!

- Bobo da corte! Você já tentou alguém assim, é isso que os gafanhotos comem, e eles rezam por dezessete anos no deserto nu, coberto de musgo?

“Minha querida, foi tudo o que fiz.” Você esquecerá o mundo e os mundos inteiros, mas se apegará a um deles, porque um diamante já é muito precioso; Afinal, uma dessas almas às vezes vale uma constelação inteira - afinal, temos nossa própria aritmética. A vitória é preciosa! Mas alguns deles, por Deus, não são inferiores a você em desenvolvimento, mesmo que você não acredite: tais abismos de fé e descrença podem ser contemplados no mesmo momento que às vezes parece que só mais um fio de cabelo e uma pessoa voará “de cabeça para baixo”, como diz o ator Gorbunov.

- Bem, você foi embora com o nariz?

“Meu amigo”, observou o convidado sentenciosamente, “ainda é melhor sair com nariz do que às vezes sem nariz, como disse recentemente um marquês doente (deve ter sido tratado por um especialista) em confissão ao seu pai espiritual jesuíta. ” Eu estava presente - simplesmente adorável. “Devolva-me”, diz ele, “meu nariz!” E bate no peito. “Meu filho”, diz o padre, de acordo com os destinos inescrutáveis ​​​​da providência, tudo é compensado, e o infortúnio visível às vezes acarreta benefícios extraordinários, embora invisíveis. Se o destino estrito privou você de seu nariz, então seu benefício é que ninguém em toda a sua vida se atreverá a lhe dizer que você ficou com um nariz.” - “Santo Padre, isto não é consolação!” exclama o desesperado: “Eu, pelo contrário, ficaria encantado em permanecer com meu nariz durante toda a minha vida, todos os dias, se ao menos estivesse no meu devido lugar!” “Meu filho”, suspira o padre, “você não pode exigir todas as bênçãos de uma vez, e isso já é um murmúrio contra a Providência, que mesmo aqui não se esqueceu de você; pois se você clama, como gritou agora, que estaria feliz em ficar com o nariz por toda a vida, então também aqui o seu desejo já foi indiretamente satisfeito: pois, tendo perdido o nariz, você ainda está, como fosse, ficou com o nariz”...

- Ugh, que estúpido! - Ivan gritou.

“Meu amigo, eu só queria fazer você rir, mas juro, isso é uma verdadeira casuística jesuítica, e juro, tudo isso aconteceu letra por carta, como lhe descrevi.” Este incidente é recente e me causou muitos problemas. O infeliz jovem, voltando para casa, matou-se com um tiro naquela mesma noite; Estive com ele inseparavelmente até ao último momento... Quanto a estes confessionários jesuítas, esta é verdadeiramente a minha mais doce diversão nos momentos tristes da minha vida. Aqui está outro caso para você, outro dia. Uma garota loira, Norman, de cerca de vinte anos, vai até o velho padre. Beleza, corpos, natureza – dá água na boca. Ela se abaixou e sussurrou seu pecado na toca do padre. “Do que você está falando, minha filha, você realmente caiu de novo?..” exclama o padre. “Oh, Santa Maria, o que ouvi: não com a mesma. Mas por quanto tempo isso vai continuar, e que vergonha! “Ah mon pere”, responde o pecador, todo em lágrimas de arrependimento: “Ca lui fait tant de plaisir et a moi si peu de peine!” Bem, imagine esta resposta! A essa altura desisti: esse é o grito da própria natureza, isso, se você quiser, é melhor que a própria inocência! Eu imediatamente a absolvi de seu pecado e me virei para ir, mas fui imediatamente forçado a voltar: ouvi o padre no buraco marcando um encontro com ela à noite - mas o velho é uma pedra e caiu em um instante ! A natureza, a verdade da natureza, cobrou seu preço! Você está torcendo o nariz de novo, ficando com raiva de novo? não sei como te agradar...

“Deixe-me em paz, você está martelando meu cérebro como um pesadelo persistente.” - Ivan gemeu dolorosamente, impotente diante de sua visão, - estou entediado com você, insuportavelmente e dolorosamente! Eu daria muito se pudesse te afastar!

“Repito, modere suas demandas, não exija de mim “tudo de bom e belo”, e você verá como você e eu nos daremos amigavelmente”, disse o cavalheiro de forma impressionante. “Na verdade, você está com raiva de mim porque eu não apareci para você de alguma forma em um brilho vermelho, “trovejando e brilhando”, com asas chamuscadas, mas apareci de uma forma tão modesta. Você está ofendido, em primeiro lugar, com seus sentimentos estéticos e, em segundo lugar, com seu orgulho: como, dizem eles, um demônio tão vulgar poderia chegar a um homem tão grande? Não, você ainda tem esse lado romântico, tão ridicularizado por Belinsky. O que fazer, meu jovem. Eu estava pensando agora; indo até você, de brincadeira, para aparecer na forma de um vereador de estado ativo aposentado que serviu no Cáucaso, com a estrela de Leão e do Sol no fraque, mas eu estava com muito medo, porque você teria me batido apenas porque me atrevi a colocar o Leão e o Sol no fraque, e pelo menos não coloquei a Estrela do Norte ou Sirius. E tudo o que você diz é que sou estúpido. Mas meu Deus, não tenho pretensões de ser igual a você em inteligência. Mefistófeles, aparecendo a Fausto, testemunhou sobre si mesmo que deseja o mal, mas faz apenas o bem. Bem, é como ele quiser, mas sou completamente o oposto. Posso ser a única pessoa em toda a natureza que ama a verdade e deseja sinceramente o bem. Eu estava lá quando o Verbo, que morreu na cruz, subiu ao céu, levando na testa a alma do ladrão crucificado à sua direita, ouvi os gritos alegres dos querubins cantando e gritando: “Hosana!” e o estrondoso grito de alegria dos serafins, do qual estremeceu o céu e todo o universo. E então, juro por tudo que é sagrado, quis entrar no coral e gritar “Hosana” com todos! Já estava voando, já estourando no meu peito... Eu, você sabe, sou muito sensível e artisticamente receptivo. Mas o bom senso - ah, a propriedade mais infeliz da minha natureza - manteve-me dentro dos limites adequados e perdi o momento! Pois, pensei naquele exato momento, o que teria acontecido depois da minha “hosana”? Tudo no mundo desapareceria imediatamente e nenhum incidente aconteceria. E foi unicamente por dever e pela minha posição social que fui obrigado a suprimir os bons momentos em mim mesmo e permanecer com os truques sujos. Alguém toma para si toda a honra da bondade, mas só me restam truques sujos. Mas não invejo a honra de viver com uma vida barata, não sou ambicioso. Por que, de todas as criaturas do mundo, sou o único condenado às maldições de todas as pessoas decentes e até aos pontapés de botas, pois, ao encarnar, às vezes devo aceitar tais consequências? Eu sei que há um segredo aqui, mas eles nunca querem me contar o segredo, porque talvez então, tendo adivinhado o que está acontecendo, eu latirá “Hosana”, e o sinal de menos necessário desaparecerá imediatamente e a prudência começará em todo o mundo, e com isso, claro, é o fim de tudo, até de jornais e revistas, porque quem vai assiná-los então. Sei que no final farei as pazes, chegarei ao meu quatrilhão e descobrirei o segredo. Mas enquanto isso acontece, acordo e, com relutância, cumpro meu propósito: destruir milhares para que um possa ser salvo. Quantas almas, por exemplo, tiveram que ser destruídas e reputações honestas desonradas para conseguir apenas o justo Jó, por quem fui tão perversamente enganado durante isso! Não, até que o segredo seja revelado, para mim existem duas verdades: uma aí, deles, completamente desconhecida para mim, e a outra é minha. E resta saber qual ficará mais limpo... Você adormeceu?

“É claro”, Ivan gemeu com raiva, “tudo que é estúpido em minha natureza, já foi experimentado há muito tempo, arraigado em minha mente, descartado como carniça – você me traz isso como uma espécie de notícia!”

- Eu também não me incomodei aqui! E pensei até em te seduzir com uma exposição literária: Essa “hosana” no céu realmente não ficou ruim, não foi? Então agora esse tom sarcástico à la Heine, né, não é?

- Não, nunca fui tão lacaio! Por que minha alma poderia dar à luz um lacaio como você?

“Meu amigo, conheço um dos mais charmosos e meigos barchens russos: um jovem pensador e grande amante da literatura e das coisas elegantes, autor de um poema que promete, chamado: “O Grande Inquisidor”... Isso é tudo que eu tinha em mente!

“Proíbo você de falar sobre o “Grande Inquisidor”, exclamou Ivan, todo vermelho de vergonha.

- Bem, e quanto à “Revolução Geológica”? lembrar? Este é um poema!

- Cale a boca ou eu mato você!

-Você vai me matar? Não, sinto muito, vou dizer. Vim me presentear com esse prazer. Ah, adoro os sonhos dos meus ardentes e jovens amigos, trêmulos de sede de vida! “Há gente nova lá”, você decidiu na primavera passada, quando estava vindo para cá, “eles planejam destruir tudo e começar com a antropofagia. Tolos, eles não me perguntaram! Na minha opinião não há necessidade de destruir nada, mas só precisamos destruir a ideia de Deus na humanidade, é aí que precisamos começar a trabalhar! É aqui que devemos começar, ó cegos que nada entendem! Assim que a humanidade renunciar completamente a Deus (e acredito que este período, paralelo aos períodos geológicos, chegará ao fim), então por si só, sem antropofagia, toda a velha cosmovisão e, mais importante, toda a velha moralidade cairão, e tudo novo virá. As pessoas copularão para tirar da vida tudo o que ela pode dar, mas certamente para a felicidade e a alegria somente neste mundo. O homem será exaltado pelo espírito do orgulho divino e titânico e um homem-deus aparecerá. Conquistando a cada hora a natureza sem fronteiras, por sua própria vontade e ciência, o homem sentirá assim, a cada hora, um prazer tão elevado que substituirá todas as suas esperanças anteriores de prazeres celestiais. Todos aprenderão que é completamente mortal, sem ressurreição, e aceitarão a morte com orgulho e calma, como um deus. Por orgulho, ele entenderá que não tem do que reclamar porque a vida é um momento, e amará o irmão sem qualquer compensação. O amor satisfará apenas um momento da vida, mas a mera consciência de sua instantaneidade intensificará seu fogo tanto quanto antes se confundia nas esperanças de um amor além-túmulo e sem fim”... e assim por diante, da mesma forma . Legal!

Ivan sentou-se com as mãos nos ouvidos e olhando para o chão, mas todo o seu corpo começou a tremer. A voz continuou:

“A questão agora é”, pensou o meu jovem pensador: é possível que tal período chegue ou não? Se acontecer, então tudo estará decidido e a humanidade estará completamente resolvida. Mas como, em vista da estupidez inveterada do homem, isso provavelmente não será resolvido em mil anos, então qualquer pessoa que já esteja ciente da verdade poderá organizá-la completamente como quiser, com base em novos princípios. Nesse sentido, “tudo lhe é permitido”. Além disso: mesmo que este período nunca chegue, mas como ainda não existe Deus e imortalidade, então uma nova pessoa pode se tornar um deus-homem, pelo menos um em todo o mundo, e certamente em uma nova categoria, com um fácil com o coração pular todas as barreiras morais anteriores do ex-escravo humano, se necessário. Não há lei para Deus! Onde Deus se torna, já existe o lugar de Deus! Onde quer que eu esteja, imediatamente haverá o primeiro lugar... “tudo é permitido” e um sábado! É tudo muito bom; somente se você quisesse trapacear, por que outro motivo, ao que parece, haveria uma sanção da verdade? Mas é assim que o nosso homem russo moderno é: ele nem se atreve a trapacear sem permissão, ele está tão apaixonado pela verdade...

O convidado falou, obviamente levado pela sua eloquência, levantando cada vez mais a voz e olhando zombeteiramente para o anfitrião; mas não conseguiu terminar: Ivan de repente pegou um copo da mesa e jogou no alto-falante.

- Ah, mas c'est bete enfin! - exclamou, saltando do sofá e enxugando os respingos de chá com os dedos, - lembrou-se do tinteiro de Lutero! Ele mesmo me considera um sonho e joga óculos no sonho! É feminino! Mas suspeitei que você apenas fingiu tapar os ouvidos e ouviu...

Uma batida firme e persistente veio de repente do quintal na moldura da janela. Ivan Fedorovich saltou do sofá.

“Você ouviu, é melhor você abrir a porta”, gritou o convidado, “é seu irmão Alyosha com as notícias mais inesperadas e interessantes, estou respondendo a você!”

“Fique quieto, enganador, eu sabia antes de você que era Aliocha, tive um pressentimento dele, e claro que ele não veio à toa, claro com a “notícia”!..” Ivan exclamou freneticamente.

- Desbloqueie, desbloqueie para ele. Há uma tempestade de neve lá fora e ele é seu irmão. Senhor, sait-il le temps qu'il fait? C'est a ne pas mettre un chien dehors…

As batidas continuaram. Ivan teve vontade de correr até a janela, mas de repente algo pareceu amarrar suas pernas e braços. Ele se esforçou com todas as suas forças, como se quisesse quebrar as amarras, mas em vão. As batidas na janela ficaram cada vez mais altas. Finalmente, os laços se romperam repentinamente e Ivan Fedorovich pulou no sofá. Ele olhou em volta descontroladamente. As duas velas estavam quase apagadas, o copo que acabara de jogar no convidado estava sobre a mesa à sua frente e não havia ninguém no sofá em frente. As batidas no caixilho da janela, embora continuassem com insistência, não eram tão fortes como ele acabara de imaginar no sonho, pelo contrário, eram muito contidas.

- Isso não é um sonho! Não, eu juro, não foi um sonho, tudo aconteceu agora! - gritou Ivan Fedorovich, correu até a janela e abriu a janela.

- Alyosha, eu não mandei você vir! - ele gritou ferozmente para o irmão. - Resumindo: o que você quer? Em poucas palavras, você ouviu?

“Smerdyakov se enforcou há uma hora”, respondeu Alyosha do pátio.

“Vá para a varanda, vou abrir para você agora”, disse Ivan, e foi abrir a porta para Aliocha.

X. “Isso é o que ele disse!”

Ao entrar, Alyosha disse a Ivan Fedorovich que há pouco mais de uma hora Marya Kondratyevna veio correndo ao seu apartamento e anunciou que Smerdyakov havia tirado a própria vida. “Entrei para limpar o samovar e ele está pendurado em um prego na parede.” À pergunta de Alyosha: “Ela contou às pessoas certas?” Ela respondeu que não contou a ninguém, mas “correu direto para o primeiro e correu até o fim”. Ela estava louca, disse Alyosha, e tremia como uma folha. Quando Alyosha correu com ela para a cabana, encontrou Smerdyakov ainda pendurado. Havia um bilhete sobre a mesa: “Estou destruindo minha vida com minha própria vontade e desejo, para não culpar ninguém”. Alyosha deixou este bilhete sobre a mesa e foi direto ao policial, contou-lhe tudo, “e de lá direto para você”, concluiu Alyosha, olhando atentamente para o rosto de Ivan. E durante todo o tempo em que contava, ele não tirava os olhos dele, como se estivesse muito surpreso com algo na expressão de seu rosto.

“Irmão”, ele gritou de repente, “você deve estar terrivelmente doente!” Você olha e parece não entender o que estou dizendo.

“Que bom que você veio”, disse Ivan, pensativo e como se nem tivesse ouvido a exclamação de Aliocha. “Mas eu sabia que ele se enforcou.”

- De quem?

- Não sei de quem. Mas eu sabia. Eu sabia? Sim, ele me contou. Ele também me disse agora há pouco...

Ivan ficou no meio da sala e falou, ainda pensativo e olhando para o chão.

- Quem é ele? - perguntou Alyosha, olhando em volta involuntariamente.

- Ele escapuliu.

Ivan ergueu a cabeça e sorriu baixinho:

- Ele tinha medo de você, você, a pomba. Você é um “querubim puro”. Dmitry chama você de querubim. Querubim... Grito estrondoso de alegria dos serafins! O que é um serafim? Poderia haver uma constelação inteira. Ou talvez toda aquela constelação seja apenas uma molécula química... Existe uma constelação de Leão e do Sol, você não sabe?

- Irmão, sente-se! - disse Alyosha assustado, - sente-se, pelo amor de Deus, no sofá. Você está delirando, deite no travesseiro, assim. Você quer uma toalha molhada para a cabeça? Talvez melhore?

“Me dá a toalha, aqui na cadeira, joguei aqui agora há pouco.”

- Ele não está aqui. Não se preocupe, eu sei onde fica; “Aqui está”, disse Aliocha, encontrando no outro canto da sala, perto da penteadeira de Ivan, uma toalha limpa, ainda dobrada e sem uso. Ivan olhou para a toalha de forma estranha; sua memória pareceu voltar para ele em um instante.

“Espere”, ele se levantou do sofá, “agora mesmo, há uma hora, peguei essa mesma toalha de lá e umedeci com água”. Passei na cabeça e joguei aqui... quão seco está? não havia outro.

-Você colocou essa toalha na cabeça? - perguntou Aliócha.

- Sim, e eu estava andando pela sala há uma hora... Por que as velas queimaram assim? que horas são?

- São quase meio-dia.

- Não, não, não! - Ivan gritou de repente. - não foi um sonho! Ele estava, ele estava sentado aqui, naquele sofá. Quando você bateu na janela, eu joguei um copo nele... esse aqui... Espera, já dormi antes, mas esse sonho não é um sonho. E isso aconteceu antes. Eu, Alyosha, agora tenho sonhos... mas não são sonhos, mas na realidade: ando, falo e vejo... mas durmo. Mas ele estava sentado aqui, neste sofá... Ele é terrivelmente estúpido, Alyosha, terrivelmente estúpido”, Ivan riu de repente e começou a andar pela sala.

- Quem é estúpido? De quem você está falando, irmão? - Alyosha perguntou tristemente novamente.

- Droga! Ele gostou de mim. Estive lá duas vezes, quase três vezes. Ele me provocou dizendo que eu estava com raiva, que ele era apenas um demônio, e não um Satanás com asas chamuscadas, em trovões e brilho. Mas ele não é Satanás, ele é quem mente. Ele é um impostor. Ele é apenas um demônio, um diabinho desprezível. Ele vai para o balneário. Tire a roupa dele e provavelmente encontrará um rabo longo e liso como o de um cachorro dinamarquês, com um metro de comprimento, marrom... Aliocha, você está com frio, estava na neve, quer um chá? O que? frio? Você quer fazer o pedido? C'est a ne pas mettre un chien dehors…

Aliocha correu rapidamente até o lavatório, molhou uma toalha, convenceu Ivan a sentar-se novamente e cobriu a cabeça com uma toalha molhada. Sentei-me ao lado dele.

- O que você me contou sobre Lisa agora há pouco? - Ivan começou novamente. (Ele ficou muito falante.) - Eu gosto de Lisa. Eu disse algo ruim sobre ela para você. Eu menti, gosto dela... Tenho medo pela Katya amanhã, acima de tudo tenho medo. Para o futuro. Amanhã ela vai me deixar e me pisotear. Ela pensa que estou arruinando Mitya por ciúme dela! Sim, ela pensa assim! Então não! Amanhã a cruz, mas não a forca. Não, não vou me enforcar. Você sabe que nunca poderei tirar minha própria vida, Alyosha! Da maldade, ou o quê? Eu não sou um covarde. Da sede de viver! Por que eu sabia que Smerdyakov se enforcou? Sim, foi isso que ele me disse...

- E você tem certeza absoluta de que alguém estava sentado aqui? - perguntou Aliócha.

- Ali naquele sofá, no canto. Você o teria mandado embora. Sim, você o afastou: ele desapareceu assim que você apareceu. Adoro seu rosto, Alyosha. Você sabia que eu amo seu rosto? E ele sou eu, Alyosha, eu mesmo. Tudo o que é meu é vil, tudo o que é meu é vil e desprezível! Sim, sou um “romântico”, ele percebeu isso... mesmo sendo uma calúnia. Ele é terrivelmente estúpido, mas entende. Ele é astuto, animalmente astuto, sabia como me enfurecer. Ele continuou me provocando, dizendo que eu acreditava nele e, portanto, me forçou a ouvi-lo. Ele me enganou como um menino. No entanto, ele me contou muitas verdades sobre mim. Eu nunca diria isso a mim mesmo. Você sabe, Alyosha, você sabe”, Ivan acrescentou com muita seriedade e como se fosse confidencial: “Eu realmente gostaria que fosse realmente ele, e não eu!”

“Ele atormentou você”, disse Alyosha, olhando para o irmão com compaixão.

- Me provocou! E você sabe, habilmente, habilmente: “Consciência! O que é consciência? Eu mesmo faço isso. Por que estou sofrendo? Por hábito. De acordo com o hábito humano mundial há sete mil anos. Então vamos abandonar o hábito e nos tornar deuses.” - Ele disse isso, ele disse isso!

- E você não, você não? - Alyosha gritou incontrolavelmente, olhando claramente para o irmão. - Bem, deixe-o em paz, deixe-o e esqueça-o! Deixe-o levar consigo tudo o que você agora amaldiçoa e nunca mais vem!

- Sim, mas ele está com raiva. Ele riu de mim. Ele foi atrevido, Alyosha. - Ivan disse com um estremecimento de ofensa. “Mas ele me caluniou, ele me caluniou de muitas maneiras. Ele mentiu para mim na minha cara. “Ah, você vai realizar um feito de virtude, vai anunciar que matou seu pai, que o lacaio, por sua instigação, matou seu pai”...

“Irmão”, interrompeu Aliocha, “segure-se: não foi você quem matou”. Isso não é verdade!

- Ele diz isso, ele diz, e ele sabe disso. “Você vai realizar um feito de virtude, mas não acredita na virtude – é isso que o irrita e atormenta, é por isso que você é tão vingativo.” - Ele me contou sobre mim e sabe do que está falando...

“É você quem está falando, não ele!” - exclamou Alyosha com tristeza, - e você fala doente, em delírio, torturando-se!

- Não, ele sabe o que está dizendo. Você, diz ele, está saindo do orgulho, você vai se levantar e dizer: “Eu matei, e por que você está se contorcendo de horror, você está mentindo! Desprezo sua opinião, desprezo seu horror.” “Ele está falando de mim e de repente diz: “Sabe, você quer que te elogiem: “Um criminoso, dizem, um assassino, mas que sentimentos generosos ele tem, ele queria salvar o irmão e confessou isso!” é uma grande mentira, Alyosha! - Ivan gritou de repente, com os olhos brilhando. - Não quero que a escória me elogie! Foi ele quem mentiu, Alyosha, ele mentiu, eu juro! Atirei-lhe um copo por causa disto e quebrou-lhe na cara.

- Irmão, acalme-se, pare com isso! - Alyosha implorou.

“Não, ele sabe atormentar, é cruel”, continuou Ivan, sem ouvir. “Sempre tive um pressentimento do motivo pelo qual ele estava vindo.” “Mesmo que”, diz ele, “você saísse do orgulho, mas ainda houvesse esperança de que Smerdyakov fosse capturado e enviado para trabalhos forçados, que Mitya fosse absolvido e você fosse condenado apenas moralmente - (você ouve, ele riu aqui!) - e outros elogiariam você. Mas então Smerdyakov morreu e se enforcou, então quem é o único que acreditará em você no julgamento agora? Mas você vai, você vai, você ainda vai, você decidiu que iria. Por que você está indo atrás disso? Isso é assustador, Alyosha, não suporto essas perguntas. Quem se atreve a me fazer essas perguntas!

“Irmão”, interrompeu Alyosha, paralisado de medo, mas ainda como se esperasse trazer Ivan à razão, “como ele poderia lhe contar sobre a morte de Smerdyakov antes de minha chegada, quando ninguém sabia disso e não havia tempo para ninguém. descobrir?" ?

“Ele falou”, disse Ivan com firmeza, sem permitir qualquer dúvida. “Isso é tudo que ele falou, se você quiser.” “E seria bom”, diz ele, “acreditar na virtude: mesmo que não acreditem em mim, vou pelo princípio. Mas você é um porco como Fyodor Pavlovich, e o que é virtude para você? Por que você está se arrastando até lá se o seu sacrifício não serve para nada? Mas porque você mesmo não sabe o que está procurando! Oh, você daria muito para descobrir por si mesmo por que está indo! E como se você já tivesse se decidido? Você ainda não se decidiu. Você vai ficar sentado a noite toda e decidir: ir ou não? Mas você ainda irá e sabe que irá, você mesmo sabe que não importa como você decida, a decisão não depende de você. Você irá porque não ousa não ir. Por que você não ousa? Adivinhe você mesmo, aqui está um enigma para você! Ele se levantou e saiu. Você veio e ele foi embora. Ele me chamou de covarde, Alyosha! Le mot de l'enigme, que sou um covarde! “Este não é o caminho para as águias voarem acima da terra!” Ele adicionou, ele adicionou! E Smerdyakov disse o mesmo. Ele deve ser morto! Katya me despreza, já faz um mês que vejo isso, e Liza vai começar a me desprezar também! “Você vai ser elogiado”, isso é uma mentira brutal! E você também me despreza, Alyosha. Agora vou te odiar de novo. Eu odeio o monstro e o monstro! Não quero salvar o monstro, deixe-o apodrecer em trabalhos forçados! O hino é cantado! Ah, amanhã eu irei, ficarei na frente deles e cuspirei nos olhos deles!

Ele deu um pulo frenético, jogou fora a toalha e começou a andar pela sala novamente. Alyosha lembrou-se das suas palavras anteriores: “É como se eu estivesse sonhando na realidade... eu ando, falo e vejo, mas estou dormindo”. Era como se isso estivesse acontecendo agora. Alyosha não saiu do seu lado. Passou por sua mente o pensamento de correr ao médico e trazê-lo, mas ele tinha medo de deixar o irmão sozinho: não havia absolutamente ninguém a quem confiar. Finalmente, aos poucos, Ivan começou a perder completamente a memória. Ele continuou a falar, falou sem parar, mas agora era completamente estranho. Eu até tive dificuldade para pronunciar as palavras e de repente balancei violentamente no lugar. Mas Alyosha conseguiu apoiá-lo. Ivan se deixou levar para a cama, Alyosha de alguma forma o despiu e o deitou. Fiquei sentado ali por mais duas horas. O paciente dormia profundamente, sem se movimentar, respirando de maneira tranquila e uniforme. Alyosha pegou um travesseiro e deitou-se no sofá sem se despir. Ao adormecer, orei por Mitya e Ivan. A doença de Ivan ficou clara para ele: “As dores de uma decisão orgulhosa, uma consciência profunda!” Deus, em quem ele não acreditava, e a verdade o dominaram em seu coração, que ainda não queria obedecer. “Sim”, passou pela cabeça de Alyosha, já deitado no travesseiro, “sim, se Smerdyakov estiver morto, ninguém acreditará no testemunho de Ivan; mas ele irá e mostrará! Alyosha sorriu baixinho: “Deus vencerá!” ele pensou. “Ou ele se levantará à luz da verdade, ou... morrerá com ódio, vingando-se de si mesmo e de todos por servirem algo em que não acredita”, acrescentou Alyosha amargamente e rezou novamente por Ivan.

I. Dia fatal

No dia seguinte aos acontecimentos que descrevi, às dez horas da manhã, foi aberta a sessão do nosso tribunal distrital e teve início o julgamento de Dmitry Karamazov.

Direi antecipadamente e direi com persistência: longe de me considerar capaz de transmitir tudo o que aconteceu no julgamento, e não apenas na devida integralidade, mas até na devida ordem. Parece-me que se eu me lembrasse de tudo e explicasse tudo bem, seria necessário um livro inteiro, mesmo que fosse grande. Portanto, não reclamem comigo que transmitirei apenas o que me impressionou pessoalmente e o que me lembro especialmente. Eu poderia considerar o secundário como o mais importante, até mesmo perder completamente as características mais marcantes e necessárias... Mas vejo que é melhor não pedir desculpas. Farei isso da melhor maneira que puder, e os próprios leitores compreenderão que fiz apenas o melhor que pude.

E primeiro, antes de entrarmos na sala do tribunal, mencionarei o que mais me surpreendeu naquele dia. Porém, não fui só eu quem ficou surpreso, mas, como descobri mais tarde, todos. Precisamente: todos sabiam que havia demasiada gente interessada neste caso, que todos ardiam de impaciência para que o julgamento começasse, que na nossa sociedade tinha havido muita conversa, especulação, exclamações e sonhos durante dois meses inteiros. Todos também sabiam que este caso havia recebido publicidade em toda a Rússia, mas ainda não imaginavam que havia chocado a todos a tal ponto, a um grau tão irritável, e não apenas aqui, mas em todos os lugares, como realmente aconteceu no tribunal naquele dia . Nesse dia, chegaram até nós convidados não apenas de nossa cidade provincial, mas também de algumas outras cidades da Rússia e, finalmente, de Moscou e São Petersburgo. Chegaram advogados, vieram até vários nobres, além de damas. Todos os ingressos foram arrematados. Para visitantes masculinos especialmente honrados e nobres, até mesmo lugares bastante inusitados foram reservados atrás da mesa em que estava localizada a corte: apareceu toda uma fileira de cadeiras ocupadas por pessoas diferentes, o que nunca havia sido permitido em nosso país antes. Havia especialmente muitas senhoras - nossas e visitantes, creio, até pelo menos metade de todo o público. Eram tantos advogados que chegavam de todos os lugares que nem sabiam onde colocá-los, pois todos os ingressos já haviam sido distribuídos, implorados e implorados. Eu me vi como no final do corredor, atrás do palco, uma cerca especial foi erguida temporária e às pressas, na qual todos esses advogados que haviam se reunido foram autorizados a entrar, e eles até se consideraram sortudos por poderem ficar aqui, porque as cadeiras, para ganhar lugar, foram retiradas completamente as cercas, e toda a multidão que se reuniu ficou ali durante todo o “caso”, numa pilha densamente fechada, ombro a ombro. Algumas senhoras, principalmente as visitantes, apareceram no salão do coral extremamente bem vestidas, mas a maioria das senhoras até se esqueceu dos trajes. Seus rostos mostravam uma curiosidade histérica, gananciosa e quase dolorosa. Um dos traços mais característicos de toda esta sociedade reunida no salão, e que deve ser notado, foi que, como mais tarde foi confirmado por muitas observações, quase todas as senhoras, pelo menos a grande maioria delas, representavam Mitya e por sua absolvição. Talvez o principal seja porque ele foi retratado como um conquistador do coração das mulheres. Eles sabiam que duas rivais femininas apareceriam. Uma delas, isto é, Katerina Ivanovna, era especialmente interessante para todos; Muitas coisas extraordinárias foram contadas sobre ela, anedotas incríveis foram contadas sobre sua paixão por Mitya, apesar de seu crime. Menção especial foi feita ao seu orgulho (ela não visitava quase ninguém em nossa cidade) e às suas “conexões aristocráticas”. Disseram que ela pretendia pedir ao governo que lhe permitisse acompanhar o criminoso aos trabalhos forçados e casar-se com ele em algum lugar das minas subterrâneas. Esperava-se que Grushenka, como rival de Katerina Ivanovna, comparecesse ao julgamento com não menos entusiasmo. Com dolorosa curiosidade aguardavam o encontro perante a corte de dois rivais - uma orgulhosa aristocrática e uma “hetaera”; Grushenka, porém, era mais conhecida por nossas senhoras do que Katerina Ivanovna. Nossas senhoras já a tinham visto, “a destruidora de Fyodor Pavlovich e seu infeliz filho”, antes, e todos, quase todos, ficaram surpresos como pai e filho puderam se apaixonar por essa “mulher burguesa russa mais comum e completamente feia”. ” . Em suma, houve muita conversa. Tenho certeza de que em nossa cidade houve até várias brigas familiares sérias por causa de Mitya. Muitas senhoras discutiram acaloradamente com seus cônjuges sobre a diferença de pontos de vista sobre todo esse terrível assunto e, naturalmente, após o fato de todos os maridos dessas senhoras terem aparecido no tribunal, não apenas não gostaram do réu, mas até ficaram amargurados com ele. E, em geral, poderia dizer-se positivamente que, em contraste com o elemento feminino, todo o elemento masculino se opôs ao arguido. Podia-se ver rostos severos e carrancudos, outros até completamente irritados, e havia muitos deles. Também é verdade que Mitya conseguiu insultar pessoalmente muitos deles durante a sua estadia connosco. É claro que alguns dos visitantes estavam quase alegres e muito indiferentes ao destino de Mitya, mas ainda assim, novamente, não ao assunto em questão; todos estavam ocupados com o seu resultado, e a maioria dos homens desejava fortemente a punição para o criminoso, exceto talvez os advogados, que não se importavam com o lado moral da questão, mas apenas com o lado jurídico moderno, por assim dizer. Todos estavam entusiasmados com a chegada do famoso Fetyukovich. O seu talento era conhecido em todo o lado e não foi a primeira vez que apareceu na província para defender casos criminais de grande repercussão. E depois de sua defesa, esses casos sempre se tornaram famosos em toda a Rússia e memoráveis ​​por muito tempo. Houve várias piadas sobre o nosso promotor e o presidente do tribunal. Foi dito que nosso promotor ficou pasmo ao se encontrar com Fetyukovich, que estes eram velhos inimigos de São Petersburgo, desde o início de suas carreiras, que nosso orgulhoso Ippolit Kirillovich, que se considerava constantemente ofendido por alguém desde São Petersburgo, por o fato de ele não ter valorizado adequadamente os talentos, ter ressuscitado em espírito por causa do caso Karamazov e até sonhar em reviver seu campo desbotado com este trabalho, mas apenas Fetyukovich o assustou. Mas em relação ao medo de Fetyukovich, os julgamentos não foram totalmente justos. O nosso procurador não foi um daqueles personagens que desanimam diante do perigo, mas, pelo contrário, um daqueles cujo orgulho cresce e ganha asas precisamente à medida que o perigo aumenta. Em geral, deve-se notar que nosso promotor foi muito ardente e dolorosamente suscetível. Ele colocou toda a sua alma em outro assunto e conduziu-o como se todo o seu destino e toda a sua riqueza dependessem de sua decisão. No mundo jurídico riram-se um pouco disto, porque foi precisamente por esta qualidade que o nosso procurador ganhou alguma fama, se não universalmente, pelo menos muito mais do que se poderia esperar tendo em conta o seu modesto lugar no nosso tribunal. Eles riram especialmente de sua paixão pela psicologia. Na minha opinião, todos se enganaram: o nosso procurador, como pessoa e carácter, parece-me, era muito mais sério do que muitos pensavam dele. Mas esse homem doentio não soube se posicionar dessa forma desde os primeiros passos, no início da carreira, e depois ao longo de toda a vida.

Quanto ao presidente do nosso tribunal, tudo o que se pode dizer dele é que era um homem culto, humano, conhecedor prático do assunto e das ideias mais modernas. Ele estava muito orgulhoso, mas não se importava muito com sua carreira. Seu principal objetivo na vida era ser um homem progressista. Além disso, ele tinha conexões e fortuna. Como se descobriu mais tarde, ele olhou para o caso Karamazov com bastante ardor, mas apenas em um sentido geral. Ele estava interessado no fenômeno, em sua classificação e em vê-lo como um produto de nossos fundamentos sociais. como uma característica do elemento russo, e assim por diante. Abordou a natureza pessoal do caso, a sua tragédia, bem como a personalidade das pessoas envolvidas, a começar pelo arguido, de forma bastante indiferente e abstracta, como talvez devesse ter sido.

Muito antes de o tribunal aparecer, o salão já estava lotado. Nosso tribunal é o melhor da cidade, espaçoso, alto e barulhento. À direita dos membros do tribunal, que se localizavam em uma determinada elevação, foram preparadas uma mesa e duas fileiras de cadeiras para os jurados. À esquerda ficava o lugar do réu e de seu advogado de defesa. No meio do corredor, perto do tribunal, havia uma mesa com “provas materiais”. Sobre ele estava o manto de seda branca e ensanguentada de Fyodor Pavlovich, o fatal pilão de cobre com o qual o suposto assassinato foi cometido, a camisa de Mitya com a manga manchada de sangue, a sobrecasaca coberta de manchas de sangue nas costas, onde estava o bolso, no qual ele em seguida, colocou seu lenço, todo molhado de sangue, o próprio lenço, todo coberto de sangue, agora completamente amarelado, a pistola carregada para o suicídio por Mitya de Perkhotin e discretamente tirada dele em Mokroye por Trifon Borisovich, um envelope com uma inscrição em que três mil foram preparados para Grushenka, e uma fina fita rosa com a qual ele foi amarrado, e muitas outras coisas que nem me lembro. A alguma distância, mais adiante no salão, começaram os assentos para o público, mas mesmo em frente à balaustrada havia várias cadeiras para as testemunhas que já haviam prestado depoimento e que ficariam no salão. Às dez horas compareceu o tribunal, composto por um presidente, um membro e um juiz de paz honorário. Claro, o promotor apareceu imediatamente. O presidente era um homem atarracado, atarracado, de estatura abaixo da média, com rosto hemorroidário, cerca de cinquenta anos, cabelos grisalhos escuros, cortados curtos e usando uma fita vermelha - não me lembro em que ordem. O promotor apareceu para mim, e não para mim, mas para todos, um tanto pálido, quase com o rosto verde, por algum motivo como se tivesse perdido peso repentinamente em uma noite, talvez, porque só o vi no dia anterior ontem em sua própria forma. O presidente começou com uma pergunta ao oficial de justiça: compareceram todos os jurados e eu disse acima, se me lembrar de tudo o que foi dito e do que aconteceu, literalmente não terei tempo nem espaço? Só sei que não houve muitos jurados designados para ambos os lados, ou seja, o advogado de defesa e o promotor. Lembro-me da composição dos doze jurados: quatro dos nossos funcionários, dois comerciantes e seis camponeses e citadinos da nossa cidade. Na nossa sociedade, lembro-me, muito antes do julgamento, as pessoas perguntavam com alguma surpresa, especialmente senhoras: “É realmente possível que um assunto tão delicado, complexo e psicológico seja entregue a alguns funcionários e finalmente a camponeses para uma decisão fatal, e “por que alguém aqui vai entender?” “Qualquer funcionário, especialmente um homem, na verdade, todos esses quatro funcionários incluídos no júri eram pessoas pequenas, de baixa patente e cabelos grisalhos - apenas um deles era um pouco mais jovem - pouco conhecido em nossa sociedade, vegetando em salários mesquinhos, que devia ter esposas idosas que não podiam ser mostradas em lugar nenhum, e um bando de crianças, talvez até descalças, que passavam muito tempo entretendo seus momentos de lazer com cartas em algum lugar e, claro, que nunca leu um único livro. Os dois mercadores, embora tivessem uma aparência serena, estavam de alguma forma estranhamente silenciosos e imóveis; um deles raspou a barba e vestiu-se à moda alemã; o outro, de barba grisalha, trazia uma espécie de medalha no pescoço, presa a uma fita vermelha. Não há nada a dizer sobre os habitantes da cidade e os camponeses. Nossos habitantes da cidade de Skotoprigonyevo são quase os mesmos camponeses, eles até aram. Dois deles também usavam trajes alemães e por isso eram talvez mais sujos e de aparência mais feia do que os outros quatro. Portanto, o pensamento realmente poderia ter me ocorrido, como aconteceu comigo, por exemplo, assim que olhei para eles: “O que essas pessoas podem compreender em tal assunto, no entanto, seus rostos produziram algo estranhamente impressionante e quase ameaçador?” impressão, eles eram severos e franzidos.

Por fim, o presidente anunciou para ouvir o caso do assassinato do conselheiro titular aposentado Fyodor Pavlovich Karamazov - não me lembro bem como ele disse então. O oficial de justiça recebeu ordem de trazer o réu e então Mitya apareceu. Tudo ficou quieto no corredor, dava para ouvir uma mosca. Não sei quanto aos outros, mas a aparência de Mitya causou-me uma impressão muito desagradável. O principal é que ele apareceu como um terrível dândi, com uma sobrecasaca nova. Descobri mais tarde que ele havia encomendado deliberadamente uma sobrecasaca para si mesmo em Moscou para aquele dia, ao ex-alfaiate, que ainda tinha suas medidas. Ele estava usando luvas pretas novas e roupas íntimas elegantes. Ele caminhou com seus longos passos de arshin, olhando para frente até o ponto de imobilidade, e sentou-se em seu lugar com o olhar mais intrépido. Ali mesmo, imediatamente, apareceu o zagueiro, o famoso Fetyukovich, e como se algum tipo de estrondo reprimido varresse o corredor. Era um homem alto e seco, com pernas compridas e finas, dedos extremamente longos, pálidos e finos, rosto barbeado, cabelos modestamente penteados e bastante curtos, lábios finos que ocasionalmente se curvavam, seja de zombaria ou de forma sorriso. Ele parecia ter cerca de quarenta anos. Seu rosto teria sido agradável se não fossem os olhos, que em si eram pequenos e inexpressivos, mas extremamente próximos um do outro, de modo que eram separados por apenas um osso fino de seu nariz longo e fino. Em uma palavra, essa fisionomia tinha algo nitidamente semelhante ao de um pássaro que era impressionante. Ele usava fraque e gravata branca. Lembro-me do primeiro questionamento de Mitya pelo presidente, ou seja, sobre seu nome, posição, etc. Mitya respondeu bruscamente, mas de alguma forma inesperadamente em voz alta, de modo que o presidente até balançou a cabeça e olhou para ele quase surpreso. Em seguida, foi lida a lista de pessoas convocadas para o inquérito judicial, ou seja, testemunhas e peritos. A lista era longa; quatro das testemunhas não compareceram: Miusov, que já estava em Paris, mas cujo depoimento ainda estava disponível na investigação preliminar, a Sra. Khokhlakova e o proprietário de terras Maksimov por doença, e Smerdyakov por morte súbita, e um atestado de a polícia foi apresentada. A notícia sobre Smerdyakov causou forte agitação e sussurros no corredor. É claro que muitas pessoas ainda desconheciam completamente esse súbito episódio de suicídio. Mas o que foi especialmente impressionante foi a explosão repentina de Mitya: eles tinham acabado de reportar sobre Smerdyakov, quando de repente ele exclamou de seu assento para todo o salão.

- A morte de um cachorro!

Lembro-me de como o seu defensor correu até ele e como o presidente se dirigiu a ele com a ameaça de tomar medidas rigorosas se um ato como este se repetisse novamente. Mitya abruptamente e balançando a cabeça, mas como se não se arrependesse, repetiu várias vezes em voz baixa para o defensor:

- Não vou, não vou! Acabou! Eu não farei isso de novo! E é claro que esse curto episódio não serviu a seu favor na opinião do júri e do público. O personagem foi anunciado e recomendado. Foi com esta impressão que o secretário do tribunal leu a acusação.

Foi bastante curto, mas completo. Apenas as razões mais importantes foram declaradas por que fulano foi levado à prisão, por que teve de ser levado a julgamento, e assim por diante. Mesmo assim, ele me causou uma forte impressão. A secretária leu claramente, em voz alta e distinta. Toda esta tragédia parecia reaparecer diante de todos, de forma convexa, concêntrica, iluminada por uma luz fatal e inexorável. Lembro-me de como, imediatamente após lê-lo, o presidente perguntou em voz alta e impressionante a Mitya:

— Réu, você se declara culpado?

Mitya levantou-se de repente da cadeira:

“Eu me declaro culpado de embriaguez e libertinagem”, exclamou ele com uma voz inesperada, quase frenética, “de preguiça e comportamento turbulento”. Eu queria me tornar uma pessoa honesta para sempre naquele exato momento em que o destino me atingiu! Mas não sou culpado da morte do velho, meu inimigo e pai! Mas por roubá-lo - não, não, inocente, e não posso ser culpado: Dmitry Karamazov é um canalha, mas não um ladrão!

Depois de gritar isso, ele sentou-se, aparentemente tremendo todo. O presidente dirigiu-se novamente a ele com uma advertência breve, mas edificante, para que respondesse apenas a perguntas e não fizesse exclamações estranhas e frenéticas. Em seguida, ele ordenou o início da investigação judicial. Todas as testemunhas foram trazidas para prestar juramento. Então eu vi todos eles de uma vez. No entanto, os irmãos do réu foram autorizados a testemunhar sem prestar juramento. Após a admoestação do sacerdote e do presidente, as testemunhas foram retiradas e sentadas o mais separadamente possível. Então eles começaram a chamá-los um por um.

II. Testemunhas perigosas

Não sei se as testemunhas do Ministério Público e de defesa foram de alguma forma divididas pelo presidente em grupos e em que ordem foi proposta a sua convocação. Deve ter sido tudo isso. Só sei que as testemunhas do Ministério Público foram as primeiras a serem chamadas. Repito, não pretendo descrever passo a passo todos os interrogatórios. Além disso, minha descrição seria parcialmente supérflua, pois nas falas do promotor e do defensor, quando o debate começou, todo o curso e significado de todos os dados e depoimentos ouvidos foram reunidos, por assim dizer, em um ponto com uma iluminação brilhante e característica, e esses dois são notáveis. Pelo menos escrevi os discursos na íntegra em alguns lugares e os transmitirei no devido tempo, bem como um episódio extraordinário e completamente inesperado do julgamento, que eclodiu repentinamente antes mesmo o debate judicial e sem dúvida influenciou o seu formidável e fatal resultado. Observo apenas que desde os primeiros minutos do julgamento emergiu claramente uma certa característica especial deste “caso”, notada por todos, a saber: a extraordinária força da acusação em comparação com os meios de que dispunha a defesa. Todos entenderam isso no primeiro momento, quando neste formidável tribunal os fatos começaram a se concentrar e se agrupar e aos poucos todo esse horror e todo esse sangue começaram a sair. Pode ter ficado claro para todos, desde os primeiros passos, que este não é sequer um assunto controverso, que não há dúvidas sobre isso, que, em essência, não haveria necessidade de qualquer debate, que o debate será apenas para forma, e que o criminoso é culpado, claramente culpado, completamente culpado. Penso até que todas as senhoras, cada uma delas, que ansiavam com tanta impaciência pela absolvição do interessante réu, estavam ao mesmo tempo completamente confiantes na sua total culpa. Além disso, parece-me que ficariam até chateados se a sua culpa não fosse assim confirmada, porque então não haveria tal efeito no desfecho quando o criminoso fosse absolvido. E que ele seria absolvido - uma coisa estranha, todas as senhoras finalmente se convenceram quase até o último minuto: “culpado, mas vão absolvê-lo da humanidade, das novas ideias, dos novos sentimentos que agora surgiram, ”e assim por diante. É por isso que eles vieram correndo para cá com tanta impaciência. Os homens estavam mais interessados ​​na luta entre o promotor e o glorioso Fetyukovich. Todos ficaram surpresos e se perguntaram: o que um talento como Fetyukovich pode fazer com uma causa tão perdida, com um ovo tão maldito? e portanto seguiram suas façanhas passo a passo com intensa atenção. Mas Fetyukovich permaneceu um mistério para todos até o fim, até seu discurso. Pessoas experientes pressentiam que ele tinha um sistema, que já havia formado alguma coisa, que tinha um objetivo pela frente. mas era quase impossível adivinhar o que ela era. Sua confiança e arrogância, porém, eram impressionantes. Além disso, todos notaram imediatamente com prazer que durante uma estadia tão curta conosco, talvez apenas três dias, ele conseguiu familiarizar-se surpreendentemente com o assunto e “estudá-lo nos mínimos detalhes”. Eles contaram com prazer, por exemplo, mais tarde como ele conseguiu “decepcionar” todas as testemunhas do promotor a tempo e, se possível, derrubar e, o mais importante, manchar sua reputação moral e, portanto, é claro, manchar seu depoimento. Eles acreditavam, porém, que ele fazia muito isso para brincar, por assim dizer, com algum brilhantismo jurídico, para que nada fosse esquecido das técnicas aceitas do advogado: pois todos estavam convencidos de que ele era de alguma grande e o benefício final com todos esses “apagando” não conseguiu alcançar, e provavelmente ele mesmo entende isso melhor do que ninguém, tendo alguma ideia própria de reserva, alguma arma de defesa ainda escondida, que de repente será revelada quando chegar a hora vem. Mas ainda assim, consciente de sua força, ele parecia estar brincando e brincando. Por exemplo, quando interrogaram Grigory Vasiliev, antigo valete de Fyodor Pavlovich, que deu o testemunho mais completo sobre a “porta aberta para o jardim”, o advogado de defesa agarrou-se a ele quando ele, por sua vez, teve de fazer perguntas. Refira-se que Grigory Vasiliev apareceu na sala, nada constrangido pela grandiosidade do julgamento, nem pela presença de um grande público que o ouvia, com um aspecto calmo e quase majestoso. Ele deu seu testemunho com tanta confiança como se estivesse conversando a sós com sua Marfa Ignatievna, só que talvez com mais respeito. Era impossível derrubá-lo. A princípio, o promotor o questionou longamente sobre todos os detalhes da família Karamazov. A foto da família foi vividamente exposta. Foi ouvido e visto que a testemunha era simplória e imparcial. Apesar de todo o mais profundo respeito pela memória de seu antigo mestre, ele ainda, por exemplo, afirmou que foi injusto com Mitya e “criou seus filhos de maneira errada. Ele, um menino, teria sido comido por piolhos sem mim”, acrescentou, contando sobre a infância de Mitya. “Também não era certo um pai ofender o filho na propriedade ancestral de sua mãe.” Quando questionado pelo promotor sobre quais motivos ele tinha para afirmar que Fyodor Pavlovich havia prejudicado seu filho no acordo, Grigory Vasilyevich, para surpresa de todos, não apresentou nenhum dado sólido, mas ainda afirmou que o acordo com seu filho estava “errado”. E que ele definitivamente deveria ter recebido vários milhares de dólares extras. A propósito, deixe-me observar que esta questão - se Fyodor Pavlovich realmente não pagou nada extra a Mitya - foi então proposta com particular insistência pelo promotor a todas as testemunhas a quem ele pudesse oferecê-la, não excluindo Alyosha ou Ivan Fedorovich, mas não recebeu nenhuma informação precisa; todos declararam um fato e ninguém pôde fornecer qualquer evidência clara. Depois que Grigory descreveu a cena à mesa, quando Dmitry Fedorovich invadiu e espancou seu pai, ameaçando voltar e matá-lo, uma impressão sombria varreu a sala, especialmente porque o velho servo falava com calma, sem palavras desnecessárias, de uma forma peculiar linguagem, mas acabou sendo terrivelmente eloqüente. Por seu insulto a Mitya, que então o bateu no rosto e o derrubou, ele percebeu que não estava com raiva e o perdoou há muito tempo. Sobre o falecido Smerdyakov, ele se expressou, persignando-se, que o sujeito era capaz, mas estúpido e oprimido pela doença, e ainda mais ateu, e que Fyodor Pavlovich e seu filho mais velho lhe ensinaram o ateísmo. Mas ele confirmou a honestidade de Smerdyakov quase com fervor e imediatamente transmitiu como Smerdyakov, tendo encontrado o dinheiro perdido pelo mestre, não o escondeu, mas o trouxe ao mestre, e ele lhe deu “ouro” por isso e daí em diante começou a confiar nele em tudo. Ele confirmou a porta aberta para o jardim com teimosa persistência. Porém, perguntaram tanto a ele que não consigo me lembrar de tudo. Por fim, as investigações foram para o advogado de defesa, e a primeira coisa que ele começou a saber foi o pacote no qual Fyodor Pavlovich “supostamente” escondia três mil rublos para a “pessoa famosa”. “Você mesmo o viu – você, uma pessoa tão próxima do seu mestre há muitos anos?” Grigory respondeu que não tinha visto nem ouvido falar desse dinheiro de ninguém, “até agora, quando todos começaram a falar sobre isso”. Fetyukovich, por sua vez, também propôs esta questão sobre o pacote a todos a quem pudesse perguntar entre as testemunhas, com a mesma persistência com que o promotor fez sua pergunta sobre a divisão do patrimônio, e de todos ele também recebeu apenas um resposta: que ninguém viu o pacote, embora muitos já tenham ouvido falar dele. Todos perceberam desde o início a insistência deste defensor nesta questão.

“Agora posso fazer uma pergunta a você, se você me permitir”, Fetyukovich perguntou de repente e de forma totalmente inesperada, “que tipo de bálsamo, ou por assim dizer, aquela tintura, com a qual você usou naquela noite, antes de dormir, como é conhecido pelas consequências preliminares, enxugou o sofrimento na região lombar, na esperança de ser curado?

Grigory olhou inexpressivamente para o interrogador e, depois de ficar em silêncio por um tempo, murmurou: “Havia sálvia”.

- Apenas sábio? Você se lembra de mais alguma coisa?

— Tinha banana também.

- E talvez um pouco de pimenta? - Fetyukovich estava curioso.

- E tinha pimenta.

- E assim por diante. E tudo isso com vodka?

- No álcool.

Houve uma leve risada no corredor.

- Você vê, mesmo com álcool. Depois de enxugar as costas, você se dignou a beber o resto da garrafa, com uma espécie de oração piedosa que só sua esposa conhece, certo?

- Eu bebi.

- Quanto você bebeu? Aproximadamente? Um copo ou outro?

- Será cerca de um copo.

- Mesmo com um copo. Talvez um copo e meio? Gregório ficou em silêncio. Ele parecia entender alguma coisa.

- Um copo e meio de álcool puro – não faz mal, o que você acha? É possível ver as “portas do céu abertas”, quanto mais a porta do jardim?

Grigory permaneceu em silêncio. Houve risadas novamente no corredor. O presidente mexeu-se.

“Você provavelmente não sabe”, Fetyukovich ficou cada vez mais impaciente, “se você estava dormindo ou não no momento em que viu a porta do jardim se abrir?”

- Ele estava de pé.

- Isso não é prova de que não dormiram (cada vez mais risadas na plateia). Você poderia, por exemplo, ter respondido naquele momento se alguém lhe perguntasse algo, por exemplo, que ano estamos agora?

- Eu não sei disso.

- E que ano é agora, AD, da Natividade de Cristo, você sabe?

Grigory ficou com um olhar confuso, olhando diretamente para seu algoz. Parecia estranho, aparentemente, que ele realmente não soubesse em que ano estávamos.

- Talvez você saiba, porém, quantos dedos você tem na mão?

“Sou uma pessoa forçada”, disse Grigory de repente em voz alta e separada, “se as autoridades querem zombar de mim, então devo suportar”.

Fetyukovich parecia um pouco assediado, mas o presidente também se envolveu e lembrou de forma edificante ao advogado de defesa que deveriam ser feitas perguntas mais apropriadas. Fetyukovich, depois de ouvir, curvou-se com dignidade e anunciou que havia encerrado suas perguntas. É claro que tanto o público quanto o júri ainda poderiam ter uma pequena dúvida no depoimento de uma pessoa que teve a oportunidade de “ver as portas do céu” em determinado estado de tratamento e, além disso, nem sabia o que ano foi da Natividade de Cristo; então o defensor finalmente alcançou seu objetivo. Mas antes de Gregory partir, ocorreu outro episódio. O presidente, voltando-se para o réu, perguntou: ele tem algo a observar sobre esse depoimento?

“Exceto na porta, ele disse a verdade em tudo”, gritou Mitya bem alto. - Por me pentear os piolhos - obrigado, por me perdoar a surra - obrigado; o velho foi honesto durante toda a vida e tão leal ao pai quanto setecentos poodles.

“Réu, escolha suas palavras”, disse o presidente severamente.

“Eu não sou um poodle”, Grigory também resmungou.

- Bem, sou eu, o poodle, eu! - Mitya gritou. “Se for ofensivo, eu assumo a responsabilidade e peço perdão: ele era uma fera e foi cruel com ele!” Ele também foi cruel com Esop.

- Com qual Esopus? - o presidente ergueu-se novamente com severidade.

- Bem, com Pierrot... com meu pai, com Fyodor Pavlovich. O presidente confirmou repetidas vezes de forma impressionante e severa a Mitya que ele deveria ser mais cuidadoso na escolha de suas expressões.

“Você se prejudica na opinião de seus juízes.” Exatamente – o advogado de defesa fez a mesma coisa de forma muito inteligente quando questionado pela testemunha Rakitin. Noto que Rakitin foi uma das testemunhas mais importantes e a quem o promotor, sem dúvida, valorizou. Acontece que ele sabia tudo, sabia surpreendentemente muito, estava com todos, via tudo, falava com todos, conhecia detalhadamente a biografia de Fyodor Pavlovich e de todos os Karamazov. É verdade que também ouvi falar do pacote com três mil apenas do próprio Mitya. Mas ele descreveu em detalhes as façanhas de Mitya na taverna da Capital City, todas as suas palavras e gestos comprometedores, e transmitiu a história da “toalha” do capitão do estado-maior Snegirev. Quanto a esse ponto especial, se Fyodor Pavlovich devia alguma coisa a Mitya ao pagar a propriedade - até o próprio Rakitin não pôde indicar nada e escapou apenas com lugares-comuns de natureza desdenhosa: “quem, dizem, poderia descobrir quem é o culpado e contar quem deve a quem?” durante o estúpido Karamazovismo, em que ninguém conseguia se entender ou se identificar? Ele retratou toda a tragédia do crime ser julgado como produto da velha moral da servidão e de uma Rússia mergulhada na desordem, sofrendo sem instituições adequadas. Em suma, ele recebeu algo a dizer. A partir deste julgamento, o Sr. Rakitin declarou-se pela primeira vez e tornou-se notável; o promotor sabia que a testemunha estava preparando um artigo para uma revista sobre um crime real, e então em seu discurso (que veremos a seguir) citou vários pensamentos desse artigo, o que significa que já o conhecia. A imagem retratada pela testemunha saiu sombria e fatal e apoiou fortemente a “acusação”. Em geral, a apresentação de Rakitin cativou o público pela independência de pensamento e pela extraordinária nobreza do seu voo. Houve até duas ou três explosões repentinas de aplausos, precisamente nos lugares onde se falava da servidão e da desordem da Rússia. Mas Rakitin, ainda jovem, cometeu um pequeno erro, do qual o zagueiro conseguiu aproveitar imediatamente. Respondendo a conhecidas perguntas sobre Grushenka, ele, levado pelo seu sucesso, do qual ele próprio já tinha consciência, e pelo auge da nobreza a que ascendeu, permitiu-se falar de Agrafena Alexandrovna com algum desprezo, como “ a mulher mantida pelo comerciante Samsonov.” Ele teria pago caro mais tarde para recuperar sua palavra, porque foi nisso que Fetyukovich o pegou imediatamente. E tudo porque Rakitin não esperava poder se familiarizar com detalhes tão íntimos do caso em tão pouco tempo.

“Deixe-me descobrir”, começou o defensor com o sorriso mais gentil e até respeitoso, quando teve que fazer perguntas por sua vez, “você, claro, é o mesmo Sr. Rakitin, cuja brochura, publicada pelas autoridades diocesanas, A vida em Deus do falecido ancião Padre Zósima, cheio de pensamentos profundos e religiosos, com excelente e piedosa dedicação à Eminência, li recentemente com tanto prazer?

“Eu não escrevi para publicação... foi publicado mais tarde”, murmurou Rakitin, como se de repente fosse surpreendido por alguma coisa e quase com vergonha.

- Ah, isso é maravilhoso! Um pensador como você pode e até deve ter uma abordagem muito ampla de todos os fenômenos sociais. Graças ao patrocínio de Vossa Eminência, a sua brochura mais útil foi distribuída e foi de relativo benefício... Mas a principal coisa que gostaria de lhe perguntar é esta: você acabou de dizer que conhecia muito de perto a Sra. ? (Nota bene. O sobrenome de Grushenka acabou sendo “Svetlova”. Aprendi isso pela primeira vez apenas naquele dia, durante o julgamento.)

“Não posso ser responsável por todos os meus conhecidos... sou um jovem... e posso ser responsável por todos aqueles que conhece”, e todo Rakitin explodiu.

- Eu entendo, entendo demais! - exclamou Fetyukovich, como se ele próprio estivesse envergonhado e como se corresse rapidamente para se desculpar, - você, como todo mundo, poderia, por sua vez, estar interessado em conhecer uma mulher jovem e bonita que aceitasse de bom grado a cor da juventude local, mas ... Eu só queria perguntar: sabemos que Svetlova, há cerca de dois meses, estava extremamente ansiosa para conhecer o jovem Karamazov, Alexei Fedorovich, e apenas para você trazê-lo até ela, e precisamente em seu então traje monástico , ela prometeu lhe dar vinte e cinco rublos assim que você o trouxesse para trazê-la. Isto, como sabemos, ocorreu precisamente na noite daquele dia, que culminou numa trágica catástrofe, que serviu de base ao presente caso. Você trouxe Alexei Karamazov para a Sra. Svetlova e - então você recebeu esses vinte e cinco rublos como recompensa de Svetlova, é isso que eu gostaria de ouvir de você?

- Foi uma brincadeira... Não vejo por que você estaria interessado nisso. Eu tomei isso como uma piada... e depois devolvi...

- Então eles pegaram. Mas eles ainda não entregaram... ou não?

“Isto está vazio...” murmurou Rakitin, “Não posso responder a essas perguntas... Claro que vou.”

O presidente interveio, mas o advogado de defesa anunciou que havia encerrado as perguntas ao Sr. Rakitin. G. Rakitin deixou o palco um tanto salgado. A impressão da mais alta nobreza com seu discurso foi estragada, e Fetyukovich, seguindo-o com os olhos, parecia dizer, apontando ao público: “aqui estão seus nobres acusadores!” Lembro-me que também houve um episódio da parte de Mitya: enfurecido com o tom com que Rakitin falava de Grushenka, de repente gritou do seu assento: “Bernard!” Quando o presidente, ao final de todo o interrogatório de Rakitin, voltou-se para o réu: ele gostaria de notar alguma coisa de sua parte, Mitya gritou bem alto:

“Ele já me emprestou dinheiro do réu!” Bernard é desprezível e carreirista, e não acredita em Deus, enganou o reverendo!

Mitya, é claro, foi novamente trazido à razão por suas expressões ultrajantes, mas o Sr. Rakitin estava acabado. O depoimento do Capitão do Estado-Maior Snegirev também foi infeliz, mas por um motivo completamente diferente. Ele apareceu todo rasgado, com roupas sujas, com botas sujas, e apesar de todos os cuidados e “exames” preliminares, de repente descobriu-se completamente bêbado. Mitya de repente se recusou a responder a perguntas sobre o insulto infligido a ele.

- Deus esteja com eles, senhor. Ilyushechka não pediu. Deus vai me pagar lá, senhor.

- Quem não mandou você falar? De quem você está falando?

- Ilyushechka, meu filho: “Papai, papai, como ele te humilhou!” Ele disse para a pedra. Agora ele está morrendo...

O capitão do estado-maior de repente começou a chorar e caiu de cabeça aos pés do presidente. Ele foi rapidamente retirado, enquanto o público ria. A impressão preparada pelo promotor não se concretizou.

O defensor continuou a usar todos os meios e ficou cada vez mais surpreso com a familiaridade com o caso nos mínimos detalhes. Por exemplo, o testemunho de Trifon Borisovich causou uma impressão muito forte e, claro, foi extremamente desfavorável para Mitya. Ele calculou, quase nos dedos, que Mitya, em sua primeira visita a Mokroe, quase um mês antes do desastre, não poderia ter gasto menos de três mil, ou “menos de um pouco”. Há tanto desperdício só com esses ciganos! Nossos, nossos péssimos camponeses não foram apenas “espancados na rua com meio rublo”, mas nos deram pelo menos notas de vinte e cinco rublos, e não nos deram menos. E quanto foi simplesmente roubado deles então! Afinal, quem roubou não largou a mão, onde podemos pegá-lo, senhor, o ladrão, quando eles próprios espalharam em vão? Afinal, o nosso povo é ladrão; não protege a sua alma. E o que há de errado com as meninas, as meninas da nossa aldeia! Ficamos ricos desde então, é isso, antes de haver pobreza.” Em suma, ele se lembrava de todas as despesas e mostrava tudo exatamente nas contas. Assim, a suposição de que apenas mil e quinhentos foram gastos e o restante foi deixado de lado tornou-se impensável. “Eu mesmo vi, nas mãos deles vi três mil como um centavo, contemplei com os olhos, por que não deveríamos entender a contagem, senhor!” exclamou Trifon Borisovich, tentando com todas as suas forças agradar ao “chefe”. Mas quando o interrogatório foi para o advogado de defesa, ele, quase sem tentar refutar o depoimento, de repente começou a falar sobre como o cocheiro Timofey e outro homem Akim levantaram cem rublos na entrada do chão em Mokroye, naquela primeira farra , um mês antes da prisão, foi deixado por Mitya em estado de embriaguez e apresentou-os a Trifon Borisovich, e ele lhes deu um rublo por isso. “Bem, você devolveu aqueles cem rublos ao Sr. Karamazov ou não?” Não importa o quanto Trifon Borisovich se mexesse, mas depois de interrogar os homens, ele confessou a nota de cem rublos encontrada, acrescentando apenas que devolveu sagradamente tudo a Dmitry Fedorovich e o entregou “por honestidade, e que apenas eles próprios estavam completamente bêbados em daquela vez - é improvável que consiga se lembrar." Mas como ele ainda negou ter encontrado os cem rublos antes de chamar as testemunhas do sexo masculino, seu depoimento sobre a devolução da quantia ao embriagado Mitya estava naturalmente sujeito a grandes dúvidas. Assim, uma das testemunhas mais perigosas apresentadas pelo Ministério Público saiu novamente suspeita e muito manchada na sua reputação. O mesmo aconteceu com os poloneses: eles apareceram com orgulho e independência. Eles testemunharam em voz alta que, em primeiro lugar, ambos “serviram à coroa” e que o “Sr. Mitya” lhes ofereceu três mil para comprar a sua honra, e que eles próprios viram muito dinheiro nas suas mãos. Pan Mussialovich inseriu uma enorme quantidade de palavras polacas nas suas frases e vendo que isso apenas o elevou aos olhos do presidente e do procurador, ele finalmente elevou completamente o seu espírito e começou a falar completamente em polaco. Mas Fetyukovich também os pegou em sua armadilha: não importa o quanto Trifon Borisovich, chamado novamente, abanasse, ele ainda tinha que admitir que seu baralho de cartas havia sido substituído por Pan Vrublevsky pelo seu próprio, e que Pan Mussyalovich, o banco da espada, tinha distorceu o cartão. Isso já foi confirmado por Kalganov, dando seu depoimento por sua vez, e os dois senhores saíram com certa vergonha, até com as risadas do público.

Então aconteceu exatamente a mesma coisa com quase todas as testemunhas mais perigosas. Fetyukovich conseguiu manchar moralmente cada um deles e deixá-lo ir com um certo nariz. Amadores e advogados apenas admiraram e ficaram perplexos, mais uma vez, para que propósito tão grande e final tudo isso poderia servir, porque, repito, todos sentiam a irresistibilidade da acusação, que se tornava cada vez mais trágica. Mas pela confiança do “grande mágico” viram que ele estava calmo e esperaram: não foi à toa que “esse é o tipo de homem” que ele veio de São Petersburgo, e esse não é o tipo de pessoa que virá de volta com qualquer coisa.

III. Exame médico e meio quilo de nozes

O exame médico também não ajudou muito o réu. E o próprio Fetyukovich não parecia contar muito com ela, o que acabou acontecendo mais tarde. Basicamente, isso aconteceu apenas por insistência de Katerina Ivanovna, que ligou deliberadamente de Moscou para o famoso médico. A defesa, é claro, não poderia perder nada com isso e, na melhor das hipóteses, poderia ganhar alguma coisa. Porém, em parte até se revelou algo cômico, justamente por causa de alguma divergência entre os médicos. Apareceram os especialistas - o famoso médico que havia chegado, depois nosso médico Herzenstube e, finalmente, o jovem médico Varvinsky. Os dois últimos também apareceram simplesmente como testemunhas convocadas pelo promotor. O primeiro a ser questionado como especialista foi o Dr. Herzenstube. Ele era um homem de setenta anos, cabelos grisalhos e careca, de estatura média e constituição forte. Todos em nossa cidade o valorizavam e respeitavam muito. Ele era um médico zeloso, um homem maravilhoso e piedoso, uma espécie de Herrnhuter ou “irmão da Morávia” - não tenho certeza. Ele morou conosco por muito tempo e se comportou com extrema dignidade. Ele era gentil e filantrópico, tratava de graça os pobres doentes e os camponeses, ele próprio ia aos seus canis e cabanas e deixava dinheiro para remédios, mas ao mesmo tempo era teimoso como uma mula. Era impossível derrubá-lo de sua ideia, uma vez que ela estava presa em sua cabeça. Aliás, quase todo mundo na cidade já sabia que o famoso médico visitante, em apenas dois ou três dias de sua estadia conosco, se permitiu vários comentários extremamente ofensivos sobre os talentos do Dr. Herzenstube. O fato é que, embora o médico de Moscou cobrasse pelo menos vinte e cinco rublos pelas visitas, alguns em nossa cidade ainda estavam felizes com a ocasião de sua chegada, não pouparam dinheiro e correram até ele em busca de conselhos. Todos esses pacientes foram tratados antes dele, é claro, pelo Dr. Herzenstube, e agora o famoso médico criticava seu tratamento com extrema severidade em todos os lugares. No final, ainda quando se aproximou do paciente, ele perguntou diretamente: “Bom, quem te sujou aqui, Herzenstube? Hehe! O Dr. Herzenstube, é claro, descobriu tudo isso. E assim os três médicos apareceram um após o outro para serem entrevistados. Herzenstube afirmou diretamente que “a anormalidade das habilidades mentais do réu é evidente por si só”. Em seguida, apresentando o seu pensamento, que omito aqui, acrescentou que esta anormalidade é vista, mais importante, não apenas nas muitas ações anteriores do réu, mas também agora, neste exato momento, e quando lhe foi solicitado que explicasse o que foi visto agora, naquele exato momento, o velho médico, com toda a franqueza de sua inocência, destacou que o réu, ao entrar no salão, “tinha uma aparência incomum e maravilhosa de acordo com as circunstâncias, avançava como um soldado e mantinha seu olhos à sua frente, descansando, ao mesmo tempo: “Ele deveria ter olhado para a esquerda, onde as mulheres estavam sentadas na plateia, pois ele era um grande amante do belo sexo e tinha que pensar muito sobre o que as mulheres diria agora sobre ele”, concluiu o velho em sua linguagem peculiar. Deve-se acrescentar que ele falava russo muito e com boa vontade, mas de alguma forma cada frase saía à maneira alemã, o que, no entanto, nunca o envergonhou, porque durante toda a sua vida ele teve a fraqueza de considerar sua fala russa exemplar, “o melhor do que os russos”, e até adorava recorrer aos provérbios russos, garantindo sempre que os provérbios russos são os melhores e mais expressivos de todos os provérbios do mundo. Observo também que, durante a conversa, seja por distração, ele muitas vezes esquecia as palavras mais comuns, que conhecia perfeitamente, mas que por algum motivo subitamente lhe saltavam da cabeça. A mesma coisa acontecia, porém, quando ele falava alemão, e ao mesmo tempo ele sempre agitava a mão na frente do rosto, como se tentasse pegar uma palavra perdida, e ninguém conseguia forçá-lo a continuar o discurso que havia começado. até encontrar a palavra que faltava. Sua observação de que o réu, ao entrar, deveria ter olhado para as senhoras, provocou sussurros brincalhões na plateia. Todas as nossas senhoras amavam muito o nosso velho; elas também sabiam que ele, um homem solteiro durante toda a vida, piedoso e casto, via as mulheres como seres superiores e ideais. Portanto, seu comentário inesperado pareceu terrivelmente estranho para todos.

O médico moscovita, interrogado por sua vez, confirmou de forma contundente e persistente que considerava o estado mental do réu anormal, “até no mais alto grau”. Falou muito e com inteligência sobre “efeito” e “mania” e concluiu que, de acordo com todos os dados recolhidos, o arguido esteve indubitavelmente afecto doloroso durante vários dias antes da sua detenção, e se cometeu um crime, então, embora consciente disso, ele estava quase involuntariamente, completamente sem forças para lutar contra a dolorosa atração moral que se apossara dele. Mas além do afeto, o médico também viu a mania, que já profetizava pela frente, em suas palavras, um caminho direto para a loucura completa. (NB. Estou transmitindo com minhas próprias palavras, mas o médico falou em uma linguagem muito erudita e especial.) “Todas as suas ações são contrárias ao bom senso e à lógica”, continuou ele. “Não estou falando do que não vi, ou seja, do crime em si e de toda essa catástrofe, mas ainda no terceiro dia, enquanto falava comigo, ele tinha um olhar inexplicável e imóvel. Risadas inesperadas quando você não precisa delas. Irritação constante incompreensível, palavras estranhas: “Bernard, efika” e outras que não são necessárias.” Mas o médico viu especialmente essa mania no fato de o réu não poder nem falar daqueles três mil rublos, dos quais se considera enganado, sem alguma irritação extraordinária, enquanto fala e se lembra de todos os seus outros fracassos e queixas com bastante facilidade. Finalmente, segundo informações, ele, da mesma forma antes, sempre que esses três mil foram tocados, entrou em uma espécie de quase frenesi, e ainda assim eles testemunham que ele é altruísta e não cobiçoso. “Quanto à opinião do meu ilustre colega”, acrescentou ironicamente o médico moscovita, concluindo seu discurso, “de que o réu, ao entrar no salão, deveria ter olhado para as senhoras, e não diretamente para ele, direi apenas que , além da ludicidade de tal conclusão, é ainda mais radicalmente errada; pois, embora eu concorde plenamente que o réu, ao entrar na sala do tribunal em que seu destino está sendo decidido, não deveria ter parecido tão imóvel diante dele e que isso poderia de fato ser considerado um sinal de seu estado mental anormal naquele momento, mas ao mesmo tempo afirmo que ele não deveria ter olhado para a esquerda para as damas, mas sim para a direita, olhando com os olhos para o seu protetor, em cuja ajuda reside toda a sua esperança e de cuja proteção todo o seu destino depende agora .” O médico expressou sua opinião de forma decisiva e enfática. Mas a conclusão inesperada do médico Varvinsky, a quem foi perguntado depois de todos os outros, deu uma comédia especial ao desacordo entre os dois especialistas científicos. Na sua opinião, o arguido, tanto agora como antes, encontra-se num estado completamente normal e, embora devesse realmente estar num estado nervoso e extremamente excitado antes da sua prisão, isso pode ter acontecido por muitas das razões mais óbvias: de ciúme, raiva, estado de embriaguez constante, etc. Mas esse estado nervoso não poderia conter nenhum “efeito” especial que acabava de ser discutido. Quanto a se o réu deveria ter olhado para a esquerda ou para a direita ao entrar na sala, então, “na sua humilde opinião”, o réu deveria ter olhado para frente ao entrar na sala, como realmente olhou, pois estava bem na frente sentado ao lado dele eram o presidente e os membros do tribunal, de quem agora dependia todo o seu destino, “assim, olhando para a frente, provou assim o estado completamente normal da sua mente neste momento”, concluiu o jovem médico com algum fervor no seu “modesto » indicação.

- Bravo, doutor! - Mitya gritou de seu lugar, “isso mesmo!”

Mitya, claro, foi detido, mas a opinião do jovem médico teve o efeito mais decisivo tanto no tribunal como no público, porque, como se viu mais tarde, todos concordaram com ele. No entanto, o doutor Herzenstube, já convidado como testemunha, de repente serviu a favor de Mitya. Antigo morador da cidade, que conhecia há muito tempo a família Karamazov, deu vários depoimentos muito interessantes para a “acusação”, e de repente, como se percebesse algo, acrescentou:

- E ainda assim o pobre jovem poderia ter recebido um destino melhor sem comparação, pois teve um bom coração tanto na infância como depois da infância, pois disso eu sei. Mas um provérbio russo diz: “se alguém tem uma mente, então isso é bom, mas se outra pessoa inteligente vier visitar, então será ainda melhor, porque então haverá duas mentes, e não apenas uma”...

“Uma mente é boa, mas duas são melhores”, sugeriu impacientemente o promotor, que há muito conhecia o costume do velho de falar devagar, com voz arrastada, sem se envergonhar da impressão que causava e do que o fazia esperar, mas pelo contrário, ainda apreciando muito sua inteligência alemã compacta, parecida com uma batata e sempre alegre e auto-satisfeita. O velho adorava fazer piadas.

“Ah, sim, e eu digo a mesma coisa”, ele respondeu teimosamente: “uma mente é boa, mas duas são muito melhores”. Mas o outro não veio até ele com sabedoria, mas ele deixou entrar o seu... Como é, onde ele o deixou entrar? Esta palavra - para onde ele deixou sua mente ir, eu esqueci”, ele continuou, girando a mão na frente dos olhos, “ah, sim, shpatziren”.

- Andar?

- Bem, sim, para passear, e digo a mesma coisa. Então sua mente deu um passeio e chegou a um lugar tão profundo onde se perdeu. E, no entanto, era um jovem agradecido e sensível, ah, lembro-me muito dele quando era menino, jogado no quintal do pai, quando corria pelo chão sem botas e com as calças num só botão...

Algum tipo de nota sensível e comovente foi ouvida de repente na voz do velho honesto. Fetyukovich estremeceu, como se antecipasse algo, e instantaneamente se apegou.

- Ah, sim, eu mesmo ainda era um jovem... eu..., bem, sim. Eu tinha então quarenta e cinco anos e acabara de chegar aqui. E então tive pena do menino e me perguntei: por que não posso comprar uma libra para ele... Bem, sim, por que uma libra? Esqueci como se chama... meio quilo de uma coisa que as crianças adoram, assim, bem, assim... - o médico acenou com as mãos novamente, - cresce em uma árvore, e eles coletam e dão para todos...

- Maçãs?

- Ah, n-não-não! Libra, libra, dez maçãs, nem uma libra... não, são muitos e são todos pequenos, colocam na boca e cagam!..

"Nozes?"

“Bem, sim, nozes, e eu digo a mesma coisa”, confirmou o médico da maneira mais calma, como se não estivesse procurando palavras, “e eu trouxe para ele meio quilo de nozes, porque ninguém tinha alguma vez trouxe meio quilo de nozes para o menino, e eu levantei o dedo e disse para ele: Rapaz! Gott der Vater”, ele riu e disse: Gott der Vater. - Gott der Sohn. Ele riu mais um pouco e balbuciou: Gott der Sohn. - Gott der heilige Geist. Depois riu mais um pouco e disse o máximo que pôde: Gott der heilige Geist. E eu fui embora. No terceiro dia eu passei e ele mesmo gritou para mim: “Tio, Gott der Vater, Gott der Sohn”, e eu simplesmente esqueci Gott der heilige Geist, mas me lembrei dele e novamente senti muita pena dele. Mas ele foi levado embora e nunca mais o vi. E assim se passaram vinte e três anos, uma manhã eu estava sentado em meu escritório, já com a cabeça branca, e de repente entrou um jovem florescente, que não consegui reconhecer de forma alguma, mas ele ergueu o dedo e disse rindo: “ Gott der Vater, Gott der Sohn und Gott der heilige Gest!” Acabo de chegar e venho agradecer-lhe por meio quilo de nozes; pois ninguém nunca me comprou meio quilo de nozes, mas só você me comprou meio quilo de nozes. E então me lembrei da minha juventude feliz e do pobre menino sem botas no quintal, e meu coração deu um pulo, e eu disse: Você é um jovem agradecido, por toda a sua vida você se lembrou daquele quilo de nozes que eu lhe trouxe na sua infância . E eu o abracei e o abençoei. E eu chorei. Ele riu, mas também chorou... pois um russo muitas vezes ri quando deveria chorar. Mas ele também chorou, eu vi. E agora, infelizmente!

“E agora estou chorando, alemão, e agora estou chorando, você é um homem de Deus!” - Mitya gritou de repente de seu lugar.

Seja como for, a anedota causou uma impressão favorável no público. Mas o principal efeito a favor de Mitya foi produzido pelo testemunho de Katerina Ivanovna, do qual falarei agora. E em geral, quando as testemunhas começaram a descarregar, isto é, convocadas pela defesa, o destino parecia sorrir repentinamente e até seriamente para Mitya e - o que é mais notável - inesperadamente até para a própria defesa. Mas antes mesmo de Katerina Ivanovna, foi questionado Alyosha, que de repente se lembrou de um fato que até parecia ser uma prova positiva contra uma das acusações mais importantes da acusação.

4. A felicidade sorri para Mitya

Isso aconteceu completamente por acidente, até mesmo para o próprio Alyosha. Ele foi convocado sem juramento, e lembro-me que desde as primeiras palavras do interrogatório todas as partes o trataram com extrema gentileza e simpatia. Ficou claro que a boa fama o precedeu. Aliocha testemunhou com modéstia e moderação, mas seu depoimento mostrou claramente uma ardente simpatia por seu infeliz irmão. Respondendo a uma pergunta, ele descreveu o caráter de seu irmão como um homem que pode ser frenético e levado pelas paixões, mas também nobre, orgulhoso e generoso, pronto até mesmo para sacrificar se lhe for exigido. Admitiu, no entanto, que nos seus últimos dias, devido à sua paixão por Grushenka e à sua rivalidade com o pai, o seu irmão tinha estado numa posição insuportável. Mas ele rejeitou indignadamente até mesmo a suposição de que seu irmão pudesse ter matado para fins de roubo, embora admitisse que esses três mil se transformaram em uma espécie de quase mania na mente de Mitya, que os considerava uma herança não dada a ele por seu pai. engano, e que, sendo completamente altruísta, não conseguia nem falar desses três mil sem frenesi e raiva. Sobre a rivalidade entre duas “pessoas”, como disse o promotor, ou seja, Grushenka e Katya, ele respondeu evasivamente e até não quis responder a uma ou duas perguntas.

"Seu irmão pelo menos lhe disse que pretende matar o pai?" - perguntou o promotor. “Você não precisa responder se achar necessário”, acrescentou.

“Eu não disse isso diretamente”, respondeu Alyosha.

- Como? Indiretamente?

“Ele me contou uma vez sobre seu ódio pessoal pelo pai e que tinha medo de que... num momento extremo... num momento de nojo... talvez pudesse matá-lo.

- E quando você ouviu, você acreditou?

- Tenho medo de dizer que acreditei. Mas sempre estive convencido de que algum sentimento superior sempre o salvaria no momento fatídico, exatamente como aconteceu de fato, porque não foi ele quem matou meu pai”, concluiu Aliocha com firmeza, em voz alta e para todo o salão. O promotor estremeceu como um cavalo de guerra ao ouvir o toque de uma trombeta.

- Tenha certeza de que acredito plenamente na mais completa sinceridade de sua convicção, sem condicioná-la ou assimilá-la no mínimo com amor ao seu infeliz irmão. Sua visão única de todo o trágico episódio ocorrido em sua família já nos é conhecida desde a investigação preliminar. Não vou esconder de vocês que ele é extremamente especial e contradiz todos os demais depoimentos recebidos pelo Ministério Público. E por isso considero necessário perguntar-lhe com insistência: que dados orientaram o seu pensamento e o dirigiram para a convicção final da inocência do seu irmão e, pelo contrário, da culpa do Outro que você já apontou diretamente no investigação preliminar?

“Durante a investigação preliminar, apenas respondi a perguntas”, disse Alyosha calma e calmamente, “e não apresentei uma acusação contra Smerdyakov”.

- E ainda assim apontaram para ele?

- indiquei pelas palavras do irmão Dmitry. Mesmo antes do interrogatório, fui informado sobre o que aconteceu durante sua prisão e como ele próprio apontou para Smerdyakov. Acredito plenamente que meu irmão é inocente. E se ele não matou, então...

- É Smerdiakov? Por que exatamente Smerdyakov? E por que exatamente você se convenceu tão finalmente da inocência de seu irmão?

“Eu não pude deixar de acreditar no meu irmão.” Eu sei que ele não vai mentir para mim. Vi em seu rosto que ele não estava mentindo para mim.

- Só na cara? Essas são todas as suas evidências?

- Não tenho mais provas.

“E você também não baseia a culpa de Smerdyakov na menor evidência além das palavras de seu irmão e da expressão em seu rosto?”

- Sim, não tenho outra prova.

Neste ponto o promotor parou de interrogar. As respostas de Aliócha causaram uma impressão muito decepcionante no público. Já falávamos de Smerdyakov antes mesmo do julgamento, alguém ouviu alguma coisa, alguém apontou alguma coisa, falaram de Alyosha, que ele havia acumulado algumas provas extraordinárias a favor de seu irmão e da culpa do lacaio, e agora - nada, nenhuma prova, exceto algumas convicções morais, tão naturais na sua qualidade de irmão do réu.

Mas Fetyukovich também começou a perguntar. À pergunta: quando exatamente o réu disse a ele, Alyosha, sobre seu ódio por seu pai e que ele poderia matá-lo, e que ele ouviu isso dele, por exemplo, durante a última reunião antes do desastre, Alyosha, respondendo, de repente... teria estremecido, como se só agora lembrasse e percebesse algo:

“Agora me lembro de uma circunstância que havia esquecido completamente, mas que na época não estava tão clara para mim, e agora...

E Alyosha com entusiasmo, aparentemente tendo agora de repente se deparado com a ideia, lembrou como no último encontro com Mitya, à noite, perto de uma árvore, a caminho do mosteiro, Mitya, batendo-se no peito, “no parte superior do peito”, repetiu várias vezes para ele que ele tinha um meio para restaurar sua honra, que o meio estava aqui, bem aqui, em seu peito... “Pensei então que ele, batendo no peito, estava falando sobre seu coração”, continuou Aliocha, “sobre que em seu coração ele poderia encontrar forças para se livrar de alguma vergonha terrível que o esperava e que ele nem ousava admitir para mim. Confesso que pensei então que ele estava falando do pai e que estremecia como se estivesse envergonhado com a ideia de ir até o pai e cometer algum tipo de violência com ele, e enquanto isso, naquele momento ele parecia estar apontando para algo em seu peito, então me lembro que naquele momento um pensamento passou pela minha mente de que meu coração estava completamente do lado errado do meu peito, mas mais baixo, e ele se bateu muito mais alto, bem aqui, agora abaixo do pescoço, e tudo aponta para este lugar. Minha ideia então me pareceu estúpida, e talvez tenha sido então que ele apontou para esta palma na qual estavam costurados esses mil e quinhentos mil!..”

- Exatamente! - Mitya gritou de repente de seu assento. "Isso mesmo, Alyosha, isso mesmo, eu bati nela com o punho então!"

Fetyukovich correu até ele com pressa, implorando-lhe que se acalmasse, e naquele exato momento agarrou-se a Aliocha. Alyosha, ele próprio levado por suas memórias, expressou acaloradamente sua suposição de que essa vergonha provavelmente consistia precisamente no fato de que, tendo consigo esses mil e quinhentos rublos, que ele poderia devolver a Katerina Ivanovna como metade de sua dívida para com ela, ele mesmo assim decidiu não lhe dar esta metade e usá-la para outra coisa, isto é, para tirar Grushenka, se ela concordasse...

“É assim, é exatamente assim”, exclamou Alyosha com súbita excitação, “meu irmão exclamou então para mim que metade, metade da vergonha (ele disse várias vezes: metade!), ele agora poderia tirar sozinho, mas por enquanto infeliz fraqueza de seu caráter por não fazer isso... sabe de antemão que não pode e não é capaz de fazer isso!

“E você se lembra com firmeza e clareza de que ele se bateu neste mesmo lugar do peito?” - Fetyukovich interrogou ansiosamente.

- Com clareza e firmeza, porque foi então que pensei: por que ele bate tão alto quando o coração está mais baixo, e aí meu pensamento me pareceu estúpido... Lembro que parecia estúpido... brilhou. Por isso me lembrei agora. E como eu poderia ter esquecido isso até agora! Foi ele quem apontou esta palma como uma indicação de que tinha os meios, mas que não desistiria desses mil e quinhentos! E durante a sua prisão, em Mokroye, gritou precisamente - eu sei disso, disseram-me - que considerava a coisa mais vergonhosa de toda a sua vida, que, tendo meios para pagar metade (precisamente metade!) da sua dívida com Katerina Ivanovna e não se tornar um ladrão diante dela, ele ainda não se atreveu a devolvê-lo e preferia permanecer um ladrão aos olhos dela do que abrir mão do dinheiro! E como ele sofreu, como sofreu com essa dívida! - Alyosha terminou, exclamando.

Claro, o promotor também se envolveu. Pediu a Aliócha que descrevesse mais uma vez como tudo aconteceu, e várias vezes insistiu, perguntando: era verdade que o réu, batendo-se no peito, parecia apontar para alguma coisa? Talvez ele apenas tenha dado um soco no peito?

- Sim, e não com o punho! - exclamou Alyosha, - ou seja, ele apontou com os dedos, e apontou aqui, muito alto... Mas como pude esquecer completamente até este exato minuto!

O presidente perguntou a Mitya o que ele poderia dizer sobre este testemunho. Mitya confirmou que era exatamente assim, que apontava para os seus mil e quinhentos mil, que estavam no peito, agora abaixo do pescoço, e que, claro, era uma pena - “uma pena que eu não renuncie , o ato mais vergonhoso de toda a minha vida.” Mitya chorou. “Eu poderia ter dado, mas não entreguei. Queria continuar sendo um ladrão aos olhos dela, mas não desisti, e a maior vergonha é saber de antemão que não iria desistir! Você está certo, Aliócha! Obrigado, Aliócha!

Isso encerrou o interrogatório de Alyosha. O que foi importante e característico foi justamente a circunstância de ter sido encontrado pelo menos um fato, pelo menos uma, digamos, a menor evidência, quase apenas um indício de evidência, mas que ainda pelo menos um pouco indicava que essa palmeira realmente existia , que havia mil e quinhentos e que o réu não mentiu na investigação preliminar quando em Mokroye anunciou que esses mil e quinhentos “eram meus”. Aliócha ficou feliz; todo corado, dirigiu-se ao local que lhe foi indicado. Ele repetiu durante muito tempo para si mesmo: “Como pude esquecer! Como eu poderia esquecer isso! E como isso de repente veio à mente agora há pouco!

O interrogatório de Katerina Ivanovna começou. Assim que ela apareceu, algo extraordinário passou pelo corredor. As senhoras pegaram nos seus lorgnetes e nos binóculos, os homens mexeram-se, outros levantaram-se dos seus lugares para ver melhor. Mais tarde, todos afirmaram que Mitya de repente ficou pálida “como um lenço” assim que ela entrou. Toda de preto, ela se aproximou modestamente e quase timidamente do local que lhe foi indicado. Era impossível adivinhar pelo rosto dela que ela estava animada, mas a determinação brilhava em seu olhar escuro e sombrio. Deve-se notar que mais tarde muitas pessoas afirmaram que ela era incrivelmente bonita naquele momento. Ela falou baixinho, mas claramente, para toda a sala. Ela se expressou com extrema calma, ou pelo menos tentando ficar mais calma. O presidente iniciou suas perguntas com cuidado, com extremo respeito, como se tivesse medo de tocar “outras cordas” e respeitando o grande infortúnio. Mas a própria Katerina Ivanovna, desde as primeiras palavras, anunciou com firmeza em resposta a uma das perguntas propostas que ela era a noiva do réu “até que ele próprio me deixou”... - acrescentou ela calmamente. Quando questionada sobre os três mil confiados a Mitya para serem enviados aos correios aos seus familiares, ela disse com firmeza: “Não entreguei a ele diretamente nos correios; Tive então o pressentimento de que ele precisava mesmo de dinheiro... naquele momento... dei-lhe esses três mil com a condição de que ele os enviasse, se quisesse, no prazo de um mês. Foi em vão que ele se atormentou tanto depois por causa dessa dívida...”

Não transmito todas as perguntas e exatamente todas as suas respostas, apenas transmito o significado essencial do seu testemunho.

“Eu estava firmemente convencida de que ele sempre teria tempo de enviar esses três mil, assim que os recebesse do pai”, continuou ela, respondendo às perguntas. “Sempre confiei em seu altruísmo e em sua honestidade... alta integridade... em questões financeiras. Ele estava firmemente convencido de que receberia três mil rublos de seu pai e me contou isso várias vezes. Eu sabia que ele tinha uma briga com o pai e sempre tive e ainda tenho certeza de que ele se ofendeu com o pai. Não me lembro de nenhuma ameaça dele ao meu pai. Pelo menos na minha frente ele não disse nada nem fez ameaças. Se ele tivesse vindo até mim então, eu teria imediatamente acalmado sua ansiedade por causa daqueles infelizes três mil que ele me devia, mas ele não veio mais até mim... e eu mesmo... fui colocado nessa posição. .. que eu não poderia chamá-lo para mim... Sim, eu não tinha o direito de exigir dele essa dívida”, acrescentou ela de repente, e algo decisivo soou em sua voz: “Eu mesma uma vez recebi dele uma quantia monetária favor ainda maior que três mil, e eu o aceitei, apesar de mesmo assim não poder prever que algum dia conseguiria pagar-lhe minha dívida...

Parecia haver algum tipo de desafio no tom de sua voz. Foi nesse momento que as perguntas se voltaram para Fetyukovich.

— Ainda não estava aqui, mas no início do seu conhecimento? - Fetyukovich atendeu com cautela, antecipando imediatamente algo favorável. (Observo entre parênteses que, apesar de ter sido convocado de São Petersburgo em parte pela própria Katerina Ivanovna, ele ainda não sabia nada sobre o episódio dos cinco mil dados a ela por Mitya naquela cidade e sobre o “prostrar-se no chão.” Ela não contou isso a ele e escondeu. E foi surpreendente que ela mesma, até o último minuto, não soubesse se contaria esse episódio no julgamento ou não, e estava esperando por isso! algum tipo de inspiração.)

Não, nunca poderei esquecer esses minutos! Ela começou a contar, contou tudo, todo esse episódio contado por Mitya a Alyosha, e a “reverência ao chão”, e os motivos, e sobre seu pai, e sua aparição na casa de Mitya, e não mencionou em uma palavra, nem um único indício de que Mitya, por meio de sua irmã, ele próprio se oferecesse para “enviar Katerina Ivanovna a ele por dinheiro”. Ela generosamente escondeu isso e não teve vergonha de revelar que foi ela mesma quem correu até o jovem oficial, por impulso próprio, esperando por algo... para lhe pedir dinheiro. Foi incrível. Eu estava com frio e tremendo enquanto ouvia; o público congelou, prestando atenção em cada palavra. Havia algo sem precedentes aqui, de modo que mesmo de uma garota tão autocrática e desdenhosamente orgulhosa como ela, era quase impossível esperar um testemunho tão franco, um sacrifício tão grande, uma autoimolação. E para quê, para quem? Para salvar o seu traidor e ofensor, para servir pelo menos alguma coisa, mesmo que pequena, para salvá-lo, causando uma boa impressão a seu favor! E de fato: a imagem de um oficial doando seus últimos cinco mil rublos - tudo o que lhe restava na vida - e curvando-se respeitosamente diante de uma garota inocente, foi apresentada de maneira muito bonita e atraente, mas... meu coração afundou dolorosamente! Achei que a calúnia poderia sair mais tarde (e saiu depois, saiu!)! Com uma risada maligna, eles disseram mais tarde por toda a cidade que a história pode não ter sido totalmente precisa, precisamente no local onde o policial libertou a garota dele “como se apenas com uma reverência respeitosa”. Eles deram a entender que algo estava “perdido” aqui. “Mesmo que não tivesse sido perdida, mesmo que tudo tivesse sido verdade”, disseram até as nossas mais respeitáveis ​​senhoras, “mesmo assim ainda não se sabe: teria sido muito nobre para uma menina fazer isso, mesmo que apenas salvando o pai dela?” E Katerina Ivanovna, com a sua inteligência, com a sua dolorosa perspicácia, não previu de antemão que falariam assim? Certamente tive um pressentimento e agora resolvi contar tudo! É claro que todas essas dúvidas sujas sobre a veracidade da história só começaram mais tarde, e no primeiro minuto todos ficaram chocados. Quanto aos membros da corte, eles ouviram Katerina Ivanovna com um silêncio reverente, por assim dizer, até tímido. O promotor não se permitiu mais perguntas sobre o assunto. Fetyukovich curvou-se profundamente para ela. Oh, ele estava quase triunfante! Ganhou-se muito: um homem doando, num impulso nobre, os seus últimos cinco mil, e depois o mesmo homem matando o pai à noite para roubar-lhe três mil - era algo parcialmente incoerente. Pelo menos Fetyukovich poderia agora eliminar o roubo. O “caso” foi subitamente banhado por uma nova luz. Algo bom brilhou a favor de Mitya. Ele... disseram sobre ele que uma ou duas vezes durante o depoimento de Katerina Ivanovna ele pulou da cadeira, depois caiu novamente no banco e cobriu o rosto com as duas mãos. Mas quando ela terminou, ele de repente exclamou com voz soluçante, estendendo as mãos para ela:

- Katya, por que você me arruinou!

E ele começou a soluçar alto por todo o salão. No entanto, ele se controlou instantaneamente e gritou novamente:

- Agora estou condenado!

E então ele pareceu congelado no lugar, cerrando os dentes e cruzando as mãos em cruz sobre o peito. Katerina Ivanovna permaneceu no corredor e sentou-se na cadeira que lhe foi indicada. Ela estava pálida e sentou-se abatida. Quem estava perto dela disse que ela tremia por muito tempo, como se estivesse com febre. Grushenka apareceu para interrogatório.

Estou chegando perto da catástrofe que, irrompendo repentinamente, pode na verdade ter destruído Mitya. Porque tenho certeza, e todos também, todos os advogados depois disso disseram que se esse episódio não tivesse aparecido, o criminoso teria pelo menos recebido clemência. Mas mais sobre isso agora. Apenas algumas palavras primeiro sobre Grushenka.

Ela também apareceu no salão toda vestida de preto, com seu lindo xale preto nos ombros. Suavemente, com seu andar silencioso, com leve balanço, como às vezes andam as mulheres rechonchudas, ela se aproximou da balaustrada, olhando atentamente para o presidente e nenhuma vez olhando para a direita ou para a esquerda. Na minha opinião, ela estava muito bonita naquele momento e nada pálida, como as senhoras garantiram mais tarde. Eles também garantiram que ela tinha algum tipo de rosto concentrado e zangado. Só acho que ela ficou irritada e sentiu fortemente os olhares de desprezo e curiosidade do nosso público, ávido por um escândalo. Era um personagem orgulhoso, incapaz de suportar o desprezo, daqueles que, assim que suspeitam do desprezo de alguém, imediatamente se inflamam de raiva e sede de rejeição. Ao mesmo tempo, é claro, havia timidez, e vergonha interior por essa timidez, por isso não é de admirar que a conversa dela fosse irregular - às vezes raivosa, às vezes desdenhosa e intensamente rude, às vezes havia uma nota sincera e sincera de autocondenação. , autoacusação. Às vezes ela falava como se estivesse voando para algum tipo de abismo: “Não importa o que aconteça, mas vou dizer mesmo assim”... Sobre seu relacionamento com Fyodor Pavlovich, ela comentou rispidamente: “É tudo nada, não é minha culpa que ele se apegou a mim? E depois de um minuto ela acrescentou: “É tudo culpa minha, eu ri dos dois, tanto do velho quanto deste, e trouxe os dois até este ponto. Tudo aconteceu por minha causa." De alguma forma, o assunto tocou Samsonov: “Quem se importa”, ela imediatamente retrucou com algum desafio atrevido, “ele foi meu benfeitor, ele me levou descalço quando meus parentes me expulsaram da cabana”. O presidente, embora muito educado, lembrou-lhe que ela precisava responder às perguntas diretamente, sem entrar em detalhes desnecessários. Grushenka corou e seus olhos brilharam.

Ela não viu a sacola de dinheiro, mas apenas ouviu do “vilão” que Fyodor Pavlovich tinha uma espécie de sacola com três mil. “Mas tudo isso é bobagem, eu ri, e nunca teria ido lá...”

—Quem você acabou de mencionar como o “vilão”? - indagou o promotor.

- E sobre o lacaio, sobre Smerdyakov, que ontem matou seu mestre e se enforcou.

Claro, ela foi imediatamente questionada sobre quais motivos ela tinha para uma acusação tão decisiva, mas descobriu-se que ela também não tinha motivos.

“Isso foi o que o próprio Dmitry Fedorovich me disse, acredite nele.” A destruidora de casas o arruinou, é isso, ela é a única razão de tudo, é isso”, acrescentou Grushenka, como se estremecesse de ódio, e uma nota maligna soou em sua voz.

Eles perguntaram a quem ela estava se referindo novamente.

- E para a jovem, esta Katerina Ivanovna. Aí ela me chamou, me ofereceu chocolate e quis me seduzir. Há pouca vergonha nela, é isso que...

Aqui o presidente a interrompeu severamente, pedindo-lhe que moderasse suas expressões. Mas o coração da mulher ciumenta já estava em chamas, ela estava pronta para voar até para o abismo...

“Durante a prisão na aldeia de Mokroye”, perguntou o promotor, lembrando, “todos viram e ouviram você saindo correndo de outra sala, gritando: “É tudo culpa minha, vamos trabalhar duro juntos!” Então naquele momento você já estava convencido de que ele era parricida?

“Não me lembro dos meus sentimentos naquela época”, respondeu Grushenka, “todos gritaram que ele matou meu pai, e eu senti que a culpa era minha e que ele matou por minha causa”. E quando ele disse que era inocente, eu imediatamente acreditei nele, e agora acredito, e sempre acreditarei: pessoa não é do tipo que mente.

As perguntas foram para Fetyukovich. A propósito, lembro que ele perguntou sobre Rakitin e cerca de vinte e cinco rublos “por trazer Alexei Fedorovich Karamazov para você”.

“Não é surpreendente que ele tenha aceitado o dinheiro”, Grushenka sorriu com malícia desdenhosa, “ele sempre vinha até mim para reclamar de dinheiro, às vezes ele escolhia trinta rublos por mês, cada vez mais para auto-indulgência: ele tinha o suficiente beber e comer sem nenhuma necessidade minha.

- Com base em que você foi tão generoso com o Sr. Rakitin? - Fetyukovich atendeu, apesar de o presidente estar se movendo violentamente.

- Mas ele é meu primo. Minha mãe e a mãe dele são irmãs. Ele só ficava me implorando para não contar a ninguém aqui, ele tinha muita vergonha de mim.

Este novo fato foi uma surpresa completa para todos; ninguém em toda a cidade sabia disso até agora, nem mesmo no mosteiro sabia disso; Disseram que Rakitin ficou roxo de vergonha na cadeira. Mesmo antes de entrar no salão, Grushenka de alguma forma descobriu que ele havia testemunhado contra Mitya e, portanto, ficou com raiva. Todo o discurso recente do Sr. Rakitin, toda a sua nobreza, todos os seus ataques à servidão, à desordem civil da Rússia - tudo isto foi finalmente destruído e destruído na opinião geral desta vez. Fetyukovich ficou satisfeito: novamente Deus o mandou para o chapéu. Em geral, Grushenka não foi interrogada por muito tempo e, claro, ela não pôde dizer nada de particularmente novo. Ela deixou uma impressão muito desagradável no público. Centenas de olhares de desprezo correram para ela quando, após terminar seu depoimento, ela se sentou no corredor, bem longe de Katerina Ivanovna. Durante todo o tempo em que perguntaram a ela, Mitya ficou em silêncio, como se estivesse petrificado, com os olhos voltados para o chão.

Ivan Fedorovich apareceu como testemunha.

V. Catástrofe repentina

Noto que ele foi chamado antes mesmo de Alyosha. Mas o oficial de justiça comunicou então ao presidente que, devido a problemas de saúde repentinos ou algum tipo de convulsão, a testemunha não poderia comparecer agora, mas assim que se recuperasse, estaria pronta para prestar depoimento a qualquer momento. No entanto, de alguma forma, ninguém ouviu isso e só descobriram mais tarde. A sua aparição no primeiro minuto passou quase despercebida: as principais testemunhas, sobretudo os dois rivais, já tinham sido interrogadas; a curiosidade foi satisfeita por enquanto. O público até se sentiu cansado. Ainda havia diversas testemunhas a serem ouvidas, que provavelmente não poderiam relatar nada de especial diante de tudo o que já havia sido relatado. O tempo estava se esgotando. Ivan Fedorovich aproximou-se de forma surpreendentemente lenta, sem olhar para ninguém e até abaixando a cabeça, como se estivesse carrancudo por causa de alguma coisa. Ele estava vestido impecavelmente, mas seu rosto pelo menos me causou uma impressão dolorosa: havia algo naquele rosto, como se tocado pela terra, algo parecido com o rosto de um moribundo. Os olhos estavam opacos; ele os pegou e caminhou lentamente pelo corredor. Alyosha de repente pulou da cadeira e gemeu: ah! Eu me lembro disso. Mas poucas pessoas também perceberam isso.

O presidente começou por dizer que era uma testemunha não juramentada, que podia manifestar-se ou calar-se, mas que, claro, tudo o que for demonstrado deve ser de boa fé, etc., etc. Ivan Fedorovich ouviu e olhou para ele com expressão estupefata; mas de repente seu rosto começou a se espalhar lentamente em um sorriso, e assim que o presidente, que estava olhando para ele surpreso, terminou de falar, ele riu de repente.

- Bem, o que mais? - ele perguntou em voz alta. Tudo ficou quieto no corredor; algo parecia ser sentido. O presidente ficou preocupado.

- Você... talvez ainda não esteja tão saudável? - disse ele, procurando o oficial de justiça com os olhos.

“Não se preocupe, Excelência, estou bastante saudável e posso lhe contar uma coisa interessante”, respondeu Ivan Fedorovich de repente com bastante calma e respeito.

— Você tem alguma mensagem especial para apresentar? - continuou o presidente com incredulidade.

Ivan Fedorovich olhou para baixo, hesitou por alguns segundos e, levantando novamente a cabeça, respondeu como se gaguejasse:

- Não... eu não. Eu não tenho nada de especial.

Eles começaram a fazer perguntas a ele. Ele respondeu de alguma forma com relutância, de alguma forma intensamente brevemente, com algum tipo de desgosto, que crescia cada vez mais, embora, no entanto, ele ainda respondesse com inteligência. Arranjei desculpas para muitas coisas por não saber. Eu não sabia nada sobre as pontuações do meu pai com Dmitry Fedorovich. “E não fui eu”, disse ele. Ouvi falar de ameaças de matar meu pai por parte do réu, ouvi falar do dinheiro na bolsa de Smerdyakov...

“É tudo igual”, ele interrompeu de repente com um olhar cansado: “Não posso dizer nada de especial ao tribunal”.

“Vejo que você não está bem e entendo seus sentimentos...” começou o presidente.

Ele estava prestes a se dirigir às partes, ao promotor e ao advogado de defesa, convidando-os, se achassem necessário, a propor perguntas, quando de repente Ivan Fedorovich perguntou com voz exausta:

- Deixe-me ir, Excelência, sinto-me muito mal.

E com esta palavra, sem esperar permissão, ele de repente se virou e saiu do corredor. Mas, depois de dar quatro passos, ele parou, como se de repente estivesse pensando em alguma coisa, riu baixinho e voltou ao seu lugar anterior.

- Eu, Excelência, sou como aquela camponesa...

você sabe como é: “Se eu quiser, eu pulo, mas se eu quiser, não pulo”. Eles a seguem com vestido de verão, ou com esposa de senhora ou algo assim, então ela pula para dar o nó e levar o casamento, mas ela diz: “Se eu quiser, eu corro, mas se eu quiser, eu ganhei não pule”... Isso ocorre em algumas de nossas nacionalidades...

- O que você quer dizer com isso? - perguntou o presidente severamente.

“E aqui”, Ivan Fedorovich de repente tirou um maço de dinheiro, “aqui está o dinheiro... o mesmo que estava naquela bolsa (ele acenou com a cabeça para a mesa com as evidências) e por causa do qual eles mataram seu pai. ” Onde colocar? Sr. oficial de justiça, por favor, passe adiante.

O oficial de justiça pegou a pilha inteira e entregou-a ao presidente.

- Como esse dinheiro pode acabar em sua posse... se é o mesmo dinheiro? - disse o presidente surpreso.

“Recebi de Smerdyakov, do assassino, ontem.” Ele tinha isso antes de se enforcar. Ele matou seu pai, não seu irmão. Ele matou, e eu ensinei ele a matar... Quem não quer que o pai morra?..

-Você está são ou não? - o presidente explodiu involuntariamente.

- É isso mesmo, na mente... e numa mente vil, igual a você, como todas essas... r-faces! - De repente ele se voltou para o público. “Eles mataram o pai, mas fingem estar com medo”, ele murmurou com furioso desprezo. - Eles fazem caretas um na frente do outro. Mentirosos! Todo mundo quer que seu pai morra. Um réptil come outro réptil... Se não fosse o parricídio, todos ficariam furiosos e iriam embora furiosos... Que espetáculo! "Pão e circo!" No entanto, eu também estou bem! Quer você tenha água ou não, deixe-me beber pelo amor de Cristo! - De repente ele agarrou sua cabeça.

O oficial de justiça imediatamente se aproximou dele. Alyosha de repente deu um pulo e gritou: “Ele está doente, não acredite nele, ele está em delirium tremens!” Katerina Ivanovna levantou-se rapidamente da cadeira e, imóvel de horror, olhou para Ivan Fedorovich. Mitya levantou-se e com uma espécie de sorriso selvagem e distorcido olhou ansiosamente e ouviu seu irmão.

- Calma, não seja maluco, sou apenas um assassino! - Ivan começou novamente. “Você não pode pedir a um assassino que seja eloquente…” ele acrescentou de repente por algum motivo e riu ironicamente.

O promotor inclinou-se para o presidente, visivelmente confuso. Os membros da corte sussurravam agitadamente entre si. Fetyukovich apurou os ouvidos, ouvindo. O salão congelou em antecipação. O presidente de repente pareceu cair em si.

- Testemunha, suas palavras são incompreensíveis e impossíveis aqui. Acalme-se, se puder, e me diga... se você realmente tem algo a dizer. Como você pode confirmar tal confissão... a menos que esteja delirando?

“É isso mesmo, não tenho testemunhas.” O cão Smerdyakov não lhe enviará um testemunho do outro mundo... num pacote. Você teria todos os pacotes, um seria suficiente. Não tenho testemunhas... Exceto talvez uma — ele sorriu, pensativo.

-Quem é sua testemunha?

- Com rabo, Excelência, não cabe! Le diable n'existe point! “Não preste atenção, seu diabinho de merda”, acrescentou, parando de rir de repente e como se fosse confidencial: “ele provavelmente está aqui em algum lugar, debaixo desta mesa com evidências materiais, onde deveria sentar se não fosse lá?” Veja, me escute: eu disse a ele: não quero ficar calado, mas ele está falando de uma revolução geológica... bobagem! Bom, liberte o monstro... ele cantou o hino, é porque para ele é fácil! É como se um canalha bêbado começasse a gritar como “Vanka foi para São Petersburgo”, e eu daria um quatrilhão de quatrilhões por dois segundos de alegria. Você não me conhece! Oh, como tudo isso é estúpido! Bem, leve-me em vez disso! Por que eu vim... Por que, por que tudo isso, seja lá o que for, é tão estúpido!

E ele novamente começou a olhar lentamente e pensativamente ao redor do corredor. Mas tudo já ficou agitado. Alyosha correu de seu lugar em sua direção, mas o oficial de justiça já havia agarrado Ivan Fedorovich pela mão.

- O que mais é isso? - gritou ele, olhando à queima-roupa para o rosto do oficial de justiça, e de repente, agarrando-o pelos ombros, bateu-lhe furiosamente no chão. Mas os guardas já haviam chegado, agarraram-no e ele gritou com um grito furioso. E o tempo todo enquanto o levavam embora, ele gritava e gritava algo incoerente.

Houve uma comoção. Não me lembro de tudo em ordem, fiquei animado e não consegui acompanhar. Só sei que mais tarde, quando tudo se acalmou e todos entenderam o que se passava, o oficial de justiça ainda entendeu, embora tenha explicado minuciosamente às autoridades que a testemunha estava sempre saudável, que o médico o atendeu uma hora antes ele ficou um pouco desmaiado, mas que antes de entrar no salão falava tudo com coerência, de modo que era impossível prever nada; que ele próprio, pelo contrário, insistiu e certamente quis depor. Mas antes que eles se acalmassem e recuperassem o juízo, imediatamente após essa cena, outra estourou: Katerina Ivanovna ficou histérica. Ela começou a soluçar, gritando alto, mas não queria ir embora, ficou arrasada, implorou para não ser levada embora e de repente gritou para o presidente:

- Devo prestar mais um depoimento, imediatamente... imediatamente!.. Aqui está o papel, a carta... pegue, leia rápido, rápido! Esta é uma carta deste monstro, deste, deste! - Ela apontou para Mitya. - Ele matou o pai, você vai ver agora, ele me escreve como vai matar o pai! E ele está doente, está doente, está em delirium tremens! Já faz três dias que vejo que ele está com febre!

Então ela gritou fora de si. O oficial de justiça pegou o papel que ela estendeu ao presidente e ela, caindo na cadeira e cobrindo o rosto, começou a soluçar convulsiva e silenciosamente, tremendo e reprimindo o menor gemido com medo de ser expulsa do tribunal. O documento que ela apresentou foi a mesma carta de Mitya da taberna Capital City, que Ivan Fedorovich chamou de documento de importância “matemática”. Infelizmente! Foi precisamente essa habilidade matemática que lhe foi reconhecida, e se não fosse por esta carta, talvez Mitya não tivesse morrido, ou pelo menos não teria morrido de forma tão horrível! Repito, foi difícil acompanhar os detalhes. Mesmo agora, tudo isso me parece uma grande turbulência. O presidente deve ter comunicado imediatamente o novo documento ao tribunal, ao procurador, ao advogado de defesa e ao júri. Só me lembro de como começaram a perguntar à testemunha. À pergunta: ela se acalmou? Dirigida gentilmente a ela pelo presidente, Katerina Ivanovna exclamou rapidamente:

- Estou pronto, pronto! “Sou perfeitamente capaz de lhe responder”, acrescentou ela, aparentemente ainda com muito medo de que, por algum motivo, eles não a ouvissem. Foi-lhe pedido que explicasse mais detalhadamente: que tipo de carta era esta e em que circunstâncias a recebeu?

“Recebi na véspera do crime em si, e ele escreveu no dia anterior na taberna, o que significa dois dias antes do crime - olha, está escrito em algum tipo de fatura!” - ela gritou sem fôlego. “Ele me odiou então porque ele mesmo cometeu um ato vil e foi atrás dessa criatura... e também porque me devia esses três mil... Ah, ele ficou ofendido por esses três mil por causa de sua própria baixeza! Esses três mil são assim - peço, imploro que me escute: três semanas antes de matar o pai, ele veio me procurar pela manhã. Eu sabia que ele precisava de dinheiro e sabia para que servia - apenas para seduzir essa criatura e levá-la comigo. Eu soube então que ele já havia me traído e queria me deixar, e eu, eu mesmo entreguei esse dinheiro a ele, eu mesmo ofereci como se fosse mandar para minha irmã em Moscou - e quando o dei, eu olhou-o na cara e disse que ele poderia enviar quando quisesse, “mesmo daqui a um mês”. Bem, como ele poderia não entender que eu estava dizendo diretamente na cara dele: “Você precisa de dinheiro para me trair com sua criatura, então aqui está esse dinheiro para você, eu mesmo estou dando para você, aceite se você estiver tão desonesto que pega!”... Eu queria condená-lo, mas o quê? ele pegou, pegou e levou, e passou com essa criatura ali, numa noite... Mas ele entendeu, ele entendeu que eu sabia tudo, garanto que ele então entendeu que eu, dando-lhe o dinheiro, estou apenas torturando-o: ele será tão desonesto a ponto de tirar de mim ou não? Eu olhei nos olhos dele, e ele olhou nos meus olhos e entendeu tudo, entendeu tudo, e pegou, e pegou, e tirou meu dinheiro!

- É verdade, Kátia! - Mitya gritou de repente, - ele olhou nos meus olhos e percebeu que você estava me desonrando e ainda pegou seu dinheiro! Despreze o canalha, despreze tudo, ele merece!

“Réu”, gritou o presidente, “mais uma palavra: vou ordenar que você seja retirado”.

“Esse dinheiro o atormentou”, continuou Katya, apressando-se freneticamente, “ele queria me dar, ele queria, é verdade, mas ele também precisava do dinheiro para esta criatura”. Então ele matou meu pai, mas ainda não me deu o dinheiro, mas foi com ela para a aldeia onde foi capturado. Lá ele desperdiçou novamente o dinheiro que roubou do pai que matou. E um dia antes de ele matar o pai, ele me escreveu essa carta, ele escreveu bêbado, eu vi agora, ele escreveu com raiva e sabendo, provavelmente sabendo, que eu não mostraria essa carta a ninguém, mesmo que ele morto. Caso contrário, ele não teria escrito. Ele sabia que eu não iria querer me vingar dele e destruí-lo! Mas leia, leia com atenção, por favor, com mais atenção, e você verá que ele descreveu tudo na carta, tudo com antecedência: como vai matar o pai e onde está o dinheiro. Olha, por favor, não perca, tem uma frase aí: “Eu mato, se o Ivan for embora”. Isso significa que ele já havia pensado em como mataria com antecedência”, sugeriu Katerina Ivanovna ao tribunal com orgulho e sarcasmo. Ah, estava claro que ela leu cuidadosamente esta carta fatídica e estudou cada detalhe dela. “Ele não teria me escrito se não estivesse bêbado, mas olha, tudo está descrito aí com antecedência, tudo é exatamente como ele o matou depois, todo o programa!”

Então ela exclamou fora de si e, claro, desprezando todas as consequências para si mesma, embora é claro que as previu talvez há um mês, porque mesmo assim, talvez, estremecendo de raiva, ela sonhou: “isso não deveria ser lido para o tribunal?" Agora é como se ela tivesse voado da montanha. Lembro-me, ao que parece, que foi ali mesmo que a carta foi lida em voz alta pela secretária e causou uma impressão incrível. Voltamo-nos para Mitya com uma pergunta:

ele reconhece esta carta?

- Meu, meu! - exclamou Mitya. “Eu não teria escrito isso se não estivesse bêbado!.. Nós nos odiávamos por muitas coisas, Katya, mas eu juro, eu juro, eu te amei mesmo te odiando, mas você não me ame!"

Ele caiu de volta na cadeira, torcendo as mãos em desespero. O promotor e o advogado de defesa começaram a propor perguntas cruzadas, principalmente no sentido: “O que, dizem, o levou a ocultar tal documento agora há pouco e a mostrá-lo com um espírito e tom completamente diferentes?”

“Sim, sim, eu menti agora há pouco, continuei mentindo, contra a honra e a consciência, mas queria salvá-lo agora mesmo, porque ele me odiava e me desprezava muito”, exclamou Katya como uma louca. - Ah, ele me desprezou terrivelmente, sempre me desprezou, e você sabe, você sabe - ele me desprezou desde o momento em que me curvei a seus pés por aquele dinheiro. Eu vi... senti agora, então, mas fiquei muito tempo sem acreditar. Quantas vezes li em seus olhos: “afinal, você mesmo veio até mim então”. Ah, ele não entendeu, não entendeu nada, por que eu vim correndo então, ele só pode suspeitar de baixeza! “Ele mediu isso consigo mesmo, ele pensou que todos eram como ele”, Katya disse furiosamente, completamente frenética. - E ele só quis se casar comigo porque recebi uma herança, porque, porque! Sempre suspeitei que fosse porque! Ah, isso é uma fera! Durante toda a sua vida ele teve certeza de que durante toda a minha vida eu tremeria de vergonha diante dele por ter vindo então, e que ele poderia me desprezar para sempre por isso e, portanto, ser superior - por isso ele queria se casar comigo! É assim, tudo isso é verdade! Tentei derrotá-lo com meu amor, amor sem fim, até quis suportar sua traição, mas ele não entendeu nada, nada. Como ele pode entender alguma coisa? Isto é um monstro! Recebi esta carta só no dia seguinte à noite, trouxeram-me da taberna, e ainda pela manhã, mesmo pela manhã daquele dia, queria perdoá-lo tudo, tudo, até a sua traição!

Claro, o presidente e o promotor a tranquilizaram. Tenho certeza de que todos ficaram até com vergonha de aproveitar seu frenesi e ouvir tais confissões. Lembro-me de ouvi-los dizer a ela: “Nós entendemos o quanto é difícil para você, acredite, somos capazes de sentir”, e assim por diante, e assim por diante, mas ainda assim extraíram o depoimento de uma mulher perturbada e histérica. Ela finalmente descreveu com extrema clareza, que tantas vezes, embora instantaneamente, pisca mesmo. em momentos de tão tensão, Ivan Fedorovich quase enlouqueceu durante todos esses dois meses para salvar o “monstro e assassino”, seu irmão.

“Ele se atormentou”, exclamou ela, “ele continuou tentando diminuir sua culpa, confessando-me que ele mesmo não amava seu pai e talvez ele mesmo quisesse sua morte”. Oh, esta é uma consciência profunda, profunda! Ele se torturou com sua consciência! Ele me revelou tudo, tudo, veio até mim e falou comigo todos os dias como se fosse seu único amigo. Tenho a honra de ser seu único amigo! - ela exclamou de repente, como se com algum tipo de desafio, os olhos brilhando. — Ele foi até Smerdyakov duas vezes. Um dia ele veio até mim e disse: se não foi meu irmão quem matou, mas Smerdyakov (porque essa fábula foi espalhada aqui por todos que Smerdyakov matou), então talvez eu também fosse culpado, porque Smerdyakov sabia que eu não amava meu pai e talvez pensei que eu desejasse que meu pai morresse. Então peguei esta carta e mostrei a ele, e ele ficou completamente convencido de que foi seu irmão quem matou, e isso o deixou completamente impressionado. Ele não suportava que seu próprio irmão fosse parricida! Há uma semana, vi que ele estava doente por causa disso. Nos últimos dias, ele delirou sentado comigo. Eu vi que ele estava confuso em sua mente. Ele andava e delirava, era visto assim nas ruas. O médico visitante, a meu pedido, examinou-o na véspera, há três dias, e disse-me que ele estava perto da febre - tudo por ele, por todo o monstro! E ontem ele descobriu que Smerdyakov havia morrido - isso o chocou tanto que ele enlouqueceu... e tudo foi por causa do monstro, tudo foi para salvar o monstro!

Ah, claro, você só pode dizer isso e admitir isso uma vez na vida – no último minuto, por exemplo, ao subir no cadafalso. Mas Katya estava em sua personagem e em seu momento. Foi a mesma impetuosa Katya que correu até o jovem libertino para salvar seu pai; a mesma Katya que agora há pouco, diante de todo esse público, orgulhoso e casto, sacrificou a si mesma e sua vergonha de menina, falando sobre o “nobre feito” de Mitya, apenas para amenizar de alguma forma o destino que o aguardava. E agora, exatamente da mesma forma, ela também se sacrificou, mas por outro, e talvez só agora, só neste minuto, pela primeira vez sentindo e compreendendo plenamente o quanto essa outra pessoa é querida para ela! Ela se sacrificou com medo por ele. imaginando de repente que ele havia se arruinado com seu testemunho, que foi ele quem matou, e não seu irmão, ela se sacrificou para salvá-lo, sua glória, sua reputação! E, no entanto, uma coisa terrível surgiu: se ela estava mentindo para Mitya, descrevendo seu antigo relacionamento com ele - eis a questão. Não, não, ela não caluniou deliberadamente, gritando que Mitya a desprezava por se curvar ao chão! Ela mesma acreditava nisso, estava profundamente convencida, talvez desde aquela mesma reverência, de que o simplório Mitya, que até então a adorava, estava rindo dela e desprezando-a. E foi só por orgulho que ela mesma se apegou a ele com amor, histérica e dilacerada, por orgulho ferido, e esse amor não era como amor, mas como vingança. Ah, talvez esse amor dilacerado tivesse degenerado em amor verdadeiro, talvez Katya não quisesse nada mais do que isso, mas Mitya a insultou com traição nas profundezas de sua alma, e sua alma não perdoou. O momento da vingança passou inesperadamente, e tudo o que por tanto tempo e dolorosamente se acumulou no peito da mulher ofendida saiu de uma vez, e novamente de forma inesperada. Ela traiu Mitya, mas também traiu a si mesma! E, claro, assim que ela teve tempo de falar, a tensão se dissipou e a vergonha tomou conta dela. A histeria recomeçou, ela caiu, soluçando e gritando. Ela foi levada embora. No momento em que a levaram para fora, Grushenka correu de sua casa para Mitya com um grito, para que não tivessem tempo de contê-la:

- Mitya! - ela gritou, “sua cobra destruiu você!” Lá ela se mostrou para você! - gritou ela, tremendo de raiva, para o tribunal. A um aceno do presidente, eles a agarraram e começaram a tirá-la. do corredor. Ela não cedeu, lutou e correu de volta para Mitya. Mitya gritou e também correu em sua direção. Eles dominaram isso.

Sim, creio que as nossas telespectadoras ficaram satisfeitas: o espetáculo foi rico. Então me lembro de como apareceu um médico visitante de Moscou. Parece que o presidente já havia enviado um oficial de justiça para ordenar assistência a Ivan Fedorovich. O médico relatou ao tribunal que o paciente estava com febre perigosa e que deveria ser levado imediatamente. Respondendo a perguntas do promotor e do advogado de defesa, ele confirmou que o próprio paciente o procurou no dia anterior e que previu que em breve teria febre, mas que não queria ser tratado. “Ele definitivamente não estava em bom estado de espírito, ele mesmo me admitiu que tem visões na realidade, encontra na rua várias pessoas que já morreram e que Satanás vem visitá-lo todas as noites”, concluiu o médico. Depois de dar o seu testemunho, o famoso médico partiu. A carta apresentada por Katerina Ivanovna foi anexada às provas materiais. Após uma reunião, o tribunal decidiu: continuar a investigação judicial e registrar no protocolo os dois depoimentos inesperados (Katerina Ivanovna e Ivan Fedorovich)...

Mas não descreverei mais a investigação judicial posterior. E o depoimento das demais testemunhas foi apenas uma repetição e confirmação das anteriores, embora cada uma com traços característicos. Mas repito, tudo se resumirá a um ponto do discurso do procurador, ao qual passarei agora. Todos estavam entusiasmados, todos eletrizados com a última catástrofe e com ardente impaciência esperaram o mais rápido possível pelo desfecho, pelos discursos das partes e pelo veredicto. Fetyukovich ficou aparentemente chocado com o testemunho de Katerina Ivanovna. Mas o promotor triunfou. Terminada a investigação judicial, foi anunciado um intervalo que durou quase uma hora. Por fim, o presidente abriu as alegações. Parece que eram exactamente oito horas da noite quando o nosso procurador, Ippolit Kirillovich, iniciou a sua acusação.

VI. Discurso do promotor. Característica

Ippolit Kirillovich iniciou seu discurso acusatório, tremendo de tremores nervosos, com suor frio e doloroso na testa e nas têmporas, sentindo alternadamente calafrios e calor por todo o corpo. Ele mesmo disse isso mais tarde. Ele considerou este discurso o seu chef d'oeuvre, o chef d'oeuvre de toda a sua vida, o seu canto do cisne. É verdade que nove meses depois ele morreu de tuberculose maligna, então, de fato, como se viu, ele teria o direito de se comparar a um cisne cantando sua última canção se tivesse previsto seu fim antecipadamente. Ele despejou todo o seu coração e toda a inteligência que tinha neste discurso e inesperadamente provou que tanto o sentimento cívico como as questões “malditas” estavam escondidas nele, pelo menos na medida em que o nosso pobre Ippolit Kirillovich conseguia contê-las dentro de si. O principal é que a sua palavra fosse sincera: acreditava sinceramente na culpa do arguido; não por ordem, não de acordo com sua posição, apenas o acusou e, clamando por “vingança”, ficou realmente abalado pelo desejo de “salvar a sociedade”. Mesmo o nosso público feminino, que em última análise era hostil a Ippolit Kirillovich, admitiu, no entanto, a extraordinária impressão que recebeu. Ele começou com uma voz embargada e quebrada, mas logo sua voz ficou mais forte e ecoou por todo o salão, e assim por diante, até o final do discurso. Mas assim que terminei, quase desmaiei.

“Senhores do júri”, começou o promotor, “este caso trovejou por toda a Rússia. Mas por que alguém deveria parecer surpreso, por que alguém deveria ficar tão especialmente horrorizado? Para nós, especialmente para nós? Afinal, estamos tão acostumados com todo esse povo! Este é o nosso horror, que tais atos sombrios quase tenham deixado de ser terríveis para nós! É com isso que precisamos ficar horrorizados, com o nosso hábito, e não com a atrocidade individual deste ou daquele indivíduo. Onde estão as razões da nossa indiferença, da nossa atitude morna em relação a tais assuntos, a tais sinais dos tempos que profetizam para nós um futuro nada invejável? Será o nosso cinismo ou o esgotamento precoce da mente e da imaginação da nossa sociedade, que ainda é tão jovem, mas que se tornou tão prematuramente decrépita? Será o facto de os nossos princípios morais serem abalados até ao âmago ou, finalmente, de podermos nem sequer ter esses princípios morais? Não resolvo estas questões, mas são dolorosas, e todo cidadão não só tem que fazê-lo, mas é obrigado a sofrer com elas. A nossa nascente e ainda tímida imprensa já prestou alguns serviços à sociedade, pois sem ela nunca teríamos conhecido, em qualquer medida, aqueles horrores da vontade desenfreada e do declínio moral, que constantemente transmite nas suas páginas a todos, não apenas apenas aqueles que visitam os salões do novo tribunal público que nos foi concedido no presente reinado. E o que lemos quase todos os dias? Ah, sobre essas coisas a cada minuto, diante das quais até o presente assunto empalidece e parece quase algo comum. Mas o mais importante é que muitos dos nossos casos criminais nacionais russos testemunham algo universal, sobre algum infortúnio comum que se enraizou em nós e que, como um mal universal, já é difícil de combater. Lá, um jovem brilhante oficial da alta sociedade, mal começando sua vida e carreira, mesquinhamente, em silêncio, sem qualquer remorso, esfaqueia até a morte um pequeno funcionário, em parte seu ex-benfeitor, e sua empregada, a fim de roubar seu documento de dívida, e junto com o restante do dinheiro do funcionário: “Eles serão úteis para meus prazeres na alta sociedade e para minha carreira futura.” Depois de esfaquear os dois, ele sai, colocando travesseiros sob as cabeças dos dois mortos. Lá, um jovem herói, pendurado com cruzes por bravura, mata roubadamente a mãe de seu líder e benfeitor na estrada e, persuadindo seus camaradas, garante que “ela o ama como a seu próprio filho e, portanto, seguirá todos os seus conselhos e não tomará precauções.” Pode ser um monstro, mas agora, no nosso tempo, já não me atrevo a dizer que se trata apenas de um monstro isolado. Outro não matará, mas pensará e sentirá como ele, em sua alma ele é desonesto como ele. Em silêncio, a sós com a minha consciência, talvez me pergunte: “O que é a honra e o sangue não é um preconceito? Talvez gritem contra mim e digam que sou uma pessoa doente, histérica, calunio monstruosamente, sou um doente”. delirante, eu exagero. Deixe estar, deixe estar - e Deus, como eu ficaria feliz em ser o primeiro! Ah, não acredite em mim, considere-me doente, mas ainda lembre-se das minhas palavras: afinal, se apenas um décimo, até mesmo um vigésimo das minhas palavras forem verdadeiras, então mesmo assim é terrível! Vejam, senhores, vejam como nossos jovens estão sendo fuzilados: Ah, sem a menor pergunta hamletiana sobre: ​​“O que vai acontecer aí sem nenhum sinal dessas perguntas, como se este artigo fosse sobre o nosso espírito e sobre tudo o que o espera?” nós além-túmulo, há muito abandonados em sua natureza, enterrados e cobertos de areia. Finalmente, olhe para a nossa depravação, para o nosso povo voluptuoso. Fyodor Pavlovich, a infeliz vítima do presente julgamento, é quase um bebé inocente diante de alguns deles. Mas todos nós o conhecíamos, “ele viveu entre nós”... Sim, talvez algum dia mentes importantes, tanto as nossas como as europeias, estudem a psicologia do crime russo, pois o tema vale a pena. Mas este estudo acontecerá algum tempo depois, no lazer, e quando toda a desordem trágica do nosso momento presente retroceder para um plano mais distante, de modo que já possa ser examinado de forma mais inteligente e imparcial do que, por exemplo, pessoas como eu podem fazer. . Agora ou ficamos horrorizados, ou fingimos estar horrorizados, enquanto nós mesmos, ao contrário, saboreamos o espetáculo como amantes de sensações fortes e excêntricas que agitam nossa ociosidade cinicamente preguiçosa, ou, finalmente, como crianças pequenas, afastamos fantasmas terríveis de nós mesmos com as mãos e escondemos a cabeça no travesseiro até que a terrível visão passe, e então imediatamente a esquecemos em diversão e jogos. Mas algum dia também precisamos começar nossas vidas com sobriedade e reflexão, também precisamos olhar para nós mesmos como sociedade, também precisamos compreender pelo menos algo em nossos assuntos sociais, ou apenas começar a nossa compreensão. O grande escritor da época anterior, no final da maior das suas obras, personificando toda a Rússia na forma de uma ousada troika russa galopando em direção a um objetivo desconhecido, exclama: “Oh troika, troika pássaro, quem te inventou!” - e com orgulho e alegria acrescenta que diante do galope vertiginoso o chefe da troika é respeitosamente evitado por todas as nações. Então, senhores, evitem-no, respeitosamente ou não, mas na minha opinião pecaminosa, o brilhante artista terminou assim ou num ataque de belo pensamento infantilmente inocente, ou simplesmente temendo a censura da época. Pois se apenas seus próprios heróis, os Sobakeviches, Nozdryovs e Chichikovs, forem atrelados à sua troika, então não importa quem você coloque como cocheiro, você não conseguirá nada que valha a pena com esses cavalos! E esses são só os cavalos velhos, que estão longe dos atuais, os nossos são mais limpos...”

Aqui o discurso de Ippolit Kirillovich foi interrompido por aplausos. Gostei do liberalismo da imagem da troika russa. É verdade que houve apenas duas ou três palmas, de modo que o presidente nem achou necessário dirigir-se ao público com a ameaça de “esvaziar o salão” e apenas olhou severamente na direção dos clackers. Mas Ippolit Kirillovich sentiu-se encorajado: nunca tinha sido aplaudido antes! Há tantos anos que eles não queriam ouvir uma pessoa e, de repente, toda a Rússia tem a oportunidade de falar!

“Realmente”, continuou ele, “o que é essa família Karamazov que de repente ganhou uma fama tão triste até mesmo em toda a Rússia? Talvez eu esteja exagerando demais, mas me parece que na imagem desta família alguns elementos básicos comuns de nossa sociedade inteligente moderna parecem piscar - ah, nem todos os elementos, e eles brilharam apenas em forma microscópica, “ como o sol em uma pequena gota d'água, mas ainda assim algo foi refletido, ainda algo teve efeito. Vejam este velho infeliz, desenfreado e depravado, este “pai de família”, que tão tristemente terminou a sua existência. Um nobre de família que começou sua carreira como um pobre parasita, que, através de um casamento inesperado e inesperado, arrebatou uma pequena quantia de capital como dote, a princípio um malandro mesquinho e um bobo da corte lisonjeiro, com o embrião de habilidades mentais, no entanto, não é fraco e, acima de tudo, é um agiota. Com o passar dos anos, ou seja, com o aumento de capital, ele se anima. A humilhação e a insinuação desaparecem, tudo o que resta é uma pessoa zombeteira, raivosa, cínica e voluptuosa. O lado espiritual desapareceu, e sua extrema sede de vida se resumiu ao fato de que ele não vê nada na vida, exceto prazeres voluptuosos, e assim ele ensina seus filhos. Não há responsabilidades espirituais paternas. Ele ri deles, cria os filhos pequenos no quintal e fica feliz por tê-los tirados dele. Ele até se esquece deles completamente. Todas as regras morais do velho são apres moi le diluge. Tudo o que é o oposto do conceito de cidadão, o isolamento total e até hostil da sociedade: “Se o mundo inteiro queimasse com fogo, só para mim seria bom”. E ele se sente bem, está bastante satisfeito, deseja viver assim por mais vinte ou trinta anos. Ele engana o próprio filho, e com o seu próprio dinheiro, com a herança da mãe, que não quer lhe dar, tira dele a amante e do filho. Não, não quero ceder a defesa do réu a um zagueiro altamente talentoso que chegou de São Petersburgo. Eu mesmo direi a verdade, eu mesmo entendo a quantidade de indignação que ele acumulou no coração do filho. Mas chega, chega desse infeliz velho, ele recebeu sua recompensa. Lembremo-nos, porém, que este é um pai e um dos pais modernos. Ofenderei a sociedade dizendo que este é um dos muitos pais modernos? Infelizmente, muitos dos pais modernos simplesmente não falam tão cinicamente como este, porque são mais bem educados, mais educados e, em essência, têm quase a mesma filosofia que ele. Mas deixe-me ser pessimista, deixe-me dizer, já concordamos que você me perdoe. Vamos combinar de antemão: não acredite em mim, não acredite em mim, eu vou falar e você não acredita. Mas ainda assim, deixe-me falar, não se esqueça de algumas das minhas palavras. Mas aqui estão os filhos deste velho, deste pai de família: um está diante de nós no banco dos réus, toda a conversa sobre ele está à frente; Direi apenas brevemente sobre outros. Destes outros, o mais velho é um dos jovens modernos com uma excelente educação, com uma mente bastante forte, que já não acredita em nada, que já rejeitou e perdeu muito na vida, tal como o seu pai. Todos nós o ouvimos, ele foi recebido de forma amigável em nossa sociedade. Ele não escondeu as suas opiniões, pelo contrário, muito pelo contrário, o que me dá a coragem de falar agora dele de forma um tanto aberta, claro que não como pessoa privada, mas apenas como membro da família Karamazov. Aqui, ontem, por suicídio, na periferia da cidade, um idiota doentio, fortemente envolvido no presente caso, um ex-servo e, talvez, filho natural de Fyodor Pavlovich, Smerdyakov. Com lágrimas histéricas, ele me contou durante a investigação preliminar como esse jovem Karamazov, Ivan Fedorovich, o horrorizou com sua incontrolabilidade espiritual: “Tudo, dizem, na opinião deles, é permitido, não importa o que haja no mundo, e nada deveria ser proibido no futuro - é isso.” Isso é o que todos eles me ensinaram.” Parece que o idiota, nesta tese que lhe foi ensinada, enlouqueceu completamente, embora, é claro, seu transtorno mental tenha sido influenciado por sua epilepsia e por toda a terrível catástrofe que eclodiu em sua casa. Mas esse idiota fez uma observação muito, muito curiosa que teria tornado seu observador honrado e mais inteligente, e é por isso que até eu comecei a falar sobre isso: “Se houver, ele me disse, qual dos filhos é mais parecido com Fyodor Pavlovich em personagem, é ele, Ivan Fedorovich!“ Com esta observação interrompo a caracterização que comecei, não considerando delicado continuar. Ah, não quero tirar mais conclusões e, como um corvo, grasnar apenas a morte para o jovem destino. Vimos hoje aqui nesta sala que o poder direto da verdade ainda vive no seu jovem coração, que os sentimentos de afeto familiar ainda não foram abafados nele pela descrença e pelo cinismo moral, adquiridos mais por herança do que pelo verdadeiro sofrimento do pensamento. Depois, outro filho - ah, ele ainda é um jovem, piedoso e humilde, em contraste com a visão de mundo sombria e corrupta de seu irmão, procurando apegar-se, por assim dizer, aos “princípios nacionais”, ou ao que chamamos de isso complicado. palavra em outros cantos teóricos de nossa intelectualidade pensante. Ele, você vê, ficou preso no mosteiro; ele próprio quase se tornou monge. Parece-me que, inconscientemente, e tão cedo, se expressou aquele tímido desespero com que tantos agora se sentem no nosso pobre mundo. sociedade, temendo o seu cinismo e depravação e, atribuindo erroneamente todo o mal ao iluminismo europeu, correm, como dizem, para o “solo natal”, por assim dizer, para o abraço materno da sua terra natal, como crianças assustadas por fantasmas , e com sede no seio murcho de uma mãe enfraquecida, pelo menos apenas para adormecer em paz e até dormir a vida inteira, apenas para não ver seus horrores assustadores. Pela minha parte, desejo tudo de melhor ao jovem bondoso e talentoso, desejo que a sua bondade juvenil e o seu desejo de princípios populares não se transformem mais tarde, como tantas vezes acontece, do lado moral em um misticismo sombrio, e do lado moral lado civil no chauvinismo estúpido - duas qualidades que ameaçam, talvez, um mal ainda maior para a nação do que até mesmo a corrupção precoce do iluminismo europeu incompreendido e livremente adquirido que o seu irmão mais velho sofre.

Duas ou três palmas foram novamente ouvidas pelo chauvinismo e pelo misticismo. E é claro que Ippolit Kirillovich se empolgou, e tudo isso teve pouca relevância para o presente assunto, sem mencionar o fato de que não ficou muito claro, mas o homem tuberculoso e amargurado realmente queria falar pelo menos uma vez na vida. Posteriormente, dissemos que em sua caracterização de Ivan Fedorovich ele foi guiado por um sentimento até indelicado, pois uma ou duas vezes o assediou publicamente em disputas, e Ippolit Kirillovich, lembrando-se disso, agora queria se vingar. Mas não sei se foi possível concluir isso. De qualquer forma, tudo isso foi apenas uma introdução, depois o discurso foi mais direto e mais próximo do assunto.

“Mas aqui está o terceiro filho do pai da família moderna”, continuou Ippolit Kirillovich, “ele está no banco dos réus, está na nossa frente. Diante de nós estão as suas façanhas, a sua vida e os seus feitos: chegou a hora e tudo se desenrolou, tudo se revelou. Em contraste com o “europeísmo” e os “princípios populares” dos seus irmãos, ele parece retratar-se como a Rússia imediata - ah, nem todos, nem todos, e Deus me livre, mesmo que apenas todos! E, no entanto, aqui está ela, nossa Rosseyushka, ela cheira como ela, pode ser ouvida como mãe. Ah, somos espontâneos, somos maus e bons na mais incrível mistura, somos amantes do esclarecimento e de Schiller, e ao mesmo tempo estamos furiosos nas tabernas e arrancando barbas dos bêbados, nossos companheiros de bebida. Ah, e podemos ser bons e bonitos, mas somente quando somos bons e bonitos. Pelo contrário, somos até oprimidos - somos oprimidos - pelos ideais mais nobres, mas apenas com a condição de que sejam alcançados por si próprios, caiam do céu sobre a nossa mesa e, o mais importante, de graça, de graça, para que não precisamos pagar nada por eles. Realmente não gostamos de pagar, mas adoramos receber, e isso se aplica a tudo. Oh, dê-nos, dê-nos todos os tipos de bênçãos na vida (ou seja, todos os tipos, não nos contentaremos com menos) e principalmente não interfira em nada em nosso caráter, e então nós também provaremos que podemos ser bons e lindo. Não somos gananciosos, não, mas mesmo assim dê-nos dinheiro, mais, mais, tanto dinheiro quanto possível, e você verá com que generosidade, com que desprezo pelo desprezado metal o espalharemos em uma noite em folia desenfreada. Se não nos derem dinheiro, mostraremos como podemos consegui-lo quando realmente quisermos. Mas falaremos sobre isso mais tarde, na ordem. Em primeiro lugar, temos diante de nós um pobre menino abandonado, “no quintal sem botas”, como disse há pouco o nosso venerável e respeitado concidadão, infelizmente, de origem estrangeira! Repito mais uma vez - não concederei a defesa do réu a ninguém! Sou promotor e também defensor. Sim, senhor, somos pessoas, somos seres humanos, e poderemos pesar como as primeiras impressões da infância e do nosso ninho nativo podem influenciar o nosso caráter. Mas agora o menino já é um jovem, já é um jovem, um oficial; por ações violentas e por desafiá-lo para um duelo, ele é exilado em uma das remotas cidades fronteiriças da nossa abençoada Rússia. Lá ele serve, lá ele se diverte e, claro, um grande navio faz uma longa viagem. Precisamos de fundos, senhor, fundos antes de tudo, e agora, depois de longas disputas, ele e seu pai concordaram nos últimos seis mil rublos e os estão enviando para ele. Note que ele emitiu o documento, e há uma carta dele em que quase renuncia ao resto e com esses seis mil encerra a disputa com o pai pela herança. Aqui ele conhece uma jovem de alto caráter e desenvolvimento. Ah, não me atrevo a repetir os detalhes, você acabou de ouvi-los: aqui está a honra, aqui está o auto-sacrifício, e eu fico em silêncio. A imagem de um jovem, frívolo e depravado, mas curvando-se diante da verdadeira nobreza, diante de uma ideia superior, brilhou diante de nós com extrema simpatia. Mas de repente, depois disso, nesta mesma sala de tribunal, surgiu o outro lado da moeda, de forma bastante inesperada. Mais uma vez, não me atrevo a especular e me absterei de analisar por que isso aconteceu. Mas houve razões pelas quais isso aconteceu. Essa mesma pessoa, toda em lágrimas de indignação, há muito escondida, nos anuncia que ele, ele foi o primeiro, e a desprezou por seu impulso descuidado, desenfreado, talvez, mas ainda sublime, ainda generoso. Foi ele, o noivo desta moça, quem primeiro lançou aquele sorriso zombeteiro que ela não suportava sozinho. Sabendo que ele já a traiu (ele a traiu na convicção de que ela deverá suportar tudo dele no futuro, até mesmo sua traição), sabendo disso, ela deliberadamente lhe oferece três mil rublos e claramente, muito claramente, faz isso fica claro para ele que ela está oferecendo. Ele lhe dá dinheiro para traí-la: “Bem, você aceitará ou não, será tão cínico”, ela silenciosamente diz a ele com seu olhar julgador e investigador. Ele olha para ela, entende completamente seus pensamentos (ele mesmo admitiu aqui na sua frente que entendeu tudo) e se apropria incondicionalmente desses três mil para si e os passa em dois dias com sua nova amada! Em que devemos acreditar? É a primeira lenda - o impulso da alta nobreza, dando os últimos meios para a vida e curvando-se diante da virtude, ou o outro lado da moeda, tão nojento? Geralmente acontece na vida que quando existem dois opostos, a verdade deve ser buscada no meio; no presente caso, este não é literalmente o caso. Muito provavelmente, no primeiro caso ele era sinceramente nobre e, no segundo caso, era igualmente sinceramente vil. Por que? Mas precisamente porque somos naturezas amplas, do tipo Karamazov - é a isso que estou conduzindo - capazes de conter todos os tipos de opostos e contemplar os dois abismos ao mesmo tempo, o abismo acima de nós, o abismo dos ideais mais elevados, e o abismo abaixo de nós, o abismo da queda mais baixa e fétida. Lembre-se do pensamento brilhante expresso agora há pouco por um jovem observador, o Sr. Rakitin, que contemplou profunda e atentamente toda a família Karamazov: “O sentimento de baixeza da queda é tão necessário para essas naturezas desenfreadas e desenfreadas, quanto o sentimento da mais alta nobreza”, e isto é verdade: são eles que precisam desta mistura antinatural constante e continuamente. Dois abismos, dois abismos, senhores, ao mesmo tempo - sem isso somos infelizes e insatisfeitos, a nossa existência é incompleta. Somos amplos, amplos como toda a nossa Mãe Rússia, podemos acomodar tudo e nos dar bem com tudo! A propósito, senhores jurados, já tocamos nesses três mil rublos e vou me permitir adiantar-me um pouco. Imagine só que ele, esse personagem, recebeu então esse dinheiro, e mesmo assim, com tanta vergonha, com tanta desgraça, com o máximo grau de humilhação. - imagine só que no mesmo dia ele conseguiu separar metade deles, costurá-los na palma da mão e depois ter confiança para usá-los no pescoço por um mês inteiro, apesar de todas as tentações e necessidades extremas! Nem nas folias de embriaguez nas tabernas, nem quando teve que fugir da cidade para conseguir sabe Deus de quem o dinheiro de que mais precisava para afastar a sua amada das tentações do seu rival, o seu pai, ele não se atreveu a toque nesta palma. Sim, mesmo por isso, só para não deixar a sua amada às tentações do velho, de quem tinha tanto ciúme, deveria ter aberto a mão e permanecido em casa como vigia constante da sua amada, à espera do momento em que ela finalmente lhe diria: “Eu sou sua”, para voar com ela para algum lugar distante, da atual situação fatal. Mas não, ele não toca no seu talismã, e sob que pretexto? O pretexto inicial, dissemos, era justamente que quando lhe dissessem: “Sou seu, leve-me para onde quiser”, então haveria algo com que levá-lo embora. Mas este primeiro pretexto, nas palavras do próprio arguido, empalideceu em comparação com o segundo. Já que dizem que carrego esse dinheiro comigo - “sou um canalha, mas não um ladrão”, porque posso sempre ir até a noiva que insultei e, tendo colocado na frente dela esta metade do valor total apropriado fraudulentamente dela, sempre posso dizer a ela: “Veja, desperdicei metade do seu dinheiro e provei que sou uma pessoa fraca e imoral e, se quiser, um canalha (me expresso na língua do próprio réu) - mas embora eu seja um canalha, e não um ladrão, pois se eu fosse um ladrão, não teria trazido para você esta metade do dinheiro restante, mas o teria apropriado tanto quanto a primeira metade. Explicação incrível do fato! Este homem frenético mas fraco, que não resistiu à tentação de aceitar três mil rublos diante de tamanha desgraça - este mesmo homem de repente sente em si uma firmeza estóica e usa milhares de rublos no pescoço, sem ousar tocá-los! Isso é de alguma forma consistente com o personagem que estamos examinando? Não, e permitir-me-ei dizer-lhe o que o verdadeiro Dmitry Karamazov teria feito em tal caso, mesmo que tivesse realmente decidido costurar o dinheiro na palma da mão. Na primeira tentação, bom, nem que fosse para divertir a mesma nova amada com quem já havia desperdiçado a primeira metade do mesmo dinheiro, ele teria bordado a palma da mão e separado dela, bom, vamos colocar pelo menos cem rublos no primeiro caso, porque Por que certamente incluir metade, ou seja, mil e quinhentos e mil e quatrocentos rublos serão suficientes; - afinal, tudo sairá igual: “dizem que ele é um canalha, não um ladrão, porque ainda trouxe de volta pelo menos mil e quatrocentos rublos”. mas um ladrão levaria tudo e não traria nada.” Então, depois de um tempo, ele bordava novamente a palma e tirava novamente a segunda centena, depois a terceira, depois a quarta, e no máximo no final do mês ele finalmente tirava a penúltima centena: eles dizem, mesmo que eu traga cem de volta, sairá a mesma coisa: “canalha, não ladrão. Ele desperdiçou dois mil e novecentos, mas ainda assim devolveu um; um ladrão não o teria devolvido. E finalmente, tendo gasto esses penúltimos cem, eu teria olhado para o último e dito para mim mesmo: “Mas realmente não vale a pena pegar cem, vamos desperdiçar esse também!” teria agido! A lenda da palmeira é tão contraditória com a realidade que é impossível imaginar outra coisa. Você pode assumir tudo, mas não isso. Mas voltaremos a isso mais tarde.”

Tendo ordenado tudo o que era do conhecimento da investigação judicial sobre litígios patrimoniais e relações familiares entre pai e filho, e tirando repetidas vezes a conclusão de que, segundo os dados conhecidos, não há a menor possibilidade de determinar nesta matéria de a divisão da herança quem enganou quem ou quem ele contou, Ippolit Kirillovich mencionou um exame médico relativo a esses três mil rublos que se alojaram na mente de Mitya como uma ideia fixa.

VII. Revisão histórica

“O exame médico procurou nos provar que o réu estava fora de si e era um maníaco. Afirmo que ele está em sã consciência, mas isso é o pior de tudo: se ele estivesse louco, provavelmente se tornaria muito mais inteligente. Quanto ao facto de ele ser um maníaco, concordo com isso, mas precisamente num ponto apenas - naquele mesmo que o exame apontou, nomeadamente na opinião do arguido sobre estes três mil, alegadamente mal pagos pelo seu pai . No entanto, talvez seja possível encontrar um ponto de vista incomparavelmente mais próximo para explicar este constante frenesim do arguido por este dinheiro do que a sua tendência para a loucura. Pela minha parte, concordo plenamente com a opinião do jovem médico, que considerou que o arguido gozava e gozava de capacidades mentais plenas e normais, mas apenas estava irritado e amargurado. A questão é esta: não foram os três mil, nem a soma em si, que foram objeto da raiva constante e frenética do réu, mas que havia aqui uma razão especial que despertou a sua raiva. Esse motivo é o ciúme!

Aqui Ippolit Kirillovich desdobrou extensivamente todo o quadro da paixão fatal do réu por Grushenka. Começou desde o momento em que o arguido se dirigiu à “jovem” para “bater nela”, nas suas próprias palavras, explicou Ippolit Kirillovich, “mas em vez de bater, ficou aos pés dela - este é o início deste amor . Ao mesmo tempo, o velho, pai do réu, olha para a mesma pessoa. - uma coincidência incrível e fatal, pois ambos os corações se acenderam repentinamente, ao mesmo tempo, embora ambos já tivessem conhecido e conhecido essa pessoa - e ambos os corações se acenderam com a paixão mais incontrolável, muito parecida com a de Karamazov. Aqui temos a sua própria confissão: “Eu, diz ela, ri de ambos”. Sim, de repente ela teve vontade de rir de ambos; Antes ela não queria, mas de repente essa intenção surgiu em sua mente - e terminou com ambos caindo derrotados diante dela. O velho, que adorava o dinheiro como um deus, imediatamente preparou três mil rublos só para ela visitar seu mosteiro, mas logo foi levado ao ponto de considerar uma felicidade colocar seu nome e toda a sua fortuna aos pés dela, se apenas concordasse em se tornar sua esposa legal. Temos evidências sólidas disso. Quanto ao réu, a sua tragédia é óbvia, está diante de nós. Mas tal era o “jogo” da jovem. A sedutora nem sequer deu esperança ao infeliz jovem, porque a esperança, a verdadeira esperança só lhe foi dada no último momento, quando ele, ajoelhando-se diante do seu algoz, estendeu-lhe as mãos, já manchadas com o sangue de seu pai e rival: esta é precisamente a situação e ele foi preso. “Mande-me, eu e ele para trabalhos forçados, eu o trouxe até este ponto, sou mais culpado do que qualquer um!”, exclamou a própria mulher, já em sincero arrependimento, no momento de sua prisão. O jovem talentoso que se encarregou de descrever o caso real - o mesmo Sr. Rakitin, que já mencionei - em várias frases concisas e características define o caráter desta heroína: “Decepção precoce, decepção precoce e queda, traição do noivo-sedutor, que a abandonou, depois a pobreza, a maldição de uma família honesta e finalmente o patrocínio de um velho rico, a quem ela, no entanto, ainda considera seu benfeitor. Num coração jovem, que pode conter muitas coisas boas, a raiva ainda está escondida desde cedo. Formou-se um caráter prudente, acumulando capital. Surgiu a zombaria e a vingança contra a sociedade.” Após essa caracterização, fica claro que ela poderia rir dos dois apenas por uma questão de jogo, por um jogo maligno. E neste mês de amor desesperado, falhas morais, traição à noiva, apropriação do dinheiro alheio confiado à sua honra - o réu, além disso, chega quase ao frenesi, à raiva, ao ciúme incessante, e a quem, ao seu pai! E o mais importante, o velho maluco atrai e seduz o objeto de sua paixão - com esses mesmos três mil, que seu filho considera sua família, herança de sua mãe, pelos quais repreende seu pai. Sim, concordo, foi difícil de suportar! Pode até haver mania aqui. Não era o dinheiro que importava, mas o facto de esse mesmo dinheiro, com um cinismo tão repugnante, ter destruído a sua felicidade!”

Em seguida, Ippolit Kirillovich passou a explicar como a ideia de parricídio surgiu gradualmente no réu e a traçou através dos fatos.

“No início, apenas gritamos nas tabernas - gritamos durante todo este mês. Ah, adoramos viver em público e comunicar imediatamente a essas pessoas tudo, até nossas ideias mais infernais e perigosas, adoramos compartilhar com as pessoas, e, sem saber por que, ali mesmo, agora mesmo, exigimos que essas pessoas nos respondam imediatamente com toda a simpatia, entraram em todas as nossas preocupações e ansiedades, concordaram connosco e não interferiram no nosso carácter. Caso contrário, ficaremos com raiva e destruiremos a taverna inteira. (O que se segue é uma anedota sobre o Capitão do Estado-Maior Snegirev.) Aqueles que viram e ouviram o réu este mês finalmente sentiram que agora poderia haver mais do que apenas gritos e ameaças ao pai, mas e daí? num frenesi, as ameaças provavelmente se transformarão em ação. (Aqui o prokupop descreveu uma reunião de família no mosteiro, conversas com Alyosha e uma horrível cena de violência na casa de seu pai, quando o réu invadiu sua casa depois do jantar.) Não creio que possa insistir em afirmar, continuou Ippolit Kirillovich, que antes desta cena o réu já havia se comprometido deliberada e deliberadamente a acabar com seu pai, matando-o. No entanto, esta ideia já lhe tinha aparecido várias vezes, e ele contemplou-a pensativamente - para isso temos factos, testemunhas e a sua própria consciência. “Confesso, senhores do júri”, acrescentou Ippolit Kirillovich, “até hoje hesitei em deixar para trás ao arguido a intenção plena e consciente do crime que lhe estava a ser cometido. Eu estava firmemente convencido de que sua alma já havia contemplado repetidamente o momento fatal que se aproximava, mas apenas o contemplou, imaginou-o apenas como uma possibilidade, mas ainda não havia determinado nem o prazo nem as circunstâncias. Mas hesitei apenas até hoje, até este documento fatídico apresentado hoje ao tribunal pela Sra. Verkhovtseva. Vocês mesmos, senhores, ouviram a exclamação dela: “Isto é um plano, isto é um programa de assassinato! Foi assim que ela definiu a infeliz carta “bêbada” do infeliz réu! E, de fato, por trás desta carta está todo o significado do programa e da intenção. Foi escrito dois dias antes do crime e, portanto, sabemos agora com certeza que, dois dias antes da execução do seu terrível plano, o arguido jurou que, se não conseguisse dinheiro amanhã, mataria o pai para o levar. tem dinheiro debaixo do travesseiro “em uma sacola com uma fita vermelha, se ao menos Ivan fosse embora”. Você ouve: “Se ao menos o Ivan fosse embora”, então tudo já foi pensado, as circunstâncias foram pesadas, e daí: tudo foi feito como está escrito! A premeditação e a deliberação são indubitáveis, o crime deve ter sido cometido com a finalidade de roubo, isso foi anunciado diretamente, foi escrito e assinado. O arguido não nega a sua assinatura. Dirão: um bêbado escreveu isso. Mas isso não diminui nada e é ainda mais importante: bêbado, escrevi o que tinha em mente quando sóbrio. Não teria sido concebido sóbrio, não teria sido escrito bêbado. Talvez dirão: por que ele gritou sobre sua intenção nas tabernas? Quem decide fazer tal coisa deliberadamente permanece em silêncio e esconde isso para si mesmo. É verdade, mas ele gritou numa época em que não havia planos ou intenções, mas apenas um desejo, apenas aspiração estava amadurecendo. Então ele grita menos sobre isso. Na noite em que esta carta foi escrita, depois de se embriagar na taberna da Capital, ele, ao contrário do habitual, calou-se, não jogou bilhar, sentou-se à margem, não falou com ninguém e apenas afastou um dos balconistas de comerciantes locais, mas isso era quase inconsciente, por hábito de brigar, sem o qual, tendo entrado na taberna, ele não poderia mais viver. É verdade que, junto com a decisão final, deve ter ocorrido ao réu o medo de que ele tivesse gritado demais pela cidade com antecedência e que isso pudesse servir muito para incriminá-lo e à sua acusação quando cumprisse seu plano. Mas o que você pode fazer, o fato da publicidade foi concluído, você não pode voltar atrás, e, finalmente, o torto tirou antes, e vai tirar agora. Esperávamos nossa própria estrela, senhores! Devo admitir também que ele fez muito para evitar o momento fatal, que se esforçou muito para evitar um desfecho sangrento. “Amanhã pedirei três mil a todo o povo, como ele escreve na sua linguagem peculiar, mas se as pessoas não derem, sangue será derramado.” Novamente, foi escrito em estado de embriaguez e, novamente, em estado de sobriedade, foi executado conforme escrito!

Aqui Ippolit Kirillovich começou a descrever em detalhes todos os esforços de Mitya para conseguir dinheiro para evitar o crime. Ele descreveu suas aventuras com Samsonov, sua jornada para Lyagavoy - tudo de acordo com documentos. “Exausto, ridicularizado, faminto, tendo vendido seu relógio para esta viagem (porém, tendo mil e quinhentos rublos consigo - e como se, ah, como se!), atormentado pelo ciúme do objeto de amor deixado na cidade, suspeitando que ela iria para Fyodor Pavlovich sem ele, ele finalmente retorna à cidade. Deus abençoe! Ela não estava com Fyodor Pavlovich. Ele mesmo a acompanha até seu patrono Samsonov. (É uma coisa estranha, não temos ciúmes de Samsonov e este é um traço psicológico muito característico neste assunto!) Então ele corre para o posto de observação “nos fundos” e lá - e lá ele descobre que Smerdyakov está com epilepsia , que outro servo está doente - o campo está limpo e “sinais” nas mãos - que tentação! No entanto, ele ainda resiste; ele vai visitar uma residente local temporária, a Sra. Khokhlakova, que é altamente respeitada por todos nós. Há muito tempo solidária com o seu destino, esta senhora oferece-lhe o conselho mais prudente: abandonar toda esta folia, este amor feio, esta vadiagem nas tabernas, o desperdício infrutífero da força juvenil e ir para a Sibéria em busca das minas de ouro: “ há o fim de suas forças furiosas, de seu personagem romântico sedento por aventura." Tendo descrito o resultado da conversa e o momento em que o réu recebeu repentinamente a notícia de que Grushenka não estava na casa de Samsonov, descrevendo o frenesi instantâneo do infeliz e nervosamente atormentado homem ciumento ao pensar que ela o havia enganado e agora estava com ele, Fyodor Pavlovich, concluiu Ippolit Kirillovich, prestando atenção ao significado fatal do caso: se a empregada tivesse tido tempo de lhe dizer que sua amada estava em Mokroye, com o “ex” e “indiscutível” - nada teria acontecido. Mas ela se surpreendeu com o medo, xingou e xingou, e se o réu não a matou ali mesmo, foi porque correu de cabeça atrás de seu traidor. Mas observe: não importa o quão fora de si ele estivesse, ele ainda levava o pilão de cobre consigo. Por que um pilão, por que não qualquer outra arma? Mas, se estivermos contemplando esta imagem durante um mês inteiro e nos preparando para ela, então algo na forma de uma arma brilha para nós, e nós a agarramos como uma arma. E o fato de algum objeto desse tipo poder servir de arma - estamos imaginando isso há um mês inteiro. É por isso que eles reconheceram imediata e indiscutivelmente isso como uma arma! E portanto, ainda não inconscientemente, mas não involuntariamente, ele agarrou este pilão fatal. E aqui está ele no jardim de seu pai - o campo está limpo, não há testemunhas, é noite profunda, escuridão e ciúme. A suspeita de que ela esteja aqui, com ele, com o rival, nos braços, e talvez rindo dele neste momento, tira-lhe o fôlego. E não são apenas suspeitas — que suspeitas agora, o engano é óbvio, óbvio: ela está aqui, nesta sala, de onde vem a luz. ela está lá atrás das telas - e então o infeliz se aproxima da janela, olha respeitosamente para ela, se humilha bem e sai com prudência, sai rapidamente dos problemas, para que algo perigoso e imoral não aconteça - e eles querem asseguramo-nos disso, nós que conhecemos o carácter do arguido, que compreendemos em que estado de espírito se encontrava, num estado que conhecemos pelos factos e, o mais importante, possuímos sinais com os quais poderia destrancar imediatamente a casa e entrar !” Aqui, em relação aos “sinais”, Ippolit Kirillovich abandonou por um tempo sua acusação e achou necessário expandir Smerdyakov para esgotar completamente todo esse episódio introdutório sobre a suspeita de assassinato de Smerdyakov e pôr fim a esse pensamento de uma vez por todas. Ele fez isso com muito cuidado e todos entenderam que, apesar de todo o desprezo que demonstrava por essa suposição, ele ainda a considerava muito importante.

VIII. Tratado sobre Smerdyakov

“Em primeiro lugar, de onde veio a possibilidade de tal suspeita?” - Ippolit Kirillovich começou com esta pergunta. - O primeiro a gritar que Smerdyakov matou foi o próprio réu no momento de sua prisão, e ainda assim, desde o seu primeiro grito e até este minuto do julgamento, ele não apresentou um único fato para apoiar sua acusação - e não apenas um fato, mas até mesmo algo um tanto consistente com o sentido humano de alusão a algum fato. Então, apenas três pessoas confirmam a acusação: os dois irmãos do réu e a Sra. Svetlova. Mas o irmão mais velho do arguido só anunciou a sua suspeita hoje, doente, num ataque de inegável insanidade e febre, e antes, em todos os dois meses, como sabemos positivamente, ele partilhou completamente a convicção da culpa do seu irmão, e fez nem sequer procuramos opor-nos a esta ideia. Mas trataremos disso especialmente mais tarde. Então o próprio irmão mais novo do réu nos anuncia há pouco que não tem fatos que apoiem seus pensamentos sobre a culpa de Smerdyakov, nem mesmo a menor, e conclui isso apenas pelas palavras do próprio réu e “pela expressão de seu rosto ” - sim, esta prova colossal foi pronunciada duas vezes agora mesmo por seu irmão. Svetlova colocou isso de maneira ainda mais colossal: “O que o réu lhe diz, acredite, ele não é o tipo de pessoa que mente”. Aqui estão todas as evidências factuais sobre Smerdyakov fornecidas por essas três pessoas que estão muito interessadas no destino do réu. E enquanto isso a acusação contra Smerdyakov continuava indefinidamente, você pode acreditar, você pode imaginar?

Aqui Ippolit Kirillovich achou necessário delinear ligeiramente o caráter do falecido Smerdyakov, “que terminou sua vida em um ataque de frenesi mórbido e insanidade”. Ele o apresentou como um homem de mente fraca, com o início de uma educação vaga, confuso por ideias filosóficas além das forças de sua mente e assustado por outros ensinamentos modernos sobre dever e obrigação, amplamente ensinados a ele - pela vida praticamente imprudente de seu falecido mestre, e talvez seu pai, Fyodor Pavlovich, e teoricamente - várias estranhas conversas filosóficas com o filho mais velho do mestre, Ivan Fyodorovich, que de bom grado se permitiu esse entretenimento - provavelmente por tédio, ou pela necessidade de ridículo, que não tinha encontrou uma aplicação melhor. Ele próprio me contou sobre o seu estado de espírito nos últimos dias da sua estadia na casa do seu senhor”, explicou Ippolit Kirillovich, “mas outros também testemunham a mesma coisa: o próprio réu, o seu irmão e até o seu servo Grigory, ou seja, todos aqueles que deveriam tê-lo conhecido de perto. Além disso, deprimido pela epilepsia, Smerdyakov era “covarde como uma galinha”. “Ele caiu aos meus pés e beijou-me os pés”, disse-nos o próprio arguido naquele momento em que ainda não tinha consciência de alguma desvantagem para si próprio em tal mensagem, “isto é uma galinha com doença epiléptica”, expressou-se sobre ele em sua linguagem característica. E assim o réu (como ele mesmo testemunha) o escolhe como seu confidente e o intimida tanto que ele finalmente concorda em servir como seu espião e transportador. Na qualidade de espião doméstico, ele trai o seu mestre, informa o réu sobre a existência de um pacote com dinheiro e sobre os sinais pelos quais se pode chegar ao mestre - e como não saber! “Eles vão me matar, senhor, eu vi imediatamente que eles iriam me matar”, disse ele durante a investigação, tremendo e tremendo mesmo na nossa frente, apesar de o algoz que o intimidou já estar preso e não poderia mais vir puni-lo. “Eles suspeitavam de mim a cada minuto, senhor, com medo e tremor, só para saciar sua raiva, apressei-me em contar-lhes todos os segredos, senhor, para que assim pudessem ver minha inocência diante deles, senhor, e libertar a pessoa viva ao arrependimento .” Aqui estão suas próprias palavras, eu as escrevi e lembrei: “Sempre que alguém gritar comigo, cairei de joelhos na frente dele”. Sendo um jovem altamente honesto por natureza e tendo conquistado a confiança de seu mestre, que distinguiu nele essa honestidade quando lhe devolveu o dinheiro perdido, o infeliz Smerdyakov, deve-se pensar, ficou terrivelmente atormentado pelo remorso por trair seu mestre, a quem ele amava como seu benfeitor. Aqueles que sofrem muito de epilepsia, segundo o testemunho dos mais profundos psiquiatras, estão sempre propensos a autoacusações contínuas e, claro, dolorosas. Eles são atormentados pela sua “culpa” em alguma coisa e diante de alguém são atormentados pelo remorso, muitas vezes, mesmo sem motivo, exageram e até inventam diversas culpas e crimes contra si mesmos. E tal sujeito torna-se verdadeiramente culpado e criminoso por medo e intimidação. Além disso, ele tinha um forte pressentimento de que algo ruim poderia resultar das circunstâncias que se desenrolavam diante de seus olhos. Quando o filho mais velho de Fyodor Pavlovich, Ivan Fedorovich, partiu para Moscovo pouco antes da catástrofe, Smerdyakov implorou-lhe que ficasse, não ousando, no entanto, de acordo com o seu costume covarde, expressar-lhe todos os seus medos de uma forma clara e categórica. Ele se contentou apenas com dicas, mas as dicas não foram compreendidas. Deve-se notar que em Ivan Fedorovich ele viu sua proteção, por assim dizer, uma garantia de que enquanto estivesse em casa nenhum problema aconteceria. Lembre-se da expressão na carta “bêbado” de Dmitry Karamazov: “Vou matar o velho se Ivan for embora”, portanto, a presença de Ivan Fedorovich parecia a todos uma garantia de silêncio e ordem na casa. E então ele vai embora, e Smerdyakov imediatamente, quase uma hora após a partida do jovem mestre, cai em epilepsia. Mas isto é completamente compreensível. Deve-se mencionar aqui que, deprimido por medos e uma espécie de desespero, Smerdyakov sentiu especialmente dentro de si nos últimos dias a possibilidade de se aproximar de crises epilépticas, o que sempre lhe acontecera antes em momentos de estresse moral e choque. É claro que é impossível adivinhar o dia e a hora dessas convulsões, mas todo epiléptico pode sentir antecipadamente a disposição para uma convulsão. É o que diz a medicina. E assim que Ivan Fedorovich sai do quintal, Smerdyakov, impressionado com sua orfandade e sua indefesa, por assim dizer, vai ao porão fazer as tarefas domésticas, desce as escadas e pensa: “será que haverá uma convulsão ou não, e se ele vier agora? “E é justamente desse estado de espírito, dessa desconfiança, dessas perguntas que ele é tomado por um espasmo na garganta, que sempre precede a epilepsia, e ele voa de cabeça, inconsciente, para o fundo do porão. E assim, neste acaso mais natural, eles conseguem ver alguma suspeita, alguma indicação, algum indício de que ele estava deliberadamente fingindo estar doente! Mas se for de propósito, surge imediatamente a pergunta: para quê? A partir de que cálculo, com que finalidade? Não estou nem falando de remédio; a ciência mente, a ciência comete erros, os médicos não conseguiram distinguir a verdade do fingimento, que assim seja. sim, mas me responda a pergunta: por que ele teve que fingir? Não é para, tendo planejado um assassinato, chamar a atenção para si na casa com a convulsão ocorrida antecipadamente? Vejam, senhores do júri, havia cinco pessoas na casa de Fyodor Pavlovich na noite do crime: primeiro, o próprio Fyodor Pavlovich, mas não foi ele quem se matou, isso está claro; em segundo lugar, seu servo Grigory, mas ele quase foi morto; em terceiro lugar, a esposa de Grigory, a serva Marfa Ignatieva, mas é simplesmente vergonhoso imaginá-la como a assassina de seu mestre. Portanto, duas pessoas permanecem à vista; o réu e Smerdyakov. Mas como o réu insiste que não foi ele quem matou, segue-se que Smerdyakov teve que matar, não há outra saída, porque ninguém mais pode ser encontrado, nenhum outro assassino pode ser encontrado. Então foi daí que veio essa acusação “astuta” e colossal contra o infeliz idiota que ontem se suicidou! Precisamente pela única razão de que não há mais ninguém para escolher! Se houvesse pelo menos uma sombra, mesmo uma suspeita sobre outra pessoa, sobre alguma sexta pessoa, então estou convencido de que até o próprio réu teria vergonha de apontar para Smerdyakov, mas apontaria para esta sexta pessoa, porque culpar Smerdyakov por este assassinato é completamente absurdo.

“Senhores, deixemos a psicologia, deixemos a medicina, deixemos até a própria lógica, vamos voltar-nos apenas para os factos, apenas para os factos, e ver o que os factos nos dizem. Smerdyakov foi morto, mas como? Sozinho ou em companhia do réu? Consideremos primeiro o primeiro caso, isto é, que Smerdyakov mata sozinho. Claro, se ele matou. então, por algum motivo, para algum benefício. Mas, não tendo a menor sombra de motivo de homicídio como o do réu, ou seja, ódio, ciúme, etc., etc., Smerdyakov, sem dúvida, só poderia matar por dinheiro, para se apropriar precisamente desses três mil, que ele mesmo viu como o mestre colocou em uma sacola. E assim, tendo planeado um homicídio, informa antecipadamente a outra pessoa - e, além disso, a uma pessoa muito interessada, nomeadamente o arguido - todas as circunstâncias sobre o dinheiro e os sinais: onde está o pacote, o que exactamente está escrito no pacote, em que está embrulhado e, o mais importante, o principal é falar sobre esses “sinais” que você pode usar para chegar ao mestre. Bem, ele faz isso diretamente para se denunciar? Ou encontrar um rival que queira entrar e comprar ele mesmo o pacote? Sim, eles vão me contar, mas ele me contou por medo. Mas como pode ser isso? Um homem que não hesitou em conceber um ato tão destemido e brutal e depois realizá-lo, comunica notícias que só ele no mundo inteiro conhece e que, se ele tivesse mantido silêncio sobre elas, ninguém no mundo inteiro saberia. já adivinhou. Não, por mais covarde que a pessoa fosse, e se tivesse planejado tal coisa, nunca teria contado a ninguém, pelo menos sobre o pacote e as placas, porque isso significaria se entregar. Ele inventaria alguma coisa de propósito, mentiria outra coisa, se exigissem notícias dele, mas ele ficaria calado sobre isso. Pelo contrário, repito: se ele tivesse permanecido calado, mesmo que apenas sobre o dinheiro, e depois matasse e se apropriasse desse dinheiro para si, então ninguém no mundo inteiro jamais teria sido capaz de acusá-lo de pelo menos assassinato por roubo, pois afinal ninguém além dele tem esse dinheiro. Vi que ninguém sabia que eles existiam na casa. Mesmo que o tivessem acusado, certamente teriam considerado que ele matou por algum outro motivo. Mas como ninguém notou nele de antemão esses motivos, mas todos viram, ao contrário, que ele era amado pelo patrão, homenageado pela procuração do patrão, então é claro que teriam suspeitado dele, mas teriam suspeitado primeiro de todos aqueles que tiveram esses motivos, que gritaram que tinham esses motivos, que não os esconderam, os revelaram a todos, enfim, suspeitariam do filho do assassinado. Dmitry Fedorovich. Smerdyakov teria matado e roubado, e seu filho teria sido acusado - certamente isso teria sido benéfico para Smerdyakov, o assassino? Bem, então esse filho é Dmitry, Smerdyakov. planejando um assassinato, e informa antecipadamente sobre o dinheiro, sobre o pacote e sobre os sinais - quão lógico é, quão claro é!

“Chega o dia do assassinato planejado por Smerdyakov, e agora ele voa, fingindo estar em um ataque epiléptico, para quê? Claro, para que, em primeiro lugar, o criado Gregório, que planeara o seu tratamento e, vendo que não havia absolutamente ninguém para vigiar a casa, talvez adiasse o seu tratamento e sentasse-se para vigiar. Em segundo lugar, claro, para que o próprio patrão, vendo que ninguém o guardava e tendo um medo terrível da chegada do filho, que não escondeu, agravasse a sua desconfiança e a sua cautela. Por fim, e o mais importante, é claro, para que ele, Smerdyakov, abatido por um ataque, fosse imediatamente transferido da cozinha, onde sempre dormia separado de todos os outros e onde tinha sua própria entrada e saída especiais, para o outro extremo da ala, para o quarto de Grigory, para os dois atrás da divisória, a três passos da própria cama, como sempre aconteceu desde tempos imemoriais, assim que foi acometido de epilepsia, por ordem do mestre e compassivo Marfa Ignatievna. Lá, deitado atrás da divisória, ele provavelmente, para se retratar com mais precisão como doente, certamente começará a gemer, ou seja, a acordá-los a noite toda - (como foi o caso segundo o depoimento de Gregório e sua esposa) - e tudo isso, tudo isso para que seja mais conveniente se levantar de repente e depois matar o mestre!

“Mas eles vão me dizer, talvez ele apenas fingiu para que não pensassem nele como um doente, e contou ao réu sobre o dinheiro e os sinais justamente para que ele se sentisse tentado e viesse se matar, e quando , você vê, ele, tendo matado, vai sair e tirar o dinheiro, e ao mesmo tempo ele provavelmente vai fazer barulho, fazer barulho, acordar as testemunhas, então você vê, Smerdyakov vai se levantar e ir - bem , o que ele fará? Mas da próxima vez ele irá matar o mestre e da outra vez tirará o dinheiro que já foi levado. Senhores, vocês estão rindo? Eu próprio tenho vergonha de fazer tais suposições, mas entretanto, imagine só, é precisamente isso que afirma o arguido: depois de mim, dizem, quando eu já tinha saído de casa, tendo derrubado o Gregório e provocado o alarme, ele levantou-se, foi , morto e roubado. Nem estou falando de como Smerdyakov poderia ter calculado tudo isso com antecedência e saber tudo de cara, ou seja, que o filho irritado e furioso viria apenas para olhar respeitosamente pela janela e, tendo os sinais, recuar , deixando para ele, Smerdyakov, todos os despojos! Senhores, coloco seriamente a questão: onde está o momento em que Smerdyakov cometeu o seu crime? Saliente este ponto, porque sem ele é impossível culpar.

“Ou talvez o epiléptico fosse real. O paciente acordou de repente, ouviu um grito, saiu - e daí? Olhei e disse para mim mesmo: deixa eu ir matar o mestre? Por que ele descobriu o que aconteceu aqui, o que estava acontecendo aqui, porque ele ainda estava inconsciente? Mas, senhores, há um limite para as fantasias.

“Então, senhor, as pessoas sutis dirão, bem, como os dois concordaram, bem, como é que os dois mataram juntos e dividiram o dinheiro, bem, então como?

“Sim, de fato, a suspeita é importante e, em primeiro lugar, há imediatamente evidências colossais que a confirmam: um mata e assume todo o trabalho, e o outro cúmplice fica ao seu lado, fingindo ser epiléptico, precisamente para preliminarmente despertar a suspeita de todos, ansiedade no mestre, ansiedade em Gregory. Eu me pergunto quais motivos poderiam ter dado aos dois cúmplices para bolar um plano tão maluco? Mas talvez esta não fosse uma comunidade ativa por parte de Smerdyakov, mas, por assim dizer, passiva e sofrida: talvez o intimidado Smerdyakov apenas concordasse em não resistir ao assassinato e, sentindo que seria acusado de permitir que o mestre fosse morto , não gritou, não resistiu , - Dmitry Karamazov deu-se permissão antecipadamente para mentir neste momento como se estivesse com epilepsia, "e você se mata lá como quiser, minha cabana está no limite." Mas se assim for, então, uma vez que, mais uma vez, este epiléptico deveria causar uma comoção na casa, prevendo isto, Dmitry Karamazov certamente não poderia ter concordado com tal acordo. Mas eu me rendo, deixe-o concordar; Bem, afinal, ainda assim aconteceria que Dmitry Karamazov é um assassino, um assassino direto e instigador, e Smerdyakov é apenas um participante passivo, e nem mesmo um participante, mas apenas um cúmplice por medo e contra sua vontade, porque isso certamente seria um julgamento que poderia discernir, e agora, o que vemos? O réu acaba de ser preso quando imediatamente culpa Smerdyakov por tudo e o acusa sozinho. Ele não se acusa de ser cúmplice, mas só ele: só ele, dizem, ele fez, matou e roubou, foi obra dele! Bem, que tipo de cúmplices são esses que imediatamente começam a conversar - mas isso nunca acontece. E note-se o risco que representa para Karamazov: ele é o principal assassino, e não é o principal, era apenas um cúmplice e estava atrás da divisória, e agora atribui a culpa ao homem que está deitado. Então, quem estava deitado poderia ficar com raiva, e só por autopreservação, anunciar rapidamente a verdadeira verdade: os dois participaram, mas eu não matei, apenas permiti e permiti, por medo. Afinal, ele, Smerdyakov, poderia entender que o tribunal discerniria imediatamente o grau de sua culpa e, portanto, poderia calcular que se fosse punido, seria incomparavelmente menor do que o do principal assassino, que queria culpá-lo por tudo. . Mas então, portanto, ele inevitavelmente faria uma confissão. No entanto, não vimos isso. Smerdyakov nem sequer insinuou cumplicidade, apesar de o assassino o acusar veementemente e apontá-lo o tempo todo como o único assassino. Além disso, Smerdyakov revelou à investigação que ele próprio contou ao réu sobre o saco de dinheiro e os sinais, e que sem ele não saberia de nada. Se ele fosse realmente cúmplice e culpado, teria relatado isso tão facilmente à investigação, ou seja, que ele próprio havia contado tudo ao réu? Pelo contrário, ele se fecharia e certamente distorceria os fatos e os reduziria. Mas ele não distorceu ou reduziu isso. Só uma pessoa inocente pode fazer isso, sem medo de ser acusada de cúmplice. E então ele, num ataque de dolorosa melancolia por causa da epilepsia e de toda essa catástrofe que eclodiu, enforcou-se ontem. Depois de se enforcar, deixou um bilhete escrito em estilo peculiar: “Destruo-me por vontade e desejo, para não culpar ninguém”. Bem, o que ele deveria acrescentar na nota; Eu sou o assassino, não Karamazov. Mas não acrescentou isto: havia consciência suficiente para uma coisa, mas não para outra?

I. Projetos para salvar Mitya

No quinto dia após o julgamento de Mitya, bem cedo, ainda às nove horas, Alyosha foi até Katerina Ivanovna para finalmente chegar a um acordo sobre algum assunto importante para ambos e, além disso, ter uma tarefa para ela . Ela sentou-se e conversou com ele na mesma sala em que certa vez recebera Grúchenka; Perto dali, em outra sala, Ivan Fedorovich jazia febril e inconsciente. Katerina Ivanovna, imediatamente após aquela cena no tribunal, ordenou que o doente e inconsciente Ivan Fedorovich fosse transferido para sua casa, negligenciando todas as futuras e inevitáveis ​​conversas sobre a sociedade e sua condenação. Um de seus dois parentes que moravam com ela partiu imediatamente após a cena no tribunal para Moscou, o outro permaneceu. Mas se ambos tivessem ido embora, Katerina Ivanovna não teria mudado de decisão e teria ficado para cuidar do paciente e sentar-se sobre ele dia e noite. Varvinsky e Herzenstube trataram dele; o médico moscovita voltou a Moscou, recusando-se a prever sua opinião sobre o possível desfecho da doença. Embora os médicos restantes encorajassem Katerina Ivanovna e Alyosha, estava claro que ainda não podiam dar esperanças firmes. Alyosha visitava seu irmão doente duas vezes por dia. Mas desta vez ele tinha um assunto especial e problemático, e pressentia como seria difícil para ele falar sobre isso, mas estava com pressa: naquela mesma manhã, ele tinha outro assunto urgente em outro lugar, e ele teve que se apressar. Eles já estavam conversando há um quarto de hora. Katerina Ivanovna estava pálida, muito cansada e ao mesmo tempo extremamente dolorosa: ela teve um pressentimento de por que, aliás, Alyosha tinha vindo até ela agora.

“Não se preocupe com a decisão dele”, disse ela com firme insistência a Aliocha. - De uma forma ou de outra, ele ainda chegará a esta saída: tem que correr! Este infeliz, este herói de honra e consciência - não aquele, não Dmitry Fedorovich, mas aquele que está atrás desta porta e que se sacrificou por seu irmão (Katya acrescentou com olhos brilhantes) - ele me contou todo esse plano de fuga e há muito tempo. Você sabe, ele já iniciou um relacionamento... Eu já te contei uma coisa... Veja, isso provavelmente acontecerá na terceira etapa daqui, quando um grupo de exilados for levado para a Sibéria. Ah, isso ainda está muito longe. Ivan Fedorovich já passou à frente da terceira etapa. Não se sabe quem será o líder do partido e é impossível saber com antecedência. Amanhã, talvez, eu lhe mostre detalhadamente todo o plano que Ivan Fedorovich me deixou na véspera do julgamento, caso algo acontecesse... Foi nessa mesma hora, lembre-se, naquela noite você nos pegou em um briga: ele ainda estava descendo a escada, e quando te vi, fiz ele voltar - lembra? Você sabe por que brigamos então?

“Não, não sei”, disse Aliocha.

- Claro, ele escondeu de você então: foi justamente por causa desse plano de fuga. Três dias antes, ele me revelou todas as coisas principais - foi quando começamos a brigar e já brigamos há três dias desde então. Por isso brigamos, porque quando ele me disse que se fosse condenado, Dmitry Fedorovich fugiria para o exterior com aquela criatura, de repente fiquei com raiva, não vou te contar por que, não sei por que... Ah, claro que eu sou a favor da criatura , então ela ficou com raiva dessa criatura, e precisamente porque ela também, junto com Dmitry, estava fugindo para o exterior! - Katerina Ivanovna exclamou de repente com os lábios tremendo de raiva. “Assim que Ivan Fedorovich viu que eu estava com tanta raiva por essa criatura, ele imediatamente pensou que eu estava com ciúmes de Dmitry por ela e que, portanto, ainda continuava a amar Dmitry. Foi então que começou a primeira briga. Não queria dar explicações, não podia pedir perdão; Foi difícil para mim que tal pessoa pudesse suspeitar de meu antigo amor por isso... E foi então que eu mesmo, muito antes, disse diretamente a ele que não amava Dmitry, mas apenas o amava sozinho! Eu simplesmente fiquei com raiva dessa criatura e fiquei com raiva dele! Três dias depois, naquela noite, quando você chegou, ele me trouxe um envelope lacrado para que eu o abrisse imediatamente caso algo acontecesse com ele. Oh, ele previu sua doença! Ele me revelou que o envelope continha detalhes sobre a fuga e que, se ele morresse ou ficasse gravemente doente, seria eu quem salvaria Mitya. Deixou-me imediatamente dinheiro, quase dez mil - são os mesmos que o procurador, ao saber por alguém que os tinha enviado para troco, mencionou no seu discurso. De repente, fiquei terrivelmente impressionado com o fato de Ivan Fedorovich, ainda com ciúmes de mim e ainda convencido de que amo Mitya, não abandonar a ideia de salvar seu irmão e confiar em mim, eu mesmo, nesta tarefa de salvação! Ah, foi um sacrifício! Não, você não entenderá esse auto-sacrifício em sua totalidade, Alexey Fedorovich! Tive vontade de cair aos seus pés, maravilhado, mas quando de repente pensei que ele consideraria apenas uma alegria que Mitya estivesse sendo salvo (e ele certamente teria pensado isso!), fiquei tão irritado com a mera possibilidade de tal pensamento injusto da parte dele, que ela se irritou novamente e, em vez de beijar seus pés, fez cena para ele novamente! Ah, estou infeliz! Este é o meu personagem – um personagem terrível e infeliz! Ah, você vai ver: eu vou fazer, vou levar a tal ponto que ele vai me deixar por outro, com quem a vida é mais fácil, como o Dmitry, mas aí... não, aí não vou conseguir aguenta, eu vou me matar! E quando você entrou, e quando eu liguei para você e disse a ele para voltar, quando ele entrou com você, fiquei tão dominado pela raiva pelo olhar de ódio e desprezo com que ele de repente me olhou que - lembre-se - eu de repente você gritou que era ele, só ele me garantiu que seu irmão Dmitry é um assassino! Caluniei de propósito para machucá-lo novamente, ele nunca, nunca me garantiu que meu irmão era um assassino, pelo contrário, eu lhe garanti isso, eu mesmo lhe assegurei! Ah, tudo, tudo é causado pela minha raiva! Fui eu quem preparou essa maldita cena no tribunal! Ele queria me provar que é nobre e que, embora eu ame seu irmão, ele ainda não o destruirá por vingança e ciúme. Então ele saiu na Justiça... Eu sou o causador de tudo, o único culpado sou eu!

Kátia nunca fizera tal confissão a Aliocha, e ele sentia que ela estava agora precisamente naquele grau de sofrimento insuportável em que o coração mais orgulhoso esmaga dolorosamente o seu orgulho e cai dominado pela dor. Ah, Aliocha conhecia outro motivo terrível para seu tormento atual, por mais que ela o escondesse dele todos esses dias após a condenação de Mitya; mas por alguma razão teria sido muito doloroso para ele se ela tivesse decidido se prostrar tanto que ela mesma teria falado com ele, agora, agora, e sobre este motivo: Ela sofreu por sua “traição” no julgamento, e Aliócha teve o pressentimento de que sua consciência a impelia a obedecer, justamente diante dele, diante de Aliócha, com lágrimas, com gritos, com histeria, com pancadas no chão. Mas ele tinha medo desse momento e queria poupar a mulher sofredora. Quanto mais difícil se tornou a tarefa que ele veio. Ele começou a falar sobre Mitya novamente.

- Nada, nada, não tenha medo por ele! - Katya começou de novo teimosa e bruscamente; - ele tem tudo isso por um minuto, eu o conheço, conheço demais esse coração. Tenha certeza de que ele concordará em concorrer. E o principal não é agora; Ainda haverá tempo para ele decidir. Ivan Fedorovich já estará recuperado e cuidará de tudo sozinho, então não terei que fazer nada. Não se preocupe, ele concordará em fugir. Sim, ele já concorda: como pode abandonar a sua criatura? Mas eles não vão deixá-la fazer trabalhos forçados, então como ele pode não fugir? “Ele, o mais importante, tem medo de você, tem medo de que você não aprove a fuga do ponto de vista moral, mas você deve permitir generosamente que ele faça isso, se sua sanção for tão necessária aqui”, Katya acrescentou com veneno . Ela fez uma pausa e sorriu:

“Ele está falando aí”, ela recomeçou, “sobre alguns hinos, sobre a cruz que ele deve carregar, sobre algum tipo de dever, lembro que Ivan Fedorovich me contou isso então, e se você soubesse como ele falava! - Katya exclamou de repente com um sentimento incontrolável, - se você soubesse o quanto ele amou esse infeliz naquele momento em que me contou sobre ele, e como ele o odiou talvez naquele exato momento! E eu, ah! Então ouvi sua história e suas lágrimas com um sorriso orgulhoso! Ah, criatura! Sou eu, a criatura! Fui eu quem lhe deu febre! E ele, o condenado, está pronto para sofrer”, Katya terminou irritada, “e essa pessoa realmente deveria sofrer?” Pessoas como ele nunca sofrem!

Algum sentimento de ódio e desprezo nojento soou nessas palavras. E ainda assim ela o traiu. “Bem, talvez porque ela se sinta tão culpada diante dele e o odeie por minutos”, pensou Alyosha consigo mesmo. Ele queria que fossem apenas “minutos”. Ele ouviu um desafio nas últimas palavras de Katya, mas não o levantou.

"É por isso que liguei para você hoje, para que você me prometa convencê-lo você mesmo." Ou você também acha que concorrer seria desonesto, não valente, ou o que quer que seja... não seria cristão ou o quê? - Katya acrescentou com um desafio ainda maior.

- Não, nada. Vou contar tudo a ele...” murmurou Aliócha. “Ele está chamando você para a casa dele hoje”, ele deixou escapar de repente, olhando firmemente nos olhos dela. Ela estremeceu e se afastou ligeiramente dele no sofá.

- Eu... isso é possível? - ela gaguejou, ficando pálida.

- Isso é possível e deve! - Alyosha começou persistentemente e animou-se. - Ele realmente precisa de você, agora. Eu não começaria a falar sobre isso e te atormentaria prematuramente se não fosse necessário. Ele está doente, ele é louco, ele fica perguntando para você. Ele não pede que você o tolere, mas apenas deixa você vir e se mostrar na porta. Muita coisa aconteceu com ele desde aquele dia. Ele entende o quão incalculavelmente ele é culpado por você. Ele não quer o seu perdão: “Não posso ser perdoado”, ele mesmo diz, mas apenas para que você apareça na porta...

“Você de repente…” Katya gaguejou, “Eu tive um pressentimento todos esses dias de que você viria com isso... Eu sabia que ele iria me ligar!... Isso é impossível!”

- Pode ser impossível, mas faça. Lembre-se, pela primeira vez ele ficou surpreso com a forma como insultou você, pela primeira vez na vida, ele nunca havia compreendido isso de forma tão completa! Ele diz: se ela se recusar a vir, então “serei infeliz pelo resto da minha vida”. Você ouviu: um condenado por vinte anos ainda será feliz - isso não é patético? Pense: você vai visitar um morto inocente”, disse Aliócha desafiadoramente, “suas mãos estão limpas, não há sangue nelas!” Pelo bem de seus incontáveis ​​sofrimentos futuros, visite-o agora! Venha, leve-nos para a escuridão... fique na soleira e só... Afinal, você deve, deve fazer isso! - concluiu Alyosha, enfatizando a palavra “deve” com uma força incrível.

"Eu deveria, mas... não posso", Katya parecia gemer, "ele vai olhar para mim... não posso."

-Seus olhos devem se encontrar. Como você viverá toda a sua vida se não se decidir agora?

“É melhor sofrer pelo resto da vida.”

“Você deve vir, você deve vir”, enfatizou Alyosha novamente inexoravelmente.

- Mas por que hoje, por que agora?.. não posso abandonar o paciente...

- Pode por um minuto, é só um minuto. Se você não vier, ele ficará doente e com febre ao anoitecer. Não vou mentir, tenha piedade!

“Tenha piedade de mim”, Katya repreendeu amargamente e começou a chorar.

- Então você virá! - disse Alyosha com firmeza, vendo suas lágrimas. "Vou dizer a ele que você virá imediatamente."

- Não, não diga nada! - Katya gritou de medo. - Eu irei, mas você não avisa antes, porque eu irei, mas talvez não entre... ainda não sei...

A voz dela parou. Ela estava respirando pesadamente. Alyosha levantou-se para sair.

- E se eu conhecer alguém? - ela disse baixinho de repente, ficando pálida novamente.

“É por isso que é necessário agora que você não encontre ninguém lá.” Não haverá ninguém, estou certo. “Vamos esperar”, concluiu insistentemente e saiu da sala.

II. Por um momento a mentira se tornou verdade

Ele correu para o hospital, onde Mitya estava deitado. No segundo dia após a decisão do tribunal, ele adoeceu com febre nervosa e foi encaminhado ao hospital da nossa cidade, para a unidade penitenciária. Mas o doutor Varvinsky, a pedido de Alyosha e de muitos outros (Khokhlakova, Liza, etc.), colocou Mitya não com os prisioneiros, mas separadamente, no mesmo armário em que Smerdyakov havia estado anteriormente. É verdade que havia uma sentinela no final do corredor, e a janela era de treliça, e Varvinsky podia ficar tranquilo quanto à sua indulgência, o que não era inteiramente legal, mas ele era um jovem gentil e compassivo. Ele entendeu como era difícil para alguém como Mitya entrar repentinamente na comunidade de assassinos e vigaristas e que primeiro precisava se acostumar com isso. As visitas a parentes e amigos eram permitidas pelo médico e pelo zelador e até pelo policial, tudo estava à mão. Mas atualmente apenas Alyosha e Grushenka visitavam Mitya. Rakitin já estava ansioso para vê-lo duas vezes; mas Mitya pediu persistentemente a Varvinsky que não o deixasse entrar.

Aliócha encontrou-o sentado na cama, com roupa de hospital, um pouco quente, com a cabeça enrolada numa toalha umedecida em água e vinagre. Ele olhou para Alyosha quando ele entrou com um olhar vago, mas uma espécie de medo ainda brilhava em seu olhar.

Em geral, desde o julgamento, ele ficou terrivelmente pensativo. Às vezes ele ficava em silêncio por meia hora, como se estivesse pensando em algo doloroso e doloroso, esquecendo quem estava presente. Se ele saísse de seus pensamentos e começasse a falar, ele sempre falava de repente e certamente não sobre o que realmente precisava dizer. Às vezes ele olhava para o irmão com sofrimento. Parecia ser mais fácil para ele com Grushenka do que com Alyosha. É verdade que ele quase não falava com ela, mas assim que ela entrou todo o seu rosto se iluminou de alegria. Alyosha sentou-se silenciosamente ao lado dele na cama. Desta vez esperou ansiosamente por Aliócha, mas não se atreveu a perguntar nada. Ele considerava impensável o consentimento de Katya e, ao mesmo tempo, sentia que, se ela não viesse, algo completamente impossível aconteceria. Alyosha entendeu seus sentimentos.

“Tryfon”, disse Mitya agitado, “Borisych, dizem, arruinou toda a sua pousada: ele está levantando as tábuas do piso, arrancando as tábuas, despedaçou toda a galeria, dizem, ele está procurando um tesouro, esse mesmo dinheiro , mil e quinhentos, sobre os quais o promotor disse que eu os escondi lá. Assim que ele chegou, dizem, foi imediatamente para o refeitório. Serve bem ao golpista! O vigia aqui me contou ontem; ele é de lá.

“Escute”, disse Alyosha, “ela virá, mas não sei quando, talvez hoje, talvez um dia desses, não sei, mas ela virá, ela virá, é provavelmente”.

Mitya estremeceu e quis dizer alguma coisa, mas permaneceu em silêncio. A notícia teve um efeito terrível sobre ele. Estava claro que ele gostaria muito de saber os detalhes da conversa, mas agora estava novamente com medo de perguntar: algo cruel e desdenhoso de Katya seria como uma facada nele naquele momento.

“A propósito, foi isso que ela disse: para que eu certamente acalme sua consciência sobre a fuga.” Se Ivan não se recuperar até lá, ela mesma cuidará disso.

“Você já me contou sobre isso”, observou Mitya pensativamente.

“Você já contou isso a Grusha”, observou Alyosha.

“Sim”, admitiu Mitya. “Ela não virá esta manhã”, ele olhou timidamente para o irmão. - Ela virá apenas à noite. Assim que ontem contei a ela que Katya estava operando, ela permaneceu em silêncio; e seus lábios se curvaram. Ela apenas sussurrou: “Deixe-a ir!” Eu percebi o que era importante. Não ousei torturá-lo ainda mais. Ela entende, parece que agora ela não ama a mim, mas ao Ivan?

- É assim mesmo? - Alyosha explodiu.

- Talvez não. Mas agora ela não virá de manhã”, Mitya apressou-se em apontar novamente: “Eu dei a ela uma tarefa... Ouça, o irmão Ivan superará todos. Ele tem que viver, não nós. Ele vai se recuperar.

“Imagine, embora Katya trema por ele, ela quase não tem dúvidas de que ele se recuperará”, disse Alyosha.

- Então estou convencido de que ele vai morrer. É ela quem tem medo de se recuperar.

- Irmão de constituição forte. “E também espero realmente que ele se recupere”, observou Alyosha ansiosamente.

- Sim, ele vai se recuperar. Mas ela tem certeza de que ele morrerá. Ela tem muita dor...

Houve silêncio. Mitya estava atormentado por algo muito importante.

“Alyosha, eu amo Grusha terrivelmente”, disse ele de repente com a voz trêmula e cheia de lágrimas.

“Eles não vão deixá-la entrar com você”, Alyosha atendeu imediatamente.

“E aqui está o que mais eu queria dizer a você”, continuou Mitya com uma voz que soou de repente, “se eles começarem a bater na estrada, ou algo assim, então não vou desistir, vou matar, e eles vão atire em mim. E isso é vinte anos! É aqui que você começa a falar. Os vigias me dizem. Fiquei ali a noite toda hoje me julgando: não estou pronto! Incapaz de aceitar! Queria cantar o “hino”, mas não aguento as cutucadas do vigia! Eu aguentaria tudo pela Grusha, tudo... menos a surra... Mas eles não deixam ela entrar.

Alyosha sorriu calmamente.

“Ouça, irmão, de uma vez por todas”, disse ele, “aqui estão meus pensamentos sobre este assunto”. E você sabe que não vou mentir para você. Ouça: você não está pronto e esse tipo de cruz não é para você. Além disso, você, que não está pronto, não precisa de uma cruz de mártir tão grande. Se você matasse seu pai, eu lamentaria que você rejeitasse sua cruz. Mas você é inocente e tal cruz é demais para você. Você queria reviver outra pessoa dentro de você através da tortura; Na minha opinião, lembre-se sempre, ao longo da sua vida e onde quer que você corra, dessa outra pessoa - e isso é o suficiente para você. O fato de você não ter aceitado a grande dor da cruz servirá apenas para que você sinta uma dívida ainda maior dentro de si mesmo, e com esse sentimento contínuo de agora em diante, ao longo de sua vida, você ajudará no seu renascimento, talvez mais do que se você tivesse ido lá. Porque aí você não vai aguentar e vai reclamar e talvez até finalmente dizer: “Estou quitado”. O advogado disse a verdade neste caso. Nem todos os fardos são pesados, para outros são impossíveis... Aqui estão os meus pensamentos, se você tanto precisa deles. Se outros fossem responsáveis ​​pela sua fuga: oficiais, soldados, então eu “não permitiria” que você escapasse”, Alyosha sorriu. “Mas eles dizem e garantem (o próprio prisioneiro disse a Ivan) que, dada a habilidade, pode não haver uma pena grande e que você não pode sair impune. Claro, subornar é desonesto mesmo neste caso, mas aqui nunca me comprometerei a julgar nada, porque, de fato, se eu, por exemplo, Ivan e Katya, fomos encarregados de operar para você neste assunto, então eu sei disso, Eu iria e subornaria; Devo lhe contar toda a verdade. Portanto, não sou seu juiz sobre como você age. Mas saiba que também nunca irei julgar você. E é estranho como eu poderia ser seu juiz neste assunto? Bem, agora acho que cobri tudo.

- Mas então vou me condenar! - exclamou Mitya. “Vou fugir, foi decidido sem você: como pode Mitka Karamazov não fugir?” Mas então me condenarei e aí expiarei o pecado para sempre! É o que dizem os jesuítas, não é? É assim que estamos agora, hein?

“Por ali,” Alyosha sorriu baixinho.

“Eu te amo porque você sempre diz toda a verdade e não esconde nada!” - exclamou Mitya, rindo alegremente: - Então peguei meu Alyoshka como jesuíta! Eu deveria beijar todos vocês por isso, é isso! Bem, agora ouça o resto, vou lhe contar o resto da minha alma. Foi isso que pensei e decidi: se eu fugir, mesmo com dinheiro e passaporte, e até para a América, ainda me sinto encorajado pelo pensamento de que não vou fugir de alegria, não de felicidade, mas de verdade para outro trabalho duro, talvez não pior que este! Não é pior, Alexei, na verdade eu digo, não é pior! Droga, eu já odeio esta América. Deixe Grusha ficar comigo, mas olhe para ela: ela é americana? Ela é russa, toda russa até os ossos, ela terá saudades da terra natal de sua mãe, e a cada hora verei que é ela quem anseia por mim, por mim ela pegou essa cruz, e como ela é culpada? Mas será que posso realmente suportar esses bastardos, mesmo que cada um deles seja melhor do que eu? Eu odeio esta América agora! E mesmo que cada um deles fosse motorista incrível, ou algo assim - para o inferno com eles, eles não são meu povo, nem minha alma! Amo a Rússia, Alexei, amo o Deus russo, embora eu próprio seja um canalha! Eu vou morrer lá! - ele exclamou, seus olhos brilhando de repente. Sua voz tremia de lágrimas.

- Bem, foi assim que decidi, Alexey, ouça! - recomeçou, suprimindo a excitação, - Grusha e eu iremos lá - e lá imediatamente araremos, trabalharemos, com ursos selvagens, na solidão, em algum lugar distante. Afinal, haverá algum lugar mais longe! Lá, dizem, ainda há peles vermelhas, em algum lugar no limite de seu horizonte, bem, até aquele limite, até os últimos moicanos. Bem, imediatamente para a gramática, eu e Grusha. Trabalho e gramática, e assim por diante, durante três anos. Nestes três anos aprenderemos a língua inglesa como a maioria dos ingleses. E assim que aprendermos, será o fim da América! Estamos fugindo para cá, para a Rússia, como cidadãos americanos. Não se preocupe, não viremos aqui para a pequena cidade. Vamos nos esconder em algum lugar mais distante, ao norte ou ao sul. Nessa hora eu já terei mudado, ela também, lá na América, o médico vai fingir alguma verruga para mim, não é à toa que eles são mecânicos. Mas não, vou furar um dos meus olhos, deixar minha barba crescer um metro, grisalha (na Rússia ficarei grisalha) - talvez eles não me reconheçam. Mas se descobrirem, deixe-os exilar, não importa, significa que não é o destino! Aqui também estaremos arando a terra em algum lugar no deserto, e fingirei ser americano durante toda a minha vida. Mas morreremos em nossa terra natal. Este é o meu plano e é imutável. Você aprova?

“Eu aprovo”, disse Alyosha, não querendo contradizê-lo. Mitya ficou em silêncio por um minuto e disse de repente:

- Como eles falharam no tribunal? Afinal, como eles nos decepcionaram!

“Mesmo que eles não tivessem decepcionado você, você ainda teria sido condenado”, disse Alyosha com um suspiro.

- Sim, o público local está cansado disso! Deus esteja com eles, mas é difícil! - Mitya gemeu de sofrimento. Eles ficaram em silêncio novamente por um minuto.

- Alyosha, mate-me agora! - exclamou de repente: - ela virá agora ou não, fale! O que você disse? O que você disse?

“Ela disse que viria, mas não sei se será hoje.” É difícil para ela! - Alyosha olhou timidamente para o irmão.

- Bem, claro que não, não seria difícil! Alyosha, estou ficando louco com isso. Pear continua olhando para mim. Entende. Deus, Senhor, humilha-me: o que exijo? Eu exijo Katya! Eu entendo o que exijo? Karamazovsky incontrolável, perverso! Não, não sou capaz de sofrer! Canalha e tudo está dito!

- Aqui está ela! - exclamou Aliócha.

Naquele momento, Katya apareceu de repente na soleira. Ela parou por um momento, olhando ao redor de Mitya com uma espécie de olhar perdido. Ele rapidamente se levantou, seu rosto expressava medo, ele empalideceu, mas imediatamente um sorriso tímido e suplicante brilhou em seus lábios, e de repente, irresistivelmente, estendeu as duas mãos para Katya. Vendo isso, ela rapidamente correu em direção a ele. Ela agarrou-o pelas mãos e quase o sentou à força na cama, sentou-se ao lado dele e, ainda sem largar as mãos dele, apertou-as com força, convulsivamente. Várias vezes os dois tentaram dizer alguma coisa, mas pararam e novamente silenciosamente, atentamente, como se estivessem acorrentados, com um sorriso estranho se entreolharam. Então dois minutos se passaram.

- Você me perdoou ou não? - Mitya finalmente gaguejou, e no mesmo momento, virando-se para Alyosha, com o rosto distorcido de alegria, gritou para ele:

- Você ouve o que estou perguntando, ouviu!

“É por isso que eu te amei, porque você é generoso de coração!” - Katya explodiu de repente. “E você não precisa do meu perdão, mas eu preciso do seu; não importa se você perdoa ou não, você continuará sendo uma ferida na minha alma pelo resto da sua vida, e eu na sua - é assim que deve ser... - ela parou para recuperar o fôlego.

- Por que eu vim? - ela começou de novo freneticamente e apressadamente, - abraçar suas pernas, apertar suas mãos, assim até doer, lembre-se de como ela te apertou em Moscou, - para te dizer de novo que você é meu Deus, minha alegria, para te dizer que eu te amo loucamente - ela parecia gemer de agonia e de repente pressionou avidamente os lábios na mão dele. Lágrimas escorreram de seus olhos.

Alyosha ficou sem palavras e envergonhado; ele nunca esperou o que viu.

- O amor passou, Mitya! - começou Katya de novo, - mas o que passou é dolorosamente caro para mim. Descubra isso para sempre. Mas agora, por um minuto, deixe ser o que poderia ter sido”, ela balbuciou com um sorriso torto, novamente olhando alegremente nos olhos dele. “E agora você ama outro, e eu amo outro, mas ainda assim amarei para sempre você, e você a mim.” você sabia disso? Você ouve, me ame, me ame por toda a sua vida! - ela exclamou com um tremor quase ameaçador na voz.

“Eu vou amar e... você sabe, Katya”, Mitya também falou, respirando fundo a cada palavra, “você sabe, eu te amei, cinco dias atrás, naquela noite... Quando você caiu e eles te carregaram. .. Toda a sua vida!” Assim será, assim será para sempre...

Então, os dois balbuciavam discursos quase sem sentido e frenéticos um para o outro, talvez até mentirosos, mas naquele momento tudo era verdade, e eles próprios acreditavam em si mesmos de todo o coração.

“Katya”, exclamou Mitya de repente, “você acredita que eu matei? Eu sei que você não acredita agora, mas então... quando eu te mostrei... Realmente, realmente, eu acreditei mesmo!

“E então eu não acreditei.” Eu nunca acreditei! Eu te odiei e de repente me convenci, só naquele momento... Quando te mostrei... te convenci e acreditei... e quando terminei de te mostrar, imediatamente deixei de acreditar novamente. Saiba tudo isso. Esqueci que vim me executar! - disse ela com uma expressão repentinamente completamente nova, completamente diferente do recente, agora balbucio amoroso.

- É difícil para você, mulher! - Mitya explodiu de repente de forma completamente incontrolável.

“Deixe-me ir,” ela sussurrou. - Eu voltarei, agora está difícil!..

Ela se levantou da cadeira, mas de repente gritou alto e cambaleou para trás. Grushenka entrou de repente na sala, embora muito silenciosamente. Ninguém esperava por ela. Katya rapidamente deu um passo em direção à porta, mas quando alcançou Grushenka, ela parou de repente, ficou toda branca como giz e silenciosamente, quase em um sussurro, gemeu para ela:

- Me perdoe!

Ela olhou para ela à queima-roupa e, depois de esperar um momento, respondeu com voz venenosa, envenenada de raiva:

- Estamos com raiva, mãe, de você! Ambos estão com raiva! Onde podemos perdoar, você e eu? Salve-o e orarei por você por toda a minha vida.

- Mas você não quer perdoar! - Mitya gritou para Grushenka com uma reprovação insana.

- Fique calmo, vou salvá-lo para você! - Katya sussurrou rapidamente e saiu correndo da sala.

- E você não conseguiu perdoá-la, depois que ela mesma lhe disse: “me desculpe”? - Mitya exclamou amargamente novamente.

"Mitya, não se atreva a censurá-la, você não tem direito!" - Alyosha gritou calorosamente para o irmão.

“Seus lábios falavam com orgulho, não seu coração”, disse Grushenka com certo desgosto. - Eu vou te livrar - eu vou perdoar tudo...

Ela ficou em silêncio, como se estivesse esmagando algo em sua alma. Ela ainda não conseguia voltar a si. Ela entrou, como descobri mais tarde, completamente por acidente, sem suspeitar de nada e sem esperar encontrar o que conheceu.

- Alyosha, corra atrás dela! - Mitya rapidamente se virou para o irmão, “diga a ela... não sei o que... não deixe ela ir embora assim!”

- Irei até você antes do anoitecer! - Alyosha gritou e correu atrás de Katya. Ele a alcançou do lado de fora da cerca do hospital. Ela caminhou rápido, com pressa, mas assim que Alyosha a alcançou, ela rapidamente disse a ele:

- Não, não posso me punir antes disso! Eu disse a ela: “me perdoe” porque queria me punir completamente. Ela não perdoou... eu a amo por isso! - Katya acrescentou com a voz distorcida, e seus olhos brilharam de raiva selvagem.

“Meu irmão não esperava nada disso”, murmurou Alyosha, “ele tinha certeza de que ela não viria...

- Sem dúvida. Vamos deixar por isso mesmo”, ela retrucou. - Escute: não posso ir com você ao funeral agora. Mandei flores para o caixão deles. Parece que eles ainda têm dinheiro. Se for necessário, diga-me que no futuro nunca os abandonarei... Bom, agora me deixe, por favor, me deixe. Você já está atrasado aí, eles estão ligando para a missa tardia... Por favor, me deixe em paz!

III. Funeral de Ilyushechka. Discurso na Pedra

Ele realmente estava atrasado. Eles estavam esperando por ele e até decidiram levar o lindo caixão, decorado com flores, para a igreja sem ele. Era o caixão de Ilyushechka, o pobre menino. Ele morreu dois dias após o veredicto de Mitya. Alyosha foi saudado nos portões da casa pelos gritos dos meninos, os camaradas dos Ilyushins. Todos esperavam impacientemente por ele e estavam felizes por ele finalmente ter chegado. Eram cerca de doze reunidos, todos vieram com suas próprias mochilas e bolsas nos ombros. “Papai vai chorar, fique com o papai”, Ilyusha legou a eles enquanto morria, e os meninos se lembraram disso. Eles foram liderados por Kolya Krasotkin.

- Que bom que você veio, Karamazov! - exclamou ele, estendendo a mão para Aliocha. - É terrível aqui. Difícil de assistir. Snegirev não está bêbado, sabemos com certeza que ele não bebeu nada hoje, mas parecia bêbado... Sou sempre firme, mas isso é terrível. Karamazov, se eu não o deter, gostaria de fazer apenas mais uma pergunta antes de entrar?

- O que é isso, Kolya? - Aliócha fez uma pausa.

- Seu irmão é inocente ou culpado? Ele matou o pai ou matou o lacaio? Como você diz, assim será. Não dormi por quatro noites por causa dessa ideia.

“O lacaio foi morto, mas o irmão é inocente”, respondeu Alyosha.

- E eu digo o mesmo! - gritou o menino Smurov de repente.

- Então, ele morrerá vítima inocente pela verdade! - exclamou Kolya. - Embora ele tenha morrido, ele está feliz! Estou pronto para invejá-lo!

- O que você está fazendo, como isso é possível e por quê? - exclamou o surpreso Alyosha.

“Oh, se eu pudesse me sacrificar pela verdade”, disse Kolya com entusiasmo.

- Mas não no mesmo assunto, não com a mesma vergonha, não com o mesmo horror! - disse Aliócha.

“Claro... eu gostaria de morrer por toda a humanidade, mas quanto à vergonha, é tudo igual: que nossos nomes pereçam.” Eu respeito seu irmão!

- Eu também! - de repente e de forma totalmente inesperada, o mesmo menino que uma vez anunciou na multidão gritou que sabia quem fundou Tróia, e gritando da mesma forma que então, ficou vermelho até as orelhas como uma peônia.

Aliócha entrou na sala. Em um caixão azul decorado com babados brancos estava Ilyusha, com os braços cruzados e os olhos fechados. As feições de seu rosto emaciado quase não haviam mudado e, estranhamente, quase não havia cheiro do cadáver. A expressão em seu rosto era séria e, por assim dizer, pensativa. Particularmente belas eram as mãos cruzadas, como se esculpidas em mármore. Colocaram flores em suas mãos, e todo o caixão já estava decorado, por fora e por dentro, com flores enviadas por Liza Khokhlakova. Mas chegaram mais flores de Katerina Ivanovna e, quando Aliocha abriu a porta, o capitão do estado-maior, com um ramo de flores nas mãos trêmulas, espargiu-as novamente sobre seu querido filho. Ele mal olhou para Alyosha ao entrar e não queria olhar para ninguém, nem mesmo para sua esposa enlouquecida e chorosa, sua “mamãe”, que tentava se levantar com as pernas doloridas e olhar mais de perto para ela. menino morto. As crianças levantaram Ninochka com sua cadeira e a levaram até o caixão. Ela sentou-se com a cabeça pressionada contra ele e também devia estar chorando baixinho. O rosto de Snegirev parecia animado, mas confuso e ao mesmo tempo amargo. Havia algo de louco em seus gestos, nas palavras que ele soltava. “Pai, querido pai!” ele exclamava a cada minuto, olhando para Ilyusha. Ele tinha o hábito, mesmo quando Ilyusha estava vivo, de dizer-lhe afetuosamente: “Pai, querido pai!”

- Papai, me dê umas flores, tire essa branquinha da mão dele, e me dê! — a maluca “mamãe” perguntou soluçando. Ou ela gostou muito da pequena rosa branca que estava nas mãos de Ilyusha, ou do fato de querer tirar a flor das mãos dele como lembrança, mas continuou correndo, estendendo as mãos para pegar a flor.

- Não vou dar para ninguém, não vou dar nada! - Snegirev exclamou cruelmente. - As flores dele, não as suas. Tudo é dele, nada é seu!

- Pai, dê uma flor para a mamãe! “Ninochka de repente ergueu o rosto, molhado de lágrimas.

“Não vou dar nada e não vou dar nada a ela!” Ela não o amava. Ela então tirou o canhão dele e ele deu a ela”, o capitão do estado-maior de repente soluçou alto ao se lembrar de como Ilyusha então entregou seu canhão para sua mãe. A pobre louca começou a chorar silenciosamente, cobrindo o rosto com as mãos. Os meninos, finalmente vendo que o pai não largava o caixão, e enquanto era hora de carregá-lo, de repente cercaram o caixão em um grupo compacto e começaram a levantá-lo.

- Não quero enterrar você na cerca! - Snegirev gritou de repente: “Vou enterrar você com uma pedra, com a nossa pedra!” Então Ilyusha ordenou. Eu não vou deixar você carregá-lo!

Ele havia dito antes, há três dias, que iria enterrá-lo perto da pedra; mas Aliócha, Krasotkin, a senhoria, a irmã dela e todos os rapazes levantaram-se.

“Olha, o que você inventou, para enterrá-lo perto de uma pedra imunda, como se ele tivesse sido estrangulado”, disse a velha anfitriã com severidade. — Tem terra com cruz na cerca. Eles vão orar por ele lá. Ouve-se o canto da igreja, e o diácono lê tão clara e verbalmente que tudo chega até ele a cada vez, como se estivessem lendo sobre um túmulo...

O capitão do estado-maior finalmente acenou com as mãos: “Leve para onde quiser!” As crianças levantaram o caixão, mas ao passar por sua mãe, pararam na frente dela por um minuto e o baixaram para que ela pudesse se despedir de Ilyusha. Mas de repente, vendo de perto aquele rosto querido, que durante todos os três dias ela olhou apenas de uma certa distância, ela de repente começou a tremer e começou a balançar histericamente a cabeça grisalha para frente e para trás sobre o caixão.

“Mãe, batize-o, abençoe-o, beije-o”, gritou Ninochka para ela. Mas ela, como um autômato, continuou mexendo a cabeça e silenciosamente, com o rosto contorcido pela dor ardente, de repente começou a se bater no peito com o punho. O caixão foi levado adiante. Ninochka pressionou os lábios nos lábios de seu falecido irmão pela última vez enquanto eles passavam por ela. Alyosha, saindo de casa, dirigiu-se à senhoria com um pedido para cuidar dos que restavam, mas ela não o deixou terminar:

“Claro, estarei com eles, os cristãos e nós também.”

A velha chorou ao dizer isso. Não era longe para chegar à igreja, trezentos passos, não mais. O dia ficou claro e tranquilo; Estava congelando, mas não muito. Os sinos ainda tocavam. Snegirev correu atrás do caixão, agitado e confuso, com seu casaco velho, curto, quase de verão, com a cabeça descoberta e com um chapéu velho, de abas largas e macio nas mãos. Ele estava com uma espécie de preocupação insolúvel, então de repente estendeu a mão para apoiar a cabeça do caixão e apenas interferiu nos carregadores, então correu para o lado e procurou um lugar para se acomodar. Uma flor caiu na neve e ele correu para pegá-la, como se Deus soubesse o que dependia da perda dessa flor.

“Mas a crosta, eles esqueceram a crosta”, ele exclamou de repente com um medo terrível. Mas os meninos imediatamente o lembraram que ele já havia pegado um pedaço de pão antes e que estava no bolso. Ele imediatamente tirou-o do bolso e, tendo certeza, se acalmou.

“Ilyushechka ordenou, Ilyushechka”, ele explicou imediatamente a Alyosha, “ele estava deitado à noite, e eu estava sentado ao lado dele, e de repente ele ordenou: “Papai, quando eles encherem meu túmulo, esfarele um pedaço de pão nele para que os pardais voem, ouvirei que eles voaram, e será divertido para mim não estar deitado sozinho.”

“Isso é muito bom”, disse Alyosha, “eu deveria usá-lo com mais frequência”.

- Todos os dias, todos os dias! - balbuciou o capitão do estado-maior, parecendo todo animado.

Finalmente chegamos à igreja e colocamos o caixão no meio dela. Todos os meninos o cercaram e permaneceram decorosamente durante todo o culto. A igreja era antiga e bastante pobre, muitos ícones ficavam sem moldura, mas nessas igrejas você reza melhor. Durante a missa, Snegirev parecia ficar um tanto quieto, embora às vezes a mesma preocupação inconsciente e aparentemente confusa o dominasse: ou ele subia ao caixão para endireitar a tampa, a auréola, então quando uma vela caía do castiçal, ele de repente correu para inseri-lo novamente e passou muito tempo mexendo nele. Então ele se acalmou e ficou em posição de sentido na cabeceira da cama com um rosto opaco, preocupado e aparentemente perplexo. Depois do apóstolo, ele de repente sussurrou para Alyosha, que estava ao lado dele, que eles haviam lido o apóstolo incorretamente, mas ele não explicou seus pensamentos. Ele começou a cantar junto com os querubins, mas não terminou e, caindo de joelhos, encostou a testa no chão de pedra da igreja e ficou ali por um bom tempo. Finalmente iniciaram o funeral e distribuíram velas. O pai perturbado começou a se agitar novamente, mas o comovente e deslumbrante canto fúnebre despertou e abalou sua alma. De alguma forma, ele encolheu-se repentinamente e começou a soluçar com frequência, em breves rajadas, a princípio perdendo a voz e, no final, soluçando alto. Quando começaram a se despedir e a cobrir o caixão, ele o abraçou, como se não o deixasse cobrir Ilyusha, e começou a beijar frequentemente, avidamente, sem parar, seu menino morto na boca. Eles finalmente o persuadiram e estavam prestes a levá-lo escada abaixo, mas de repente ele rapidamente estendeu a mão e pegou várias flores do caixão. Ele olhou para eles e uma nova ideia pareceu surgir nele, de modo que ele pareceu esquecer o principal por um minuto. Aos poucos ele pareceu cair em devaneio e não resistiu mais quando o caixão foi levantado e levado ao túmulo. Ela não estava longe, na cerca, bem ao lado da igreja, querido; Katerina Ivanovna pagou por isso. Depois dos ritos habituais, os coveiros baixaram o caixão; Snegirev curvou-se tanto sobre a cova aberta com as flores nas mãos que os meninos, assustados, agarraram seu casaco e começaram a puxá-lo de volta. Mas era como se ele não entendesse mais bem o que estava acontecendo. Quando começaram a encher a sepultura, de repente ele começou a apontar ansiosamente para a terra caída e até começou a dizer alguma coisa, mas ninguém conseguiu entender nada, e ele mesmo de repente se acalmou. Aí lhe lembraram que precisava esfarelar a crosta, e ele ficou muito preocupado, agarrou a crosta e começou a beliscá-la, espalhando pedaços sobre a cova: “Aí vêm vocês, passarinhos, aí vêm vocês, pardais!” - ele murmurou preocupado. Um dos meninos percebeu que era estranho para ele colher flores com flores nas mãos e que deveria entregá-las para alguém segurar por um tempo. Mas ele não deu, até de repente ficou com medo de suas flores, como se quisessem tirá-las dele completamente, e, olhando para o túmulo e como se tivesse certeza de que tudo já estava feito, os pedaços tinham desmoronou, ele de repente, inesperadamente e com bastante calma se virou e vagou para casa. Porém, seus passos tornavam-se cada vez mais frequentes e apressados, ele estava com pressa, quase correndo. Os meninos e Alyosha não ficaram atrás dele.

- Mamãe das flores! “Para a mamãe das flores, você machucou a mamãe”, ele de repente começou a exclamar. Alguém gritou para ele colocar o chapéu, porque agora estava frio, mas quando ouviu, jogou o chapéu na neve como se estivesse com raiva e começou a dizer: “Não quero chapéu, não quero quero um chapéu!” O menino Smurov a pegou e carregou atrás dele. Todos os meninos choraram, e principalmente Kolya e o menino que descobriu Tróia, e embora Smurov, com o chapéu de capitão nas mãos, também chorasse muito, ele ainda conseguiu, quase enquanto corria, agarrar um pedaço de tijolo que estava avermelhando na neve do caminho, para jogá-lo em um bando de pardais que voa rapidamente. Claro que não acertei e continuei correndo chorando. No meio do caminho, Snegirev parou de repente, ficou meio minuto parado como se estivesse surpreso com alguma coisa e, de repente, voltando-se para a igreja, começou a correr em direção ao túmulo abandonado. Mas os meninos imediatamente o alcançaram e agarraram-se a ele por todos os lados. Então, como se estivesse indefeso, como se tivesse sido atingido, ele caiu na neve e, batendo, gritando e soluçando, começou a gritar: “Pai, Ilyushechka, querido pai!” Alyosha e Kolya começaram a levantá-lo, implorar e persuadi-lo.

- Capitão, vamos! “Um homem corajoso é obrigado a suportar”, murmurou Kolya.

“Você vai estragar as flores”, disse Alyosha, “e a “mamãe” está esperando por elas. Ela senta e chora porque você não deu flores de Ilyushechka para ela agora há pouco. A cama de Ilyushin ainda está lá...

- Sim, sim, para a mamãe! - Snegirev lembrou-se de repente de novo, - eles vão tirar a cama, vão tirar! - acrescentou ele como que com medo de que realmente o retirassem, deu um pulo e correu para casa novamente. Mas já estava perto e todos vieram correndo juntos. Snegirev abriu rapidamente a porta e gritou para sua esposa, com quem acabara de brigar tão cruelmente:

- Mamãe, querida, Ilyushechka mandou flores para você, suas pernas estão doloridas! - gritou ele, entregando-lhe um ramo de flores, congeladas e quebradas quando agora estava caindo na neve. Mas naquele exato momento ele viu na frente da cama de Ilyusha, no canto, as botas de Ilyusha, ambas lado a lado, recém arrumadas pela dona do apartamento - botas velhas, enferrujadas, enferrujadas, com remendos. Ao vê-los, ergueu as mãos e correu em direção a eles, caiu de joelhos, agarrou uma bota e, pressionando-a com os lábios, começou a beijá-la avidamente, gritando: “Pai, Ilyushechka, querido pai, onde estão seus pés?”

-Para onde você o levou? Onde você levou isso? - gritou a louca com voz lacrimejante. Neste momento Ninochka também começou a soluçar. Kolya saiu correndo da sala e os meninos começaram a segui-lo. Alyosha finalmente saiu atrás deles: “Deixe-os chorar demais”, disse ele a Kolya, “aqui, é claro, você não pode consolá-los. Vamos esperar um minuto e voltar.”

“Sim, você não pode, é terrível”, confirmou Kolya. “Sabe, Karamazov”, baixou de repente a voz para que ninguém ouvisse: estou muito triste e se fosse possível ressuscitá-lo, eu daria tudo no mundo!

“Ah, eu também”, disse Alyosha.

- O que você acha, Karamazov, deveríamos vir aqui esta noite? Afinal, ele vai ficar bêbado.

- Talvez ele fique bêbado. “Iremos só nós dois, e isso é o suficiente para ficarmos sentados com eles por uma hora, com nossa mãe e com Ninochka, e se viermos todos ao mesmo tempo, vamos lembrá-los de tudo novamente”, aconselhou Alyosha.

“A dona de casa está pondo a mesa lá agora; vai ter uma espécie de velório, o padre vai vir; Devemos voltar para lá agora, Karamazov, ou não?

- Definitivamente. - disse Aliócha.

“É tudo estranho, Karamazov, que tristeza e de repente algumas panquecas, como tudo isso é antinatural de acordo com a nossa religião!”

“Eles também terão salmão lá”, comentou de repente em voz alta o menino que descobriu Troy.

“Peço seriamente a você, Kartashov, que não interfira mais nas suas bobagens, principalmente quando não falam com você e nem querem saber se você existe no mundo!” - Kolya retrucou irritado em sua direção. O menino corou, mas não se atreveu a responder. Enquanto isso, todos vagavam silenciosamente pelo caminho e de repente Smurov exclamou:

- Aqui está a pedra de Ilyushin, sob a qual queriam enterrá-lo!

Todos pararam silenciosamente diante de uma grande pedra. Alyosha olhou, e havia uma imagem completa do que Snegirev estava contando sobre Ilyushechka, como ele, chorando e abraçando seu pai, exclamou: “Papai, papai, como ele humilhou você!” - Imediatamente me imaginei na memória dele. Algo pareceu tremer em sua alma. Com um olhar sério e importante, ele olhou em volta para todos aqueles rostos doces e brilhantes dos alunos, camaradas de Ilyusha, e de repente disse-lhes:

“Senhores, gostaria de lhes dizer uma palavra aqui, neste mesmo lugar.”

Os meninos o cercaram e imediatamente fixaram nele seus olhares atentos e expectantes.

- Senhores, nos separaremos em breve. Agora estou passando algum tempo com dois irmãos, um dos quais irá para o exílio e o outro está morrendo. Mas em breve deixarei esta cidade, talvez por muito tempo. Então vamos nos separar, senhores. Vamos concordar aqui, na pedra de Ilyushin, que nunca esqueceremos - em primeiro lugar, Ilyushechka e, em segundo lugar, um do outro. E não importa o que aconteça conosco mais tarde na vida, mesmo que não nos encontremos daqui a vinte anos, ainda nos lembraremos de como enterramos o pobre menino em quem já havíamos atirado pedras, lembra, ali perto da ponte? - e então todos o amaram muito. Ele era um bom menino, um menino gentil e corajoso, sentia a honra e o amargo ressentimento do pai, pelo qual se rebelou. Portanto, antes de mais nada, lembremo-nos dele, senhores, durante toda a nossa vida. E mesmo que estivéssemos ocupados com as coisas mais importantes, conquistamos honras ou caímos em algum grande infortúnio, ainda assim nunca esqueçamos o quanto foi bom para nós aqui, todos juntos, unidos por um sentimento tão bom e gentil que nos fez assim na época. do nosso amor pelo pobre rapaz pode ser melhor do que realmente somos. Meus queridos - deixem-me chamá-los assim - queridos, porque vocês são todos muito parecidos com eles, com esses lindos pássaros azuis, agora, neste momento, enquanto olho para seus rostos gentis e doces - meus queridos filhos, talvez vocês tenham vencido Não entendo o que lhe digo, porque muitas vezes falo de maneira muito incompreensível, mas você ainda se lembrará e um dia concordará com minhas palavras. Saiba que não há nada mais elevado e mais forte, mais saudável e mais útil para a vida no futuro, como uma boa lembrança, e principalmente aquela tirada da infância, da casa dos pais. Eles dizem muito sobre sua educação, mas alguma memória maravilhosa e sagrada preservada desde a infância pode ser a melhor educação. Se você levar muitas dessas memórias para sua vida, uma pessoa será salva para o resto da vida. E mesmo que apenas uma boa lembrança permaneça em nosso coração, então mesmo isso poderá um dia servir como nossa salvação. Talvez até nos tornemos maus mais tarde, não seremos capazes nem de resistir a uma má ação, riremos das lágrimas humanas e daquelas pessoas que dizem, como Kolya exclamou agora há pouco: “Quero sofrer por todas as pessoas”, e nisso podemos zombar das pessoas cruelmente. E, no entanto, não importa o quão zangados estejamos, Deus nos livre, mas quando nos lembramos de como enterramos Ilyusha, como o amamos em seus últimos dias e como conversamos tão amigavelmente e tão juntos nesta pedra, então o mesmo O mais cruel pessoa entre nós e a mais zombeteira, se ficarmos assim, ainda não ousará rir dentro de si de quão gentil e bom ele era neste momento! Além disso, talvez seja apenas essa memória que o protegerá de um grande mal, e ele cairá em si e dirá: “Sim, eu fui gentil então, ouse ser honesto”. Mesmo que sorria para si mesmo, não é nada, muitas vezes a pessoa ri do que é bom e do que é bom; isso é apenas por frivolidade; mas garanto-lhes, senhores, que assim que ele sorrir, dirá imediatamente em seu coração: “Não, fiz mal em sorrir, porque vocês não podem rir disso!”

- Com certeza será assim, Karamazov, eu entendo você, Karamazov! - Kolya exclamou, com os olhos brilhando. Os meninos ficaram entusiasmados e também quiseram exclamar alguma coisa, mas se conteram, olhando atentamente e com ternura para quem falava.

“Digo isso por medo de que nos tornemos maus”, continuou Aliocha, “mas por que deveríamos nos tornar maus, não é, senhores?” Sejamos, antes de mais nada, gentis, depois honestos, e então nunca nos esqueçamos uns dos outros. Repito isso novamente. Dou-lhes minha palavra, senhores, de que não esquecerei nenhum de vocês; Vou me lembrar de cada rosto que olhar para mim agora, mesmo que já se tenham passado trinta anos. Agora mesmo Kolya disse a Kartashov que supostamente não queremos saber “se ele existe ou não no mundo?” Como posso esquecer que Kartashov existe no mundo e que ele não cora agora como quando abriu Tróia, mas olha para mim com seus olhos gloriosos, gentis e alegres. Senhores, meus queridos senhores, seremos todos generosos e corajosos como Ilyushechka, inteligentes, corajosos e generosos como Kolya (mas que será muito mais inteligente quando crescer), e seremos tão tímidos, mas inteligentes e doces quanto Kartashov . Por que estou falando de ambos: todos vocês, senhores, são queridos para mim de agora em diante, colocarei todos vocês em meu coração e peço que me incluam em seu coração. Bem, quem nos uniu neste tipo de sentimento bom, que agora sempre, por toda a vida, lembraremos e pretendemos lembrar, quem mais senão Ilyushechka, um bom menino, um menino querido, um menino querido para nós para todo o sempre! Jamais o esqueçamos, sua eterna e boa lembrança estará em nossos corações, agora e para sempre!

“Tão, tão, eterno, eterno”, gritaram todos os meninos, com suas vozes retumbantes, com rostos ternos.

“Lembraremos seu rosto, e seu vestido, e suas pobres botas, e seu caixão, e seu infeliz pai pecador, e como ele corajosamente se levantou sozinho contra toda a classe por ele!”

- Vamos, vamos lembrar! - gritaram os meninos novamente, - ele foi corajoso, ele foi gentil!

- Ah, como eu o amava! - exclamou Kolya.

- Oh, filhos, oh queridos amigos, não tenham medo da vida! Como é boa a vida quando fazemos algo bom e verdadeiro!

“Sim, sim”, repetiram os meninos com entusiasmo.

- Karamazov, nós amamos você! - exclamou uma voz incontrolavelmente, parece Kartashov.

“Nós amamos você, nós amamos você”, todos ecoaram. Muitos tinham lágrimas nos olhos.

- Viva Karamazov! - Kolya declarou com entusiasmo.

- E memória eterna para o menino morto! - Alyosha acrescentou novamente com sentimento.

- Memória eterna! - os meninos atenderam novamente.

- Karamázov! - Kolya gritou, - a religião realmente diz que todos nós ressuscitaremos dos mortos e voltaremos à vida, e nos veremos novamente, e todos, e Ilyusha?

“Certamente nos levantaremos, certamente veremos e contaremos um ao outro com alegria e alegria tudo o que aconteceu”, respondeu Aliocha, meio rindo, meio encantado.

- Ah, que bom vai ser! - Kolya explodiu.

“Bem, agora vamos terminar de falar e ir para o velório dele.” Não tenha vergonha de comermos panquecas. Isso é antigo, eterno e há algo de bom aqui”, Alyosha riu. - Bem, vamos! Agora estamos andando de mãos dadas.

- E sempre assim, toda a minha vida de mãos dadas! Viva Karamazov! - Kolya gritou mais uma vez com entusiasmo, e mais uma vez todos os meninos retomaram sua exclamação.

1878-1880